



# A AZULEJARIA BARROCA NOS CONVENTOS DA ORDEM DO CARMO E DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL

*Suzana Andreia do Carmo Carrusca*

Tese apresentada à Universidade de Évora  
para obtenção do Grau de Doutor em História da Arte

ORIENTADOR : *Prof. Doutor José Alberto Gomes Machado*

ÉVORA, FEVEREIRO 2015



A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal



# A AZULEJARIA BARROCA NOS CONVENTOS DA ORDEM DO CARMO E DA ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS EM PORTUGAL

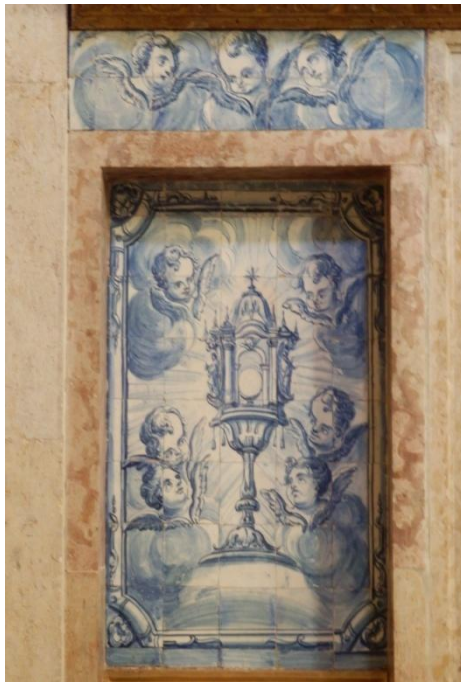
*Suzana Andreia do Carmo Carrusca*

Tese apresentada à Universidade de Évora  
para obtenção do Grau de Doutor em História da Arte

ORIENTADOR : *Prof. Doutor José Alberto Gomes Machado*

ÉVORA, FEVEREIRO 2015





# *Apêndice Textual*

Volume IV

## Índice do Apêndice Textual

-Regra de Santo Alberto.....	3
-Obras de Santa Teresa.... de Jesus:	
-O <i>Livro da Vida</i> .....	5
-Obras de São João da Cruz:	
- <i>Subida do Monte Carmelo</i> .....	231
- <i>Noite Escura</i> .....	443

## REGRA DE SANTO ALBERTO

“(1) Alberto, pela graça de Deus chamado a ser Patriarca da Igreja de Jerusalém, aos amados filhos em Cristo, B. e outros eremitas que, sob a sua obediência, vivem junto da Fonte, no Monte Carmelo, saudações no Senhor e a bênção do Espírito Santo.

(2) Muitas vezes e de muitos modos os Santos Padres estabeleceram como cada um – qualquer que seja o estado de vida a que pertença ou a forma de vida religiosa que tiver escolhido – deve viver em obséquio de Jesus Cristo e servi-Lo fielmente com coração puro e recta consciência.

(3) No entanto, como nos pedis uma fórmula de vida de acordo com o vosso projecto e à qual deveis permanecer fiéis no futuro:

(4) Estabelecemos, em primeiro lugar, que tendes um de vós como Prior, que há-de-ser eleito por consenso unânime de todos ou, pelo menos, da parte mais numerosa e madura. A ele prometerão obediência todos os demais e preocupar-se-ão em manter a promessa na prática, juntamente com a castidade e a renúncia à prosperidade.

(5) Podereis fixar os vossos locais de residência na solidão, ou onde vos forem doados, desde que sejam adequados e convenientes ao vosso modo de vida religiosa, conforme o que parecer mais oportuno ao Prior e aos irmãos.

(6) Além disso, tendo em conta a situação do lugar em que tendes decidido estabelecer-vos, cada um de vós tenha a sua própria cela separada, conforme lhe for indicado pelo Prior, com o consentimento dos outros irmãos ou da parte mais madura.

(7) Todavia, isto seja feito, de modo a possais comer num refeitório comum quanto vos seja distribuído, escutando juntos alguma leitura da Sagrada Escritura, onde se puder observar sem dificuldade.

(8) A nenhum irmão, seja lícito, a não ser com licença do Prior em exercício, mudar de cela, nem permutá-la com outro.

(9) A cela do Prior esteja junto da entrada do lugar onde habiteis, de modo que seja ele o primeiro a acolher aqueles que venham de fora; e depois tudo o que se deva fazer, faça-se segundo a sua vontade e decisão.

(10) Permaneça cada um na sua cela, ou perto dela, meditando dia e noite na lei do Senhor e vigiando em oração, a não ser que se deva dedicar a outros justificados afazeres.

(11) Os que aprenderam a recitar as horas canónicas com os clérigos, devem recitá-los conforme estabeleceram os Santos Padres e segundo os legítimos costumes da Igreja. Os que não aprenderam, digam vinte e cinco o Pai nosso durante a oração de Vigília, excepto

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

aos Domingos e dias de solenidade, para os quais ordenamos que – na oração de Vigília – se duplique o número mencionado, de modo que o Pai nosso se diga cinquenta vezes. A mesma oração deve recitar-se sete vezes na oração de Laudes e em cada uma das outras horas, à exceção das Vésperas, em que se deverá dizer quinze vezes.

(12) Nenhum dos irmãos diga que algo é seu, mas tudo tereis em comum entre vós, e a cada um será distribuído aquilo que necessite pela mão do Prior – ou seja, através do irmão por ele designado para essa função – tendo em conta a idade e as necessidades de cada um.

(13) Na medida em que as vossas necessidades o exigirem, podeis ter burros ou mulas, e alguns animais ou aves para alimentação.

(14) O oratório, conforme for mais fácil, construa-se no meio das celas e aí vos deveis reunir todos os dias pela manhã para participar na celebração eucarística o permitam.

(15) Aos Domingos, ou noutros dias quando necessário, reuni-vos para tratar da observância da vida comum e do bem espiritual das pessoas. Nesta ocasião corrijam-se com caridade as faltas e as culpas que sejam encontradas em algum dos irmãos.

(16) Desde a festa da Exaltação da Santa Cruz até ao Domingo da Ressurreição do Senhor jejuareis todos os dias, exceto aos Domingos, a não ser que uma doença, debilidade física ou outro justo motivo, aconselhem a dispensar o jejum, pois a necessidade não tem lei.

(17) Abster-vos-ei de comer carne, a não ser que se deve usar como remédio em caso de doença ou de debilidade física. E como, por causa das virgens, com frequência tendes de mendigar o sustento, para não serdes incómodos a quem vos hospeda, podeis, fora das vossas casas, comer alimentos preparados com carne. Também durante as viagens por mar podeis comer carne.

(18) Uma vez que a vida do homem na terra é um tempo de tentações e todos aqueles que querem levar uma vida em Cristo estão sujeitos à perseguição e, além disso, vosso adversário o diabo, anda à vossa volta como um leão que ruge, procurando a quem devorar, com toda a diligência procurai revestir-vos com a armadura de Deus, para poderdes resistir às insídias do inimigo.

(19) Cingi os rins com o cingulo da castidade; fortificai o vosso peito com pensamentos santos, pois está escrito: o pensamento santo te protegera. Revesti-vos da couraça da justiça, para poderdes amar o Senhor vosso Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças e o próximo como a vos mesmos. Empunhai sempre o escudo da fé, com o qual podereis repelir todas as setas incandescentes do inimigo, pois sem fé é impossível agradar a Deus. Colocai na cabeça o elmo da salvação, a fim de esperardes a salvação do único Salvador, que libertará o povo dos seus pecados. Por fim, a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, habite com toda a sua riqueza na vossa boca e no vosso coração. E tudo o que tiverdes de fazer, fazei-no na Palavra do Senhor.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>*Viver o Carmelo*, Regra da Ordem Terceira do Carmo, Roma: Edizioni Carmelitane, 2003, pp. 83-88.

## LIVRO DA VIDA

### CAPÍTULO 1

*“Trata como o Senhor lhe começou a despertar a alma para a virtude na sua infância, e quanto a isto ajuda os pais serem virtuosos.*

**1.** Ter pais virtuosos e tementes a Deus – se eu não fosse tão ruim – me bastaria, com o que o Senhor me favorecia, para ser boa. Era meu pai afeiçoado a ler bons livros e assim os tinha em vernáculo para que seus filhos os lessem. Isto, com o cuidado que minha mãe tinha em fazer-nos rezar e sermos devotos de Nossa Senhora e de alguns Santos, fez-me despertar – segundo me parece – na idade de seis ou sete anos. Ajudava-me o não ver em meus pais favor senão para a virtude. Tinham muitas.

Era meu pai homem de muita caridade para com os pobres e de compaixão para com os enfermos. Com os criados tinha tanta, que jamais se pôde conseguir que tivesse escravos, porque deles tinha grande dó. Estando uma vez em sua casa uma de um seu irmão, a tratava como a seus filhos. Dizia que, o não ser ela livre, não o sofria a sua compaixão. Era de grande verdade. Ninguém jamais o viu jurar ou murmurar; era extraordinariamente honesto.

**2.** Minha mãe também tinha grandes virtudes e passou a vida com grandes enfermidades. Grandíssima honestidade. Com ser de muita formosura, jamais deu ocasião a que se entendesse que dela fazia caso porque, apesar de morrer aos trinta e três anos, já seu traje era como o de pessoa de muita idade. Muito pacífica e de grande entendimento. Foram grandes os trabalhos por que passou enquanto viveu. Morreu muito cristãmente.

**3.** Éramos três irmãs e nove irmãos. Por bondade de Deus, todos se pareceram com os pais, em ser virtuosos, menos eu, embora fosse a mais querida de meu pai. E, antes que eu começasse a ofender a Deus, parece que tinha alguma razão para isso; mas, quando me recordo das boas inclinações que o Senhor me tinha dado, lastimo o mal que eu delas me soube aproveitar.

**4.** Meus irmãos em coisa alguma me desajudavam a servir a Deus. Tinha um, quase da minha idade, que era aquele a quem eu mais queria, embora a todos tivesse grande amor e eles a mim. Juntávamo-nos ambos a ler a vida dos santos. Como via os martírios que, por Deus, as santas passavam, parecia-me comprarem muito barato o ir gozar de Deus e desejava muito morrer assim. Não pelo amor, que eu entendesse ter-Lhe, senão para gozar, tão em breve, dos grandes bens que lia haver



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

no céu. E tratava com este meu irmão do meio que haveria para isso. Combinámos ir a terra de mouros, esmolando por amor de Deus, para que lá nos decapitassem; e parece-me que nos dava o Senhor ânimo em tão tenra idade, se víssemos algum meio; mas o termos pais parecia-nos o maior embaraço.

Espantava-nos muito, o dizer-se no que líamos, que a pena e a glória eram para sempre. Acontecia-nos estar muito tempo tratando disto e gostávamos de dizer muitas vezes: para sempre, sempre, sempre. Com o pronunciar isto muito devagar era o Senhor servido que nesta meninice me ficasse impresso o caminho da verdade.

**5.** Quando vi ser impossível ir aonde me matassem por Deus, resolvemos fazer-nos eremitas; e, numa hora que havia em casa, tentávamos, conforme podíamos, fazer ermidas, pondo umas pedrazitas que logo nos caíam. E assim não achávamos remédio em nada para os nossos desejos; faz-me agora devoção ver como Deus tão cedo me dava aquilo que eu depois perdi por minha culpa.

**6.** Dava esmola conforme podia; e podia pouco. Procurava solidão para rezar as minhas devoções que eram muitas, em especial o Rosário, do qual a minha mãe era muito devota e assim nos fazia sê-lo. Gostava muito, quando jogava com outras pequenas, de fazer mosteiros como se fôssemos freiras; e parece-me que desejava sê-lo, embora não tanto como as outras coisas que já disse.

**7.** Recordo-me que, quando morreu minha mãe, fiquei da idade de doze anos, pouco menos. Quando comecei a perceber o que tinha perdido, fui-me aflita, a uma imagem de Nossa Senhora e supliquei-Lhe, com muitas lágrimas, que fosse minha Mãe. Embora o fizesse com simplicidade, parece-me que tem valido; porque conhecidamente tenho encontrado esta Virgem soberana, sempre que me tenho encomendado a Ela, e enfim, tornou-me a Si.

Aflige-me agora ver e pensar o motivo de eu não ter ficado empenhada nos bons desejos com que comecei.

**8.** Oh!, Senhor meu! Pois parece determinaste que me salve, praza a Vossa Majestade que assim seja. E, fazendo-me tantas mercês como me tendes feito, não teríeis tido por bem – não para meu proveito mas por respeito Vosso – que se não sujasse tanto a pousada onde tão de contínuo havíeis de morar?! Aflige-me Senhor, até o dizer isto, pois sei que foi minha toda a culpa; porque não me parece Vos tivesse ficado nada por fazer para que, desde esta idade, não fosse toda Vossa.

Quando vou queixar-me de meus pais, também não posso, porque em tudo não vi neles senão bem e cuidado do meu bem.

Pois, passando desta idade em que comecei a entender as graças de natureza que o Senhor me dera – que, segundo diziam, eram muitas – quando por elas Lhe havia de dar graças, de todas me comecei a servir para O ofender, como agora direi.



## CAPÍTULO 2

*Diz como foi perdendo estas virtudes e quanto importa, na meninice, tratar com pessoas virtuosas.*

**1.** Parece-me que começou a fazer-me muito dano o que agora direi. Considero algumas vezes o mal que fazem os pais em não procurar que seus filhos vejam sempre – e de todas as maneiras – coisas de virtude. Porque, com ter tanta a minha mãe, como disse, de bom não tomei muito, nem quase nada – chegando ao uso da razão – e o mal causou-me muito dano. Era ela afeiçoada a livros de cavalaria. Não tomou, no entanto, esse passatempo tão mal como eu, pois com isso não deixava o trabalho; somente nos facilitava a sua leitura. E talvez o fizesse para não pensar nos grandes trabalhos que tinha e ocupar seus filhos para que não andassem perdidos em outras coisas. Isto pesava tanto a meu pai, que era preciso andar com cuidado para que não o visse. Comecei a ficar com o costume de os ler; e aquela pequena falta que nela via fez resfriar os desejos em mim e faltar no demais. Não me parecia mal o gastar muitas horas do dia e da noite em tão vão exercício, embora às escondidas de meu pai. Era tão em excesso o que nisto me embebia que, se não tivesse livro novo, não tinha – a meu parecer – contentamento.

**2.** Comecei a trazer galas e a desejar agradar, parecendo bem, a ter muito cuidado com as mãos e o cabelo, perfumes e todas as vaidades que nisto podia ter. E eram muitas, por ser muito requintada. Não tinha intenção, pois não quisera eu que alguém ofendesse a Deus por minha causa. Durou-me muitos anos este muito requinte no demasiado apuro e em coisas que me pareciam não ser nenhum pecado. Agora vejo o mal que devia ser.

Tinha eu uns primos irmãos que tinham entrada em casa de meu pai, que outros não tinham essa sorte, pois era muito recatado e prouvera a Deus que destes o fora também! Agora vejo o perigo que há – na idade em que se hão-de começar a criar virtudes – em tratar com pessoas que não conhecem a vaidade do mundo, mas antes despertam para ele. Eram quase da minha idade, um pouco mais velhos do que eu. Andávamos sempre juntos. Tinham-me grande amor e, em todas as coisas que lhes dava gosto, eu entretinha conversa com eles. Ouvia os sucessos de suas aspirações e ninharias nadinha boas; e o pior foi a alma abrir-se ao que foi causa de todo o seu mal.

**3.** Se eu houvesse de aconselhar, diria aos pais que, nesta idade, tivessem grande cuidado com pessoas com quem seus filhos tratam. Daqui vem muito mal, porque o nosso natural mais tarde tende para o pior de que para o melhor.

Assim me aconteceu a mim; tinha uma irmã de muita mais idade do que eu, de cuja honestidade e bondade - que tinha muita – eu nada apanhei, e tomei todo o

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mal de uma parente que frequentava muito a nossa casa. Era de modos tão levianos que minha mãe procurou muito evitar que tratasse com os de casa. Parece que adivinhava o mal que por ela me havia de vir. Mas era tanta a ocasião que havia para ter entrada que nada pôde. Ao trato desta, que digo, me afeiçoei. Com ela era a minha conversação e práticas, porque me ajudava em todas as coisas de passatempo que eu queria e até me metia nelas e dava parte das suas conversas e vaidades.

Até que tratei com ela (para ter amizade comigo e dar-me parte das suas coisas), que foi na idade de catorze anos – creio, mesmo mais – não me parece ter deixado a Deus por culpa grave, nem ter perdido o temor de Deus, embora o tivesse maior da honra. Este temor teve força para eu não a perder de todo. Nem me parece que por coisa alguma do mundo eu nisto pudesse mudar...nem que houvesse amor de pessoa que a isto me fizesse render. Assim tivesse eu tido fortaleza para não ir contra a honra de Deus, tal como me dava o meu natural, para não perder no que a mim me parecia estar a honra do mundo! E não olhava a que a perdia por outras muitas vias.

**4.** Em querer esta vãmente, tinha extremos. Dos meios que era mister para a guardar, não usava de nenhum; somente tinha grande cuidado em não me perder de todo.

Meu pai e minha irmã sentiam muito esta amizade e dela me repreendiam muitas vezes. Como não podiam tirar as razões que havia de ela entrar em casa, não lhes aproveitavam suas diligências. E muita era a minha sagacidade para qualquer coisa má. Espanta-me, algumas vezes, o dano que faz uma má companhia e, se eu não tivesse passado por isto, não o poderia crer; no tempo da mocidade, em especial, deve ser maior o mal que causa. Quisera eu que os pais escarmentassem em mim, a fim de olharem muito a isto. De tal maneira me mudou esta convivência que, do meu natural virtuoso, não me ficou na alma quase nenhuma virtude. E parece-me que ela e outra que tinha os mesmos passatempos, imprimiam em mim suas maneiras de ser.

**5.** Por aqui compreendo o grande proveito que causa a boa companhia e tenho por certo que, se naquela idade tratasse com pessoas virtuosas, estaria inteira na virtude. Se então tivera tido quem me ensinasse a temer a Deus, a alma iria tomando forças para não cair. Perdido este temor, ficou-me depois só o da perda da honra. Este, em tudo quanto eu fazia, me trazia atormentada. Com o pensamento que não se havia de saber, atrevia-me a muitas coisas bem contra ela e contra Deus.

**6.** A princípio causaram-me dano as ditas coisas segundo me parece. Mas a culpa não devia ser sua senão minha. Porque depois bastou a minha malícia para o mal juntamente com o ter criadas, pois, para todo o mal, encontrava nelas boa ajuda. Se alguma tivesse sido de bom conselho, porventura me tivesse aproveitado; mas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

cegava-as o interesse e a mim a afeição. No entanto, nunca fui inclinada a muito mal, porque coisas desonestas naturalmente as aborrecia, senão a passatempos de boa conversação. Mas, posta na ocasião, estava à mão o perigo e punha nele o meu pai e irmãos. Do qual me livrou Deus de modo que bem se vê que procurava – contra minha vontade – que eu não me perdesse de todo, não foi isto, no entanto, tão em segredo que não tivesse havido de algum modo quebra da minha honra e suspeitas de meu pai.

Porque não andava, segundo me parece, há três meses nessas vaidades, quando me levaram a um convento que havia naquele lugar onde se educavam pessoas da minha condição, embora não tão ruins em costumes como eu. E isto foi feito com tão grande dissimulação, que só eu e um parente o soubemos. Aguardaram para isso uma ocasião a não parecer estranho: foi o ter-se casado minha irmã e ficar eu só, sem mãe, não parecia bem.

**7.** Era tão demasiado o amor que o meu pai me tinha e a minha muita dissimulação, que não acreditou tanto mal de mim e assim não ficou desagradado comigo. Mas, como esse tempo foi de curta duração, embora algo se tivesse percebido, com certeza, nada se devia ter dito. É que eu, como temia tanto a perda da honra, punha todas as minhas diligências em que fosse secreto e não olhava a que não o podia ser para Quem tudo vê.

Ó Deus meu, que dano causa ao mundo ter isto em pouca conta e pensar que pode haver coisa secreta feita contra Vós! Tenho por certo que se evitariam grandes males se se pensasse não estar o negócio em nos guardarmos dos homens, mas sim em não nos guardarmos de Vos descontentar.

**8.** Os primeiros oito dias senti-os muito, e mais pela suspeita de que se tivesse percebido a minha vaidade do que por estar ali. Já andava cansada e não deixava de ter grande temor de Deus quando O ofendia, e procurava logo confessar-me. Trazia-me isto tal desassossego que, ao fim de oito dias e creio até menos, estava muito mais contente de que em casa de meu pai. Todas o estavam também comigo porque, nisto de dar gosto onde quer que estivesse, me dava o Senhor graça e assim era muito querida. E ainda que eu me sentisse então inimissíssima de ser freira, folgava de as ver tão boas, que o eram muito as de aquela casa e de grande honestidade, religião e recato.

Mesmo com tudo isto, não deixava o demónio de me tentar, e procuravam os de fora desassossegar-me com recados. Mas, como a isso se não dava lugar, depressa acabou. Minha alma começou a acostumar-se de novo ao bem da minha primeira infância, e vi a grande mercê que Deus faz àqueles a quem põe em companhia dos bons. Parece-me que Sua Majestade andava a mirar e a remirar por onde e como me podia fazer voltar a Si. Bendito sejais, Vós Senhor, que tanto me haveis sofrido! Amen.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**9.** Uma coisa havia que parece me podia ser de alguma desculpa – se eu não tivesse tantas culpas -; é que tratava com quem me parecia que, por via de casamento, tudo podia acabar em bem. E, informada por quem me confessava e outras pessoas, em muitas coisas me diziam não ir contra Deus.

**10.** Dormia uma freira com as que estavam de seculares; por meio dela parece que o Senhor quis começar a dar-me luz, como agora direi.

### CAPÍTULO 3

*Trata como uma boa companhia lhe serviu para despertar seus desejos e por que modo o Senhor lhe começou a dar alguma luz sobre o engano que tinha trazido.*

**1.** Começando pois a gostar da boa e santa conversação desta freira, folgava de ouvir quão bem ela falava de Deus, porque era muito discreta e santa. Isto a meu parecer, em nenhum tempo deixei de gostar. Começou-me a contar como veio a ser freira só por ter lido o que diz o Evangelho: “muitos são os chamados e poucos os escolhidos”. Dizia-me o prêmio que o Senhor dava aos que tudo deixam por Ele.

Começou esta boa companhia a desterrar os costumes que a má tinha feito, a tornar a pôr no meu pensamento desejos das coisas eternas e a tirar algo da grande repugnância que eu tinha em ser freira, que se me tinha tornado grandíssima. E, se via alguma ter lágrimas quando rezava, ou outras virtudes, tinha-lhe muita inveja. Era tão duro meu coração que, se lesse toda a Paixão, não chorava uma lágrima; isto causava-me pena.

**2.** Estive neste Mosteiro ano e meio muito melhorada. Comecei a rezar muitas orações vocais e a procurar que todas me encomendassem a Deus, para que me desse o em estado em que O havia de servir. Mas, no entanto, desejava não fosse o de freira. Este, não fosse Deus servido de mo dar, embora também temesse o casar-me.

Ao cabo deste tempo – que estive aqui – já tinha mais afeição a ser freira, embora não naquela casa, porque as coisas mais virtuosas, que depois entendi que tinham, me pareciam excessos demasiados. E havia algumas, das mais moças, que a isto me ajudavam. Se todas fossem de um parecer, muito me teria aproveitado. Tinha eu também uma grande amiga em um outro mosteiro. Isto era motivo para eu não ser freira – caso o houvesse de ser – senão onde ela estava. Olhava mais ao gosto da minha sensualidade e vaidade de que ao bem que me ia à alma. Estes bons pensamentos, de ser freira, vinham-me algumas vezes e logo se afastavam e não podia persuadir-me a sê-lo.

**3.** A este tempo – embora eu não andasse descuidada de meu remédio – andava o Senhor mais empenhado em me dispor para o estado que melhor me ia. Deu-me uma grande enfermidade e tive de voltar para casa de meu pai. Estando boa,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

levaram-me a casa de minha irmã – que residia numa aldeia – para a ver, pois era extremo o amor que me tinha e, por sua vontade não sairia eu de ao pé dela. Seu marido também gostava muito de mim; pelo menos, mostrava-me todo o seu agrado. Até mais isto devo ao Senhor porque em toda a parte sempre o tenho sentido. E em tudo eu O servia como quem sou.

**4.** Estava em caminho a casa dum irmão de meu pai, homem muito avisado e de grandes virtudes, viúvo, a quem o Senhor também andava dispondo para Si. Na sua velhice deixou tudo o que tinha e fez-se frade, e acabou de sorte que creio goza de Deus. Quis que eu estivesse com ele uns dias. Seu exercício era ler bons livros em vernáculo e, habitualmente, o seu falar era de Deus e das vaidades do mundo. Fazia-me ler-lhe esses livros e, embora não amiga deles, mostrava que sim; porque nisto de dar contentamento a outros tenho tido cuidado, mesmo que me causasse pesar, E assim, o que noutros fora virtude, em mim foi grande falta, porque era muitas vezes mui sem discrição.

Oh! valha-me Deus, por que meios me andava Sua Majestade dispondo para o estado em que Se quis servir de mim! Sem o querer, forçou-me a eu me fazer força! Bendito seja para sempre. Amen.

**5.** Embora os dias que lá estive fossem poucos, com a força que faziam no meu coração as palavras de Deus, tanto lidas como ouvidas, e a boa companhia, fui entendendo a verdade tal como em pequena que tudo era nada, a vaidade do mundo, como acaba em breve, e a temer, se tivesse morrido, de ter ido para o inferno. E, embora a minha vontade não acabava de se inclinar a ser freira, vi, no entanto, que era o melhor e mais seguro estado e assim, pouco a pouco, determinei-me a forçar-me para o tomar.

**6.** Nesta batalha estive três meses, forçando-me a mim mesma com esta razão: os trabalhos e pena de ser freira não podiam ser maiores que os do purgatório e eu bem havia merecido o inferno. Não era, pois, muito passar o que ainda vivesse como num purgatório: depois iria direita ao Céu, que era este o meu desejo.

Neste movimento de tomar estado, mais me movia – me parece – um temor servil que o amor. Punha-me o demónio que não poderia sofrer os trabalhos da Religião por ser tão amimada. Disto me defendia eu com os trabalhos que passou Cristo: não era muito que eu passasse alguns por Ele. Ele me ajudaria a levá-los, devia eu pensar, pois, deste último ponto não me recordo. Passei grandes tentações nestes dias.

**7.** Tinham-me dado – com calenturas – uns grandes desmaios. Sempre tive bem pouca saúde. Deu-me vida o já ser amiga de bons livros. Lia as cartas de São Jerónimo, e estas animavam-me tanto que determinei dizê-lo a meu pai. O que para mim era quase como vestir o hábito. Era tão pundonorosa que não voltaria atrás, me parece, por coisa nenhuma tendo-o dito uma vez. Era tanto o que ele me queria, que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

de nenhuma maneira o pude convencer, nem bastaram rogos de pessoas que procurei lhe falassem. O mais que se pôde conseguir foi que, depois de acabados os seus dias, fizesse o que quisesse. Eu já me temia a mim mesma e à minha fraqueza no voltar atrás, e assim não me pareceu que isto me convinha e procurei por outra via, como agora direi.

### CAPÍTULO 4

*Diz como o Senhor a ajudou a convencer a si mesma para tomar Hábito e as muitas enfermidades que Sua Majestade lhe começou a dar.*

**1.** Nestes dias em que andava com estas determinações havia persuadido a um irmão meu a que se fizesse frade, falando-lhe da vaidade do mundo. E combinámos entre nós ir um dia, muito de manhã, ao mosteiro onde estava aquela minha amiga a quem eu tinha muita afeição. Nesta minha última determinação já eu estava decidida de modo que iria para qualquer convento onde pensasse servir mais a Deus ou que meu pai quisesse. Mais olhava eu já ao remédio da minha alma, porque do descanso nenhum caso fazia.

Recordo-me, e a meu parecer com toda a verdade, que quando saí de casa de meu pai foi tal a aflição, que não creio será maior quando eu morrer. Parece que cada osso se me apartava de per si, pois, como não tinha amor de Deus a contrabalançar o amor de pai e parentes, fazia-me tudo uma força tão grande que, se o Senhor não me ajudasse, não teriam bastado as minhas considerações para ir por diante. Aqui deu-me o Senhor ânimo contra mim, de maneira que o pus por obra.

**2.** Ao vestir o Hábito, logo o Senhor me deu a entender como favorece aos que se esforçam para O servir. Isto ninguém apercebeu em mim, mas sim uma grandíssima vontade. Na altura deu-me um tão grande contentamento de ter aquele estado, que nunca jamais me faltou até hoje. Deus mudou a aridez da minha alma numa grandíssima ternura. Davam-me deleite todas as coisas da Religião. E verdade é andar algumas vezes varrendo nas horas que costumava ocupar em meus regalos e enfeites, e, lembrando-me que estava livre daquilo, me dava um novo gozo que me espantava e não podia entender por onde me vinha.

Quando disto me lembro, não há coisa que se ponha diante de mim, por difícil que seja, que duvide de a acometer. Já tenho experiência em muitas que, se de princípio me esforço a me determinar a fazê-lo (sendo só por Deus), Ele quer – para mais merecermos – que a alma sinta aquele pavor até o começar e quanto maior este for, se se vai por diante, maior e mais saboroso o prémio se torna depois. Até mesmo nesta vida dá a paga Sua Majestade por vias que só quem goza disso o entende. Isto sei-o por experiência, como tenho dito, em muitas coisas difíceis; e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

assim, jamais aconselharia, se fosse pessoa que tivesse de dar parecer que, quando uma boa inspiração nos bate à porta muitas vezes, se deixe com medo de a pôr por obra. Se é desnudamente só por Deus, não há que temer suceda mal, que poderoso Ele é para tudo. Seja bendito para sempre. Amen.

**3.** Bastavam, ó sumo Bem e descanso meu!, as mercês que me tendes feito até aqui, trazendo-me – por tantos rodeios da Vossa piedade e grandeza – a estado tão seguro e casa onde havia muitas servas de Deus, das quais eu pudera tomar exemplo para ir crescendo em Vosso serviço. Não sei como hei-de passar daqui, quando me recordo o modo da minha profissão e a grande determinação e contento com que a fiz e do desposório que fiz conVosco. Isto não o posso dizer sem lágrimas, e haviam de ser de sangue e quebrar-se-me o coração, e não seria muito pesar para o que depois Vos ofendi.

Parece-me agora que tinha razão em não querer tão grande dignidade, pois tão mal havia de usar dela. Mas Vós, Senhor meu, quisestes ser – quase vinte anos em que usei mal desta mercê – o agravado, para que eu fosse melhorada. Não parece, Deus meu, senão que prometi não guardar coisa do que Vos havia prometido, embora não fosse essa então a minha intenção. Mas vejo depois tais a minhas obras, que não sei que intenção tinha, a não ser para que mais se veja quem Vós sois, Esposo meu, e quem eu sou. Pois é verdade muitas vezes temperar-se-me o pesar das minhas grandes culpas com o contento que me dá o compreender-se a multidão das Vossas misericórdias.

**4.** Em quem, Senhor, podem elas assim resplandecer como em mim, que tanto obscureci, com minhas más obras, as grandes mercês que me começaste a fazer? Ai de mim, Criador meu, que, se quero dar desculpas, nenhuma tenho, nem tem ninguém a culpa senão eu! Porque se eu Vos pagara algo do amor que me começaste a mostrar, não o pudera eu empregar em ninguém senão em Vós e com isto se remediava tudo. Pois não o mereci, nem tive tanta ventura, valha-me agora, Senhor, a Vossa misericórdia.

**5.** A mudança de vida e de manjares fez-me dano à saúde e embora o contentamento fosse muito, não bastou. Começaram-se-me a aumentar os desmaios e deu-me um mal do coração tão imensamente grande que causava espanto a quem o via, e outros muitos males juntos, e, assim, passei o primeiro ano com muito má saúde, todavia parece-me não ofendi nele muito a Deus. E como o mal era tão grave que me privava quase sempre dos sentidos – e algumas vezes de todo me ficava sem eles – era grande a diligência que meu pai fazia para me buscar remédio. Como não lho dessem os médicos de aqui, procurou levar-me a um lugar que tinha muita fama de se curarem ali outras enfermidades e assim disseram fariam à minha. Foi comigo essa amiga de quem já falei e era antiga na casa. No convento onde eu era freira não se prometia clausura.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

6. Estive, quase um ano, por ali e padecendo durante três meses tão grandíssimos tormentos nas curas tão violentas que me fizeram, que não sei como as pude sofrer. Enfim, embora as sofresse, não as pôde suportar o meu natural, como direi.

Havia de começar a cura no princípio do Verão e eu fui no princípio do Inverno. Todo este tempo estive em casa da minha irmã que disse que vivia na aldeia, esperando o mês de Abril, porque estava ali perto e para não andar a ir e vir.

7. Na ida, aquele meu tio que já disse estar em caminho, deu-me um livro: chama-se “Terceiro Abecedário”. Trata de ensinar oração de recolhimento. E, embora neste primeiro ano tivesse lido bons livros (pois não quis mais usar de outros, porque já entendia o dano que me haviam feito), não sabia como proceder na oração nem como recolher-me. Assim folguei muito com ele e determinei-me a seguir aquele caminho com todas as minhas forças. Como já o Senhor me tinha dado o dom de lágrimas e gostava de ler, comecei a ter esses momentos de solidão e a confessar-me amíude e a começar aquele caminho tendo aquele livro por mestre; porque eu não encontrei mestre – digo confessor que me entendesse - , embora procurasse durante vinte anos, depois do que estou a dizer. Isto fez-me muito dano e voltar muitas vezes atrás e até de todo me perder, porque, se o tivesse, ajudar-me-ia a sair das ocasiões que tive de ofender a Deus.

Começou Sua Majestade a fazer-me muitas mercês nestes princípios. Foram quase nove meses os que passei nesta solidão, embora não tão livre de ofender a Deus como o livro me dizia; mas sobre isso passava eu, parecendo-me quase impossível tanta guarda. Tinha-a de não fazer pecado mortal e prouvera a Deus a tivesse tido sempre. Dos veniais, fazia pouco caso e isto foi o que me arruinou. Começou-me, pois, Sua Majestade a fazer tantas mercês nestes princípios e a regalar-me tanto por este caminho que, ao fim do tempo de aqui estar, me fazia mercê de conceder-me oração de quietude e algumas vezes chegava à de união, embora eu não entendesse o que era uma e outra e o muito que era de apreciar, pois creio me fora grande bem entendê-lo. Verdade é que durava tão pouco esta união que não sei se seria uma Avé -Maria; mas ficava com uns efeitos tão grandes que, com não ter a este tempo vinte anos, me parecia trazer o mundo debaixo dos pés, e assim recordo-me que me faziam pena os que o seguiam, embora fosse em coisas lícitas.

Procurava o mais que podia trazer a Jesus Cristo, nosso Bem e Senhor, presente dentro de mim e este era o meu modo de oração: se pensava em algum passo, representava-O no interior, embora gastasse mais tempo em ler bons livros, que era toda a minha recreação. É que Deus não me deu talento para discorrer com o entendimento nem de me aproveitar da imaginação. Tenho-a tão entorpecida que, até para pensar e representar trazer em mim – como procurava fazer – a Humanidade do Senhor, não conseguia. E ainda que por esta via – de não poderem ajudar-se do entendimento - as almas chegam mais depressa à contemplação se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

perseveram, é muito trabalhoso e penoso. Se falta a ocupação da vontade e o amor ter coisa presente em que se ocupe, fica a alma como sem arrimo nem exercício; causa grande pena a soledade e a aridez e dão grandíssimo combate os pensamentos.

**8.** A pessoas que tenham esta disposição convém-lhes ter mais pureza de consciência que as que podem obrar com entendimento. Porque, quem discorre no que o mundo é, e no que deve a Deus, e no muito que Ele sofreu e no pouco que O serve, e o que o Senhor dá a quem O ama, tira doutrina para se defender dos pensamentos e das ocasiões e perigos. Mas, quem não se pode aproveitar disto, tem maior perigo ou dificuldade e convém-lhe ocupar-se muito na leitura, pois que de sua parte não pode tirar nenhuma ideia ou consideração.

Àqueles que procedem desta maneira, em lugar de oração mental que não podem ter, é-lhes necessário ler, embora seja pouco o que lêem. E tão penosíssima é esta maneira de proceder que, se o mestre que ensina insiste em que a oração seja sem leitura – o que ajuda muito a recolher a alma em oração – e, sem esta ajuda, os fazem estar muito tempo na oração, digo que será impossível permanecerem muito nela, e fará dano à saúde, se se porfia, porque é coisa muito penosa.

**9.** Agora parece-me que o Senhor proveu a que não encontrasse quem me ensinasse, porque fora impossível – segundo julgo – perseverar os dezoito anos que passei este trabalho e em todos eles grandes aridezes, por não poder, como digo, discorrer. Em todos eles, a não ser acabando de comungar, jamais ousei começar a ter oração sem um livro. Temia tanto minha alma estar sem ele na oração, como se contra muita gente saísse a pelejar. Com esta ajuda – que era como que uma companhia ou escudo em que aparava os golpes dos muitos pensamentos – andava consolada porque a aridez não era o normal, mas, sempre que me faltava livro, logo se desbaratava a alma. E os pensamentos, que andavam perdidos, com isto os começava eu a recolher e a levar a alma como de um fôlego. Muitas vezes, em abrindo o livro, nada mais era preciso. Outras lia pouco, outras muito, conforme a mercê que o Senhor me fazia.

Parecia-me a mim, nestes princípios que digo, que, tendo eu livros e com ter solidão, não havia perigo que me arrancasse de tanto bem; e creio que – com a ajuda de Deus – fora assim, se tivesse tido mestre ou pessoa que me avisasse de fugir das ocasiões nos princípios e me fizesse sair, com brevidade, se nelas entrasse. E, se então o demónio me tivesse acometido a descoberto, julgo que, de modo algum, eu voltaria a pecar gravemente. Mas foi tão subtil e eu tão ruim, que todas as minhas determinações de pouco me aproveitaram, ainda que de muitíssima ajuda os dias que servi a Deus, para poder sofrer as terríveis enfermidades que tive, com tão grande paciência como a que Sua Majestade me deu.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**10.** Muitas vezes tenho pensado, espantada, na grande bondade de Deus e a minha alma tem-se regalado de ver a Sua grande magnificência e misericórdia. Seja bendito por tudo! Tenho visto claramente Ele não deixar sem paga, até mesmo nesta vida, nenhum desejo bom. Por ruins e imperfeitas que fossem minhas obras, este Senhor meu as ia melhorando e aperfeiçoando e dando valor. Os males e pecados logo os escondia. Até os olhos de quem as viu permite Sua Majestade fiquem como que cegos e lhos tira da memória; doira as culpas; faz resplandecer uma virtude que o mesmo Senhor põe em mim, fazendo-me quase força para que a tenha.

**11.** Quero voltar ao que me mandaram. Digo que, se houvesse de dizer por miúdo o modo como o Senhor se havia comigo nestes princípios, fora mister outro entendimento – e não o meu – para saber encarecer o que neste caso Lhe devo e a minha grande ingratição e maldade, pois tudo isto olvidei. Seja para sempre bendito, que tanto me tem suportado. Amen.

### CAPÍTULO 5

*Narra as grandes enfermidades que teve e a paciência que o Senhor lhe deu e como dos males tirou bens, conforme se verá por uma coisa que lhe aconteceu neste lugar aonde se foi curar.*

**1.** Esqueci-me de dizer como, no ano do noviciado, passei grandes desassossegos em coisas que em si tinham pouco tomo. Culpavam-me sem ter culpa muitas vezes. Eu levava isto com muita pena e imperfeição, embora com o grande contentamento que tinha de ser freira, por tudo passava. Como me viam procurar solidão e chorar algumas vezes meus pecados, pensavam que era descontentamento e assim o diziam.

Era afeiçoada a todas as coisas de religião, mas não a sofrer nenhuma que parecesse menosprezo. Gostava de ser estimada. Era primorosa em tudo quanto fazia. Tudo me parecia virtude, embora isto não me seja desculpa, porque em tudo sabia procurar o que me contentasse e assim a ignorância não tira a culpa. Alguma desculpa tinha, no entanto, em o mosteiro não estar fundado em muita perfeição; eu, como ruim que era, ia àquilo em que via falta e deixava o bom.

**2.** Estava uma freira então enferma, com uma grandíssima e mui penosa enfermidade. Tinha umas bocas no ventre – que se lhe tinham feito de opilações – por onde deitava o que comia. Morreu disto em breve. Eu via todas temerem aquele mal; a mim, fazia-me grande inveja a sua paciência. Pedia a Deus que, dando-ma assim a mim, me desse as enfermidades que fosse servido. Ao que me parece, a nenhuma temia. Estava tão disposta a ganhar bens eternos, que por qualquer meio me determinava a ganhá-los. E espanto-me porque – segundo julgo – ainda não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tinha amor de Deus, como depois que comecei a ter oração me parece que tenho tido. Era somente uma luz de me parecer de pouca estima tudo o que se acaba, e de muito preço os bens que se podem ganhar com ele, pois são eternos.

Tão bem me ouviu nisto Sua Majestade que, antes de dois anos, estava de tal modo que, embora o mal não fosse daquele género, creio não ter sido menos penoso e trabalhoso o que tive durante três anos, como agora direi.

**3.** Chegando o tempo de me ir tratar – que estava aguardando naquele lugar onde disse estar com minha irmã – levaram-me, com muito cuidado de meu descanso meu pai, minha irmã e aquela freira minha amiga.

Aqui começou o demónio a desencaminhar a minha alma, embora Deus tirasse disso grande bem. Havia uma pessoa da Igreja, que residia naquele lugar onde me fui curar, de muito boa qualidade e entendimento; tinha letras, não muitas, no entanto. Comecei-me a confessar com ele, que sempre fui amiga de letras, embora grande dano me fizeram à alma confessores meio letrados, porque não os tinha de tão boas letras como quisera.

Tenho visto por experiência que é melhor – sendo virtuosos e de santos costumes – não ter nenhuma; porque nem eles se fiam de si sem perguntar a quem as tenha boas, nem eu me fiara; e bom letrado nunca me enganou. Estoutros tão pouco me deviam querer enganar, mas não sabiam mais. Eu pensava que sim e que não era obrigada a mais, senão a acreditá-los. E era coisa mais fácil o que me diziam e de mais liberdade. Se fora de mais rigor, eu sou tão ruim, que buscaria outros. O que era pecado venial, diziam não ser nenhum; o que era gravíssimo mortal, que era venial. Isto me fez tanto dano que não é muito o diga aqui para avisar outras de grande mal. Perante Deus bem vejo não me é desculpa, pois bastava não serem as coisas boas de seu natural para que delas me guardasse. Creio permitiu Deus, por meus pecados, que eles se enganassem e me enganassem a mim. Eu enganei a outras muitas só dizendo-lhes o mesmo que a mim me tinham dito.

Permaneci nesta cegueira creio que mais de dezassete anos, até que um Padre dominicano, grande letrado, e os da Companhia de Jesus me desenganaram em parte – agravando-me tão maus princípios – de tudo me fizeram temer, como depois direi.

**4.** Começando pois a confessar-me com este que digo, ele se afeiçoou a mim em extremo. Então tinha pouco que confessar para o que depois tive, nem tinha tido depois de freira. Não foi má a afeição deste, mas, por ser imoderada, veio a não ser boa. Tinha compreendido de mim que, por coisa alguma, eu me determinaria a fazer coisa contra Deus que fosse grave e ele também me assegurava o mesmo, e assim era muita a conversação. Mas nos meus tratos – com o embevecimento de Deus que eu trazia – o que então mais gosto me dava era tratar coisas d'Ele. Como era tão criança, fazia-lhe confusão ver isto; e com a grande amizade que me tinha, começou a declarar-me a sua perdição. E não era pouca, porque havia quase sete anos que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

estava em muito perigoso estado com a afeição e trato com uma mulher daquele mesmo lugar. Com isto dizia Missa. Era coisa tão pública, que trazia perdida a honra e a fama e ninguém ousava falar-lhe contra isto.

A mim fez-me muito dó porque lhe queria muito. Isto tinha eu de grande leviandade e cegueira; parecia-me virtude o ser agradecida e ter amizade a quem me queria. Maldita seja tal amizade que se estende até ir contra a de Deus! É um desatino que se usa no mundo, que me desatina. Todo o bem que nos fazem devemos-lo a Deus e temos por virtude – embora seja ir contra Ele – não quebrantar uma tal amizade. Oh! cegueira do mundo! Tivésseis Vós sido servido, Senhor, que eu fosse ingrátíssima para com todo o mundo e para conVosco não o fosse num só ponto! Mas tem sido tudo ao revés, por meus pecados.

**5.** Procurei saber mais e informar-me com pessoas de sua casa. E soube ser maior a perdição e vi que o pobre não tinha tanta culpa. A desventurada da mulher tinha-lhe posto feitiços num idolozinho de cobre que lhe rogara trouxesse ao pescoço por amor dela e ninguém tinha sido poderoso para lho tirar.

Eu não creio verdadeiramente que isto de feitiços seja realidade; mas direi que vi para aviso dos homens, a fim de que se guardem de mulheres que querem ter este trato. E creiam, pois que a Deus perdem a vergonha (elas mais que os homens são obrigadas a ter honestidade), que em nenhuma coisa podem nelas ter confiança. A troca de levarem por diante a sua vontade e aquela afeição que o demónio lhes põe, não olham a nada. Embora eu tenha sido tão ruim, em nenhuma coisa deste género cai, nem jamais pretendi fazer mal nem quisera – ainda que pudesse – forçar vontades para que me tivessem afeição, porque disto me guardou o Senhor. Se Ele me tivesse deixado, teria feito o mal que fazia no demais, pois de mim nenhuma coisa há que fiar.

**6.** Pois, logo que soube isto, comecei a mostrar-lhe mais afeição. Minha intenção era boa, a obra má; pois para fazer bem, por grande que fosse, não havia de fazer um pequeno mal. Tratava com ele mui de ordinário de Deus. Isto devia-lhe ter aproveitado, embora mais creio fez ao caso o querer-me muito. Para me dar prazer veio-me trazer aquele idolozinho, que logo fiz deitar a um rio. Tirado este, começou – como quem desperta de um grande sono – a ir-se lembrando de tudo o que havia feito naqueles anos. Espantando-se de si, doendo-se da sua perdição, começou a aborrecê-la. Nossa Senhora deve-o ter ajudado muito, pois era muito devoto da Sua Conceição e nesse dia fazia uma grande festa. Enfim, deixou de todo de a ver e não se fartava de dar graças a Deus por ter-lhe dado luz.

Ao cabo de um ano – desde o primeiro dia em que o vi – morreu. E tinha estado muito ao serviço de Deus, porque aquela afeição grande que me tinha nunca entendi ser má, embora pudesse ter sido com mais pureza. Mas também houve ocasiões em que, se não se tivesse tido a Deus muito presente, teria havido ofensas contra Ele muito graves. Como já disse, coisa que eu entendesse ser pecado mortal,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

não a fizera então. Parece que, ver isto em mim, o ajudava a ter-me amizade, pois creio que todos os homens devem ser mais amigos de mulheres que vêm inclinadas à virtude; e mesmo elas para o que aqui pretendem, devem ganhar mais com eles por este meio, segundo depois direi.

Tenho por certo está em caminho de salvação. Morreu muito bem e muito livre daquela ocasião. Parece que Senhor quis que, por este meios, se salvasse.

**7.** Estive naquele lugar três meses com grandíssimos trabalhos, porque a cura foi mais forte do que o pedia a minha compleição. Aos dois meses, a poder de medicinas, tinha quase acabada a vida. O rigor do mal de coração de que me fui a curar era muito mais forte. Parecia-me algumas vezes que mo arrancavam com dentes agudos, tanto que se temeu fosse raiva. Com grande falta de forças – porque nenhuma coisa podia tomar senão fosse bebida, pelo grande fastio – febre mui contínua, muito gasta, porque quase um mês me deram uma purga todos os dias. Estava tão abrasada que se me começaram a encolher os nervos com dores tão incomportáveis que nem de dia nem de noite podia ter sossego algum. Uma tristeza muito profunda.

**8.** Com este ganho me voltou a trazer o meu pai aonde os médicos me voltaram a ver. Todos me desenganaram, pois, sobre todo este mal, diziam que estava tísica. Disto pouco se me dava; as dores é que me afligiam, porque eram em um ser desde os pés à cabeça; e as de nervos são intoleráveis, segundo dizem os médicos. Como todos se me encolhiam, era de verdade forte tormento; não tivesse eu, por minha culpa, perdido o mérito.

Nesta violência de dores não estaria mais de três meses; parecia impossível poder-se padecer tantos males juntos. Agora me espanto e tenho por grande mercê do Senhor a paciência que Sua Majestade me deu, que se via claramente vir d'Ele. Muito me aproveitou para isso o ter lido a história de Job nos "Morales" de S. Gregório – parece que preveniu o Senhor com isto, e com o ter começado a fazer oração – para o poder levar com tanta conformidade. Toda as minhas práticas era com Ele; trazia habitualmente estas palavras de Job no pensamento e as dizia: "Pois recebemos os bens da mão do Senhor, porque não sofreremos os males?" Isto parece que me dava forças.

**9.** Chegou a festa de Nossa Senhora de Agosto. Desde Abril até então tinha sido o tormento, embora mais nos três últimos meses. Dei pressa em confessar-me, que sempre fui muito amiga de me confessar amiúde. Pensaram que era por medo de morrer, e para não me dar pena, meu pai não me deixou. Oh! amor da carne demasiado que, embora de pai tão católico e avisado – que o era muito e não foi ignorância – me pudera fazer grande dano! Deu-me, naquela noite, um paroxismo, que durou quatro dias, pouco menos, ficando eu sem nenhum dos sentidos. Nele me deram o Sacramento da Unção; a cada hora ou momento pensavam ver-me expirar

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

e não faziam senão dizer-me o Credo, como se alguma coisa entendesse. Por vezes tinham-me por tão morta que até cera encontrei depois nos olhos.

**10.** A dor de meu pai era grande por não me ter deixado confessar: clamores e muitas orações a Deus. Bendito seja Ele que as quis ouvir, pois, tendo dia e meio aberta a sepultura no meu mosteiro, esperando ali o meu corpo, e feitas as exéquias em um convento dos nossos frades fora daqui, quis o Senhor que eu voltasse a mim.

Logo quis confessar-me. Comunguei com muitas lágrimas. A meu parecer, não eram só de sentimento e pena de ter ofendido a Deus. Isto bastaria para me salvar, mesmo se o engano, que eu em mim trazia, dos que me tinham dito não serem algumas coisas pecado mortal – depois tenho visto de certeza que o eram – não me aproveitasse. As dores com que fiquei eram incomportáveis; o sentido pouco; no entanto – a meu parecer – a confissão foi inteira de tudo quanto compreendi ter ofendido a Deus. Esta mênção me tem feito Sua Majestade entre outras; nunca – depois que comecei a comungar – deixei coisa por confessar que eu pensasse ser pecado, embora fosse venial. Contudo, parece-me que assaz duvidosa ia a minha salvação, se eu então tivesse morrido... Isto, em parte, por serem os confessores tão pouco letrados, e por lado, por eu ser tão ruim e por outras muitas coisas.

**11.** Certo é o estar eu agora com tão grande espanto ao chegar aqui e vendo como parece me ressuscitou o Senhor, que estou quase a tremer dentro de mim. Parece-me que fora bem, ó minha alma, visses o perigo de que o Senhor te livraria e, já que por amor não deixavas de O ofender, deixasses de o fazer por temor. Poderia matar-te em estado outras mil vezes mais perigoso. Julgo não acrescento muitas no dizer: outras mil, embora me ralhe quem me mandou moderar no contar meus pecados. E bem aformoseados vão.

Por amor de Deus lhe peço que, de minhas culpas não tire nada, pois se vê mais aqui a magnificência de Deus e o que sofre a uma alma. Seja bendito para sempre. Praza a Sua Majestade que me consuma antes que deixar jamais de O amar.

## CAPÍTULO 6

*Trata do muito que ficou a dever ao Senhor por lhe ter dado conformidade em tão grandes trabalhos e como tomou por mediano e advogado ao glorioso São José e o muito que lhe aproveitou.*

**1.** Fiquei, destes quatro dias de paroxismo, num estado que só o Senhor pode saber os incomportáveis tormentos que sentia em mim: a língua feita em pedaços de mordida; a garganta, de não ter passado nada e da grande fraqueza, sufocava-me, pois nem a água podia engolir; toda eu parecia estar desconjuntada; com grandíssimo desatino na cabeça. Toda encolhida, feita um novelo – que nisto parou o tormento daqueles dias – sem me poder mexer, nem braço, nem pé, nem mão,



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nem cabeça, mais do que se estivesse morta, se não me maneassem. Só um dedo me parece podia mexer da mão direita. Chegarem-se a mim não havia como, porque tudo estava em tal lástima, que não o podia suportar; num lençol, uma a uma ponta, e outra a outra, me meneavam.

Isto foi até à Páscoa florida. Só tinha que, se não se chegassem a mim, as dores cessavam muitas vezes e, a troco de descansar um pouco, já me tinha por boa, pois temia de me vir a faltar a paciência. Assim fiquei muito contente de me ver sem tão agudas e contínuas dores, embora, nos grandes frios de quartãs dobradas – fortíssimas – com que fiquei, as tivesse incomportáveis. O fastio era muito grande.

**2.** Dei-me logo tanta pressa em ir para o convento, que mesmo assim me fiz levar. A que esperavam morta, receberam com alma, mas o corpo pior que morto, a causar pena vê-lo. O extremo de fraqueza nem se pode dizer, que já só tinha ossos. Digo que o ficar assim durou-me mais de oito meses, o estar tolhida, ainda que fosse melhorando, quase três anos. Quando comecei a andar de gatas, louvava a Deus. Tudo sofri com grande conformidade e – a não ser nestes tempos – com grande alegria; porque tudo se fazia nada, comparado com as dores e os tormentos do princípio. Estava muito conforme com a vontade de Deus, ainda mesmo que me deixasse sempre assim.

Parece-me que toda a minha ânsia de sarar era para estar a sós em oração – como me tinham ensinado – porque na enfermaria não havia disposição para isso. Confessava-me muito amiúde; tratava muito de Deus, de maneira que edificava a todas. Espantavam-me da paciência que o Senhor me dava; porque, a não vir da mão de Sua Majestade, parecia impossível poder-se sofrer tantos males com tanto contentamento.

**3.** Grande coisa foi Ele haver-me feito a mercê que me fizera na oração. Esta fazia-me entender que coisa era amá-Lo. Só desse pouco tempo vi em mim novas virtudes, embora não fortes, pois não bastaram para me sustentar no caminho da justiça. Não dizer mal de ninguém, por pouco que fosse, antes o ordinário era em mim o desculpar toda a murmuração, porque trazia muito diante dos olhos como não havia de dizer nem querer que dissessem de outra pessoa o que eu não queria dissessem de mim. Praticava isto com grande extremo nas ocasiões que para isso havia, embora não tão perfeitamente que algumas vezes, quando mas davam grandes, não quebrantasse um pouco; mas de ordinário era isto. Assim – às que estavam comigo e me tratavam – persuadi tanto que disto que lhes ficou de costume. E todas vieram a entender, que onde eu estivesse, seguras tinham as costas. E o mesmo pensavam daquelas com quem eu tinha amizade e parentesco e que ensinava, ainda que noutras coisas bem tenha que dar contas a Deus do mau exemplo que lhes dava.

Praza a Sua Majestade perdoar-me, que de muitos males fui causa, embora não com tão danosa intenção como depois saía a obra.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**4.** Ficou-me o desejo da solidão; amiga de tratar e falar de Deus que, se eu encontrava com quem, mais contento e recreação me dava que toda a delicadeza – ou grosseria, para melhor dizer – da conversação do mundo. Comungar e confessar-me muito mais amiúde e desejá-lo; amicíssima de ler bons livros; um grandíssimo arrependimento em ter ofendido a Deus que, muitas vezes me recorro não ousava ter oração porque temia – como a um grande castigo – a grandíssima pena que havia de sentir de O ter ofendido. Isto foi-me depois crescendo em tal extremo, que não sei a que compare este tormento. E jamais foi – nem pouco nem muito – por temor; mas, como me lembrava dos regalos que o Senhor me fazia na oração e o muito que Lhe devia e via quão mal Lho pagava, não o podia sofrer. Enojava-me em extremo das muitas lágrimas que pela culpa chorava, quando via a minha pouca emenda, pois nem bastavam determinações nem a mágoa em que me via, para não voltar a cair quando me punha na ocasião. Pareciam-me ser lágrimas enganosas e parecia-me ser depois maior a culpa, porque via a grande mercê que me fazia o Senhor em mas dar com tão grande arrependimento. Procurava confessar-me dentre em breve e, a meu parecer, fazia da minha parte o que podia para voltar a estar em graça.

Todo o mal vinha de eu não cortar pela raiz as ocasiões e nos confessores que pouco me ajudavam; dizendo-me o perigo em que andava e a obrigação que tinha em não ter aqueles tratos, creio, sem dúvida, que tudo se remediaria; porque de nenhum modo sofreria andar em pecado mortal um só dia, se eu o entendesse.

Todos estes sinais de temor de Deus me vieram com a oração e o maior era o ir envolvido em amor, porque não se me punha diante o castigo. Todo o tempo que estive tão mal me durou a muita guarda de consciência quanto a pecados mortais. Oh! valha-me Deus; desejava saúde para mais O servir e foi causa de todo o meu mal!

**5.** Pois, como me vi tão tolhida em tão pouca idade e no que haviam dado comigo os médicos da terra, determinei-me a recorrer aos do Céu para que me sarassem, pois desejava a saúde, embora sofresse com muita alegria a sua falta. Pensava algumas vezes que, se estando boa me havia de condenar, melhor seria estar assim. Pensava, no entanto, que serviria muito mais a Deus com saúde. Este é o nosso engano: não nos entregamos de todo ao que faz o Senhor, que melhor sabe o que nos convém.

**6.** Comecei a fazer devoções de Missas e coisas muito aprovadas de orações, pois nunca fui amiga doutras devoções que fazem algumas pessoas – em especial mulheres – com cerimónias que eu não podia suportar e a elas lhes fazia devoção. Depois tem-se dado a entender não convirem; eram superstições. Tomei por advogado e senhor ao glorioso São José e encomendei-me muito a ele. Vi claramente que, tanto desta necessidade como de outras maiores de honra e perda de alma, este Pai e Senhor meu me tirou com maior bem do que eu Lhe sabia pedir. Não me recorro até agora de Lhe ter suplicado coisa que tenha deixado de fazer. É coisa de espantar as grandes mercês que Deus me tem feito por meio deste bem-

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

aventurado Santo e dos perigos de que me tem livrado, tanto no corpo como na alma. A outros santos parece ter dado o Senhor graça para socorrerem numa necessidade; deste glorioso Santo tenho experiência que socorre em todas. O Senhor nos quer dar a entender que, assim como lhe foi sujeito na terra – pois como tinha nome de pai, embora sendo aio, O podia mandar -, assim no Céu faz quanto Lhe pede.

Isto têm visto, por experiência, algumas outras pessoas, a quem eu dizia para se encomendarem a ele. E assim há muitas que lhe são devotas, experimentando de novo esta verdade.

**7.** Procurava eu fazer a sua festa com toda a solenidade que podia, mais cheia de vaidade que de espírito, querendo que se fizesse mui curiosamente e bem, embora com boa intenção. Mas isto tinha de mal – se algum bem o Senhor me dava a graça de fazer –: era cheio de imperfeições e com muitas faltas. Para o mal e curiosidade e vaidade tinha eu grande manha e diligência. Que o Senhor me perdoe.

Quisera eu persuadir a todos a serem devotos deste glorioso Santo, pela grande experiência que tenho dos bens que alcança de Deus. Não tenho conhecido pessoa que deveras lhe seja devota e lhe presta particulares obséquios, que a não veja mais aproveitada na virtude; porque aproveita de grande modo às almas que a ele se encomendam. Parece-me que há alguns anos que, cada ano no seu dia, lhe peço uma coisa e sempre a vejo realizada; se a petição vai algo torcida ele a endireita para maior bem meu.

**8.** Se eu fora pessoa que tivesse autoridade para escrever, de boa vontade me alongaria a dizer muito por miúdo as mercês que este glorioso Santo me tem feito a mim e a outras pessoas. Mas, para não fazer mais do que me mandaram, em muitas coisas serei mais breve do que quisera. Em outras, mais extensa do que era mister; enfim, como quem em todo o bem tem pouca discricção. Só peço, por amor de Deus, que faça a prova quem não me acreditar e verá, por experiência, o grande bem que é o encomendar-se a este glorioso Patriarca e ter-lhe devoção. Em especial, as pessoas de oração sempre lhe haviam de ser afeiçoadas. É que não sei como se pode pensar na Rainha dos Anjos – no tempo em que tanto passou com o Menino Jesus – sem que se dê graças a São José pelo muito que então Os ajudou. Quem não encontrar mestre que lhe ensine oração, tome a este glorioso Santo por mestre e não errará no caminho. Praza ao Senhor não haja eu errado em atrever-me a falar dele; porque embora publique ser-lhe devota, no seu serviço e imitação sempre tenho falhado. Ele procedeu como quem é, fazendo com que eu me pudesse levantar e andar e não ficasse tolhida, e eu, como quem sou, usando mal desta mercê.

**9.** Quem diria que eu havia de cair tão depressa, depois de tantas mercês de Deus, depois de ter Sua Divina Majestade começado a dar-me virtudes – que as mesmas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

me despertavam a servi-Lo – depois de eu me ter visto quase morta e em tão grande perigo de ser condenada, depois de me ter ressuscitado alma e corpo, que todos os que me viam se espantavam de me ver viva! Que é isto, Senhor meu? Em tão perigosa vida havemos de viver? Ao escrever isto parece-me que, com o Vosso favor e por misericórdia Vossa, poderia dizer como São Paulo – embora não com essa perfeição – *já não vivo eu, senão que Vós, Criador meu, viveis em mim*. Há alguns anos que, segundo posso entender, me tendes da Vossa mão e me vejo com desejos e determinações, e de algum modo tinha provado por experiência em muitas coisas de não fazer coisa contra a Vossa vontade, por pequena que seja, ainda que deva fazer bastas ofensas a Vossa Divina Majestade, sem o entender. Também me parece que não se me oferecerá coisa por Vosso amor que, com grande determinação eu deixe de acometer; em algumas me tendes ajudado para as levar a cabo. Não quero mundo nem coisa dele, nem me parece algo me contente afora de Vós; tudo o mais é para mim pesada cruz.

Bem me posso enganar e nada ter disto que digo, mas bem vedes, meu Senhor, que, segundo posso entender, não minto. E estou tremendo – e com muita razão – que me torneis a deixar. Já sei até que ponto chega a minha fortaleza e pouca virtude quando não ma estais sempre a dar e a ajudar para que Vos não deixe. Praza à Vossa Divina Majestade que mesmo agora não esteja apartada de Vós, parecendo-me, no entanto, tudo isto de mim.

Não sei como queremos viver, pois é tudo tão incerto! Parecia-me. Senhor meu, já impossível deixar-Vos tão de todo; mas, como tantas vezes Vos deixei, não posso deixar de temer, porque, em apartando-Vos um pouco de mim, dava como tudo em terra.

Bendito sejais para sempre, pois, embora eu Vos deixasse, Vós não me deixaste a mim tão de todo que não me tornasse a levantar com o dares-me sempre a mão. E muitas vezes, Senhor, eu não a queria, nem queria entender como tantas vezes me chamáveis de novo, como agora direi.

### CAPÍTULO 7

*Trata como foi perdendo as mercês que o Senhor lhe tinha feito e quão perdida vida começou a ter. – Diz os danos que há em não serem muito enclausurados os mosteiros de monjas.*

**1.** Comecei pois assim, de passatempo em passatempo, de vaidade em vaidade, de ocasião em ocasião, a meter-me tanto em mui grandes ocasiões e a andar a minha alma tão estragada em vaidades, que já tinha vergonha, em tão particular amizade como é tratar de oração, de me tornar a chegar a Deus. Ajudou a isto que, ao

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

crecerem os pecados, que começou a faltar o gosto e regalo nas coisas de virtude. Via eu muito claramente, Senhor meu, que isto me faltava a mim por eu Vos faltar a Vós.

Este foi o maior engano que o demónio me podia fazer sob aparência de humildade: comecei a temer fazer oração por me ver tão perdida; parecia-me melhor andar como os demais – pois no ser ruim era dos piores – e rezar o que estava obrigada e vocalmente e não ter oração mental e tanto trato com Deus a que merecia estar com os demónios e enganava as gentes, porque, no exterior, tinha boas aparências.

Assim, não é de culpar a casa onde estava, porque eu, com a minha manha, procurava que me tivessem em boa opinião. Embora não com advertência, fingindo cristandade; porque nisto de hipocrisia e vanglória, glória seja dada a Deus, jamais me recorde de O ter ofendido, ao que possa entender. Em me vindo um primeiro movimento dava-me tanta pena, que o demónio se ia com perda e eu ficava com lucro: e assim; nisto muito pouco me tem tentado. Porventura se Deus permitira que nisto me tentasse tão fortemente como em outras coisas, também cairia; mas Sua Majestade até agora tem-me guardado, seja para sempre bendito, pois até me pesava muito o terem-me em boa opinião; bem sabia eu o que havia em mim.

2. Isto de não me terem por tão ruim, vinha de me verem tão moça e metida em tantas ocasiões e apartar-me muitas vezes à solidão e rezar e ler, falar muito de Deus, ser amiga de fazer pintar Sua imagem em muitas partes e de ter oratório e fazer com que nele houvesse coisas que fizessem devoção; não dizer mal; e outras coisas deste teor que tinham aparência de virtude. E eu, de vã, sabia-me estimar nas coisas a que no mundo se costuma ter estima. Com isto, davam-me tanta e até mais liberdade que às muito antigas e tinham em mim grande segurança. Porque, tomar eu liberdade e fazer coisa sem licença – digo falar por buracos ou muros, ou de noite -, julgo que nunca eu me poderia resolver a fazê-lo num mosteiro, nem jamais o fiz, porque o Senhor me teve de Sua mão. Parecia-me a mim que, com advertência e propósito, olhava a muitas coisas que, pôr a honra de tantas em aventura por ser eu ruim, sendo elas boas, era muito mal feito, como se fosse bem outras coisas que fazia. Em verdade, o mal não era tão consciente, como isto seria, ainda que fosse muito.

3. Por isto me parece que me fez grande dano o não estar em mosteiro enclausurado; porque a liberdade que as boas podiam ter sem culpa (que a mais não eram obrigadas, pois não se prometia clausura), a mim, que sou ruim, ter-me-ia decerto levado ao inferno, se com tantos remédios e meios o Senhor, com muito particulares mercês, me não tivesse tirado deste perigo. E, assim, julgo ser grandíssimo perigo mosteiro de mulheres com liberdade, e mais me parece passo para caminhar ao inferno as que quizerem ser ruins, que remédio para suas fraquezas. Isto não se entende respeitante ao meu, porque há nele tantas que servem muito deveras e com

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

muita perfeição ao Senhor, que Sua Majestade não pode deixar, por Sua bondade, de as favorecer e não é dos muito abertos e nele se guarda toda a religião, senão de outros que sei e tenho visto.

4. Digo que me causa grande lástima o Senhor ter necessidade de fazer particulares chamamentos – e não uma vez, senão muitas – para que se salvem, segundo aí estão autorizadas as honras e recreações do mundo e tão mal entendido aquilo a que estão obrigadas. Praza a Deus não tenham por virtude o que é pecado, como muitas vezes eu o fazia; e há tão grande dificuldade em fazê-lo entender que é preciso que o Senhor ponha nisto muito deveras a Sua mão.

Se os pais tomassem meu conselho, dir-lhes-ia: já que não olham a pôr as suas filhas onde levam caminho de salvação, mas em mais perigo que no mundo, olhem ao menos ao que toca à sua honra. Antes as queiram casar mui baixamente, que metê-las em mosteiros semelhantes, se não são muito bem inclinadas – e praza a Deus isto lhes aproveite -, ou as tenham em sua casa. Aí, se uma quer ser ruim, não o poderá encobrir senão pouco tempo; aqui muito, muito, ainda que por fim o descubra o Senhor, e não só dana a ela, senão a todas; e às vezes as pobrezitas não têm culpa, porque se vão pelo se que encontram. E é lástima que haja muitas que se querem apartar do mundo e, pensando que vão servir ao Senhor e afastar dos perigos do mundo, se encontram em dez mundos juntos, que nem sabem como se valer, nem remediar. A mocidade e sensualidade e demónio as convida e inclina a seguir algumas coisas que são mesmo do mundo; vêem ali que o têm por bom, a modo de dizer.

Parece-me que, em parte, são como os desventurados hereges, que se querem cegar e dar a entender que é bom aquilo que seguem e assim crêem sem o crer... É que dentro de si têm quem lhes diga que é mal.

5. Oh! grandíssimo mal, grandíssimo mal o dos religiosos - falo agora tanto de mulheres como de homens - que vivem onde se não guarda religião, onde, num mosteiro, há dois caminhos: de virtude e religião e de falta de espírito de religião (e ambos quase se andam por igual...) Mas digo mal: não por igual, pois por nossos pecados caminha-se mais no imperfeito e, como dele há mais seguidores, é mais favorecido. Usa-se tão pouco o da verdadeira religião, que mais há-de temer o frade e a freira, que deveras querem começar a seguir totalmente a sua vocação, aos de sua mesma casa, do que a todos os demónios; e mais cautela e dissimulação há-de ter para falar da amizade que deseja ter com Deus, que de outras amizades e afeições que o demónio ordena nesses mosteiros. Não sei porque nos espantamos de que haja tantos males na Igreja; pois os que deviam ser exemplos de virtude aonde todos as fossem haurir, têm tão apagado o labor que, com o seu espírito, os Santos deixaram nas religiões.

Praza à Divina Majestade pôr remédio a isto como vê que é mister. Amen.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**6.** Comecei eu, pois, a ter estas conversações, não me parecendo - como via que se usavam - que delas havia de vir à minha alma o dano e distraimento que depois entendi haver em semelhantes tratos. Parecia-me que, coisa tão geral como é esta convivência em muitos mosteiros, não me faria a mim mais mal de que a outras que eu via serem boas. Não olhava a que eram muito melhores e, o que para mim era perigo, para outras não o seria tanto. Algum, duvido que deixe de o haver, embora não seja mais que o do tempo malgasto. Estando eu, pois, com uma pessoa - bem nos princípios de a conhecer - o Senhor quis dar-me a entender que não me convinham aquelas amizades, e avisar-me e iluminar-me em tão grande cegueira. Representou-se-me Cristo diante de mim com muito rigor dando-me a entender o que aquilo Lhe pesava. Vi-O com os olhos da alma mais claramente de que O poderia ver com os olhos do corpo e quedou-me tão impresso que isto foi há mais de vinte e seis anos e me parece que o tenho presente. Fiquei muito espantada e perturbada e não queria voltar a ver mais a pessoa com quem estava.

**7.** Fez-me muito dano não saber que era possível ver sem ser com os olhos do corpo. E o demónio ajudou a que eu assim julgasse, dando-me a entender ser isso impossível; o que se me tinha afigurado que podia ser o demónio, e outras coisas deste género, embora sempre me ficava um parecer-me que era Deus e não imaginação. Mas, como não era a meu gosto, eu me fazia a mim mesma desmentir. E, como não ousei tratar disto com ninguém e como depois voltaram a fazer-me grande impertinência, assegurando-me não haver mal em ver semelhante pessoa, que nem perdia honra, mas antes a ganhava, voltei à mesma conversação e até, em outras épocas, a outras, porque foram muitos os anos em que tomei esta recreação pestilencial. A mim, no entanto, não me parecia - como estava nela - tão má como isso, ainda que, às vezes, visse claramente não ser boa. Mas nenhuma me causou distraimento como esta que digo, porque Lhe tive muita afeição.

**8.** Estando eu outra vez com a mesma pessoa, vimos vir até nós - e outras pessoas que ali estavam também o viram - uma coisa à maneira dum sapo grande, com muita mais ligeireza do que estes costumam andar. Do lugar donde ele veio, não posso eu entender como pudesse haver semelhante sevandija a meio do dia, nem nunca lá a tem havido. A impressão que em mim causou não me parece sem mistério; e isto tão pouco se me olvidou! Oh! grandeza de Deus, e com quanto cuidado e piedade me estáveis avisando, por todos os modos, e que pouco me aproveitou a mim!

**9.** Havia ali uma freira, minha parente, antiga e grande serva de Deus e de muita religião. Esta também me avisava algumas vezes; e não só eu não a acreditava, mas



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

desgostava-me com ela e parecia-me que se escandalizava sem ter de quê.

Disse isto para que se entenda a minha maldade e a grande bondade de Deus e quão merecido tinha eu o inferno com tão grande ingratidão; e também para que, se o Senhor ordenar e for servido que a qualquer tempo leia isto alguma freira, se escarmente em mim. E a todas eu lhes peço, por amor de Nosso Senhor, que fujam de semelhantes recreações. Praza a Sua Majestade se desengane por mim alguma de quantas enganei, dizendo-lhes que não era mal e assegurando tão grande perigo com a cegueira que trazia, que de propósito não-as queria eu enganar. Pelo mau exemplo que lhes dei - como disse - fui causa de grandes males, não pensando que fazia tanto mal.

**10.** Estando eu mal, nesses primeiros dias, antes que eu me soubesse valer por mim mesma, davam-me grandíssimos desejos de fazer bem a outros; tentação esta muito ordinária dos que começam, embora a mim me sucedesse bem.

Como queria tanto a meu pai, desejava-lhe o bem que me parecia que teria com ter oração - pois a meu ver nesta vida não o podia haver maior de que ter oração - e assim, por rodeios, conforme pude, comecei a fazer com que a tivesse. Dei-lhe livros a propósito. Como era tão virtuoso, como já ficou dito, assentou tão bem nele este exercício que, em cinco ou seis anos - julgo que seria - estava tão adiantado que eu louvava muito ao Senhor e dava-me grandíssimo consolo. Foram muito grandes os trabalhos que teve de muitas maneiras; e todos passou com muitíssima conformidade. Ia-me ver muitas vezes, pois se consolava tratando coisas de Deus.

**11.** Já depois de eu andar tão distraída e sem ter oração, como via que ele pensava eu ser tal como costumava, não o pude sofrer sem o enganar. É que estive mais de um ano sem ter oração, parecendo-me mais humildade. Esta foi, como depois direi a maior tentação que tive porque, por meio dela, eu acabar-me-ia de perder. Com a oração, se um dia ofendia a Deus, outros voltava a recolher-me e a apartar-me mais da ocasião. Como o bendito homem me vinha com isto, tornou-se-me duro vê-lo tão enganado, pensando que eu tratava com Deus como costumava e disse-lhe que já não tinha oração, embora não dissesse a causa. Dei-lhe as minhas enfermidades por desculpa, porque embora sarasse daquela tão grave, sempre até agora as tenho tido e bem grandes e de muitas maneiras. De há tempos para cá, não com tanta força, mas não me deixam. Em especial tive durante vinte anos vômitos pela manhã: até depois do meio-dia acontecia-me não poder dejejear e algumas vezes até mais tarde. Depois que frequento mais amiúde a comunhão, é à noite, antes de me deitar que, com muito mais custo, o tenho de provocar com uma pena ou outra coisa; porque se o não faço, é muito o mal que eu sinto. Quase nunca estou - a meu parecer - sem muitas dores e algumas vezes bem fortes, em especial no

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

coração; embora o mal que me tomava muito de contínuo seja agora muito de longe a longe. Da forte paralisia e das outras enfermidades de febres que costumava ter muitas vezes, encontro-me boa há oito anos. Destes males dá-se-me já tão pouco que muitas vezes folgo, parecendo-me que em algo se serve o Senhor.

**12.** E meu pai acreditou ser esta a causa, porque como ele não dizia mentira, julgou, conforme ao que eu tratava com ele, que também eu não a havia de dizer. Disse-lhe, para que melhor o acreditasse pois bem via eu que para isto não havia desculpa -, que muito fazia já em poder rezar o Ofício no coro. Embora tão pouco isto fosse causa bastante para deixar uma coisa para a qual não são precisas forças corporais, mas só amar e o costume. E o Senhor dá sempre oportunidade quando queremos.

Digo "sempre" porque, embora com as circunstâncias e até enfermidades, impeça algumas vezes muitos momentos de solidão, não deixa de haver outros em que há saúde para isto. E na própria enfermidade e ocasiões está a verdadeira oração - quando é alma que ama - no oferecer aquilo e lembrar-se por Quem o sofre e conformar-se com isso e com mil coisas que se oferecem. Aqui exercita o amor; pois não é forçoso que haja de haver oração quando há momentos de solidão, e que o demais não o seja. Com um pouquinho de cuidado, grandes bens se encontram quando, com trabalhos, o Senhor nos tira o tempo da oração, e assim os encontrava eu quando tinha boa consciência.

**13.** Mas meu pai, com a opinião que tinha de mim e o amor que me tinha, em tudo me acreditou e de mim teve pena. Mas, como ele já estava em tão subido estado, não se demorava depois tanto comigo e, logo que me via, ia-se embora, porque dizia era tempo perdido. Como eu o gastava em outras vaidades, pouco se me dava.

Não foi só ele, mas algumas pessoas que eu procurei tivessem oração. Ainda mesmo andando eu nestas vaidades, como as via amigas de rezar, lhes dizia como teriam meditação, dava-lhes livros e disso tiraram proveito. Este desejo de que outros servissem a Deus, desde que comecei a ter oração, sempre o tive, como disse. Parecia-me a mim que, visto eu não servir ao Senhor como entendia, se não perdesse o que Sua Majestade me dera a conhecer e outros O servissem por mim. Digo isto para que se veja a grande cegueira em que estava: deixava-me perder a mim e procurava ganhar outros.

**14.** Neste tempo, deu a meu pai a enfermidade de que morreu e que durou alguns dias. Fui tratá-lo, estando mais enferma na alma que ele no corpo,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

metida em muitas vaidades, embora não de modo que – tanto quanto entendesse – estivesse em pecado mortal em todo este tempo mais perdido de que falo; porque, entendendo-o eu, de nenhuma maneira o estaria.

Passei grandes trabalhos na sua enfermidade; creio lhe paguei algo do que ele havia passado nas minhas. É que, apesar de eu estar bastante mal, esforcei-me: faltando-me ele, faltava-me todo o bem e mimo – que sempre mo fazia – e tive tão grande ânimo para não lhe mostrar pena e estar com ele até morrer, como se nenhuma coisa sentisse, parecendo-me, no entanto, que se me arrancava a alma quando via acabar-se-lhe a vida, porque lhe queria muito.

**15.**Foi coisa para louvar o Senhor a morte de que morreu e o desejo que tinha de morrer, os conselhos que nos dava depois de ter recebido a Santa-Unção, o encarregar-nos o encomendássemos a Deus e Lhe pedíssemos misericórdia para ele e que sempre O servíssemos, que considerássemos que tudo acaba. Dizia-nos, com lágrimas, a pena grande que tinha de não O ter ele servido, que quisera ser frade – digo, ter sido – e dos mais rigorosos que houvesse.

Tenho por certo que, quinze dias antes de morrer, lhe deu o Senhor a entender que não havia de viver. Porque até aí, embora estivesse mal, não o pensava; depois, apesar de ter muitas melhoras e de lho dizerem os médicos, nenhum caso fez disso. Só atendia em ordenar a sua alma.

**16.**Foi seu principal mal uma dor muito grande de costas, que jamais o deixava; algumas vezes era tão intensa, que o afligia muito. Disse-lhe que, visto ser tão devoto de quando o Senhor levava a cruz às costas, pensasse que Sua Majestade lhe queria dar a sentir alguma coisa do que Ele tinha passado com aquela dor. Consolou-se tanto que, me parece, nunca mais o ouvi queixar-se.

Esteve três dias muito falho de tino; o dia que morreu, lho tornou a dar o Senhor tão inteiro que nos espantávamos, e teve-o até que, a meio Credo, dizendo-o ele mesmo, expirou. Ficou como um anjo; que assim me parecia a mim que ele era – a modo de dizer – na alma e disposição, pois a tinha muito boa.

Não sei para que disse isto senão para culpar mais minha ruim vida, depois de ter visto tal morte e entender tal vida; para me parecer de algum modo com tal pai, a havia de eu melhorar. Dizia seu confessor – que era dominicano, muito grande letrado – que não duvidava de que tivesse ido direito ao Céu, porque havia alguns anos que o confessava e louvava sua pureza de consciência.

**17.** Este Padre dominicano que era muito bom e temeroso de Deus, foi-me de grande proveito. Confessei-me com ele e tomou a peito o fazer bem à minha alma e dar-me a compreender a perdição que trazia. Fazia-me comungar de quinze em quinze dias e, pouco a pouco, começando a tratar com ele, falei da minha oração. Disse-me que não a deixasse; de qualquer modo, não me podia causar senão proveito. Comecei a voltar a ela – embora não a afastar-me das ocasiões – e nunca mais a deixei.

Passava uma vida trabalhosíssima, porque na oração entendia melhor minhas faltas. Por uma parte, me chamava Deus; por outra, eu seguia o mundo. Davam-me grande contento todas as coisas de Deus; traziam-me atada as do mundo. Parece que queria juntar estes dois contrários, tão inimigos um do outro, como são vida espiritual e contentos e gostos e passatempos sensíveis. Na oração passava grande trabalho, porque o espírito não era senhor, mas escravo; e assim não me podia encerrar dentro de mim (que era todo o modo de proceder que eu levava na oração) sem encerrar comigo mil vaidades.

Passei assim muitos anos, que agora me espanto como tive força bastante para o sofrer sem que deixasse uma ou outra coisa. Bem sei que deixar a oração já não estava em minha mão, porque me segurava nas Suas Aquele que me queria para me fazer maiores mercês.

**18.** Oh! Valha-me Deus, se eu houvesse de dizer as ocasiões das quais - nestes anos - Deus me tirava, e como eu me tomava a meter nelas, e dos perigos de perder totalmente o crédito de que me livrou! Eu, a fazer obras para descobrir o que era, e o Senhor a encobrir os males e a descobrir alguma pequena virtude, se a tinha, e a fazê-la grande aos olhos de todos, de maneira que sempre me tinham em muito. Porque, embora algumas vezes transluzissem as minhas vaidades, como viam outras coisas que lhes pareciam boas, não o acreditavam.

Já tinha visto o Sabedor de todas as coisas ser assim mister, para que, depois, nas que tenho tratado de Seu serviço, me dessem algum crédito; Sua soberana largueza, não atendia aos meus grandes pecados, senão os desejos que muitas vezes tinha de O servir e a pena de não ter fortaleza em mim para o pôr por obra.

**19.** Oh! Senhor da minha alma! Como poderei encarecer as mercês que nestes anos me fizestes? E como, no tempo em que eu mais Vos ofendia, em breve me dispúnheis com grandíssimo arrependimento para que gostasse Vossos regalos e mercês! Na verdade, escolhéis, Rei meu, o mais delicado e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

penoso castigo que para mim podia haver, como quem bem sabia o que me havia de ser mais penoso; com grandes regalos castigáveis meus delitos.

E não creio dizer desatinos - embora seria bem que estivesse desatinada voltando - de novo agora à memória a minha ingratidão e maldade.

Era tão mais penoso para meu modo de ser receber mercês quando tinha como em graves culpas, que receber castigos; uma só dessas mercês - parece-me podê-lo dizer com certeza - me desfazia e confundia mais e fatigava de que muitas enfermidades com outros grandes trabalhos juntos. Porque isto via eu que o merecia e parecia-me que pagava algo dos meus pecados (embora tudo era pouco, porquanto eles eram muitos), mas ver-me a receber de novo mercês pagando tão mal as recebidas, é um género de tormento para mim terrível, e creio que para todos os que tiverem algum conhecimento ou amor de Deus, e isto até por um natural virtuoso o podemos inferir. Estas eram minhas lágrimas e tristeza ao ver o que sentia, vendo que estava em vésperas de tornar a cair, embora minhas determinações e desejos então - por aquele momento, digo - estivessem firmes.

**20.** Grande mal é uma alma achar-se sozinha entre tantos perigos. Parece-me a mim que, se eu tivera tido com quem tratar tudo isto, ajudar-me-ia a não tornar a cair, sequer por vergonha, já que não a tinha de Deus. Por isso aconselharia eu aos que têm oração - em especial ao princípio - que procurem amizade e trato com outras pessoas que tratem do mesmo. É coisa importantíssima, ainda que não seja senão ajudarem-se uns aos outros com suas orações, quanto mais que há muitos mais lucros. E pois que nas conversações e amizades humanas, mesmo não sendo muito boas, se procuram amigos com quem descansar e para mais gozar ao contar aqueles prazeres vãos, não sei por que não se há-de permitir a quem começar deveras a amar a Deus e a servi-Lo, o tratar com algumas pessoas seus prazeres e trabalhos: que de tudo têm os que têm oração. Porque, se é verdadeira a amizade que quer ter com Sua Majestade, não haja medo de vangloria; e quando o primeiro movimento acometa, sai dele com mérito. Creio que, andando com esta intenção quem tratar isto aproveitará a si e aos que o ouvirem; sairá mais ensinado; até sem saber como, ensinará a seus amigos.

**21.** Quem tiver medo ter vanglória ao falar disto, também a terá de ouvir missa com devoção, se o virem, e em fazer outras coisas que, sob pena de

não ser cristão, não pode deixar de fazer por medo de vanglória. Isto é tão importante para almas que não estão fortalecidas na virtude - por terem tantos contrários e até amigos para os incitar ao mal -, que nem sei como o encarecer. Parece-me que o demónio tem usado deste ardil como de coisa que mui lhe importa que os bons se escondam tanto para não dar a perceber que deveras querem e procuram amar e contentar a Deus; e tem incitado a que se descubram outras amizades pouco honestas, tão em uso, que já parece que se toma por gala e se publicam as ofensas que nestes casos se fazem a Deus.

**22.** Não sei se digo desatinos. Se o são, V. Mercê os rasgue, e se não o são, suplico-lhe que ajude a minha ignorância, acrescentando aqui o muito que me falta. Andam as coisas do serviço de Deus já tão fracas, que é mister guardarem-se as costas uns aos outros, os que O servem, para irem adiante, segundo se tem por bom o andar em vaidades e contentos do mundo. Para estes, há poucos olhos. Mas se um se começa a dar a Deus, há tantos que murmuram, que lhe é necessário buscar companhia para se defender, até que já esteja forte e não lhe pese de padecer. E, se não, ver-se-á em grandes apertos.

Penso que seria por isto que usavam alguns santos ir para os desertos. É um género de humildade o não se fiar de si, mas crer que, em atenção àqueles com quem conversa, o ajudará Deus. Cresce a caridade ao ser comunicado, e há mil bens que eu não ousaria dizer se não tivesse grande experiência do muito que isto importa.

Verdade é que eu sou mais fraca e ruim que todos os nascidos; mas creio não perderá quem, humilhando-se, embora seja forte, não se tenha a si mesmo por tal e creia nisto a quem tenha experiência. De mim sei dizer que, se o Senhor não me descobrisse esta verdade e dado meios para que eu muito de ordinário tratasse com pessoas que têm oração, caindo e levantando-me, eu iria a dar direita ao inferno. Para cair havia muitos amigos que me ajudassem; para levantar-me achava-me tão só que agora me espanto como não estava sempre caída, e louvo a misericórdia de Deus. Era só Ele que me dava a mão.

Seja bendito para sempre. Amen.

## CAPÍTULO 8

*Trata do grande bem que lhe fez não ter deixado de todo a oração para não*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*perder a alma, e quão excelente remédio é para ganhar o perdido. -Persuade a que todos a tenham. - Diz como é grande ganho, embora a tornem a deixar por algum tempo.*

**1.** Não sem motivo ponderei tanto este tempo da minha vida, pois bem vejo que não dará gosto a ninguém ver coisa tão ruim. É certo que quisera eu se aborrecessem os que isto lessem, ao ver uma alma tão pertinaz e ingrata para com Aquele que tantas mercês lhe tem feito; e quisera ter licença para dizer as muitas vezes que neste tempo faltei a Deus.

**2.** Por não estar apoiada nesta forte coluna da oração, passei neste mar tempestuoso quase vinte anos. Ora com estas quedas, ora com levantar-me e mal - pois tornava a cair - e em vida de perfeição baixa, que nenhum caso fazia de pecados veniais; e dos mortais, embora os temesse, não era como devia ser, pois não me apartava dos perigos. Sei dizer que é uma das vidas mais penosas que me parece se pode imaginar; nem gozava de Deus, nem achava contentamento no mundo. Quando estava nos contentamentos do mundo, lembrando-me do que devia a Deus, era com pesar; quando estava com Deus, as afeições do mundo me desassossejavam. Isto é guerra tão penosa que não sei como a pude sofrer um mês, quanto mais tantos anos.

No entanto, vejo claramente, a grande misericórdia que o Senhor me fez: já que havia de tratar com o mundo, que tivesse ânimo para ter oração. Digo ânimo, porque não sei para que coisa, de quantas há na terra, é preciso maior que para atraiçoar o rei, e saber que ele o sabe, e não se lhe tirar da frente. Porque, embora sempre estejamos diante de Deus, parece-me a mim que é de outra maneira os que tratam de oração, porque vêem que os está olhando, e os demais poderá ser que estejam alguns dias sem se lembrarem até que Deus os vê.

**3.** Verdade é que nestes anos houve muitos meses - e creio que alguma vez até um ano - em que me guardava de ofender o Senhor e me dava muito à oração, e fazia algumas e até bastas diligências para não O vir a ofender. Para que tudo o que escrevo vá com toda a verdade, trato disto agora. Mas recordo-me pouco destes dias bons e assim deviam ser poucos e muitos os maus. Momentos intensos de oração, poucos dias passavam sem os ter, a não ser por estar muito mal ou muito ocupada. Quando estava mal, estava melhor com Deus; procurava que as pessoas que tratavam comigo o estivessem também e suplicava-o ao Senhor; falava muitas vezes d'Ele.

Assim, a não ser o ano de que falei, desses vinte e oito - tantos são desde que comecei a ter oração -, mais de dezoito passei-os nesta batalha e



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

contenda de tratar com Deus e com o mundo. Nos demais que agora me ficam por dizer, mudou-se a causa da guerra, embora não tenha sido pequena: mas com estar, ao que penso, ao serviço de Deus e com conhecimento da vaidade que é o mundo, tudo me tem sido suave, como depois direi.

**4.** A razão, pois, porque tanto tenho contado isto, é – como já disse - para que se veja a misericórdia de Deus e a minha ingratidão; e também para que se entenda o grande bem que Deus faz a uma alma dispondo-a para ter oração com vontade. E ainda que não esteja tao disposta como é mister, se nela persevera, por mais pecados e tentações e quedas que de mil maneiras o demónio lhe arme, tenho por certo que, por fim, o Senhor a levará a porto de salvação como, ao que agora parece, me levou a mim. Praza à Sua Majestade que eu não me volte a perder.

**5.** O bem que possui quem se exercita na oração, há muitos santos e almas boas que o têm escrito - digo - da oração mental. Glória seja dada a Deus por isso! E quando assim não fosse, embora eu seja pouco humilde, não sou tão soberba que disto ousasse falar.

Daquilo que tenho experiência, posso dizer que, por males que faça quem começou a ter oração, não a deixe, pois é o meio por onde pode tornar a emendar-se e, sem ela, será muito mais dificultoso. E não o tente o demónio, do mesmo modo que a mim, de a deixar por humildade. Creia que não podem faltar as palavras do Senhor, arrependendo-nos deveras e determinando-nos a não O ofender, Ele volta à amizade que tinha e a fazer as mercês que antes fazia, e, às vezes, muito mais se o arrependimento o merecer.

A quem ainda não a começou, por amor do Senhor lhe rogo, não careça de tanto bem. Não há aqui que temer senão que desejar. Mesmo quando não for avante mas se esforçar a ser perfeito que mereça os gostos e regalos que Deus dá a estes, pouco a pouco irá entendendo o caminho para o Céu; e se persevera, espero eu na misericórdia de Deus, pois ninguém O tomou por amigo que não lho pagasse. E outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade - estando muitas vezes tratando a sós - com quem sabemos que nos ama. E se ainda O não amais (porque para que seja verdadeiro o amor e para que dure a amizade hão-de encontrar-se as condições: a do Senhor já se sabe, não pode ter falta; a nossa é ser viciosa, sensual, ingrata), não podeis por vós mesmas chegar a amá-Lo, porque não é da vossa condição; mas, vendo o muito que vos vai em ter a Sua amizade e o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com Quem é tão

diferente de vós.

**6.** Oh! bondade infinita do meu Deus, que me parece que Vos vejo e me vejo desta sorte! Oh! regalo dos anjos, que toda eu, quando Vos vejo, me quereria desfazer em amar-Vos! Quão certo é sofrerdes Vós a quem não sofre que Vós estejais com ele! Oh! que bom amigo sois, Senhor meu, como o ides regalando e sofrendo e esperais que se afaça à Vossa condição e, entretanto, lhe sofreis Vós a sua! Tomais em conta, meu Senhor, os momentos em que Vos quer, e com um ponto de arrependimento olvidais o que Vos tem ofendido.

Tenho visto isto claramente por mim, e não vejo, Criador meu, por que todo o mundo não procura chegar-se a Vós por meio desta particular amizade; os maus - que não são da Vossa condição - para que os façais bons com o suportarem que Vós estejais com eles, sequer ao menos duas horas cada dia, embora eles não estejam convosco senão com mil revoltas de cuidados e pensamentos do mundo, como eu fazia. Por este esforço que fazem em querer estar em tão boa companhia, pois vedes que de princípio não podem mais, nem depois algumas vezes, forçais Vós, Senhor, os demónios para que não os acometam e cada dia tenham menos força para os tentar, e dais-lha a eles para vencer. Sim, Vida de todas as vidas, que não matais a nenhum dos que se fiam de Vós e Vos querem por amigo, mas lhes sustentais a vida do corpo com mais saúde e a dais à alma.

**7.** Não entendo isto de medo nos que temem começar a ter oração mental, nem sei porque o hão-de ter. Bem no-lo sabe meter o demónio para nos fazer mal de verdade, se com medos me faz não pensar em que ofendi a Deus, no muito que lhe devo, em que há inferno e há glória, e nos grandes trabalhos e dores que passou por mim.

Esta foi toda a minha oração, quando andava nestes perigos. Nisto pensava quando podia; e muitas, muitas vezes, durante alguns anos, tinha mais conta em desejar que se acabasse a hora que eu tinha para mim deter- minado de ali estar e em escutar quando batia o relógio, do que em outras coisas boas. Bastas vezes não sei que penitência grave se me poderia oferecer que eu não a fizesse de melhor vontade que recolher-me a ter oração.

E certo é que era tão incomportável a força que o demónio me fazia ou o meu mau costume para que não fosse à oração, e a tristeza que me dava em entrando no oratório que, para me forçar, era preciso valer-me de todo o meu ânimo que dizem não é pequeno. E tem-se visto mo ter dado Deus muito mais que de mulher (senão que o tenho empregado mal) e por fim, ajudava-me o Senhor.

Depois de eu me ter assim forçado, achava-me com mais quietude e regalo do que algumas vezes que tinha desejo de rezar.

**8.** Pois se, a coisa tão ruim como eu, tanto tempo sofreu o Senhor - e vê- se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

claramente que por aqui se remediaram todos os meus males - que pessoa, por má que seja, poderá temer? Porque por muito que o seja, não o será tantos anos depois de ter recebido tantas mercês do Senhor. E, quem poderá desconfiar, se a mim tanto me suportou, só porque desejava e procurava algum lugar e tempo para que estivesse comigo, e isto algumas vezes sem vontade, e só pela grande força que eu me fazia, ou me fazia o mesmo Senhor? Pois, se aos que não O servem, mas O ofendem, lhes vai tão bem a oração e lhes é tão necessária, e se ninguém pode com verdade encontrar dano que ela lhe possa causar, que seja maior que o de não a ter, os que servem a Deus e O querem servir, porque a hão-de deixar? Por certo que, se não é para passar com mais trabalho os trabalhos da vida, eu não o posso entender; ou então para cerrar a Deus a porta, a fim de que por ela não lhes dê contento. Em verdade lhes tenho lástima, pois à sua custa servem a Deus. Aos que tratam de oração, o mesmo Senhor lhes paga, pois, por um pouco de trabalho dá gosto para que com ele se passem os trabalhos.

**9.** Porque destes gostos que o Senhor dá aos que perseveram na oração muito se tratará mais adiante, nada direi aqui; só digo que para estas mercês tão grandes que a mim me tem feito, a porta é a oração. Fechada esta, não sei como as fará, porque, embora queira entrar a deleitar-se com uma alma e cumulá-la de bens, não terá por onde, pois a quer só e limpa e com grande vontade de receber Seus dons. Se lhe pomos muitos tropeços e não fazemos nada para os tirar, como há-de vir a nós? E queremos que nos faça Deus grandes mercês!

**10.** Para que vejam Sua misericórdia e o grande bem que foi para mim não ter deixado a oração e lição, direi aqui - pois importa tanto que isto se entenda - a bateria que faz o demónio a uma alma, a fim de a ganhar, e o artifício e misericórdia com que o Senhor procura chamá-la de novo a Si, e se guardem dos perigos de que não me guardei. E sobretudo, por amor de Nosso Senhor e pelo grande amor com que nos anda atraindo para que voltemos a Ele, peço que se guardem das ocasiões; uma vez metidas nelas, não há que fiar quando tantos inimigos nos combatem e tantas fraquezas há em nós para nos defendermos.

**11.** Quisera eu saber descrever o cativo em que, nestes tempos, trazia a minha alma. Bem entendia eu que estava cativa, mas não acabava de entender em quê, nem podia de todo crer que coisas que os confessores não me agravavam tanto, fossem tão más como eu o sentia na minha alma. Disse-me um, indo eu a ele com escrúpulos, que embora tivesse subida contemplação, não havia inconveniente em semelhantes ocasiões e tratos.

Isto era já lá para o fim, que eu já ia, com o favor de Deus, afastando-me mais dos grandes perigos, mas sem fugir de todo da ocasião. Como me viam com bons desejos e ocupação de oração, parecia-lhes que fazia muito; mas minha alma entendia que não era fazer aquilo a que estava obrigada por Aquele a quem tanto

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

devia. Lástima lhe tenho agora do muito que passou e do pouco socorro que encontrou por toda a parte, a não ser de Deus, e da muita entrada que tinha para seus passatempos e contentos com o dizerem-lhe que eram lícitos.

**12.** O tormento nos sermões não era pequeno. Era afeioadíssima a eles, de modo que, se via algum pregar com espírito e bem, cobrava-lhe particular afeição, sem o procurar, que não sei quem ma infundia. Quase nunca me parecia tão mau o sermão que não o ouvisse de boa vontade, embora no dizer dos que o ouviam não pregasse bem. Se era bom, era para mim muito particular recreação.

De falar de Deus ou de ouvir falar d'Ele, quase nunca me cansava; e isto depois que comecei a ter oração. Por um lado, tinha grande consolo nos sermões; por outro atormentavam-me, porque ali compreendia eu que não era o que devia ser e, em grande parte, por culpa minha. Suplicava ao Senhor que me ajudasse, mas, devia faltar - ao que agora me parece - o não pôr eu de todo a confiança em Sua Majestade nem perder totalmente a que punha em mim. Buscava remédio, fazia diligências; mas não devia compreender que tudo aproveita pouco se, perdida totalmente a confiança em nós mesmos, não a pomos em Deus.

Desejava viver, pois bem entendia que não vivia, antes pelejava com uma sombra de morte e não havia quem me desse vida nem a podia eu tomar. E Quem ma podia dar tinha razão de não me socorrer, pois tantas vezes me havia chamado a Si e eu O havia deixado.

### CAPÍTULO 9

*Trata por que meios começou o Senhor a despertar a sua alma e a iluminá-la em tão grandes trevas e a fortalecer a sua virtude para não O ofender.*

**1.** Andava pois já a minha alma cansada e, embora quisesse, não a deixavam descansar os ruins costumes que tinha. Aconteceu-me que, entrando eu um dia no oratório, vi uma imagem, que para ali trouxeram a guardar; tinham-na ido buscar para certa festa que se fazia na casa. Era a de Cristo muito chagado e tão devota que, ao pôr nela os olhos, toda eu me perturbei por O ver assim, porque representava bem o que passou por nós. Foi tanto o que senti por tão mal Lhe ter agradecido aquelas chagas, que o coração, me parece, se me partia e arrojé-me junto d'Ele com grandíssimo derramamento de lágrimas, suplicando-Lhe me fortalecesse de uma vez para sempre para não O ofender.

**2.** Eu era muito devota da gloriosa Madalena e muitas, muitas vezes, pensava na sua conversão, em especial quando comungava. Como sabia de certeza que o Senhor estava ali dentro de mim, punha-me a Seus pés, parecendo-me que não eram de rejeitar as minhas lágrimas; nem mesmo sabia o que dizia, que muito fazia Ele

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

consentindo que eu as derramasse por Sua causa, pois tão depressa olvidava aquele sentimento. Encomendava-me àquela gloriosa Santa para que me alcançasse perdão.

**3.** Mas, esta última vez, desta imagem que digo, parece-me que me aproveitou mais, porque estava já muito desconfiada de mim e punha toda a minha confiança em Deus. Penso que Lhe disse então que não me levantaria dali até que fizesse o que Lhe suplicava. Creio certamente que me aproveitou, porque fui melhorando muito desde então.

**4.** Tinha eu este modo de oração: como não podia discorrer com o entendimento, procurava representar Cristo dentro de mim e sentia-me melhor - a meu parecer - nos passos onde O encontrava mais só. Parecia-me que, estando só e aflito, como pessoa necessitada, me havia de admitir a mim. Destas simplicidades tinha eu muitas.

Em especial achava-me muito bem na oração do Horto; ali era o fazer-Lhe eu companhia. Pensava naquele suor e aflição que ali tinha tido. Se pudesse, desejaria limpar-Lhe aquele tão penoso suor, mas recorro-me de que jamais ousava determinar-me a fazê-lo, pois se me representavam os meus tão graves pecados. Ficava-me ali com Ele o mais que me permitiam meus pensamentos, porque eram muitos os que me atormentavam. Muitos anos, a maior parte das noites, antes que adormecesse, quando para dormir me encomendava a Deus, pensava sempre um pouco neste passo da oração do Horto, ainda mesmo antes de ser freira, porque me disseram que se ganhavam muitos perdões. Tenho para mim que assim ganhou muito a minha alma, porque comecei a ter oração sem saber que coisa era e já o costume tão assente em mim me fazia não a deixar, bem como de me persignar para dormir.

**5.** Voltando ao que dizia do tormento que me davam os pensamentos, este modo de proceder sem discurso do entendimento tem isto: a alma há-de estar ou com muito ganho ou perdida: digo perdida por não poder considerar. Em aproveitando, aproveita muito, porque é em amar. Mas, para chegar aqui, é muito à sua custa, salvo as pessoas a quem o Senhor quer muito em breve fazer chegar à oração de quietude, e conheço algumas. Para as que vão por este caminho é bom ter um livro para depressa se recolherem. Aproveitava-me também a mim, ver o campo, água ou flores. Nestas coisas encontrava eu memória do Criador; digo que me despertavam e recolhiam e serviam de livro, tal como pensar na minha ingratidão e pecados. Em coisas do Céu e em coisas sublimes, era meu entendimento tão grosseiro, que nunca jamais as pude imaginar até que - por outro modo - o Senhor mas representou.

**6.** Tinha tão pouca habilidade para representar coisas com o entendimento que, se não era o que via, não me aproveitava nada da minha imaginação, como fazem

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

outras pessoas que se podem servir dela a fim de se recolherem. Eu só podia pensar em Cristo como homem; assim, jamais O pude representar em mim por mais que lesse da Sua formosura e visse imagens. Era eu como quem está cego ou às escuras que, embora falando com uma pessoa e sentindo que está com ela - porque sabe de certeza que está ali, digo que percebe e crê que está ali - não a vê. Desta maneira me acontecia a mim quando pensava em Nosso Senhor. Por esta razão, era eu tão amiga de imagens. Desventurados os que, por sua culpa, perdem este bem! Até parece que não amam o Senhor, porque, se O amassem, folgariam de ver Seu retrato, tal como nos dá contentamento ver o de uma pessoa a quem se quer bem.

**7.** Por este tempo, deram-me as «Confissões» de Santo Agostinho. Parece que o Senhor assim o ordenou, porque eu não as procurei nem nunca as tinha visto. Sou muito afeiçoada a Santo Agostinho, porque o mosteiro onde estive de secular era da sua Ordem; e também por ter sido pecador. Nos Santos que, depois de o terem sido, o Senhor voltou para Si, achava eu muito consolo, parecendo-me que neles havia de encontrar ajuda; e assim como o Senhor lhes havia perdoado, podia fazer a mim. Uma coisa me desconsolava, como disse; a eles, o Senhor só uma vez havia chamado e não voltavam a cair; a mim eram já tantas, que isto me afligia. Mas pensando no amor que me tinha, tornava a animar-me, pois da Sua misericórdia jamais desconfie; de mim, muitas vezes.

**8.** Oh! valha-me Deus, como me espanta a dureza da minha alma, apesar de ter tido tantas ajudas de Deus! Faz-me andar temerosa ao ver o pouco que eu podia e quão atada me via para não me determinar a dar-me de todo a Deus.

Quando comecei a ler as «Confissões», parecia-me ver-me eu ali. Comecei a encomendar-me muito a este glorioso Santo. Quando cheguei à sua conversão e li como ouviu aquela voz no jardim, não me parecia senão que o Senhor me falava a mim; de tal modo o senti o meu coração. Estive um grande bocado que toda me desfazia em lágrimas, e dentro de mim mesma com grande aflição e fadiga.

Oh! o que sofre uma alma, valha-me Deus, por perder a liberdade que havia de ter de ser senhora, e que tormentos padece! Eu me admiro agora como podia viver em tanto tormento. Seja Deus louvado, que me deu vida para sair de morte tão mortal!

**9.** Parece-me que a minha alma ganhou tantas forças da Divina Majestade, que deve ter ouvido meus clamores e ter tido dó de tantas lágrimas. Começou a crescer em mim a disposição de estar mais tempo com Ele e a tirarem-se-me dos olhos as ocasiões; porque, uma vez afastadas estas, logo voltava a amar Sua Majestade. Bem entendia eu, a meu ver, que O amava, mas não compreendia em que consiste o amar deveras a Deus, como o devia entender.

Parece-me que não acabava eu de me dispor a querê-Lo servir, quando Sua

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Majestade começava a tornar-me a mimosar. Não me parece senão que, o que os outros procuram com grande trabalho adquirir, instava o Senhor comigo para que eu o quisesse receber, dando-me já, nestes últimos anos, gostos e regalos. Suplicar eu que mos desse, ou ternura ou devoção, jamais a isso me atrevi; só Lhe pedia que me desse graça para não O ofender e perdoasse meus grandes pecados. Como os via tão grandes, nem sequer ousava advertidamente desejar regalos ou gostos. Muito, achava eu, fazia Sua piedade; e na verdade fazia-me muita misericórdia consentindo-me diante de Si e trazendo-me à Sua presença, pois bem via que, se Ele tanto o não procurasse, eu por mim não iria.

Só uma vez na minha vida me recorro de Lhe pedir gostos, estando com muita aridez e, como adverti no que fazia, fiquei tão confusa, que a mesma pena de me ver tão pouco humilde, me deu o que me atrevera a pedir. Bem sabia que me era lícito pedi-los, mas parecia-me sê-lo para os que estão dispostos, tendo procurado com todas as suas forças o que é verdadeira devoção, ou seja, não ofender a Deus e estar prontos e determinados para todo o bem.

Achava que aquelas minhas lágrimas eram mulheris e sem força, pois não alcançava com elas o que desejava. Contudo, creio que me valeram; porque, como digo, em especial depois destas duas vezes de tão grande compunção, lágrimas e dor de meu coração, comecei a dar-me mais à oração e a tratar menos de coisas que me fizessem mal; ainda que não as deixasse de todo - mas, como digo - , foi-me ajudando Deus a desviar-me delas.

Como Sua Majestade não estava à espera senão de alguma disposição em mim, foram crescendo as mercês espirituais da maneira que direi. Coisa não habitual é dá-las o Senhor, senão aos que estão em mais pureza de consciência.

### CAPÍTULO 10

*Começa a declarar as mercês que o Senhor lhe fazia na oração. Como nos podemos ajudar e o muito que importa que entendamos as mercês que o Senhor nos faz. - Pede a quem envia esta relação da sua vida que fique no segredo o que escrever daqui em diante, já que lhe mandam declarar em pormenor as mercês que lhe faz o Senhor.*

**1.** Tinha eu algumas vezes, como já disse, embora com muita brevidade, o começo do que agora direi. Acontecia-me, nesta representação que eu me fazia de me pôr ao pé de Cristo - da qual já falei - e até algumas vezes lendo, vir-me a desoras um tal sentimento da presença de Deus, que de nenhuma maneira podia duvidar que estivesse dentro de mim e eu toda engolfada n'Ele.

Isto não era a modo de visão. Creio ser o que se chama *mística teologia*. Suspende a alma de maneira que toda parece estar fora de si. Ama a vontade, a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

memória - segundo julgo - está quase perdida, o entendimento não discorre, a meu parecer, mas não se perde; no entanto, como digo, não trabalha, senão que está como que espantado do muito que alcança; porque quer Deus entenda, que daquilo que Sua Majestade lhe representa, nenhuma coisa entende.

**2.** Primeiro tinha tido mui de contínuo uma ternura que, em parte, algo dela - ao que me parece - se pode procurar. É um regalo que nem é de todo bem sensível, nem é bem espiritual. Tudo é dado por Deus. Mas penso que para isto podemos contribuir muito, considerando nossa baixeza e a ingratidão que temos para com Deus, o muito que fez por nós, Sua Paixão com tão graves dores, Sua vida tão atormentada; e deleitando-nos de ver Suas obras, Sua grandeza, o quanto nos ama e outras muitas coisas em que tropeça muitas vezes quem com cuidado quer aproveitar, embora não ande com muita advertência. Se, a par disto, há algum amor, regala-se a alma, enternece-se o coração, vêm as lágrimas. Algumas vezes parece que as arrancamos à força, outras que o Senhor no-las dá para não podermos resistir. Parece que nos paga Sua Majestade aquele cuidadito com um dom tão grande como é o consolo que dá a uma alma ver que chora por tão grande Senhor; e não me espanto, pois lhe sobra razão de se consolar. Ali se regala, ali folga.

**3.** Parece-me bem esta comparação que agora se me oferece: estes gozos de oração são como os que devem ter aqueles que estão no Céu, pois, como não vêm mais do que o Senhor - conforme ao que merecem - quer que vejam e vêem seus poucos méritos, cada um está contente no lugar onde está. E isto, apesar de haver tão grande diferença entre gozar e gozar no Céu, muito mais do que aqui há duns gozos espirituais a outros, que é grandíssima.

E, verdadeiramente, uma alma, ainda no princípio, quando Deus lhe faz esta mercê, quase lhe parece que já nada mais há a desejar e dá-se por bem paga de tudo quanto tem servido. E tem sobrada razão: pois uma lágrima destas que, como digo, quase nos esforçamos por ter - embora sem Deus não se faça coisa alguma -, parece-me a mim que nem com todos os trabalhos do mundo se pode comprar, porque com elas se ganha muito. E que maior ganho que o de ter algum testemunho de contentarmos a Deus?

Assim, quem aqui chegar, louve-O muito, reconheça-se por muito devedor, porque já parece que o Senhor o quer para Sua casa e escolhido de Seu reino, se não volta atrás.

**4.** Não se preocupe dumas humildades que há - das quais penso tratar - que lhes parece humildade não entender que o Senhor lhes vai dando dons. Compreendamos bem bem como isto é, que no-los dá Deus sem nenhum merecimento nosso e agradeçamo-lo a Sua Majestade; porque, se não conhecermos que recebemos, não nos estimulamos a amar. E é coisa muito certa que, quanto mais nos virmos ricos, reconhecendo que somos pobres, mais proveito nos advirá, e até mesmo mais



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

verdadeira humildade. O resto é acobardar o ânimo e dar-lhe a entender que não é capaz de grandes bens e, começando o Senhor a dar-lhos, começa-se a atemorizar com medo de vanglória.

Creiamos que, Quem nos dá os bens, nos dará graça para que, começando o demónio a tentar neste ponto, o entendamos e nos fortaleça para resistir; digo, se andamos com lhaneza diante de Deus, pretendendo contentá-Lo só a Ele e não aos homens.

**5.** É coisa muito sabida amarmos mais uma pessoa quando muito nos lembramos das boas obras que nos faz. Pois, se é lícito e tão meritório, termos sempre na memória que de Deus temos o ser e que nos criou do nada e nos sustenta e de todos os mais benefícios da Sua morte e trabalhos, que muito antes de nos criar já os tinha feito por cada um dos que agora vivem, por que não será lícito reconhecer e ver e considerar muitas vezes que costumava falar em vaidades e agora me concedeu o Senhor que não queira falar senão d'Ele? Eis aqui uma jóia que, lembrando-nos que é dada e que já a possuímos, forçosamente convida a amar: este é o fruto da oração fundada na humildade.

Pois, que será quando virem em seu poder outras jóias mais preciosas, como têm já recebido alguns servos de Deus de menosprezo do mundo e até de si mesmos? É claro que se hão-de ter por mais devedores e mais obrigados a servir e entender que não tinham nada disto e a reconhecer a liberalidade do Senhor. A uma alma tão pobre e ruim e de nenhum merecimento como a minha, que bastava a primeira destas jóias e sobrava para mim, quis dar-me mais riquezas do que eu pudera desejar.

**6.** É mister haurir daqui forças de novo para servir e procurar não ser ingrato porque, com essa condição, as dá o Senhor. Se não usamos bem do tesouro e do alto estado em que nos põe, Ele no-lo tornará a tirar e ficaremos muito mais pobres; e Sua Majestade dará as jóias a quem com elas brilhe e aproveite a si e aos outros.

Pois, como aproveitará e gastará com largueza quem não entende que está rico? É impossível -, a meu parecer -, dada a nossa natureza, ter ânimo para grandes coisas quem não compreende que é favorecido por Deus. É que somos tão miseráveis e tão inclinados às coisas da terra, que mal poderá aborrecer, de facto, tudo o que é cá de baixo e com grande desapego, quem não entender que tem algum penhor lá de cima. É com estes dons que o Senhor nos dá a fortaleza que perdemos com os nossos pecados. E, como poderá desejar que todos se descontentem com ele e o aborreçam, e como praticará todas as demais grandes virtudes que possuem os perfeitos quem não tiver alguma prova do amor que Deus lhe tem, juntamente com uma fé viva? E tão falho de vida este nosso natural que nos deixamos levar pelo que vemos presente; assim estes mesmos favores são os que despertam a fé e a fortalecem. Bem pode ser que eu, como sou tão ruim, julgue

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

por mim. Outros haverá que não precisem mais que da verdade da fé para fazer obras muito perfeitas; mas eu, como miserável, de tudo isto tenho precisado.

**7.** Estes, eles o dirão. Eu digo o que passou por mim, conforme me mandaram. Se não estiver bem, rasgá-lo-á aquele a quem isto envio; melhor de que eu, saberá entender o que vai mal. A este suplico, por amor do Senhor, que o que até aqui tenho dito da minha ruim vida e pecados, o publique; desde já lhe dou licença, e a todos os meus confessores, que também o é aquele para quem isto vai. E se quiserem, já em minha vida, para que não se engane mais o mundo, pois pensa que há algum bem em mim. E certo certo, com verdade digo, pelo que agora entendo de mim: dar-me-á grande consolo.

Para o que de aqui em diante disser, não a dou; nem quero, se a alguém o mostrarem, digam quem é, por quem isto passou, nem quem o escreveu. Por isso não me nomeio, nem a ninguém; mas escreverei tudo o melhor que puder para não ser conhecida. E isto, peço-o por amor de Deus. Bastam pessoas tão letradas e graves para autorizar alguma coisa boa, se o Senhor me der graça para a dizer, porque, se o for, será Sua e não minha; pois eu, nem tenho letras, nem boa vida, e não sou ajudada por letrado nem por pessoa alguma. Só os que mandaram escrever sabem que o escrevo, e ao presente não estão aqui. É quase furtando o tempo e com pena, porque me estorva de tecer, e estou em casa pobre e com muitas ocupações. Ainda assim, se o Senhor me tivesse dado mais habilidade e memória, eu poder-me-ia aproveitar do que tenho ouvido ou lido, mas é pouquíssima a que tenho. Se, pois, algo de bom eu disser, é que o Senhor o quererá para algum bem; o que for mal será meu e V. Mercê o tirará.

Para uma e outra coisa nenhum proveito tem o dizer o meu nome. Em vida, está claro que se não há-de dizer o bem; depois de morta, não há para quê, a não ser para perder autoridade o bem e não se lhe dar nenhum crédito, por ser dito de pessoa tão baixa e tão ruim.

**8.** E por pensar que V. Mercê fará isto que por amor do Senhor lhe peço e os demais que o hão-de ver, escrevo com liberdade; de outro modo teria grande escrúpulo, menos de dizer meus pecados que, para isto não tenho nenhum. No mais, basta ser mulher para me caírem as asas, quanto mais mulher e ruim. E, assim, tudo o que for mais do que dizer simplesmente a história da minha vida, tome-o V. Mercê só para si - pois tanto me tem importunado para que escreva alguma declaração das mercês que Deus me faz na oração - se for conforme às verdades da nossa santa fé católica. E se não, V. Mercê queime-o logo, que a isto me sujeito. Direi, pois, o que se passa em mim para que, sendo conforme a isto, lhe possa ser de algum proveito e, se não for, desenganará a minha alma para que não ganhe o demónio onde parece que ganho eu. Bem sabe o Senhor, como depois direi, que sempre tenho procurado buscar quem me ilumine.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**9.** Por mais claramente que eu queira dizer estas coisas de oração, será bem escuro para quem não tiver experiência. Alguns impedimentos direi que, a meu entender, não deixam ir adiante neste caminho, e outras coisas em que há perigo, e do que o Senhor me tem ensinado por experiência, e que depois tratei com grandes letrados e pessoas espirituais de há muitos anos. E vêem que em só vinte e sete anos - que há que tenho oração - e apesar de andar em tantos tropeços e tão mal este caminho -, me tem dado Sua Majestade a experiência como a outros em quarenta e sete e em trinta e sete, que têm caminhado por ele com penitência e grande virtude.

Seja bendito por tudo e sirva-se de mim, por Quem é Sua Majestade, que bem sabe o meu Senhor que não pretendo outra coisa nisto, senão que seja louvado e engrandecido um pouquinho por se ver que, em um muladar tão sujo e de mau odor, se fizesse horto de tão suaves flores. Praza a Sua Majestade, que por minha culpa, não as torne eu a arrancar e volte a ser o que era. Isto peço, por amor do Senhor, que o peça V. Mercê, pois sabe quem eu sou com mais clareza do que me deixou aqui dizer.

### CAPÍTULO 11

*Diz a razão por que não se ama a Deus com perfeição em breve tempo. – Começa a declarar, por uma comparação, quatro graus de oração. – Vai tratando aqui do primeiro. – É muito proveitoso para os que começam e para os que não têm gostos na oração.'*

**1.** Falando agora dos que começam a ser servos do amor - porquanto não me parece outra coisa o determinarmos-nos a seguir neste caminho da oração a Quem tanto nos amou – é uma dignidade tão grande que me regalo estranhamente em pensar nela; porque o temor servil logo desaparece se, neste primeiro estado, vamos como devemos ir. Oh! Senhor da minha alma e Bem meu! Por que não quisestes que, em se determinando uma alma a amar-Vos fazendo quanto pode no deixar tudo para melhor se empregar neste amor de Deus, ela logo gozasse ao subir à posse deste amor perfeito? Disse mal: deveria ter dito e queixar-me por nós não querermos, pois toda a culpa é nossa de não se gozar logo de tão grande dignidade. Pois, em se chegando a ter este verdadeiro amor de Deus com perfeição, ele traz consigo todos os bens. Fazemo-nos, no entanto, tão difíceis e somos tão tardios em nos darmos de todo a Deus que, como Sua Majestade não quer que gozemos de coisa tão preciosa senão a grande preço, não acabamos de nos dispor.

**2.** Bem vejo que não há com que se possa comprar na terra tão grande bem; mas, se fizéssemos o que podemos em não nos apegarmos às coisas dela, e todo o nosso cuidado e trato fosse no Céu, creio sem dúvida que, muito em breve se nos daria este bem, se, em breve, de todo nos dispuséssemos, como alguns santos o fizeram.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas, parecendo-nos que damos tudo, oferecemos a Deus a renda e os frutos e ficamo-nos com a raiz e a posse. Determinámo-nos a ser pobres – e é de grande merecimento – mas muitas vezes tornamos a ter cuidados e fazemos diligência para não nos faltar, não só o necessário, senão também o supérfluo, e em procurar amigos que no-los dêem. E assim pomo-nos em maior cuidado e, porventura, perigo, para que nada nos falte do que antes tínhamos em possuir a fazenda.

Parece também que renunciámos à honra de ser religiosos ou ao ter já começado a ter vida espiritual e a seguir a perfeição, e não nos têm ainda tocado num ponto de honra, quando nos esquecemos que já a demos a Deus e nos queremos tornar a adornar com ela e a tomar-lha - como dizem - das mãos. E depois de O termos - de livre vontade, ao que parece - feito Senhor dela...! Assim é com todas as outras coisas.

**3.** Estranha maneira de buscar amor de Deus! E logo o queremos às mãos cheias, como se costuma dizer. Temos as nossas afeições, visto que não procuramos efectuar nossos desejos, nem acabamos de os levantar da terra e, muitas consolações espirituais, não está bem nem me parece que se coadune uma coisa com a outra. E assim, porque se não acaba de dar tudo junto, não se nos dá por junto este tesouro. Praza ao Senhor que, gota a gota, no-lo dê Sua Majestade, embora seja custando-nos todos os trabalhos do mundo.

**4.** Muito grande misericórdia faz Ele a quem dá graça e ânimo para se determinar a procurar este bem com todas as forças, porque, quando se persevera, não se nega Deus a ninguém. Pouco a pouco vai habilitando o ânimo para que se saia com esta vitória. Digo ânimo, porque são tantas as dificuldades que não comecem o demónio apresenta a princípio para que não comecem de facto este caminho, como quem sabe o dano que daqui lhe vem, porque não só perde aquela alma senão muitas. Se o que começa se esforça, com o favor de Deus, para chegar ao cume da perfeição, creio que jamais vai sozinho ao Céu; sempre leva muita gente atrás de si; como a bom capitão, dá-lhe Deus quem vá em sua companhia.

Põe-lhe diante o demónio tantos perigos e dificuldades, que é mister não pouco ânimo para não voltar atrás, senão mui muito e muito favor de Deus.

**5.** Falando, pois, dos primeiros tempos dos que já estão determinados a prosseguir este bem e a sair-se com esta empresa (que do resto, do que comecei a dizer de *mística teologia* - creio que se chama assim - falarei mais adiante), é nestes primeiros tempos que têm o maior trabalho; porque são eles os que trabalham, conquanto seja o Senhor a dar-lhes os meios para isso. Nos outros graus de oração o mais é prazer, ainda que, primeiros, medianos e últimos, todos levem suas cruzes embora diferentes. Por este caminho, por onde foi Cristo, hão-de ir os que O seguem, se não se querem perder; e bem-aventurados trabalhos que ainda cá nesta

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

vida tão sobejamente se pagam.

**6.** Terei de me aproveitar de alguma comparação, embora as quisesse escusar por ser mulher e escrever simplesmente o que me mandam; mas esta linguagem de espírito é tão má de declarar aos que não têm letras, como eu, que terei de buscar algum meio e poderá ser que as mais vezes não acerte com a comparação; servirá para dar recreação a V. Mercê ver tanta ignorância.

Parece-me agora ter lido ou ouvido esta comparação, que, como tenho má memória, nem sei onde nem a que propósito; mas, para o meu, contenta-me agora. Há-de fazer conta, quem principia, que começa a plantar um horto em terra muito infrutífera, que tem muito más ervas, para que nele se deleite o Senhor. Sua Majestade arranca as más ervas e vai plantando as boas. Façamos pois de conta que isto já está feito quando uma alma se determina a ter oração e já dela começou a usar. Com a ajuda de Deus, devemos procurar, como bons hortelãos, que cresçam estas plantas e ter cuidado de as regar para que se não percam, mas que venham a dar flores de grande olor, a fim de recrear a este Senhor nosso e Ele venha deleitar-Se muitas vezes a este horto e a gozar entre estas virtudes.

**7.** Pois vejamos agora de que maneira se pode regar, para que entendamos o que temos de fazer, o trabalho que nos há-de custar, se é maior que o ganho, e quanto tempo se há-de ter.

Parece-me a mim que se pode regar de quatro maneiras:

- ou com tirar água dum poço, que é à custa de grande trabalho;
- ou com nora e alcatruzes, em que se tira com um torno (tenho-a tirado assim algumas vezes) e é com menos trabalho que estoutro e tira-se mais água;
- ou de um rio ou arroio, e com isto se rega muito melhor, pois fica mais farta a terra de água e não é preciso regar tão amiúde, e é com muito menos trabalho do hortelão;
- ou com chover muito, que a rega o Senhor sem trabalho nenhum nosso e é sem comparação muito melhor que tudo o que ficou dito.

**8.** Agora, pois, aplicar estas quatro maneiras de ter água, com que se há-de sustentar este horto - porque, sem ela, perder-se-á -, é o que a mim me faz ao caso. Pareceu-me poder assim declarar algo de quatro graus de oração em que o Senhor, por Sua bondade, tem posto algumas vezes a minha alma. Praza a Sua bondade eu atine a dizê-lo de maneira que aproveite a uma das pessoas que me mandaram escrever. A esta tem-na o Senhor levado - em quatro meses - muito mais adiante do que eu estava ao fim de dezassete anos. Tem-se disposto melhor e assim, sem trabalho seu, rega este vergel com todas estas quatro águas, embora a última ainda não lhe seja dada senão a gotas; mas vai de modo a depressa se engolfar nela, com a ajuda do Senhor. Gostarei que se ria, se lhe parecer desatino a maneira de o

declarar.

**9.** Dos que começam a ter oração, podemos dizer que são os que tiram água do poço. É muito à sua custa, como tenho dito, porque se hão-de cansar em recolher os sentidos e, como estão acostumados a andar distraídos, é forte trabalho. Têm necessidade de se irem acostumando a não se lhes dar nada de ver nem de ouvir, e até mesmo de o pôr por obra nas horas de oração, de estar em soledade e, apartados de tudo, pensar na sua vida passada embora isto, no entanto, primeiros e últimos, todos o hão-de fazer muitas vezes; ainda que haja mais e menos neste pensar, como depois direi. Ao princípio ainda lhes dá pesar, porque não acabam de perceber se se arrependem dos pecados; e, sim, que o fazem, pois se determinam a servir a Deus tão deveras. Hão-de procurar pensar na vida de Cristo e cansa-se nisto o entendimento.

Até aqui nós o podemos conseguir por nós mesmos, entende-se com o favor de Deus, pois sem ele já se sabe que nem podemos ter um bom pensamento. Isto é começar a tirar água do poço, e praza ainda a Deus que a haja! Ao menos não falta por nossa parte, pois a vamos tirar e fazemos o que podemos para regar estas flores. E é Deus tão bom que, quando por motivos que Sua Majestade sabe – e porventura para grande proveito nosso –, Ele quer que o poço esteja seco, mesmo sem água sustenta as flores e faz crescer as virtudes, fazendo nós, como bons hortelãos, o que está em nossas mãos. Chamo aqui água às lágrimas, e, embora não as haja, à ternura e ao sentimento interior de devoção.

**10.** Que fará pois, aqui, quem vê durante muitos dias que não há mais que secura e desgosto e dissabor, e sente tão má vontade para vir tirar água? Pois, tudo deixaria se não se lembrasse que dá prazer e serve ao Senhor da horta, e não olhasse a não perder tudo quanto já serviu, e ainda ao que espera ganhar com o grande trabalho que é deitar muitas vezes o balde ao poço e tirá-lo sem água? E muitas vezes lhe acontecerá até nem para isto se lhe alçarem os braços, nem poder ter um bom pensamento, porque este trabalhar com o entendimento – entendido está - é o tirar a água do poço.

Pois, como digo, que fará aqui o hortelão? Alegrar-se e consolar-se e ter por grandíssima mercê o trabalhar em horto de tão grande Imperador. E visto saber que O contenta naquilo, e seu intento não há-de ser de contentar-se a si mesmo senão a Ele, louve-O muito; o Senhor tem nele confiança pois vê que, sem pagar-lhe nada, tem tão grande cuidado do que lhe encomendou. Ajude-O a levar a cruz e pense que toda a vida nela viveu. Não queira aqui seu reino, nem deixe jamais a oração; e assim determine-se - embora esta aridez lhe dure toda a vida - a não deixar Cristo cair sob o peso da cruz. Tempo virá em que se lhe pague tudo por junto. Não tenha medo de perder o trabalho. A bom amo serve, para ele está olhando. Não faça caso

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

de maus pensamentos; olhe que também os representava o demónio a São Jerónimo no deserto.

**11.** Têm seu preço estes trabalhos, que, como quem os passou muitos anos, são grandíssimos, quando tirava uma gota de água deste bendito poço pensava que me fazia Deus mercê. E parece-me que para estes trabalhos é mister mais ânimo de que para outros muitos do mundo. Mas tenho visto claramente que Deus não os deixa sem grande prémio ainda nesta vida, pois é bem certo que, numa só hora das que, desde então para cá, o Senhor de Si mesmo me tem dado a gostar, ficam - a meu parecer - pagas todas as angústias que passei muito tempo para me manter em oração.

Tenho para mim que o Senhor quer dar muitas vezes no princípio, e outras vezes no fim, estes tormentos e outras muitas tentações que se oferecem, para experimentar a Seus amadores e saber se poderão beber o cálice e ajudá-Lo a levar a cruz, antes de lhes confiar grandes tesouros. E para bem nosso, creio, quer Sua Majestade levar-nos por aqui, para entendermos bem o pouco que somos. É que depois as mercês são de tão grande dignidade, que antes que no-las dê, quer que - por experiência - vejamos primeiro a nossa miséria, para que não nos aconteça como a Lúcifer.

**12.** Que fazeis Vós, Senhor meu, que não seja para maior bem da alma que entendeis já ser Vossa e que se põe em Vosso poder para seguir-Vos por onde fordes até à morte da cruz, e que está determinada a ajudar-Vos a levá-la e a não Vos deixar só com ela?

Quem vir em si esta determinação, não, não tem que temer! Gente espiritual não tem de que se afligir; postos já em tão alto grau, como é querer tratar a sós com Deus e deixar os passatempos do mundo, o mais difícil está feito. Louvai por isto a Sua Majestade e confiai na Sua bondade, porque nunca faltou a Seus amigos. Tapai os olhos para não pensar, porque dá devoção àquele em tão poucos dias, e não a mim em tantos anos. Acreditemos que é tudo para maior bem nosso. Leve-nos Sua Divina Majestade por onde quiser; já não somos nossos, senão Seus. Grande mercê nos faz em querer que queiramos cavar no horto do qual é Senhor e permanecermos junto d'Ele que, de certeza, está connosco. Se Ele quer que cresçam estas plantas e flores, a uns, com dar-lhes água que tiram deste poço, a outros, sem ela, que se me dá a mim? Fazei, Senhor, o que quiserdes, não Vos ofenda eu, não se percam as virtudes, se alguma já me destes, só por Vossa bondade. Padecer quero, Senhor, pois Vós padecestes. Cumpra-se em mim de todas as maneiras a Vossa vontade e não praza a Vossa Majestade que coisa de tanto preço, como Vosso amor, se dê a gente que Vos serve só por gostos.

**13.** Há-de-se notar muito - e digo-o porque o sei por experiência- que a alma que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

neste caminho espiritual de oração mental começa a caminhar com determinação e pode por si mesma conseguir não fazer muito caso, nem de se consolar nem desconsolar muito, quer lhe faltem estes gostos e ternura, quer lhos dê o Senhor, tem já andado grande parte do caminho. Não tenha medo de voltar atrás, por mais que tropece, porque o edifício vai começado em firme fundamento. Sim, não está o amor de Deus em ter lágrimas nem nestes gostos e ternura, que na maior parte os desejamos e consolamos com eles, mas sim em servi-Lo com justiça e fortaleza de ânimo e humildade. Mais me parece isto receber, que darmos nós alguma coisa.

**14.** Para mulherzitas como eu, fracas e com pouca fortaleza, parece-me convir o que Deus agora faz comigo: levar-me com regalos para que possa sofrer alguns trabalhos que Sua Majestade tem querido dar-me. Mas que servos de Deus, homens de tomo, de letras, de entendimento, façam tanto caso como vejo fazer, de que Deus não lhes dá devoção sensível, dá-me desgosto ouvir. Não digo que não a tomem, se Deus lha der, e a tenham em muito, porque então terá Sua Majestade visto que convém; mas, quando a não tiverem, não se aflijam e entendam que não é necessária, pois Sua Majestade não a dá, e andem senhores de si. Creiam que é falta; eu o tenho experimentado e visto. Creiam que é imperfeição e não andar com liberdade de espírito, senão fracos para acometidas.

**15.** Isto não o digo tanto para os que começam, (embora faça tanto finca - pé nisto, porque lhes importa muito começar com esta liberdade e de- terminação), mas para outros; pois haverá muitos, e há realmente, que começaram e nunca mais acabam. E creio ter nisto grande parte este não abraçar a cruz desde o princípio, e andarão aflitos parecendo-lhes que não fazem nada! Em deixando de obrar o entendimento, não o podem sofrer e, porventura, é então que medra a vontade e cobra forças e eles não o entendem.

Temos de pensar que o Senhor não olha a estas coisas, que embora a nós nos pareçam faltas, não o são. Sua Majestade conhece a nossa miséria e baixo natural bem melhor do que nós mesmos, e sabe que estas almas já desejam pensar n'Ele e amá-Lo sempre. Esta determinação é o que Ele quer; estoutra aflição, que nos damos a nós mesmos, não serve senão para inquietar a alma e, se havia de estar incapaz de aproveitar durante uma hora, esteja quatro. Porque, muitas vezes nasce da indisposição corporal. Tenho grandíssima experiência disto e sei que é verdade, porque o tenho observado com cuidado e tratado depois com pessoas espirituais. Somos tão miseráveis que, a encarceradita desta pobre alma participa das misérias do corpo. As mudanças do tempo e a variabilidade de humores muitas vezes fazem que, sem culpa sua, não possa fazer o que quer, mas que padeça de todas as maneiras. E quanto mais a quiserem então forçar, pior é e mais dura o mal; haja, pois, discricção para ver quando assim é e não afoquem a pobre. Entendam que são



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

enfermos; mude-se a hora da oração e muitas vezes será alguns dias. Passem como puderem este desterro, que farta má ventura é a de uma alma que ama a Deus, ver que vive nesta miséria e que não pode o que quer, por ter a tão mau hóspede, como é este corpo.

**16.** Disse "com discrição", porque algumas vezes o demónio fará isto; e assim é bom nem sempre deixar a oração, quando há grande distraimento e perturbação no entendimento, nem sempre atormentar a alma obrigando-a ao que não pode.

Há outras ocupações exteriores, de obras de caridade e de leitura, mas às vezes nem mesmo para isto estará. Sirva então ao corpo por amor de Deus, para que ele sirva outras muitas vezes a alma; e tome alguns passatempos santos de conversação - que o sejam - ou ir passear ao campo, conforme aconselhar o confessor. Em tudo é grande coisa a experiência, pois dá a entender o que nos convém e em tudo se se serve a Deus. Suave é Seu jugo e é grande negócio não levar a alma arrastada, como se diz, mas com suavidade, para seu maior aproveitamento.

**17.** Assim, torno a avisar - e ainda que o diga muitas vezes nada se perde com isso - pois importa muito: de securas, de inquietação e distraimento nos pensamentos, ninguém se deprima nem aflija. Se quer ganhar liberdade de espírito e não andar sempre atribulado, comece por não se espantar com a cruz e verá como o Senhor também lha ajuda a levar, e o contento com que anda e o proveito que tira de tudo. Porque já se vê que, se do poço não mana água, nós não lha podemos pôr. Verdade é que não havemos de ficar descuidados para a tirar, quando a haja; porque então já Deus quer, por este meio, multiplicar as virtudes.

### CAPÍTULO 12

*Prosegue no assunto deste primeiro grau de oração. - Diz até onde podemos chegar, com o favor de Deus, e o dano que há em querer elevar o espírito a coisas sobrenaturais, até que o Senhor o faça.*

**1.** O que pretendi dar a entender no capítulo anterior - embora me tenha desviado muito em outras coisas, por me parecerem muito necessárias - foi dizer o que podemos por nós mesmos adquirir e como, nesta primeira devoção, os podemos em certo modo ajudar a nós mesmos. É que, pensar e esquadrinhar o que o Senhor passou por nós, move-nos à compaixão e é saborosa esta pena e as lágrimas que daqui procedem. Pensar na glória que esperamos e no amor que o Senhor nos teve e na Sua ressurreição, infunde em nós um gozo que nem é de todo espiritual nem sensível, mas sim gozo virtuoso, e pena muito meritória.

Desta maneira são todas as coisas que causam devoção adquirida, em parte

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

com o entendimento, que esta não se pode merecer nem ganhar se Deus a não dá. Convém muito a uma alma a quem o Senhor não fez subir mais do que até aqui, não procurar fazê-lo subir mais acima por si mesma: e note-se isto muito porque não lhe aproveitará senão para perder.

**2.** Pode neste estado fazer muitos actos para se determinar a trabalhar muito por Deus e despertar o amor; assim como para ajudar a crescer as virtudes, conforme diz um livro chamado «Arte de servir a Deus», que é muito bom, e apropriado para os que estão neste grau, porque trabalha o entendimento. Pode representar-se que está diante de Cristo e acostumar-se a enamorar-se muito da Sua Sagrada Humanidade, trazendo-O sempre consigo. E fale com Ele. É pedir-Lhe ajuda para as necessidades e queixar-se-Lhe dos trabalhos. É alegrar-se com Ele nos contentos e não O olvidar por eles. Isto sem procurar orações compostas, mas palavras conforme aos seus desejos e necessidade.

É excelente maneira de aproveitar e muito em breve. Quem trabalhar em trazer consigo esta preciosa companhia e se aproveitar muito dela e deveras cobrar amor a este Senhor, a Quem tanto devemos, eu o dou por aproveitado.

**3.** Para isto não se nos há-de dar nada de não ter devoção sensível, como tenho dito, mas sim agradecer ao Senhor que nos deixa andar desejosos de O contentar, embora sejam fracas as obras. Este modo de trazer a Cristo connosco aproveita em todos os estados e é um meio seguríssimo para ir aproveitando no primeiro e chegar em breve ao segundo grau de oração e, nos últimos, andar seguros contra os perigos que o demónio pode armar.

**4.** Pois isto é o que podemos. Quem quiser passar daqui e levantar o espírito a sentir gostos que lhe não são dados, perde uma e outra coisa, a meu parecer, porque é coisa sobrenatural; e perdida a ajuda do entendimento, fica a alma deserta e com muita aridez. E como este edifício vai todo fundado em humildade, quanto mais chegados a Deus, mais adiante há-de ir esta virtude e, se assim são for, vai tudo perdido. E parece algum género de soberba quereremos subir a mais, pois Deus já faz demasiado, segundo o que somos, em nos achegar a Si.

Não se há-de entender com isto que o digo do subir - com o pensamento - a pensar coisas altas do Céu e das grandezas que lá há ou de Deus, e Sua grande sabedoria. Embora eu nunca o fizesse, que para isso não tinha habilidade, como já tenho dito, Deus fazia-me mercê de que entendesse esta verdade - pois eu achava-me tão ruim- que até para pensar coisas da terra, não era pouco atrevimento, quanto mais as do Céu. Outras pessoas se aproveitarão, em especial se têm letras, que é, a meu parecer, um grande tesouro para este exercício, se forem com humildade. Há uns dias para cá o tenho visto por alguns letrados que há pouco começaram e têm aproveitado mui muito. Isto faz-me ter grandes ânsias de que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

muitos sejam espirituais, como adiante direi.

**5.** Pois, isto que digo - que não subam sem que Deus os faça subir - é linguagem de espírito; entender-me-á quem tiver alguma experiência - que eu não o sei dizer, tal como o digo, não se entende. Na *mística teologia* de que comecei a falar, deixa de trabalhar o entendimento porque Deus o suspende, como depois mais hei-de declarar, se o souber e Ele me der para isto o Seu favor. Presumir ou pensar de o suspendermos nós é o que eu digo que não se faça, nem se deixe de discorrer com ele porque ficaremos numa pasmaceira e frios e não faremos uma nem outra coisa. Quando o Senhor suspende o entendimento e o faz parar, dá-lhe com que se espante e se ocupe e, sem discorrer, entenda mais no espaço dum Credo do que nós podemos entender com todas as nossas diligencias da terra em muitos anos. Mas ocuparmos nós as potências da alma e pensarmos fazê-las estar quietas, é desatino.

E torno a dizer, ainda que não se entenda: não é grande humildade. Embora não haja culpa, pena sim que haverá, pois será trabalho perdido, e fica a alma com um desgostozinho como quem vai a saltar e a seguram por detrás: parece-lhe já ter empregado sua força e encontra-se sem efectuar o que com ela queria fazer. No pouco lucro que lhe fica: verá - quem nisto quiser reparar - este pouquinho de falta de humildade que digo. Porque isto tem de excelente esta virtude: não há obra que ela acompanhe que deixe a alma desgostada.

Parece-me tê-lo dado a entender e, porventura, será só para mim. Abra o Senhor os olhos dos que o lerem com a experiência, e - por pouca que seja - logo o compreenderão.

**6.** Bastantes anos passei em que lia muita coisa e não entendia nada; e também muito tempo em que, embora mo desse Deus a entender, não sabia dizer palavra para o dar a compreender, e não me custava isto pouco trabalho. Quando Sua Majestade quer, num momento, ensina tudo de maneira que me espanto. Uma coisa posso dizer com verdade: embora falasse com muitas pessoas espirituais que me queriam dar a entender o que o Senhor me dava para que o soubesse dizer, o certo é que era tanta a minha rudeza que, nem pouco nem muito, isso me aproveitava. Ou assim o queria o Senhor - para que não tivesse ninguém a quem agradecer -, pois Sua Majestade foi sempre o meu mestre. Seja por tudo bendito, que grande confusão é para mim poder dizer isto com verdade. Sem o querer, nem pedir (pois nisto. não tenho sido nada curiosa - e teria sido virtude sê-lo - senão em outras vaidades), deu-me Deus num momento a graça de compreender tudo com toda a claridade e do saber dizer, de maneira que se espantavam meus confessores e eu mais do que eles, porque entendia melhor a minha rudeza. Isto é de há pouco e, assim, o que o Senhor não me ensina, não procuro saber, se não for coisa que toque à minha consciência.

7. Torno outra vez a avisar que muito importa não levantar o espírito, se o Senhor não o eleva. O que isto seja, entende-se logo. Em especial para mulheres é maior o mal, pois poderá o demónio causar alguma ilusão; ainda que tenho por certo o Senhor não consentir que faça dano a quem procura com humildade chegar-se a Ele, antes tirará mais proveito e lucro por onde o demónio pensava fazê-lo perder. Por ser este caminho mais usado dos principiantes e porque importam muito os avisos que dei, me fui alongando tanto. Tê-los-ão escrito em outras partes muito melhor, eu o confesso, e foi com farta confusão e vergonha que o escrevi, embora não com tanta como havia de ter.

Seja o Senhor bendito por tudo, pois a uma como eu, quer e consente que fale em coisas suas, tais e tão sublimes.

### CAPÍTULO 13

*Continua a tratar do primeiro grau de oração e dá uns conselhos para algumas tentações que o demónio apresenta algumas vezes – É muito proveitoso.*

1. Parece-me bem falar de algumas tentações que tenho visto haver ao princípio – algumas tenho-as eu tido – e dar alguns avisos sobre coisas que julgo necessárias. Procure-se andar ao princípio com alegria e liberdade, porque há pessoas a quem parece que se lhes vai a devoção se se descuidam um pouco. Bom é cada qual andar com temor para não se fiar pouco nem muito de si mesmo, pondo-se em ocasiões em que lhe é fácil ofender a Deus. Isto é muito necessário até já se estar muito forte na virtude. E não há muitos que o estejam tanto que, metidos em ocasiões favoráveis ao seu natural, se possam descuidar. Que sempre – enquanto vivemos, e até por humildade é bom conhecer a nossa miserável natureza. Mas há muitas coisas em que se pode, como já disse, tomar recreação, mesmo para se voltar mais forte à oração. Em tudo é preciso discricção.

2. Ter grande confiança, pois convém muito não apoucar os desejos, mas esperar de Deus que, se nos esforçamos, pouco a pouco – embora não seja logo – poderemos chegar aonde muitos santos chegaram com Seu favor. Se eles nunca tivessem determinado a desejá-lo e pouco a pouco pô-lo por obra, nunca teriam subido a tão alto estado. Quer Sua Majestade e é amigo de almas animosas, logo que andem com humildade e sem nenhuma confiança em si. Não tenho visto nenhuma destas que se fique cá por baixo neste caminho, nem a nenhuma alma cobarde – sob a capa de humildade – que ande em muitos anos o que essas outras andam em muito poucos. Espanta-me o muito que faz neste caminho o animar-se a grandes coisas; porque, embora depois a alma não tenha forças, dá um voo e chega a muito, ainda que – como avezita que tem fracas penas – se canse e fique mais algum tempo.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** Vinha-me muitas vezes à lembrança o que diz S. Paulo: que “tudo se pode em Deus”. Por mim mesma, bem entendia eu que não podia nada. Isto aproveitou-me muito como aquilo que diz Santo Agostinho: «Dá-me, Senhor, o que me mandas e manda o que quiseses». Pensava muitas vezes que S. Pedro nada tinha perdido em se lançar ao mar, embora depois temesse. Estas primeiras determinações são grande coisa, ainda que, neste primeiro estado, seja preciso ir-se detendo e ater-se à discricção e parecer do mestre; mas há-de olhar-se a que seja tal, que não ensine a andar como sapos nem se contente com que a alma se afaça a só caçar lagartixas.

A humildade, no entanto, sempre à frente para se compreender que não hão-de vir – estas forças – das nossas.

**4.** Mas é mister entendermos como há-de ser esta humildade, porque penso que o demónio faz muito dano, a fim de que não vão muito adiante almas que têm oração, fazendo-lhes compreender mal a humildade, e que lhes pareça soberba o ter grandes desejos e querer imitar os santos e desejar o martírio. Logo nos diz ou dá a entender que as coisas dos santos são para admirar, mas não para as fazermos nós que somos pecadores.

Isto também o digo eu; mas temos de olhar ao que é de espantar e ao que é de imitar. De facto, não seria bem que uma pessoa fraca e enferma se expusesse a muitos jejuns e penitências ásperas, e fosse para um deserto onde não pudesse dormir nem tivesse que comer, ou coisas semelhantes. Mas sem pensar que nos podemos esforçar com o favor de Deus a ter um grande desprezo do mundo, a não estimar honras, nem estar atido à fazenda. Temos uns corações tão apertados, que parece nos há-de faltar a terra em querendo-nos descuidar um pouco do corpo para darmos ao espírito. Depois nos parece que ajuda ao recolhimento ter muito bem concertado tudo o que é preciso, porque os cuidados inquietam a oração.

A mim, isto me pesa; termos tão pouca confiança em Deus e tanto amor próprio, que nos inquiete este cuidado. E assim é que, onde o espírito está tão pouco medrado como isto, umas ninharias nos dão tão grande trabalho como a outras coisas grandes e de muito tomo. E, a nosso juízo, presumimos de espirituais!

**5.** Parece-me agora a mim esta maneira de caminhar a querer conciliar corpo e alma para não perder cá na terra o descanso e gozar lá no Céu de Deus. E assim será, se andarmos em justiça e apegados à virtude, mas é passo de galinha; nunca com ele se chegará à liberdade de espírito. Maneira muito boa de proceder, me parece, para o estado de casados, que hão-de viver conforme à sua vocação; mas para outro estado, de maneira alguma desejo tal maneira de aproveitar, nem me farão crer que é boa. Tenho-a experimentado e sempre me ficaria assim, se o Senhor, por Sua bondade, não me tivesse ensinado outro atalho.

**6.** Ainda que, nisto de desejos, sempre os tive grandes, procurava isto que tenho

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

dito: ter oração e viver a meu belo prazer. Creio que, se tivesse tido quem me lançasse a voar, mais me teria eu empenhado e que estes desejos fossem com obras. Mas são - por nossos pecados - tão poucos e tão contados os que não tenham neste caso discricção demasiada, que julgo ser isto causa bastante para os que começam, não chegarem mais depressa a uma grande perfeição. O Senhor nunca falta, nem é por Ele que há falha; nós é que somos os faltosos e miseráveis.

**7.** Também se podem imitar os santos procurando solidão e silêncio e outras muitas virtudes, que não nos matarão estes negros corpos que tão concertadamente se querem levar para desconcertar a alma. E o demónio ajuda muito a torná-los inaptos, quando vê um pouco de temor. Mais não quer para nos dar a entender que tudo nos há-de matar e tirar a saúde; até obter lágrimas faz-nos temer de cegar... Passei por isto e por isso o sei, e não sei que melhor vista nem saúde podemos desejar que perdê-la por tal causa.

Como sou tão enferma, até que me determinei a não fazer caso do corpo nem da saúde, sempre estive atada, sem valer para nada; e ainda agora faço bem pouco. Mas quis Deus que eu entendesse este ardid do demónio; e quando ele me punha diante o perder a saúde, dizia: «Pouco vai em que eu morra». Quando era o descanso: «Não tenho necessidade de descansar, mas sim de cruz». E assim outras coisas. Vi claramente que, em mui muitas delas, embora eu de facto fosse muito enferma, era tentação do demónio ou frouxidão minha. Desde que não ando com tantos cuidados e não sou tão amimada, tenho muito mais saúde.

Assim vai muito de, nos princípios - ao começar a ter oração - não apoucar os pensamentos. Creiam o que digo, porque sei isto por experiência. E, para que escarmentem em mim; poderá também aproveitar o dizer estas minhas faltas.

**8.** Outra tentação que há logo muito de ordinário, é desejar que todos sejam muito espirituais, pois começam a saborear o sossego e o lucro que ele traz. Desejar isto não é mal; o procurá-lo é que poderá não ser bem se não há muita discricção e dissimulação para proceder de modo a não parecer que querem ensinar; porque neste caso, quem quiser fazer algum bem, precisa de ter as virtudes muito fortes para não causar tentação aos outros.

Aconteceu isto comigo - e por isso o compreendo - quando procurava, como já tenho dito, que outras tivessem oração. Como, por um lado, me viam enaltecer o grande bem que era ter oração e por outro lado me viam com grande pobreza de virtudes, trazia-as eu tentadas e desatinadas, como depois me disseram. E tinham sobrada razão, porque não percebiam como se podia harmonizar uma coisa com a outra. E fui eu causa de não terem por mal o que de si o era, por verem que o fazia algumas vezes, parecendo-lhes haver algum bem em mim.

**9.** E isto faz o demónio: parece ajudar-se das boas virtudes que temos para autorizar

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

- no que pode - o mal que pretende. Por pouco que este seja, quando é numa comunidade, deve ganhar muito, quanto mais que o que eu fazia de mal o era muito, muito. E assim, em muitos anos, só três aproveitaram do que lhes dizia; mas depois, quando o Senhor me havia já dado mais forças na virtude, em dois ou três anos aproveitaram muitas, como depois direi.

E, além disto, há outro grande inconveniente que é prejudicar a alma; pois o que mais havemos de procurar ao princípio é de cuidar só dela, fazendo de conta que não há na terra senão Deus e ela; e isto é o que muito lhe convém.

**10.** Dá ainda outra tentação que é sentir pena dos pecados e faltas que se vêem nos outros. É que todas elas vêm com capa de zelo pela virtude que é mister entender e andar com cuidado. Persuade o demónio que a pena é só por se querer que não se ofenda a Deus e pesar-lhes por Sua honra, e logo o querem remediar. Inquieta isto tanto que impede a oração, e o maior dano é pensar que é virtude e perfeição e grande zelo de Deus.

Deixo a pena que dão os pecados públicos - se o houvesse por costume - duma Congregação ou os males da Igreja, dessas heresias onde vemos perderem-se tantas almas. Este pesar é muito bom e, como tal, não inquieta. A certeza será pois, para a alma que tiver oração, descuidar-se de tudo e de todos e tomar conta de si mesma e em contentar a Deus. Isto convém muito, muito, porque, se fosse dizer os erros que tenho visto cometer, fiados na boa intenção!...

Procuremos, pois, atender sempre às virtudes e às coisas boas que virmos nos outros e tapar seus defeitos com os nossos grandes pecados. E com esta maneira de agir - embora não se faça logo com perfeição - ganha-se uma grande virtude, que é: de termos a todos por melhores do que nós. E começa-se a lucrar por aqui com o favor de Deus que é necessário em tudo, e, quando falta, escusadas são as diligências. Supliquemos-Lhe que nos dê esta virtude, pois, fazendo nós o que está em nossas mãos, Deus não faltará.

**11.** Atendam também a este aviso os que discorrem muito com o entendimento, tirando de uma coisa muitas outras e conceitos. Aos que não podem obrar com ele - como a mim me acontecia - não há mais a dizer senão que tenham paciência até que o Senhor lhes dê em que se ocupem, e luz, pois podem tão pouco por si mesmos que o entendimento mais os embaraça que ajuda.

Pois voltando aos que discorrem, digo que não se lhes vá todo o tempo nisso; embora seja muito meritório, porque - como é oração saborosa - parece-lhes que não há-de haver dia de domingo, nem momento que não seja de trabalho. Logo julgam perderem o tempo e eu tenho por grande ganho esta perda. Mas antes - como tenho dito - imaginem-se diante de Cristo e, sem cansaço do entendimento, estejam falando e regalando-se com Ele, sem se cansarem a compor razões, mas apresentando-lhe necessidades e a razão que Ele tem para não nos sofrer ali; uma

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

coisa a um tempo e outra a outro, para que se não canse a alma de comer sempre o mesmo manjar. Estes são muito gostosos e proveitosos - se o paladar se acostuma a comer deles e trazem consigo grande sustento para dar à alma vida e grandes lucros.

**12.** Quero-me explicar melhor, porque estas coisas de oração são todas elas dificultosas e, se não se encontra mestre, muito más de entender. Isto faz que, embora eu quisesse abreviar - e bastava apenas mencioná-las, para o bom entendimento de quem me mandou escrever estas coisas de oração - a minha rudeza não dá lugar a dizer e dar a entender em poucas palavras uma coisa que tanto importa declarar bem. Eu passei tanto que tenho dó dos que começam só com livros porque é coisa estranha quão diferentemente se entende o que ali se vê, depois de experimentado. Pois, voltando ao que dizia, ponhamo-nos a pensar num passo da Paixão, digamos, o de quando o Senhor estava atado à coluna. Anda o entendimento rebuscando o que ali há a considerar: as grandes dores e pena que Sua Majestade teria naquela soledade e outras muitas coisas que, se o entendimento é vivo, poderá deduzir daqui. E então, se se é letrado!? Este é o modo de oração por que todos hão-de começar e continuar e acabar; é mui excelente e seguro caminho, até que o Senhor os leve a outras coisas sobrenaturais.

**13.** Digo «todos»; mas, no entanto, há muitas almas que tirarão mais proveito de outras meditações do que na da sagrada Paixão pois, assim como há muitas moradas no Céu, há muitos caminhos. Algumas pessoas aproveitam considerando-se no inferno, outras no Céu - e afligem-se em pensar no inferno - outras na morte. Algumas, se são ternas de coração, doem-se muito de pensar sempre na Paixão e regalam-se e tiram fruto em contemplar o poder e a grandeza de Deus nas criaturas e o amor que nos teve, o qual se manifesta em todas as coisas. E é admirável maneira esta de proceder não deixando, no entanto, muitas vezes a Paixão e vida de Cristo, que é donde nos veio e vem todo o bem.

**14.** É necessário que esteja de aviso o que começa, para ver em que aproveita mais. Para isto, é muito necessário ter mestre experimentado; que, se não, muito pode errar e trazer uma alma sem a entender nem deixar que ela se entenda a si mesma. Pois, como esta sabe que é grande mérito estar sujeita a um mestre, não ousará sair daquilo que lhe mandam.

Eu tenho encontrado almas encurraladas e angustiadas por não ter experiência quem as ensinava, que me faziam lástima. Algumas nem sabiam já que fazer de si; porque, não entendendo eles o espírito, afligem alma e corpo e impedem o aproveitamento. Uma, que tratou comigo, tinha-a o mestre atada, havia oito anos; não a deixava sair do próprio conhecimento. E o Senhor tinha-a já em oração de quietude e assim passava muito trabalho.

**15.** Embora isto do conhecimento próprio jamais se deva deixar, não há alma tão



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

gigante que não tenha muitas vezes de tornar a ser menino e de mamar (e isto jamais se olvide e quiçá o direi mais vezes, porque importa muito). É que não há estado de oração tão subido que não seja muitas vezes necessário tornar ao princípio. E isto dos pecados e conhecimento próprio é o pão com que todos os manjares se hão-de comer, por delicados que estes sejam, neste caminho de oração e sem este pão elas não se poderiam sustentar. Mas há-de comer-se com conta e medida. Depois que uma alma se vê já rendida e entende claramente que de si não tem coisa boa, e se sente envergonhada diante de tão grande Rei, e vê o pouco que Lhe paga para o muito que Lhe deve, que necessidade há de gastar aqui o tempo? mas sim irmos a outras coisas que o Senhor nos põe diante e não há razão para que as deixemos, pois Sua Majestade sabe melhor do que nós o que nos convém comer.

**16.** Assim importa muito que o mestre seja avisado - digo, de bom entendimento - e que tenha experiência. Se com isto tem letras, é grandíssima coisa; mas, se não se podem encontrar estas três coisas juntas, as duas primeiras importam mais, porque letrados podem procurar para com eles comunicarem quando tiverem necessidade. Digo que nos princípios, se eles não têm oração, aproveitam pouco as letras. Não digo que não se trate então com letrados, porque espírito que não vá fundado na verdade, eu mais o quisera sem oração. Grande coisa é ter letras, porque estas nos ensinam aos que pouco sabemos e nos dão luz e, apoiados nas verdades da Sagrada Escritura, fazemos o que devemos. De devoções tontas livre-nos Deus!..

**17.** Quero-me explicar melhor, pois creio que me meto em muitas coisas. Sempre tive esta falta de não me saber dar a entender - como já tenho dito - senão à custa de muitas palavras. Começa uma freira a ter oração; se um simplório a dirige e se a este assim se lhe afigurar, dar-lhe-á a entender que é melhor obedecer-lhe a ele do que ao superior; e isto sem malícia, mas pensa do que acerta, porque se não é religioso, parecer-lhe-á que é assim. E, se é mulher casada, dir-lhe-á que é melhor, quando haveria de atender à sua casa, estar em oração, ainda que descontente o marido. E assim não saberá ordenar nem o tempo nem as coisas, para que tudo vá conforme à verdade. Por faltar-lhe a ele a luz, não a dá aos outros ainda que queira. E embora pareça que para isto não são precisas letras, a minha opinião foi sempre e será que qualquer cristão procure tratar - se puder - com quem as tem boas e, quanto mais, melhor. E os que vão por caminho de oração têm disto maior necessidade, e tanto maior, quanto mais espirituais.

**18.** E não se engane dizendo que letrados sem oração não são para quem a tem. Tenho tratado com muitos e, de há uns anos para cá, tenho-os procurado mais sendo maior a necessidade e sempre fui amiga deles. Embora alguns não tenham experiência, não aborrecem o espírito nem o ignoram; porque na Sagrada Escritura que estudam, sempre encontram a verdade do bom espírito. Tenho para mim que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pessoa de oração que trate com letrados, se ela se não quiser enganar, não a enganará o demónio com ilusões, pois creio que os demónios temem de grande modo as letras humildes e virtuosas, sabendo que serão descobertos e sairão com perda.

**19.** Disse isto porque há opiniões de que os letrados não são para gente de oração, se não têm espírito. Já disse que é necessário mestre espiritual; mas se este não for letrado, é grande inconveniente. Contudo, será de muita ajuda tratar com eles, desde que sejam virtuosos; porque, embora não tenham espírito, aproveitar-nos-á e Deus lhes dará a entender o que têm de ensinar e até os fará espirituais para nosso proveito. E isto não o digo sem o ter experimentado e aconteceu-me a mim com mais de dois. Digo que, para se render uma alma a estar de todo sujeita a um só mestre, erra muito se não procurar que seja tal como fica dito. Se for religioso, há-de estar sujeito a seu Prelado, a quem porventura faltarão todas as três coisas, - o que não será já pequena cruz - sem que ele, de sua própria vontade, sujeite o seu entendimento a quem o não tenha bom. Pelo menos disto nunca eu me pude convencer a mim mesma nem me parece que convém. Se é secular, louve a Deus porque pode escolher a quem há-de estar sujeito e não perca esta tão virtuosa liberdade; antes esteja sem nenhum até o encontrar. O Senhor lho dará, desde que vá tudo fundado em humildade e com desejo de acertar. Eu louvo-O muito - e nós as mulheres e os que não têm letras sempre Lhe havíamos de dar infinitas graças - por haver quem, com tantos trabalhos, tenha alcançado a verdade que nós, ignorantes, ignoramos.

**20.** Espantam-me muitas vezes letrados - religiosos em especial - com o trabalho com que ganharam o que sem nenhum, mais que o de perguntar, me aproveite a mim. E que haja pessoas que se não querem aproveitar disto! Não o queira Deus! Vejo-os sujeitos aos trabalhos da Religião, que são grandes, com penitência e mau comer, rendidos à obediência que é certo ser-me isto, algumas vezes, de grande confusão e, além disso, mau dormir, tudo trabalho, tudo cruz. Parece-me que seria grande mal se alguém, por sua culpa, perdesse tanto bem. E poderá ser que pensemos alguns dos que estamos livres destes trabalhos e vivendo a nosso prazer, dando-nos eles tudo já guisado - como se diz - que, por termos um pouco mais de oração, nos havemos de avantajarmos a tantos trabalhos.

**21.** Bendito sejas Vós, Senhor, que tão inábil e sem proveito me fizestes; mas louvo-Vos muito, por despertardes a tantos que nos despertem. Havia de ser mui contínua a nossa oração por esses que nos esclarecem. Que seríamos sem eles entre tão grandes tempestades como agora tem a Igreja? Se alguns tem havido ruins, mais resplandeceram os bons. Praza ao Senhor que os tenha de Sua mão e os ajude para que nos ajudem. Amen.

**22.** Muito tenho saído propositadamente do que comecei a dizer; mas tudo é a propósito para os que começam, a fim de que comecem caminho tão alto, de maneira a irem metidos no verdadeiro caminho. Pois, voltando ao que dizia, de pensar em Cristo atado à coluna, é bom discorrer um pouco e pensar nas penas que ali teve e por que as teve e quem é Aquele que as teve e o amor com que as passou. Mas não se canse em andar sempre a buscar isto, antes se fique ali com Ele, aquietado o entendimento. Se puder ocupá-lo em ver que o Senhor o olha, e acompanhe-O, e fale, e peça, e humilhe-se, e regale-se com Ele, e lembre-se que não merecia estar ali. Quando puder fazer isto - embora seja logo de princípio, ao começar a oração, achará grande proveito, pois dá grandes lucros este modo de oração; pelo menos teve-os a minha alma.

Não sei se acerto em o dizer; V. Mercê o verá. Praza ao Senhor acerte eu em O contentar sempre. Amen.

#### CAPÍTULO 14

*Começa a declarar o segundo grau de oração que é o Senhor já fazer sentir a alma gostos mais particulares. – Declara-o para fazer ver como já são sobrenaturais. É muito para se ter em conta.*

**1.** Já fica dito com que trabalhos se rega este vergel e quão à força de braços, tirando a água do poço. Digamos agora o segundo modo de a tirar que o Senhor do horto ordenou para que, por meio de um torno e alcatruzes, o hortelão tirasse mais água e com menos trabalho e pudesse descansar sem estar continuamente trabalhando.

Este modo, aplicado à *oração* que chamam de *quietude*, é o que eu agora quero tratar.

**2.** Aqui começa a recolher-se a alma e toca já em coisa sobrenatural, porque de nenhuma maneira ela o pode conseguir, por mais diligências que faça. Verdade é que parece ter-se cansado, algum tempo em andar ao torno a trabalhar com o entendimento, enchendo os alcatruzes; aqui, porém, a água subiu mais alto e assim trabalha-se muito menos para a tirar do poço. Digo que a água está mais perto, porque a graça dá-se mais claramente a conhecer à alma.

Isto é um recolherem-se as potências dentro de si para gozar daquele contento com mais gosto; mas não se perdem, nem ficam adormecidas. Só a vontade se ocupa de maneira que, sem saber como, se torna cativa, dando somente consentimento para que a prenda Deus, como quem bem sabe ser presa de Quem ama. Oh! Jesus e Senhor meu, como nos vale aqui o Vosso amor! porque este tem o nosso tão atado que lhe não deixa liberdade para, naquele ponto, amar coisa alguma senão a Vós.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** As outras duas potências ajudam a vontade para que se vá tornando capaz de gozar de tanto bem, ainda que algumas vezes, mesmo estando unida a vontade, aconteça desajudarem muito. Mas então, não faça caso delas, mas fique-se em seu gozo e quietude; porque se as quer recolher, ela e elas perderão. São, então, como pombas que não se contentam com a comida que lhes dá o dono do pombal sem trabalho algum e vão buscar de comer a outras partes; mas acham-no tão mau, que voltam, e assim vão e vêm a ver se a vontade lhes dá aquilo de que goza. Se o Senhor lhes quer deitar comida, detêm-se; se não; tornam a ir buscá-la. Devem pensar que dão proveito à vontade e, às vezes, em querer a memória ou imaginação representar-lhe o que goza, a prejudicará. Tenha, pois, cuidado de se haver com elas como direi.

**4.** Tudo isto que aqui se passa é com grande consolo e com tão pouco trabalho que não cansa a oração, embora dure muito tempo; porque o entendimento obra aqui muito passo a passo e tira muito mais água do que tirava do poço. As lágrimas que Deus aqui dá, já são com gozo; ainda que se sintam, não se procuram.

**5.** Esta água, de grandes bens e mercês que o Senhor dá aqui, faz crescer as virtudes muito mais sem comparação do que na oração anterior. É que a alma já se vai elevando acima da sua miséria e já se lhe dá alguma notícia dos gostos da glória. Isto, creio, a faz crescer mais e também chegar mais perto da verdadeira virtude donde todas as virtudes procedem, que é Deus; porque começa Sua Majestade a comunicar-se a esta alma e quer que ela sinta como se lhe comunica.

Em chegando aqui, começa logo a perder a cobiça das coisas de cá de baixo, deixando ao mesmo tempo perder poucas graças, porque vê claramente que um momento daquele gosto não se pode aqui conseguir, nem há riquezas, nem senhorios, nem honras, nem deleites que, bastem para dar, num abrir e fechar de olhos, este contentamento porque é verdadeiro, e contento que se vê que nos contenta. Porque os de cá de baixo, só por maravilha - julgo eu - entenderemos onde está esse contentamento; nunca lhes falta um «senão». Nestes é tudo «sim» enquanto dura; o «não» vem depois, por se ver que acabou e que não o pode voltar a recuperar, nem sabe como; pois, mesmo que se faça em pedaços com penitências e orações e todas as demais coisas, se o Senhor não lho quiser dar, de pouco lhe aproveita. Quer Deus, por Sua grandeza, que esta alma entenda que Sua Majestade está tão perto dela, que já não tem necessidade de enviar mensageiros, mas tão somente falar ela mesma com Ele e não em alta voz: já está tão perto que num mexer os lábios a entende.

**6.** Parece impertinência dizer isto, pois sabemos que Deus sempre nos entende e está connosco. Nisto não há que duvidar que é assim. Mas quer este Imperador e Senhor nosso que compreendamos aqui que nos entende e o que faz em nós a Sua

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

presença. E faz também entender que quer particularmente começar a operar na alma pela grande satisfação interior e exterior que lhe dá e pela diferença que há, como já tenho dito, entre este deleite e contentamento e os de cá da terra. Parece encher o vazio que, pelos nossos pecados, tínhamos feito na alma. É no mui íntimo da alma esta satisfação, sem ela saber por onde nem como lhe veio, nem sabe muitas vezes o que há-de fazer, nem querer, nem pedir. Tudo lhe parece encontra junto e não sabe o que encontra, nem mesmo eu sei como dá-lo a entender; é que, para muitas coisas, ser-me-ia preciso ter letras. Aqui ficaria bem dar a entender o que é auxílio geral e particular, que muitos o ignoram e, como o Senhor quer que a alma aqui veja este auxílio particular quase à vista de olhos, como dizem. Ser-me-iam também precisas letras mesmo para muitas coisas que irão erradas; mas, como será visto por pessoas que entendem se há erro, vou descuidada: porque, tanto a respeito de letras como de espírito, sei que o posso estar, indo para as mãos de quem vai, pois saberão entender e tirar o que estiver mal.

**7.** Queria, pois, dar isto a entender, porque são princípios fundamentais e, quando o Senhor começa a fazer estas mercês, à própria alma não as entende nem sabe o que há-de fazer de si. Porque, se Deus a leva por caminho de temor, como me fez a mim, é grande trabalho se não há quem a entenda, e grande o gosto ao ver-se como que pintada, pois vê então claramente que é por ali que vai. E é grande bem saber e o que há a fazer para se ir aproveitando em qualquer destes estados. Como tenho sofrido muito e perdido largo tempo por não saber que fazer, sinto grande lástima das almas que se vêem sós quando chegam aqui. Tenho lido muitos livros espirituais, e embora toquem no que faz ao caso, explicam muito pouco e, se não for alma muito exercitada, mesmo explicando bem, ela terá ainda bastante que fazer para se entender.

**8.** E queria muito que o Senhor me favorecesse para aqui dizer os efeitos que operam na alma estas coisas que começam a ser sobrenaturais, para que se entenda, pelos efeitos, quando é espírito de Deus. Digo "se entenda" conforme ao que aqui se pode entender. Será sempre bom, no entanto, andarmos com temor e recato; porque, embora seja de Deus, alguma vez poderá o demónio transfigurar-se em anjo de luz. E, se não for alma muito exercitada, não o entenderá; e tão exercitada que, para o entender, é preciso chegar muito ao cume da oração.

Ajuda-me pouco o pouco tempo de que disponho e assim será mister Sua Majestade fazê-lo por mim, porque tenho de andar com a Comunidade e com outras muitas ocupações, pois estou em casa que agora se começa, como depois se verá; e assim é muito sem ter assento o que escrevo, e a pouco e pouco. Isto não quisera eu, porque, quando o Senhor dá espírito, escreve-se com mais facilidade e melhor; parece então que é como quem tem um modelo na frente, por onde vai copiando

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

aquele labor; mas, se o espírito falta, não mais se concerta esta linguagem: parece uma algaravia - é maneira de dizer - ainda que se tenham tido muitos anos de oração. E assim me parece de grandíssima vantagem, quando escrevo, estar concentrada, porque vejo então claramente que não sou eu quem o diz, nem o ordeno com o entendimento, nem sei depois como acertei a dizê-lo. Isto acontece-me muita vez.

**9.** Agora, voltemos à nossa horta ou vergel, e vejamos como começam estas árvores a impregnar-se para florescer e dar depois fruto, e as flores e os cravos na mesma, para dar perfume. Regala-me esta comparação. Muitas vezes, em meus princípios (e praza ao Senhor haja eu agora começado a servir Sua Majestade! digo, nos primeiros tempos do que direi de aqui por diante da minha vida), era para mim grande deleite considerar a minha alma como um jardim e que o Senhor se passeava nele. Suplicava-Lhe aumentasse o odor das florzitas de virtudes que começavam - segundo me parecia - a querer sair à luz e fosse para Sua glória e, pois eu nada queria para mim, que as sustentasse e cortasse as que quisesse, porquanto bem sabia eu haviam de sair melhores. Disse "cortar", porque vem tempo em que na alma não há memória deste horto; tudo parece estar seco e não haverá água para o sustentar, nem mesmo parece ter havido jamais na alma coisa de virtude! Passa-se muito trabalho, porque o Senhor quer que Lhe pareça ao pobre do hortelão que tudo quanto tem feito para o cultivar e regar, vai perdido. Então é o verdadeiro escardear e arrancar de raiz as ervazitas más - embora pequenas - que tenham ficado, reconhecendo que não há diligência que baste se Deus nos tira a água da graça, e termos em pouco o nosso nada e até menos que nada. Ganha-se aqui muita humildade; tornam de novo a crescer as flores.

**10.** Oh! Senhor meu e Bem meu! Não posso dizer isto sem lágrimas e grande regalo da minha alma, pois Vós, Senhor, quereis estar assim connosco e estais no Sacramento, porque com toda a verdade assim se pode crer, pois que é de fé. E com grande verdade podemos fazer esta comparação. E, a não ser por nossa culpa, poderemos gozar convosco e Vós folgareis connosco, pois dizeis ter Vossas delícias em estar com os filhos dos homens. Oh! Senhor meu! Que é isto? Sempre que oiço esta palavra dá-me grande consolo e isto mesmo quando andava muito perdida. Será possível, Senhor, que haja uma alma que chegue a ponto de Vós Lhe fazerdes mercês e regalos semelhantes, e entender que Vós folgais com ela, e Vos torne a ofender depois de tantos favores e de tão grandes mostras do amor que Lhe tendes, do qual se não pode duvidar, pois se vê claramente a obra?

Sim, há, por certo, e não uma vez mas muitas, que sou eu. E praza à Vossa bondade, Senhor, que seja só eu a ingrata e a que tenha feito tão grande maldade e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tido tão excessiva ingratidão. Porque, ao menos dela, a Vossa infinita bondade tem tirado algum bem; e quanto maior foi o mal, mais resplandece o grande bem de Vossas misericórdias. E com quanta razão as posso eu para sempre cantar!

**11.** Suplíco-Vos, Deus meu, que assim seja e eu as cante sem fim, já que tivestes por bem de as usar tão excessivas para comigo, que pasmam os que as vêem. A mim, fazem-me sair muitas vezes de mim mesma, para melhor Vos poder louvar; porque, estando em mim sem Vós, nada poderei, Senhor meu, senão tomar a ver cortadas as flores deste horto, de sorte que esta miserável terra voltaria a servir de muladar como antes. Não o permitais, Senhor, nem queirais que se perca uma alma que com tantos trabalhos comprastes e tantas vezes de novo a tomastes a resgatar e a tirar dos dentes do terrível dragão.

**12.** Perdoe-me V. Mercê sair do assunto; e, como falo a meu propósito, não se espante, pois é como se apodera da alma aquilo que escreve. Às vezes, muito faz em não se deixar ir por diante em louvores a Deus, pois se lhe representa, enquanto vai escrevendo, o muito que lhe deve. E creio não causará desgosto a V. Mercê, porque ambos, me parece, podemos cantar uma e a mesma coisa, ainda que de maneira diferente; pois é muito mais o que eu devo a Deus, por Ele mais me ter perdoado, como V. Mercê sabe.

### CAPÍTULO 15

*Prossegue na mesma matéria e dá alguns avisos sobre o modo de proceder na oração de quietude. - Diz como há muitas almas que chegam a ter esta oração e poucas as que passam adiante. - São muito necessárias e proveitosas as coisas que aqui se dizem.*

**1.** Voltemos agora ao assunto. Esta quietude e recolhimento de alma é coisa que se torna muito sensível pela satisfação e paz que infunde, com grandíssimo contentamento e sossego das potências, e muito suave deleite. Parece-lhe - como nunca chegou a mais - que nada lhe fica a desejar e de boa vontade diria, como São Pedro, para ser ali a sua morada. Não ousa mexer-se nem menear, porquanto lhe parece que lhe há-de fugir das mãos aquele bem, nem respirar algumas vezes quereria. Não percebe a pobrezita que, se por si mesma nada pode para trazer a si aquele bem, ainda menos poderá para o deter além do tempo que o Senhor quiser.

Já disse que neste primeiro recolhimento e quietude não se perdem as potências da alma; mas está tão satisfeita com Deus que, enquanto aquilo dura, embora as duas potências se desbaratem, como a vontade está unida a Deus, não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

perde a quietude e o sossego mas, antes, torna pouco a pouco a recolher o entendimento e a memória. Porque, embora não esteja ainda de todo em todo engolfada, está tão bem ocupada, sem saber como, que, por mais diligências que elas empreguem, não lhe podem tirar o seu contento e gozo, antes muito sem trabalho vai ajudando esta centelhazita de amor de Deus para que ela não se apague.

**2.** Praza à Sua Majestade dar-me graça para que eu dê isto bem a compreender, porque há muitas, muitas almas que chegam a este estado, e poucas as que passam adiante, e não sei quem tem a culpa. Bem certo é não ser Deus que falta, pois, visto que Sua Majestade faz mercê de que se chegue a este ponto, não creio que cesse de fazer muitas mais, a não ser por nossa culpa. E importa muito que a alma, em chegando aqui, conheça a grande dignidade em que está e a grande mercê que o Senhor lhe tem feito e como, em boa razão, não deveria já ser da terra, pois parece que Ele, em Sua bondade, a fez cidadã do Céu, se ela o não estorvar por culpa sua. E desventurada será se voltar atrás! Penso que seria para ir até ao mais baixo, como eu ia, se a misericórdia do Senhor não me tivesse feito voltar. É que, para a maior parte, será por graves culpas, a meu parecer, pois não é possível deixar tão grande bem sem grande cegueira de muito mal.

**3.** E assim rogo, por amor do Senhor, às almas a quem Sua Majestade fez tão grande mercê de chegarem a este estado, que se conheçam e tenham em muito, com uma humildade e santa presunção para não voltarem às panelas do Egipto. E se, por sua fraqueza e maldade, e ruim e miserável natural caírem como eu fiz, tenham sempre diante de si o bem que perderam e tenham suspeita e andem com temor. E têm razão de o ter porque, se não voltam à oração, hão-de ir de mal a pior. Isto chamo eu verdadeira queda: o aborrecer o caminho por onde se ganhou tanto bem. É com estas almas que falo; não diga que não hão-de ofender a Deus e cair em pecados, ainda que em boa razão deles se havia de guardar muito quem começou a receber estas mercês, mas somos miseráveis. Do que aviso muito é que não deixe de ter oração, que ali entenderá o que faz e obterá do Senhor arrependimento e fortaleza para se levantar. Creia que, se desta se apartar, a meu parecer, está em perigo. Não sei se entendo o que digo, porque - como tenho dito -, julgo por mim...

**4.** É, pois, esta oração uma centelhazita de Seu verdadeiro amor que o Senhor começa a acender na alma, e Ele quer que a alma vá compreendendo que coisa é esse regalado amor. Esta quietude e recolhimento e centelhazita, se-é espírito de Deus e não gosto dado pelo demónio ou procurado por nós a quem tenha experiência, impossível é deixar de entender que é coisa que não se pode adquirir. Este nosso natural é, porém, tão desejoso de coisas saborosas, que tudo quer



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

provar. Mas fica logo muito frio porque, por muito que se queira começar a fazer atear o fogo para alcançar este gosto, só parece que se lhe deita água para o apagar. Esta centelhazita posta por Deus, por pequenita que seja, faz muito ruído; e, se a alma não a mata por sua culpa, é a que começa a atear o grande fogo que lança de si as chamas, como direi em seu lugar, do grandíssimo amor de Deus que Sua Majestade faz arder nas almas perfeitas.

**5.** Esta centelha é um sinal ou penhor que Deus dá a esta alma de já a ter escolhido para grandes coisas se ela se dispuser para as receber. É grande dom, muito maior do que eu poderei dizer.

E isto, para mim é de grande lástima, porque - como digo - conheço muitas almas que chegam aqui, e as que passam de aqui, como haveriam de passar, são tão poucas que me causa vergonha dizê-lo. Não digo eu que haja poucas, que muitas deve haver - pois para alguma coisa nos sustenta Deus. Digo o que tenho visto. Quisera eu muito avisá-las de que procurem não esconder o talento, pois parece que Deus as quer escolher para proveito de outras muitas, em especial nestes tempos em que há falta de amigos fortes de Deus para sustentar os fracos. Os que em si reconhecerem esta mercê, tenham-se por tais, e saibam responder com as leis que até mesmo a boa amizade do mundo exige. E, se assim não for, temam e tenham medo, - como já disse - não se façam mal a si, e praza a Deus que seja só a eles.

**6.** O que a alma há-de fazer nos tempos desta quietude, não é mais que proceder com suavidade e sem ruído. Chamo "ruído" andar com o entendimento buscando muitas palavras e considerações para dar graças por este benefício e amontoar pecados e faltas para ver que o não merece. Tudo isto põe-se aqui em acção: e representa o entendimento, e revolve se a memória. Estas potências, certo é, a mim me cansarem às vezes, pois, apesar de ter pouca memória, não a posso subjugar. A vontade, com serenidade e sensatez, entenda que não se negocia bem com Deus à força de braços e que estes são como que grandes troços de madeira postos sem discricção, que mais não servem senão para abafar esta centelha. Reconheça-o e diga com humildade: - Senhor, que posso eu aqui? Que tem que ver a serva com o Senhor e a terra com o Céu? - Ou outras palavras que aqui se lhe oferecerem de amor bem fundado no conhecimento de que é verdade o que diz. E não faça caso do entendimento que é um maçador. Nem ela lhe queira dar parte do que goza ou trabalha para o recolher, pois muitas vezes a alma ver-se-á nesta união de vontade e sossego e com o entendimento muito desbaratado e mais vale que ela - digo a vontade - o deixe e não se vá atrás dele, mas que se fique a gozar daquela mercê, recolhida como sábia abelha. Se nenhuma entrasse na colmeia e para se trazerem umas às outras todas se fossem, mal se poderia fabricar o mel.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**7.** Assim perderá muito a alma se não tem cuidado nisto; em especial se o entendimento for agudo, porque, quando começa - por pouco que seja - a ordenar práticas e a buscar razões, se são bem apresentadas, pensará que faz alguma coisa. A razão que aqui há-de haver é entender claramente que não há nenhuma para que Deus nos faça tão grande mercê, mas tão somente a Sua bondade. E, vendo que estamos tão perto de Sua Majestade, pedir mercês e rogar-Lhe pela Igreja e pelos que se nos recomendaram e pelas almas do purgatório. Não com ruído de palavras, mas com o sentimento de desejar que nos ouça. É oração que abarca muito e alcança-se mais com ela de que com muito relatar do entendimento. Desperte em si a vontade algumas razões que se Lhe apresentarão da mesma razão de se ver tão melhorada, para avivar este amor e proponha-se alguns actos amorosos a fazer por Aquele a Quem tanto deve, mas sem admitir - como tenho dito - ruído do entendimento, à busca de grandes coisas. Mais fazem aqui ao caso umas palhazitas postas com humildade (e menos serão de que palhas, se formos nós a pô-las) e mais ajudam a acender este fogo que muita lenha junta de razões muito doutas, a nosso parecer, que no espaço dum Credo abafarão a centelha.

Isto é bom para os letrados que mo mandaram escrever; porque, por bondade de Deus, todos chegaram aqui e poderá ser que se lhes vá o tempo em aplicar as Escrituras. E ainda que as letras não deixarão de lhes aproveitar muito, antes e depois, aqui, nestes momentos de oração, pouca necessidade há delas - ao que me parece - a não ser que seja para entibiar a vontade. É que o entendimento está então com uma tão grande claridade, por se ver tão perto da luz, que até eu, com ser a que sou, pareço outra.

**8.** E assim tem-me acontecido, estando nesta quietude, que, apesar de não entender quase nada do que rezo em latim, em especial no Saltério, não só entender o texto em língua vulgar, mas de ir mais além regalando-me ao ver o que ele quer dizer.

Deixemos o caso dos que tivessem de pregar ou ensinar, por que então bom é servirem-se eles daquele bem, para ajudar aos pobres de pouco saber como eu, pois é grande coisa a caridade e este desejo de fazer aproveitar sempre as almas, indo claramente só por Deus.

Assim, pois, nestes tempos de quietude deixe descansar a alma com o seu descanso. Quedem-se as letras a um lado. Tempo virá em que elas lhes sejam de proveito no serviço do Senhor e eles as tenham em tanto que, por nenhum tesouro, as queressem ter deixado de saber, só para servir a Sua Majestade, pois que ajudam muito. Mas, diante da Sabedoria infinita, creiam-me que vale mais um pouco de estudo de humildade e um acto dela, de que toda a ciência do mundo! Aqui não há que arguir, mas somente conhecer com simplicidade o que somos e apresentarmo-

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nos assim diante de Deus. Quer Ele que a alma se faça néscia - como de verdade o é ante a Sua presença - pois Sua Majestade se humilha tanto que a suporta junto de Si, sendo nós o que somos.

**9.** Também se aplica o entendimento a dar graças bem preparadas; mas a vontade, com sossego, com um não ousar elevar os olhos como o publicano, dá mais agradecimentos que quantos o entendimento - com transtornar a retórica - por ventura possa dar. Aqui, enfim, não se há-de deixar de toda a oração mental, nem mesmo algumas orações vocais, se alguma vez o quiserem ou puderem, porque, se a quietude for grande, mal se pode falar, a não ser a muito custo.

Sente-se, a meu parecer, quando é espírito de Deus ou quando procurado por nós, isto é, se - com um começo de devoção que Deus nos concede - nós queremos, por nós mesmos, passar já a este sossego da vontade, como já tenho dito; não produz nenhum efeito, acaba depressa e deixa aridez.

**10.** Se é do demónio, uma alma exercitada o entenderá, penso eu, porque deixa inquietação e pouca humildade e pouca disposição para os efeitos que consigo traz o espírito de Deus. Não deixa luz no entendimento, nem firmeza na verdade. O demónio pode causar aqui pouco ou nenhum dano se a alma endereçar o deleite e suavidade que ali sente para Deus e n'Ele põe seus pensamentos e desejos, como ficou dito. Nada pode então ganhar o demónio; antes permitirá Deus que, com o próprio deleite que causa na alma, venha a perder muito, porque este deleite ajudará a que a alma - como pensa que é de Deus - venha muitas vezes à oração com cobiça de O gozar; se ela for humilde e não curiosa nem interesseira de deleites, ainda mesmo que estes sejam espirituais, senão amiga de cruz, pouco caso fará do gosto que dá o demónio. E isto não poderá ela assim fazer, se for espírito de Deus, mas antes o terá em muito. Mas em coisa sugerida pelo demónio, como ele é todo mentira, ao ver que a alma com o gosto e deleite se humilha - porque nisto há-de ela ter muito, e em todas as coisas de oração e gostos procurar sair humilde - o demónio não voltará muitas vezes, vendo que perde.

**11.** Por isto e por muitas outras coisas, avisei eu no primeiro modo de oração - na primeira água - o muito que importa começarem as almas a terem oração indo-se desapegando de todo o género de contentamentos e entrarem nela determinadas única e somente a ajudarem Cristo a levar a cruz, como bons cavaleiros que, sem soldo algum, querem servir a seu Rei, pois sabem que têm a paga bem segura. E olhos postos no verdadeiro e perpétuo reino que pretendemos ganhar! Grandíssima coisa é ter-se isto sempre bem presente, em especial nos princípios. Depois vê-se mui claramente que mais preciso é esquecê-lo para poder viver, do que procurá-lo: lembrar o pouco que tudo dura e como tudo é nada e o nada em que se há-de

apreciar o descanso.

**12.** Parece ser isto coisa muito baixa e assim é na verdade. Os mais adiantados em perfeição teriam até por afronta e correr-se-iam a si mesmos se pensassem que deixam os bens deste mundo porque se hão-de acabar, quando - embora estes durassem para sempre - eles se alegrariam de os deixar por Deus e isto tanto mais, quanto mais perfeitos fossem, e quanto mais durassem. Aqui, nestes, já está crescido o amor e é ele o que opera. Mas, para os que começam, é-lhes importantíssimo ter estes pensamentos e não os tenham por baixos. É grande o bem que se ganha e assim o recomendo tanto. Isto ser-lhes-á necessário até aos muitos encumeados em oração - em certas épocas em que Deus os quer provar e parecem abandonados por Sua Majestade. Pois, como já tenho dito - e quisera eu que não o esquecessem -, nesta vida em que vivemos a alma cresce, e cresce de verdade mas não como o corpo, embora assim o digamos. É que, uma criança, depois de crescer e deitar corpo e o ter grande - já de homem - não torna a decrescer e a ter corpo de menino. Aqui, quer o Senhor que seja assim (ao que tenho visto por mim) pois não o sei por outra via. Deve ser para nos humilhar para nosso maior bem e não nos descuidemos enquanto estivermos neste desterro, pois quem mais alto estiver, mais há-de temer e fiar-se menos de si.

Ocasões há em que estes mesmos, que já têm a sua vontade tão posta na de Deus, que se deixariam atormentar e passariam mil mortes para não cair e cometer uma imperfeição, se vêem tão combatidos de tentações e perseguições que - para não fazer pecados e se livrarem de ofender a Deus - é preciso, e torna-se-lhes necessário aproveitar as primeiras armas da oração, e voltar a pensar que tudo acaba, e que há Céu e inferno, e outras coisas deste género.

**13.** Pois, voltando ao que dizia; grande fundamento é, para se livrar dos ardis e gostos vindos do demónio; uma alma começar com a determinação de seguir caminho de cruz desde o princípio e de não desejar as ditas consolações. O mesmo Senhor nos ensinou este caminho de perfeição ao dizer: «Toma a tua cruz e segue-Me». É Ele o nosso modelo; não tem que temer quem, só para o contentar, segue Seus conselhos.

**14.** No aproveitamento que virem em si entenderão estas almas que isso não lhes vem do demónio. É que, embora tornem a cair, fica-lhes um sinal de que esteve ali o Senhor: o levantarem-se depressa, além destes que agora direi: -quando é espírito de Deus, não é necessário andar atrás de coisas à busca de humildade e confusão, porque o mesmo Senhor as dá de modo bem diferente do que podemos obter por meio das nossas consideraçõezinhas, que não são nada em comparação duma

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

verdadeira humildade, que traz consigo luz, que aqui ensina o Senhor e que produz uma confusão que nos desfaz. É coisa muito perceptível este conhecimento que Deus dá para que entendamos que nenhum bem possuímos por nós mesmos, e quanto maiores as mercês, maior a compreensão. - Incute um grande desejo de ir avante na oração e de não a deixar por nenhuma coisa de trabalho que possa advir. A tudo se oferece. - Sente uma segurança com humildade e temor de que se há-de salvar. - Deita logo para longe o temor servil da alma e dá-lhe o filial temor muito mais acrescido. - Vê que lhe começa um amor a Deus muito sem interesse próprio. - Deseja momentos de solidão para mais gozar daquele bem.

**15.** Enfim, para não me cansar, é um princípio de todos os bens, um estarem já as flores em termos de não lhes faltar senão um quase nada para desabrochar. Isto verá muito claramente a alma e de nenhuma maneira poderá por então convencer-se de que não esteve Deus com ela, até se ver de novo com quebras e imperfeições, que então tudo teme. E é bem que tema, embora haja almas que lhes é de mais proveito acreditarem, de certeza, que é Deus, de que todos os temores que lhes possam infundir. Se a alma é de si amorosa e agradecida, mais a faz voltar para Deus a memória da mercê que Ele lhe fez, do que todos os castigos do inferno que lhe representam. Pelo menos a mim, apesar de tão ruim, isto me acontecia.

**16.** Porque os sinais do bom espírito se irão dizendo; mas como a quem lhe custa muito trabalho tirá-los a limpo, não os digo agora aqui. Creio que, com o favor de Deus, nisto atinarei alguma coisa; porque, mesmo deixando à parte a experiência em que muito tenho entendido, o sei de alguns letrados muito letrados e de pessoas muito santas a quem é de razão que se dê crédito. Não andem, pois, as almas tão afadigadas quando aqui chegarem pela bondade do Senhor, como eu tenho andado.

### CAPÍTULO 16

*Trata do terceiro grau de oração e vai declarando coisas muito elevadas, e o que pode a alma que aqui chega, e os efeitos que fazem estas mercês tão grandes do Senhor. - É muito para elevar o espírito em louvores a Deus e para grande consolação de quem aqui chegar.*

**1.** Falemos agora da terceira água com que se rega esta horta: é a água corrente de rio ou de fonte, e rega-se com muito menos trabalho, embora algum dê o encaminhar a água. Quer aqui o Senhor ajudar o hortelão, de maneira que quase é Ele o jardineiro e quem faz tudo.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É um *sono das potências* em que nem de todo se perdem nem entende como operam. O gosto, suavidade e deleite são, sem comparação, maiores de que o passado. E a água da graça que chega à garganta desta alma, de modo que já não pode ir para diante, nem sabe como, nem como tomar atrás; quereria gozar de grandíssima glória. É como alguém que está com a vela na mão, por lhe faltar pouco para morrer da morte que deseja. Está gozando naquela agonia com o maior deleite que se pode dizer. Não me parece outra coisa senão um morrer quase de todo a todas as coisas do mundo e estar gozando de Deus.

Eu não sei outros termos para o dizer ou declarar, nem sabe então a alma o que fazer; porque nem sabe se há-de falar, calar, rir ou chorar. É um glorioso desatino, uma celestial loucura, onde se aprende a verdadeira sabedoria, e é deleitosíssima maneira de a alma gozar.

**2.** E é assim que o Senhor me deu em abundância e muitas vezes esta oração, creio que há cinco ou até seis anos; mas eu nem a entendia nem a saberia dizer; e assim tinha para mim ser melhor dizer muito pouco ou nada, em chegando aqui. Que de todo em todo não era união de todas as potências e que era mais que a passada, bem o entendia eu e muito claramente; mas confesso, não podia determinar nem perceber como era esta diferença.

Creio que pela humildade que V. Mercê tem tido em se querer ajudar de uma simplicidade tão grande como a minha, em acabando hoje de comungar, deu-me o Senhor esta oração sem eu poder ir adiante; e inspirou-me estas comparações e ensinou a maneira de o dizer e o que há-de fazer aqui a alma. Certo é que me espantei e o entendi num momento.

Muitas vezes estive assim, como desatinada e embriagada neste amor, e jamais tinha podido entender como era. Bem via eu ser obra de Deus, mas não podia compreender como operava aqui; porque, embora as potências estejam de facto e em verdade quase de todo unidas a Ele, não estão contudo tão engolfadas que não operem. Gostei em extremo de tê-lo agora entendido. Bendito seja o Senhor que assim me regalou!

**3.** Só têm habilidade as potências para se ocuparem todas em Deus. Nem parece que alguma se ouse mexer, nem que a possamos fazer mover, a não ser que, com muito trabalho, nos quiséssemos distrair; e ainda assim não me parece que isso se pudesse então conseguir. Dizem-se aqui muitas palavras em louvor de Deus, sem ordem nem concerto, se o mesmo Senhor as não concerta. Pelo menos o entendimento não vale aqui nada. Quisera a alma dar vozes em louvores e está que não cabe em si; um desassossego saboroso. Já se abrem as flores, já começam a dar seu olor. Aqui quereria a alma que todos a vissem e entendessem a sua glória para

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que a ajudassem nos louvores a Deus e quisera comunicar e dar-lhes parte do seu gozo, porque não pode com tanto gozar. Parece-me ser como a que diz o Evangelho que queria chamar ou chamou as suas vizinhas. Isto, a meu parecer, devia sentir o admirável espírito do real profeta David quando tangia a harpa e cantava os louvores de Deus. Deste glorioso Rei sou eu muito devota e quereria que todos o fossem, em especial os que somos pecadores.

**4.** Oh! Valha-me Deus! Como fica uma alma quando está assim! Toda ela quereria ser línguas para louvar ao Senhor! Diz mil desatinos santos, atinando sempre em contentar a Quem a tem assim. Eu sei duma pessoa que, sem ser poeta, lhe acontecia fazer de repente cópias muito sentidas, declarando bem a sua pena, não tiradas do seu entendimento, senão que, para mais gozar a glória que tão saborosa pena lhe dava, dela se queixava a seu Deus.

Todo o seu corpo e alma quereria se despedaçassem para mostrar o gozo que sente com esta pena. E, que tormentos se lhe poderiam pôr então diante dela que lhe não fosse saboroso passá-los por seu Senhor? Vê claramente que não faziam quase nada de sua parte os mártires em os passar, porque bem conhece a alma que a fortaleza lhe vem de outra parte. Mas, que sentirá por ter razão, a fim de viver no mundo e voltar aos cuidados e cortesias que nele há?

Não penso, porém, ter encarecido coisa alguma que não fique baixa em relação a este modo de gozo que o Senhor quer neste desterro dar a gozar à alma. Bendito seiais para sempre, Senhor, e louvem-Vos todas as coisas eternamente. E pois que ao escrever isto não estou fora desta santa loucura celestial - de que tão sem méritos meus e por Vossa bondade e misericórdia me fazeis mercê - eu Vos suplico, meu Rei, que tenhais agora por bem que todos aqueles com quem eu tratar estejam ou loucos de Vosso amor ou permiti que eu não trate com ninguém. Ordenai, Senhor, ou que eu não tenha já em conta coisa que seja do mundo, ou tirai-me dele. Não pode já, Deus meu, esta Vossa serva sofrer tantos trabalhos como tem por se ver sem Vós e, assim, se há-de viver, não quer descanso nesta vida, nem que Vós lho deis. Quereria já esta alma ver-se livre do corpo: o comer, a mata; o dormir, a atormenta; vê que se lhe passa o tempo da vida vivendo em regalos e que nada já a pode regalar afora Vós. Parece que vive contra a natureza, pois já não quereria viver em si, senão em Vós.

**5.** Oh! Verdadeiro Senhor e glória minha, que ténue e pesadíssima cruz tendes preparada para os que chegam a este estado! Ténue, porque é suave; pesada, porque vezes há que não há sofrimento que a sofra. Jamais queria, no entanto, ver-se livre dela, se não fosse para ver-se já conVosco. Quando se recorda que não Vos serviu em nada e que, vivendo, Vos pode servir, quereria carregar-se com muito

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mais pesada cruz e nunca, até ao fim do mundo, morrer. Tem em nada o seu descanso a troco de Vos fazer um pequeno serviço; não sabe o que desejar, mas bem entende que não deseja outra coisa senão a Vós.

**6.** Oh! filho meu! (que é tão humilde que assim se quer nomear aquele a quem isto vai dirigido e mo mandou escrever), sejam só para si algumas coisas em que V. Mercê vir que saio dos limites. E que não há razão que baste para não me tirar dela quando o Senhor me põe fora de mim, nem creio sou eu a que falo desde que comunguei esta manhã. Parece-me sonhar o que vejo e não quereria ver senão enfermos do mal com que eu agora estou. Suplico a V. Mercê que sejamos todos loucos por amor d'Aquele a Quem por nós assim chamaram. Diz V. Mercê que me quer bem, pois em dispor-se para que Deus lhe faça esta mercê quero eu que mo mostre, porque vejo muito poucos que os não veja com senso demasiado para o que lhes diz respeito. Bem pode ser que o tenha eu mais que todos. Não mo consinta V. Mercê, meu Padre, pois também o é, assim como é filho, pois é meu confessor e a quem confiei a minha alma. Desengane-me com verdade, que se usam muito pouco estas verdades.

**7** Este contrato quizera eu que fizéssemos os cinco que, ao presente, nos amamos em Cristo. Como outros que nestes tempos se juntavam em segredo para ir contra Sua Majestade e ordenar maldades e heresias, procurássemos nós juntarmo-nos alguma vez para nos enganarmos uns aos outros e dizer em que nos poderíamos emendar e contentar mais a Deus. Não há quem tão bem se conheça a si mesmo como nos conhecem os que nos estão olhando, se é com amor e cuidado do nosso aproveitamento.

Digo "em segredo", porque já não se usa esta linguagem. Até os pregadores vão ordenando seus sermões de modo a não descontentar. Boa será a intenção e a obra também; mas assim emendam-se poucos, Mas, como é que não são muitos os que, por meio dos sermões, deixam vícios públicos? Sabe o que me parece? Têm muito senso os que pregam. Não estão sem ele, com o grande fogo de amor de Deus como estavam os após- tolós, e assim aquece pouco esta chama. Não digo que seja tanta como eles tinham, mas quisera que fosse mais do que vejo. Sabe V. Mercê o que deve fazer muito ao caso? Em ter já aborrecimento à vida e em pouca estima a honra. Nada se lhes dava- a troco de dizer uma verdade e de a sustentar para glória de Deus - de perder tudo ou de ganhar tudo; porque, quem deveras tudo tem arriscado por Deus, com igual ânimo suporta tanto uma como outra coisa. Não digo que sou destas, mas quereria sê-lo.

**8.** Oh! grande liberdade, termos por cativo o ter de viver e tratar conforme as leis do mundo!. Como esta se alcance do Senhor, não há escravo que não arrisque tudo



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

para se resgatar e voltar à sua terra. É, pois, este é o verdadeiro caminho; não há que parar nele, porque nunca acabaremos de ganhar tão grande tesouro, até que se nos acabe a vida. O Senhor nos dê para isto a Seu favor.

Rasgue V. Mercê isto que tenho dito, se lhe parecer, e tome-o como uma carta para si e perdoe-me por ter sido muito atrevida.

### CAPÍTULO 17

*Prossegue na mesma matéria deste terceiro grau de oração. - Acaba de expor os efeitos que produz. - Diz o dano aqui causado pela imaginação e a memória.*

**1.** Fica razoavelmente dito este modo de oração e o que há-de fazer a alma ou, para melhor dizer, o que nela faz Deus, pois é já Ele quem toma o ofício de hortelão e quer que ela folgue. A vontade só tem de consentir naquelas mercês que goza, e de se oferecer a tudo quanto nela quiser operar a verdadeira Sabedoria. E de certo que é preciso ânimo, porque já é tanto o gozo que parece algumas vezes não faltar nada para a alma acabar de sair deste corpo. E que venturosa morte seria!

**2.** Aqui me parece ser bom, como disse a V. Mercê, a alma abandonar-se, de todo em todo, nos braços de Deus. Se a quiser levar ao Céu., vai; se ao inferno, não tem pena, logo que vá como seu Bem; que se acabe de todo a vida: isso quer; se há-de durar mil anos, também. Disponha dela Sua Majestade como de coisa própria; já não é senhora de si mesma; está dada de todo ao Senhor; despreocupe-se, pois, de tudo.

Digo: quando Déus dá tão alta oração como esta, a alma pode fazer tudo isto e muito mais- pois estes são os seus efeitos-e entende que o faz sem nenhum cansaço do entendimento. Somente me parece que está como que espantada de ver como o Senhor faz tão bem de hortelão, não querendo que ela tenha trabalho algum, senão o de se deleitar em que comecem as flores a dar perfume. Num contacto destes - por pouco que dure - é tal o Hortelão que enfim, como Criador da água, dá-a sem medida.

O que a pobre da alma, com trabalho e cansaço do entendimento; não pode porventura conseguir em vinte anos, fá-lo este Hortelão celestial num instante; e a fruta cresce e amadurece de maneira que a alma se pode sustentar do seu horto, querendo-o o Senhor. Mas não lhe dá licença de repartir a fruta, até que esteja forte com o que dela tenha comido. Não se lhe vá tudo em a provar. E não lhe dando nada de proveito, nem lha pagando aqueles a quem a der, os mantenha e dê de comer à sua custa, e fique; porventura, morta de fome.

Isto, bem entendido, vai dirigido a tais entendimentos que o sabe - tão aplicar melhor de que eu o saberei dizer, por muito que me canse.

**3.** Enfim; as virtudes ficam agora mais fortes que na passada oração de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

quietude. E isto de modo à alma não as poder ignorar, porque se vê outra e, sem saber como, começa a obrar grandes coisas com o perfume que as flores dão de si. Quer o Senhor que estas se abram para que ela veja que tem virtudes, embora veja muito bem que não as podia ganhar nem o tem podido em muitos anos e, naquele breve espaço de tempo, lhas deu o Celestial Hortelão. Aqui é muito maior e muito mais profunda que no passado a humildade que fica na alma, porque vê mais claramente que de si não fez nem pouco nem muito, a não ser consentir que o Senhor lhe fizesse mercês e as abraçasse a vontade. Este modo de oração parece-me união muito evidente de toda a alma com Deus. Mas dir-se-ia que Sua Majestade quer dar licença às potências para que entendam e gozem do muito que Ele ali opera.

**4.** Acontece algumas vezes -e até muitas estando unida a vontade que se vê e se entende claramente que está presa e gozando e em muita quietude. Digo que isto se vê claramente, mas só quanto à vontade, pois, por outro lado o entendimento e a memória ficam tão livres que podem tratar de negócios e atender a obras de caridade. A mim pelo menos, isto trouxe-me tonta e por isso o digo aqui para que V. Merce veja que pode ser e o entenda quando o tiver.

Isto, que agora disse, ainda que pareça tudo uma e mesma coisa é, em parte, diferente da oração de quietude. É que ali a alma está quem se quereria mexer nem semear, gozando naquele ócio santo de Mana. Nesta oração pode também ser Marta, e assim quase que está trabalha do a um tempo na vida activa e contemplativa. Pode atender a oras de cidade e a negócios que convenham ao seu estado, e ler, embora o entendimento e a memória não estejam de todo senhores de si e entendam bem que a melhor parte da alma está em outro lugar. É como se estivéssemos falando com alguém e, por outro lado, nos falasse outra pessoa: nem bem estamos com uma nem com outra. É coisa que se sente muito claramente e da muita satisfação e contento quando se tem e é muito boa disposição para que, em achando tempo de solidão ou de desocupação de negócios, a alma chegue mui sossegada quietude. E um andar como uma pessoa a que está em si satisfeita, que não tem necessidade de comer, sente o estomago satisfeito, de maneira que não se poria a comer qualquer manjar, mas não está farto que, se os vir bons, deixe de o fazer de boa vontade. Assim ao quereria então a alma contentos do mundo, porque tem em si o que mais a satisfaz. Maiores contentamentos de Deus, desejos de satisfazer Seus desejos, de gozar mais, de estar com Ele, é isto o que quer.

**5.** Há outro modo de união, que ainda não é perfeita união, mas que é mais do que esta que acabo de dizer, embora não o seja tanto como a que se disse desta terceira água.

Quando o Senhor lhas der todas -se não as tem já- gostará muito V. Mercê de encontrar tudo escrito e entender o que é. Uma coisa é dar o Senhor a mercê; outra,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

entender qual é a mercê e qual a graça; e outra, o sabê-la dizer e dar a compreender como é. Pois, embora pareça não ser mister mais do que a primeira para a alma não andar confusa e medrosa e prosseguir com mais ânimo no caminho do Senhor, calcando debaixo dos pés todas as coisas do mundo, contudo é grande proveito e mercê entendê-lo. Por cada uma destas graças, é motivo para que louve muito ao Senhor quem a tem. Quem a não tem, louve-O igualmente por Sua Majestade a conceder a alguns dos que vivem para que nos aproveitasse a nós.

Ora, acontece muitas vezes esta maneira de união que agora quero dizer (pois a mim, em especial, tem-me Deus feito esta mercê não poucas vezes) apodera-se Deus da vontade e também do entendimento, a meu parecer, porque este não discorre, mas está ocupado gozando de Deus, tal como quem está olhando e vê tanta coisa que nem sabe para onde olhar, perde-se-lhe a vista por um e outro objecto, e não sabe dar conta de coisa alguma. A memória permanece livre e unida à imaginação e, como se vê só, é para louvar a Deus a guerra que ela faz e como procura desassossegar tudo. A mim, traz-me cansada e me aborrece, e muitas vezes suplico ao Senhor que, se tanto me há-de estorvar, ma tire nestas alturas. Digo-lhe algumas vezes: quando, meu Deus, há-de estar já toda unida a minha alma no Vosso louvor e não feita em pedaços sem poder valer-se a si mesma? Aqui, vejo o mal que nos fez o pecado, pois assim nos sujeitou a não fazer sempre o que queremos, ou seja, de estar sempre ocupados em Deus.

**6.** Digo que me acontece às vezes, -e hoje tem sido uma delas e assim tenho-o bem na memória -, que vejo desfazer-se a minha alma com o desejo de se ver toda ela unida onde tem a maior parte de si mesma e ser-lhe impossível, pois dá-lhe tal guerra a memória e imaginação que o não pode conseguir. E como a estas lhes falta a ajuda das outras potências, de nada valem nem mesmo para fazer mal. Muito fazem -em desassossegar. "Para fazer mal" digo, porque não têm força nem sabem estar quietas.

Como o entendimento não ajuda pouco nem muito no que lhe representa a memória, esta não pára em nada, anda dum lado para o outro, que não parece senão destas borboletas da noite, importunas e inquietas. Muito a propósito, me parece vir esta comparação, porque ainda que não tenha força para fazer nenhum mal, importuna aos que a vêem.

Para isto não sei que remédio haja; pois até agora não mo fez Deus entender; de boa vontade o tomaria para mim, pois me atormenta, como digo, muitas vezes. Apresenta-se rios aqui a nossa miséria, e mui clara mente o grande poder de Deus; pois esta potência, que permanece à solta, tanto nos danifica e nos cansa, e as outras que estão com Sua Majestade, tão grande descanso nos dão.

**7.** O último remédio que encontrei ao cabo de me ter afadigado muitos anos, é o que disse na oração de quietude: que não se faça mais caso da imaginação que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

dum louco; é deixá-la com seu tema, que só Deus Iho pode tirar. Enfim, aqui fica por escrava. Temos que a sofrer com paciência, como fez Jacob a Lia; pois bastante mercê nos faz o Senhor permitindo que gozemos de Raquel.

Digo que fica escrava porque, afinal, não pode, por muito que faça, trazer a si as outras potências. Antes, são estas que, sem nenhum trabalho, a fazem ir muitas vezes a elas. Algumas vezes, é Deus servido de se compadecer, ao vê-la tão perdida e desassossegada com o desejo de estar com as outras, e consente-lhe, então, Sua Majestade que se queime no fogo daquela vela divina onde as outras já estão feitas em pó, perdido o seu ser natural, tomado quase sobrenatural gozando de tão grandes bens.

**8.** Em todas estas modalidades, desta última água da fonte de que falei, é tão grande a glória e descanso da alma, que o corpo participa muito sensivelmente daquele gozo e deleite. E isto claramente se vê e as virtudes ficam tão crescidas, como tenho já dito.

Parece que o Senhor quis declarar-me estes estados de oração em que a alma se vê, tanto quanto aqui se pode dar a entender, segundo julgo. Trate disto, V. Mercê, com pessoa espiritual que tenha chegado aqui e tenha letras. Se lhe disser que está bem, creia que Iho comunicou Deus. Tenha-o em muito apreço e agradeça a Sua Majestade. Com o andar do tempo - como tenho dito - folgará muito de assim entender o que é, enquanto não lhe é dada a graça para compreender, por si mesmo, embora lhe seja dado de o gozar. Uma vez que Sua Majestade lhe tenha concedido a primeira, com o seu entendimento e letras, logo entenderá, pelo que ficou aqui dito.

Seja Ele por tudo louvado por todos os séculos dos séculos. Ámen.

## CAPÍTULO 18

*Trata do quarto grau de oração. - Começa a declarar, de modo excelente, a grande dignidade a que o senhor eleva a alma que esta neste estado. - Serve de estímulo aos que tratam de oração para se esforçarem chegar a tao alto estado, pois se pode alcançar na terra, não pelos próprios merecimentos mas por bondade do Senhor. Leia-se com atenção, pois é descrito muito delicadamente e apresenta coisas muito importantes.*

**1.** O Senhor me ensine palavras com que possa dizer alguma coisa sobre a quarta água. Bem preciso é o Seu favor, mais ainda de que para a anterior, na qual a alma ainda sente não estar morta de todo. E podemos dizer, pois embora o esteja ao mundo; tem, no então, como já se disse - sentidos para compreender que está na terra e sentir sua soledade e aproveita-se do exterior para dar a entender aquilo que está sentindo, sequer ao menos por sinais.

Em todos os modos de oração que ficam ditos, trabalha algum tanto o hortelão; ainda que nestes últimos vai o trabalho acompanhado de tanta glória e consolo de alma que jamais se quereria sair dele, e assim não se sente como trabalho, mas antes como glória.

Aqui não há sentir, senão gozar sem entender o que se goza. Entende-se que se goza um bem, onde se encerram conjuntamente todos os bens, mas não se compreende que bem seja este. Todos os sentidos sentem este gozo, de modo que não fica nenhum desocupado para se poder empregar em outra coisa exterior ou interior.

Antes, dava-se-lhes licença para fazerem, como disse, algumas mostras do grande gozo que sentiam; aqui, a alma goza mais, sem comparação e, no entanto, pode-se dar a entender muito menos, porque não fica poder no corpo, nem a alma o tem, para comunicar aquele gozo. Nesse tempo tudo lhe seria de grande embaraço e tormento e estorvo para seu descanso.

E digo até que, se é união de todas as potências - enquanto estiver nela não pode, embora o queira, e se pode, já não é união.

**2.** Como seja esta oração a que chamam união e em que consista, não o sei dar a entender. Isto declara-se na mística teologia, que os termos eu não os saberei nomear, nem sei entender o que é a mente, nem tão pouco que diferença tenha da alma ou do espírito. Todo me parece uma mesma coisa, se bem que a alma saia algumas vezes de si mesma à maneira dum fogo que está ardendo e feito chama, e cresce algumas vezes com ímpeto e as chamas sobem muito acima do fogo, mas nem por isso é coisa diferente, senão a mesma chama que está no fogo.

Isto V. V. Mercês -com suas letras - o entenderão porque melhor eu não sei dizer. O que pretendo declarar é o que sente a alma quando está nesta divina união.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** O que é união, já se sabe: é de duas coisas divididas fazer-se uma. Oh! Senhor meu, como sois bom! Bendito sejais para sempre! Louvem-Vos, Deus meu, todas as coisas, pois assim nos amastes, a podermos com verdade falar desta comunicação que, ainda estando neste desterro, tendes com as almas. Até mesmo com as que são boas é grande liberalidade e magnanimidade Vossa, Senhor meu; enfim, dais como quem sois. Oh! liberalidade infinita, quão magníficas são as Vossas obras! Isto espanta a quem não tem o entendimento ocupado com coisas da terra de modo a não ter nenhum para entender verdades.

Mas, que façais mercês tão soberanas a almas que tanto Vos ofendem, por certo que a mim isto faz que se me acaba o entendimento e, quando chego a pensar nisto, não posso ir adiante. Para onde há-de ir que não seja voltar atrás? Dar-Vos graças por tão grandes mercês, não sabe como. Em dizer disparates, acho alívio algumas vezes.

**4** E muitas em acabando de receber estas mercês ou quando Deus mas começa a fazer; pois uma vez nelas, já tenho dito não há poder para nada - acontece-me dizer:

"Senhor, olhai ao que fazeis, não esqueçais tão depressa meus tão grandes males. Já que para me perdoardes, os tendes olvidado, suplico-Vos que, para pôr limite nas mercês, deles Vos recordeis.

Não ponhais, tesouro meu, tão precioso licor em vaso tão quebrado, pois já tendes visto, de outras vezes, que o torno a derramar. Não ponhais tesouro semelhante onde ainda não está perdida de todo, como deveria estar, a cobiça das consolações da vida, pois gastá-lo-á mal.

Como confiais a defesa desta cidade e as chaves da fortaleza a alcaide tão cobarde que, ao primeiro embate dos inimigos, os deixa entrar dentro? Não seja tanto o Vosso amor, o Rei Eterno, que ponhais em risco jóias tão preciosas. Parece, Senhor meu, dar-se assim ocasião a que se tenham em pouco, pois as colocastes em poder de criatura tão ruim, tão baixa, tão fraca e miserável e de tão pouco valor. Pois, se bem que trabalhe para não as perder com o Vosso favor- e não pequeno precisa de ser conforme sou -, não posso com elas dar ganho a ninguém, enfim, mulher e não boa, senão ruim. Dir-se-ia que não só se escondem os talentos, mas que se enterram, pondo-os em terra tão desprezível. Não costumais vós, Senhor, fazer semelhantes grandezas e merces a uma alma senão para que aproveite a muitas. Já sabeis, Deus meu, que, com toda a vontade e todo o coração Vos suplico e tenho suplicado algumas vezes e o tenho por bem de perder o maior bem que se possui na terra, para que Vos façais estas mercês a quem mais aproveite com este bem, a fim de que cresça a Vossa glória".

**5.** Estas e outras coisas tem-me acontecido dizê-las muitas vezes. Via depois a minha insensatez e pouca humildade, porque bem sabe o Senhor o que convém e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que não havia forças em minha alma para se salvar, se Sua Majestade - com tantas mercês - nela não as pusesse.

**6.** Também pretendo dizer as graças e os efeitos que ficam na alma e o que ela por si mesma pode fazer ou se contribui para chegar a tão alto estado.

**7.** Acontece vir esta elevação de espírito ou junção como amor celestial.

A meu entender, é diferente a união do levantamento desta mesma união. A quem não tiver experimentado este último, parecer-lhe-á que não, e a mim me parece que, apesar de ser tudo um, o Senhor opera de diferente modo. No voo de espírito cresce muito mais o desapego das criaturas.

Eu tenho visto claramente ser particular mercê, embora - como tenho dito - seja tudo a mesma coisa ou o pareça; também um fogo pequeno é fogo, tal como um grande, e bem se vê a diferença que há de um ao outro. Num fogo pequeno, antes que um pequeno pedaço de ferro se ponha em brasa passa muito tempo, mas, se o fogo é grande, embora seja maior o ferro, em muito pouquinho tempo perde, na aparência, a natureza que tem. É assim, a meu parecer, nestes dois modos de mercês do Senhor, e sei que, quem tiver chegado a arroubamentos, o entenderá bem. Se o não tiver experimentado, parecer-lhe-á desatino, e bem pode ser que o seja, porque querer uma como eu falar em coisas tão altas e dar a entender algo daquilo de que parece até impossível haver palavras para o começar a dizer, não é muito que desatine.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**8.** Mas creio que o Senhor me há-de ajudar, pois sabe Sua Majestade que, depois de obedecer, a minha intenção é de engulosinar as almas com um tão sumo bem. Não direi coisa que não tenha experimentado muito. E assim é que, quando comecei a escrever desta última água, mais impossível me parecia saber tratar alguma coisa dela do que falar em grego, pois tão dificultoso é. Com isto, deixei tudo e fui comungar. Bendito seja o Senhor que assim favorece os ignorantes! Oh! virtude da obediência que tudo podes! Esclareceu-me Deus o entendimento, umas vezes com palavras e outras pondo-me diante como o havia de dizer, pois, tal como fez na oração passada, parece que Sua Majestade quer dizer o que eu não posso nem sei.

Isto que digo é inteira verdade e assim, o que for bom, é Sua a doutrina; o mau, está claro, é deste pélagos de males que eu sou. E assim digo que se houver pessoas que tenham chegado às coisas de oração que o Senhor tem feito mercê a esta miserável - e muitas deve haver - se quiserem tratar destas coisas comigo, parecendo-lhes descaminhadas, o Senhor ajudará a Sua serva para sair avante com Sua verdade.

**9.** Falemos agora desta água que vem do Céu, para com sua abundância encher e fartar todo este horto. Se o Senhor nunca deixasse de a dar quando dela houvesse necessidade, já se vê o descanso que teria o hortelão. E se não houvesse inverno, mas sempre tempo ameno, sem nunca faltarem flores e frutas, já se vê o deleite que teria. Mas, enquanto vivermos, é impossível; sempre há-de haver o cuidado de, quando faltar uma água, procurar outra. Esta do Céu vem muitas vezes quando mais descuidado está o hortelão. Verdade é que, nos princípios, quase sempre é depois de larga oração mental que, dum grau a outro, o Senhor vem a tomar esta avezita e a pô-la no ninho, para que descanse. Como a tem visto voar muito tempo, procurando com o entendimento e a vontade e com todas as forças buscar a Deus e contentá-Lo, quer dar-lhe o prémio ainda nesta vida.

E que grande prémio! Basta um momento para ficarem pagos todos os trabalhos que nela pode haver.

**10.** Estando assim a alma buscando a Deus, sente-se, com deleite grandíssimo e suave, quase de todo desfalecer, à maneira de desmaio. Vai-lhe faltando o fôlego e todas as forças corporais, de modo que não pode sequer menear as mãos a não ser a muito custo. Os olhos fecham-se-lhe sem os querer fechar, ou se os tem abertos, não vê quase nada. Se lê, nem acerta a dizer letra nem quase atina bem a conhecê-la: vê as letras, mas como o entendimento não ajuda, não as consegue ler embora queira. Ouve, mas não entende o que ouve. Não se aproveita, pois, nada dos sentidos, a não ser para eles não a deixarem acabar de se entregar a seu prazer e assim antes a estorvam. Falar, é por demais; não atina a formar palavra, nem há força - ainda que atinasse - para a poder pronunciar; porque toda a força exterior se perde e se concentra nas da alma aumentando-lhas para melhor poder gozar da sua



glória. O deleite exterior que se sente é grande e muito manifesto.

**11.** Esta oração, por longa que seja, não faz dano; pelo menos a mim nunca fez. Nem me recordo ter-me o Senhor feito alguma vez esta mercê por mal que então estivesse, que me sentisse pior, antes ficava com grande melhoria. Mas, que mal pode fazer tão grande bem? São tão manifestas as operações exteriores, que não se pode duvidar que grande foi a causa, pois assim tirou as forças com tanto deleite para as deixar maiores.

**12.** Verdade é que nos princípios passa em tão breve tempo- pelo menos a mim assim acontecia que, quando assim passa com brevidade nem estes sinais exteriores, nem a falta de sentidos, se dão tanto a perceber. Mas bem se compreende pela abundância das mercês, que foi grande a claridade do sol que esteve na alma, pois assim a derreteu. E note-se isto: por longo que tenha sido o espaço de tempo em que a alma esteve nesta suspensão de todas as potências, e bem breve a meu parecer.

Quando estivesse meia hora, é já muito; eu - segundo julgo - nunca estive tanto. Verdade é que sai se pode calcular o tempo que se está, pois então não se dá conta; mas digo que, duma assentada, sem que volte a si alguma potência, é muito pouco tempo. A vontade é que segura a teia, mas as outras duas potências depressa voltam a importunar. Como a vontade está quieta, volta-se de novo a suspender e assim se ficam outra vez um pouco e depois tornam a reviver.

**13.** Nisto podem-se passar algumas horas de oração e passam-se de facto; porque, começando as duas potências a embriagar-se e a gostar daquele vinho divino, com facilidade se tornam a perder, para muito mais ganharem; e, acompanhando a vontade, gozam todas três. Mas, neste estarem de todo perdidas e em nada terem imaginação- pois a meu parecer também esta se perde de todo -, digo que é por breve espaço. Contudo não voltam a si totalmente que não possam estar algumas horas como que desatinadas, voltando Deus, pouco a pouco acolhê-las a Si.

**14.** Venhos agora ao ,interior, ao que a alma aqui sente. Diga-o quem o sabe, pois nem se pode entender, quanto mais dizer.

Estava eu pensando, depois de comungar e de sair desta mesma oração que descrevo, quando quis escrever isto: o que fazia a alma nesse tempo. Disse-me o Senhor estas palavras: «Desfaz-se toda, filha, para mais se meter em Mim; já não é ela quem vive, senão Eu». Como não pode compreender o que entende, é um não entender entendendo.

Quem o tiver experimentado entenderá algo disto. Com mais clareza não se pode dizer por ser tão obscuro o que ali se passa. Só poderei dizer que se representa a alma estar junta com Deus e fica uma certeza que de nenhuma maneira se pode deixar de crer. Aqui faltam e se suspendem todas as potências de modo que- como

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tenho dito, de nenhuma maneira, se percebe. a sua acção. Se a alma estava pensando em um passo da Paixão, perde-o da memória como se nunca dele a tivera; se estava lendo; não há acordo nem detença no que lia; se reza, tão-pouco.

Assim é que a esta borboletazita importuna da memória aqui se lhe queimam as asas; já não mais pode esvoaçar. A vontade deve estar bem ocupada em amar, mas não compreende como ama.

O entendimento, se entende, não percebe como entende; pelo me~os; não pode compreender nada do que entende. A mim, não me parece que entende, porque - como digo - não se entende a si mesmo. E não acabo de entender isto,

**15.** Aconteceu-me a mim a princípio que, na minha ignorância, não sabia que Deus estava em todas as coisas e, como me parecia tê-Lo tão presente, parecia-me impossível deixar de crer que estivesse ali, não podia, por me parecer quase evidente ter percebido estar ali a Sua mesma presença. Os que não tenham letras me diziam que estava presente só pela graça; eu não o podia crer, porque -corno digo parecia-me estar presente e assim andava com pesar.

Um grande letrado da Ordem do glorioso São Domingos tirou-me desta dúvida, dizendo-me corno estava presente e se comunicava a nós, o que muito me consolou.

É de notar e entender que esta água do Céu, este grandíssimo favor do Senhor, deixava sempre a alma com grandes ganhos, como agora direi.

### CAPÍTULO 19

*Prossegue na mesma matéria. -Começa a declarar os efeitos produzidos na alma neste grau de oração. - Aconselha a que não tornem atrás nem deixem a oração ainda: que, depois desta mercê, tornem a cair. - Diz os danos que há em não se fazer isto. -E de grande consolo para os fracos e pecadores.*

**1.** Fica a alma, desta oração e união, com urna grandíssima ternura de maneira que se quereria desfazer, não de pena, senão de lágrimas de gozo.

Encontra-se banhada delas sem sentir nem saber quando nem como as chorou; mas dá-lhe grande deleite ver aplacado aquele ímpeto de fogo com água que rnais o faz crescer.

Isto parece algaravia, mas é assim mesmo. Acontecia-me algumas vezes, neste grau de oração, estar tão fora de mim, que não sabia se era sonho ou se em verdade se dava aquela glória que tinha sentido; e ao ver-me inundada daquela água que sem custo corria com tanto ímpeto e presteza, que parecia a destilava aquela nuvem do céu, via que não tinha sido sonho. Isto era nos princípios, quando esta mercê passava com brevidade.

**2.** A alma fica tão animosa que, se naquele momento a fizessem em pedaços por Deus, ser-lhe-ia grande consolo. Ali são as promessas e determinações heróicas, a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

viveza dos desejos, o começar a aborrecer o mundo, e ver muito claramente sua vaidade. Está muito mais aproveitada e elevada de que nas orações passadas e a humildade mais crescida. É que vê nitidamente que, para tão excessiva e grandiosa mercê, não houve diligencias suas nem teve parte em a atrair ou a possui-la. Com clareza vê-se indigníssima, e vê a sua miséria porque, em aposento onde entra muito sol, não há teia de aranha escondida.

Vai tão longe a vanglória, que nem lhe parece a poderia ter, porque já tem à vista de olhos o pouco ou nada que pode, pois não houve ali quase consentimento; dir-se-ia até que, embora não quisesse, lhe cerraram a porta a todos os sentidos para que mais pudesse gozar do Senhor. Fica-se a sós com Ele; que há-de fazer senão amá-Lo? Não vê nem ouve, a não ser à força de braços; pouco há que lhe agradecer. Representa-se-lhe depois a sua vida passada e a grande misericórdia de Deus, com grande verdade e sem o entendimento ter necessidade de andar à caça/ pois vê ali guizado o que há-de comer e entender. Vê que merece o inferno e que a castigam dando-lhe glória. Desfaz-se em louvores de Deus, e eu me quisera agora desfazer neles. Bendito sejas, Senhor meu, que duma lama tão suja como eu, fazeis água tão clara que sirva para a Vossa mesa! Sede louvado, ó delícia dos Anjos, que assim queres levantar um verme tão vil!

**3.** Permanece algum tempo este aproveitamento na alma. Esta já pode, com entender claramente que não é sua a fruta, começar a reparti-la sem lhe fazer a ela falta. Começa a dar mostras de alma que guarda tesouros do Céu, e a ter desejos de os repartir com outros e a suplicar a Deus não seja ela só a ser rica. Começa a aproveitar aos próximos quase sem o entender, nem fazer nada de per si; eles é que o entendem, já as flores têm tão crescido o olor que lhes dá que desejo de se achegarem a elas.

Compreendem que têm virtudes e vêem a fruta que é apetecível. Gostariam de a ajudar a comer.

Se esta terra está muito cavada com trabalhos e perseguições e murmurações e enfermidades -que poucos devem aqui chegar sem isto- e, se está bem solta por andar muito desapegada do próprio interesse, a água embebe-se tanto nela que quase nunca seca. Mas se é terreno que ainda é terra por lavrar e com tantos espinhos como eu estava.ao princípio, e ainda não apartada das ocasiões, nem tão agradecida como merece tão subida mercê, a terra volta a secar.

E se o hortelão se descuida, e se o Senhor, por Sua bondade somente, não toma a querer mandar chuva, daí por perdido o horto. Assim me aconteceu algumas vezes, que certo é me espanto e, se isto se não tivesse passado comigo, não o poderia crer.

Escrevo-o para consolo de almas fracas como a minha, para que nunca desesperem nem deixem de confiar na grandeza de Deus. Ainda que caiam, depois

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

de tão encumeadas como é o trazê-las o Senhor até aqui, não desfaleçam, se não se querem perder de todo. As lágrimas tudo alcançam; uma água traz outra.

**4.** Esta foi uma das razões por que me animei - sendo a que sou - a obedecer a escrever isto e a dar conta da minha ruim vida e das mercês que me tem feito o Senhor, apesar de não O servir senão com ofensas. Certo é que eu quisera ter aqui grande autoridade para que nisto me acreditassem; e suplico ao Senhor que ma dê Sua Majestade. Digo pois, que não desfaleça ninguém, dos que começaram a ter oração, dizendo: Se hei-de tomar a ser mau, é pior continuar a levar por diante o seu exercício. Se se deixar a oração e se não se emendar do mal, assim o creio; mas se não a deixar, creia antes que ela o levará a porto de salvação. Deu-me nisto tanta bateria o demónio e passei tanto, por me parecer pouca humildade ter oração sendo tão ruim, que- como já disse - deixei-a ano e meio, pelo menos um ano, pois do meio não me recordo bem. Isto mais não era, nem foi, que, meter-me eu mesma no inferno, sem necessidade de demónios que la me fizessem cair. Oh! valha-me Deus, que cegueira tão grande! E, quão bem acerta o demónio - para conseguir seus fins - em carregar aqui a mão! Sabe o traidor que alma que tenha oração e nela perseverar, está para ele perdida e que todas as quedas que lhe fizer dar a ajudarão, por bondade de Deus, a dar depois maior salto no serviço do Senhor. Isto muito lhe importa.

**5.** Ó Jesus meu! o que é ver uma alma que aqui tem chegado e depois, caída em um pecado, quando Vós; por Vossa misericórdia, lhe tornais a dar a mão e a levantais! Como ela reconhece a multidão das Vossas grandezas e misericórdias e a sua miséria! Aqui é o desfazer-se deveras e conhecer Vossas grandezas; aqui o não ousar erguer os olhos; aqui o levantá-los para reconhecer o que Vos deve; aqui se faz devota da Rainha do Céu para que Vos aplaque; aqui invoca os santos que caíram depois de Vós os, terdes chamado, para que a ajudem; aqui o parecer-lhe que lhe chega a larga tudo o que dais, porque vê que não merece a terra que pisa; o acudir aos Sacramentos, a fé viva que lhe fica de ver a virtude que Deus pôs neles, o louvar-Vos por terdes deixado tal medicina e unguento para as nossas chagas, que não só as cura mas as tira de todo. Disto se espantam e quem, Senhor da minha alma, se não há-de espantar da misericórdia tão grande e de mercê tão acrescida, em paga de traição tão feia e abominável? Não sei como se me não parte o coração quando isto escrevo, porque sou ruim.

**6.** Com estas lagrimazitas que aqui choro, dadas por Vós- água de muito mau poço no que é da minha parte -; parece que Vos tenho dado satisfação por tantas traições, pois ando sempre fazendo mal e procurando desfazer as mercês que Vós me tendes feito. Dai-lhes, Senhor meu, valor; aclarai água tão turva, sequer ao menos para não dar tentação a alguém, como a mim me tem dado de fazer maus

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

juízos, pensando por que deixais, Senhor, a pessoas muito santas que sempre Vos têm servido e trabalhado por Vós, criadas em Religião e dela sendo-o de verdade e não como eu que não tenho mais de que o nome, vendo claramente que não lhes fazeis mercês como a mim. Bem vejo, Bem meu, que lhes guardais o prémio para lho dar por junto, e que minha fraqueza disto necessita. A eles; que como fortes Vos servem sem isso, os tratais como a gente esforçada e não interesseira.

**7.** Contudo; Vós-sabeis, Senhor meu, que eu clamava muitas vezes diante de Vós-desculpando as pessoas que contra mim murmuravam, por me parecer que lhes sobejava razão. Isto era já, Senhor, depois que me seguráveis, por bondade Vossa, para que não Vos ofendesse tanto e eu já me ia desviando de tudo quanto me parecia poder desgostar-Vos. Em fazendo eu isto, começastes, Senhor, a abrir Vossos tesouros à Vossa serva.

Dir-se-ia não esperades outra coisa, senão que houvesse em mim vontade e preparação para os receber, tal a brevidade com que começastes, não só a dá-los, mas a querer que se entendesse que mos dáveis.

**8.** Entendido isto, começou-se a ter boa opinião daquela de quem todos ainda não tinham compreendido quanto era má, embora muito transluzisse.

Mas logo começou também a murmuração e perseguição e- a meu parecer com muita razão; e assim não tomei inimizade a ninguém, mas suplicava-Vos que olhásseis à razão que tinham. Diziam que eu me queria fazer passar por santa e que inventava novidades, não tendo ainda chegado então a cumprir, em grande parte, com toda a minha Regra, nem a igualar às muito boas e santas freiras que havia na casa. Nem creio chegarei se Deus, por Sua bondade, não fizer tudo de Sua parte! Da minha, antes era capaz de tirar o que havia de bom e meter costumes que não o fossem; ao menos, fazia o que podia para os introduzir e no mal era muito o que podia.

Assim, sem culpa sua, me culpavam. Não digo que fossem só as freiras, mas também outras pessoas; descobriam-me verdades, porque Vós assim lho permitíeis.

**9.** Uma vez, rezando as Horas, como eu tinha algumas vezes esta tentação, cheguei ao versículo que diz: «*justus es, Domine e Teus juízos ...* ».

Comecei a pensar como era grande esta verdade; porque nisto, o demónio jamais teve força para me tentar de modo a eu duvidar terdes Vós, meu Senhor, todos os bens, nem em verdade alguma de fé. Antes me parecia que, quanto mais as verdades iam sem caminho natural, mais firme era a minha fé e dava-me grande devoção. Em serdes Todo-Poderoso ficam incluídas, para mim, todas as grandezas que Vós fizerdes, e nisto – como digo - jamais tive dúvida. Pensando, pois, como permitíeis com justiça que muitas servas Vossas, que as havia- como tenho dito - não tivessem os regalos e mercês que me fazíeis a mim, sendo eu a que era,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

respondeste-me, Senhor: «Serve-Me tu a Mim, e não te metas nisso». Foi a primeira palavra que eu entendi que Vós me dizíeis e assim espantou-me muito.

Porque depois declararei esta maneira de entender, com outras coisas, não o digo aqui, pois que é sair do assunto e creio já muito tenho saído; quase não sei o que tenho dito. Nem pode deixar de ser assim, meu filho, e V. Mercê há-de suportar estas interrupções; porque quando vejo o que Deus me tem sofrido e me vejo neste estado, não é muito que perca o tino do que digo e hei-de dizer. Praza ao Senhor que sejam sempre estes os meus desatinos e não permita Sua Majestade tenha eu ainda poder para ir contra Ele num só ponto que seja. Antes me consuma Ele neste em que estou.

**10.** Já basta para se ver as Suas grandes misericórdias, não uma senão muitas vezes em que tem perdoado tanta ingratidão. A S. Pedro, uma vez; a mim, muitas. Com razão me tentava o demónio para não pretender amizade tão estreita com Quem usava de inimizade tão pública. Que cegueira tão grande a minha! Onde pensava eu, Senhor meu, encontrar remédio senão em Vós? Que disparate fugir da luz para andar sempre tropeçando!

Que humildade tão soberba inventava em mim o demónio: apartar-me de estar arrimada à coluna e ao báculo que me havia de sustentar para não dar tão grande queda. Agora me persigno e julgo não ter passado perigo tão grande como esta invenção que o demónio me ensinava por via de humildade.

Punha-me no pensamento como é que coisa tão ruim e tendo recebido tantas mercês, me havia de chegar à oração? Bastava-me rezar aquilo a que estava obrigada, como todos, e pois que até isto não fazia bem, como queria fazer mais? Era pouco respeito e ter em pouco as mercês de Deus.

Bem era pensar e entender isto, mas o pô-lo por obra foi grandíssimo mal. Bendito sejas Vós, Senhor, que assim me remediastes.

**11.** Princípio da tentação com que o demónio perdeu a Judas isto me parece, senão que o traidor não ousava andar tão a descoberto; mas, pouco a pouco, teria vindo a dar comigo aonde deu com ele.

Atendam a isto, por amor de Deus, todos os que tratam de oração. Saibam que no tempo em que vivi sem ela, andava muito mais perdida a minha vida. Veja-se que bom remédio me dava o demónio e que perigosa humildade! Era um grande desassossego. Mas, como havia de sossegar a minha alma? Apartava-se a infeliz do seu descanso, tinha em si bem presentes as mercês e os favores via que os contentos aqui da terra são asco. Como pude passar por isto, m~ espanta. Era na esperança de voltar à oração. É que não pensava- ao que agora me recordo, porque isto deve ter sido há mais de vinte e um anos – poder deixar de estar determinada a isso, mas esperava o ficar mais limpa de pecados. Oh! que mal encaminhada ia nesta esperança! Até ao dia do juízo, disso me livraria o demónio para de ali me levar ao

inferno!

**12.** Pois se tendo oração e leitura - conhecendo verdades e o ruim caminho que levava - e importunando muitas vezes ao Senhor com lágrimas, era tão ruim que não me podia valer, afastada disto, metida em passatempos com muitas ocasiões e poucas ajudas - e ousou até dizer nenhuma, a não ser para me ajudar a cair- que esperava senão isso?

Creio que merece muito diante de Deus um frade de São Domingos, grande letrado, que me despertou deste sono. Fez-me comungar, como creio ter dito, de quinze em quinze dias. Foi menos então o mal Comecei a cair em mim, embora não deixasse de fazer ofensas ao Senhor. Como, porém, não tinha perdido o caminho, caindo e levantando-me, ia por ele, embora pouco a pouco; e quem não deixa de andar e vai para a frente, ainda que tarde, sempre chega. Perder o caminho não me parece ser outra coisa senão deixar a oração. Deus nos livre disso, por Quem Ele é.

**13.** Fica daqui entendido -e note-se isto muito, por amor do Senhor que, embora uma alma chegue a receber de Deus tão grandes mercês na oração, não fie de si, pois pode cair, nem se meta de nenhuma maneira em ocasiões de queda. Olhe-se muito a isto, que importa muito. Pois, embora a mercê tenha sido certamente de Deus, o demónio pode depois causar aqui enganos: aproveitando-se o traidor da mesma mercê naquilo que lhe é possível e enganar a pessoas não, crescidas nas virtudes, nem mortificadas, nem desesperadas. É que não ficam aqui fortalecidas tanto quanto baste --como depois direi - para se meterem em ocasiões e perigos; por grandes que sejam os desejos e determinações que tenham. E excelente doutrina esta; não é minha, senão ensinada por Deus, e assim quisera que pessoas ignorantes, como eu, a soubessem. Porque, ainda quando uma alma se ache neste estado, não há-de confiar em si mesma para sair a combater; já fará muito em se defender. Aqui tem necessidade de armas para se defender dos demónios e não tem ainda forças para pelejar contra eles e os trazer debaixo dos pés, como fazem os que estão no estado que depois direi

**14.** Este é o engodo com que o demónio colhe a alma: como esta se vê tão chegada a Deus e a diferença que há entre os bens do Céu e os da terra e vê o amor que o Senhor lhe tem mostrado, nasce-lhe desse amor: e confiança e segurança de não decair do que goza. Parece-lhe antever claro o prémio e que já não lhe é possível deixar o que, até nesta vida, é tão deleitoso e suave, por coisa tão baixa e vil como é o deleite cá de baixo

Com esta confiança faz-lhe o demónio perder a pouca que há-de ter em si, e - como digo - mete-se em perigos e começa, com bom zelo, a dar a fruta sem conta nem medida, julgando que não tem já nada a temer de si mesma. E isto não é soberbo, pois bem percebe que de si mesma não pode nada- senão pela muita

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

confiança em Deus, mas sem discricão. Não olha a que ainda tem fracas asas.

Pode sair do ninho e Deus tira-a dele para fora, mas ainda não é para voar; porque as virtudes não estão fortes, nem tem experiência para enfrentar os perigos, nem sabe o mal que faz em confiar em si.

**15.** Isto foi o que a mim me arruinou. E para isto, como para tudo, há grande necessidade de mestre e trato com pessoas espirituais. Bem creio eu que alma que Deus traz a este estado - se ela não deixar de todo em todo a Sua Majestade -, Ele não a deixará de favorecer nem a deixará perder.

Mas quando cair, como tenho dito, olhe, olhe por amor do Senhor, não a engane o demónio levando-a a deixar a oração - como fez a mim- por uma falsa humildade, como já tenho dito e muitas vezes o quisera dizer.

Confie na bondade de Deus, que é maior de que todos os males que podemos fazer e não se lembra da nossa ingratidão, quando, reconhecendo o que somos, queremos voltar à Sua amizade. Nem se recorda das mercês que nos tem feito para por elas nos castigar; antes ajudam a perdoar-nos mais depressa, como a gente que já era de Sua casa e tem comido – como dizem - o seu pão.

Lembrem-se das Suas palavras e vejam o que fez comigo, mais me cansei eu de O ofender, que Sua Majestade de me perdoar. Nunca Ele se cansa de dar nem se podem esgotar Suas misericórdias; não nos cansemos nós de receber.

Seja bendito para sempre, amen, e louvem-n'O todas as criaturas.

### CAPÍTULO 20

*Trata da diferença que há entre a união e arroubamento. - Declara o que é arroubamento e diz alguma coisa sobre o bem que existe na alma que o Senhor, pela Sua bondade, faz chegar a Ele.*

*- Enumera os efeitos que produz. -É muito para admirar.*

**1.** Quereria eu saber declarar, com o favor de Deus, a diferença que há entre união e arroubamento. Arroubamento ou raptó ou o que chamam voo de espírito ou arrebatamento, é tudo o mesmo. Digo que estes diferentes nomes são tudo uma e mesma coisa e também se chama êxtase. É grande a vantagem que leva à união; seus efeitos são muito maiores e realiza outras muitas operações.

É que a união parece princípio, meio e fim; e assim é quanto ao interior; mas tal como estes outros favores são fins em mais alto grau, assim também produz efeitos interior e exteriormente. Declare isto o Senhor, como tem feito no demais, porque certo é que, se Sua Majestade não me tivesse dado a entender o modo e maneira de poder dizer alguma coisa disto, eu não o saberia.

**2.** Consideremos agora que esta última água, de que falamos, é tão copiosa que, se não fora não o consentir a vida temporal, poderíamos crer que esta connosco, aqui



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nesta terra, esta nuvem da soberana Majestade. Mas, quando agradecemos este grande bem, ocorrendo com obras, conforme as nossas forças, o Senhor colhe e levanta a alma, digamos agora, à maneira como as nuvens colhem os vapores da terra. Tenho ouvido assim isto: as nuvens ou o sol colhem os vapores, e sobe a nuvem ao céu. Assim, Deus levanta a alma toda e leva-a consigo e começa-lhe a mostrar coisas do reino que lhe tem preparado. Não sei se quadra a comparação, mas é, de facto, assim que isto se passa.

**3.** Nestes arroubamentos, parece que a alma não anima o corpo; e assim, este sente, muito ao vivo, faltar-lhe o calor natural e vai-se esfriando, embora seja com grandíssima suavidade e deleite. Aqui não há meio algum para se poder resistir. Na união, como estamos em terreno nosso, temos meios para isso; embora seja com custo e à força, pode-se quase sempre resistir. Aqui, não só as mais das vezes nenhum remédio há, senão que muitas, sem prevenção do pensamento, sem nenhuma ajuda nossa, vem um ímpeto tao acelerado e forte, que sentis e vedes levantar-se esta nuvem ou esta água caudalosa e colher-vos em suas asas.

**4.** E digo que se entende e vos vedes levar e não sabeis para onde. É que, embora seja com deleite, a fraqueza da nossa natureza faz-nos temer ao princípio. E preciso ser alma determinada e animosa - muito mais do que para o que já ficou dito - para arriscar tudo, venha o que vier, e abandonar-se nas mãos de Deus e ir, de bom grado, aonde nos levarem, pois vos levam por mais que vos pese. E é em tanto extremo, que muitas vezes quisera eu resistir, e emprego todas as minhas forças, em especial algumas quando e em público e outras a sós, temendo ser enganada. Em algumas podia eu algo; porém, com grande quebrantamento, como quem peleja com um homenzarrão forte, ficava eu depois cansada. Outras era impossível resistir, senão que me levava a alma e quase de ordinário a cabeça ia atrás dela sem eu a poder deter e algumas vezes todo o corpo a ponto de o levantar.

**5.** Isto tem sido poucas vezes. Uma delas foi quando estávamos todas juntas no coro, e indo a comungar, estando de joelhos. Deu-me isto grandíssima pena, pois me parecia coisa muito extraordinária e logo haveria de ser muito notada. Assim mandei às irmãs- porque foi agora depois que tenho ofício de prioresa - que não o dissessem.

De outras vezes, em começando a ver que o Senhor ia fazer o mesmo, estendia-me no chão e aproximavam-se a deter-me o corpo e, rio entanto, não deixava de se ver. Uma delas foi estando presente senhoras principais, pois era a festa do Orago, durante o sermão: Supliquei muito ao Senhor que jamais quisesse dar-me mercês que tivessem manifestações exteriores; porque eu já estava cansada de andar em tanta conta e aquela mercê podia-ma fazer o Senhor sem que se percebesse.

Parece que, por Sua bondade, foi servido de me ouvir, pois nunca até agora a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tenho tido; verdade é que foi há pouco. É assim que me parecia, quando queria resistir, que desde a: sola dos pés me levantavam forças tão grandes que não sei a que as comparar. Eram com muito mais ímpeto que estas outras coisas de espírito de que tenho falado e assim ficava feita em pedaços; porque é grande peleja.

Enfim, de pouco aproveita quando o Senhor quer; pois não há poder contra o Seu poder. Outras vezes é Ele servido em contentar-se com que vejamos que nos quer fazer a mercê e que não falha por parte de Sua Majestade. Resistindo-se por humildade, deixa os mesmos efeitos como se de todo se consentisse.

**7.** Naqueles a quem faz isto, grandes são os efeitos. O primeiro é mostrar-se o grande poder do Senhor e como, da nossa parte, não temos nenhum: quando Sua Majestade quer, para deter o corpo - e tão-pouco a alma - nem somos senhores dele. Mas, por muito que nos pese, vemos que há alguém superior e que estas mercês são dadas por Ele e que, por nós mesmos, não podemos nada em nada.

Imprime-se muita humildade. E até confesso que me fez grande temor ao princípio, e grandíssimo, ver-se assim levantar um corpo da terra, embora o espírito o leve atrás de si e seja com grande suavidade, se não se resiste. Não se perdem os sentidos; eu, pelo menos, estava em mim, de maneira que podia compreender que era levada.

Mostra a majestade de quem pode fazer aquilo, que se eriçam os cabelos e fica um grande temor de ofender a tão grande Deus. Este envolto em grandíssimo amor que se cobra de novo a quem vemos que o tem tão grande, a um verme tão podre, que parece não se contentar com levar a Si tão deveras a alma, senão que também quer o corpo, ainda que tão mortal e de terra tão suja, como se tomou por tantas ofensas.

**8.** Também deixa um desapego estranho que eu não saberei dizer como é. Parece-me poder dizer que é de algum modo diferente; digo que é mais que estas outras coisas de mero espírito. Porque embora se esteja, quanto ao espírito, com todo o desapego das coisas, aqui parece que o Senhor quer que até o corpo o ponha por obra. Cria-se uma estranheza nova para com as coisas da terra, que toma a vida muito mais penosa.

**9.** Depois dá um pesar que nem a podemos atrair nem, uma vez que veio, se pode afastar. Muito quisera eu dar a entender esta grande pena e creio que não poderei, mas alguma coisa direi se souber.

Há-de notar-se que estas coisas, que agora digo, são muito lá para o fim, depois de todas as visões e revelações que mais adiante descreverei; e no tempo em que costumava ter oração na qual o Senhor me dava tão grandes gostos e regalos, agora, ainda que isto não cesse algumas vezes, o mais frequente e o mais habitual é esta pena que agora direi.

Ora é maior, ora menor. De quando é maior quero eu agora falar, porque, mais

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

adiante, falarei destes grandes ímpetos que me aconteciam quando o Senhor me quis dar os arroubamentos, os quais não têm - a meu parecer - tanta comparação com isto como uma coisa muito corporal com uma muito espiritual e creio que não o encareço muito. É que parece que aquela pena - embora a sinta a alma - é em companhia do corpo; ambos parecem participar dela, mas não com o extremo do desamparo desta.

Para isto - como tenho dito - não pomos nada da nossa parte.

Assim muitas vezes, a desoras, vem um desejo que não sei como se move, e deste desejo que penetra toda a alma num momento, ela começa a afligir-se tanto que sobe muito acima de si e de todo o criado. Põe-na Deus tão alheia a todas as coisas que, por muito que se esforce, nenhuma lhe parece haver sobre a terra que a acompanhe, nem ela o quisera, senão morrer naquela soledade. Se lhe falam e se ela quiser empregar toda a sua força para responder, de pouco lhe aproveita, porque o seu espírito, por mais que ela faça, não se aparta daquela soledade.

E, apesar de me parecer que Deus está então longíssimo, às vezes Ele comunica as Suas grandezas do modo mais estranho que se pode pensar.

Assim, nem se sabe dizer, nem creio que o acreditará nem compreenderá quem não houver passado por isso; porque não é comunicação para consolar, senão para mostrar a razão que a alma tem de se afligir por estar ausente do Bem que em Si possui todos os bens.

**10.** Com esta comunicação cresce o desejo e o extremo de soledade em que se vê, com uma pena tão aguda e penetrante, que, embora a alma já estivesse posta naquele deserto, parece-me que ao pé da letra, se pode então dizer o que disse o real Profeta estando na mesma soledade: «vigilavi, et factus sum sicut passer solitarius in tecto». Senão que a ele, como santo lhe daria o Senhor a sentir isto num modo mais excessivo. E de tal maneira se me representa então este versículo, que me parece que o vejo em mim e consola-me ver que outras pessoas - quanto mais sendo elas tais - sentiram tão grandes extremos de soledade.

Parece que a alma não está em si, senão no telhado ou tecto de si mesma e de tudo quanto é criado, porque até acima da parte muito superior da alma, me parece que ela está.

**11.** Outras vezes parece que a alma anda como necessadíssima, dizendo e perguntando a si mesma: «Onde está o teu Deus?». É de notar que a tradução destes versos eu não sabia bem qual era e, depois que a compreendi, consolava-me de ver que mos havia trazido Deus à memória sem procurá-lo eu.

Outras vezes me recordava do que diz S. Paulo: que estava crucificado para o mundo. Não digo que isto seja assim, bem vejo que não; mas parece-me estar assim a alma: nem do Céu lhe vem consolo nem está nele, nem da terra o quer nem está nela; está como crucificada entre o céu e a terra, padecendo sem lhe vir socorro de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nenhum lado. Porque o que lhe vem do Céu, (que é, como tenho dito, uma notícia de Deus admirável, muito acima de tudo o que podemos desejar), é para mais tormento.

Acresce o desejo de maneira que a meu parecer- a intensidade da dor tira algumas vezes os sentidos, mas está-se pouco tempo sem eles. Parecem transe de morte, mas traz consigo um tão grande contentamento este padecer que não sei a que o comparar. É um duro martírio saboroso, pois tudo quanto se pode representar à alma de coisas da terra- embora seja do que lhe costuma dar mais prazer- nenhuma admite; logo parece lançá-lo para longe de si.

Bem entende que não quer senão a seu Deus, mas d'Ele não ama uma coisa particular; e a Ele todo inteiro que quer e não sabe o que quer.

Digo que não sabe porque a imaginação não lhe representa nada; nem penso que, durante muito tempo daquele em que está assim, operam as potências, tal como na união e no arroubamento as suspende o gozo, aqui é a dor.

**12.** Oh, Jesus! Quem pudesse dar isto bem a entender a V. Mercê, até para que me dissesse o que é, pois nisto anda agora sempre a minha alma! O mais normal-em se vendo desocupada - é ficar nestas ânsias de morte e teme, quando vê que começam, porque sabe que não há-de morrer. Mas, chegada a isto, o que houvesse de viver quereria fosse neste padecer; embora seja tão excessivo que a natureza mal o pode suportar. E, assim, algumas vezes, quase me falta de todo o pulso - segundo dizem algumas das irmãs que então se chegam a mim e isto já melhor entendem - e sinto as canas dos braços abertas e as mãos tão hirtas, que eu, algumas vezes, não as posso juntar e assim me ficam dores até ao outro dia nos pulsos e no corpo, parece que se desconjuntaram.

**13.** Eu bem penso que, alguma vez, há-de ser o Senhor servido, se isto vai por diante como agora, que se acabe com acabar a vida, pois, a meu parecer, bastante é para isso tão grande pena, mas eu não o mereço. Então toda a ânsia é morrer. Não me recordo do purgatório nem dos grandes pecados que tenho feito, pelos quais merecia o inferno. Tudo se me olvida com aquela ânsia de ver a Deus e aquele deserto e soledade parece melhor à alma, que toda a companhia do mundo.

Se alguma coisa lhe pudesse dar consolo é tratar com quem tivesse passado por este tormento; mas ver que, embora se queixe dele, ninguém, segundo lhe parece, a há-de acreditar!

**14.** Também a atormenta ser esta pena tão grande que não quisera solidão como em outras, nem companhia, a não ser com quem se pudesse queixar.

É como quem tem a corda ao pescoço e se está afogando, e procura, tomar fôlego. Assim parece-me que este desejo de companhia provém da nossa fraqueza, porque nos põe em perigo de morte. Isto sim, de certo, que o faz. E tenho-me yisto nesse perigo algumas vezes com grandes enfermidades e ocasiões, como tenho dito,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

e creio poder dizer que este é tão grande como todos os outros.

E assim, o desejo que o corpo e a alma têm de não se, apartarem, é que faz pedir socorro para tomar fôlego e, com dizê-lo e queixar-se e distrair-se, buscar remédio para viver, muito contra a vontade do espírito ou da parte superior da alma que não quererá sair desta pena.

**15.** Não sei se atino no que digo ou se o sei dizer, mas bem me parece isto passar-se assim. Veja, V. Mercê que descanso posso ter nesta vida; pois o que eu tinha - que era a oração e soledade, porque ali me consolava o Senhor- é agora habitual este tormento. É, porém, tão saboroso e a alma vê que e de tanto preço, que já lhe quer mais que a todos os regalos que costumava ter. Parece-lhe mais seguro porque é caminho de cruz e contém em si um gosto de muito valor, a meu parecer, porque dele não participa corpo, senão da pena somente e é a alma a que padece e goza sozinha do gozo e contento que dá este padecer.

Eu não sei como isto possa ser, mas sei que é assim. E, segundo penso, eu não trocava esta mercê que o Senhor me faz e muito de Sua mão e, como tenho dito, nada adquirida por mim, porque é muito sobrenatural-, por todas as que depois direi. Não digo todas juntas, senão tomada cada uma per si. E não se deixe de ter na lembrança que é depois de tudo o que vai escrito neste livro e em que agora me tem o Senhor.

**16.** Estando eu a princípio com temor (como me acontece quase sempre a cada nova mercê que me faz o Senhor, até que, com a continuação, Sua Majestade me infunde segurança), Ele disse-me que não temesse e a tivesse em mais conta que todas as que me tinha feito. Nesta pena se purifica a alma e se lava e purifica, tal como o ouro no crisol, a fim de melhor poder receber os esmaltes de seus dons, e que ali se purificava pelo eu havia de estar no purgatório.

Bem entendia que era grande mercê, mas fiquei com muita mais segurança e o meu confessor disse-me que era bom. E embora eu temesse por ser tão ruim, nunca pude crer que fosse mau; era antes o muito sobrado bem que me fazia temer, lembrando-me quão mal o havia merecido. Bendito seja o Senhor que tão bom é. Amen.

**17.** Vejo que saí do meu propósito, porque comecei a falar de arroubamentos e isto que disse é ainda mais que arroubamento, e assim deixa os efeitos mencionados.

**18.** Agora voltemos aos arroubamentos, ao que neles acontece mais ordinário.

Digo que muitas vezes me parecia que me deixava o corpo tão leve que dele me tirava todo o peso; e algumas era tanto à força que quase não me apercebia pôr os pés no chão. Pois, quando a alma está em arroubamento, o corpo fica muitas vezes como morto, sem nada poder fazer por si e, tal como é tomado por este arroubamento, assim se fica sempre: ou em pé, ou sentado, ou mãos abertas, ou

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

fechadas. E ainda que poucas vezes se percam os sentidos, algumas tem-me acontecido de os perder de todo, porém poucas vezes e por pouco tempo. Normalmente, o sentido turva-se e, ainda que nada possa fazer por si quanto ao exterior, não deixa de entender e ouvir, mas como de longe.

Não digo que entenda e ouça quando está no maior auge deste ímpeto (chamo o mais subido, aos momentos em que se perdem as potências, porque estão muito unidas com Deus), porque então não vê, nem ouve, nem sente, segundo me parece. Mas, como disse na oração de união de que falei atrás, esta transformação da alma toda em Deus dura pouco; mas no tempo que dura, nenhuma potência se sente, nem sabe o que ali passa.

Deve ser para que não se compreenda enquanto vivemos na terra; pelo menos Deus não o quer, por não termos capacidade para isso. Tenho-o visto por mim.

**19.** Perguntar-me-á V.Mercê, como é que, algumas vezes, dura tanto tempo o arroubamento. Muitas vezes, o que se passa comigo é que - como disse na oração passada - se goza com intervalos. E muitas vezes se engolfa a alma ou a engolfa o Senhor em Si, para melhor dizer, e, detendo-a assim um pouco, fica-se só com a vontade. Parece-me que este bulício destas outras duas potências é como o de uma linguetazita destes relógios de sol, que nunca pára; mas quando o Sol da Justiça quer, fá-las deter.

Digo que isto é por pouco tempo. Mas, como foi grande o ímpeto e levantamento de espírito, embora estas potências tornem a mexer-se, permanece engolfada a vontade e, como senhora de tudo, faz aquela operação no corpo. Já que as outras duas potências buliçosas a querem estorvar - e de inimigos os menos - não a estorvem também os sentidos e assim faz com que estejam suspensos, porque assim o quer o Senhor. E, na maior parte das vezes, estão cerrados os olhos, ainda que não os queiramos cerrar; e, se alguma vez estão abertos- como já disse -, não se atina nem se adverte no que vê.

**20.** Aqui é muito menos o que o corpo pode fazer por si, para que; quando Se tornarem as potências a juntar, não haja tanto que fazer. Por isso, a quem o Senhor der isto, não se desconsola quando se vir assim atado o corpo durante muitas horas e o entendimento e a memória às vezes distraídos.

Verdade é estarem estas potências habitualmente embebidas em louvores a Deus ou em querer compreender o que se passou por elas e ainda para isto não estão bem despertas, senão como uma pessoa que tenha dormido muito e sonhado e ainda não acabou de despertar.

**21.** Declaro-me tanto nisto porque sei que há agora, mesmo neste lugar, pessoas a quem o Senhor faz estas mercês, e se os que as governam não passaram por isto, parecer-lhes-á, talvez, que elas hão-de estar como mortas no arroubamento, em especial se não são letrados e é lástima o que se padece com os confessores que não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

o compreendem, como direi depois. Porventura não saberei o que digo; V. Mercê o entenderá, se eu atinar em alguma coisa, pois o Senhor já lhe deu experiência disso, embora, como não é de há muito tempo, talvez não o tenha ainda considerado tanto como eu.

Assim é que, embora muito procure fazê-lo, durante bom espaço de tempo, não há forças no corpo para se poder menear; todas as levou consigo a alma. Muitas vezes fica são- pois estava bem enfermo e cheio de grandes dores -e com mais capacidade, porque é grande coisa o que ali se dá, e quer o Senhor algumas vezes, como repito, que goze o corpo, pois já obedece ao que a alma quer.

Depois que volta a si, se foi grande o arroubamento, acontece andarem um dia ou dois, e até três, tão absortas as potências ou a alma como embevecida, que parece não anda em si.

**22.** Aqui é a pena de ter de voltar a viver; aqui o nascerem-lhe asas para bem voar; já lhe caiu a penugem. Aqui se levanta já de todo a bandeira por Cristo, pois outra coisa não parece senão que o alcaide-mor desta fortaleza subiu, ou que o levaram à torre mais alta a levantar bandeira por Deus. Olha para os de baixo como quem está a salvo; já não teme os perigos, antes os deseja, como pessoa a quem, de certa maneira, ali foi dada segurança da vitória. Aqui se vê mui claramente o pouco em que - tudo o que é cá de baixo - se há-de estimar e ninharia que tudo é. Quem está no alto alcança muita coisa; já não quereria querer, nem quisera ter livre alvedrio, e assim o suplica ao Senhor. Dá-lhe as chaves da sua vontade. Eis aqui o hortelão feito alcaide-mor: não quer fazer outra coisa senão a vontade do Senhor; nem deseja ser senhor de si, nem de nada, nem dum pêro deste horto... Se alguma coisa de bom nele houver, que o reparta Sua Majestade. Doravante não quer coisa própria, senão que Ele disponha de tudo conforme à Sua glória e à Sua vontade

**23.** E, de facto e em verdade, é assim que se passa tudo isto, se os arroubamentos são verdadeiros, pois fica a alma com os efeitos e o aproveitamento que fica dito. Se estes assim não fossem, duvidaria eu. muito virem os arroubamentos de Deus; antes temeria não fossem os «enraivecimentos» de que fala S.Vicente. Isto entendo-o eu, e tenho visto por experiência que a alma fica aqui senhora de tudo e com liberdade, até em menos de uma hora, que nem ela se pode conhecer.

Bem vê que para isto nada fez, nem sabe como lhe foi dado tanto bem; mas entende claramente o grandíssimo proveito que cada rapto destes traz consigo. Não há quem o acredite se não passou por isto; e assim não dão crédito à pobre alma por a terem visto tão ruim e tão depressa a verem pretender fazer coisas tão arriscadas; pois, logo dá em não se contentar com servir em pouco ao Senhor, senão no mais que ela puder. Pensam que é tentação e disparate. Se compreendessem que isto não nasce dela, senão do Senhor, a Quem já entregou as chaves da sua vontade, não se espantariam.

**24.** Tenho para mim que uma alma, que chega a este estado, já não fala nem faz coisa alguma por si mesma, senão que, de tudo quanto ela há-de fazer, tem cuidado este Soberano Rei. Oh! valha-me Deus, quão claramente se entende aqui a declaração do versículo do Salmo 54 e se vê, que tinha razão o salmista - e a terão todos - em *pedir asas de pomba* ! Entende-se claramente que é voo o que o espírito dá para se levantar acima de tudo o criado e de si mesmo, em primeiro lugar; mas é voo suave, é voo deleitoso, voo sem ruído.

**25.** Que senhorio tem uma alma a quem o Senhor chega até aqui, que a tudo atende sem ficar nisso enredada! Que envergonhada está do tempo em que o ficava! Que espantada da sua cegueira! Como lastima os que estão nela, em especial se é gente de oração e a quem Deus já regala! Queria dar vozes para dar a entender quão enganados estão, e mesmo assim o fazem algumas vezes e chovem-lhe sobre a cabeça mil perseguições.

É tida por pouco humilde e por querer ensinar aqueles de quem deveria aprender, especialmente se é mulher; então é que é o condenar, e não sem razão, porque não sabem o ímpeto que a move, ao qual, às vezes, não pode resistir nem pode deixar de desenganar aqueles à quem quer bem e deseja ver soltos do cárcere desta vida: pois menos não é, nem menos lhe parece aquilo em que ela tem estado.

**26.** Dói-se do tempo em que olhou a pontos de honra e do engano que trazia em crer que era honra o que o mundo chama honra. Vê que é grandíssima mentira e que todos andamos nela. Entende que a verdadeira honra não é mentirosa, senão verdadeira, dando valor ao que, de facto, o tem e tendo o que não é nada, por bagatela, pois é nada, e menos que nada, tudo o que se acaba e não contenta a Deus.

**27.** Ri-se de si, do tempo em que tinha em alguma conta dinheiro e o cobiçava, ainda que nisto creio que nunca- e assim é verdade – confessei culpa; bastante culpa era já tê-lo em algum apreço. Se com ele se pudesse comprar o bem que agora vejo em mim, tê-lo-ia em muito; mas vejo que este bem se ganha com deixá-lo de todo em todo. Que é isso que se compra com estes dinheiros que desejamos? É coisa de preço? É coisa durável? Ou, para que o queremos? Negro descanso se procura, que tão caro custa! Muitas vezes se procura com eles o inferno e se compra fogo perdurável e pena sem fim. Oh! se todos dessem em tê-los por terra sem proveito, que consertado andaria o mundo! Sem tráfegos e com que amizade se tratariam todos! Se faltasse o interesse de honras e dinheiros, tenho para mim que se remediaría tudo.

**28.** Vê a grande cegueira dos prazeres e como com eles se compra trabalho e desassossego, até para esta vida. Que grande inquietação! Que pouco contento! Quanto trabalho em vão! Aqui não só vê as teias de aranha da sua alma e as faltas grandes, mas até um pozinho que haja, por pouco que seja, porque o sol está muito



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

claro. · E assim, por muito que trabalhe uma alma em se aperfeiçoar, se deveras a colhe este Sol, toda ela se vê muito turva. É como a água que está num copo que, enquanto lhe não dá o sol, está muito clara, mas se vem a dar nela, vê-se que está cheia de impurezas. Esta comparação é ao pé da letra. Antes de estar a alma neste êxtase, parece-lhe que traz cuidado de não ofender a Deus e que, conforme às suas forças, faz quanto pode. Mas uma vez chegada aqui, quando dá nela este Sol de Justiça que lhe faz abrir os olhos, vê tantas arestas que os quereria voltar a fechar.

Ainda não é tão filha desta águia real que possa fitar este sol sem pestanejar. Mas, por pouco que os tenha abertos, vê-se toda turva. Recorda-se do verso que diz: «Quem será justo diante de Ti?».

**29.** Quando olha para este Divino Sol fica deslumbrada com a claridade. Mas, como se vê a si mesma, o barro lhe tapa os olhos, cegando esta pobre pombazita. Assim acontece-lhe, muitas vezes, ficar cega de todo, absorta, espantada, desvanecida por tantas grandezas que vê. Aqui se ganha a verdadeira humildade para não se lhe dar nada de dizer bem de si mesma nem que outros o digam. É o Senhor do horto que reparte a fruta e não ela, e assim nada se lhe apega às mãos. Todo o bem que possui vai endereçado a Deus; e se alguma coisa diz de si, é para Sua glória. Sabe que ali não tem nada seu; ainda mesmo que queira, não o pode ignorar, porque vê a olhos vistos que, por mais que lhe pese, lhos fazem fechar às coisas do mundo e tê-los abertos para entender verdades.

### CAPÍTULO 21

*Prossegue e acaba este último grau de oração. Diz o que a alma sente por continuar a viver no mundo; e como o Senhor a esclarece dos enganos deste mesmo mundo. - Tem boa doutrina.*

**1.** Pois acabando o que ia dizendo, digo que Deus não tem aqui necessidade do consentimento da alma; já lho deu e sabe que voluntariamente se entregou em Suas mãos e que não o pode enganar, porque é sabedor de tudo. Não é como aqui, que toda a vida está cheia de enganos e falsidades.

Quando pensais que tendes conquistado um coração, segundo se vos mostra, vindes a descobrir que tudo é mentira. Não há quem viva em tanto desassossego, em especial se mete de permeio um pouco de interesse.

Bem-aventurada a alma que o Senhor traz a entender verdades. Oh! que estado este para os reis! Corno lhes valeria muito mais procurá-lo, que grande senhorio! Que rectidão não haveria no reino! Quantos males não se escusariam e teriam evitado! Aqui não só teme perder vida nem honra por amor de Deus. Que grande bem este para quem está mais obrigado a olhar à honra do Senhor de que à de todos os inferiores, pois hão-de ser os reis a quem se segue! Por um ponto de aumento na fé e por se ter dado em algumas coisas luz aos hereges, perderia mil

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

reinos e com razão. E outro ganho: o de um reino que não se acaba. Com uma só gota, que uma alma prove da água que nele há, lhe causa asco tudo o que é de cá. Pois, quando estiver de todo engolfada, que será?

**2.** Oh, Senhor! Se me désseis ocasião para dizer isto em altas vozes! Não me acreditariam, como fazem a muitos que o sabem dizer de outro modo do que eu; mas, ao menos, sentir-me-ia satisfeita. Teria em pouco a vida para dar a entender uma só verdade destas, julgo eu. Depois não sei o que faria, que não há que fiar de mim. Sendo eu, porem, a que sou, dão-me tão grandes ímpetos de dizer isto aos que governam, que me desfazem. E, por não poder mais, volto-me para Vós, Senhor meu, a pedir-Vos remédio para tudo. E bem sabeis Vós que mui de boa vontade me despojaria das mercês que me tendes feito, contanto que ficasse em estado de Vos não ofender e as daria aos reis; porque sei que seria impossível consentirem eles coisas que agora se consentem, nem deixar de haver grandes bens.

**3.** Oh! Deus meu! Dai -lhes a entender aquilo a que estão obrigados, pois Vós os quisestes assinalar na terra de modo que até tenho ouvido dizer que há sinais no céu quando levais algum deles. Quando penso nisto, certo é, Rei meu, fazer-me devoção o Vós quererdes que, até nisto, eles entendam que Vos devem imitar em vida, pois que, de algum modo, à sua morte, há sinal no céu como quando Vós morrestes.

**4.** A muito me atrevo. Rasgue isto V. Mercê, se lhe parecer este mal e creia que lho diria melhor em presença, se pudesse ou pensasse que me haviam de acreditar, porque os encomendo muito a Deus e queria fosse com proveito. Tudo isto faz aventurar a vida, que desejo muitas vezes perder; era aventurar-me a ganhar muito por pouco preço. Porque não há já quem viva, vendo a olhos vistos o grande engano em que andamos e a cegueira que trazemos.

**5.** Chegada uma alma aqui, não são só desejos o que ela tem por Deus; Sua Majestade dá-lhe forças para os pôr por obra. Nenhuma coisa se lhe põe diante, em que pense podê-Lo servir, a que não se abalance, e não faz nada, porque - como digo - vê claramente que tudo é nada, a não ser contentar a Deus. Trabalho é o não haver coisa que se ofereça às que são de tao pouco préstimo, como eu. Sede Vós, meu Deus, servido que venha tempo em que eu possa pagar algum coroadado do muito que Vos devo.

Ordenai Vós, Senhor, como Vos aprouver, que esta Vossa serva Vos sirva em alguma coisa. Mulheres eram outras e fizeram coisas heróicas por amor dê Vós; eu não sirvo senão para tagarelar e assim não quereis, Deus meu, meter-me em obras. Tudo quanto hei-de servir vai-se em palavras e desejos e, ainda para Isto, não tenho liberdade, porque, se porventura a tivera, faltaria em tudo.

Fortalecei Vós a minha alma e disponde-a primeiro, Bem de todos os bens e Jesus meu, e ordenai logo modo e meios com que faça alguma coisa por Vós, porque não há já quem sofra receber tanto e nada pagar. Custe o que custar, Senhor, não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

queirais que me apresente diante de Vós com as mãos tão vazias, pois, conforme às obras, se há-de dar o prémio. Aqui está a minha vida, aqui está minha honra e minha vontade; tudo Vos dei; Vossa sou, disponde de mim conforme Vos agradar. Bem vejo, meu Senhor, o pouco que posso; mas chegada a Vós, do alto desta atalaia donde se vêem as verdades, não Vos afastando Vós de mim, tudo poderei. Se Vos afastais, por pouco que seja, irei para onde estava, que era o inferno.

**6.** Oh! o que é uma alma, que se vê aqui, ter de voltar a tratar com todos, olhar e ver a farsa desta vida tão mal concertada, gastar tempo a cuidar do corpo, dormindo e comendo! Tudo a cansa. Não sabe como fugir. Vê-se encadeado e presa. Sente, então, mais verdadeiramente o cativo que trazemos com os corpos e a miséria da vida. Conhece a razão que tinha S. Paulo de suplicar a Deus que o livrasse dela, dá vozes como ele, pede a Deus liberdade, como outras vezes tenho dito. Aqui, porém, é com tão grande ímpeto, que muitas vezes parece que a alma quer sair do corpo a buscar esta liberdade, já que não a tiram dele. Anda como que vendida em terra estranha e o que mais a aflige é não encontrar muitos que se queixem com ela e peçam isto mesmo, senão que o mais normal é desejar viver. Oh! se não estivéssemos apegados a nada, nem tivéssemos posto o nosso contento em coisa alguma da terra, como a pena que sentiríamos em viver sempre sem Ele, temperaria o medo da morte com o desejo de gozar da vida verdadeira!

**7.** Considero algumas vezes, que, se alguém como eu, apesar de ter tão tibia caridade e tão incerto o descanso verdadeiro por não o terem merecido minhas obras, sinto muitas vezes - só por o Senhor me ter dado esta luz -tão grande pesar de me ver neste desterro, qual não seria o sentimento dos santos? Que devem ter passado São Paulo, a Madalena e outros semelhantes em quem tão crescido estava este fogo de amor de Deus? Devia ser para eles um contínuo martírio.

Parece-me que me dá algum alívio e descanso o trato de pessoas a quem posso falar destes desejos; digo, desejos com obras, porque há algumas pessoas que se julgam estar desprendidas de tudo e assim o apregoam e havia de ser, pois o seu estado e os muitos anos que há, desde que algumas começaram caminho de perfeição, assim o pede. Contudo, esta alma conhece bem, e de longe, os que o são só de palavras ou os que já confirmaram estas palavras com obras. É que já compreendem o pouco proveito que dão uns e o muito os outros. É coisa que, quem tem experiência, vê muito claramente.

**8.** São, pois, estes os efeitos que realizam os arroubamentos quando são do espírito de Deus. Verdade é que há mais e menos. Digo menos, porque no princípio, embora cause estes efeitos, não estão experimentados com obras e assim não se pode entender que os têm. Também vai crescendo a alma em perfeição, procurando que não haja memória de teia de aranha e isto requer algum tempo. E quanto mais

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

crecem nela o amor e a humildade, maior cheiro exalam de si estas flores de virtudes, para ela e para os outros.

Verdade é que, num raptó destes, o Senhor pode operar de maneira a que fique à alma pouco trabalho em adquirir a perfeição. Ninguém poderá mesmo acreditar, se não o tiver experimentado, o que o Senhor dá aqui; não há - a meu parecer - diligência nossa que a isso tanto possa chegar. Não digo que, com o favor do Senhor, trabalhando a alma durante muitos anos e servindo-se dos meios que descrevem os que têm escrito sobre oração, seus princípios e meios, não cheguem à perfeição e a muito desapego com grande custo. Mas não será, porém, em tão breve tempo nem sem nenhum esforço da nossa parte, como obra aqui o Senhor, pois determinadamente tira a alma da terra e lhe dá senhorio sobre quanto nela há, e isto ainda que nesta alma não haja mais merecimentos que havia na minha, o que sem encarecimento posso dizer, não era quase nenhum.

**9.** O motivo pelo qual o faz Sua Majestade, é porque quer, e fá-lo como quer, e ainda que não haja na alma disposição, dispõe-na para receber o bem que Sua Majestade lhe dá. Assim, nem sempre concede suas mercês por as terem merecido, cultivando bem o horto, embora esteja muito certo que, a quem faz isto bem e procura desapegar-se, não deixe Sua Majestade de regalar. É, porém, de Sua vontade mostrar algumas vezes Sua grandeza na terra que é mais ruim, como tenho dito, e dispõe-na para todo o bem, de maneira que pareça, em certo modo, que já não é livre para voltar a viver com ofensas a Deus, como costumava. Tem o pensamento tão habituado em entender o que é verdadeira verdade, que tudo o mais lhe parece jogo de meninos. Ri-se consigo mesma algumas vezes, quando vê pessoas sérias, de oração e religião, fazer muito caso duns pontos de honra que esta alma tem já debaixo dos pés. Dizem que é discricão e autoridade do seu estado para maior proveito. Sabe ela, no entanto, muito bem que mais aproveitaria num só dia em que pospusesse aquela autoridade por amor de Deus, que, com ela, em dez anos.

**10.** Assim vive esta alma vida trabalhosa e sempre com cruz, mas vai em grande aumento. Quando se dá a conhecer aos que, com ela tratam, vêem que está lá muito no cume; e dentro em pouco estará muito mais melhorada, porque Deus a vai favorecendo sempre mais. É alma sua, é Ele que a tem já a Seu cargo e assim a ilumina, dir-se-ia que com a Sua assistência a está sempre guardando para que não O ofenda, e favorecendo e despertando para que O sirva. Chegando a minha alma a ponto de que Deus lhe fizesse esta tão grande mercê, cessaram os meus males e o Senhor deu-me fortaleza para sair deles. Já tanto se me dava estar metida nas ocasiões e com pessoas que me costumavam distrair, como não. Antes, até me ajudava o que me costumava causar dano. Tudo me era depois meio para conhecer melhor a Deus e amá-Lo e ver o que Lhe devia e ter pesar do que eu havido sido.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**11.** Bem entendia eu que aquilo não vinha de mim nem o tinha ganho com minhas diligências, pois não tinha ainda havido tempo para isso. Sua Majestade havia-me dado fortaleza para isso, só por Sua bondade.

Até agora, desde que o Senhor me começou a fazer esta mercê destes arroubamentos, sempre tem vindo crescendo esta fortaleza e Ele, por Sua bondade, tem-me tido de Sua mão para eu não voltar atrás. Nem mesmo me parece - e assim é - que faço alguma coisa de minha parte, senão que entendo claramente que o Senhor é O que opera. E, por isto, me parece que almas a quem o Senhor faz estas mercês, indo com humildade e temor, sempre compreendendo que o Senhor mesmo é Quem o faz, e nós quase nada, se podem meter entre qualquer gente. Por mais divertida e viciosa que seja, nada fará ao caso, nem a moverá em nada; antes, como tenho dito, a ajudará e ser-lhe-á motivo para tirar muito maior proveito. São já almas fortes que o Senhor escolhe para fazer bem a outras, ainda que esta fortaleza não lhes venha delas. Pouco a pouco, em chegando até aqui uma alma, o Senhor vai-lhe comunicando segredos muito grandes.

**12.** Aqui é que são as verdadeiras revelações, êxtases e as grandes mercês e visões; e tudo contribui para humilhar e fortalecer a alma e faz com que tenha em menos conta as coisas desta vida e conheça mais claramente as grandezas do prémio que o Senhor tem preparado para os que O servem.

Praza a Sua Majestade que a grandíssima liberalidade que tem tido com esta miserável pecadora sirva, de algum modo, para que se esforcem e animem os que isto lerem, a deixar tudo, de todo em todo, por Deus. Pois, se tão cabalmente paga Sua Majestade que ainda nesta vida se vê claramente o prémio e o lucro que têm os que O servem, que será na outra?

## CAPÍTULO 22

*Trata de quão seguro caminho é para os contemplativos não levantarem o espírito a coisas altas se o Senhor o não levanta, e como a Humanidade de Cristo deve ser caminho para chegar à mais alta contemplação.- Fala dum engano em que andou algum tempo. -E muito proveitoso este capítulo.*

**1.** Uma coisa quero dizer, segundo julgo, importante; se parecer bem a V. Mercê, servirá de aviso, pois poderá ser que lhe seja útil. Nalguns livros que tratam de oração, diz-se: que embora a alma não possa por si chegar a este estado, porque tudo quanto o Senhor opera nela é obra sobrenatural, ela poderá contudo ajudar-se, levantando o espírito de tudo o criado e elevando-o com humildade, depois de ter andado muitos anos pela via purgativa e aproveitado na iluminativa. Não sei bem porque dizem iluminativa; julgo ser a dos que vão aproveitando.

E avisam muito nestes livros que apartem de si toda a imaginação corpórea e se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

acheguem a contemplar na Divindade; porque, segundo dizem, embora seja a Humanidade de Cristo, embaraça ou impede, nos que vão já tão adiante, a mais perfeita contemplação.

Trazem, a este propósito, o que o Senhor disse aos Apóstolos quando da vinda do Espírito Santo, digo, quando subiu aos Céus. Parece-me a mim que, se eles tivessem então a fé que tiveram depois da vinda do Espírito Santo e cressem que o Senhor era Deus e Homem, não lhes seria impedimento - para a mais alta contemplação - o pensar na Sagrada Humanidade; pois isto não foi dito à Mãe de Deus, ainda que O amasse mais que todos.

É que a estes lhes parece - como esta obra é toda espírito - que qualquer coisa corpórea a pode estorvar ou impedir. E assim, o que se há-de procurar, é considerar que Deus está em todas as partes e ver-se engolfado n'Ele.

Isto parece-me bem, algumas vezes; mas apartar-se, de todo, de Cristo e fazer entrar na mesma conta a este divino Corpo com as nossas misérias e com tudo o criado, não o posso sofrer! Praza a Sua Majestade que eu me saiba dar a compreender.

**2.** Eu não o contradigo, porque são letrados e espirituais e sabem o que dizem e, Por muitos caminhos e vias, leva Deus as almas. Como tem levado a minha e o que eu quero agora dizer, e no perigo em que me vi por me querer conformar com o que lia, que no mais não me intrometo. Creio bem que, quem chegar a ter união e não passar adiante - digo, a arroubamentos e Visões e outras mercês que Deus faz às almas terá o dito como o melhor, como eu fazia. Mas se eu me tivesse atido a isso, creio que nunca teria chegado ao ponto em que estou presentemente. Pois, a meu parecer, isto é engano; bem pode ser que seja eu a enganada; mas direi o que me aconteceu.

**3.** Como eu não tinha mestre, lia por estes livros, por onde, pensava eu, iria pouco a pouco entendendo alguma coisa. Depois entendi que, se o Senhor não me ensinasse, eu poderia depreender pouco dos livros, porque não era nada o que entendia até que Sua Majestade mo dava a entender, por experiência, nem sabia o que fazia. E começando, pois, a ter um pouco de oração sobrenatural - digo de quietude - procurava desviar toda coisa corpórea, conquanto não ousasse ir levantando a alma, porque - como fui sempre tao ruim- Via que era atrevimento. Parecia-me, no entanto, sentir a presença de Deus, e assim é, e procurava ficar-me recolhida com Ele. É oração saborosa, se Deus ali ajuda, e o deleite é muito. E como vi aquele lucro e aquele gosto, já não havia quem me fizesse voltar à Humanidade, pois que, de facto, me parecia em verdade, que me era impedimento.

Oh! Senhor da minha alma e meu Bem, Jesus Crucificado! Não me recordo vez alguma desta opinião que tive, que não me dê pena e me pareça que Vos fiz uma grande traição, ainda que por ignorância.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**4** Tinha eu sido muito devota de Cristo toda a minha vida. Porque isto foi para o fim (digo no fim, antes que o Senhor me fizesse estas mercês de arroubamentos e visões), e era-o em tanto extremo que durou muito pouco o permanecer nesta opinião e assim sempre eu voltava ao meu costume de folgar com este Senhor, em especial quando comungava.

Quisera eu sempre trazer diante dos olhos Seu retrato e imagem, já que não podia trazê-Lo tão esculpido em minha alma como quisera. Será possível, Senhor meu, que coubesse em meu pensamento - sequer, uma hora - que Vós me havéreis de impedir um maior bem? De onde me vieram a mim todos os bens senão de Vós?

Não quero pensar que nisto tivesse tido culpa porque me magoa muito. Decerto que era ignorância e assim Vós quisestes, por Vossa bondade, remediá-lo, dando-me quem me tirasse deste erro e que depois eu Vos visse tantas vezes- como adiante direi - para que mais claramente entendesse quão grande era o erro e o dissesse a muitas pessoas, como tenho feito e agora o escrevo aqui.

**5.** Tenho para mim que a causa de muitas almas não aproveitarem mais e de não chegarem a uma muito grande liberdade de espírito, quando chegam a ter oração de união, é por isto mesmo. Julgo haver duas razões em que posso fundar a minha opinião; e bem pode ser não diga nada, mas o que disser, tenho-o visto por experiência, pois se encontrava muito mal a minha alma até o Senhor lhe dar luz; porque todos os seus gozos eram como que a sorvos e, saindo deles, não se achava com a Sua companhia, como depois a teve para os trabalhos e tentações.

Uma, é que há um tanto de pouca humildade, tão solapada e escondida, que não se sente. E, quem será o soberbo ou miserável, como eu, que embora houvesse trabalhado toda a sua vida com quantas penitências e orações e perseguições se possam imaginar, não se dê por muito rico e muito bem pago, quando o Senhor lhe consentir estar ao pé da Cruz com S. João? Não sei em que juízo cabia não se contentar com isto, a não ser no meu, que de todas as maneiras se perdia no que havia de ganhar.

**6.** Se todas as vezes - por condição da natureza ou enfermidades - não se pode pensar na Paixão por ser penoso, quem nos impede de estar com Ele depois de ressuscitado, pois tão perto O temos no Sacramento, onde já está glorificado? E não O vemos tão fatigado e feito em pedaços, escorrendo sangue, cansado pelos caminhos, perseguido daqueles a quem fazia tanto bem, não acreditado pelos Apóstolos." Sim, porque, certamente, nem há quem sofra o estar a pensar sempre em tantos trabalhos como os que passou. Ei-Lo pois aqui sem dor, cheio de glória, esforçando a uns, animando a outros, antes que subisse aos Céus, companheiro nosso no Santíssimo Sacramento, que parece não estava na Sua mão apartar-se de nós um só momento! E que tenha estado na minha o apartar-me eu de Vós, Senhor meu, para melhor Vos servir! ...Que, enfim, quando Vos ofendia não Vos conhecia.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas que, conhecendo-Vos, pensasse ganhar mais por este caminho – Oh!. que mau caminho levava, Senhor!. Bem me parece que ia sem caminho, se Vós não me voltásseis a pôr nele; pois vendo-Vos junto de mim, logo vi todos os bens. Não me tem vindo trabalho que, olhando-Vos a Vós, tal estivesseis diante dos juizes, não se torne fácil de sofrer. Com tão bom amigo presente, com tão esforçado capitão, que foi o primeiro no padecer, tudo se pode sofrer. E ajuda e dá força; nunca falta; é Amigo verdadeiro.

E vejo eu claramente e vi depois que, para contentar a Deus e para Ele nos fazer grandes mercês, quer que seja por mãos desta Humanidade Sacratíssima, na qual Sua Majestade disse que Se deleita. Muitas, muitas vezes o tenho visto por experiência e tem-mo dito o Senhor. Tenho visto claramente que por esta porta temos de entrar, se queremos que a soberana Majestade nos mostre grandes segredos.

**7.** Assim, V. Mercê, senhor, não queira outro caminho, embora esteja no cume da contemplação; por aqui vai seguro. É por este Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Ele o ensinará; olhando a Sua vida, é o melhor modelo. Que mais queremos com um tão bom Amigo ao nosso lado, que não nos deixará nos trabalhos e tribulações, como fazem os do mundo? Bem-aventurado quem de verdade O amar e sempre O trouxe ao pé de si. Vejamos o glorioso São Paulo que, dir-se-ia, ter sempre na boca Jesus, como quem O tinha bem no coração. Eu tenho reparado com cuidado, depois que isto compreendi, em alguns santos grandes contemplativos, e não iam por outro caminho. São Francisco dá mostras disto nas Chagas; Santo António de Pádua no Menino; São Bernardo deleitava-se na Humanidade; Santa Catarina de Sena e outros muitos que V. Mercê saberá melhor do que eu.

**8.** Isto de apartar-se do que é corporal bom deve ser certamente, pois gente tão espiritual o diz; mas, a meu parecer, há-de ser estando a alma muito aproveitada, porque até isto, claro está, se há-de buscar ao Criador por meio das criaturas. Tudo é conforme à mercê que o Senhor faz a cada alma: nisso não me intrometo. O que eu queria dar a entender é que não há-de entrar nesta conta a Sacratíssima Humanidade de Cristo. E entenda-se bem este ponto, em que eu quereria saber-me explicar.

**9.** Quando Deus quer suspender todas as potências, como temos visto nos modos de oração que ficam ditos, claro está que, embora não o queiramos, se nos tira esta presença. Que se vá então em boa hora! Ditosa tal perda que é para se gozar mais do que nos parece se ter perdido; porque então se emprega a alma toda em amar a Quem o entendimento tem trabalhado por conhecer. Ama o que não compreendeu e goza do que não poderia tão bem gozar se não se fosse perdendo a si mesma para, como digo, mais ganhar.

Mas que nós, de propósito e com cuidado, nos acostumemos a não procurar,



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

com todas as nossas forças, trazer sempre diante de nós-e prouvera ao Senhor que fosse sempre- esta Sacratíssima Humanidade, isto digo que não acho bem: é andar a alma no ar, como dizem; porque me parece não tem arrimo, por mais que imagine andar cheia de Deus. É grande coisa, enquanto vivemos e somos humanos, trazer a Deus humanado diante de nós. Não O querer trazer assim presente, é o outro inconveniente que há. Do primeiro, já comecei a falar; há um pouco de falta de humildade, em querer levantar a alma antes que o Senhor a levante e em não se contentar com meditar em coisa tão preciosa e querer ser Maria antes de ter trabalhado como Marta. Quando o Senhor quer que o seja, até mesmo logo desde o primeiro dia, não há que temer; façamos por ser comedidos, como creio já ter dito outra vez. Este argueirito de pouca humildade, embora pareça que não é nada, causa muito dano a quem quer aproveitar na contemplação.

**10.** Voltando ao segundo ponto, não somos anjos, temos corpo. Querermos fazer de anjos estando na terra- e tanto na terra como eu estava- é desatino. Pois que, normalmente, o pensamento precisa de arrimo, se bem que algumas vezes a alma saia de si, e em muitas outras ande tão cheia de Deus que não tenha necessidade de coisa criada para se recolher.

Isto, porém, não é tão habitual: e no meio de negócios e perseguições e trabalhos, quando não se pode ter tanta quietação, e em tempo de aridez, mui bom amigo é Cristo, porque O vemos Homem e com fraquezas e trabalhos, e serve-nos de companhia. Havendo costume, é muito fácil supô-Lo ao pé de nós, ainda que haverá ocasiões em que nem uma nem outra coisa se poderá fazer.

Para isto, é bom o que tenho dito: não nos apresentarmos a procurar consolações de espírito. Abraçar-se com a cruz, venha o que vier, é grande coisa. Desamparado ficou este Senhor de toda a consolação; sozinho O deixaram nos trabalhos. Não O deixemos nós que, para mais subirmos, Ele nos dará melhor a mão, do que a nossa própria diligência. Ausentar-se-á quando vir que assim convém e o Senhor queira arrancar a alma a si mesma, como já disse.

**11.** Muito contenta a Deus ver uma alma que, com humildade, mete por terceiro a Seu Filho e O ama tanto que, mesmo querendo Sua Majestade elevá-la a muito grande contemplação- como tenho dito - se reconhece indigna, dizendo com São Pedro: *Apartai- Vos de mim, Senhor, que sou um homem pecador.*

Isto tenho-o eu experimentado; desta arte tem Deus levado a minha alma. Outros irão - como tenho dito - por outro atalho. O que eu tenho entendido é que todo este edifício da oração vai fundado em humildade e, quanto mais se abaixa uma alma na oração, mais a levanta Deus. Não me recordo de haver-me Ele feito mercê muito assinalada, das que adiante direi, que não fosse estando eu desfeita por me ver tão ruim. E ainda procurava Sua Majestade dar-me a entender coisas para me ajudar a conhecer, que eu nem saberia imaginar.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Tenho para mim que tudo quanto a alma faça de sua parte para se ajudar nesta oração de união, embora lhe pareça que logo, logo lhe aproveita, como coisa mal fundada, virá muito depressa a cair.

E tenho medo que assim nunca chegará à verdadeira pobreza de espírito, que consiste não em buscar consolo e gosto na oração- que os da terra já estão deixados -, mas sim em ter consolação nos trabalhos, por amor d'Aquele que sempre viveu neles, e ficar aquietada no meio desses trabalhos e securas. Pois, ainda que algo se sinta, não é para inquietar e dar pena, como têm algumas pessoas que, se não estão sempre trabalhando com o entendimento e sentindo devoção, julgam que tudo vai perdido; como se, pelo seu trabalho, merecessem tão grande bem!

Não digo que não procurem isto e não estejam com cuidado diante de Deus, mas que não se matem se não puderem ter nem sequer um bom pensamento, como de outras vezes já tenho dito.

Somos servos sem proveito; o que é que julgamos poder?

**12.** Mais quer o Senhor que conheçamos isto e andemos feitos uns asnozitos a puxar à nora da água, que fica dita, porque, embora tapados os olhos e não entendendo o que fazem, tirarão mais água do que o hortelão com toda a sua diligência. Com liberdade se há-de andar neste caminho, entregues às mãos de Deus. Se Sua Majestade quiser subir-nos a ser dos da Sua câmara e segredo, vamos de boa vontade; se não quiser, sirvamos em ofícios baixos e não nos sentemos no primeiro lugar, como tenho dito algumas vezes. Deus tem mais cuidado do que nós e sabe para o que cada um é. De que serve governar-se a si quem tem já dada toda a sua vontade a Deus?

A meu parecer, isto muito menos se pode sofrer aqui do que no primeiro grau de oração e prejudica muito mais, pois são bens sobrenaturais.

Se alguém tiver má voz, por muito que se esforce por cantar, não se lhe tomará boa; se Deus quiser dar-lha, não necessita dar vozes primeiro.

Supliquemos-Lhe, pois, que sempre nos faça mercês, rendida a alma, mas confiando na grandeza de Deus. E visto que lhe dão licença para estar aos pés de Cristo, procure não se tirar dali; esteja como quiser; imite a Madalena que, quando estiver forte, Deus a levará ao deserto.

**13.** Assim, V. Mercê, até que encontre quem tenha mais experiência do que eu e o saiba melhor, fique-se nisto. Se são pessoas que começam a gostar de Deus, não as acredite, porque a estas lhes parece aproveitarem e gozarem mais ajudando-se. Oh! quando Deus quer, como vem a descoberto, sem estas ajudazitas! Por mais que façamos, arrebatá o espírito, tal como um gigante pegaria numa palha, e não há resistência que valha! Como, pois, acreditar que, quando Deus quer, fique à espera que voe o sapo por si mesmo! E ainda mais dificultoso e pesado me parece levantar-se o nosso espírito, se Deus o não levanta, porque está carregado de terra e de mil

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

impedimentos. Aproveita-lhe pouco o querer voar; embora, por seu natural, tenha mais capacidade para isso do que o sapo, está porém tão metido em lama que a perdeu por sua culpa.

**14.** Pois quero concluir com isto: sempre que pensarmos em Cristo, lembremo-nos do amor com que nos fez tantas mercês e quão grande no-lo mostrou Deus em nos dar tal penhor do amor que Ele nos tem, pois amor gera amor. E ainda que seja muito no princípio e nós muito ruins, procuremos ir sempre vendo isto e despertando-nos para amar; porque, uma vez que o Senhor nos faz mercê de que este amor se nos imprima no coração, ser-nos-á tudo fácil e aproveitaremos muito em breve e mui sem trabalho.

Dê-nos Sua Majestade - pois sabe o muito que nos convém - pelo muito que Ele nos teve e pelo Seu glorioso Filho, que, tanto à Sua custa, no-lo mostrou. Amen.

**15.** Uma coisa quereria eu perguntar a V. Mercê: como é que o Senhor, em começando a fazer mercês tão sublimes a uma alma, como é pô-la em perfeita contemplação, não a deixa logo perfeita de todo como, em boa razão, havia de ficar? Sim, de certo, em boa razão, porque quem tão grande mercê recebe, não mais havia de querer consolos da terra. Pois, no arroubamento, que parece traz consigo efeitos muito mais subidos e quanto mais, mais desapegada a alma fica, e estando ela já mais habituada a receber mercês, porque motivo não a deixa então logo o Senhor com perfeição nas virtudes, como depois fará com o andar do tempo, se num momento o mesmo Senhor, quando chega, a pode deixar santificada? Isto quero eu saber, pois não o sei. Mas bem compreendo que é diferente a fortaleza que Deus infunde a princípio, quando a mercê não dura mais que um abrir e fechar de olhos e quase só se sente pelos efeitos que deixa, ou quando ela vem mais à larga.

Muitas vezes, parece-me que talvez seja por a alma não se dispor então de pronto e totalmente, até que o Senhor, pouco a pouco, a vai criando e faz com que ela se determine e lhe dá forças de varão para que de todo dê com tudo no chão. E tal como fez com a Madalena, num breve instante, fá-lo com outras pessoas, na medida em que estas deixam operar Sua Majestade. Não acabamos de crer que, ainda nesta vida, dá Deus cem por um.

**16.** Também me vinha ao pensamento esta comparação: ainda que seja o mesmo, o que se dá aos que vão mais adiantados e aos que estão no princípio, no entanto, é como um manjar de que comem muitas pessoas: as que comem pouquitos, ficam só com o bom sabor por pouco tempo; às que comem mais, ajuda a sustentá-las; às que comem muito, dá vida e força. E tantas vezes se pode comer e tão abundantemente deste manjar de vida, que já se não coma de outra coisa, que saiba bem, afora ele. É que vêem o proveito que lhes faz e têm já tão afeito o paladar a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

esta suavidade, que mais quereriam não viver, a terem de comer outras coisas, que não servem senão para tirar o bom sabor que o bom manjar lhes deixou.

Assim, também uma santa companhia não produz, com a sua conversação, tanto fruto em um dia como em muitos; e tantos podem estes ser, que fiquemos como ela, se Deus nos favorece. Enfim, tudo depende do que Sua Majestade quer dar e a quem o quer dar. Mas vai muito no determinar-se quem já começa a receber esta mercê, a desapegar-se de todo, tendo-a no que é de razão.

**17.** Também me parece que Sua Majestade anda a experimentar, ora a um, ora a outro, a ver quem Lhe tem amor. E descobre-lhes Quem é, comum deleite tão soberano, capaz de avivar a fé, se esta estiver amortecida, daquilo que um dia nos dará, dizendo: «Vede, que isto é uma gota do grandíssimo mar de bens». Não deixa nada por fazer àqueles a quem ama. Tal como vê que O recebem, assim dá e Se dá a Si mesmo. Quer a quem Lhe quer. E como sabe querer bem! e que bom Amigo! Oh! Senhor da minha alma; quem tivesse palavras para dar a entender o que dais aos que se fiam de Vós, e o que perdem os que chegam a este estado e se ficam apegados a si mesmos! Não queirais Vós isto, Senhor; pois, mais do que isto fazeis Vós, vindo a uma pousada tão ruim como a minha. Bendito sejais para sempre.

**18.** Tomo a suplicar a V. Mercê que, se tratar estas coisas de oração, que escrevi, com pessoas espirituais, que elas o sejam de verdade. Porque, se não sabem mais do que um caminho ou se nele se ficaram a meio, não poderão atinar. E há algumas almas a quem Deus leva desde logo por caminho muito subido e parecer-lhes-á que assim os outros também ali poderão tirar proveito, aquietando o entendimento sem se aproveitarem do auxílio de coisas corpóreas, e quedar-se-ão secas como paus. E algumas, tendo já gozado um pouco de quietude, logo pensam que, assim como têm uma coisa, podem fazer a outra, e em lugar de aproveitar, desaproveitarão, como tenho dito, Assim, para tudo é preciso experiência e discricção. O Senhor no-las dê por Sua bondade.

### CAPÍTULO 23

*Volta a tratar do discurso da sua vida e diz como começou a tratar de maior perfeição e por que meios. -É proveitoso para as pessoas que dirigem almas de oração, para que saibam como se hão-de haver nos princípios e o proveito que lhes faz saberem-nas levar.'*

**1.** Quero agora voltar aonde deixei a narração da minha vida – pois creio me detive mais do que devia - para que se entenda melhor o que está por dizer. Daqui por diante, é outro livro novo, digo, outra vida nova. Até aqui era a minha, a que tenho vivido, desde que comecei a declarar estas coisas de oração; vivia Deus em mim, ao que me parecia, porque reconheço que me era impossível, em tão pouco tempo, sair

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

de tão maus costumes e obras. Seja o Senhor louvado, pois me livrou de mim mesma.

**2.** Começando a fugir das ocasiões e a dar-me mais à oração, começou o Senhor a fazer-me as mercês, como quem desejava, segundo parecia que eu as quisesse receber. Começou Sua Majestade a dar-me, muito de ordinário, oração de quietude e muitas vezes a de união que durava muito tempo. Como nesses tempos tinha acontecido haver grandes ilusões em mulheres, e enganos a que as tinha levado o demónio,<sup>5</sup> comecei a temer, pois era tão grande o deleite e a suavidade que sentia, e muitas vezes sem o poder evitar, ainda que, por outra parte, visse em mim uma grande segurança de que aquilo era Deus, em especial quando estava em oração, e que saía dela muito melhorada e com mais fortaleza.

Mas, em me distraíndo um pouco, tornava a temer e a pensar se o demónio queria, fazendo entender que aquilo era bom: suspender-me o entendimento para me tirar a oração mental e não pudesse pensar na Paixão nem me aproveitar do entendimento. Isto me parecia a mim maior perda, pois não o compreendia.

**3.** Mas, como Sua Majestade já me queria dar luz para que não O ofendesse e conhecesse o muito que Lhe devia, cresceu este medo de tal sorte, que me fez buscar com diligência pessoas espirituais com quem tratar. Já tinha notícia de algumas, porque tinham vindo aqui os da Companhia de Jesus,<sup>6</sup> a quem eu, sem conhecer a nenhum, era muito afeiçoada, só por saber o modo de vida e oração que levavam. Mas não me achava digna de falar-lhes, nem forte para obedecer-lhes, o que me fazia mais temer, porque tratar com eles e ser a que era, parecia-me coisa difícil.

**4.** Nisto andei algum tempo, até que, não podendo já com a muita bateria e temores que sentia em mim, me resolvi a tratar com uma pessoa espiritual para lhe perguntar que oração era a que eu tinha, e pedir que me esclarecesse, se ia errada, e fazer tudo o que pudesse para não ofender a Deus. E que a falta de fortaleza, que eu via em mim - como tenho dito - me fazia andar tão tímida.

Que engano tão grande, valha-me Deus! Por querer ser boa me apartava do Bem! Nisto deve-se empenhar muito o demónio no princípio da Virtude, porque eu não podia acabar de me resolver. Sabe ele que todo o remédio duma alma está em tratar com amigos de Deus, e assim não havia maneira de eu a isto me determinar. Esperava emendar-me primeiro, como quando deixei a oração, e porventura nunca o faria, porque já estava tão metida em coisitas de mau costume que não acabava de entender que eram maus, que precisava da ajuda de outros e darem-me a mão para me levantar.

Bendito seja o Senhor que a Sua foi, enfim, a primeira.

**5.** Como vi ir tão adiante meu temor, porque crescia a oração, pareceu-me que nisto haveria algum grande bem ou grandíssimo mal. Bem entendia eu ser já coisa

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sobrenatural o que eu tinha, porque algumas vezes não lhe podia resistir; e tê-lo quando eu queria, era escusado. Pensei, para comigo, que não tinha outro remédio senão procurar ter consciência limpa e apartar-me de toda a ocasião, embora fosse de pecados veniais, porque, sendo espírito de Deus, claro estava o lucro; se era o demónio, procurando eu contentar ao Senhor e não O ofender, pouco dano me podia fazer, antes ele ficaria com perda. Determinada a isto e suplicando sempre a Deus que me ajudasse, procurando fazer assim alguns dias, vi que a minha alma não tinha força para, sozinha, caminhar com perfeição, em razão de algumas afeições que tinha a coisas que bastavam para estragar tudo, embora não fossem tão más.

**6.** Falaram-me de um clérigo letrado que havia neste lugar, que começava o Senhor a dar a conhecer às pessoas pela sua bondade e boa vida. Procurei falar-lhe por meio dum cavaleiro santo que há neste lugar.

É casado, mas de vida tão exemplar e virtuosa e de tanta oração e caridade, que em todo ele resplandecia sua bondade e perfeição. E com muita razão, porque grande bem tem vindo a muitas almas por meio dele, pois ainda que não o ajude seu estado, como tem tantos talentos, não pode deixar de fazer bem com eles. É de muito entendimento e muito aprazível para com todos.

Sua conversação não é pesada, mas tão suave e amena, juntamente com ser recta e santa, que dá grande contento aos que tratam com ele. Tudo ordena para grande bem das almas com quem conversa e parece que não tem outra preocupação, senão fazer por todos o que ele vê ser possível e contentar a todos.

**7.** Pois este bendito e santo homem foi, com a sua indústria, ao que me parece, o princípio para que minha alma se salvasse. Espanta-me a sua humildade; segundo creio, há pouco menos de quarenta anos que tem oração - não sei se são menos dois ou três - e leva toda a vida de perfeição que, segundo parece, lhe permite o seu estado. Tem uma mulher tão grande serva de Deus e de tanta caridade, que por ela não se perde. Enfim, como mulher que Deus escolheu para dar a quem Ele sabia havia de ser tão grande servo Seu. Tinha parentes seus casados com os meus. E também tinha muita comunicação com outro grande servo de Deus, que estava casado com uma prima minha.

**8.** Por esta via, procurei que me viesse falar este Clérigo, que digo, tão servo de Deus, que era muito seu amigo. Com este pensava eu confessar-me e ter por mestre. Pois, trazendo-o para que me falasse, e eu com grandíssima confusão por me ver diante de homem tão santo, dei-lhe parte da minha alma e oração. Confessar-me não quis, dizendo estar muito ocupado e assim era. Começou com santa determinação a levar-me a ser forte - que razão havia de o estar segundo a oração que viu que eu tinha - para que de nenhuma maneira ofendesse a Deus.

Eu, como vi sua determinação tão de pronto em coisitas que eu, como digo, não tinha fortaleza para me sair logo com tanta perfeição, afligi-me e, porque vi que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tomava as coisas da minha alma como coisa que numa vez se havia de acabar, eu via que era mister muito mais cuidado.

**9.** Enfim, entendi que não era pelos meios que ele me dava por onde eu me havia de remediar, porque eram para almas mais perfeitas; e eu, embora nas mercês de Deus estivesse adiantada, estava muito nos princípios nas virtudes e mortificação. E creio que, se não tratasse senão com ele, certamente nunca medraria a minha alma. A aflição que me dava por ver que eu não fazia - nem me parece podia - o que ele me dizia, bastava para perder a esperança e deixar tudo.

Algumas vezes me maravilho, que sendo ele pessoa que tem graça particular para levar almas a Deus, como o Senhor não foi servido de que entendesse a minha nem se quisesse encarregar dela.

Vejo que tudo foi para maior bem meu, para que eu conhecesse e tratasse com gente tão santa como a da Companhia de Jesus.

**10.** Desta vez, ficou combinado com este cavaleiro santo, que ele me viesse a ver algumas vezes. Aqui se viu a sua grande humildade: querer tratar com pessoa tão ruim como eu. Começou a visitar-me e a animar e a dizer que não pensasse que, num dia, me havia de apartar de tudo; pouco a pouco o faria Deus. Em coisas bem levianas -dizia-me -havia ele estado alguns anos e não as tinha podido vencer. Oh! humildade, que grandes bens fazes onde estás e aos que se chegam a quem a tem! Contava-me este santo (e a mim me parece que com razão lhe posso dar este nome) fraquezas, que a sua humildade lhe fazia parecer que o eram, para meu remédio. Vendo-as conforme ao seu estado, nem eram faltas nem imperfeições e, conforme ao meu, era grandíssima imperfeição tê-las.

E não digo isto sem finalidade, porque parece que me alongo em minúcias e importa tanto para uma alma começar a aproveitar e fazê-la voar (quando ainda não tem penas, como dizem), que não o acreditará senão quem tiver passado por isto. E, porque espero em Deus que V. Mercê há-de aproveitar muito, o digo aqui, pois toda a minha salvação esteve em ele saber-me curar e ter humildade e caridade para estar comigo e paciência para ver que em tudo eu não me emendava. Ia com discrição, pouco a pouco, ensinando-me a maneira de vencer o demónio. Eu comecei a ter-lhe tão grande afecto, que não havia para mim maior descanso do que os dias em que o via, embora fossem poucos. Quando tardava, logo me afligia muito parecendo-me que, por ser tão ruim, não me vinha ver.

**11.** Como ele foi percebendo as minhas tão grandes imperfeições, e até seriam pecados (embora depois que tratei com ele estivesse mais emendada), e como lhe disse eu as mercês que Deus me fazia para que me esclarecesse, disse-me que não ia uma coisa com outra, que aqueles regalos eram já de pessoas que estavam muito adiantadas e mortificadas.

Assim não podia deixar de temer muito, porque lhe parecia mau espírito em

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

algumas coisas (ainda que não se determinasse), mas que pensasse bem tudo o que entendia da minha oração e lho dissesse. E o trabalho era que eu não sabia dizer nem pouco nem muito o que era a minha oração. É que esta mercê, de saber compreender o que é e sabê-lo dizer, só há pouco ma deu Deus.

**12.** Como me disse isto, com o medo que eu trazia, foi grande a minha aflição e lágrimas; porque certamente desejava contentar a Deus e não me podia persuadir que aquelas mercês fossem do demónio, mas temia que, pelos meus grandes pecados, me cegasse Deus para não o compreender.

Lendo livros para ver se saberia dizer a oração que tinha, achei num que se chama Subida do Monte, no que toca à união da alma com Deus, todos os sinais que eu tinha naquele não pensar nada quando tinha aquela oração. Marquei com uns traços as passagens que eram e dei-lhe o livro para que ele e o outro clérigo, de quem tenho falado, santo e servo de Deus, o vissem e me dissessem o que havia de fazer. Se assim lhes parecesse, deixaria de todo a oração, pois, para que me havia eu de meter nesses perigos se, ao cabo de vinte anos- ou quase - que a tinha, não havia saído com outro lucro, senão com enganos do demónio. Melhor seria, pois, não a ter; ainda que também isto se me tomasse difícil, porque eu já tinha experiência de corno ficava a minha alma sem oração.

Assim via tudo trabalhoso, como quem está metido num rio que, para qualquer lado que vá, teme maior perigo e se está quase afogando.

É este um trabalho muito grande, e, como estes, tenho passado muitos, como direi adiante; pois ainda que pareça que não importa, talvez seja proveitoso entender como se há-de provar o espírito.

**13.** E é grande, por certo, o trabalho que se passa e é necessário tino, em especial com mulheres, porque é muita a nossa fraqueza e poderia chegar a muito o mal, dizendo-lhes mui claramente que é demónio· mas sim examiná-lo muito bem e apartá-las dos perigos que pode haver e a avisá-las em segredo para que ponham muito cuidado e o tenham eles, porque assim convém.

Nisto falo como quem lhe custou grande trabalho não o terem tido algumas pessoas com quem tratei da minha oração. Perguntando uns aos outros- e isto por bem- me fizeram muito mal, porque se têm divulgado coisas que estariam bem secretas -pois não são para todos -, e parecia que as publicava eu. Creio que, sem culpa deles, o tem permitido o Senhor para que eu padecesse. Não digo que diziam o que tratava com eles em confissão; mas, como eram pessoas, as quais, por meus temores, eu dava conta para que me esclarecessem, parecia-me a mim que o haviam de calar.

Nunca usei, contudo, calar coisa alguma a pessoas semelhantes.

Digo, pois, que se avise com muita discrição, animando-as e dando tempo ao tempo, que o Senhor as ajudará, como tem feito comigo; que, se assim não fora,



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

grandíssimo dano me fizera, segundo sou temerosa e medrosa. Com o grande mal de coração que tinha, espanto-me como me não fez muito mal.

**14.** Dando-lhe, pois, o livro e feita a relação da minha vida e pecados, por junto, o melhor que pude (e não em confissão por ser secular, mas dei bem a conhecer quão ruim era), os dois servos de Deus viram, com grande caridade e amor, o que me convinha.

Chegada a resposta, que eu com grande temor esperava e tendo pedido a muitas pessoas que me encomendassem a Deus e eu mesma com muita oração naqueles dias, com grande aflição veio ter comigo aquele cavaleiro santo e disse-me que, no parecer de ambos, era obra do demónio.

O que me convinha era tratar com um Padre da Companhia de Jesus, pois, se eu o chamasse, dizendo que tinha necessidade, viria e que, em confissão geral lhe desse conta de toda a minha vida e da minha condição, e tudo com muita clareza. Por virtude do sacramento da confissão, lhe daria Deus mais luz; eram muito experimentados em coisas do espírito, que não saísse do que me dissesse, porque estava em muito perigo, se não houvesse quem me governasse.

**15.** A mim deu-me tanto temor e pena, que não sabia que fazer; tudo era chorar. E, estando eu num oratório muito aflita, e não sabendo o que havia de ser de mim, li num livro - que parece o Senhor mo pôs nas mãos - em que São Paulo dizia: *que Deus é muito fiel, e nunca consente que os que o amam, sejam enganados pelo demónio*. Isto me consolou muito.

Comecei a tratar da minha confissão geral e a pôr por escrito todos os males e bens; a relação da minha vida e o mais claramente que eu entendi e soube, sem deixar nada por dizer.

Recordo-me de que, depois que escrevi, vendo tantos males e quase nenhum bem, me deu uma aflição e tristeza muito grande. Também me dava pena que em casa me vissem tratar com gente tão santa como os da companhia de Jesus, porque temia a minha ruindade e parecia-me que ficava assim obrigada a não mais o ser e deixar-me de meus passatempos e, se isto não fizesse, que era pior; e assim, pedi à sacristã e à porteira que não o dissessem a ninguém. Aproveitou-me pouco, pois acertou estar à porta quando me chamaram, quem o dissesse por todo o convento. Que embaraços não põe o demónio e que temores a quem se quer chegar a Deus!

**16.** Tratando com aquele servo de Deus - que o era muito e bem avisado - de toda a minha alma, ele, como quem bem entendia esta linguagem, me declarou o que era e me animou muito. Disse ser espírito de Deus, mui conhecidamente, mas que era preciso voltar de novo à oração, porque não ia bem fundada, nem tinha começado a entender a mortificação (e assim era, pois até nem o nome me parece compreendia) e que de nenhum modo deixasse a oração, antes me esforçasse muito, pois Deus me fazia tão particulares mercês; quem sabia se, por meu meio, não quereria o Senhor

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

fazer bem a muitas pessoas e outras coisas. Parece que profetizou o que depois o Senhor tem feito comigo; e que teria muita culpa se não correspondesse as merces que Deus me fazia.

Em tudo me parecia que falava nele o Espírito Santo, para curar a minha alma, segundo se imprimiam nela as suas palavras.

**17.** Fez-me grande confusão. Levou-me por meios que parecia que de todo me tornava outra. Que grande coisa é entender uma alma! Disse-me que tivesse todos os dias oração sobre um passo da Paixão, me aroveitasse dele e não pensasse senão na Humanidade e que resultasse aqueles recolhimentos e gostos quanto pudesse, de modo que não lhes desse lugar, até que ele me dissesse outra coisa.

**18.** Deixou-me consolada e esforçada, e o Senhor me ajudou e a ele para que entendesse a minha índole e como me havia de governar. Fiquei determinada a não sair do que me mandasse em coisa nenhuma; e assim fiz até hoje. Louvado seja o Senhor que me tem dado graça para obedecer a meus confessores, embora imperfeitamente. E quase sempre têm sido destes benditos homens da Companhia de Jesus, embora os tenha seguido imperfeitamente, como digo.

Conhecida melhoria começou a ter a minha alma, como agora direi.

### CAPÍTULO 24

*Prosegue o mesmo assunto e diz como foi progredindo a sua alma, depois que começou a obedecer e o pouco que lhe aproveitava resistir às mercês de Deus e como Sua Majestade lhas ia fazendo maiores.*

**1.** Ficou minha alma tão branda desta confissão, que parecia não havia coisa a que não me dispusesse; e assim comecei a mudar em muitas coisas, ainda que o confessor não apertasse comigo, antes parecia fazer pouco caso de tudo. Com isto movia-me mais, porque me levava por via de amar a Deus e como quem me deixava libertada e não me constrangia, se a isto me não pusesse por amor.

Estive assim quase dois meses, pondo todo o meu esforço em resistir aos regalos e mercês de Deus. Quanto ao exterior, via-se a mudança, porque já o Senhor começava a dar-me ânimo para passar por algumas coisas que pareciam exageros como diziam pessoas que me conheciam e até as da mesma casa. E do que eu antes fazia, tinham razão, que era em extremo; mas, naquilo a que era obrigada pelo hábito e profissão que tinha, ficava muito aquém.

**2.** Lucrei, deste resistir a gostos e regalos de Deus, o ensinar-me Sua Majestade; porque antes eu julgava que, para Ele me dar regalos na oração, era preciso muito retiro e quase não ousava bulir.

Vi depois o pouco que isso fazia ao caso; porque, quanto mais procurava distrair-me, mais me cobria o Senhor daquela suavidade e glória que parecia me

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

rodeava toda e que por nenhuma parte poderia fugir e assim era. Tinha eu tanto cuidado, que me causava pesar. O Senhor tinha-o maior para me fazer mercês e em assinalar a Sua acção muito mais do que costumava, nestes dois meses, para que eu melhor entendesse que mais não estava em minha mão.

Comecei a sentir de novo amor à Sacratíssima Humanidade. Começou-se a assentar a oração como edifício que já tinha alicerce e eu a afeiçoar-me a mais penitência, de que andava descuidada por serem tão grandes minhas enfermidades. Disse-me aquele varão santo que me confessou, que algumas coisas não me poderiam fazer mal. Porventura me dava Deus tanto mal porque, como eu não fazia penitência, queria-me dar Sua Majestade. Mandava-me fazer algumas mortificações não muito saborosas para mim. Tudo fazia, porque me parecia que mo mandava o Senhor, e dava-lhe graça para que mo mandasse de maneira a que eu lhe obedecesse.

Minha alma ia já sentindo qualquer ofensa que fizesse a Deus, por pequena que fosse, de maneira que, se tinha alguma coisa supérflua, não podia descansar até que a eliminasse. Fazia muita oração para que Deus me tivesse de Sua mão; pois tratava com Seus servos, não permitisse que voltasse atrás, o que me parecia fora grande delito, e eles perderem crédito por mim.

**3.** Neste tempo veio a este lugar o Padre Francisco, que era duque de Gandia e havia já alguns anos que, deixando tudo, entrara na Companhia de Jesus. Procurou o meu confessor, e o cavaleiro que tenho dito- e também me vinha ver- que eu lhe falasse e desse conta da oração que tinha, pois sabia que ele ia muito adiante em ser muito favorecido e regalado por Deus; como a quem tinha deixado muito por Ele, já nesta vida lho pagava.

Assim, depois de me ter ouvido, disse-me que era espírito de Deus e lhe parecia já não era bem resistir-lhe mais. Até então havia sido bem feito, mas que começasse sempre a oração por um passo da Paixão e, se depois o Senhor me levasse o espírito, lhe não resistisse, mas o deixasse levar a Sua Majestade, não o procurando eu. Como quem ia bem adiante, deu o remédio e o conselho, pois fazia nisto muito a experiência. Disse que já era erro o resistir mais.

Eu fiquei muito consolada e o cavaleiro também; alegrou-se muito com que dissesse que era espírito de Deus e sempre me ajudava e dava conselhos no que podia, que era muito.

**4.** Neste tempo mudaram o meu confessor deste para outro lugar, o que eu senti mui muito, porque pensei havia de voltar a ser ruim e não me parecia possível achar outro como ele. Ficou a minha alma como num deserto, muito desconsolada e temerosa. Não sabia que fazer de mim. Uma parenta minha tratou de me levar para sua casa e logo cuidei de procurar outro confessor nos da Companhia. Foi o Senhor servido que eu começasse a tomar amizade com uma senhora viúva, de muita

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

qualidade e oração, que tratava muito com eles. Fez-me confessar a seu confessor e estive em sua casa muitos dias; vivia ali perto. Eu consolava-me por tratar muito com eles porque, só de entender a santidade de seu trato, era grande o proveito que a minha alma sentia.

**5.** Este Padre começou a pôr-me em maior perfeição. Dizia-me que, para de todo contentar a Deus, não havia de deixar nada por fazer; também com muita prudência e brandura, porque não estava ainda a minha alma nada forte, mas sim muito tenra, em especial em deixar algumas amizades que tinha. Embora não ofendesse a Deus com elas, era muita a afeição e parecia-me a mim que era ingratitude deixá-las e assim dizia-lhe que, pois não ofendia a Deus, porque havia eu de ser desagradecida. Disse-me que encomendasse o caso a Deus por alguns dias e rezasse o hino *Veni Creator* para que me inspirasse naquilo que era o melhor. Tendo estado um dia muito em oração e suplicado ao Senhor que me ajudasse a contentá-Lo em tudo, comecei o hino; e estando-o a dizer, veio-me um arroubamento tão súbito que quase me tirou de mim, coisa de que eu não pude duvidar, porque foi muito claro. Foi a primeira vez que o Senhor me fez esta mercê de arroubamentos.

Compreendi estas palavras: já não quero que tenhas conversações com homens, senão com anjos. A mim me causou isto muito espanto: porque o movimento da alma foi grande e muito em espírito me foram ditas estas palavras e assim atemorizei-me, embora, por outra parte, me desse grande consolo, o qual me ficou depois de sossegar. A meu parecer, isso foi causado pela novidade.

**6.** Isto tem-se cumprido bem, pois nunca mais tenho podido assentar em amizade, nem ter consolação, nem amor particular, senão a pessoas que percebo que o têm a Deus e O procuram servir.

Se não entendo isto, ou que a pessoa que trata de oração, é para mim cruz penosa tratar com alguém.

Nem isso está na minha mão, nem faz ao caso serem parentes ou amigos. Isto é assim sem dúvida, segundo o meu parecer.

**7.** Desde aquele dia fiquei tão animosa para deixar tudo por Deus, como se Ele, naquele momento - não me parece ter sido mais - quisesse deixar outra a Sua serva. Assim, não foi necessário que me tornassem a mandar porque o confessor, como me via tão apegada a isto, não tinha ousado dizer; determinadamente que o fizesse. Devia estar aguardando que o Senhor operasse, como o fez. Nem pensei podê-lo conseguir, porque já eu mesma o tinha tentado, mas era tanta a pena que me dava que, como coisa em que me parecia não haver inconveniente, o deixava. Aqui já me deu o Senhor liberdade e força para o pôr por obra. Assim o disse ao confessor e deixei tudo, conforme me mandou. Fez não pouco proveito à pessoa com quem eu tratava, ver em mim esta determinação.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**8.** Seja Deus bendito para sempre que, num momento, me deu a liberdade que eu, com todas as diligências quantas tinha feito e~ muitos anos, não tinha podido alcançar por mim, ainda que fazendo muitas vezes tao grande esforço, que me prejudicava à saúde. Como foi feito por Quem é, poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, nenhuma pena me causou.

## CAPÍTULO 25

*Trata da maneira como se entendem estas falas que Deus faz à alma, sem se ouvirem, e de alguns enganos que pode haver nisso e em que se conhecerá quando é engano. - É muito proveitoso para quem se encontrar neste grau de oração, porque é muito bem explicado e de grande doutrina.*

**1.** Parece-me que será bom declarar como é este falar de Deus à alma e o que ela sente, para que V. Mercê o entenda. Porque, desde esta vez que disse, em que o Senhor me fez esta merce, até agora, tem sido muito frequente, como se verá no que está por dizer.

São umas palavras muito bem articuladas, mas que não se ouvem com os ouvidos corporais, e se entendem muito mais claramente que se se ouvissem. Deixar de o entender, por mais que se resista, é impossível. Cá na terra, quando não queremos ouvir, podemos tapar os ouvidos ou prestar atenção a outra coisa, de modo a que, embora se oiça, não se perceba.

Nestas práticas, porém, que Deus faz à alma, não há nenhum remédio, porque, embora me pese, me fazem escutar e estar o entendimento tão atento para compreender aquilo que Deus quer que entendamos, que não há querer ou deixar de querer. Aquele que tudo pode, quer que entendamos que se há-de fazer o que Ele quer, e mostra-Se verdadeiro Senhor nosso. Isto tenho eu experimentado muito, porque andei quase dois anos resistindo, pelo grande medo que trazia, e ainda agora tento fazê-lo algumas vezes, mas de pouco me aproveita.

**2.** Quisera eu declarar os enganos que pode aqui haver, (ainda que, para quem tenha muita experiência, julgo que serão poucos ou nenhum; mas esta experiência há-de ser muita) e a diferença que há, de quando o espírito é bom ou mau, ou como também pode ser apreensão do mesmo entendimento -o que poderia acontecer- ou falar o mesmo espírito a si mesmo. Isto não sei se pode ser, mas ainda hoje me pareceu que sim.

Quando é obra de Deus, tenho bem provado que, em muitas coisas que se me diziam dois ou três anos antes, todas se têm cumprido, e até agora nenhuma tem saído mentira; e outras coisas onde se vê claramente ser espírito de Deus, como depois se dirá.

**3.** Parece-me a mim que, estando uma pessoa a encomendar uma coisa a Deus, com grande affecto e preocupação, poderá afigurar-se-lhe que percebe alguma coisa, se isso se fará ou não, e isto é muito possível. Embora quem tenha entendido desta outra maneira, verá claramente o que é, porque é muita a diferença. Se é coisa fabricada pelo entendimento, por muito subtil que seja, ele entende que é ele quem ordena algo e quem fala.

O que não é outra coisa senão alguém estar a compor o que há-de dizer ou a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

escutar o que outro lhe diz, e verá o entendimento que então não escuta, pois que actua; e as palavras que ele assim fabrica são? como coisa surda, fantasiada e não têm a claridade destas outras. Aqui esta na nossa mão tanto o distrair-nos como calar quando falamos; neste não há meio.

E outro sinal, maior que todos, é que estas falas do entendimento não operam. Esta outra que diz o Senhor, são palavras e obras: Mesmo que as palavras não infundam devoção, mas repreensão, logo à primeira dispõem uma alma e a habilitam, enternecem, dão luz, regalam e aquietam. E se a alma estava com aridez ou alvoroço ou desassossego de alma como com a mão lho tira; ainda melhor: dir-se-ia que o Senhor quer que se entenda que é poderoso e que Suas palavras são obras.

**4.** Parece-me que esta diferença é, nem mais nem menos como a que há quando falamos ou ouvimos. Porque o que eu falo, como já disse, eu o vou ordenando com o entendimento; mas se me falam, não faço mais que ouvir sem nenhum trabalho.

No primeiro caso é como uma coisa que nós não podemos bem deter: minar se é ou não, é como alguém que está meio adormecido; no outro e voz tão clara, que não se perde uma sílaba do que se ouve dizer. E acontece ser em momentos em que o entendimento e a alma estão tão alvoroçados e distraídos, que não acertariam a ajustar uma boa razão e, no que lhe dizem, encontram cozinhas grandes sentenças que ela, mesmo estando muito recolhida, não poderia alcançar e, à primeira palavra, como digo, de todo a mudam. Especialmente no arroubamento, em que as potências estão suspensas, como se entenderão coisas que antes não tinham andando a memória? Como virão então, se quase não opera, e a imaginação está como embevecida?

**5.** Advirta-se que quando se vêem visões ou quando se ouvem estas palavras nunca é - a meu parecer - enquanto a alma está unida no mesmo arroubamento; porque então, como já deixei declarado, creio que na segunda água, de todo se perdem todas as potências e, segundo me parece, ali nem se pode ver, nem entender, nem ouviu. Está toda ela debaixo de outro poder, e neste tempo, que é muito breve, não me parece que o Senhor lhe deixe liberdade para nada. Passado este breve tempo, em que a alma fica ainda em arroubamento, é que se dá isto que digo; porque ficam as potências de modo que, embora não estejam perdidas, quase nada operam; estão como absortas e incapazes de concertar razões. E há tantas para se perceber a diferença entre umas e outras que, se alguma vez se engana, não serão muitas.

**6.** E digo que, se é alma exercitada e está de sobreaviso, o verá muito claramente; porque, deixadas à parte outras coisas por onde se vê o que tenho dito, o que o entendimento fabrica não produz nenhum efeito, nem a alma o admite. E que a estas coisas (por muito que nos pese), não se dá crédito, antes se vê que é tudo

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

devaneio do entendimento; é quase como não se fazer caso duma pessoa que se sabe ter frenesim.

Mas a outra fala é como se ouvíssemos uma pessoa muito santa ou letrada e de grande autoridade, que sabemos que não nos há-de mentir. E ainda é baixa comparação, porque estas palavras trazem algumas vezes consigo uma tal majestade que, sem nos lembrarmos de quem as diz, se são de repreensão fazem tremer; e se são de amor, fazem desfazer-se a alma em amar. E são coisas que, como tenho dito, estavam bem longe da memória e, de repente, dizem-se sentenças tão grandes que, para as poder ordenar, seria preciso muito tempo. De modo nenhum, julgo eu, se pode então ignorar não ser coisa fabricada por nós.

Assim, nisto não há que me deter, pois só por maravilha me parece que pode haver engano em pessoa experiente, se ela mesma, com advertência, não se quer enganar.

**7.** Tem-me acontecido muitas vezes, se tenho alguma dúvida, não acreditar o que me dizem e pensar que será ilusão da imaginação (isto, depois de passar o arroubamento, que então é impossível duvidar); mas depois de muito tempo, vemos isso cumprir-se, porque o Senhor faz com que fique na memória e que não se possa olvidar. O que é formado pelo entendimento é como um primeiro movimento do pensamento que passa e se esquece.

Este outro é como obra que, embora passe o tempo e se esqueça um pouco, não é tão de todo que se perca a memória do que, enfim, se disse, salvo se já foi há muito tempo, ou se são palavras de favor ou doutrinação. As de profecia, porém, não esquecem, a meu parecer, ao menos a mim, ainda que tenha pouca memória.

**8.** E torno a dizer que, se uma alma não for tão desalmada que queira fingir (o que seria muito mal feito), dizendo que entende ou ouve, não sendo assim; deixar de ver claramente que é ela quem compõe as palavras e as diz dentro de si, parece-me que isso não leva caminho, se é que entendeu o espírito de Deus, porque, se assim não for, por toda a vida poderá permanecer nesse engano e parecer-lhe que ouve, embora eu não sei como isso possa ser. Ou esta alma o quer entender ou não.

Se se está moendo com o que ouve e de nenhum modo quereria entender coisa alguma, por causa de mil temores e outras muitas razões que há para desejar estar quieta em sua oração sem estas coisas, porque dá tanto lugar ao entendimento para compor e ordenar razões? Pois é preciso haver tempo para isto. Aqui, porém, sem perder nenhum, ficamos ensinadas e entendem-se coisas que parece seria preciso um mês para as ordenar, e o mesmo entendimento e alma ficam espantados dalgumas coisas que se entendem.

**9.** Isto é assim, e quem tiver experiência verá que, ao pé da letra, é tudo tal como digo. Louvo a Deus porque assim o soube dizer. E acabo dizendo que - segundo me parece - sendo tais coisas, fantasia do entendimento, quando quiséssemos as



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

poderíamos entender, e até, de cada vez que temos oração, nos poderia parecer que ouvimos. Mas com estas outras não é assim; pois estarei muitos dias em que, embora queira entender alguma coisa, é impossível; e quando outras vezes não quero, como já disse, tenho de a entender.

Parece-me que, quem quisesse enganar os outros dizendo que percebeu ser de Deus aquilo que forjou por si mesmo, pouco lhe custa dizer que o ouviu com os ouvidos corporais; e assim é certo que, de verdade, jamais pensei que havia outra maneira de ouvir nem de entender, até que o vi por mim e assim, como disse, me custou grande trabalho.

**10.** Quando é obra do demónio, não só não deixa bons efeitos, mas deixa-os maus. Isto tem-me acontecido, mas não mais de duas ou três vezes, e logo fui avisada pelo Senhor ser coisa do demónio.

Deixada à parte a grande secura que fica, é uma inquietação na alma à maneira de outras muitas vezes em que o Senhor tem permitido que eu tenha grandes tentações e trabalhos de alma de diferentes maneiras, e até que me atormente muitas vezes, como adiante direi. É uma inquietação que não se sabe entender donde vem, senão que parece que a alma resiste e se alvoroça e aflige sem saber de quê, porque, o que o demónio lhe diz, não é mau, senão bom. Penso que um espírito pressente o outro. O gozo e o deleite que o demónio dá é, a meu parecer, de maneira bem diferente. Poderá enganar com estes gostos a quem não tiver ou tenha tido outros de Deus.

**11.** Digo gostos de verdade, uma recreação suave, forte, profunda, deleitosa, pacífica; e não umas devoçõezitas da alma, de lágrimas e outros sentimentos pequenos, florzitas que murcham com o primeiro sopro de perseguição e se perdem. A estas não as chamo devoções, ainda que sejam bons princípios e sentimentos santos, mas não para se poder determinar estes efeitos de bom e mau espírito. E assim, é bom andar sempre com grande cautela, porque, pessoas que não estão mais adiantadas do que isto na oração, facilmente poderiam ser enganadas se tivessem visões ou revelações.

Eu nunca tive coisa alguma destas últimas enquanto Deus, só por Sua bondade, não me deu oração de união, a não ser a primeira vez que disse que, há muitos anos, vi a Cristo, e prouvera a Sua Majestade que eu então entendesse que era verdadeira visão, como depois entendi, o que não me fora pequeno bem. Nessas outras nenhuma suavidade fica na alma, mas ela como que espantada e com grande desgosto.

**12.** Tenho por muito certo que o demónio não enganará- nem Deus lho permitirá- a alma que em coisa alguma se fia de si e está fortalecida na fé e de si entende que, por um ponto de fé, morreria mil mortes. Com este amor à fé que Deus logo infunde, uma fé viva, forte, ela procura andar sempre conforme ao que ensina a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Igreja, perguntando a uns e a outros, como quem já assentou fortemente nestas verdades, que nele quantas revelações pudesse imaginar - até mesmo que visse os céus abertos – a demoveriam de um só ponto do que ensina a Igreja. Se alguma vez se visse vacilar no seu pensamento contra isto ou se detivesse a dizer: «Pois se Deus me disse isto, também pode ser verdade, como o que dizia aos santos», não digo que chegue a acreditar, mas que o demónio a começa a tentar ao primeiro movimento.

E deter -se nele, já se vê que seria malíssimo. Mas nem mesmo os primeiros movimentos creio que virão muitas vezes neste caso, se a alma está nisto tão forte como o Senhor torna aquelas a quem concede mercês. Parece-lhe que desafiaria os demónios sobre a menor das verdades que a Igreja crê.

**13.** Digo que, se não vir em si esta grande fortaleza e que a devoção ou visão a ajude, não a tenha por segura. Porque, embora não se sinta logo o dano, pouco a pouco poder-se-ia tomar grande. Ao que eu vejo e sei por experiência, de tal maneira fica a certeza de que é Deus quando vai conforme à Sagrada Escritura, e por um tudo-nada que disto torcesse, eu teria sem comparação muito mais firmeza em crer que é do demónio do que agora tenho de que são de Deus, por muito grande que a tenha. Porque então nem é preciso andar a busca de sinais nem que espírito é, pois é tão claro este sinal para provar que é demónio, que se então todo o mundo me assegurasse que é Deus, eu não lhe daria crédito.

O caso é que, quando é demónio, parece que se escondem todos os bens e fogem da alma, segundo fica desabrida e alvorotada e sem nenhum efeito bom. E embora pareça incutir desejos na alma, não são fortes; a humildade que deixa é falsa, alvorotada e sem suavidade. Parece-me que, quem tiver experiência de bom espírito, o compreenderá.

**14.** Contudo, pode o demónio usar de muitos embustes, e assim não há nisto coisa tão certa como temer e andar sempre com cuidado e ter mestre que seja letrado, e não lhe calar nada. Com isto, nenhum dano pode vir; ainda que a mim muitos me têm vindo por estes temores demasiados que têm algumas pessoas.

Especialmente aconteceu-me uma vez que se reuniram muitos, a quem eu dava grande crédito, e havia razão para que se lhes desse. E conquanto eu já só tratasse com um, quando ele me mandava que falasse a outros, uns com os outros tratavam muito de meu remédio, pois me tinham muita amizade e temiam que fosse enganada. Eu também trazia em mim grandíssimo temor quando não estava em oração, porque, estando nela e fazendo-me o Senhor alguma mercê, logo ficava com segurança. Creio que eram uns cinco ou seis, todos muito servos de Deus, e disse-me meu confessor que todos concordavam em que era demónio; que não comungasse tão amiúde e que procurasse distrair-me e evitasse a solidão.

Era eu medrosa em extremo, como tenho dito. Ajudava a isso o mal de coração,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pois até sozinha num quarto não ousava estar de dia muitas vezes. Como vi que tantos o afirmavam e como eu não o pudesse crer, deu-me grandíssimo escrúpulo, parecendo-me pouca humildade. Pois, se todos eram, sem comparação, de melhor vida do que eu e letrados, como não os havia de crer? Esforçava-me o mais que podia para os acreditar e pensava na minha ruim vida e que, conforme a isto, deviam dizer a verdade.

**15.** Fui à Igreja com esta aflição e entrei num oratório. Tinha deixado muitos dias de comungar, deixado a solidão que era toda a minha consolação, sem ter pessoa alguma com quem tratar, porque todos eram contra mim. Uns, parecia-me, troçavam de mim quando disso tratava, como se eu me iludisse; outros avisavam o confessor que se guardasse de mim; outros ainda diziam que era claramente do demónio. Só o confessor, embora se conformasse com eles - para provar-me, segundo depois soube-, me consolava sempre e me dizia que, embora fosse demónio, não ofendendo eu a Deus, não me podia fazer nada, que isso se me tiraria; que o pedisse muito a Deus. E ele e todas as pessoas que confessava e outras muitas o pediam muito e eu, em toda a minha oração e quantos entendia eram servos de Deus, para que Sua Majestade me levasse por outro caminho. E isto durou-me não sei se dois anos em que foi contínuo pedi-lo ao Senhor.

**16.** Para mim, nenhuma consolação bastava, quando pensava ser possível o demónio falar-me tantas vezes. Porque, apesar de não tomar horas de soledade para a oração, em meio de conversas o Senhor me fazia entrar em recolhimento e, sem eu o poder evitar, me dizia o que queria; e eu, ainda que me pesasse, era obrigada a ouvi-Lo.

**17.** Estando, pois, uma vez sozinha, sem ter pessoa em quem descansar, não podia rezar, nem ler; estava como uma pessoa espantada de tanta tribulação e temor de que o demónio me podia enganar, toda alvoroçada e aflita sem saber que fazer de mim. Nesta aflição me vi algumas, e até muitas vezes, embora não me pareça que nenhuma em tanto extremo como esta. Estive assim quatro ou cinco horas, em que não houve para mim consolação alguma nem do Céu nem da terra, senão que me deixou o Senhor padecer temendo mil perigos. Oh! Senhor meu, como sois Vós o amigo verdadeiro! E quão poderoso, quando quereis, podeis e nunca deixais de querer, se Vos querem! Louvem-Vos todas as coisas, Senhor do mundo! Oh! quem desse vozes por ele, para dizer quão fiel sois a Vossos amigos! Todas as coisas faltam; Vós, Senhor de todas elas, nunca faltais. Pouco é o que deixais padecer a quem Vos ama. Oh! Senhor meu, que delicada, doce e saborosamente os sabeis tratar! Oh! quem nunca se tivesse detido a amar ninguém, senão a Vós! Parece, Senhor, que provais com rigor a quem Vos ama para que, no extremo do trabalho, se entenda o maior extremo do Vosso amor. Oh! Deus meu, quem tivesse entendimento e letras e novas palavras para encarecer Vossas obras como as

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

concebe minha alma! Falte-me tudo, Senhor meu, mas se Vós não me desamparais, eu não Vos faltarei a Vós. Levantem-se contra mim todos os letrados, persigam-me todas as coisas criadas, atormentem-me os demónios; não me falteis Vós, Senhor, que eu já tenho experiência do lucro com que deixais a quem só em Vós confia.

**18.** Estando eu, pois, nesta grande aflição (ainda não tendo então começado a ter nenhuma visão), só estas palavras bastaram para me tirar e aquietar-me de todo: Não tenhas medo, filha, sou Eu e não te desampararei; não temas. Parece-me que, conforme eu estava, seriam precisas muitas horas para me persuadir a que sossegasse e que ninguém disso seria capaz.

E eis-me aqui, só com estas palavras, sossegada, com fortaleza, com ânimo, com segurança, com uma quietude e luz que, num momento, vi a minha alma feita outra, e parece-me que sustentaria, contra todo o mundo, que aquela fala era de Deus. Oh! que bom Deus! Oh! que bom Senhor e que poderoso! Não só dá conselho, mas remédio. Suas palavras são obras. Oh! valha-me Deus, como fortalece a fé e se aumenta o amor!

**19.** Assim é que, de certeza, muitas vezes me lembrava de quando o Senhor mandou aos ventos que estivessem quedos no mar, quando se levantou a tempestade. E assim eu dizia: Quem é Este a quem assim obedecem todas as minhas potências e que num momento dá luz em tão grande escuridão e toma brando um coração que parecia pedra, dá água de lágrimas suaves onde parecia que por muito tempo havia de haver secura? Quem infunde estes desejos? Quem dá este ânimo? Que pensei eu, e o que terno? Que é isto? Eu desejo servir a este Senhor; não pretendo outra coisa senão agradar-Lhe.

Não quero contentamento, nem descanso, nem outro bem, senão fazer Sua vontade. Disto, bem certa estava, como me parece, e podia afirmar. Pois, se este Senhor é poderoso, como vejo e sei que é, e se os demónios são seus escravos (e disto não há que duvidar pois é de fé), sendo eu serva deste Senhor e Rei, que mal me podem eles fazer a mim? Porque não hei-de ter fortaleza para bater-me com todo o inferno? Tornava uma cruz na mão e parecia-me verdadeiramente dar-me Deus ânimo, pois me vi outra em breve tempo, e não temeria lutar com eles a braços, parecia-me que facilmente, com aquela cruz, os venceria a todos.

E assim disse: "agora vinde todos que, sendo eu serva do Senhor, quero ver o que me podeis fazer".

**20.** Sem dúvida me parecia que me tinham medo, porque fiquei sossegada e tão sem temor de todos eles que, até hoje, se me tiraram todos os medos que costumava ter. Pois, ainda que algumas vezes os veja, como depois direi, não mais lhes tenho tido medo, antes me parece que eles mo têm a mim.

Ficou-me um tal domínio sobre eles, dádiva concedida pelo Senhor de todos, que deles não se me dá mais que de moscas. Parecem-me tão cobardes que, em

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

vendo que os têm em pouco, perdem toda a força. Não sabem estes inimigos reais acometer, senão a quem vêem que se lhes rende ou quando o permite Deus para maior bem de Seus servos que tentem e atormentem.

Prouvera a Sua Majestade temêssemos a quem devemos temer e entendêssemos que nos pode vir maior dano dum pecado venial do que de todo o inferno junto, pois isso é mesmo assim.

**21.** Que espantados nos trazem estes demónios, porque nós nos queremos espantar com os nossos apegos às honras e fazendas e deleites

Então, juntos eles connosco, que somos contrários a nós mesmos amando e querendo o que devíamos aborrecer, muito dano nos farão; porque, com as nossas próprias armas, fazemos que pelejem contra nós, pondo em suas mãos aquelas com que nos devemos defender. Esta é a grande lástima; mas se tudo aborrecemos por Deus e nos abraçamos com a cruz e tratamos de O servir de verdade, o demónio foge destas verdades como de pestilência. É amigo de mentiras e a mesma mentira. Não fará pacto com quem anda na verdade.

Quando vê obscurecido o entendimento, ajuda lindamente a que se turbem os olhos; porque se vê alguém já cego em pôr seu descanso em coisas vãs, e tão vãs que as deste mundo parecem jogos de crianças, já vê que esse é criança, pois procede como tal e atreve-se a lutar com ele uma e muitas vezes.

**22.** Praza ao Senhor que eu não seja destes, mas que me favoreça Sua Majestade para que tenha por descanso o que é descanso, e por honra o que é honra, e por deleite o que é deleite e não tudo ao revés e, uma figa para todos os demónios! e eles ter-me-ão medo a mim.

Não entendo estes nossos medos: é demónio! É demónio! quando podemos dizer: Deus! Deus! e faze-lo tremer. Sim, pois bem sabemos que não se pode mover se o Senhor não lho permite. Que é isto?! É, sem dúvida, ter eu mais medo aos que lhe têm tão grande medo do que a ele mesmo, porque o demónio não me pode fazer nada e estes, em especial se são confessores, inquietam muito e tenho passado alguns anos de tão grande trabalho, que agora me espanto de como o pude sofrer. Bendito seja o Senhor que tão deveras me tem ajudado!

## CAPÍTULO 26

*Prossegue na mesma matéria. - Vai declarando e dizendo coisas que lhe aconteciam e que lhe faziam perder o temor e afirmar que era bom espírito o que lhe falava.*

**1.** Tenho por uma das grandes mercês que o Senhor me tem feito, este ânimo que me deu contra os demónios. Porque andar uma alma acobardada e temerosa por alguma coisa que não seja ofender a Deus, é grandíssimo inconveniente; pois temos Rei Todo-Poderoso e tão grande Senhor, que tudo pode e a todos sujeita. Não há

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que temer andando-se como tenho dito - em verdade diante de Sua Majestade e com consciência limpa. Para isto, como já disse, quereria eu todos os temores: para não ofender em um só ponto a Quem, no mesmo momento, nos pode desfazer; pois, contente Sua Majestade, não há quem seja contra nós que não leve as mãos à cabeça.

Poder-se-á dizer que assim é; mas, quem será esta alma tão recta que em tudo Lhe agrade? ... É por isso que teme. Não a minha, de certo, que é muito miserável, sem proveito e cheia de mil misérias. Mas não procede, Deus como os homens; Ele compreende nossas fraquezas. Alias, por grandes conjecturas, sente a alma se O ama de verdade, porque nas que chegam a este grau, o amor não anda dissimulado como nos princípios, senão com tão grandes ímpetos e desejo de ver a Deus, como depois direi ou já ficou dito. Tudo a cansa, tudo a fatiga, tudo a atormenta. Se não e tudo com Deus ou por Deus, não há para ela descanso que não a canse, porque se vê ausente do seu verdadeiro descanso e assim é como muito clara e como digo, não passa dissimulada.

**2.** Aconteceu-me outras vezes ver-me com tão grandes tribulações- a respeito de certo negócio que depois direi - e murmurações da parte de quase todo o lugar onde estou e da minha Ordem, e aflita com muitas ocasiões que havia para me inquietar, e dizer-me o Senhor. *De que temes? não sabes que sou todo-poderoso? Eu cumprirei o que te prometi.* E assim bem se cumpriu depois; eu fiquei logo com uma fortaleza que de novo me parecia que me poria a empreender outras coisas para O servir, ainda que me custassem mais trabalhos e novos padecimentos.

E isto tantas vezes, que eu não as poderei contar. Em muitas dava-me repreensões, e dá-mas ainda quando cometo imperfeições, que bastam para desfazer uma alma. Ao menos, trazem consigo o emendar-se porque, como tenho dito, s Sua Majestade dá o conselho e o remédio. Outras vezes traz-me à memória meus pecados passados, em especial quando o Senhor me quer fazer alguma assinalada mercê. Então parece que a alma se veja no verdadeiro juízo, porque Lhe representam a verdade com tão claro conhecimento, que não sabe onde se há-de meter. Outras, é o avisar-me de alguns perigos para mim e para outras pessoas, coisas ainda por vir muitas, três ou quatro anos antes e todas se têm cumprido, algumas podia eu nomear.

E assim há tantas coisas para entender que são de Deus que, a meu parecer, não se pode ignorar.

**3.** O mais seguro - e nisto não pode haver dano senão muito proveito, como muitas vezes me tem dito o Senhor- é não deixar de comunicar toda a minha alma e as mercês que o Senhor me faz, com o confessor, e que seja letrado e eu Lhe obedeça. Isto disse-o muitas vezes. E eu assim o faço e sem isto não teria sossego, nem é bem que nós, mulheres, o tenhamos, pois não temos letras. Tinha eu um confessor que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

me mortificava muito e algumas vezes me afligia e dava grande trabalho, porque me inquietava muito.

Foi com ele, no entanto que eu mais aproveitei, segundo me parece. E embora lhe tivesse muita amizade, tinha algumas tentações de o deixar e parecia-me que, aqueles rigores que comigo usava, me estorvavam a oração. Cada vez que a isto me determinava, ouvia logo que não o fizesse e uma repreensão que me desfazia mais do que tudo quanto o confessor fazia. Algumas vezes afligia-me: questão por um lado, repreensão por outro, e de tudo havia mística, segundo tinha a vontade pouco dobrada. Disse-me uma vez que não era obedecer, se não estava determinada a padecer; pusesse os olhos no que Ele havia padecido, e tudo se me faria fácil.

**4.** Aconselhou-me uma vez um confessor que nos princípios me tinha confessado, que, visto já estar provado ser bom espírito, que me calasse e não desse já parte a mais ninguém, porque estas coisas o melhor era calar. A mim não me pareceu mal, porque eu sentia tanto cada vez que as dizia ao confessor e era tanta a minha afronta, que algumas vezes o sentia muito mais do que confessar pecados graves; especialmente se eram grandes as mercês, parecendo-me que não me haviam de crer e zombariam de mim. Sentia tanto isto que me parecia ser desacato às maravilhas de Deus e que, por isto, desejava eu calar. Entendi então que havia sido muito mal aconselhada por aquele confessor, que de maneira nenhuma calasse coisa alguma a quem me confessava, porque nisto havia grande segurança e, fazendo o contrário, poderia enganar-me alguma vez.

**5.** Sempre que o Senhor me mandava alguma coisa na oração, se o confessor dizia outra, me tornava o Senhor a dizer que lhe obedecesse; depois Sua Majestade o movia para que mo voltasse a mandar.

Quando se tiraram do público muitos livros em língua vulgar, para que se não lessem, eu senti-o muito, porque me recreava lendo alguns e já não o podia fazer por só os permitirem em latim. Disse-me o Senhor: Não tenhas pena, que Eu te darei livro vivo. Eu não podia entender a razão por que se me havia dito isto, porque ainda não tinha visões.

Dali a bem poucos dias o compreendi muito bem porque, tenho tido tanto em que pensar e com que me recolher no que via presente, e o Senhor tem tido comigo tanto amor em me ensinar de muitas maneiras, que muito pouca, ou quase nenhuma necessidade tenho tido de livros. Sua Majestade tem sido o verdadeiro livro onde tenho visto as verdades. Bendito seja tal livro, que deixa impresso o que se há-de ler e fazer, de maneira que se não possa olvidar! Quem vê o Senhor coberto de chagas e aflito com perseguições, que não as abraça e ama e deseje? Quem vê alguma coisa da glória que Ele dá aos que O servem, que não reconheça que é nada tudo quanto se possa fazer e padecer, pois tal prêmio esperamos? Quem vê os tormentos que padecem os condenados no inferno que, em sua comparação, não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pareçam deleites os tormentos de cá da terra, e não reconheça o muito que deve ao Senhor por o ter libertado tantas vezes daquele lugar?

**6.** E porque, com o favor de Deus, se dirá mais de algumas coisas, quero ir adiante com o processo da minha vida. Praza ao Senhor que eu tenha sabido declarar-me nisto que tenho dito. Creio bem que, quem tiver experiência, o entenderá e verá que atinei em dizer alguma coisa; quem não a tiver, não me espanto que lhe pareça desatino em tudo. Basta dizê-lo eu para ficar desculpado, e nem eu culparei a quem o disser.

O Senhor me deixe atinar a cumprir a Sua vontade. Amen.

### CAPÍTULO 27

*Trata de outro modo com que o Senhor ensina a alma e, sem lhe falar, lhe dá a entender a Sua vontade de uma maneira admirável. -Declara também uma visão não imaginária e grande mercê que lhe fez o Senhor. -É muito digno de atenção este Capítulo.*

**1.** Pois, voltando ao discurso da minha vida, estava eu acabrunhada de penas e aflições e faziam-se muitas orações - como tenho dito - para que o Senhor me levasse por outro caminho que fosse mais seguro, pois este, me diziam, era tão suspeito. Verdade é que, embora eu o suplicasse a Deus, por muito que quisesse desejar outro caminho, como via tão melhorada a minha alma, não estava na minha mão desejá-lo, a não ser alguma vez quando estava muito fatigada das coisas que me diziam e dos medos que me metiam, contudo sempre o pedia. Eu via-me outra em tudo; não podia, mas punha-me nas mãos de Deus. Ele sabia o que convinha, que em tudo cumprisse em mim o que era de Sua vontade.

Via que, por este caminho, era levada para o Céu e que antes ia para o inferno; que houvesse de desejar isto e crer que era demónio, não podia forçar-me a isso, embora fizesse quanto podia para o acreditar e desejar; mas não estava isso na minha mão.

Oferecia o que fazia, se era alguma boa obra, por essa intenção.

Apegava-me a santos de quem era devota, para que me livrassem do demónio. Fazia novenas encomendando-me a Santo Hilarião, a São Miguel Arcanjo, a quem, por este motivo, tomei novamente devoção e a outros muitos santos importunava, para que o Senhor mostrasse a verdade, digo, para que o conseguissem de Sua Majestade.

**2.** Depois de dois anos, em que andava com toda esta oração minha e de outras pessoas para que o Senhor me levasse por outro caminho ou declarasse a verdade, porque eram muito contínuas as falas que, como tenho dito, me dava o Senhor, aconteceu-me isto: Estando um dia do glorioso São Pedro em oração, vi ao pé de



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mim ou senti, para melhor dizer, pois nem com os olhos do corpo nem com os da alma nada vi; mas parecia-me que Cristo estava ali mesmo junto de mim e via ser Ele que me falava, segundo me parece. Como estava ignorantíssima que pudesse haver semelhante visão, deu-me um grande temor a princípio e não fazia senão chorar, embora, dizendo-me uma só palavra de segurança, ficasse sossegada com regalo e sem nenhum temor, como costumava.

Parecia-me andar sempre a meu lado Jesus Cristo; e, como não era visão imaginária, não via sob que forma, mas sentia muito claramente estar Ele sempre a meu lado direito e que era testemunha de tudo quanto eu fazia, e de nenhuma vez em que me recolhesse um pouco, ou não estivesse muito distraída, podia ignorar que estava ao pé de mim.

**3.** Fui logo a meu confessor, muito aflita, a dizer-lho. Perguntou-me sob que forma O via. Eu disse-lhe que O não via. Disse-me como é que eu sabia que era Cristo? Eu disse-lhe que não sabia como, mas não podia deixar de entender que Ele estava ao pé de mim e o via e sentia nitidamente, e que o recolhimento da alma era muito maior que em oração de quietude e muito continuo, e os efeitos muito diversos dos que costumava ter; e que era coisa muito clara.

Não fazia senão usar de comparações para me dar a entender; e certo e que, para este modo de visão, não há uma, a meu parecer, que lhe quadre bem. Assim como e das mais subidas (segundo me disse depois um santo homem e de grande espirito, chamado Frei Pedro de Alcântara de quem depois farei menção, e mo têm dito outros grandes letrados: e que de todas e onde menos se pode intrometer o demónio), assim também não há termos para a sabermos dizer aqui, as que pouco sabemos; só os letrados melhor o darão a entender. Porque se digo que, nem com os olhos do corpo nem a alma, vejo Jesus Cristo, porque não é visão imaginária, como entendo e me afirmo que está ao pé de mim com mais clareza do que se O visse? Porque, parecer que é como uma pessoa que está às escuras, que não vê outra que está junto dela, ou se é cega, não é bem isso. Alguma semelhança tem, mas não muita, porque essa tal sente com os sentidos: ou a ouve falar ou mexer ou a toca.

Aqui não há nada disto, nem se vê escuridão, e só se representa a alma por uma notícia mais clara do que o sol. Não digo que se vê o sol, nem a claridade, mas uma luz que, sem ver luz, alumia o entendimento para que a alma goze de tão grande bem. Traz consigo grandes bens.

**4.** Não é como uma presença de Deus que se sente muitas vezes, em especial os que têm oração de quietude e união. Dir-se-ia que, em querendo começar a ter oração, encontramos com quem falar, e parece que entendemos que nos ouve, pelos efeitos e sentimentos espirituais que sentimos do grande amor e fé e de outras resoluções, com ternura. Esta grande mercê é de Deus, e tenha-a em muito a alma a quem foi

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

dada, porque é muito subida oração, mas não é visão. Entende-se que está ali Deus pelos efeitos que, como digo, produz na alma, pois por aquele modo quer Sua Majestade dar-Se a sentir. Nesta, vê-se claramente que está presente Jesus Cristo, Filho da Virgem. Nessa outra oração representam-se umas influências da Divindade; aqui, juntamente com elas, vê-se que nos acompanha e nos quer fazer mercês também a Humanidade Sacratíssima.

**5.** Perguntou-me o confessor: quem disse que era Jesus Cristo? Ele mo diz muitas vezes, respondi eu; mas antes que mo dissesse, se imprimiu no meu entendimento que era Ele; até mo tinha dito antes; mas a Ele não O via.

Se uma pessoa que eu nunca tivesse visto, senão ouvido novas dela, me viesse falar, estando eu cega ou em grande escuridão, e me dissesse quem era, acreditá-la-ia, mas não poderia afirmar com tanta certeza que era ela como se a tivesse visto. Aqui, sim, que sem se ver, se imprime com uma notícia tão clara que não parece se possa duvidar, pois quer o Senhor que fique tão esculpido no entendimento, que disso não se possa duvidar mais do que daquilo que se vê, e até menos. Porque nisto ainda algumas vezes nos fica a suspeita se foi ilusão ou não; aqui, embora de súbito venha esta suspeita, fica por outra parte uma grande certeza que desvanece a dúvida.

**6.** Assim é também numa outra maneira em que Deus ensina a alma e lhe fala sem falar, do modo que fica dito. É uma linguagem tão do Céu, que aqui na terra não se pode dar a entender, por mais que o queiramos dizer, se o Senhor, por experiência, não no-lo ensina. Põe o Senhor, no mais interior da alma, o que quer que ela entenda e ali o representa sem imagem nem forma de palavras, a não ser à maneira desta visão que fica dita. E note-se bem esta maneira de fazer Deus com que entenda a alma o que Ele quer, e grandes verdades e mistérios; porque muitas vezes o que entendo, quando o Senhor me declara alguma visão que Sua Majestade quer representar-me, é assim. Parece-me que é onde o demónio menos se pode intrometer, pelas ditas razões. Se elas não são boas, eu me devo enganar.

**7.** É uma coisa tão espiritual este modo de visão e de linguagem, que nenhum bulício há nas potências nem nos sentidos, a meu parecer, por onde o demónio possa tirar alguma coisa. Isto dá-se alguma vez e com brevidade; noutras, bem me parece a mim que não estão suspensas as potências nem perdidos os sentidos, antes muito em si, pois isto nem sempre sucede na contemplação, senão muito poucas vezes. Mas estas quando o são, digo que não pomos nada da nossa parte nem fazemos nada; tudo parece obra do Senhor.

É como se o manjar já estivesse no estômago sem o termos comido, nem sabermos como aí chegou, mas percebendo-se bem que lá está ainda que então não se entenda que manjar é, nem quem ali o pôs. Aqui sim: mas como foi posto não sei, que nem se viu nem se entende, nem jamais a alma se havia movido a desejá-lo,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nem tinha vindo ao meu conhecimento como isto podia ser.

**8.** Na fala que temos dito antes, faz Deus que o entendimento advirta ainda que lhe pese, em compreender o que se diz. Parece que a alma tem ali outros ouvidos com que ouve e que a fazem escutar e que não se distraia; como uma pessoa que, se ouvisse bem e não lhe consentissem tapar os ouvidos e lhe falassem ali ao pé em voz alta, embora não quisesse, ouviria.

E, enfim, alguma coisa faz, pois está atenta para entender o que lhe dizem. Aqui nenhuma coisa faz, pois até este pouco que fazia na fala passada, que era só escutar, lhe e tirado. Tudo encontra cozinhado e comido; não lhe resta mais que fazer, senão gozar, como alguém que, sem aprender nem nada ter trabalhado para saber ler, nem tão-pouco tivesse estudado, achasse em si toda a ciência já sabida, sem saber como nem onde, pois até nunca se dera ao trabalho de aprender o abc.

**9.** Esta última comparação parece-me dizer alguma coisa deste dom celestial, porque a alma vê-se num momento sábia, e tão declarado o mistério da Santíssima Trindade e outras coisas mui subidas, que não há teólogos com quem se não atrevesse a disputar a verdade destas grandezas. Fica-se tão espantada, que basta uma mercê destas para mudar toda uma alma e fazê-la não amar nada a não ser a quem vê que, sem nenhum trabalho, a tornou capaz de tão grandes bens e lhe comunica segredos tais e trata com ela com tanta amizade e amor, que se não podem descrever.

Porque Deus faz algumas merces que trazem consigo suspeita, por serem de tanta admiração e feitas a quem tão pouco as tem merecido, que se não houver fé mui viva, não se poderão acreditar. E assim penso dizer algumas das que o senhor me tem feito a mim, se não me mandarem outra coisa, a não ser certas visões que podem aproveitar para alguma coisa, ou para que a alma, a quem o senhor as der, não se espante parecendo-lhe impossível, como me acontecia a mim, ou para lhe declarar o modo e caminho por onde o Senhor me tem levado, que é o que me mandam escrever.

**10.** Pois voltando a este modo de entender, o que me parece é que o Senhor quer que, de todas as maneiras, esta alma tenha alguma notícia do que se passa no Céu, e parece-me que assim como lá se entendem sem se falarem (o que eu de verdade nunca soube ser assim, até que o Senhor por Sua bondade quis que eu o visse e Ele mo mostrou num arroubamento, assim é aqui, que se entendessem deus e a alma, só por o querer Sua Majestade. Isto sem outro artifício para se dar a perceber o amor que se têm estes dois amigos.

Tal como cá, na terra, quando duas pessoas se querem muito e têm bom entendimento, até sem sinais, parece que se entendem só com o olhar, assim deve ser aqui que, sem nós vermos como, se olham fixamente estes dois amantes, como diz o Esposo à Esposa nos *Cantares*, Segundo creio, ouvi dizer que era aqui.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**11.** Oh! benignidade admirável de Deus, que assim Vos deixais ver por uns olhos que tão mal foram empregados como os da minha alma! Fiquem eles já, Senhor, com Vos verem, acostumados a não olhar para coisas baixas, nem os contente nenhuma afora Vós. Oh! ingratidão dos mortais! Até onde há-de chegar? Eu sei por experiência que é verdade isto que digo, e que tudo quanto se disser, é o menos daquilo que Vós fazeis com uma alma que trazeis a tais termos. Ó almas que haveis começado a ter oração e que tendes verdadeira fé, que bens podeis buscar ainda nesta vida – deixemos o que se ganha para a que não tem fim - que sejam como o menor destes?!

**12.** Olhai, que é assim de certeza, que Deus se dá a Si aos que tudo deixam por Ele. Não faz acepção de pessoas, a todas ama, ninguém tem escusa, por ruim que seja, pois assim fez comigo trazendo-me a tal estado.

Olhai que o que digo é cifra daquilo que se pode dizer. Só vai dito o que é necessário para se dar a entender este modo de visão e a mercê que faz Deus à alma, mas não posso dizer o que se sente quando o Senhor lhe dá a entender segredos e grandezas Suas, o gozo tão acima de quantos se podem cá entender, que com razão faz aborrecer os bens desta vida, que todos juntos são lixo. Causa asco trazê-los aqui para qualquer comparação, ainda que fosse para os gozar sem fim; e estes, que dá o Senhor, são apenas uma gota de água do rio grande caudaloso que nos está preparado.

**13.** É vergonha e eu certamente a tenho de mim e, se pudesse haver afronta no Céu, com razão estaria eu lá mais envergonhada que ninguém!

Por que havemos de querer tantos bens e deleites e glória para sempre sem fim e todos à custa do bom Jesus? Não choraremos ao menos com as filhas de Jerusalém, já que O não ajudamos a levar a cruz como o Cireneu?

Com prazeres e passatempos havemos de gozar o que Ele nos ganhou à custa de tanto sangue? É impossível! E com honras vãs pensamos remediar um desprezo como o que Ele sofreu, para que nós reinássemos para sempre?

Não tem cabimento. Errado, errado vai o caminho. Nunca chegaremos lá. Dê vozes, V. Mercê, dizendo estas verdades, pois Deus a mim me tirou esta liberdade. A mim mesma eu as queria dar sempre e tão tarde me ouvi e entendi a Deus, como se verá pelo que tenho escrito. É para mim de grande confusão falar nisto e assim quero calar. Só direi o que algumas vezes considero. Praza ao Senhor pôr-me em termos de poder gozar deste bem.

**14.** Que glória accidental será e que contento o dos bem-aventurados que já disto goza, quando virem que, embora tarde, não deixaram de fazer por Deus coisa alguma das que lhes foi possível e, por todas as maneiras que puderam, não deixaram coisa por Lhe dar conforme às suas forças e estado, e o que mais tinha, mais deu! Que rico se achará o que todas as riquezas deixou por Cristo! Que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

honrado o que por Ele não quis honra, antes gostou de se ver muito abatido! Que sábio o que se alegrou de que o tivessem por louco, pois assim chamaram à mesma Sabedoria! Que poucos há destes agora, por nossos pecados! Parece que já se acabaram os que as gentes tinham por loucos, vendo-os fazer obras heróicas de verdadeiros amadores de Cristo. Oh! mundo, mundo, como vais ganhando honra em razão de haver poucos que te conheçam!

**15.** E pensamos que se serve já mais a Deus em que nos tenham por sábios e discretos! Isso deve ser, segundo se usa de discrição. Logo nos parece que é de pouca edificação não andar, cada um em seu estado, com muita compostura e autoridade. Até o frade, o clérigo e a freira nos parecerá que, trazerem coisa velha e remendada, é novidade e dar escândalo aos fracos; e até o estarem muito recolhidos e ter oração, conforme está o mundo e tão olvidadas as coisas de perfeição de grandes ímpetos que tinham os santos, que penso faz mais dano às desventuras que se vêem nestes tempos e que não daria escândalo a ninguém os religiosos darem a entender por obras, como o dizem por palavras, o pouco em que se há-de ter o mundo; pois, destes escândalos, o Senhor tira grandes proveitos. E se uns se escandalizam, outros entram em si e têm remorsos. Houvesse sequer um esboço do que passou Cristo e Seus Apóstolos, pois agora, mais do que nunca, e preciso.

**16.** E, que bom aquele que Deus nos levou agora no bendito Frei Pedro de Alcântara! Não está já o mundo para sofrer tanta perfeição. Dizem que estão as saúdes mais fracas e que não estamos nos tempos passados. Este santo homem era deste tempo; estava tão robusto O seu espírito como em outros tempos e, por isso, tinha o mundo debaixo dos pés. Pois, embora não andem desnudos nem façam tão áspera penitência como ele, muitas coisas há, como outras vezes tenho dito, para se pisar o mundo e o Senhor as ensino quando vê ânimo. E que grande lho deu Sua Majestade a este santo que digo, para fazer quarenta e sete anos tão áspera penitência como todos sabem!' Quero dizer algo dela, porque sei que tudo é verdade

**17.** Foi ele que mo disse a mim e a outra pessoa de quem pouco se encobria. A causa de mo dizer era a amizade que me tinha, porque quis o Senhor que a tivesse para acudir por mim e me animar em tempos de tanta necessidade, como tenho dito e direi. Parece-me que me disse que em quarenta anos só tenha dormido hora e meia entre noite e dia, e o maior trabalho de penitência que teve nos princípios foi o de vencer o sono e para isto estava sempre de joelhos ou de pé. Só dormia sentado e a cabeça encostada a um madeirozito que tinha pregado a parede. Deitado, embora quisesse, não podia, porque sua cela, como se sabe, não tinha de comprimento mais que quatro pés e meio.

Em todos estes anos jamais pôs o capuz, por grandes sóis e chuvas que houvesse, nem nada nos pés, nem vestido, a não ser um hábito de estamena sem nenhuma outra coisa sobre a carne, e este tao apertado que mal se podia sofrer e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

uma capa do mesmo pano por cima.

Dizia-me que, nos grandes frios, a tirava e deixava a porta e o postigo da cela abertos para que, pondo depois a capa e cerrando a porta, contentava o corpo, para que sossegasse com mais abrigo.

Comer de três em três dias era o mais normal, e perguntou-me porque me espantava, pois era muito possível a quem se acostumava a isso. Um seu companheiro disse-me que lhe acontecia estar oito dias sem comer. Devia ser estando em oração, porque tinha grandes arroubamentos e ímpetos de amor de Deus, de que uma vez fui testemunha.

**18.** Sua pobreza era extrema, e foi tal a sua mortificação na mocidade, que me disse que lhe havia acontecido estar três anos numa casa da sua Ordem e não conhecera frade, a não ser pela fala; porque não levantava nunca os olhos, e assim nem aos lugares aonde de necessidade tinha de ir sabia a não ser indo atrás dos frades. Isto também lhe acontecia pelos carninhos. A mulheres jamais fitava; e isto durante muitos anos. Dizia-me que já tanto se lhe dava ver como não ver. Já era muito velho quando o vim a conhecer, e tão extrema a sua fraqueza, que não parecia senão feito de raízes de árvores.

Com toda esta santidade era muito afável, embora de poucas palavras, a menos que fosse interrogado. Nestas era muito ameno, porque tinha um mui lindo entendimento. Outras muitas coisas quisera eu dizer, mas tenho medo de que V. Mercê me diga para que me meto nisto, e com este medo tenho escrito. Assim termino dizendo que foi o seu fim como a sua vida: pregando e admoestando os seus frades. Quando viu que já se acabava disse o Salmo: *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi* e posto de joelhos, morreu.

**19.** Depois tem sido o Senhor servido que eu tenha mais ajuda dele que em vida, aconselhando-me em muitas coisas. Tenho-o visto muitas vezes com grandíssima glória. Disse-me, a primeira vez em que me apareceu: bem-aventurada penitência que tanto prémio lhe havia merecido e outras muitas coisas. Um ano antes de morrer, apareceu-me estando ausente, e eu soube que havia de morrer e o avisei, estando a algumas léguas daqui.

Quando expulsou, apareceu-me e disse-me que ia descansar. Eu não o acreditei e disse-o a algumas pessoas; e, passados oito dias, veio a notícia de que tinha morrido, ou que tinha começado a viver para sempre, para melhor dizer.

**20.** Ei-la aqui acabada esta aspereza de vida com tão grande glória. Parece-me que muito mais me consola agora, do que quando cá estava. Disse-me uma vez o Senhor que não se lhe pediria coisa alguma em seu nome que não a ouvisse. Muitas que lhe tenho encomendado para que as peça ao Senhor, as tenho visto cumpridas. Seja bendito para sempre. Amen.

**21.** Mas, quantas palavras tenho dito para levar V. Mercê a não estimar em nada coisa alguma desta vida, como se não o soubesse, ou não estivesse já determinado a deixar tudo e o não tivesse posto por obra. Vejo tanta perdição no mundo que, embora não aproveite mais o dizê-lo que eu cansar-me de o escrever, me serve de descanso, ainda que é contra mim tudo o que digo. O Senhor me perdoe o que neste caso O tenho ofendido e V. Mercê, que o canso sem propósito. Parece que quero que faça penitência do que eu nisto pequei.

## CAPÍTULO 28

*Trata das grandes mercês que lhe fez o Senhor e como Ele lhe apareceu a primeira vez. - Declara o que é visão imaginária. - Diz os grandes efeitos e sinais que deixa quando é de Deus. - É muito proveitoso este capítulo e digno de se ter em conta.*

**1.** Voltando ao nosso propósito, passei alguns, poucos dias, com esta visão muito contínua e fazia-me tanto proveito, que não saía de oração; e tudo quanto fazia, procurava fosse de sorte a não descontentar Aquele que via tão claramente que tinha por testemunha. E, ainda que algumas vezes temia com o muito que me diziam, durava pouco o temor, porque o Senhor me assistia.

Estando um dia em oração, quis o Senhor mostrar-me só as mãos com tão grandíssima formosura, que não o poderia eu encarecer. Causou-me isto grande temor, porque qualquer novidade faz com que eu o tenha grande nos princípios de qualquer mercê sobrenatural que o Senhor me faça. Poucos dias depois, vi também aquele divino rosto que de todo, me parece, me deixou absorta. Não podia eu entender porque era que o Senhor se mostrava assim pouco a pouco, visto que depois me havia de fazer mercê de que O visse de todo, até compreender que o Senhor me ia levando conforme a minha fraqueza natural. Seja bendito para sempre, porque tanta glória junta, uma criatura tão baixa e ruim não a poderia suportar e, como quem isto sabia, ia o piedoso Senhor dispondo.

**2.** Parecerá a V. Mercê que não era preciso muito esforço para ver umas mãos e rosto tão formoso. São-no tanto os corpos glorificados, que a glória que trazem consigo, e o ver coisa tão sobrenaturalmente formosa, desatina e, assim, me causava tanto temor, que toda me perturbava e alvorotava, embora depois ficasse com certeza e segurança e com tais efeitos que depressa perdia o temor.

**3.** Um dia de São Paulo, estando na Missa, se me representou toda esta Humanidade sacratíssima, como se pinta ressuscitado, com tanta formosura e majestade, como particularmente escrevi a V. Merce, quando instantemente mo mandou, o que se me fez assaz custoso, porque nada se pode dizer que, não seja antes desfazer, mas o melhor que soube já o disse, e assim não há para que voltá-lo a dizer aqui. Só digo que, quando outra coisa não houvesse para deleitar a vista no Céu, senão a grande

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

formosura dos corpos glorificados, bastaria para causar grandíssima glória, em especial ver a Humanidade de Jesus Cristo, Senhor Nosso, ainda que aqui se mostre Sua Majestade conforme ao que pode sofrer a nossa miséria; que será no Céu onde de todo se goza de tal bem?

**4.** Esta visão, embora seja imaginária, nunca a vi com os olhos corporais, nem a nenhuma, senão com os olhos da alma.

Dizem os que o sabem melhor do que eu, ser mais perfeita a visão passada do que esta, e esta muito mais do que as que se vêem com os olhos corporais. Estas, dizem, são as mais baixas e onde o demónio mais ilusões pode fazer, embora eu então não pudesse entender tal e desejava, já que se me fazia esta mercê, que fosse vendo-a com os olhos corporais, para que me não dissesse o confessor que era ilusão. E também me acontecia, depois de passada a visão - isto era logo em seguida -, pensar eu também que seria uma ilusão minha e afligia-me de tê-lo dito ao confessor, julgando que o tinha enganado. Aqui era outro pranto, e ia a ele dizer-lho. Perguntava-me se a num assim me parecia, ou se eu o tinha querido enganar. Eu lhe dizia a verdade, porque, a meu parecer: não mentia, nem tal havia pretendido, nem por coisa alguma do mundo diria uma coisa por outra. Isto bem o sabia ele e assim procurava sossegar-me, e eu sentia tanto em ira a ele com estas coisas que não sei como o demónio me incutia o medo de que o aderira fingir para me atormentar a mim mesma.

Mas o Senhor deu-Se tanta pressa em fazer-me esta mercê e declarar esta verdade que bem depressa se me tirou a dúvida se era ilusão, e depois vi muito claramente a minha tolice: porque se estivesse muitos anos imaginando como figurar coisa tão formosa, não poderia nem saberia, porque excede a tudo quanto cá na terra se pode imaginar, até só a brancura e resplendor.

**5.** Não é resplendor que deslumbre, mas uma brancura suave e resplendor infuso, que dá grandíssimo deleite à vista e não a cansa, como não cansa a claridade com que se contempla esta formosura tão divina. É uma luz tão diferente desta de cá, que a claridade do sol que vemos, parece coisa tão deslustrada, em comparação daquela luz que se representa à vista, que não se queriam depois abrir os olhos. É como ver uma água muito clara que corre sobre cristal e reverbera nela o sol, e uma muito turva e com grande nevoeiro que corre por cima de terra. Não que se represente sol, nem que a luz seja como a do sol; parece, enfim, luz natural, e estoutra coisa artificial. É luz que não tem noite mas, como sempre é luz, nada a turva.

Enfim, é de sorte que, por grande entendimento que uma pessoa tivesse, em todos os dias da sua vida não a poderia imaginar como é. E põe-na Deus diante tão de súbito, que até não daria lugar a abrir os olhos, se fosse preciso abri-los; mas não faz mais ao caso estarem abertos ou fechados, quando o Senhor quer porque,



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

embora não queiramos, se vê. Não há diversão que baste nem há poder de se resistir, nem assaz diligência nem cuidado para isso. Isto tenho-o eu bem experimentado, como direi.

**6.** O que eu agora quereria dizer é o modo como o Senhor se mostra nestas visões. Não digo que declararei de que maneira pode ser impressa esta luz tão forte no sentido interior, e no entendimento imagem tão clara, que parece que verdadeiramente está ali, porque isto é de letrados. Não quis o Senhor dar-me a entender o como, e sou tão ignorante e de tão rude entendimento que, embora muito mo tenham querido declarar, ainda não acabei de entender o como. E isto é certo: embora a V.Mercê lhe pareça que tenho vivo entendimento, não o tenho; porque, em muitas coisas, experimentei que ele não compreende mais do que lhe dão a comer, como dizem.

Algumas vezes se espantava quem me confessava, de minhas ignorâncias; e jamais me dei ao trabalho de entender, nem mesmo o desejava, como Deus faz isto ou como pode ser. Nem o perguntava, ainda que - como tenho dito -, de há muitos anos para cá tratava com bons letrados. Se uma coisa era pecado ou não, isto sim, no mais, não era para mim preciso, senão pensar que Deus fez tudo e via não haver de que me espantar, mas Sim motivo de O louvar. Antes me fazem devoção as coisas dificultosas e tanto mais, quanto mais o são.

**7.** Direi, pois, o que tenho visto por experiência. Como o Senhor o faz, V.Mercê, o dirá melhor e declarará tudo o que for obscuro e eu não souber dizer.

Bem me parecia nalgumas coisas que era imagem o que eu via, mas em outras muitas não, senão que era o próprio Cristo, conforme a claridade com que era servido mostrar-Se a mim. Umas vezes era tão confusamente que me parecia uma imagem, mas não como os desenhos cá da terra, por muito perfeitos que sejam, e muitos tenho visto e bons; é disparate pensar que de algum modo tenha semelhança uma coisa com a outra; e, nem mais nem menos, a que tem uma pessoa viva com o seu retrato. Este, por bem tirado que esteja, não pode ser tão ao natural que, enfim se vê que é coisa morta. Mas deixemos isto que vem aqui muito bem e é muito ao pé da letra.

**8.** Não digo que seja comparação, que nunca são tão cabais, senão verdade: a diferença que há é, nem mais nem menos, a do vivo ao pintado.

Se é Imagem, é imagem viva: não homem morto, senão Cristo vivo E dá a entender que é homem e Deus, não como estava no sepulcro, senão como saiu dele depois de ressuscitado. Vem, às vezes, com tão grande majestade que não há quem possa duvidar: vê-se que é mesmo o Senhor em especial em, acabando de comungar que bem sabemos que está ali, porque no-lo diz a fé. Representa-se tão Senhor daquela pousada que a alma toda se desfaz, vê-se consumir em Cristo. Ó Jesus meu, quem pudesse dar a entender a majestade com que Vos mostrais! E quão senhor de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

todo o mundo e dos céus e de outros mil mundos, e mundos e céus sem conta que Vós criásseis. E a alma entende, segundo a majestade com que Vos representais, que isso não é nada para Vós serdes Senhor de tudo.

**9.** Aqui se vê claramente, Jesus meu, o pouco poder de todos os demónios em comparação do Vosso, e como, quem Vos tiver contente, pode calcar aos pés o inferno todo. Aqui se vê a razão que tiveram os demónios de temer quando baixastes ao Limbo e como desejariam outros mil infernos mais baixos para fugir de tão grande majestade. Vejo que quereis dar a entender à alma quão grande é o poder que tem esta sacratíssima Humanidade junta com a Divindade. Aqui se representa bem o que será ver, no dia do juízo, a majestade deste Rei e vê-Lo com rigor para os maus.

Aqui é a verdadeira humildade que deixa esta visão na alma ao ver sua miséria, pois não a pode ignorar. Aqui a confusão e verdadeiro arrependimento dos pecados, pois, ainda que veja que lhe mostra amor, não sabe aonde se meter, e assim se desfaz toda.

Digo que tem tão grandíssima força esta visão, quando o Senhor quer mostrar à alma grande parte da Sua grandeza e majestade, que tenho por impossível podê-la sofrer qualquer pessoa, se o Senhor, de modo A muito sobrenatural, não a quisesse ajudar, pondo-a em arroubamento e extase, onde perde de vista, com o gozo, a visão daquela divina presença.

Será verdade que se esquece depois? Fica porém tão impressa aquela majestade e formosura, que não há maneira de se poder esquecer, a não ser quando o Senhor quer que a alma padeça uma grande aridez e soledade, que direi adiante, ls que então até de Deus parece que se esquece. A alma fica outra, sempre embebida; parece-lhe que começa de novo um amor vivo de Deus em muito alto grau, a meu ver; porque, embora a visão passada, em que disse que Deus se representa sem imagem, seja mais perfeita, contudo, para durar na memória, conforme a nossa fraqueza, e para trazer bem ocupado o pensamento, é grande coisa o ficar representada e posta na imaginação tão Divina presença. E quase sempre vêm juntas estas duas maneiras de visão. E até mesmo é assim que vêm. Porque, com os olhos da alma, vê-se a excelência e formosura e glória da santíssima Humanidade e, por esta outra maneira que fica dita, se nos dá a entender como é Deus e poderoso e que tudo pode e tudo manda e tudo governa e a tudo enche o Seu amor.

**10.** É ~ui to para estimar esta visão, e sem perigo, a meu parecer, porque, pelos efeitos, se conhece que não tem força aqui o demónio. Parece-me, que três ou quatro vezes, me quis este dar a ver, desta maneira, ao mesmo Senhor em representação falsa. Toma a forma humana, mas não pode contrafazê-la com a glória que tem quando é de Deus. Faz representações para desfazer a verdadeira

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

visão que a alma teve; mas esta resiste por si e se alvoroça e fica desabrida e inquieta, porque perde a devoção e o gosto que antes tinha e fica sem oração alguma.

Nos princípios foi isto -como tenho dito -, três ou quatro vezes. É coisa tão imensamente diferente que, ainda quem só tivesse tido oração de quietude, creio o entenderá pelos efeitos que ficam ditos nas falas. É coisa muito conhecida e, se uma alma não se quiser deixar enganar, não me parece que o demónio a enganará, se ela anda com humildade e simplicidade.

Quem tiver tido verdadeira visão de Deus, desde quase logo o sente; porque, embora comece com regalo e gosto, a alma o lança de si. E, a meu parecer, até deve ser diferente o gosto, e não tem aparência de amor puro e casto; muito em breve dá a entender quem é. Assim, segundo me parece, onde há experiência, não poderá o demónio fazer dano.

**11.** Pois, ser imaginação isto, é impossível de toda a impossibilidade. Nenhum caminho leva, porque só a formosura e brancura de uma mão está acima de toda a nossa imaginação; pois, sem nos lembrarmos disso nem havê-lo jamais pensado, ver presentes, num instante, coisas que em muito tempo não se poderiam conceber com a imaginação, porque são muito mais sublimes, como tenho dito do que podemos aqui compreender ... isto é impossível. E mesmo que pudéssemos algo nisto, ainda se vê mais claro, por estoura razão, que agora direi. Porque, se fosse representado pelo entendimento, não faria as grandes operações que isto faz, nem mesmo nenhuma (porque seria como alguém que quisesse dormir e ficasse desperta por não lhe ter vindo o sono; como tem necessidade de dormir ou fraqueza na cabeça, deseja-o e faz diligência para adormecer e, às vezes, parece que alguma coisa consegue; mas, se não é sono e verdade, não o sustentará nem lhe dará força à cabeça, antes às vezes fica com ela mais esvaída), assim seria em parte aqui: ficar a alma esvaída, mas não sustentada e forte antes cansada e desgostada. Quando é verdadeira, não se pode encarecer a riqueza que deixa; até ao corpo dá saúde e este fica confortado.

**12.** Esta razão, com outras, dava eu quando me diziam que era demónio o que se me afigurava, e era muitas vezes. Fazia comparações conforme podia e o Senhor me dava a entender. Mas tudo aproveitava pouco, porque, como havia pessoas muito santas neste lugar (e eu, em sua comparação, uma perdição) e não as levava Deus por este caminho, logo as encha o temor. Meus pecados parece, eram disto a causa. Passavam dum para outro as minhas coisas, de maneira que se vinham a saber sem dizê-las eu, senão ao meu confessor ou a quem ele me mandava.

**13.** Eu lhes disse uma vez que, se os que me diziam isto, me dissessem que uma pessoa a quem eu tivesse acabado de falar e conhecesse muito bem, não era de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

facto ela, mas que eu me enganava e que eles o sabiam, sem dúvida eu lhes daria mais crédito do que àquilo que tinha visto.

Mas, se essa pessoa me deixasse nas mãos algumas jóias que me ficasse por penhor de muito amor, e eu antes não tivesse nenhuma e me visse então rica sendo pobre, eu não poderia crer no que eles me diziam, embora o quisesse. Estas jóias eu lhas poderia mostrar, porque todos os que me conheciam, viam claramente estar outra a minha alma e assim o dizia o meu confessor. É que era muito grande a diferença em todas as coisas, e não dissimulada, senão que, com muita claridade, todos o podiam ver.

Porque- dizia eu-, sendo antes tão ruim como era, não podia crer que, que o demónio fazia isto para me enganar e levar ao inferno, usasse de meio tao contrário como era tirar-me os vícios e pôr em mim virtudes e fortaleza; porque via claramente com estas coisas ficar, numa só vez, outra.

**14.** Meu confessor, como digo- que era um Padre bem santo da Companhia de Jesus - respondia isto mesmo, segundo eu soube. Era muito discreto e de grande humildade, e esta humildade tão grande acarretou-me bastos trabalhos; porque, conquanto fosse de muita oração e letrado, como o Senhor não o levava por este caminho, não se fiava de si. Passou-os muito grandes comigo e de muitas maneiras. Soube que lhe diziam que se acautelasse de mim, não o enganasse o demónio em acreditar alguma coisa do que eu lhe dizia. Traziam-lhe exemplos de outras pessoas. Tudo isto me afligia. Temia que viesse a não haver quem me quisesse confessar, pois todos haviam de fugir de mim. Não fazia senão chorar.

**15.** Foi providência de Deus querer ele continuar a ouvir-me; mas era tão grande servo de Deus, que a tudo se exporia por Ele. Dizia-me que não ofendesse eu a Deus, nem me apartasse do que ele me dizia e não tivesse medo de que me faltasse. Sempre me animava e sossegava. Mandava-me sempre que não lhe ocultasse coisa nenhuma; eu assim fazia. Dizia-me ele que, fazendo eu isto, ainda que fosse demónio, não me faria dano, antes o Senhor tiraria bem do mal que ele queria fazer à minha alma. Procurava aperfeiçoá-la em tudo que ele podia. Eu, como trazia tanto medo, obedecia-lhe em tudo, embora imperfeitamente. E muito passou por minha causa nos três anos e mais que me confessou, com estes trabalhos; porque nas grandes perseguições que tive e em muitas coisas que o Senhor permitia que me julgassem mal, e muitas estando sem culpa, iam a ele e o culpavam de tudo, estando ele sem culpa alguma.

**16.** Fora impossível, se não tivesse tanta santidade- e o Senhor o não animasse - poder sofrer tanto porque tinha de responder aos que lhes parecia que eu ia perdida e não o acreditavam; e, por outra parte, tinha de me sossegar e curar o medo que eu trazia, mas eu ficava com ele ainda maior. Por outra parte, tinha de me tranquilizar a cada visão, porque, sendo coisa nova, permitia Deus que me ficassem depois

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

grandes temores. Tudo procedia de eu ser tão pecadora e de o ter sido. Ele me consolava com muita piedade e, se ele acreditasse em si mesmo, não padecera eu tanto, pois Deus lhe dava a entender a verdade em tudo, porque o mesmo Sacramento o iluminava, segundo creio.

**17.** Os servos de Deus que não se asseguravam, tratavam muito comigo. Eu como falava descuidadamente, dizia algumas coisas que eles tomavam em diferente sentido. Queria eu muito a um deles, porque lhe devia muito a minha alma e era muito santo e desejava de grande modo o meu aproveitamento e que o Senhor me iluminasse. Eu sentia sumamente por ver que não me entendia. Assim, o que eu dizia, como digo, sem olhar a isso, parecia-lhes pouca humildade. Em vendo-me alguma falta- e veriam muitas -logo era tudo condenado.

Perguntavam-me algumas coisas; eu respondia com lhaneza e descuido. Logo lhes parecia que os queria ensinar e me tinha a mim mesma por sábia. Tudo ia ter ao meu confessor, porque certamente desejavam meu proveito; e ele a ralhar-me.

**18.** Durou isto bastante tempo; afligida por muitas partes, mas com as mercês que o Senhor me fazia, tudo suportava.

Digo isto para que se entenda o grande trabalho que é não achar quem tenha experiência neste caminho espiritual. Pois, se não me favorecera tanto o Senhor, não sei que fora de mim. Bastantes coisas havia para me tirar o juízo, e algumas vezes via-me em termos que não sabia que fazer de mim, senão levantar os olhos ao Senhor; porque, contradições de bons a uma mulherzita ruim e fraca e temerosa como eu, dito assim não parece nada, e não obstante eu ter passado na vida grandíssimos trabalhos este é dos maiores.

Praza ao Senhor que eu tenha servido a Sua Majestade algum tanto nisto. Pois, de que O serviam os que me condenavam e arguiam, bem certa estou e que era tudo para grande bem meu.

## CAPÍTULO 29

*Prosegue o assunto começado e diz algumas grandes mercês que lhe fez o Senhor e as coisas que Sua Majestade lhe dizia para a assegurar e para que respondesse aos que a contradiziam.*

**1.** Muito saí do propósito, pois que tratava de dizer as causas que há para se ver que não é imaginação; porque, como poderíamos, com esforço, representar a Humanidade de Cristo e ir ordenando com a imaginação a Sua grande formosura? E não seria necessário pouco tempo, se nalguma coisa se houvesse de parecer com ela. Bem pode alguém representá-la na imaginação e fixá-la durante algum tempo, e os traços que tem, e a sua brancura, e, pouco a pouco, ir aperfeiçoando mais e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

imprimindo na memória aquela imagem. Isto, quem lho impede, pois com o entendimento o pode fabricar?

No que tratamos nada podemos fazer para isto, senão que a temos de ver quando o Senhor a quer representar e como quer e o que quer. Não há tirar nem pôr, nem modo para isso, por mais que façamos, nem para vê-Lo quando queremos, nem para O deixar de ver. Em querendo fixar alguma coisa particular, logo se perde a visão de Cristo.

**2.** Dois anos e meio me durou isto, muito frequentemente me fazia Deus esta mercê. Haverá mais de três anos que Ele deixou de me fazer tão de contínuo e substituiu-a por outra mais subida, como talvez direi depois. Via que me estava falando e eu contemplando aquela grande formosura e a suavidade, com que dizia aquelas palavras por aquela formosíssima e divina boca, e outras vezes com rigor desejar eu perceber a cor de Seus olhos e do tamanho que eram, para o saber dizer, jamais mereci vê-lo, nem me serve de nada procurá-lo, antes se me esvai de todo a visão.

É verdade que algumas vezes vejo que olha para mim com piedade, mas tem tanta força este olhar, que a alma não o pode sofrer e fica em tão subido arroubamento que, para melhor O gozar todo, perde esta formosa vista. Assim, aqui, não há querer e não querer. Vê-se claramente que o Senhor quer que não haja senão humildade e confusão, e tomar o que nos derem e louvar a Quem o dá.

**3.** Isto acontece em todas as visões, sem excepção, pois nenhuma coisa se pode, nem para ver menos nem mais faz ou desfaz a nossa diligência.

Quer o Senhor que vejamos com muita clareza que isto não é obra nossa, senão de Sua Majestade. É que, assim, muito menos podemos ter soberba; antes nos faz permanecer humildes e temerosos, vendo que, do mesmo modo como o Senhor nos tira o poder para ver o que queremos, assim nos pode também tirar estas mercês e a graça, e ficarmos perdidos de todo. Quer que sempre andemos com medo, enquanto vivemos neste desterro.

**4.** Quase sempre se me representava o Senhor assim ressuscitado e na Hóstia do mesmo modo, a não ser algumas vezes em que, para me esforçar, se estava em tribulação, me mostrava as Chagas; algumas vezes na Cruz e no Horto; com a coroa de espinhos algumas, para- como digo- necessidades minhas e também de outras pessoas, mas sempre a carne glorificada.

Fartas afrontas e trabalhos passei em dizê-lo e fartos temores e fartas perseguições. Tão certo lhes parecia que eu tinha o demónio, que algumas pessoas me queriam exorcizar. Disto, a mim pouco se me dava; mais sentia quando via que temiam os confessores de confessar-me ou quando sabia que de mim lhes diziam alguma coisa. Contudo, jamais podia ter pesar de ter visto estas visões celestiais, e nem por todos os bens e deleites do mundo eu as trocava sequer por uma só vez que delas gozei.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Sempre tive isto por grande mercê do Senhor e me parece um grandíssimo tesouro, e o mesmo Senhor mo assegurava muitas vezes. Eu mesma me via crescer em O amar muitíssimo; ia-me queixar a Ele de todos estes trabalhos; e sempre saía consolada da oração e com novas forças. A eles não ousava eu contradizer, porque via que era tudo pior, pois lhes parecia pouca humildade. Com o meu confessor tratava: ele consolava-me sempre muito quando me via aflita.

**5.** Como as visões foram crescendo um deles, que antes me ajudava (com quem me confessava algumas vezes quando o ministro não podia), começou a dizer que era claro ser obra do demónio. Mandaram-me, visto não ser possível resistir, que me benzesse quando visse alguma visão, e fizesse figas, porque podia ter por certo que era o demónio, e com isto ele não viria e que não tivesse medo, pois Deus me guardaria e me tiraria estas visões. Para mim era isto causa de grande pesar, porque como não podia crer senão que era Deus, era coisa terrível para mim. E tão pouco podia desejar – como tenho dito – que me fossem tiradas; mas enfim fazia quanto me mandavam. Suplicava muito ao senhor que me livrasse de ser enganada. Isto sempre o fazia e com muitas lágrimas e o pedia a S. Pedro e a S. Paulo porque o Senhor me disse, como foi no seu dia que Ele me apareceu pela primeira vez, que eles me guardariam para que não fosse enganada. E assim os via muitas vezes ao meu lado esquerdo muito claramente, embora não por visão imaginária. Eram estes gloriosos santos muito meus senhores.

**6.** Dava-me grandíssima pena ter de fazer figas, quando via esta visão do Senhor. É que, quando eu O via presente, embora me fizessem em pedaços, não poderia crer que era demónio, e, assim isto foi um género de penitência bem grande para mim e, para não me andar tanto a benzer, tomava uma cruz na mão. Isto fazia-o quase sempre; as figas não tão de contínuo feito os judeus e suplicava-Lhe me perdoasse, porque o fazia para obedecer a quem Ele tinha posto na Sua Igreja. Dizia-me o senhor que não me perturbasse com isso, que fazia bem em obedecer, mas Ele faria com que se entendesse a verdade. Quando me tiraram a oração, pareceu-me que ficará magoado; disse-me que lhes dissesse que aquilo já era tirania. Dava-me razões para que entendesse que não era demónio. Algumas direi depois.

**7.** Uma vez, tendo eu a cruz na mão, que a trazia num rosário, pegou nela o Senhor com a Sua e, quando ma tomou a dar, tinha quatro pedras grandes, muito mais preciosas que diamantes e isto sem comparação. É que nem quase mesmo a pode haver com o que se vê de sobrenatural, pois o diamante parece coisa contrafeita e imperfeita à vista das pedras preciosas que lá se vêem. Tinha as cinco chagas de muito linda feitura. Disse-me o Senhor que assim a veria de aí em diante, e assim foi que não via a madeira de que era feita, senão estas pedras; mas isto a ninguém acontecia senão a miro.

Desde que me mandaram fazer estas tais provas e resistir, foi muito maior o

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

crescimento das mercês. Em me querendo distrair, nunca saía de oração; até dormindo me parecia que estava nela. Então cresciam o amor e as queixas que eu fazia ao Senhor, pois não o podia sofrer; nem estava na minha mão deixar de pensar n 'Ele, por mais que eu quisesse e por mais que me esforçasse. Contudo, obedecia quando podia, mas nisto pouco ou nada podia e o Senhor nunca me dispensou de obedecer.

Mas, ainda que me dizia para o fazer, assegurava-me, por outro lado, e ensinava-me o que lhes havia de dizer, e assim ainda o faz agora. Dava-me razões tão fortes que a mim me incutiam inteira segurança.

**8.** Dentro de pouco tempo começou Sua Majestade, como mo tinha prometido, a mostrar mais claramente que era Ele, crescendo em mim um amor tão grande de Deus que não sabia quem mo infundia, porque era muito sobrenatural, nem eu o procurava. Via-me morrer com desejo de ver a Deus e não sabia aonde havia de buscar esta vida, a não ser com a morte.

Davam-me uns ímpetos tão grandes deste amor que, embora não fossem tão insofríveis como os que já de outra vez tenho dito, nem de tanto valor, eu não sabia que fazer de mim. Nada me satisfazia, nem eu cabia em mim, senão que verdadeiramente me parecia que se me arrancava a alma. Oh! artifício soberano do Senhor! De que indústria tão delicada usáveis para com a Vossa escrava miserável! Escondíeis-Vos de mim e apertáveis-me com Vosso amor com uma morte tão saborosa que nunca a alma queria sair dela.

**9.** Quem não tiver passado por estes ímpetos tão grandes, impossível será podê-lo entender; não é desassossego do peito, nem umas devoções que costumam dar muitas vezes, que parece afogam o espírito, que não cabe em si. Esta oração é mais baixa e devem-se reprimir estes ímpetos procurando, com suavidade, recolhê-los dentro de si e acalmar a alma. Pois isto é como meninos que têm um choro acelerado, e parece que se vão abafar, e com dar-lhes de beber, cessa aquele demasiado sentimento.

Assim aqui: a razão procure atalhar, retesando a rédea, porque poderia ser que para isto concorresse o mesmo natural. Volte a consideração com o temor de que nem tudo aquilo é perfeito, mas que nisto pode ter muita parte a sensibilidade e acalme esta criança com um regalo de amor que a faça mover a amar com suavidade e não aos empurrões, como dizem.

Recolha este amor dentro de si e não seja como panela que ferve demasiado, porque pondo lenha sem discrição, se derrama toda. Modere a causa que lhe serviu para atear esse fogo e procure abafar a chama com lágrimas suaves e não penosas, como são as destes sentimentos, que fazem muito dano. Eu as tive algumas vezes nos princípios e deixavam-me com a cabeça perdida e o espírito cansado, de sorte que no outro dia, e até por mais tempo, não estava em condições de voltar à oração.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Assim, pois é mister grande discrição nos princípios para que tudo vá com suavidade e se disponha o espirito a obrar interiormente; procure-se evitar muito o exterior.

**10.** Estes outros ímpetos são diferentíssimos. Não pomos nós a lenha, antes parece que, aceso já o fogo, de súbito nos lançam nele para que nos queimemos. Não procura a alma que lhe doa esta chaga da ausência do senhor, mas cravaram-lhe, por vezes, uma seta no mais vivo das entranhas e do coração, que ela não sabe o que tem, nem o que quer. Bem entende que quer a Deus, e que a seta parece vir ervada para se aborrecer a si mesma por amor deste Senhor e que perderia, de boa vontade, a vida por Ele.

Não se pode encarecer nem dizer o modo como Deus chaga a alma, e a grandíssima pena que dá, de modo que a faz não saber de si; mas esta é pena tão saborosa, que não há deleite na vida que mais contento dê.

Sempre a alma quereria, como tenho dito, estar morrendo deste mal.

**11.** Esta junção de pena e glória trazia-me desatinada, pois não podia entender como aquilo podia ser Oh! O que é ver uma alma ferida! Pois digo que se entende de maneira que bem se pode dizer ferida por tão excelente causa e vê claramente que não fez nada por onde lhe viesse este amor, mas parece-lhe que, do muito grande que o senhor lhe tem, caiu nela de repente aquela centelha que a faz arder toda. Oh! quantas vezes me recordo, quando assim estou, daquele verso de David: *Queimadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum*. Dir-se-ia que o vejo cumprir-se literalmente em mim!

**12.** Quando isto não dá com tanta força, parece que se aplaca um pouco, pelo menos a alma busca remédio – pois não sabe que fazer – com algumas penitências. Estas, porém, não se sentem, nem mesmo causa mais dor o derramar sangue do que se o corpo estivesse morto. Busca modos e maneiras para fazer alguma coisa em que padeça por amor de Deus, mas é tão grande a primeira dor, que eu não conheço tormento corporal que lha tirasse. Como não está nisto o remédio, são demasiado baixas estas medicinas para tão subido mal; todavia aquieta-se um pouco e algo disto passa, pedindo a deus lhe dê remédio para seu mal; e nenhum vê senão a morte, pois só com esta, pensa poder gozar de todo do seu Bem. Outras vezes é tão forte este ímpeto que nem isto, nem mesmo nada, se consegue fazer. Tolhe todo o corpo e nem pés, nem braços pode menear; se está em pé, cai sentada como coisa inanimada. Não pode nem mesmo respirar, só dá uns gemidos, não grandes, porque mais não pode; são-no, porém no sentimento.

**13.** Quis o Senhor que viesse então algumas vezes esta visão. Via um anjo ao pé de mim, para o lado esquerdo, em forma corporal, o que não costumo ver senão por maravilha. Ainda que muitas vezes se me representam anjos, é sem os ver, senão como na visão passada, que disse antes. Nesta visão quis o Senhor que o visse assim: não era grande mas pequeno, formoso em extremo, o rosto tão incendiado, que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

parecia dos anjos mais sublimes que parecem todos se abrasam. Devem ser os que chamam Querubins, que os nomes não nos dizem, mas bem vejo que no Céu há tanta diferença duns anjos a outros e destes outros a outros, que não o saberia dizer. Via-lhe nas mãos um dardo de oiro comprido e, no fim da ponta de ferro, me parecia que tinha um pouco de fogo. Parecia-me meter-me este pelo coração algumas vezes e que me chegava às entranhas.

Ao tirá-lo, dir-se-ia que as levava consigo, e me deixava toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão intensa a dor, que me fazia dar aqueles queixumes e tão excessiva a suavidade que me causava esta grandíssima dor, que não se pode desejar que se tire, nem a alma se contenta com menos de que com Deus. Não é dor corporal mas espiritual, embora o corpo não deixa de ter a sua parte, e até muita. É um requebro tão suave que têm entre si a alma e Deus, que suplico à Sua bondade o dê a gostar a quem pensar que minto.

**14.** Os dias que isto durava, andava como alheada; não queria ver nem falar, senão abraçar-me com a minha pena, que era para mim maior glória que quantas há em tudo o criado.

Isto me acontecia algumas vezes, quando quis o Senhor que me viessem estes arroubamentos tão grandes que, até mesmo estando entre muitas pessoas, não lhes podia resistir, e assim, com muita pena minha, se começaram a divulgar. Desde que os tenho, não sinto tanto esta pena, senão o que disse em outra parte- não me recorde em que capítulo -, o qual é muito diferente em muitas coisas e de maior preço; pois, em começando esta pena de que agora falo, parece que o Senhor arrebatava a alma e a põe em êxtase, e assim não há lugar para ter pena nem padecer, porque vem logo o gozar.

Seja bendito para sempre, que tantas mercês faz a quem tão mal corresponde a tão grandes benefícios.

## CAPÍTULO 30

*Retoma a narração da sua vida e diz como o Senhor remediou muito os seus trabalhos trazendo ao lugar onde ela estava o santo varão Frei Pedro de Alcântara, da ordem do glorioso S. Francisco. -Trata também de grandes tentações e trabalhos interiores que tinha algumas vezes. '*

**1.** Vendo eu, pois, o pouco ou nada que conseguia fazer para não ter, estes ímpetos tão grandes, também já eu temia de os ter; porque pena e contento, não podia eu entender como podiam andar juntos. Pena corporal e contento espiritual, já eu sabia que era bem possível; mas tão excessiva pena espiritual e com tão grandíssimo gosto, isto me desatinava.

Nem mesmo cessava em procurar resistir-lhe, mas podia tão pouco, que algumas vezes me cansava. Amparava-me com a cruz e queria-me defender d' Aquele que com ela nos amparou a todos. Via que ninguém me entendia, que isto era muito claro para mim; mas não o ousava dizer senão a meu confessor, porque seria dizer, bem de verdade, que não tinha humildade.

**2.** Foi o Senhor servido de remediar grande parte do meu trabalho – e por então todo ele- com trazer a este lugar o bendito Frei Pedro de Alcântara, de quem já fiz menção e disse um pouco da sua penitência. Entre outras coisas, certificaram-me que durante vinte anos tinha trazido continuamente um cilício de folhas de lata. É autor de uns pequenos livros de oração que agora se usam muito, em língua vulgar, porque, como quem a tinha bem exercitado, escreveu muito proveitosamente para os que a têm.

Guardou a primeira Regra do Bem-aventurado S. Francisco com todo o rigor, e mais um pouco que lá fica dito.

**3.** Soube pois a viúva, serva de Deus e minha amiga de quem tenho falado, que estava aqui tão grande varão. Sabia minha necessidade, pois era testemunha das minhas aflições e me consolava muito; era tanta a sua fé que não podia deixar de crer que era espírito de Deus o que todos os mais diziam ser do demónio. Como é pessoa de muito bom entendimento e de muito segredo e a quem o Senhor fazia muitas mercês na oração, quis Sua Majestade dar-lhe luz no que os letrados ignoravam.

Davam-me licença meus confessores para que me descansasse nela, comunicando-lhe algumas coisas que então tinha, pois por muitas razões era digna disso. Cabia-lhe, algumas vezes, parte das mercês que o Senhor me fazia, com avisos muito proveitosos para sua alma.

Pois, assim que o soube, para que mais facilmente pudesse tratar com ele, sem dizer-me nada, alcançou licença do meu Provincial para que estivesse oito dias em sua casa. Aí e em algumas Igrejas falei com ele muitas vezes, nesta primeira vez que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

aqui esteve; e depois em diversos tempos comuniquei muito com ele. Dei-lhe conta, em suma, da minha vida e maneira de proceder na oração com a maior clareza que eu soube.

Isto tenho eu tido sempre: tratar com toda a claridade e verdade com aqueles a quem comunico a minha alma. Até os primeiros movimentos quisera eu lhes fossem manifestos, e nas coisas mais duvidosas e de suspeita eu os arguia com razões contra mim. Assim, sem doblez e subterfúgio, tratei com ele da minha alma.

**4.** Quase logo no princípio vi que me entendia, por experiência, e isto era tudo o que eu precisava. É que então eu não me sabia entender, como agora, para o saber dizer, que depois recebi de Deus o saber compreender e dizer as mercês que Sua Majestade me faz. Era, pois, mister que tivesse passado por isso quem de todo me entendesse e declarasse o que era. Ele deu-me grandíssima luz, porque, pelo menos nas visões que não eram imaginárias, eu não podia entender o que podia ser aquilo, e, nas que via com os olhos da alma, tão-pouco entendia como podia ser; pois, como tenho dito, só era das que se vêem com os olhos corporais, que me parecia a mim que havia de fazer caso, e estas não as tinha eu.

**5.** Este santo homem deu-me luz em tudo e tudo me explicou. Disse-me que não tivesse pena, mas sim louvasse a Deus e estivesse tão certa de que era espírito Seu que, a não ser a fé, coisa mais verdadeira não podia haver, nem que tanto se pudesse crer. Consolava-se muito comigo e dava-me todo o seu favor e mercê, e sempre depois teve muito cuidado de mim e dava-me parte de suas coisas e negócios. E como me via com desejos do que ele já pusera por obra- pois estes dávamos o Senhor muito decididos-, e me via com tanto ânimo, gostava de tratar comigo. É que, para aqueles a quem o Senhor chega a este estado, não há prazer nem consolo que iguale ao de topar com pessoas a quem lhes parece ter o Senhor concedido princípios disto mesmo. Então não devia eu ter muito mais, ao que me parece, e praza ao Senhor que o tenha agora!

**6.** Teve grandíssima pena de mim. Disse-me que um dos maiores trabalhos deste mundo era o que eu tinha padecido, que é a contradição dos bons; ainda me restava muito a padecer, porque sempre teria necessidade de ajuda e não havia nesta cidade quem me entendesse. Ele falaria, no entanto, ao que me confessava e a um dos que mais penas me dava, que era este cavalheiro casado de quem já falei. Este, como quem me tinha maior amizade, me fazia toda a guerra; é alma temerosa e santa, e, como pouco antes me tinha visto tão ruim, não acabava de se tranquilizar.

E assim o fez este santo varão, que lhes falou a ambos e lhes deu causas e razões para que se tranquilizassem e não me inquietassem mais. O confessor de pouco precisava, mas o cavalheiro tanto, que ainda de todo não bastou; contribuiu porém, para que não me amedrontasse tanto.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**7.** Ficámos combinados em eu lhe escrever de aí em diante o que me sucedesse de novo, e de mutuamente nos encomendarmos muito a Deus. Era tanta a sua humildade que tinha em conta as orações desta miserável. Era muita a minha confusão. Deixou-me com grandíssimo consolo e contentamento e fez com que eu tivesse oração com segurança e não duvidasse de que era de Deus. Daquilo do que eu tivesse alguma dúvida e tudo para maior segurança, desse parte ao confessor e com isto vivesse tranquila.

Mas nem assim eu podia ter essa segurança de todo em todo, porque me levava o Senhor por caminho de temer, crendo que era demónio quando me diziam que o era. Ninguém podia, no entanto, fazer com que eu tivesse temor ou segurança de maneira a que lhes pudesse dar mais crédito do que aquele que o Senhor punha na minha alma. Assim é que, embora me consolasse e sossegasse, não lhe dei tanto crédito, para ficar de todo sem temor, em especial quando o Senhor me deixava nos trabalhos de alma que agora direi. Contudo fiquei - como digo -, muito consolada.

Não me fartava de dar graças a Deus e ao glorioso Pai S. José, pois me pareceu que o trouxera, porque era Comissário Geral da Custódia de S. José, a quem eu muito me encomendava e a Nossa Senhora.

**8.** Acontecia-me algumas vezes - e ainda agora me acontece, embora não tantas - estar com grandíssimos trabalhos de alma e ao mesmo tempo com tormentos e dores no corpo, de males tão fortes que não me podia valer.

Outras vezes tinha males corporais muito graves e, como não tinha os da alma, passava-os com muita alegria. Mas, quando era tudo junto, era tão grande trabalho que me via na maior aflição. Todas as mercês que o Senhor me fizera se me olvidavam; só me ficava memória como de coisa que se sonhou, para dar pena. É que se entorpece o entendimento de modo que me fazia andar com mil dúvidas e suspeitas, parecendo-me que não o tinha entendido bem e que talvez fosse ilusão minha.

Bastava que andasse eu enganada, sem que enganasse os bons. Parecia-me ser eu tão má, que, quantos males e heresias se tinham levantado, eram por meus pecados

**9.** Esta é uma humildade falsa que o demónio inventava para desassossegá-me e, tentar se podia, trazer a alma ao desespero. Tenho já tanta experiência que é coisa de demónio, que ele, como já vê que o entendo, não me atormenta nisto tantas vezes como costumava. Isto vê-se claramente e na inquietação e desassossego com que começa, no alvoroço que dá na alma todo o tempo que dura, na escuridão e aflição que nela deixa, na segura e má disposição para a oração e para qualquer bem. Dir-se-ia que afoga a alma e ata o corpo para que de nada aproveite. Porém, a humildade verdadeira, embora a alma se conheça por ruim e nos dê pena ver o que somos e pensamos grandes encarecimentos da nossa maldade, tão grandes como os

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que ficam ditos e se sintam de verdade, não vem com alvoroço, nem desassossega a alma, nem, a escurece, nem traz segura. Antes, pelo contrário - pois é tudo ao revés -, a regala com quietude, com suavidade, com luz. Pena que, por outra parte, conforta por ver quão grande mercê lhe faz Deus em lhe dar aquela pena e quão bem empregada é. Dói-lhe o que ofendeu a Deus e, por outra parte, a Sua misericórdia a dilata.

Tem luz para se confundir a si mesma e louva a Sua Majestade porque tanto lhe sofreu. Nesta outra humildade, que insinua o demónio, não há luz para nenhum bem; tudo lhe parece põe Deus a fogo e a sangue. Representa-lhe justiça e, embora tenha fé de que há misericórdia, porque o demónio não pode tanto que a faça perder, é de maneira a não me consolar antes quando olha a tão grande misericórdia, a ajuda a maior tormento, porque parece que estava obrigada a mais.

**10.** É uma invenção do demónio das mais penosas e subtis e dissimuladas que tenho conhecido dele, e assim quisera avisar V. Mercê para que, se por aqui o tentar, tenha alguma luz e o conheça, se ele lhe deixar entendimento para o perceber. Não pense que bastam letras e saber, pois embora a mim tudo me falte, depois que saio disto, bem vejo que é desatino o que tenho entendido e que o Senhor assim o quer e permite e dá licença ao demónio, como lha deu para que tentasse a Job, embora a mim - como a num- não seja com aquele rigor.

**11.** Tem-me acontecido e me recordo ter sido um dia antes da véspera do *Corpus Christi*, festa de que sou devota, embora não tanto como devia.

Desta vez durou-me só até ao dia, que de outras vezes durou-me oito e quinze dias e até três semanas e não sei se mais, em especial as Semanas Santas em que costume ter as minhas delícias de oração. Acontece que o demónio me prende de repente o entendimento, com coisas tão ridículas às vezes, que em outras ocasiões me riria delas, e o faz estar transtornando tudo o que ele quer.

A alma ali se fica aferrolhada, sem ser senhora de si, sem poder pensar outra coisa mais que nos disparates que ele lhe representa, que quase não têm tomo, nem atam nem desatam; só atam para oprimir a alma de maneira que não cabe em si. E assim que me tem acontecido: parecer-me que andam os demónios como que jogando à bola com a alma e sem ela conseguir livrar-se de seu poder.

Não se pode dizer o que neste caso se padece; ela anda a buscar amparo e permite Deus que não o encontre; só fica sempre a razão do livre alvedrio, mas não clara. Digo eu que deve ser quase como ter vendados os olhos, como uma pessoa que muitas vezes tem ido por um caminho que, embora seja de noite e às escuras, pelo tino anterior, já sabe onde pode tropeçar, porque o tem visto de dia e guarda-se daquele perigo. Assim e aqui para não ofender a Deus, parece que se vai pelo costume. Deixemos de parte o mantê-la o Senhor, que é o que faz ao caso.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**12.** A fé está então tão acalmada e adormecida como todas as demais virtudes, embora não perdida, pois que bem acredita o que a Igreja crê e tem por verdade, mas pronunciado com a boca, e parece-lhe, por outro lado, que a apertam e entorpecem; tem a impressão que é quase como uma coisa que ouviu ao longe que ela conhece a Deus.

O amor tem-no tão túbio que, se ouve falar d'Ele, escuta como uma coisa que crê ser assim, porque a Igreja o tem por verdade; mas não tem memória daquilo que tem experimentado em si.

Ir rezar ou estar em solidão não é senão para lhe causar mais angústia, porque o tormento que sente em si é incomportável.

A meu parecer, é um pouco cópia do inferno. Isto é assim, segundo o Senhor mo deu a entender numa visão, porque a alma se queima em si, sem saber quem nem por onde lhe põem fogo, nem como fugir dele, nem com que o apagar.

Pois, querer buscar remédio na leitura, é como se não soubesse ler.

Uma vez aconteceu-me ir ler uma vida dum santo a ver se me embebia e consolava com o que ele padeceu, e ler quatro ou cinco vezes outras tantas linhas e, apesar de ser em língua vulgar, menos entendia delas no fim do que no princípio, e assim o deixei. Isto me aconteceu muitas vezes; mas desta, me recordo mais em particular.

**13.** Ter, pois, conversação com alguém, é pior; porque o demónio incute um espírito tão desabrido de ira, que me parece a todos quereria comer, sem poder fazer mais nada. Alguma coisa parece, no entanto, que faço em me ir à mão, ou fá-lo o Senhor em ter de Sua mão a quem assim está, para que não diga nem faça contra seus próximos coisa que os prejudique e em que ofenda a Deus.

Pois ir ao confessor, o certo é que muitas vezes me acontecia isto que direi. Embora sendo tão santos como são os que neste tempo tratei e trato, me diziam palavras e me ralhavam com uma aspereza tal, que depois, quando eu lhas repetia, eles mesmos se espantavam e me diziam que mais não estava em sua mão. Porque, ainda que propusessem a si mesmos não o fazer de outras vezes, quando tivesse semelhantes trabalhos de corpo e de alma, porque ficavam depois com compaixão e até escrúpulo, e se determinavam a consolar-me com piedade, não podiam. Não diziam eles palavras más - digo em que ofendessem a Deus -, mas as mais desabridas que se sofriam num confessor.

Deviam pretender mortificar-me, e embora outras vezes gostava e estivesse para o sofrer, então tudo me era tormento.

Pois dá-me também para recear que os engano, e ia então a eles e avisava-os muito deveras que se acautelassem de mim, que poderia ser que os enganasse. Bem via eu que, com advertência, não o faria, nem lhes diria mentira, mas tudo me era causa de temor. Um deles me disse uma vez, pois entendeu a tentação, que não me

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

afligisse, porque embora eu quisesse enganá-lo, senso tinha ele para não se deixar enganar. Deu-me isto muita consolação.

14. Algumas vezes - e quase habitualmente, pelo menos o mais frequente, em acabando de comungar, descansava; e até algumas vezes, em chegando ao Sacramento, logo no mesmo momento ficava tão bem de alma e corpo, que eu me espantava. Não parece senão que, num instante, se desfazem todas as trevas da alma, e desponta o sol, conhecendo então as tontarias em que tinha estado metida.

Outras vezes, com uma só palavra que me dizia o Senhor, como: *Não estejas aflita; não tenhas medo* - como já deixei dito de outra vez ou com ver alguma visão-, ficava de todo sã, como se nunca tivesse tido nada. Regalava-me com Deus, queixava-me a Ele, como consentia que tantos tormentos padecesse. Mas tudo isso era bem pago, pois que quase sempre vinham depois em grande abundância as mercês.

Não me parece senão que a alma sai como o ouro do crisol, mais afinada e clarificada para ver em si o Senhor. E assim se fazem depois pequenos estes trabalhos, apesar de parecerem incomportáveis, e se desejam tornar a padecer, se o Senhor disse mais *Se há-de servir*. E, ainda que haja mais tribulações e perseguições, conquanto se passem sem ofender o Senhor e de as padecer por Ele, tudo é para maior lucro, embora eu não os leve como se hão-de levar, senão muito imperfeitamente.

15. Outras vezes me vinham e vêm tribulações de outro género, que de todo em todo me parece que se me tira a possibilidade de pensar coisa boa, nem desejá-la fazer, e só me fica a alma e o corpo de todo inútil e pesado; mas não tenho com isto essas outras tentações e desassossegos, a não ser um desgosto, sem entender de quê, e nada me contenta a alma. Procurava então fazer boas obras exteriores para me ocupar um tanto à força, e reconheço bem o pouco que é uma alma quando se esconde a graça. Não me causava isto muita pena, porque, o ver assim minha baixeza, me dava alguma satisfação.

16. Outras vezes, acho-me de modo que tão-pouco posso pensar coisa ordenada a respeito de Deus, nem de bem que vá com algum assento, nem ter oração, ainda que esteja em soledade; mas sinto que O conheço. O entendimento e a imaginação entendo eu que é o que aqui me prejudica, pois a vontade me parece que está boa e disposta para todo o bem. Este entendimento, porém, está tão perdido que não parece senão um louco furioso que ninguém consegue atar, nem sou senhora de o fazer estar quedo, sequer o tempo dum Credo. Algumas vezes me rio e conheço minha miséria, fico a olhar para ela e deixo-a a ver o que faz; e - glória a Deus - ,nunca- por maravilha- vai a coisa má, mas sim indiferente: se há alguma coisa a fazer aqui, ali ou acolá. Conheço, então, melhor a grandíssima mercê que me faz o Senhor quando está atado este louco em perfeita contemplação. Vejo o que seria se



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

me vissem neste desvario as pessoas que me têm por boa. Tenho grande lástima de ver a alma em tão má companhia.

Desejo vê-la com liberdade, e assim digo ao Senhor: "quando, Deus meu, chegarei finalmente a ver a, minha alma toda unida em Vosso louvor, de modo a que Vos gozem todas as potências? Não permitais já, Senhor, que seja assim despedaçada, que não parece senão que cada pedaço anda disperso por seu lado".

Isto, padeço eu muitas vezes. Algumas bem entendo que faz muito ao caso a pouca saúde corporal. Recordo-me muito do dano que nos fez o primeiro pecado e que daqui nos vem, penso eu, o sermos incapazes de gozar de tanto bem em um ser, e devem ser os meus que, se eu não tivesse cometido tantos, estaria com mais inteireza no bem.

**17.** Passei também outro grande trabalho pois, como me parecia entender todos os livros que lia, que tratam de oração, e que o Senhor já me tinha dado aquilo, achei que não tinha necessidade deles e assim não os lia, mas sim, vidas de santos, porque como eu me vejo tão falha no que eles serviam a Deus, isto parece que me aproveita e anima.

Parecia-me pouca humildade pensar que já tinha chegado a ter aquela oração; e como não podia conseguir de mim mesma pensar outra coisa, dava-me isto muita pena, até que letrados e o bendito Frei Pedro de Alcântara me disseram que não fizesse caso. Bem vejo eu que, no servir a Deus, ainda não comecei- embora no fazer-me Sua Majestade mercês seja como aos muito bons - e que sou a mesma imperfeição, a não ser nos desejos e em amor, pois nisto bem vejo me favoreceu o Senhor, para que O possa servir em alguma coisa. Bem me parece a mim que O amo, mas as obras me desconsolam e as muitas imperfeições que veio em mim.

**18.** Outras vezes dá-me uma tontice de alma- digo eu que é-, pois, nem bem nem mal me parece que faço, senão andar na pegada das pessoas, como dizem; sem pena nem glória, nem lhe dá vida, nem morte, nem prazer, nem pesar. Nem parece que se sinta nada. Parece-me a mim que anda a alma como um jumentinho que pasta, que se sustenta porque lhe dão de comer e come quase sem o sentir. É que, neste estado, a alma não deve estar sem comer algumas grandes mercês de Deus, pois em vida tão miserável não lhe pesa viver e leva isto com igualdade de ânimo, mas não se sentem movimentos nem efeitos para que a alma o entenda.

**19.** Parece-me agora a mim que é como um navegar com o vento muito sereno, que se anda muito sem entender como. Nestas outras maneiras são tão grandes os efeitos, que a alma vê quase logo sua melhoria, porque fervem os desejos e nunca acaba a alma de se satisfazer. Isto têm os grandes ímpetos de amor, que tenho dito, a quem Deus os dá. É como umas fontezitas que eu tenho visto manar, que nunca cessam de fazer mover a areia para cima.

Bem natural me parece este exemplo ou comparação das almas que aqui

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

chegam; sempre está bulindo o amor e pensando que fará. Não cabe em si, como na terra parece que não cabe aquela água, senão que a lança de si. Assim está a alma muito habitualmente, que não sossega nem cabe em si com o amor que tem; já ele a tem embebida em si. Quereria que outras bebessem, pois a ela não lhe faz falta," para que a ajudassem a louvar a Deus. Oh! quantas vezes me recordo da água viva de que falou o Senhor à Samaritana! E assim sou muito afeiçoada àquele Evangelho, e certo é que, sem entender como agora este bem, já o era desde muito criança e suplicava muitas vezes ao Senhor que me desse daquela água e, onde eu estava sempre, tinha um quadro, de quando o Senhor chegou ao poço, com este letrado: *Domine, da mihi aquam.*

**20.** Parece também como um fogo que é grande e, para que não se apague, e preciso que tenha que queimar. São assim as almas que digo. Ainda que fosse muito a sua custa, quereriam trazer lenha para que não cessasse este fogo. Eu sou tal que, até com palhas que pudesse lançar nele, me contentaria. E assim me acontece algumas e muitas vezes: umas, eu me rio e outras me aflijo muito. O movimento interior incita-me a que sirva em algo – já que não sou para mais- em pôr ramitos e flores em imagens, em varrer, em compor um oratório, em umas coisitas tão baixas que me fazia confusão. Se fazia ou faço alguma penitência, era tudo pouco e de maneira que, a não aceitar o Senhor a vontade, via que era sem nenhum préstimo e eu mesma me ria de mim. Pois não têm pouco trabalho as almas a quem Deus dá, por Sua bondade, este fogo de Seu amor em abundância, se lhes faltarem forças corporais para fazer alguma coisa por Ele. É uma pena bem grande; porque, como lhe faltam forças para deitar alguma lenha neste fogo e ela morre para que não se apague, parece-me que dentro de si ela se consome e se faz cinza e desfaz em lágrimas e se queima; e é grande tormento, embora saboroso.

**21.** Louve muito e muito ao Senhor a alma que chegou aqui e a quem Ele dá forças corporais para fazer penitência, ou lhe deu letras e talentos e liberdade para pregar e confessar e levar almas a Deus, que não sabe nem entende o bem que tem, se não chegou a experimentar o que é não poder nada no serviço do Senhor e receber sempre muito. Seja bendito por tudo e dêem-Lhe glória os anjos. Amen.

**22.** Não sei se faço bem em escrever tantas minudências Como V Mercê me tornou a mandar que não se me desse nada de me alongar: nem deixasse nada por dizer, vou tratando com clareza e verdade tudo que me recordo. E não pode deixar de ficar muito por dizer, porque telha de gastar muito mais tempo, e tenho tão pouco como tenho dito, porventura para não tirar nenhum proveito.

## CAPÍTULO 31

*Trata de algumas tentações exteriores e representações que lhe fazia o demónio e tormentos que lhe dava. -Diz também algumas coisas muito boas para aviso de pessoas que vão a caminho da perfeição.*

1. Já que tenho dito de algumas tentações e perturbações interiores e secretas que o demónio me causava? quero tratar agora de outras que me fazia, quase públicas, em que não se podia ignorar que era ele.

2. Estava eu uma vez num oratório e apareceu-me para o lado esquerdo, em figura abominável; em especial reparei na boca, porque me falou e a tinha horrenda. Parece-me que lhe saía do corpo uma grande chama, que era toda clara, sem sombra. Disse-me de modo terrível que eu bem me tinha libertado de suas mãos, mas que ele me faria voltar a elas. Tive grande temor e benzi-me como pude; desapareceu e voltou logo. Por duas vezes me aconteceu isto. Eu não sabia que fazer de mim; tinha ali água benta e lancei-a para aquele lado e nunca mais voltou.

3. Outra vez estive cinco horas atormentando-me com tão terríveis dores e desassossego interior e exterior, que julgo que mais já não se podia sofrer. As que estavam comigo estavam espantadas e não sabiam que fazer, nem eu de que me valer. Tenho por costume, quando as dores e o mal corporal são muito intoleráveis, fazer actos interiores conforme posso, suplicando ao Senhor que, se disso for servido, Sua Majestade me dê paciência e permaneça eu assim até ao fim do mundo.

Desta vez, como vi tanto rigor rio padecer, remediava-me com estes actos e determinações para o poder sofrer. Quis o Senhor que eu entendesse como era o demónio, porque vi ao pé de mim um negrito muito abominável, raivando como desesperado porque perdia onde pretendia ganhar. Eu, quando o vi ri-me e não tive medo. Estavam: ali algumas irmãs comigo que não me podiam valer nem sabiam que remédio dar a tanto tormento.

É que eram grandes as pancadas que o demónio me fazia dar com o corpo e cabeça e braços, sem eu poder opor resistência e o pior era o desassossego interior, que, de nenhum modo, podia ter sossego. Não ousava pedir água benta para não causar medo as irmãs e para que não entendessem o que era.

4. De muitas outras vezes tenho experiência que não há coisa de que eles fujam mais para não voltar.

Da cruz também fogem, mas voltam. Deve ser grande a virtude da água benta e para mim é particular e muito conhecida a consolação, que eu não a saberia dar a entender; é como um deleite interior que me conforta toda a alma.

Isto não é capricho, nem coisa que me tenha acontecido uma só vez, senão muitíssimas e visto com muita advertência. Digamos que é como se alguém estivesse

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

com muito calor e sede bebesse um jarro de água fria, que parece todo ele sentiu refrigério. Considero eu que grande coisa é tudo o que está ordenado pela Igreja e consolo-me muito e ver que tenham tanta força aquelas palavras que assim a comunicam à água, para que seja tão grande a diferença que faz da que não é benta.

**5.** Pois, como não cessasse o tormento, disse: se não se rissem, pediria água benta. Trouxeram-ma e lançaram-na sobre mim e não surtiu efeito. Lancei-a para onde estava o demónio e, no mesmo instante, ele se foi, e se me tirou todo o mal, como se com a mão mo tirassem. Apenas fiquei cansada como se me tivessem dado muitas pancadas. Fez-me grande proveito ver que, não sendo ainda dele uma alma e um corpo, lhes faz tanto mal quando o Senhor lhe dá licença, que será, pois, quando ele os possuir como coisa sua? Deu-me de novo vontade de me livrar de tão ruim companhia.

**6.** Outra vez, ainda há pouco, aconteceu-me o mesmo, mas não durou tanto, e eu estava só. Pedi água benta às que entraram depois de já eles se terem ido e sentiram um cheiro muito mau como de pedra de enxofre. Eram duas freiras e é bem de crer que, por caso nenhum, diriam mentira. Eu não o senti; durou de maneira a poder-se aperceber bem disto.

Outra vez estava no coro e deu-me um grande ímpeto de recolhimento: Sai dali para que não o percebessem. Porém, todas as que estavam ali perto, ouviram dar pancadas grandes onde eu estava; e ao pé de mim, eu ouvi falar como que combinando alguma coisa, embora não entendesse o quê. Era fala grossa, mas estava tão em oração que não entendi coisa alguma, nem tive nenhum medo. Era isto quase de cada vez que o Senhor me fazia mercê de que, por minha persuasão, se aproveitasse alguma alma.

E é certo que me aconteceu o que agora direi. E disto há muitas testemunhas, em especial quem agora me confessa, que o viu escrito numa carta e, sem dizer-lhe eu de quem era a carta, ele bem sabia de quem se tratava.

**7.** Veio; pois, ter comigo uma pessoa que havia dois anos e meio estava num pecado mortal dos mais abomináveis que tenho ouvido e em todo este tempo nem ó confessava, nem se emendava e dizia Missa. E embora confessasse outros, este, dizia, não havia de confessar coisa tão feia. E tinha grande desejo de sair dele e não se podia vencer a si mesmo. A mim fez-me grande lástima; e ver que se ofendia a Deus de tal maneira deu-me muita pena. Prometi-lhe suplicar muito a Deus lhe pusesse remédio e fazer com que outras pessoas lho pedissem, pois eram melhores do que eu. Escrevia-lhe por intermédio de certa pessoa a quem ele me disse que podia dar as cartas. E é assim que à primeira se confessou. Pois quis Deus (pelas muitas pessoas muito santas que lho tinham suplicado, e às quais eu o tinha encomendado) usar para com esta alma de misericórdia, e eu, embora miserável, fazia o que podia, tomando-o muito a meu cuidado.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Escreveu-me que estava já com tanta melhoria, que havia dias que não caía nele; mas era tão grande o tormento que lhe dava a tentação que lhe parecia estar no inferno segundo o que padecia. Que o encomendasse a Deus. Eu tomei a pedir a minhas irmãs, por cujas orações devia o Senhor fazer-me esta mercê, que o tomaram muito a peito; Era pessoa que ninguém podia atinar quem era.

Eu supliquei a Sua Majestade que se aplacassem aqueles tormentos e tentações e viessem contra mim aqueles demónios a atormentarem-me, conquanto eu não ofendesse em nada ao Senhor. E assim passei um mês de grandíssimos tormentos; então é que sucederam estas duas coisas que disse.

**8.** Foi o Senhor servido que eles o deixassem; assim mo escreveram, porque lhe disse o que eu sofri nesse mês. Cobrou forças sua alma e ficou de todo livre, e não se fartava de dar graças ao Senhor e a mim, como se eu tivesse feito alguma coisa, mas aproveitava-lhe o crédito que já tinha que o Senhor me fazia mercês. Dizia que, quando se viagem muito apuro, lia as minhas cartas e se lhe tirava a tentação e estava muito espantado do que eu tinha padecido e como ele se tinha livrado. E até eu me espantei e o sofreria outros muitos anos para ver aquela alma livre. Seja louvado por tudo o Senhor, que muito pode a oração dos que O servem, como eu creio que o fazem nesta casa estas irmãs. Como era eu, no entanto, quem nisto se empenhava, deviam os demónios indignar-se mais comigo e o Senhor, por meus pecados, o permitia.

**9.** Neste tempo também julguei, uma noite, que me estrangulavam. As que estavam ali deitaram muita água benta, e vi uma grande multidão deles fugir como quem se vai despenhando. São tantas as vezes que estes malditos me atormentam, e tão pouco o medo que eu, lhes tenho, por ver que nem se podem mexer, se o Senhor lhes não dá licença, que cansaria a V.Mercê e me cansaria a mim se eu lhas dissesse.

**10.** O que fica dito aproveite ao verdadeiro servo de Deus para fazer pouco caso destes espantalhos que os demónios armam para fazer temer.

Saibam que, de cada vez que deles pouco se nos dá, ficam com menos força e a alma muito mais senhora. Disto sempre nos fica algum proveito bem grande que, para não me alongar, não digo.

Só direi isto que me aconteceu numa noite de Finados. Estando eu num oratório, e tendo rezado um nocturno e dizendo umas orações - que estão no fim do nosso Breviário e são muito devotas - se me pôs um demónio sobre o livro para que eu não acabasse a oração. Eu benzi-me e ele desapareceu.

Tomando eu a começar, voltou; creio que foram três, vezes as que a comecei, e, enquanto lhe não deitei água benta, não pude acabar. E, no mesmo instante, vi que saíram algumas almas do purgatório, as quais devia faltar pouco, e pensei que era isto o que o demónio pretendia estorvar.

Poucas vezes o tenho visto tomando forma corporal e muitas sem forma

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nenhuma, como na visão em que, sem forma, se vê claramente que está ali, como tenho dito.

**11.** Quero também dizer isto, porque me espantou muito: estando um dia da Santíssima Trindade no coro de certo mosteiro e em arroubamento, vi uma grande contenda de demónios contra anjos. Não podia eu entender o que queria dizer aquela visão. Antes de quinze dias percebeu-se bem, por certa desavença que houve entre gente de oração e muitos que o não eram, e dela veio não pouco dano à casa onde isto se deu. Foi contenda que durou muito e de grande desassossego.

Outras vezes vi uma grande multidão deles em redor de mim e parecia-me haver uma grande claridade que me cercava toda e esta não lhes consentia chegar a mim. Entendi que me guardava Deus para que se não aproximassem de mim de maneira a que me fizessem ofendê-Lo. Pelo que tenho visto em mim algumas vezes, entendi que era verdadeira a visão.

O caso é que tenho entendido o seu pouco poder, se eu mesma não for contra Deus, que quase nenhum temor lhes tenho. É porque são nenhuma as suas forças se não vêem almas rendidas a eles e cobardes, que aqui mostram eles o seu poder.

Algumas vezes, nas tentações de que já falei, parecia-me que todas as vaidades e fraquezas dos tempos passados tomavam a despertar em mim, e tinha de me encomendar bem a Deus. E logo era o tormento de me parecer, pois me vinham aqueles pensamentos, que tudo em mim devia ser do demónio, até que me sossegava o confessor. É que, nem até o primeiro movimento de mau pensamento, julgava eu, havia de ter quem tantas mercês recebia do Senhor.

**12.** Outras vezes me atormentava muito, e ainda agora me atormenta, ver que se faz muito caso de mim, em especial pessoas principais, e que de mim diziam muito bem. Nisto tenho padecido e padeço muito. Olho logo para a vida de Cristo e os santos, e parece-me que vou ao revés, pois eles não iam senão por caminho de desprezos e injúrias. Isto faz-me andar temerosa e quase não ousa levantar a cabeça, nem quereria aparecer; o que não faço quando tenho perseguições, porque anda a alma tão senhora embora o corpo o sinta, e eu por outra parte ande aflita, que não sei com~ isto pode ser. Mas é assim, pois a alma parece então estar em seu reino e que traz tudo debaixo dos pés.

Dava-me algumas vezes e durava-me muitos dias. Parecia-me, por um lado, ser virtude e humildade, mas agora vejo claramente que era tentação.

Um frade dominicano, grande letrado, mo declarou bem. Quando pensava que estas merces que o Senhor me faz se viriam a saber em público, era tao excessivo o tormento, que me inquietava muito a alma. Chegou a termos que, considerando-o, parece-me que da melhor vontade me determinava a ser enterrada viva do que a isto. Assim, quando me começaram estes grande recolhimentos ou arroubamentos, sem lhes poder resistir, mesmo em público, ficava depois tão corrida de vergonha

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que não quisera aparecer onde alguém me visse.

**13.** Estando uma vez muito aflita com isto, perguntou-me o Senhor: *porque temia, pois nisto não podia haver senão duas coisas: ou murmurarem de mim ou louvarem-O a Ele*, dando a entender que, aqueles que acreditavam, O louvariam, e os que não criam, condenar-me-iam sem culpa.

Ambas as coisas eram lucro para mim; que não me afliesse. Muito me sossegou isto e consola ainda quando me lembro.

Chegou a termos a tentação de eu me querer ir deste lugar e dotar-me noutra mosteiro muito mais encerrado que aquele em que ao tempo estava, e do qual tinha ouvido dizer muitos extremos. Era também da minha Ordem e muito longe, que isso era o que a mim me consolava, estar onde não me conhecessem, mas nunca o meu confessor me deixou.

**14.** Muito me tiravam a liberdade de espírito estes temores; depois vim a entender que não era boa humildade, pois tanto inquietava. E o Senhor ensinou-me esta verdade: se eu estivesse bem persuadida e certa de que nenhuma coisa boa era minha, senão de Deus, que assim como não me pesava de ouvir louvar outras pessoas, antes gostava e me consolava muito de ver que ali se mostrava Deus, assim tão-pouco me pesaria que Ele mostrasse em mim as Suas obras.

**15.** Também dei noutra extremo: foi suplicar a Deus - e com oração particular - que, quando a alguma pessoa lhe parecesse algo de bem em mim, Sua Majestade lhe declarasse os meus pecados, para que visse; quão sem mérito meu, Ele me fazia mercês. Isto desejei-o sempre muito. O meu confessor me disse que não o fizesse; mas até ainda há pouco, se via que uma pessoa pensava muito bem de mim, com rodeios, ou conforme podia, dava-lhe a entender meus pecados, e com isto parece que descansava. Também me puseram muito escrúpulo nisto.

**16.** Procedia isto, a meu parecer, não de humildade, mas duma tentação vinham muitas outras. Parecia-me que a todos trazia enganados e, embora seja verdade que andam enganados em pensar que há algum bem em mim não é meu desejo enganá-los, nem jamais tal pretendi, senão que o Senhor por algum fim o permite. E -assim, nem até com os confessores, se não visse ser necessário, trataria nenhuma coisa destas, porque me faria grande escrúpulo.

Todos estes temorzitos e penas e sombras de humildade, entendo eu agora que era grande imperfeição e de eu não estar mortificada; porque a uma alma que se pôs nas mãos -de Deus, tanto se lhe dá que digam bem: como mal. Isto, bem entendido, se ela compreendeu bem - tal como o Senhor lhe que fazer mercê que o compreenda- que de si nada tem. Fie-se de Quem lho dá, pois sabe a razão porque as descobre e prepare-se para a perseguição, que é certa nos tempos de agora, quando o Senhor quer que de alguma pessoa se entenda que Ele lhe faz semelhantes mercês. Há mil olhos para uma alma destas, quando para mil almas

doutra feitura não há nenhum.

**17.** Na verdade não há pouca razão de temer, e este devia ser meu temor! não humildade, senão pusilanimidade. Pois bem se pode dispor uma alma que Deus permite que assim ande nos olhos do mundo, a ser mártir mundo; porque, se ela não quiser morrer para ele, o mesmo mundo a matará,

Não vejo nele, certo é, outra coisa bem me pareça, se não isto: não consentir faltas nos bons que, a poder de murmurações, não as aperfeiçoe. Digo que é mister mais ânimo, se não é perfeito, para levar caminho de perfeição, do que para ser logo mártir. A perfeição não se alcança em breve tempo, a não ser aqueles a quem o Senhor quer, por particular privilégio, fazer esta mercê. O mundo, em vendo-o começar, logo o quer perfeito e a mil léguas lhe percebe alguma falta que, porventura, nele é virtude e quem o condena julga aquilo mesmo um vício e assim o julga no outro. Não há de haver comer, nem dormir, nem, como dizem, respirar; e, em quanto mais o têm, mais se devem olvidar que ainda estão no corpo. Por perfeita que a tenham a alma, vivem ainda na terra sujeitos às suas misérias, por mais que a tenham debaixo dos pés. E assim, como digo, requerer-se grande ânimo, porque a pobre alma ainda não começou a andar e querem que voe; ainda não tem vencidas as paixões e querem que, em grandes ocasiões, esteja tão inteira na virtude como eles lêem que estavam os santos depois de confirmados em graça.

É para Louvar o senhor o que nisto se padece e ainda para se doer muito o coração: porque muitas, muitas almas tornam atrás, pois não sabem as pobrezitas defender-se. E assim, creio, faria a minha, se o Senhor tão misericordiosamente não tivera feito tudo da sua parte; e até que, por sua bondade, Ele não fez tudo, V.Mercê verá que não havido em mim senão cair e levantar.

**18.** Queria sabê-lo dizer, porque creio se enganam aqui almas que querem voar antes que Deus lhes dê asas. Creio já ter usado de outra vez esta comparação, mas vem bem aqui. Tratarei disto, porque vejo algumas almas muito aflitas por esta causa. Começam com grandes desejos e fervor e determinação de ir adiante na virtude e algumas, quanto ao exterior, tudo deixam por Ele, pois vêem noutras pessoas, que são mais crescidas, coisas muito grandes de virtudes que lhes dá o Senhor, que, por nós mesmos, não podemos conseguir; e, como vêem em todos os livros que estão escritos sobre a oração e contemplação, mencionar coisas que havemos de fazer para subir a esta dignidade, elas desconsolam-se, porque não as podem logo conseguir.

É um não se nos dar nada de que digam mal de nós, antes ter maior contento do que quando dizem bem; uma pouca estima, de honra, um desapego de parentes que, se não são pessoas de oração, quieria não tratar com eles, pois que antes cansam; e outras muitas coisas deste género que, a meu parecer, é Deus que lhas há-de dar, porque julgo que já são bens sobrenaturais ou contra a nossa natural



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

inclinação. Não se aflijam; esperem no Senhor, pois o que agora têm em desejo; Sua Majestade fará que cheguem a tê-lo por obra, com coração fazendo de sua parte o que está nas suas mãos, porque é muito necessário, para este nosso fraco natural, ter grande confiança e não desanimar, nem pensar que, se nos esforçamos, deixaremos de sair com vitória.

**19.** E, porque tenho muita experiência disto, direi alguma coisa para aviso de V. Mercê. Não pense, embora lhe pareça que sim, que esta ganha a virtude, se não a experimenta com o seu contrário. E sempre havemos de andar suspeitosos e não nos descuidamos enquanto vivermos; porque muito se nos apegam logo o coração, se como digo - não nos foi já dada de todo a graça de conhecer o que tudo é, e que nesta vida nunca há nada sem muitos perigos.

Parecia-me a mim, há uns anos atrás, que não só não estava apegada a meus parentes, senão que me cansavam, e era certo ser assim, pois não podia suportar a sua conversação. Ofereceu-se certo negócio de não pouca importância e tive de estar com uma irmã minha, a quem eu antes queria muito. E, embora na conversação eu não me afizesse a ela (porque, ainda que seja melhor do que eu - como tem diferente estado, pois é casada -, não podíamos falar sempre naquilo que eu queria, e estava só o mais possível) vi que me davam pena suas penas muito mais que as do próximo, e algum cuidado. Enfim, entendi que não estava tão livre como eu pensava e que ainda tinha necessidade de fugir da ocasião para que esta virtude, que o Senhor me havia começado a dar, fosse em crescimento. E assim, com Seu favor, tenho procurado fazer de então para cá.

**20.** Em muito se há-de ter urna virtude quando o Senhor a começa a dar e de nenhuma maneira nos devemos pôr em perigo de a perder. Assim é em coisas de honra e em outras muitas; pois creia V. Mercê que nem todos os que julgam estar desapegados de todo, o estão, e é preciso nunca descuidar nisto. Qualquer pessoa que sinta em si algum ponto de honra, se quer progredir, creia-me e esforce-se contra este atilho. É uma cadeia que não há lima que a quebre a não ser Deus com a nossa oração e fazermos muito da nossa parte. Parece-me que é um liame para este caminho, que eu me espanto com o dano que causa.

Vejo algumas pessoas santas em suas obras, que as fazem tão grandes que espantam as gentes. Valha-me Deus! Porque está ainda na terra esta alma? Como não chegou ao cume da perfeição? Que é isto? Quem detém a quem tanto faz por Deus? Oh! é que tem um ponto de honra! E o pior é que não quer entender que o tem, e é porque o demônio lhe faz entender que é obrigada a tê-lo:

**21.** Pois creiam-me, creiam por amor do Senhor a esta fornigazita que o Senhor quer que fale. Se não tiram esta lagarta, se bem que não dane a toda a árvore, porque algumas outras virtudes ficarão, serão todas carcomidas.

Não é árvore frondosa, não medra, nem mesmo deixa medrar as que estão ao

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pé dela; porque a fruta que dá de bom exemplo, não é nada sã; pouco durará.

Muitas vezes digo, que, por pouco que seja o ponto de honra, é como o canto do órgão que, por um ponto ou compasso que se erre, destoa toda a música. É coisa que em todas as partes faz muito dano à alma, mas neste caminho de oração é pestilência.

**22.** Andamos procurando juntar-nos com Deus por união, e queremos seguir os conselhos de Cristo carregado de injúrias e de falsos testemunhos, e queremos muito inteira a nossa honra e crédito? Não é possível lá chegar, não vão pelo mesmo caminho. Ache-se o Senhor à alma, quando nos esforçamos e procuramos perder de nosso direito em muitas coisas.

Dirão alguns: “não tenho em quê, nem se me oferecem ocasiões” Creio que, a quem tiver esta determinação, não permitirá o Senhor que perca tão grande bem. Sua Majestade proporcionará tantas coisas em que ganhe esta virtude, que não quererá tantas. Mãos à obra!

**23.** Quero dizer as ninharias e pouquidades que eu fazia quando comecei, ou algumas delas; as palhazitas que disse que ponho no fogo, pois não sou para mais. Tudo recebe o Senhor; seja bendito para sempre.

Entre as minhas faltas tinha esta: que sabia pouco da salmodia e do que havia de fazer no coro e como o dirigir, por puro descuido e estar metida em outras vaidades. Via outras, ainda noviças, que me podiam ensinar.

Acontecia não lhes perguntar, para que não entendessem que sabia pouco. Logo se põe diante o bom exemplo; isto é muito habitual. Mas logo que Deus me abriu um pouco os olhos até mesmo sabendo, por um nadinha que estivesse em dúvida, perguntava às pequenas como era. Nem perdi honra nem crédito, antes quis o Senhor, a meu parecer, dar-me depois mais memória.

Sabia cantar mal. Sentia-o tanto, se não tinha estudado o que me encomendavam (e não por cometer faltas diante do Senhor, que isto fora virtude; mas pelas muitas freiras que me ouviam) que, de puro amor próprio, me perturbava tanto, que dizia muito menos do que sabia. Tomei depois para mim, quando não o sabia muito bem, dizer que não sabia.

Sentia-o muito aos princípios e depois gostava disso. E é assim que, como comecei a não se me dar nada de que se entendesse que não sabia, dizia muito melhor. É que a negra honra 38 impedia que soubesse fazer isto que eu tinha por honra, pois cada um a põe no que quer.

**24.** Com estas ninharias, que são nada- e bem nada sou.eu, pois isto me dava pena -, pouco a pouco se vão fazendo actos; e com outras coisas pouquinhas como estas, que, por serem feitas por Deus, lhes dá Sua Majestade tomo, ajuda Sua Majestade a coisas maiores. E assim, em coisas de humildade, acontecia-me que, por ver que todas aproveitavam na virtude menos eu, porque nunca fui para nada, das que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

saíam do coro ia eu recolher e dobrar todas as capas. Parecia-me servir aqueles anjos que ali louvavam a Deus, até que, não sei como, o vieram a saber e não me envergonhei pouco, porque não chegava a minha virtude a querer que entendessem estas coisas, e não devia ser por humildade; mas para que se não rissem de mim, como eram tão nada.

**25.** Ó Senhor meu! que vergonha é ver tantas maldades e contar umas areiazitas, que nem ainda as levantava da terra para Vosso serviço, senão que tudo ia envolto em mil misérias! Não manava ainda a água da Vossa graça debaixo destas areias para que as fizesse levantar.

Oh! Criador meu, quem pudera ter alguma coisa de monta a mencionar, entre tantos males, pois conto as grandes mercês que hei recebido de Vós! É assim, Senhor meu, que não sei como o pode sofrer meu coração nem como poderá quem isto ler, deixar de me aborrecer, vendo tão mal correspondidas tão grandíssimas mercês e que não tenho vergonha de contar estes serviços, como meus que são. Sim, tenho vergonha, Senhor meu; mas o não ter outra coisa a contar da minha parte, me faz dizer tão baixos princípios para que tenha esperança, quem os fizer grandes, pois que a estes parece que tomou o Senhor em conta, melhor tomará a esses outros. Praza a Sua Majestade dar-me graça para que não fique sempre nos princípios. Amen,

### CAPÍTULO 32

*Trata como aprouve ao Senhor pô-la em espírito no lugar do inferno que por seus pecados tinha merecido. - Conta um pouco do que ali se lhe representou. - Começa a tratar da maneira e modo como se fundou o mosteiro de S. José onde agora está.*

**1.** Depois de muito tempo, quando o Senhor me tinha já feito muitas das mercês que tenho dito e outras muito grandes, estando um dia em oração, achei-me de repente, sem saber como, e segundo me parece, toda metida no inferno. Entendi que o Senhor queria que visse o lugar que os demónios lá me tinham preparado, e eu merecido, por meus pecados. Foi de brevíssima duração, mas, embora eu vivesse muitos anos, parece-me impossível esquecê-lo.

Parecia-me a entrada à maneira dum beco muito comprido e estreito, semelhante a um forno muito baixo e escuro e apertado. O chão pareceu-me duma água com lodo muito sujo e de cheiro pestilencial e cheio de muitas sevandijas peçonhentas. No fundo, havia uma concavidade aberta numa parede a modo dum armário, aonde me vi meter em muita estreiteza.

Tudo isto era deleitoso à vista, em comparação do que ali senti. Isto que tenho dito vai mal encarecido.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** Estoutro parece-me que nem ainda pode haver princípio de o poder explicar e de compreender como é. Senti um grande fogo na alma que eu não chego a entender como poder dizer de que maneira é. As dores corporais são tão incomportáveis que, apesar de eu as ter passado nesta vida gravíssimas, tudo é nada em comparação do que ali senti. E, segundo dizem os médicos, tive as maiores que aqui se podem passar. Foi encolherem-se-me todos os nervos quando fiquei tolhida, além de outras muitas e de muitas maneiras, e até algumas, como tenho dito, causadas pelo demónio. Pois tudo isso é nada em comparação do que ali senti e ver que havia de ser sem fim e sem jamais cessar.

Isto, pois, não é nada em comparação com o agonizar da alma: um aperto, uma sufocação, uma aflição tão sensível e com um tão desesperado e aflitivo descontentamento, que eu não sei explicar. Porque, dizer que é um estar sempre arrancando-se a alma, é pouco, pois que então ainda parece que outro vos acaba com a vida; mas aqui é a própria alma que se despedaça.

O caso é que eu não sei como encarecer aquele fogo interior e aquela desesperação sobrepostos a tão gravíssimos tormentos e dores. Não via eu quem mos dava, mas sentia-me queimar e retalhar ao que me parece. E digo que aquele fogo e desesperação interior é o pio.

**3.** Estando em tão pestilencial lugar, tão desesperada de toda a consolação, não há sentar-se, nem deitar-se, nem há lugar, porquanto me puseram neste como que buraco feito na parede. Porque estas paredes, que são espantosas à vista, apertam por si mesmas e tudo sufoca. Não há luz, mas tudo trevas escuríssimas. Eu não entendo como pode ser isto, que, não havendo luz, se vê tudo o que à vista há-de causar pena.

Não quis o Senhor que eu então visse mais nada de todo o inferno. Depois tive outra visão de coisas espantosas: o castigo de alguns vícios.

Quanto à vista, pareceram-me muito mais espantosos, mas como não sentia a pena, não me fizeram tanto temor como na visão em que o Senhor quis que eu verdadeiramente sentisse aqueles tormentos e aflição no espírito, como se o corpo o estivesse padecendo.

Eu não sei como isso foi, mas bem compreendi ser grande mercê e que o Senhor quis que eu visse, numa vista de olhos, donde me tinha a Sua misericórdia. Porque não é nada o ouvi-lo dizer, nem eu ter meditado de outras vezes sobre diversos tormentos (embora poucas vezes o fizesse, pois que, por caminho de temor, não ia bem a minha alma), nem os demónios atormentam, nem outros diferentes suplícios que tenho nada e como esta pena, porque é outra coisa. Enfim, é tão diferente como a pintura o é da realidade, e o queimar-se aqui na terra é muito pouco em comparação com este fogo de lá.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**4.** Eu fiquei tão aterrada, e ainda agora o estou ao escrever isto, apesar de haver já quase seis anos que de temor - parece-me, e assim é -, me falta o calor natural aqui onde estou. E assim não me recordo vez alguma em que tenha trabalhos ou dores, que tudo quanto cá na terra se pode passar, não me pareça ninharia e assim julgo que, em parte, nos queixamos sem razão. Torno, pois, a dizer que foi uma das maiores mercês que o Senhor me tem feito, e me tem aproveitado muitíssimo, tanto para perder o medo às tribulações e contradições desta vida, como para esforçar-me a padecê-las e dar graças ao Senhor que me livrou, ao que agora me parece, de males tão perpétuos e terríveis.

**5.** De então para cá, como digo, tudo me parece fácil em comparação dum momento que se haja de sofrer o que eu ali padeci. Espanta-me como, tendo lido muitas vezes livros que dão alguma ideia das penas do inferno, como não as temia nem as tinha no que elas são. Onde estava? Como me podia dar descanso coisa que me arrastava a tão mau lugar? Sede bendito, Deus meu, para sempre! E, como tem parecido que Vós me quereis, muito mais a mim do que eu me quero! Quantas vezes, Senhor, me livrastes do cárcere tão tenebroso e como eu me tornava a meter nele contra a Vossa vontade!

**6.** Daqui também cobre a grandíssima pena que me dão as almas que se condenam (destes luteranos em especial, porque já eram, pelo Baptismo, membros da Igreja), e os grandes ímpetos de salvar almas, que me parece certo que, para livrar uma só de tão gravíssimos tormento, padeceria eu muitas mortes de muito boa vontade. Noto que, se vemos, cá uma pessoa, a quem mui particularmente queremos bem, com um grande trabalho ou dor, o nosso mesmo natural parece que nos convida à compaixão e, se é grande o sofrimento, oprime-nos também a nós mesmos. Pois ver uma alma, para sempre sem fim, no sumo trabalho dos trabalhos, quem o poderá sofrer? Não há coração que o sofra sem grande pena. Pois se aqui, embora ora sabendo que se acabará com a vida e que enfim, em breve termo, nos move a tanta compaixão, não sei como podemos sossegar à vista destoutro que o não tem, vendo tantas almas como são as que o demónio arrasta consigo cada dia.

**7.** Isto também me faz desejar que, em coisa que tanto importa, não nos contentemos com menos que fazer tudo o que pudermos da nossa parte.

Não deixemos nada por fazer e praza ao Senhor seja servido de nos dar graça para isso.

Considero que, embora fosse tão imensamente má, andava com algum cuidado de servir a Deus e não fazia algumas coisas que vejo tragarem-nas no mundo, como se não fossem nada. Enfim; padecia grandes enfermidades e com muita paciência que ma dava o Senhor. Não era inclinada a murmurar, nem a dizer mal de ninguém, nem me parece podia querer mal a ninguém, nem era ambiciosa, nem inveja me lembro jamais de ter, de forma que fosse ofensa grave ao Senhor, e mais algumas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

outras coisas. E que, embora fosse tão ruim, andava em contínuo temor de Deus.

Vejo, no entanto, onde os demónios já me tinham arranjado pousada, e a verdade e que, segundo minhas culpas, ainda me parece que merecia maior castigo. Digo, contudo, que era terrível tormento, e que é coisa perigosa o satisfazer-se e ter sossego e contento uma alma que, a cada passo, anda caindo em pecado mortal. Mas sim, tiremo-nos, por amor de Deus das ocasiões, que o Senhor nos ajudará como me tem feito a mim. Praza a Sua Majestade não me deixar de Sua mão para que não torne a cair, pois já tenho visto aonde irei parar. Não o permita o Senhor, por quem Sua Majestade é. Amen.

**8.** Depois de ter visto isto e outras grandes coisas e segredos que por Sua bondade o Senhor me quis mostrar da glória que se dará aos bons e da pena que dará aos maus, andava eu desejando modo e maneira de poder fazer penitência de tanto mal e merecer alguma coisa para ganhar tanto bem. Desejava fugir da gente e acabar, de todo em todo, de me apartar do mundo. Não sossegava meu espírito, mas não era desassossego inquieto, senão saboroso. Bem se via que era de Deus e que Sua Majestade tinha dado calor à alma para digerir outros manjares mais fortes do que aqueles que comia.

**9.** Pensava o que poderia fazer por Deus e pensei que, a primeira coisa era seguir o chamamento que Sua Majestade me fizera à Religião, guardando minha Regra com a maior perfeição que pudesse. Na casa onde estava havia muitas servas de Deus e o Senhor era nela muito servido. Mas por causa de ter grande necessidade o mosteiro, as monjas saíam muitas vezes a lugares onde, com toda a honestidade e religião, podia estar. E também não estava fundada a Regra em seu primeiro rigor, senão que se guardava conforme ao que se fazia em toda a Ordem, que é com Bula de mitigação. Havia ainda outros inconvenientes, pois parecia-me a mim que tinha muito regalo por ser a casa grande e deleitosa. Porém, este inconveniente de sair, embora fosse eu a quem mais o usava, para mim já era bem grande, porque algumas pessoas, a quem os prelados não podiam dizer que não, gostavam que eu estivesse em sua companhia e, importunados eles, mandavam-me ir. E assim, conforme se iam ordenando as coisas pouco poderia estar no mosteiro. O demónio devia, em parte, ajudar a isso porque eu comunicava com algumas o que me ensinavam os que tratavam comigo e assim era grande o proveito.

**10.** Ofereceu-se uma vez, estando eu com uma pessoa, dizer-me ela e a outras que, se quiséssemos ser freiras à maneira das Descalças, sena talvez possível poder-se vir a fazer um mosteiro. Eu, como andava com estes desejos, comecei a tratar com aquela senhora minha companheira viúva, de quem já falei e que tinha o mesmo desejo. Ela começou a fazer planos para lhe dar renda. Ao que agora vejo, não levava muito caminho, mas o desejo que disso tínhamos nos fazia parecer que sim.

Eu, por outro lado, como me sentia com tão grandíssimo contento na casa onde

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

estava, porque era muito a meu gosto e a cela em que vivia feita muito a meu propósito, detinha-me todavia. Combinámos, contudo, encomendar muito a Deus o caso.

**11.** Tendo eu um dia comungado, Sua Majestade mandou-me instantemente que o procurasse realizar com todas as minhas forças, fazendo-me grandes promessas de que o mosteiro não se deixaria de fazer, e nele se serviria muito a Deus, e que lhe pusesse o nome de S.José: ele nos guardaria a uma das portas e Nossa Senhora à outra e Cristo andaria connosco.

Que esta casa seria uma estrela que irradiaria de si grande resplendor e, embora as Religiões estivessem relaxadas, não pensasse eu que Ele era pouco servido nelas. Que seria do mundo se não fossem os religiosos? Que dissesse ao meu confessor que Ele me pedia isto e a ele lhe rogava não fosse contra, nem mo estorvasse.

**12.** Foi esta visão acompanhada de tão grandes efeitos e de tal maneira esta fala do Senhor que eu não podia duvidar que era Ele. Senti, no entanto, grandíssima pena, pois se me representaram, em parte, os grandes desassossegos e trabalhos que me havia de custar e por estar contentíssima naquela casa; porque, embora eu antes tratasse da fundação, não era com tanta determinação nem com certeza de que se haveria de fazer. Agora, aqui, dir-se-ia que me faziam pressão e, como via que começava coisa de grande desassossego, estava em dúvida do que faria. Mas foram tantas as vezes em que o Senhor me tomou a falar nisso, pondo-me diante tantos motivos e razões, que eu via serem claros e que era a Sua vontade, que já não ousei fazer outra coisa senão dizê-lo a meu confessor e dei-lhe, por escrito, relação de tudo o que se passava.

**13.** Ele não ousou dizer-me determinadamente que o deixasse de lado, mas via que não levava caminho, conforme à razão natural, pois eram pouquíssimas ou quase nenhuma as possibilidades da minha companheira, que era quem o havia de fazer. Disse-me que o tratasse com meu prelado e, o que ele dissesse, isso fizesse.

Eu não tratava destas visões com o prelado, mas a tal senhora, que queria fazer o mosteiro, foi falar com ele. O Provincial anuiu a isso de boamente, pois é amigo de toda a perfeição e deu-lhe todo o apoio necessário e disse-lhe que admitiria a casa. Trataram da renda que havia de ter e, por muitas razões, queríamos que nunca fossem mais de treze.

Antes de começar a tratar disto, escrevemos ao santo Frei Pedro de Alcântara dizendo tudo o que se passava. Aconselhou-nos que não o deixássemos de fazer e deu-nos o seu parecer em tudo.

**14.** Ainda mal se tinha começado a saber no lugar, quando veio sobre nós a grande perseguição que não se pode descrever em poucas palavras.

Foram ditos, risos, dizer-se que era disparate. A mim diziam que estava bem no meu mosteiro. À minha companheira, tanta foi a perseguição, que a traziam

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mortificada. Eu não sabia que fazer de mim e, em parte, parecia-me que tinham razão.

Estando assim muito aflita encomendando-me a Deus, começou Sua Majestade a consolar-me e a animar-me. Disse-me que por aqui veria o que passaram os santos que tinham fundado as Ordens Religiosas; que muito maior perseguição do que as que eu podia pensar, tinha eu de sofrer, mas que disso não se nos desse nada. Dizia-me algumas coisas para que eu as dissesse à minha companheira, e o que mais me espantava é que logo ficávamos consoladas do que já tínhamos passado e com ânimo para resistir a todos. E é assim que, de gente de oração, e, enfim, em todo o lugar, não havia quase pessoa que não fosse então contra nós e não lhes parecesse grandíssimo disparate.

**15.** Foram tantos os ditos e o alvoroço do meu próprio mosteiro, que, ao Provincial, lhe pareceu difícil opor-se a todos e assim mudou de parecer e não quis admitir a fundação. Disse que a renda não era segura e que era pouca e muita a contradição. Em tudo parece que tinha razão. E, enfim, desinteressou-se e não o quis admitir.

A nós já nos parecia que tínhamos recebido os primeiros golpes e deu-nos uma pena muito grande, em especial a mim por ver o Provincial contrário, porque, querendo-o ele, tinha eu desculpa para todos. À minha companheira já não a queriam absolver se o não deixasse, porque, diziam, estava obrigada a evitar o escândalo.

**16.** Ela foi ter com um grande letrado, muito grande servo de Deus, da Ordem de S. Domingos, a dizer e a dar conta de tudo. Isto foi ainda antes do Provincial ter abandonado a ideia, porque em todo o lugar não tínhamos quem nos quisesse dar um parecer e assim diziam que nos guiávamos só por nossas cabeças. Esta senhora deu, pois, relação de tudo, e conta da renda que tinha do seu morgadio, a este santo varão, com grande desejo que nos ajudasse, porque era ele o maior letrado que então havia neste lugar e poucos maiores havia na sua Ordem. Eu também lhe disse tudo o que pensávamos fazer e algumas causas que nos levavam a isso. Não lhe disse, no entanto, coisa de revelação alguma, senão as razões naturais que me moviam, porque eu não queria que nos desse parecer senão conforme a elas.

Pediu que lhe déssemos um prazo de oito dias para responder e perguntou se estávamos determinadas a fazer o que ele nos dissesse. Disse-lhe que sim e embora eu o dissesse e penso que o faria (nem mesmo por então via caminho para o levar por diante), nunca perdi a segurança de que se havia de fazer o mosteiro. Minha companheira tinha mais fé; nunca ela, por coisa alguma que lhe dissessem, se resolveria a deixá-lo.

**17.** Eu - como digo - achava impossível deixar de se fazer, de tal maneira tinha para mim ser verdadeira a revelação, desde que nada fosse contra o que está na Sagrada Escritura ou conta as leis da Igreja que somos obrigadas a cumprir. Mas, embora a



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mim verdadeiramente me parecesse ser de Deus, se aquele letrado me dissesse que não o podíamos fazer sem O ofender e que íamos contra a consciência, parece-me que logo me apartaria disso ou buscaria outro meio; porém o Senhor não me dava senão este.

Dizia-me depois este servo de Deus que tomara o assunto a seu cargo na plena determinação de pôr da sua parte muito empenho em nos dissuadir de o realizar. É que já tinha vindo à sua notícia o clamor do povo e a ele também lhe parecia desatino, tal como a todos. E logo que soube que o tínhamos ido procurar, um cavalheiro o mandara avisar para que visse o que fazia e não nos ajudasse, mas, em começando a ver o que nos havia de responder e a pensar no negócio e o intento que tínhamos e maneira de viver e religião, assentou-se-lhe ser muito do serviço de Deus e que não se havia de deixar de fazer.

E assim nos respondeu que nos déssemos pressa em concluí-lo e disse a maneira e esboço que havia de ter; e, embora a fazenda fosse pouca, que alguma coisa se havia de fiar de Deus. Quem contradissesse a fundação, que fosse ter com ele, que ele lhe responderia. Assim sempre nos ajudou, como depois direi.

**18.** Com isto nos fomos muito consoladas e também porque algumas pessoas santas, que nos costumavam ser contrárias, já estavam mais aplacadas e algumas até nos ajudavam.

Entre elas, uma era o cavalheiro santo, de quem já tenho feito menção, o qual, como o é, e lhe parecia levar caminho de tanta perfeição, por ser a oração todo o nosso fundamento, embora os meios lhe pareciam muito dificultosos e sem caminho, rendia seu parecer a que podia ser coisa de Deus, o mesmo Senhor o devia mover. Assim fez com o Mestre, aquele clérigo servo de Deus, de quem disse ter sido o primeiro que me tinha falado, que é o espelho de todo o lugar, como pessoa que Deus tem nele para remédio e proveito de muitas almas, que também já estava em me ajudar no negócio.

Estando pois as coisas nestes termos, e sempre com a ajuda de muitas orações, comprámos uma casa em bom lugar. Era pequena. Disto, a mim, não se me dava nada, porquanto o Senhor me havia dito que entrasse como pudesse; depois veria o que Sua Majestade faria. E que bem o tenho visto! E assim, embora visse ser pouca a renda, tinha a certeza que o Senhor, por outros meios, havia de prover e favorecer-nos.

### CAPÍTULO 33

*Prossegue na mesma matéria da fundação do mosteiro de S. José. -Diz como lhe mandaram que não se metesse nela e o tempo que a deixou e alguns trabalhos que teve e como neles a consolava o Senhor.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**1.** Estando pois os negócios neste estado e tão a ponto de se acabar, que no outro dia se haviam de fazer as escrituras, foi quando o Nosso Padre Provincial mudou de parecer. Creio que foi movido por inspiração divina, segundo se tem visto depois; porque, como as orações eram tantas, ia o Senhor aperfeiçoando a obra e ordenando as coisas para que se fizesse doutro modo. Como o Provincial não quis admitir a fundação, o meu confessor mandou que não me metesse mais nisso. Porém, o Senhor bem sabe os grandes trabalhos e aflições que já me tinha custado o levar as coisas àquele ponto.

Como se pôs tudo de lado e ficou assim, mais se confirmou ser disparate de mulheres e a crescer a murmuração contra mim, apesar de meu Provincial mo ter mandado até então.

**2.** Estava muito malquista em todo o meu mosteiro, por querer fazer mosteiro mais encerrado. Diziam que lhes fazia afronta, que ali podia também servir a Deus, pois havia lá outras melhores que eu, que não tinha amor à casa; melhor era procurar renda para ela do que para outra parte.

Umaz diziam que me metessem no cárcere; outras, bem poucas, tomavam um tanto a minha defesa. Eu bem via que em muitas coisas tinham razão, e algumas vezes dava-lhes desconto embora, como não podia dizer o principal, que era mandar-mo o Senhor, não sabia que fazer e assim calava.

Outras vezes, fazia-me Deus muito grande mercê de que tudo isto não me desse inquietação, e com tanta facilidade e contentamento o deixei, como se não me houvesse custado nada.

E isto ninguém o podia acreditar, nem ainda as mesmas pessoas de oração que tratavam comigo, porquanto pensavam que estava muito penalizada e corrida, e até o meu confessor não acabava de o crer. Eu, como me parecia ter feito tudo quanto podia, achava não estar obrigada a mais para cumprir o que o Senhor me tinha mandado, e ia-me ficando na casa, onde estava muito contente e a meu prazer. Ainda que jamais pude deixar de crer que se havia de fazer, não via já meio, nem sabia como, nem quanto. Mas tinha-o por muito certo.

**3.** O que muito me afligiu foi uma vez que, o meu confessor, como se eu tivesse feito coisa contra sua vontade, (também o Senhor devia querer que, daquilo que mais me havia de doer, não deixariam de surgir trabalhos), e assim, nesta multidão de perseguições, parecendo-me que ele me haveria de consolar, escreveu-me a dizer que já via, por tudo o que tinha sucedido, era tudo um sonho; que me emendasse dali em diante não querendo levar a minha avante, nem falando mais no assunto, pois via o escândalo que tinha acontecido e outras coisas, todas para causar sofrimento. Tudo isto deu-me mais pena, parecendo-me ter sido eu ocasião, por minha culpa, de ofensa e que, se estas visões eram ilusórias, toda a oração que tinha era engano e que eu andava muito enganada e perdida.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Apertou-me isto em tanto extremo, que fiquei toda perturbada e em grandíssima aflição. Mas o Senhor, que nunca me faltou, e em todos estes trabalhos que tenho contado, muitas vezes me consolava e dava forças que não há necessidade de o dizer aqui - disse-me então que não me afligisse, pois tinha servido muito a Deus e não ofendido naquele negócio; mas fizesse o que me mandava o confessor, que me calasse por então, até que fosse tempo de voltar a isso. Fiquei tão consolada e contente, que já não me parecia nada toda a perseguição que havia contra mim.

**4.** Aqui me ensinou o Senhor, o grandíssimo bem que é passar trabalhos e perseguições por Ele. Foi tanto o acréscimo de amor de Deus e outras muitas coisas que vi em minha alma, que eu me espantava. Isto faz-me não poder deixar de desejar trabalhos. E as outras pessoas pensavam que estava muito corrida, e, sim que estaria, se o Senhor me não favorecesse em tanto extremo com mercê tão grande.

Então começaram a ser maiores os ímpetos de amor de Deus de que falei e os arroubamentos, embora eu calasse e não dissesse a ninguém estes lucros. O santo varão dominicano não deixava de ter por tão certo como eu, que se havia de fazer mosteiro, e como eu não me queria meter nisso para não ir contra a obediência do meu confessor, negociava-o ele com a minha companheira e escreviam para Roma e buscavam meios.

**5.** Também começou aqui o demónio a procurar que, de boca em boca, se fosse espalhando e entendendo que eu havia tido alguma revelação neste negócio e vinham, pois, a mim com muito medo a dizer que andavam os tempos difíceis e podia ser que me levantassem alguma suspeita e fossem acusar-me aos inquisidores.

A mim caiu-me isto em graça e me fez rir, porque, neste caso, jamais eu temi, que de mim sabia bem, que em coisa de fé ou contra a menor cerimónia da Igreja que alguém visse que eu ia, por ela ou por qualquer verdade da Sagrada Escritura, eu me ofereceria a morrer mil mortes. Disse, pois, que disto não temessem; muito mau sena para a minha alma se nela houvesse coisa que fosse de molde a eu temer a Inquisição. Se pensasse que havia de quê, eu mesma a iria buscar, mas, se fosse inventado, o Senhor me livraria e ficaria eu com lucro.

E tratei-o com este meu padre dominicano que, como digo, era tão letrado, que eu bem me podia assegurar com o que ele me dissesse e disse-lhe então todas as visões e modo de oração e as grandes mercês que me fazia o Senhor, com a maior clareza que pude e eu supliquei-lhe que o visse muito bem e me dissesse se havia alguma coisa contra a Sagrada Escritura e o que achava de tudo aquilo. Ele me assegurou muito e, a meu parecer, fiz-lhe também proveito. Embora já fosse muito bom, daí por diante deu-se muito mais à oração e, para melhor nela se poder

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

exercitar, retirou-se a um mosteiro da sua Ordem, onde há muita soledade. Aí esteve mais de dois anos. Tirou-o de lá a obediência, o que sentiu muito, porque dele tiveram necessidade, por ser a pessoa que era.

**6.** Eu, em parte, senti também muito quando se foi, pela grande falta que me fazia, - conquanto não o estorvasse-. Mas compreendi o proveito que daí lhe advinha; porque, estando com grande pena da sua ida, o Senhor me disse que me consolasse e não a tivesse, pois que ia bem guiado. Veio de lá tão aproveitada a sua alma e ia tão adiante nas vias de espírito, que então me disse que, por nenhuma coisa, quisera ter deixado de lá ter estado. E eu bem podia dizer o mesmo; porque, se antes me assegurava e consolava só com suas letras, agora já o fazia também com experiência de espírito, que tinha muita, de coisas sobrenaturais. E trouxe-o Deus quando Sua Majestade viu que havia de ser necessário para ajudar a Sua obra, a deste mosteiro, que Sua Majestade queria que se fizesse.

**7.** Estive, pois, neste silêncio, não me metendo nem falando neste negócio, cinco ou seis meses, e nunca o Senhor mo mandou. Eu não entendi qual era a causa, mas não se me podia tirar do pensamento que se havia de fazer.

Ao fim deste tempo, tendo-se ido daqui o Reitor da Companhia de Jesus, trouxe Sua Majestade outro muito espiritual e de grande ânimo, entendimento e boas letras, ao tempo em que eu estava com grande necessidade; porque, como o que me confessava tinha Superior e eles têm em extremo esta virtude de não se moverem senão conforme à vontade de seu Maior, embora ele entendesse bem o meu espírito e tivesse desejo de que eu fosse muito adiante, não ousava determinar-se em algumas coisas, por várias causas que para isso tinha. E já o meu espírito ia com ímpetos tão grandes, que eu sentia muito tê-lo atado e, contudo, não saía do que ele me mandava.

**8.** Estando um dia com grande aflição por me parecer que o confessor não me acreditava, disse-me o Senhor que não me afligisse, que depressa se acabaria aquela pena. Alegrei-me muito pensando que havia de morrer em breve e sentia muito contentamento quando disso me lembrava. Depois vi claramente que era a vinda deste Reitor que digo; porque nunca mais se me ofereceu motivo para aquela pena. É que o Reitor que veio não ia à mão ao Ministro que era meu confessor, antes lhe dizia que me consolasse e que não havia de que temer. Que não me levasse por caminho tão apertado e deixasse obrar o Espírito do Senhor. Às vezes dir-se-ia que, com estes grandes ímpetos de espírito, ficava a alma como sem poder respirar.

**9.** Foi-me ver este Reitor e mandou-me o confessor que falasse com ele com toda a liberdade e clareza. Costumava eu sentir grandíssima contradição em dizer estas coisas. E é assim que, entrando no confessionário, senti em meu espírito um não sei quê que nem antes nem depois me recordo tê-lo sentido com mais ninguém, nem eu saberei dizer como foi, nem por comparação o poderia. Porque foi um gozo

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

espiritual e um entender a minha alma que aquela alma a havia de entender e que se afazia com ela, embora - como digo - não entendo como foi. Porque, se eu lhe tivesse falado ou dele me tivessem dado muitas informações, não era muito dar-me gozo o perceber que me havia de entender; mas nenhuma palavra, nem ele a mim nem eu a ele, havíamos dito, nem era pessoa de quem eu antes tivesse tido alguma notícia.

Depois vi bem que não se enganara meu espírito, pois de todos os modos e maneiras tem sido de grande proveito para mim e para minha alma tratar com ele. O seu trato é muito para pessoas que o Senhor parece ter já muito adiante, porquanto ele as faz correr e não ir passo a passo; e seu modo de as levar é desapegá-las de tudo e mortificá-las. Para isto lhe deu o Senhor grandíssimo talento, como também em outras muitas coisas.

**10.** Quando comecei a tratar com ele, logo entendi seu estilo e vi ser uma alma pura, santa e com dom particular do Senhor para conhecer espíritos.

Consolei-me muito. Havia ainda pouco que o tratava quando o Senhor voltou a apertar comigo para que tornasse a cuidar do negócio do mosteiro e que dissesse a meu confessor e a este Reitor muitas razões e coisas para que não mo estorvassem. Algumas os faziam temer, ainda que este padre Reitor nunca duvidasse de que fosse espírito de Deus; porque com muito estudo e cuidado olhava a todos os efeitos. Enfim, por muitos motivos, não ousaram atrever-se a impedir-me-lo.

**11.** Tornou meu confessor a dar-me licença para eu me pôr a isso, tanto quanto pudesse. Eu bem via o trabalho em que me metia, por estar muito só e ter pouquíssimas possibilidades. Assentámos em que se tratasse de tudo com todo o segredo, e assim procurei que uma irmã minha que vivia fora daqui, comprasse e arranjasse a casa como se fosse para si, com dinheiros que o Senhor deu, por diversas vias, para a comprar. Seria longo contar como o Senhor foi provendo a tudo. Andava eu com grande cuidado de não fazer coisa alguma contra a obediência; mas bem sabia que, se o dissesse a meus prelados, estava tudo perdido, como da vez passada, e ainda seria pior.

Em conseguir o dinheiro, em procurar as coisas, em consertá-las e fazê-las aviar, passei grandes trabalhos e alguns bem a sós. A minha companheira fazia o que podia, mas podia bem pouco e tão pouco que era quase nada, a não ser o fazer-se tudo em seu nome e com seu favor. Todo o mais trabalho era meu e de tantas maneiras, que agora me espanto como o pude aguentar. Algumas vezes, aflita, dizia: “Senhor meu, como mandais coisas que parecem impossíveis? Embora fora mulher, se tivesse liberdade! Mas atada por tantos lados, sem dinheiro nem ter donde vir, nem para o Breve, nem para nada, que posso eu fazer, Senhor?”.

**12.** Uma vez, estando numa necessidade, sem mesmo saber que fazer de mim nem com que pagar aos Oficiais, apareceu-me S.José, meu verdadeiro pai e senhor, e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

deu-me a entender que os ajustasse, pois não me faltaria, e assim o fiz sem ter um real e o Senhor me proveu de tudo, por modos que espantavam os que o souberam.

Fazia-se-me a casa muito pequena, e era-o tanto, que não parecia levar caminho de ir a ser mosteiro. Queria, pois, comprar outra, a qual estava junto dela, também muito pequena, para fazer a igreja. Mas nem tinha com quê, nem havia modo de se poder comprar, nem sabia que fazer.

Acabando um dia de comungar, disse-me o Senhor: *já te disse que entres como puderes*. E a modo de exclamação, acrescentou: *Oh! cobiça do género humano, que até terra pensas que te há-de faltar! Quantas vezes dormi Eu ao relento por não ter onde me recolher!* Eu fiquei muito espantada e vi que o Senhor tinha razão. Vou à casita, tracei-a e achei-a embora bem pequeno, um mosteiro perfeito. Não curei de comprar mais espaço, senão procurei que nela se dispusesse tudo de maneira que se pudesse viver; tudo tosco e sem arte, tão semente para que não fosse nocivo à saúde, e assim se há-de fazer sempre.

**13.** No dia de Santa Clara, indo eu a comungar, ela apareceu-me com muita formosura. Disse-me que me esforçasse e fosse avante no começado, que me ajudaria. Fiquei-lhe com grande devoção e tem saído tão verdadeira a sua promessa que um mosteiro de freiras da sua Ordem, que está perto deste, nos ajuda a sustentar. E o que é mais ainda: pouco a pouco, ela trouxe este meu desejo a tanta perfeição, que a pobreza que a bem-aventurada Santa tinha em sua casa, se observa nesta e vivemos de esmola. O que não me tem custado pouco trabalho, a fim de que isto fique assente com toda a firmeza e autoridade do Santo Padre, para que se não possa fazer outra coisa, nem jamais haja renda. E mais faz ainda o Senhor, e deve porventura ser pelos rogos desta bendita Santa, que, sem diligências nossas, nos provê Sua Majestade muito perfeitamente do necessário.

Seja bendito por tudo. Amen.

**14.** Estando eu por estes mesmos dias, o de Nossa Senhora da Assunção, num mosteiro da Ordem do glorioso São Domingos, considerando os muitos pecados que noutra tempo eu havia confessado naquela casa, e em outras coisas da minha ruim vida, veio-me um arroubamento tão grande, que quase me tirou de mim. Sentei-me e até me parece que não pude ver a Elevação, nem ouvir Missa, que depois fiquei com escrúpulo disto. Parecia-me, estando assim, que me via vestir uma roupa de muita brancura e claridade. A princípio não via quem ma vestia; depois vi a Nossa Senhora a meu lado direito e a meu Pai S. José à esquerda, que me vestiam aquela roupa. Deu-se-me a entender que já estava limpa de meus pecados. Acabada de vestir e eu com grandíssimo deleite e glória, logo me pareceu Nossa Senhora pegar-me nas mãos. Disse-me *que Lhe dava muito gosto sendo devota do glorioso S. José; que tivesse por certo que, o que eu pretendia do mosteiro, se havia de fazer e nele se serviria muito o Senhor e a eles ambos; que não temesse que nisto houvesse jamais*

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*quebra, embora a obediência que dava não fosse a meu gosto, porque Eles nos guardariam e já Seu Filho nos tinha prometido andar connosco. Para sinal de que isto se cumpriria dava-me aquela jóia.*

Pareceu-me então que me tinha deitado ao pescoço um colar de ouro muito formoso e preso a ele uma cruz de muito valor. Este ouro e pedras são tão diferentes das de cá, que não têm comparação. Sua formosura excede a tudo o que podemos aqui imaginar, pois o entendimento não alcança compreender de que era a roupa, nem como imaginar a alvura que o Senhor quer que se nos represente. Tudo parece aqui como um debuxo a carvão, a modo de dizer.

**15.** Era grandíssima a formosura que vi em Nossa Senhora, ainda que não pude divisar nenhuma feição particular, mas vi em conjunto a feitura do rosto. Vestia de branco, num grandíssimo resplendor, não que deslumbra, mas suave. Ao glorioso S. José não vi tão claramente, embora bem visse que estava ali, como nas visões que tenho dito que se não vêem. Parecia-me Nossa Senhora muito jovem.

Estando assim um pouco comigo e eu com tão grandíssima glória e gozo, que segundo me parece, maior jamais havia tido e nunca quisera apartar-me dele, pareceu-me que os vi subir ao Céu acompanhados por uma grande multidão de anjos. Fiquei em muita soledade, embora tao consolada, enlevada, recolhida em oração e enternecida, que estive algum tempo sem me poder mover nem falar, mas como quase fora de mim. Fiquei com veemente anseio de me desfazer por Deus e com tais efeitos - de tal modo tudo se passou - que nunca pude duvidar, ainda que muito quisesse, não ser coisa de Deus. Deixou-me consoladíssima e com muita paz.

**16** No que disse a Rainha dos Anjos da obediência, é que se me tornava duro a mim não a prestar aos da Ordem. Havia-me dito o Senhor que não convinha fazê-lo. Deu-me os motivos pelos quais, de nenhuma maneira, convinha que o fizesse, mas que recorresse a Roma por certa via que também me indicou, que Ele faria com que viesse por ali a licença.

E assim foi, que se enviou por onde o Senhor me disse - Pois nunca acabamos de o conseguir - e veio muito bem. Para as coisas que depois sucederam, conveio muito que se prestasse a obediência ao Bispo. Mas então não o conhecia eu, nem ainda sabia que prelado seria. Quis o senhor que fosse tão bom e favorecesse tanto esta casa, como era necessário grande contradição que tem havido acerca dela - como depois direi - e para a levar ao estado em que está. Bendito seja Ele que assim tem feito tudo. Amen.

## CAPÍTULO 34

*Trata como neste tempo foi conveniente que se ausentasse deste lugar. - Diz a causa por que o seu prelado a mandou ir consolar uma senhora, muito principal, que estava muito aflita. - Trata do que ali lhe sucedeu e diz a grande mercê que o Senhor lhe fez*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*de, por seu intermédio, mover a uma pessoa para O servir muito deveras, em quem ela encontrou depois favor e amparo. - É muito para notar.*

**1.** Pois, por mais cuidado que eu tivesse para que nada disto se percebesse, não se podia fazer toda esta obra tão em segredo, que não se viesse a saber por algumas pessoas. Umas acreditavam e outras não. Eu temia muito que, em vindo o Provincial, se lhe dissessem alguma coisa, ele me mandasse não cuidar disso e então logo tudo estava terminado.

Remediou-o o Senhor desta maneira: aconteceu que, num lugar grande, a mais de vinte léguas deste, estava uma senhora muito aflita por lhe ter morrido o marido; estava-o em tanto extremo que se temia pela sua saúde. Teve ela notícia desta pobre pecadora, e assim permitiu o Senhor que lhe dissessem bem de mim, para outros bens que daqui sucederam. Incutiu-lhe o Senhor um mui grande desejo de me ver, parecendo-lhe que se consolaria comigo. Esta senhora conhecia muito o Provincial e, como era pessoa principal e soube que eu estava num mosteiro em que se saía, procurou logo por todas as vias que pode, e não o fazer não devia estar em sua mão, levar-me para sua casa, mandando um pedido ao Provincial que estava bem longe. Este mandou-me uma ordem, com preceito de obediência, para que fosse imediatamente com outra companheira. Soube isto na noite de Natal.

**2.** Causou-me certo alvoroço e muita pena ver que, por pensarem que havia em mim algum bem, queriam que eu fosse, pois, como eu me via tão ruim, não podia sofrer isto. Encomendando-me muito a Deus, estive as Matinas todas, ou grande parte delas, em grande arroubamento. Disse-me o Senhor que não deixasse de ir e que não ouvisse pareceres, porque poucos me aconselhariam sem temeridade; pois, embora encontrasse trabalhos servir-se-ia muito a Deus e que, para este negócio do mosteiro, convinha ausentar-me até chegar o Breve; porque o demónio tinha armado uma grande trama, em vindo o Provincial; mas nada temesse, que Ele lá me ajudaria.

Fiquei muito animada e consolada. Disse tudo isto ao Reitor e ele aconselhou-me a que, de nenhum modo, deixasse de ir, porque outros me diziam que isso não se podia admitir, que era invenção do demónio para que lá me adviesse algum mal: que voltasse a enviar recado ao Provincial.

**3.** Obedeci ao Reitor e, pelo que tinha entendido na oração, ia sem medo, embora não sem grandíssima confusão de ver a que título me levavam, e como se enganavam tanto. Isto me fazia importunar mais o Senhor para que não me desamparasse. Consolava-me muito saber que havia casa da Companhia de Jesus no lugar para onde ia, e poder estar sujeita ao que me mandassem, como estava aqui; pois parecia-me que, com isso, estaria com alguma segurança.

Foi o Senhor servido de que aquela senhora se consolasse tanto com a minha ida, que começou logo a ter conhecida melhoria e cada dia se achava mais



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

consolada. Teve-se isto em muito porque, como disse, a dor trazia-a em grande angústia; e deve-o ter feito o Senhor pelas muitas orações que faziam por mim as pessoas boas que eu conhecia, para que fosse bem sucedida.

Era muito temente a Deus e tão boa, que a sua muita cristandade supriu o que a mim me faltava. Tomou-me grande amor; eu lho tinha muito por ver sua bondade. Mas quase tudo me era cruz; porque os regalos me davam grande tormento e o fazer-se tanto caso de mim, trazia-me em grande temor. Andava a minha alma tão encolhida que não me ousava descuidar, nem se descuidava o Senhor. Porque, enquanto ali estive, me fez o Senhor grandes mercês, e estas davam-me tanta liberdade e tanto me faziam menosprezar tudo o que via e quanto mais eram, mais - que eu não deixava de tratar com aquelas tão senhoras, que muito à minha honra poderia eu servi-las com a liberdade como se fora sua igual.

**4.** Tirei daqui um proveito muito grande e dizia-lho. Vi que era mulher e tão sujeita a paixões e fraquezas como eu. Vi o pouco em que se há-de ter o senhorio e como, quanto maior é, mais cuidados e trabalhos têm e um cuidado de ter a compostura conforme a seu estado, que nem as deixa viver. O comer é fora de horas e sem acerto, porque tudo há-de andar conforme à dignidade e não à compleição: muitas vezes hão-de comer os manjares mais conformes à sua posição e não a seu gosto.

É assim que de todo aborreci o desejar ser senhora- Deus me livre de má compostura! Embora esta, com ser das principais do reino, creio que haverá poucas mais humildes e é muito afável e simples. Fazia-me pena e a tenho de ver como anda muitas vezes não conforme à sua inclinação, para cumprir com o que exige a sua posição. Pois quanto aos criados é pouco o pouco que deles há que fiar, embora ela os tivesse bons. Não se há-de falar mais com um que com outro, sob pena de ficar malquisto aquele que assim se favorece.

É uma sujeição e, chamar senhores a pessoas semelhantes, é uma das mentiras que o mundo diz, pois não me parece senão que são escravos de mil coisas.

**5.** Foi o Senhor servido que, durante o tempo que estive naquela casa, todas as pessoas melhorassem no servir a Sua Majestade, ainda que não estive livre de trabalhos e de invejas que algumas sentiam pelo muito amor que aquela senhora me tinha. Deviam porventura pensar que pretendia algum interesse. E o Senhor devia permitir que coisas semelhantes, e outras doutro teor, me dessem algum trabalho, para que não me embebesse no regalo que havia por outra parte, e de tudo Ele foi servido tirar-me com melhoria da minha alma.

**6.** Estando eu ali, acertou de vir um religioso, pessoa muito principal e com quem eu, havia já muitos anos, tinha tratado algumas vezes. Estando à Missa, num mosteiro da sua Ordem, ali perto onde eu estava, deu-me desejo de saber em que disposição estava aquela alma que eu desejava fosse muito servo de Deus e levantei-me para lhe ir falar. Mas, como já me encontrava recolhida em oração, pareceu-me depois

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que era perder tempo, pois quem me metia a mim naquilo e tornei-me a sentar. Parece-me que foram três, três vezes que isto me aconteceu e, enfim, pôde mais o anjo bom de que o mau, e fui chamá-lo e veio-me falar num confessorário.

Comecei a perguntar-lhe- e ele a mim - pelas nossas vidas, porque havia muitos anos que não nos tínhamos visto. Comecei-lhe a dizer que a minha tinha sido de muitos trabalhos de alma. Instou muito para que eu lhe dissesse que trabalhos eram esses. Disse-lhe que não eram para se saber, nem para que eu lhos dissesse. Ele disse que, pois o sabia o padre dominicano -de quem tenho falado- que era muito seu amigo, ele lhos diria depois, que assim nada se me desse de lhos dizer.

**7.** O caso é que não estive na sua mão deixar de me importunar, nem na minha, me parece, deixar de lho dizer; porque, não obstante o pesar e vergonha que costumava ter quando tratava estas coisas, com ele e com o Reitor que tenho dito, não tive nenhuma pena, antes me consolei muito.

Disse-lho debaixo de confissão. Pareceu-me mais avisado do que nunca, embora sempre o tive por ser de grande entendimento. Vi os grandes talentos e qualidades que tinha para dar muito proveito, se de todo se desse a Deus. É que eu tenho isto dê uns anos para cá: não vejo pessoa que muito me contente, que não queira logo vê-la de todo dar-se a Deus. E isto com umas ânsias que, algumas vezes, não me posso conter. Pois, embora deseje que todos O sirvam, com estas pessoas que me satisfazem, é com muito grande ímpeto, e assim importuno muito ao Senhor por elas. Com o religioso que digo, aconteceu-me assim.

**8.** Rogou-me que o encomendasse muito a Deus, e não era preciso pedir- mo que já estava de modo que não poderia fazer outra coisa. Vou-me para onde a sós costumava ter oração e começo a tratar com o Senhor estando muito recolhida, num estilo lhano, como muitas vezes Lhe falo, em saber o que digo. Então é o amor que fala e a alma está tão alheada que não olho à diferença que há dela para Deus. Porque o amor que ela conhece que Sua Majestade lhe tem, faz com que se esqueça de si e parece-lhe que esta n'Ele, que é como coisa própria, sem divisão, e diz desatinos. Recordo-me que, depois de lhe pedir, com muitas lágrimas, que pusesse aquela alma a Seu serviço muito deveras que, embora eu o tivesse por bom não me contentava; queria-o muito melhor, disse-Lhe: "Senhor, não me haveis de negar esta mercê; vede que é bom este sujeito para nosso amigo".

**9.** Oh! bondade e humanidade grande de Deus, que não olha às palavras senão aos desejos e amor com que se dizem! Como sofre que uma como eu fale a Sua Majestade tão atrevidamente! Seja bendito para sempre sem fim.

**10.** Recordo-me que \_naquela noite, durante aquelas horas de oração, deu-me uma grande aflição ao pensar se estava na inimidade de Deus. E como eu não podia saber se estava ou não em graça, afligia-me esta pena:

Não que eu o desejasse saber, mas sim desejava morrer, para não me ver em

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

vida onde não tinha: segurança de não estar morta. É que não podia haver para mim morte mais dura do que pensar que tinha ofendido a Deus e suplicava-Lhe que não o permitisse, toda em gozo e derretida em lágrimas.

Então entendi que bem me podia consolar e ficar certa de que estava em graça, porque semelhante amor de Deus e o fazer-me Sua Majestade aquelas mercês e os sentimentos que dava à alma, não eram compatíveis com serem feitas a alma que estivesse em pecado mortal.

Fiquei confiada de que o Senhor havia de fazer, desta pessoa, o que Lhe suplicava. Mandou-me que Lhe dissesse umas palavras. Isto senti em muito porque não sabia como lhas dizer. Ter de dar recado a terceira pessoa -como já disse- é sempre o que mais me custa, em especial sem saber como essa pessoa o aceitaria ou até se zombaria de mim. Fiquei numa grande angústia. Enfim, senti-me tão persuadida a fazê-lo que, segundo me parece, prometi a Deus não deixar de as dizer, e pela grande vergonha que tinha, escrevi-as e dei-lhas.

**11.** Bem me pareceu ser coisa de Deus pelo efeito que fizeram. Determinou-se muito deveras a dar-se à oração, embora não o fizesse desde logo.

O Senhor, como o queria para Si, por meu intermédio, lhe mandava dizer umas verdades que, sem eu o entender, vinham tão a propósito que ele se espantava, e o Senhor devia-o dispor a crer que eram de Sua Majestade.

Eu, ainda que miserável, era muito o que suplicava ao Senhor, que de todo em todo o atraísse a Si e lhe fizesse aborrecer as satisfações e coisas da vida. E assim - seja Ele louvado para sempre! - o fez tão deveras que, de cada vez que me fala, me tem como embevecida. Se eu não o tivesse visto, tivera por duvidoso fazer-lhe Deus em tão breve tempo tão crescidas mercês e trazê-lo tão ocupado em Si, que parece já não viver para coisa da terra.

Sua Majestade o tenha de Sua mão, que, se assim for adiante (o que espero no Senhor, por ir muito bem fundado no conhecer-se a si mesmo), será um dos Seus mais assinalados servos e de grande proveito para muitas almas. Porque, em coisas de espírito, em pouco tempo adquiriu muita experiência, e isto são dons que Deus dá quando quer e como o quer, e não está atido ao tempo nem aos serviços. Não digo que isto não faça muito ao caso, mas que muitas vezes o Senhor não dá em vinte anos a contemplação que a outros dá num. Sua Majestade sabe a causa.

E o engano está em nos parecer que, pelos anos, havemos de entender o que de nenhum modo se pode alcançar sem experiência. Assim erram muitos - como tenho dito-, em querer conhecer espíritos, sem o terem.

Não digo que quem não tiver espírito, se é letrado, não governe a quem o tem, mas entende-se quanto ao exterior e interior que vá conforme a via natural, por obra do entendimento; e no sobrenatural, olhe a que vá conforme a Sagrada Escritura. No demais não se mate, nem pense entender o que não entende, nem

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

afoque os espíritos pois, quanto a isso, já outro m:ator Senhor os governa, que não estão sem superior.

**12.** Não se espante nem lhe pareçam coisas impossíveis- tudo é possível ao Senhor-, mas procure esforçar a fé e humilhar-se porque, nesta ciência, o Senhor faz porventura mais sábia a uma velhazita do que a ele, embora seja muito letrado. E com esta humildade aproveitará mais às almas e a si do que em se fazer contemplativo sem o ser. Porque torno a dizer que, se não tem muita experiência e se não tem muita humildade para reconhecer que não o entende, mas que, no entanto, não é coisa impossível, ganhará pouco e dará ainda menos a ganhar a quem dirige. Não haja porém medo: se tem humildade, o Senhor permitirá que não se engane nem um nem outro.

**13.** Pois este Padre que digo, como o Senhor lhe deu experiência em muitas coisas, tem procurado estudar tudo o que por estudo tem podido saber neste caso, pois é bem letrado. E, o que não entende por experiência, informa-se de quem a tem e, por isso, ajuda-o o Senhor com dar-lhe muita fé e assim tem ele aproveitado muito e feito aproveitar algumas almas e a minha é uma delas. Como o Senhor sabia os trabalhos em que me havia de ver:- pois ia levar consigo alguns que me governavam - parece que Sua Majestade proveu a que ficassem outros que me têm ajudado em trabalhos e feito grande bem. Tem-no mudado o Senhor quase de todo, de maneira que ele quase não se conhece, por assim dizer, e dado forças corporais para a penitência (que antes não tinha, por ser enfermo). Tornou-se animoso para tudo o que é bom e outras coisas, que bem parece ser muito particular chamamento do Senhor. Seja bendito para sempre.

**14.** Creio que todo o bem lhe vem das mercês que o Senhor lhe tem feito na oração, pois que não são postizas. Já nalgumas coisas quis o Senhor que se tenha exercitado, e sai-se delas como quem tem já conhecida a verdade do mérito que se ganha em sofrer perseguições. Espero na grandeza do Senhor que por meio dele há-de vir muito bem a alguns da sua Ordem e a ela mesma. Já isto se começa a entender. Tenho tido grandes visões, nas quais o Senhor me disse algumas coisas de grande admiração a seu respeito e do Reitor da Companhia de Jesus, de quem tenho falado, e de outros dois religiosos da Ordem de S. Domingos, em especial dum. Pelo seu aproveitamento -provado por obra- também já o Senhor tem dado a entender algumas dessas coisas que antes eu tinha sabido por Ele. De quem agora falo, tem sido muitas vezes.

**15.** Uma coisa quero dizer agora aqui. Estava eu uma vez no locutório com ele, e era tanto o amor que a minha alma e espírito entendia que ardia no dele, que me tinha quase absorta, porque considerava as grandezas de Deus, em quão pouco tempo subira uma alma a tão alto estado. Fazia-me grande confusão, porque via-o, com tanta humildade, escutar o que eu dizia em algumas coisas de oração, e que pouca

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

eu tinha em tratar assim com pessoa semelhante. Mas isto o Senhor mo devia sofrer pelo grande desejo que eu tinha de o ver muito adiantado. Fazia-me tanto proveito estar com ele que parece que deixava em minha alma ateadada um novo fogo para desejar principiari de novo a servir ao Senhor.

Ó Jesus meu! O que faz uma alma abrasada no Vosso amor! Quanto a deveríamos estimar e suplicar ao Senhor a deixasse nesta vida! Quem tem o mesmo amor, atrás destas almas haveria de andar, se pudesse.

**16.** Grande coisa é um enfermo achar outro ferido do mesmo-mal; muito se consola de ver que não está só; muito se ajudam a padecer e até a merecer; fazem-se costas e firme apoio se oferecem, já como gente determinada a arriscar mil vidas por Deus e desejam que se lhes ofereça ensejo de as perder. São como soldados que, para ganhar o despojo e fazer-se com ele ricos, desejam que haja guerra; tendo compreendido que não o podem ser senão por aqui, este é o seu ofício: trabalhar. Oh! grande coisa é quando o Senhor dá esta luz de entender o muito que se ganha em padecer por Ele!

Não se compreende este bem, enquanto não se deixa tudo, pois quem se atém a alguma coisa, sinal é que a tem em conta. E se a tem em conta, forçosamente lhe há-de pesar de a deixar e já vai tudo imperfeito e perdido.

Vem aqui bem a propósito dizer: perdido está quem atrás de perdido anda. E que maior perdição e que maior cegueira, que maior desventura, que ter em muito o que não é nada?

**17.** Pois, voltando ao que dizia,<sup>35</sup> estando eu em grandíssimo gozo considerando aquela alma, na qual me parece queria o Senhor que eu visse claramente os tesouros que nela tinha depositado, e vendo a mercê que me fizera de que fosse por meu intermédio - achando-me indigna disso -, em muito mais estima tinha eu as mercês que o Senhor lhe fizera e mais as tomava à minha conta do que se fossem feitas a mim, e louvava muito ao Senhor por ver que Sua Majestade ia cumprindo meus desejos e tinha ouvido a minha oração; que era que o Senhor despertasse pessoas semelhantes.

Estando já minha alma que não podia sofrer em si tanto gozo, saiu de si e perdeu-se para mais ganhar. Perdeu as considerações, e deixou de ouvir aquela língua divina, pela qual parece que falava o Espírito Santo, e deu-me um grande arroubamento que me fez quase perder os sentidos, embora durasse pouco tempo. Vi Cristo, com grandíssima majestade e glória, mostrando grande prazer do que ali se passava e assim me disse e quis que eu visse claramente que, em semelhantes práticas, sempre se achava presente e o muito que se serve em que assim se deleitem em falar d'Ele.

Outra vez, estando longe deste lugar, vi os anjos levantarem esse padre com muita glória. Entendi, por esta visão, que ia muito adiante a sua alma. E assim era,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pois lhe haviam levantado um falso testemunho bem contra a sua honra, pessoa a quem ele tinha feito muito bem e remediado a honra e a alma. Ele o sofreu com muita alegria e fez outras obras em serviço de Deus e padeceu outras perseguições.

**18.** Não me parece que convenha agora declarar mais coisas. Se depois parecer a V.Mercê, pois que as sabe, poder-se-ão escrever para glória do Senhor. De todas as que tenho dito de profecias que o Senhor me dizia desta casa, e de outras que ainda direi e de mais coisas, todas se têm cumprido; algumas, três anos antes que se dessem e outras em mas e outras em menos tempo. E sempre eu as dizia ao confessor e a esta minha amiga viúva com quem tinha licença de falar, como já disse. Tenho sabido que ela as dizia a outras pessoas e estas sabem que não minto, nem Deus permita que em nenhuma coisa, quanto mais sendo tão graves, eu use senão de toda a verdade.

**19.** Tendo morrido um cunhado meu subitamente e estando eu com muita pena por não se ter chegado a confessar, foi-me dito na oração que assim também havia de morrer a minha irmã, que fosse lá e fizesse com que se dispusesse para isso. Disse-o ao meu confessor e, como não me deixava ir, foi-me repetido mais vezes. Ele, como visse isto, disse-me que fosse, pois nada se perderia.

Ela vivia numa aldeia e, como fui sem lhe dizer nada disto, fiz por lhe ir dando a luz que pude em todas as coisas e com que se confessasse muito amiúde e em tudo tivesse conta na sua alma. Era muito boa e assim fez. Desde há quatro ou cinco anos que tinha este costume e muito boa conta com a sua consciência. Morreu sem ninguém a ver e sem se poder confessar. Bem foi que, como costumava, havia pouco mais de oito dias que se tinha confessado.

A mim deu-me grande alegria quando soube da sua morte. Esteve muito pouco no Purgatório. Não me parece que haveria oito dias, quando, acabando de comungar, me apareceu o Senhor e quis que visse como a levava ao Céu. Em todos estes anos, desde que isto me foi dito até que morreu não se me olvidava o que se me tinha dado a entender, nem à minha companheira que, logo que a minha irmã morreu, veio ter comigo muito espantada por ver como se tinha cumprido.

Seja Deus louvado para sempre, que tanto cuidado tem das almas para que se não percam.

CAPÍTULO 35

*Prosegue na mesma matéria da fundação deste mosteiro do glorioso S. José e como ordenou o Senhor que se viesse a guardar nele a santa pobreza. -Diz por que voltou de casa daquela senhora em que estava e algumas outras coisas que lhe sucederam.*

**1.** Estando eu, pois, com esta senhora que tenho dito, onde estive mais de meio ano, ordenou o Senhor que tivesse notícia de mim uma beata da nossa Ordem, que vivia a mais de setenta léguas daqui deste lugar, e calhou ela ter de vir para estes lados e rodeou algumas léguas para me falar.

Tinha-lhe o Senhor inspirado, no mesmo ano e mês que a mim, que fizesse outro convento desta Ordem; e como lhe deu este desejo, vendeu tudo o que tinha e foi-se até Roma a buscar despacho para isso, a pé e descalça.

**2.** É mulher de muita penitência e oração e fazia-lhe o Senhor muitas mercês e apareceu-lhe Nossa Senhora mandando-lhe que o fizesse. Levava-me tantas vantagens no servir a Deus, que eu tinha vergonha de estar diante dela. Mostrou-me os despachos que trazia de Roma e, nos quinze dias que estive comigo, assentámos em como havíamos de fazer estes mosteiros. Até que lhe falei, não tinha vindo a mim notícia de que a nossa Regra - antes da sua mitigação - mandava que se não tivesse nada de próprio, nem eu estava em fundá-lo sem renda. O meu intento era que não tivéssemos cuidado daquilo de que precisássemos para viver e não olhava

Esta bendita mulher, como a ensinava o Senhor, tinha bem entendido, apesar de não saber ler, o que eu, com tanto ter andado a ler as Constituições, ignorava. Logo que tal me disse pareceu-me bem, embora temesse que não mo haviam de consentir, mas sim dizer que eram desatinos e que não fizesse coisas em que padecessem outras por minha causa. A ser eu só, nem pouco nem muito me detivera, antes me era grande consolo pensar em guardar os conselhos de Cristo Senhor Nosso, porque grandes desejos de pobreza já mos havia dado Sua Majestade.

Assim, para mim, não duvidava de ser aquilo o melhor. Dias havia em que eu desejava que fosse possível, ao meu estado, andar pedindo por amor de Deus e não ter casa, nem outra qualquer coisa. Temia, porém, que as demais se O Senhor não lhes desse estes desejos, vivessem descontentes, e fosse também causa de alguma distração, porque via alguns mosteiros pobres, não muito recolhidos.

Não olhava a que, o não serem recolhidos era causa de serem pobres, e não a pobreza causa de distração, porque esta não faz a ninguém mais rico, nem falta Deus jamais a quem O serve.

Enfim, a minha fé era fraca, o que não acontecia a esta serva de Deus.

**3.** Como eu em tudo tomava tantos pareceres, quase a ninguém encontrei deste parecer: nem o confessor, nem os letrados com quem tratava.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Davam tantas razões que não sabia que fazer, porque, como eu já sabia a Regra e via ser mais perfeito, não podia resolver-me a ter renda. E se bem que algumas vezes me convenciam, em voltando à oração e olhando a Cristo na cruz, tão pobre e desnudo, não podia levar com paciência o ser rica. Suplicava-Lhe com lágrimas o providenciasse de maneira a que eu me visse pobre como Ele.

**4.** Achava tantos inconvenientes em ter renda e via-a ser causa de tanta inquietação e até distração, que não fazia senão disputar com os letrados.

Escrevi ao religioso dominicano que nos ajudava. Enviou-me duas folhas escritas a contradizer e cheias de teologia para que não fizesse o convento sem renda e me dizia que assim o tinha estudado muito. Respondi-lhe que, para não seguir a minha vocação e o voto que tinha feito de pobreza e os conselhos de Cristo com toda a perfeição, não me queria aproveitar da teologia, nem com suas letras me fizesse, neste caso, mercê.

Se encontrava alguma pessoa que me ajudasse, alegrava-me muito.

Aquela senhora com quem estava, nisto ajudava-me muito. Alguns, logo a princípio, diziam-me que lhes parecia bem; mas depois, em olhando mais ao caso, achavam tantos inconvenientes que tornavam a insistir muito em que não o fizesse. Dizia-lhes que, se eles mudavam tão depressa de parecer, eu me queria ater ao primeiro.

**5.** Neste tempo foi o Senhor servido que, a rogos meus, viesse o santo Frei Pedro de Alcântara a casa desta senhora que ainda não o tinha visto.

Como ele era bom amador da pobreza e tantos anos a havia tido, sabia bem a riqueza que nela havia e assim me ajudou muito e mandou que, de nenhuma maneira, deixasse de levar o meu intento muito por diante. Com este parecer e ajuda, como de quem melhor o podia dar, por o saber por larga experiência, determinei-me a já não andar buscando outros.

**6.** Estando um dia encomendando muito a Deus este negócio, disse-me o Senhor que, de nenhuma maneira, deixasse de fazer o convento pobre, que esta era a vontade de Seu Pai e a Sua, que Ele nos ajudaria. Foi isto num grande arroubamento e com tão grandes efeitos que, de nenhum modo, pude ter dúvida de que era Deus.

Outra vez disse-me que na renda estava a confusão, e outras coisas em louvor da pobreza, assegurando-me que, a quem O servia, não lhe faltava o necessário para viver; e esta falta, como digo, nunca a temi por mim.

Também o Senhor mudou o coração do Presentado, digo, do religioso dominicano, de quem disse que me escreveu para que não o fizesse sem renda. Já eu estava muito contente por ter entendido isto e com tais pareceres; não me parecia senão que possuía toda a riqueza do mundo em me determinando a viver só por amor de Deus.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**7.** A este tempo, o meu Provincial levantou-me o mandado e obediência que me tinha posto para estar ali. Deixou à minha vontade que pudesse ir-me embora se eu quisesse, e se quisesse estar, também podia por mais algum tempo. Ia haver, por então, eleições no meu mosteiro e avisaram-me que muitas me queriam dar o cargo de prelada. Para mim, de só o pensar, era tão grande tormento que, com mais facilidade eu me determinava a sofrer por Deus qualquer martírio; a este, de nenhum modo me podia persuadir. Porque, deixando à parte o trabalho grande que era por serem muitas e outras coisas de que eu nunca fui amiga, nem de ofício algum, que sempre os havia recusado, parecia-me de grande perigo para a consciência. E assim louvei a Deus por não me achar lá. Escrevi às minhas amigas para que não me dessem voto.

**8.** Estando muito contente de não me achar naquele ruído, disse-me o Senhor que, de nenhum modo, deixasse de ir. Já que desejava cruz, boa me esperava, que não a rejeitasse, que fosse com ânimo; Ele me ajudaria e que partisse logo. Afligi-me muito e não fazia senão chorar, porque pensei que cruz seria o ser prelada e, como digo, não podia persuadir-me, de nenhuma maneira, que fosse um bem para a minha alma, nem via termos para isso.

Contei-o ao meu confessor; mandou-me logo que tratasse de ir, pois era claro ser maior perfeição mas, porque fazia grande calor, e bastava achar-me lá para as eleições, que me ficasse ainda uns dias para que me não fizesse mal a jornada. Mas, como o Senhor tinha ordenado outra coisa, teve de se fazer. Era grande o desassossego que trazia em mim e o não poder ter oração, parecendo-me que desobedecia ao que o Senhor me tinha ordenado; que por estar ali a meu prazer e com regalo, não me queria ir oferecer ao trabalho. Tudo não era, pois, mais que palavras para com Deus.

Podendo estar onde era de maior perfeição, porque motivo o havia de deixar? Se morresse, que morresse! E, com isto, um aperto de alma, um tirar-me o Senhor todo o gosto na oração. Enfim, estava de tal modo e já me era tormento tão grande, que supliquei àquela senhora que tivesse por bem deixar-me ir, porque já meu confessor- como me viu assim- me disse que me fosse embora. Também a ele o movia Deus como a mim.

**9.** Ela sentia tanto que a deixasse, que era outro tormento, pois tinha-lhe custado muito alcançar licença do Provincial, com importunações de muitas maneiras. Tive por grandíssimo favor o ela querer aceitar às boas, pelo muito que o sentia. Mas, como era muito temente a Deus e eu lhe disse que se Lhe podia prestar grande serviço com a minha ida e outras muitas coisas, e dei-lhe esperança de que era possível torná-la a ver, ela, embora com muita pena, assim o teve por bem.

**10.** Já eu não a tinha de me vir embora, porque, entendendo que uma coisa era de maior perfeição e serviço de Deus, com o gozo que me dá contentá-Lo, passei pela

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pena de deixar aquela senhora que tanto eu via sentir a minha partida e a outras pessoas a quem devia muito, em especial a meu confessor, que era da Companhia de Jesus, e com o qual me achava muito bem. Mas, quanto mais consolações eu via que perdia pelo Senhor, mais contente me dava de as perder.

Não podia entender como isto era, porque via claramente estes dois contrários: gostar e consolar-me e alegrar-me do que me pesava na alma. É que eu estava consolada e sossegada e tinha vagar para ter muitas horas de oração. Vi que me vinha meter num fogo, pois já o Senhor me tinha dito que vinha padecer grande cruz, embora nunca eu pensei o fosse tanto, como depois experimentei. E, contudo, vinha alegre e estava impaciente por não entrar logo em batalha, pois o Senhor queria que a tivesse. Assim Sua Majestade enviava-me o esforço e o incutia na minha fraqueza.

**11.** Não podia, como digo, entender como isto podia ser. Veio-me ao pensamento esta comparação: possuindo eu uma jóia ou coisa que me desse grande contento, depara-se-me saber que a deseja uma pessoa a quem quero mais do que a mim mesma e mais desejo contentá-la do que a minha própria satisfação. E assim dá-me tão grande prazer o ficar sem a jóia, a fim de contentar aquela pessoa, como me dava o possuí-la. E, como este prazer de contentá-la excede o meu mesmo prazer, tira-se-me a pena da falta que me faz a jóia ou daquilo que amo e de perder a satisfação que me dava.

Assim aqui: embora quisesse ter pena, por ver que deixava pessoas que tanto sentiam apartar-se de mim, o que, noutro tempo, me bastara para me afligir muito, por ser eu de minha condição tão agradecida, agora, ainda que quisesse ter pena, não podia.

**12.** Importou tanto o não tardar eu nem mais um dia para o que tocava ao negócio desta bendita casa, que não sei como se poderia concluir se eu então me demorasse. Oh! grandeza de Deus! Muitas vezes me espanto, quando considero e vejo quão particularmente queria Sua Majestade ajudar-me para que se efectuasse este cantinho de Deus, pois creio que o é, e *morada onde Sua Majestade se deleita*, como uma vez, estando eu em oração, me disse que, esta casa era para Ele paraíso de deleite. E assim parece Sua Majestade ter escolhido as almas que trouxe para aqui, em cuja companhia vivo com tanta, tanta confusão.

Nem eu as soubera desejar tais para esta vida de tanta austeridade, pobreza e oração. E levam-na com uma alegria e contento tal, que cada uma se acha indigna de ter merecido vir para este lugar. Em especial, há algumas que o Senhor chamou de entre muita vaidade e galas do mundo, onde poderiam estar contentes conforme as suas leis, e tem-lhes dado o Senhor aqui tão dobrados gozos, que elas claramente reconhecem ter-lhes dado cem por um do que deixaram e não se fartam de dar graças a Sua Majestade. A outras, tem Ele mudado de bem para melhor. Às de pouca

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

idade dá fortaleza e conhecimento para que não possam desejar outra coisa e entendam que, ainda mesmo cá em baixo, é viver em maior descanso o estarem apartadas de todas as coisas da vida.

Às que são de mais idade e com pouca saúde, dá forças, e lhas tem dado, para poderem levar a aspereza e penitência como as outras.

**13.** Oh! Senhor meu, como mostrais que sois poderoso! Não é mister buscar razões para o que Vós quereis, porque, por sobre toda a razão natural, fazeis as coisas tão possíveis que dais bem a entender que mais não é preciso, senão amar-Vos deveras e deveras deixar tudo por Vós, para que Vós, Senhor meu, façais tudo fácil. Aqui bem se pode dizer: «fingis trabalho em vossa lei», porque eu não o vejo, Senhor, nem sei como «é estreito o caminho que a Vós leva». Caminho real, vejo que é, e não senda; caminho onde, quem nele entre de verdade, vai mais seguro. Muito longe estão os recifes e despenhadeiros para cair, porque estão longe das ocasiões. Senda ruim e caminho apertado chamo eu o que, dum lado tem um vale muito profundo onde se pode cair, e do outro um despenhadeiro.

Ainda mal se descuidam, os que por aí seguem, quando se despenham e fazem em pedaços.

**14.** O que Vos ama de verdade, Bem meu, vai seguro por caminho largo e real. Longe está o despenhadeiro; mal vai o tropeçar e já Vós, Senhor, lhe dais a mão. Não basta uma queda, nem muitas, para se perder, se Vos tem amor e não às coisas do mundo, pois vai pelo vale da humildade. Não posso entender o que é que temem de se meterem no caminho da perfeição.

O Senhor nos dê a compreender, por Quem é, como é má a segurança em tão manifestos perigos como são os de andar arrastado pela corrente do mundo, e como a verdadeira segurança está em procurar ir muito adiante no caminho de Deus. Olhos fixos n'Ele e não haja medo de que se ponha este Sol da Justiça, nem que nos deixe caminhar de noite para nos perdermos, se nós primeiro não O deixamos a Ele.

**15.** Não temem andar entre leões - e parece cada um querer levar um pedaço- que são as honras e deleites e coisas semelhantes a que se chama no mundo contentamentos; e aqui parece que o demónio faz temer musaranhos. Mil vezes me espanto e dez mil quereria fartar-me de chorar e dar vozes e dizer a todos a minha grande cegueira e maldade, para que aproveitasse um pouco para eles abrirem os olhos. Abra-nos Aquele que o pode, por Sua bondade, e não permita que se tornem a cegar os meus. Amen.

### CAPÍTULO 36

*Prossegue no tema começado e diz como se acabou de concluir e se fundou este mosteiro de S. José e as grandes contradições e perseguições que houve, depois de*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*tomarem hábito as religiosas. - Conta os grandes trabalhos e tentações que ela passou e como de tudo a tirou o Senhor com vitória e em glória e louvor Seu.*

**1.** Tendo já partido daquela cidade, vinha eu muito contente pelo caminho, determinando-me a passar tudo o que o Senhor fosse servido, com toda a minha boa vontade.

Na mesma noite em que cheguei a esta terra, chega o nosso despacho para o mosteiro e Breve de Roma. Eu me espantei e se espantaram todos os que sabiam a pressa que o Senhor me tinha dado para a vinda, quando souberam a grande necessidade que havia disso e em que conjuntura o Senhor me trazia. É que encontrei aqui o Bispo e o santo frei Pedro de Alcântara e o outro cavaleiro muito servo de Deus, em cuja casa este santo homem fazia pousada, pois era pessoa em quem os servos de Deus achavam protecção e acolhimento.

**2.** Os dois levaram a cabo o conseguir que o Bispo aceitasse o mosteiro, o que não foi pouco trabalho, por ser pobre. Era, porém, tão amigo de pessoas que assim via determinadas a servir ao Senhor, que logo se afeiçoou a favorecê-lo. O aprová-lo este santo velho e empenhar-se muito com uns e com outros para que nos ajudassem, foi o que fez tudo ao caso.

Se eu não tivesse vindo nesta conjuntura- como já disse-, não sei com se teria podido fazer. Pois este santo homem esteve aqui pouco, creio que não foram oito dias, e muito enfermo e daí a pouco o levou o Senhor consigo.

Parece que Sua Majestade o tinha guardado até acabar este negócio, pois já havia muito - não sei se mais de dois anos - que andava muito doente.

**3.** Tudo se fez debaixo de grande segredo, porque, a não ser assim, nada se poderia fazer, pois o povo estava contrário, como depois se viu. Ordenou o Senhor que adoecesse um cunhado meu, sem cá estar sua mulher e, em tanta necessidade, deram-me licença para o ir tratar. Assim com este motivo, de nada se desconfiou, embora nalgumas pessoas não se deixasse de suspeitar qualquer coisa.

Contudo não o acreditavam. Foi coisa de espantar, pois meu cunhado não esteve doente além do tempo necessário para concluir o negócio; e quando foi preciso que tivesse saúde para eu me desocupar e ele deixar desocupada a casa, logo o Senhor lha tornou a dar, do que ele estava maravilhado.

**4.** Passei muito trabalho a instar com uns e com outros que se admitisse a fundação; e com o enfermo, e com os oficiais para que se acabasse a casa a toda a pressa, e tivesse ar de convento, pois faltava muito para se acabar.

E a minha companheira não estava aqui, pois pareceu-nos que era melhor ausentar-se para mais dissimular. E eu via que tudo dependia da brevidade, e isto por muitos motivos: um, era porque temia que a toda a hora me mandassem voltar. Foram tantas as coisas a dar trabalhos que pensei se seria esta a cruz, conquanto me

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

parecesse que era pouco para a grande cruz que eu tinha entendido do Senhor que havia de passar.

**5.** Pois, estando tudo terminado, foi o Senhor servido que, no dia de S.Bartolomeu, tomassem hábito algumas. Pôs-se o Santíssimo Sacramento, e com toda a autoridade e força ficou fundado o nosso mosteiro do nosso gloriosíssimo Pai S.José, no ano de mil quinhentos e sessenta e dois.

Estive eu a dar-lhes o hábito e outras duas freiras da nossa mesma casa que acertaram a estar fora do mosteiro da Encarnação. Como nesta, em que se fez o convento, era onde estava meu cunhado, que a tinha comprado, como tenho dito, para melhor dissimular o negócio, eu estava ali com licença. Nem eu fazia coisa sem ser com o parecer de letrados, para não fugir a um só ponto da obediência.

Estes, como viam isto ser por muitos motivos muito proveitoso para toda a Ordem, embora eu andasse com segredo e acautelando-me para que não o soubessem meus prelados, diziam-me que o podia fazer. Por muito pouca imperfeição que me dissessem que era, mil mosteiros me parece que deixaria, quanto mais um. Isto é certo porque, embora desejasse a fundação para mais me apartar de tudo e guardar minha profissão e chamamento com mais perfeição e clausura, de tal maneira o desejava, no entanto, que se entendesse que era mais serviço do Senhor deixá-lo de todo, tê-lo-ia feito- como o fiz da outra vez - com todo o sossego e paz.

**6.** Foi pois para mim como estar em glória, ver colocar o Santíssimo Sacramento e que se remediaram quatro órfãs pobres (porque não se recebiam com dote), e grandes servas de Deus. Logo de princípio foi isto que se pretendeu: que entrassem pessoas que, com seu exemplo, fossem fundamento em que se pudesse efectuar o intento que levávamos de muita perfeição e oração. Via, assim, realizada uma obra que eu tinha entendido que era para serviço do Senhor e honra do hábito de Sua Gloriosa Mãe, que estas eram as minhas ânsias.

E também me deu muito consolo o ter feito o que o Senhor tanto me mandara, e mais outra igreja neste lugar, dedicada a meu Pai, o glorioso S.José, pois que não havia outra. Não que a mim me parecesse que nisto tinha feito alguma coisa, que nunca tal me parecia, nem parece. Sempre entendo que tudo é obra do Senhor; e o que fazia da minha parte, ia com tantas imperfeições, que antes vejo haver de que me culpar e não de que me agradecer. Contudo, era-me grande gozo ver que Sua Majestade se servira de mim, como instrumento duma tão grande obra sendo eu tão ruim.

Estive assim com tão grande contentamento, que estava como fora de mim, em elevada oração.

**7.** Acabado tudo, seria depois de umas três ou quatro horas, suscitou em mim o demónio urna batalha espiritual, como agora direi. Pôs-se-me diante se teria sido

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mal feito o que fora feito; se ia contra a obediência em o ter procurado fazer sem que mo mandasse o Provincial, (que bem me parecia a mim que lhe havia de dar algum desgosto por causa de sujeitar a casa ao Ordinário sem lho dizer primeiro; ainda que, por outra parte, também me parecesse que a ele nada se lhe daria, visto não ter querido admitir a fundação e eu, quanto a mim, não mudava a obediência). E pensava ainda se ficariam contentes as que estavam aqui em tanta austeridade, se lhes viria a faltar de comer, se havia sido disparate, quem é que me metia nisto, pois eu tinha mosteiro.

Tudo o que o Senhor me tinha mandado e os muitos pareceres e orações, que havia mais de dois anos que quase não cessavam, tudo estava tão apagado da minha memória como se nada disto tivesse havido. Só me recordava do meu parecer e todas as virtudes e a fé estavam então em mim suspensas, sem ter eu força para que nenhuma operasse nem me defendesse de tantos golpes.

**8.** Também me sugeria o demónio como é que eu me queria encerrar em casa tão acanhada e com tantas enfermidades; como é que eu poderia sofrer tanta penitência; que deixava uma casa tão grande e deleitosa e onde tão contente tinha sempre estado e tinha tantas amigas; que talvez as de cá não fossem a meu gosto; que me tinha obrigado a muito; que talvez ficasse desesperada e, porventura, era isto que tinha pretendido o demónio: tirar-me a paz e quietude e assim não poderia ter oração estando desassossegada, e perderia a alma.

Coisas desta feitura ele punha todas juntas diante de mim, que não estava na minha mão pensar em outra coisa; e com isto uma aflição e escuridão e trevas na alma, que eu não o sei encarecer. Logo que assim me vi, fui-me para diante do Santíssimo Sacramento, mas nem podia encomendar-me a Ele. Parece-me que estava com uma angústia como quem está em agonia de morte. Tratar disto com alguém, não havia como, porque nem ainda confessor havia designado.

**9.** Oh! valha-me Deus, que vida esta tão miserável! Não há prazer seguro nem coisa sem mudança. Havia tão pouquinho que não trocara, me parece, meu contentamento com nenhum da terra e a mesma causa dele me atormentava agora de tal sorte, que não sabia que fazer de mim. Oh! Se olhássemos com advertência as coisas da nossa vida! cada qual veria, por experiência, no pouco em que se hão-de ter os gostos ou desgostos dela.

Certo é que me parece ter sido um dos bocados difíceis que passei na minha vida. Parecia adivinhar o espírito o muito que tinha ainda para passar, embora nada chegasse a ser tanto como este, se isto durara. Mas o Senhor não deixou padecer muito a sua pobre serva; porque nunca nas tribulações deixou de me socorrer e assim foi nesta.

Deu-me um pouco de luz para ver que era demónio e para que eu pudesse entender a verdade e que tudo era querer-me espantar com suas mentiras. Comecei

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

a recordar-me das minhas grandes determinações de servir o Senhor e desejos de padecer por Ele; e pensei que, se os havia de cumprir, não havia de andar a procurar descanso. Se tivesse trabalhos, este era o merecer; e se descontento, como o tomasse para servir a Deus, me serviria de purgatório. Porque temia, pois? se desejava trabalhos, bons eram estes. Na maior contradição estava o ganho; por que razão me havia de faltar o ânimo para servir a Quem tanto devia? Com estas e outras considerações, fazendo-me grande força a mim mesma, prometi, diante do Santíssimo Sacramento, fazer tudo o que pudesse para alcançar licença para vir para esta casa e prometer clausura podendo-o fazer em boa consciência.

**10.** Em fazendo isto, num instante fugiu o demónio e deixou-me sossegada e contente e fiquei-o e o tenho estado sempre. Tudo quanto se guarda nesta casa de clausura e penitência e o demais, torna-se para mim em extremo suave e pouco. O gozo é tão extremamente grande, que eu penso algumas vezes o que poderia escolher na terra que fosse mais saboroso. Não sei se isto concorre para eu ter muita mais saúde do que nunca, ou querer o Senhor- por ser necessário e de razão que faça como todas -dar-me este consolo de que o possa fazer, embora com trabalho. Mas, de eu o poder, se espantam todas as pessoas que conhecem minhas enfermidades. Bendito seja Ele que tudo dá e, por cujo poder, tudo se pode.

**11.** Fiquei bem cansada de tal contenda e rindo-me do demónio, pois bem via ser ele. Creio que o Senhor o permitiu, porque eu nunca soubera antes que coisa era descontentamento de ser freira, nem sequer por um momento, em vinte e oito anos e mais que o sou, para que entendesse a grande mercê que nisto me fizera e do grande tormento de que me tinha livrado, e também para que, se eu visse que alguma o estava, não me espantasse, mas sim me apiedasse dela e a soubesse consolar.

Pois, passado isto, queria depois de comer descansar um pouco (porque em toda a noite não tinha quase sossegado nem deixado em algumas outras de ter trabalho e cuidado e, todos os dias, bem cansada); mas, ao saber-se no meu mosteiro e na cidade o que estava feito, levantou-se um grande alvoroço pelas razões que já disse e nas quais parecia haver alguma cor de verdade.

Logo a prelada me enviou ordem a mandar que, à hora, eu me fosse para lá. Eu, em vendo seu mandato, deixo minhas freiras muito penalizadas e logo me vou.

Bem via que se me iam oferecer grandes trabalhos; mas como já ficava feita a fundação, muito pouco se me dava. Fiz oração, suplicando ao Senhor que me favorecesse, e a meu Pai S.José que me trouxesse à sua casa. Ofereci-lhe o que ia passar e, muito contente de que se me oferecesse algo em que eu padecesse por Ele e O pudesse servir, fui-me, tendo por certo que logo me haviam de meter no cárcere. Mas isto, a meu parecer, dar-me-ia muito prazer por não falar com ninguém e descansar um pouco em solidão, do que estava bem necessitada, porque andava

moída de tanto tratar com gente.

**12.** Como cheguei e dei minhas razões à Prelada, aplacou-se um tanto.

Tudo quanto expus enviaram ao Provincial e ficou a causa para ser julgada diante dele. E vindo ele, fui chamada a juízo com bem grande contentamento por ver que padecia alguma coisa pelo Senhor, pois nem contra Sua Majestade nem contra a Ordem achava eu ter desobedecido em nada neste caso. Antes procurava engrandecê-la com todas as minhas forças e morreria de boa vontade para isso, pois todo o meu desejo era que se cumprisse a Regra com toda a perfeição. Lembrei-me do julgamento de Cristo e vi como era nada aquele meu. Disse minha culpa, como se fora muito culpada e assim o parecia a quem não sabia todas as causas. Depois de me ter dado uma forte repreensão, embora não fosse com tanto rigor como merecia o delito e o que muitos diziam ao Provincial, eu não me quis desculpar, pois ia determinada a isso, mas antes pedi me perdoasse e castigasse e não ficasse zangado comigo.

**13.** Em algumas coisas bem via eu me condenavam sem culpa, porque diziam que o tinha feito para ser tida por alguém e ter nomeada e outras coisas semelhantes. Mas reconhecia claramente ser verdade o dizerem que eu era pior do que outras e que, não tendo guardado a muita religião que se praticava naquela casa, pensava guardá-la noutra com mais rigor, que escandalizava o povo e pretendia coisas novas ... Tudo isto não me causava perturbação alguma nem pena, embora eu mostrasse tê-la para que não parecesse que tinha em pouca conta o que me diziam. Enfim, mandou-me o Provincial que diante das freiras desse minhas razões e tive que fazê-lo.

**14.** Como eu estava tranquila cá dentro de mim e o Senhor me ajudava, dei minhas razões de maneira que o Provincial não encontrou motivo para me condenar, nem as que ali estavam. Depois, a sós, falei-lhe mais claro e ele ficou muito satisfeito e prometeu-me- se fosse por diante a fundação em sossegando a cidade, dar licença para voltar para lá. É que o alvoroço de toda a cidade era, de facto, tão grande, como agora direi.

**15.** Daí a dois ou três dias, juntaram-se alguns dos regedores, o corregedor e alguns do cabido, e todos juntos disseram, que de nenhum modo, se podia consentir, pois que daí vinha evidente dano ao bem público, e que haviam de tirar o Santíssimo Sacramento, e de nenhum modo consentiriam que fosse por diante. Convocaram todas as Ordens para que, de cada uma delas, dessem o seu parecer dois letrados. Uns calavam, outros condenavam.

Por fim, concluíram que se desfizesse desde logo. Só um Presentado da Ordem de São Domingos, embora fosse contrário- não do mosteiro, senão de que fosse pobre-, disse que não era coisa que, sem mais, assim se desfizesse, que se visse bem, que havia tempo para isso, que este caso era com o Bispo, ou coisas deste teor, que foram de grande proveito. É que, segundo a fúria com que estavam, sorte foi não o



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

porem logo por obra.

Enfim, foi o que tinha de ser; pois o Senhor era com isso servido e pouco podiam todos contra a Sua vontade. Eles alegavam suas razões e eram movidos por bom zelo, e assim, sem ofender a Deus, faziam-me padecer a mim e a todas as pessoas que favoreciam a fundação. Estas, que eram algumas, passaram muita perseguição.

**16.** Era tanto o alvoroço do povo, que não se falava doutra coisa, e todos a condenar-me e a ir fazer queixa ao Provincial e ao meu mosteiro. Eu nenhuma pena tinha de quanto diziam de mim, pois disso não se me dava mais, que se não o dissessem; mas sim temia que se desfizesse a fundação.

Isto é que me dava grande pena e ver que perdiam crédito e passavam muito trabalho as pessoas que me ajudavam, pois, do que diziam de mim, antes me parece que me alegrava. E se eu tivera tido bastante fé, nenhuma alteração sentia, mas o faltar alguma coisa numa virtude, basta para as fazer adormecer a todas; e assim passei em muita angústia os dois dias em que houve na cidade estas juntas de que falei, no povo. Estando eu bem aflita, me disse o Senhor: Não sabes que sou poderoso? que temes? E assegurou-me que não se desfaria. Com isto fiquei muito consolada.

Eles enviaram ao Conselho Real com a sua informação; de lá veio provisão para que se desse relação de como se havia feito.

**17.** Eis aqui começado um grande pleito; porque os da cidade foram à Corte e houve que ir da parte do mosteiro e não havia dinheiro nem eu sabia que fazer. Remediou-o o Senhor, pois nunca o meu Padre Provincial ordenou que eu deixasse de tratar disto, porque é tão amigo de toda a virtude que, embora não ajudasse, não queria ser contra. Não me concedeu, no entanto, licença de vir para cá, até ver em que paravam as coisas.

Estas servas de Deus estavam sós e faziam mais com suas orações do que eu com quanto andava negociando, ainda que fossem precisas muitas diligências.

Algumas vezes parecia que tudo falhava, em especial um dia, antes que o Provincial chegasse, em que a Priora me mandou que não tratasse de nada, o que era deixar-se tudo ao desamparo. Voltei-me para Deus e disse-Lhe:- Senhor, esta casa não é minha, para Vós se fez; agora que não há ninguém que cuide disto, faça-o Vossa Majestade. Fiquei assim tão descansada e tão sem pena, como se tivera o mundo todo a trabalhar por mim, e logo dei o negócio por assegurado.

**18.** Um sacerdote muito servo de Deus e amigo de toda a perfeição, que sempre me tinha ajudado, foi à Corte a cuidar do negócio e trabalhava muito; o cavalheiro santo - de quem tenho feito menção -, também, neste caso, fazia muito e por todos os modos o favorecia. Passou não poucos trabalhos e perseguição e sempre e em tudo, eu achei nele um pai e como tal ainda agora o tenho.

E o Senhor incutia tanto fervor naqueles que nos ajudavam, que cada um

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tomava o caso tão como coisa própria, que parecia lhes ia nisso a vida e a honra, e não lhes tocava senão o julgarem ser coisa em que se servia o Senhor. Um dos que também muito me auxiliava era o Mestre clérigo, de quem tenho falado. E viu-se claramente que nisto o ajudava Sua Majestade.

Pois, tendo-o o Bispo enviado em seu nome a uma junta grande que então se realizou, ele, só contra todos, os aplacou por fim, dando-lhes certas razões. Isto foi muito, porquanto os entreteve, embora não bastasse para que não voltassem logo a dar a vida, como se costuma dizer, em desfazer o convento. Este servo de Deus, foi quem deu hábito às noviças e colocou o Santíssimo Sacramento e, por isto, viu-se alvo de forte perseguição.

Durou esta bateria quase meio ano, e dizer por miúdo os grandes trabalhos que se passaram, seria longo.

**19.** Espantava-me eu do que o demónio se empenhava contra umas mulherzitas e de como parecia a todos - digo, aos que contradiziam – que pudessem causar grande dano ao lugar só doze mulheres e a prioresa, que não hão-de ser mais, e de vida tão austera. Pois ainda mesmo que fora dano e erro, seria para elas próprias; mas dano para o lugar não parece levava caminho, e eles achavam tantos que, em boa consciência, o contradiziam.

Vieram, por fim a dizer, que, se o convento tivesse renda, passariam por isso e consentiriam que fosse por diante. Eu estava já tão cansada de ver o trabalho de todos os que me ajudavam, mais de que do meu, que já me parecia não ser mau o admitir ter renda, enquanto não se sossegassem os ânimos, e deixá-la depois. E outras vezes, como ruim e imperfeita, parecia-me que, porventura, assim o queria o Senhor, pois, sem ela, não podíamos sair com nosso intento e já eu estava em aceder a este acordo.

**20.** Estando eu em oração, na noite anterior ao dia em que se ia tratar disto e tendo já começado o acordo, disse-me o Senhor - entre outras coisas - que não fizesse tal, porque, se começássemos a ter renda, não consentiriam depois que a deixássemos. Na mesma noite apareceu-me o santo Frei Pedro de Alcântara, que já tinha morrido. Antes de morrer, ao saber da grande contradição e perseguição que tínhamos, escreveu-me a dizer que se alegrava de que a fundação fosse com tão grande contradição.

Era sinal de que se havia de servir muito o Senhor neste mosteiro, pois que o demónio tanto se empenhava em que não se fizesse, e que de nenhum modo viéssemos a ter renda. Mais duas ou três vezes me persuadia ainda disto na carta, dizendo que, se isto se fizesse, tudo se viria a fazer como eu queria. Já eu o tinha visto outras duas vezes depois de morto e a grande glória que usufruía, e assim não me fez temor, antes me alegrei muito.

E sempre me aparecia como corpo glorificado, cheio de muita glória e dava-me

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

também grandíssima ao vê-lo. Recordo -me que, da primeira vez que o vi, falando-me do muito que gozava me disse, entre outras coisas: ditosa penitência tinha sido a que fizera, pois tão grande prémio lhe alcançara.

**21.** E, porque julgo já ter dito alguma coisa sobre isto, não digo aqui mais, sena? que desta vez me mostrou rigor, e só me disse que, de nenhum modo, aceitasse renda. Por que não queria eu tomar seu conselho? E logo desapareceu. Eu fiquei espantada e logo, no outro dia, disse ao cavalheiro - a quem eu em tudo acudia como sendo o que mais trabalhava para isto - o que se passava, e que não se combinasse de nenhum modo ter renda senão que fosse por diante o pleito. Ele, que estava neste ponto muito mais firme do que eu, folgou muito; depois disse-me de quão má vontade tratara do acordo.

**22.** Depois voltou a levantar-se outra pessoa, grande serva de Deus e com bom zelo; já que o caso estava em bons termos, dizia, que se pusesse em mãos de letrados. Aqui tive fartos desassossegos, porque, alguns dos que ajudavam, eram do mesmo parecer. E de quantas maranhas o demónio fez, foi esta a de pior digestão. Mas em tudo me ajudou o Senhor.

Dito, assim em suma, não se pode dar bem a entender o que se passou meses dois anos, desde que se começou esta casa, até se terminar. Este último passo e o primeiro foram, no entanto, os mais trabalhosos.

**23.** Aplacada, pois, já algum tanto a cidade, usou de grande destreza o Padre Dominicano que nos ajudava, ainda mesmo não estando presente.

Trouxera-o o Senhor em tempo que nos fez grande bem e parece só o ter trazido Sua Majestade para este fim, pois, segundo ele me disse, não tinha tido motivo para vir; só por acaso soubera o que se passava. Esteve aqui o tempo que foi preciso. Tomando-se a ir, procurou por várias vias alcançar licença do Nosso Padre Provincial para eu voltar a esta casa e trouxesse mais algumas comigo Parecia quase impossível obter dele isto tão depressa, a fim de fazer o ofício e ensinar às que estavam. Foi grandíssimo consolo para mim o dia em que viemos.

**24.** Estando eu, antes de entrar no Mosteiro, a fazer oração na Igreja e quase em arroubamento, vi Cristo; pareceu-me que me recebia com grande amor e me punha uma coroa, agradecendo-me o que fizera por Sua Mãe.

Outra vez, estando todas no coro em oração depois de Completas, vi Nossa Senhora, com grandíssima glória, revestida dum manto branco e, debaixo dele, parecia amparar-nos a todas. Entendi quão alto grau de glória daria o Senhor às desta casa.

**25.** Principiando-se a rezar o Ofício, era muita a devoção que o povo começou a ter para com esta casa. Receberam-se mais freiras e começou o Senhor a mover os que mais nos tinham perseguido, para que muito nos favorecessem e dessem esmola.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Aprovavam assim o que tanto tinham reprovado e, pouco a pouco, deixaram-se do pleito e diziam que já viam ser obra de Deus, pois, apesar de tanta contradição, tinha Sua Majestade querido que fosse por diante. E não há presentemente ninguém, a quem lhe pareça ter sido acertado deixar de se fazer, e assim têm tanto cuidado em nos prover de esmolas que, sem esmolar, nem pedir nada a ninguém, o Senhor os desperta para que no-la enviem e passamos sem que nos falte o necessário.

E espero no Senhor que será sempre assim; pois, como são poucas, se fazem o que devem, como agora Sua Majestade lhes dá graça para o fazer, segura estou que não lhes faltará, nem terão necessidade de se tomar pesadas, nem de importunar ninguém, porquanto o Senhor terá cuidado delas como até aqui. É para mim grandíssimo consolo ver-me aqui metida com almas tão desprendidas.

O seu cuidado é procurar saber como adiantar no serviço de Deus. A soledade é sua consolação e pensar em ver alguém que não seja para ajudá-las a encender-se mais no amor a seu Esposo, é para elas trabalho, ainda que sejam muito parentes. E assim ninguém vem a esta casa, senão quem trata disto. É que nem as contenta, nem se contenta. A sua linguagem não é outra senão falar de Deus e assim não entendem nem as entende senão quem fala o mesmo.

Guardamos a Regra de Nossa Senhora do Carmo e vivida esta sem mitigação, senão como a ordenou Frei Hugo, Cardeal de Santa Sabina, e que foi dada em 1248, no ano V de Pontificado do Papa Inocêncio IV.

**27.** Parece-me que serão bem empregados todos os trabalhos que se passaram. Agora, ainda que haja algum rigor, porque não se come jamais carne, a não ser por necessidade, jejum de oito meses e outras coisas como se vê na mesma Regra Primitiva, em muitas coisas isto ainda parece pouco às irmãs e guardam outras que nos pareceram necessárias para cumprir a Regra com maior perfeição. Espero no Senhor que há-de ir muito adiante com o começado, como Sua Majestade me tem dito.

**28.** A outra casa, que a devota de quem falei procurava fazer, também a favoreceu o Senhor. É em Alcalá, e não lhe faltou contradição à farta, nem deixou de passar grandes trabalhos. Sei que se guarda nela perfeita observância, conforme a esta nossa primitiva Regra Praza ao Senhor que seja tudo para glória e louvor Seu e da gloriosa Virgem Maria, cujo Hábito trazemos. Amen.

**29.** Creio que se enfadará V. Mercê com a larga relação que dei deste mosteiro e ainda vai muito curta para os muitos trabalhos e as maravilhas que o Senhor aqui tem realizado. De tudo isto há muitas testemunhas que o poderiam jurar; assim peço a V. Mercê que, se lhe parecer bem rasgar o mais que aqui vai escrito, o que toca a este mosteiro guarde-o por amor de Deus, para depois da minha morte o entregar às irmãs que aqui estiverem.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Animará muito às que vierem a servir a Deus e a procurar que não decaia o começado, mas sim vá sempre avante, quando virem o muito que Sua Majestade aqui fez, fazendo-o por meio de coisa tão ruim e baixa como eu.

E, pois Sua Majestade tão particularmente Se quis mostrar, dando o Seu favor para que assim se fizesse, parece-me a mim que fará muito mal e será muito castigada por Deus quem começar a relaxar a perfeição que o Senhor aqui estabeleceu desde o começo e tem favorecido, para que se leve com tanta suavidade, pois se vê muito bem que é tolerável e que se pode observar com sossego e o grande auxílio que é para poderem aqui viver sempre aquelas que, a sós, quiserem gozar do seu Esposo Cristo; porquanto é isto o que sempre devem pretender: viver a sós com «Ele só»; e não sejam mais de treze. Por muitos pareceres tenho sabido que isto é o que convém, e tenho visto por experiência que, para se viver com o espírito com que aqui se vive e só de esmolos e sem andar a pedir, não se sofre que sejam mais. E nisto creiam sempre mais a quem, com muitos trabalhos e com orações de muitas pessoas, procurou o que seria melhor.

E no grande contentamento e alegria e pouco trabalho que nestes anos e desde que estamos nesta casa, vemos terem todas, e com muita mais saúde do que costumavam ter, se verá ser isto o que convém.

E a quem lhe parecer áspero, deite a culpa à sua falta de espírito e não ao que se guarda aqui; pois que, pessoas delicadas e não saudáveis, porque têm esse espírito, o podem fazer com tanta suavidade, e vão-se a outro convento, onde se salvarão conforme ao seu espírito.

### CAPÍTULO 37

*Trata dos efeitos que lhe ficavam quando o Senhor lhe fazia alguma mercê. - Junta com isto muito boa doutrina. - Diz como se há-de procurar ter em muito o ganhar mais algum grau de glória e que, por nenhum trabalho, deixemos bens que são perpétuos.*

**1.** Custa-me ter de dizer outras mercês que o Senhor me tem feito, além das que já disse, e ainda estas são demasiadas para que se creia que Ele as tenha feito a pessoa tão ruim; mas, para obedecer ao Senhor que mo ordenou e a VV. Mercês, direi algumas coisas para glória Sua. Praza a Sua Majestade aproveite a alguma alma o v

er que, a uma coisa tão miserável, o Senhor assim quis favorecer- que fará a quem O servir de verdade?- e se animem todos a contentar Sua Majestade, pois já nesta vida dá tais prendas.

**2.** Primeiro, há-de entender-se que nestas mercês que Deus faz à alma, há mais e menos glória. Porque nalgumas visões, a glória e o deleite e a consolação excedem tanto o que o Senhor dá em outras, que eu me espanto de tanta diferença de gozar,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

ainda nesta vida. Pois acontece ser tanta a diferença que há num gosto e regalo que Deus dá numa visão ou num arroubamento, que parece não é possível poder haver, aqui na terra, mais a desejar e assim a alma não o deseja nem pediria maior contentamento.

Embora, depois que o Senhor me deu a entender quão grande é a diferença que há no Céu entre o que gozam uns e o que gozam outros, bem vejo que também cá em baixo não há medida no dar, quando o Senhor é servido; e assim não quereria que a houvesse no servir eu a Sua Majestade e quisera empregar nisto toda a minha vida, forças e saúde, e não perder por minha culpa, um pouco de mais gozar.

E assim digo que, se me perguntassem se antes quero ficar na terra até ao fim do mundo com todos os trabalhos que nele há, e depois subir um pouquinho mais alto em glória, ou sem trabalho algum ir já gozar duma glória um pouco mais baixa, de boa vontade sofreria todos os trabalhos para gozar um pouquinho mais no entender a grandeza de Deus, pois vejo que, quem mais O entende, mais O ama e O louva.

**3.** Não digo que não me contentaria e me teria por muito venturosa de estar no Céu, mesmo que fosse no último lugar, pois, quem assim o tinha no inferno, grande misericórdia já nisso me faria o Senhor, e praza a Sua Majestade eu vá para lá e não olhe a meus grandes pecados! O que digo é que, embora fosse muito à minha custa, se pudesse e o Senhor me desse graça para trabalhar muito, não quereria, por minha culpa, perder nada. Miserável de mim que, com tantas culpas, tudo tinha perdido!

**4.** Há-de notar-se que, em cada mercê que o Senhor me fazia, de visão ou revelação, ficava a minha alma com algum grande lucro, e, em algumas visões, com muitíssimos.

De ver a Cristo ficou impressa em mim Sua grandíssima formosura, e ainda hoje a tenho, porque, para isto, bastava uma só vez, quanto mais tantas em que o Senhor me faz esta mercê! Daqui fiquei com um mui grande proveito e foi este: tinha eu uma grandíssima falta de onde me vieram grandes danos e era esta: em começando a perceber que uma pessoa me tinha amizade, se me caía em graça, afeiçoava-me tanto a ela que me prendia de grande modo a memória pensar nela.

Embora eu não o fizesse com intenção de ofender a Deus, gostava de a ver e de pensar nela e nas boas qualidades que lhe via. Era isto coisa tão danosa, que me trazia a alma assaz perdida. Depois que vi a grande formosura do Senhor, a ninguém via que, em Sua comparação, me parecesse bem ou me ocupasse a memória.

Só com o volver um pouco os olhos da consideração à imagem que tenho na minha alma, fiquei, desde então para cá, com tanta liberdade que, tudo o que vejo, parece que me faz asco em comparação das excelências e graças que eu via neste Senhor. Nem há saber nem regalo algum que eu estime em comparação do que é

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

ouvir uma só palavra que seja, dita por aquela divina boca, quanto mais ouvindo tantas! E tenho por impossível, se o Senhor por meus pecados não permite que se me tire esta lembrança, poder-me alguém ocupar o pensamento de forma a que, por pouco que eu me recorde deste Senhor, não fique livre.

**5.** Aconteceu-me com algum confessor mostrar agrado (pois, como os tenho em lugar de Deus tão de verdade), sentia segurança. E parece-me que é onde a minha amizade mais se emprega, pois sempre quero muito aos que governam minha alma. Eles, como temerosos e servos de Deus, temiam não me apegasse eu de algum modo e me prendesse em lhes querer, embora santamente, e mostravam-me desagrado. Isto foi depois de eu estar tão sujeita a obedecer-lhes, porque antes não lhes ganhava essa amizade. Eu ria-me comigo mesma ao ver quão enganados estavam, embora nem de todas as vezes lhes dizia tão claramente como o sentia em mim, o pouco que me prendia a alguém. Mas sossegava-os e, tratando mais comigo, conheciam o que eu devia ao Senhor; aliás estas suspeitas que tinham de mim eram sempre ao princípio.

Em vendo o Senhor, começou em mim um amor muito maior para com Ele e uma confiança como de quem tão de contínuo Lhe falava. Via que, embora fosse Deus, era Homem, que não se admira das fraquezas dos homens, que compreende a nossa miserável natureza sujeita a muitas quedas por causa do primeiro pecado que Ele viera reparar. Posso tratá-Lo como a um amigo, embora seja Senhor. Vejo que não é como os que, cá na terra, temos por senhores, os quais põem todo o seu senhorio em autoridades postiças. Tem de haver horas para lhes falar e determinadas pessoas que lhes falem. Se é algum pobrezito que tem com eles algum negócio, mais rodeios, favores e trabalhos lhe há-de custar o tratá-lo. Oh! então se é com o Rei!

Aqui não há tocar gente pobre e que não seja cavalheiresca, não há senão que perguntar quem são os mais privados, que certamente não serão pessoas que tenham o mundo debaixo dos pés. Esses falam verdades, não temem nem devem; não são feitos para palácio. Ali não se deve usar disto, mas sim calar o que mal lhes parecer, porque ainda a pensá-lo não se atrevem, para não serem desfavorecidos.

**6.** Ó Rei da glória e Senhor de todos os reis! O Vosso reino não é armado de palitos, pois não tem fim! Não são necessários terceiros para chegar até Vós! Basta divisar ao longe Vossa pessoa para logo se conhecer que só Vós mereceis que Vos chamem Senhor, pela majestade que mostrais. Não há necessidade de gente de acompanhamento, nem de guarda, para que conheçam que sois Rei. Cá na terra, um Rei mal se conhecerá só por si, porque, embora ele queira ser reconhecido por tal, não o acreditarão; não tem mais do que os outros. É mister que se veja por que o hão-de acreditar, e assim é de razão que tenha estas autoridades postiças, porque,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

se não as tivesse, tê-lo-iam em nada. É que não lhe vem dele o parecer poderoso: de outrem lhe há-de vir a autoridade.

Ó Senhor meu! Ó meu Rei! Quem soubera representar agora a Majestade que tendes! É impossível deixar de ver que, por Vós mesmo, sois grande Imperador. Espanta ver esta majestade; mas mais espanta, Senhor meu, o ver com ela a Vossa humildade e o amor que mostrais a uma como eu. Em tudo podemos tratar e falar convosco como quisermos, uma vez perdido o primeiro espanto e temor de ver a Vossa majestade, ficando-nos maior, no entanto, para não Vos ofender; não, porém, por medo do castigo, Senhor meu, porque deste nenhum caso se faz em comparação de não Vos perder a Vós!

**7.** Ei-los aqui os proveitos desta visão, sem falar de outros grandes que deixam na alma. Se a mercê é de Deus, conhece-se pelos efeitos, quando a alma tem luz; porque, como já o tenho dito,<sup>6</sup> por vezes o Senhor quer que esteja em trevas e que não veja esta luz, e assim não é muito que tema a que se vê tão ruim como eu. Ainda há pouco me aconteceu estar oito dias que parecia não havia em mim, nem podia haver, conhecimento do que devo a Deus, nem lembrança das mercês. Tinha a alma tão insensível e posta nem sei em quê, nem como, não com maus pensamentos, mas para os bons estava tão inábil, que me ria de mim e gostava de ver a baixeza de uma alma quando não anda Deus sempre operando nela. Bem vê a alma que não está sem Ele neste estado, pois não é como nos grandes trabalhos que tenho algumas vezes, como já disse; mas, embora ela ponha lenha e faça esse pouco que pode de sua parte, não consegue atear o fogo do amor de Deus.

Já grande misericórdia é a Sua, que se veja o fumo para entender não estar de todo apagado. Só o Senhor o torna a acender, porque então, ainda que uma alma se esfalfe a soprar e a dispor a lenha, parece que tudo o abafa mais.

Creio que o melhor é render-se de todo a que não pode nada só por si e ocupar-se em outras coisas meritórias, como tenho dito. É que talvez o Senhor lhe tire a oração para que se ocupe nelas e conheça, por experiência, o pouco que pode por si.

**8.** Certo é que hoje me consolei com o Senhor e me atrevi a queixar-me de Sua Majestade e Lhe disse: "Como, Deus meu, não basta que me tenhais nesta miserável vida, e que, por amor de Vós, eu passe por isto, e queira viver onde tudo são embaraços para Vos gozar; e ter de comer e dormir e negociar e tratar com todos; e tudo padeço por amor de Vós; pois bem sabeis, Senhor meu, que isto me é tormento grandíssimo e que, nos tão pouquitos instantes como me ficam para gozar de Vós, Vos escondais de mim? Como se compadece isto com a Vossa misericórdia? Como o pode sofrer o amor que me tendes? Creio, Senhor, que, se me fora possível esconder-me eu de Vós como Vos escondéis de mim, não o sofreríeis, segundo o amor que eu penso e creio que me tendes. Mas Vós estais comigo e sempre me



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

vedes. Não se sofre pois isto, Senhor meu; suplico-Vos que vejais que se faz agravo a quem tanto Vos ama".

**9.** Isto e outras coisas acontece-me dizer, conhecendo primeiro, no entanto, como era suave o lugar que me estava preparado no inferno para o que merecia. Mas algumas vezes desatina tanto o amor, que não me sinto, senão que, em todo o meu juízo, faço estas queixas e tudo me sofre o Senhor.

Louvido seja tão grande Rei! Achegarmo-nos aos da terra com estes atrevimentos! ... Ainda ao rei, já não me maravilho de que não se ouse falar, que é de razão que se tema e aos senhores que representam ser cabeças; mas já está o mundo de modo que teriam de ser mais longas as vidas para aprender os pontinhos e novidades e maneiras que hoje há de educação, se é que se há-de gastar alguma parte dela em servir a Deus.

Eu me benzo de ver o que se passa. O caso é que eu já não sabia como viver quando aqui me meti; porque não se toma por engano quando há descuido em não tratar as pessoas por muito mais do que merecem, senão que tão deveras o tomam por afronta, que é necessário dar satisfações da intenção, se houve, como digo, descuido; e praza ainda a Deus o acreditem.

**10.** Torno a dizer que, certamente, eu não sabia como viver, porque se vê aflita uma pobre alma. Vê que a mandam que ocupe sempre o pensamento em Deus e que é necessário trazê-lo n'Ele para se livrar de muitos perigos.

Por outro lado, vê que cumpre não perder ponto em pontos do mundo, sob pena de dar ocasião a que se tentem os que têm posta a sua honra nestes pontos. Trazia-me isto fatigada e nunca acabava de dar satisfações, porque não podia, embora o tentasse, deixar de cometer muitas faltas nisto, que, como digo, não se têm no mundo por pequenas. E será verdade que nas Religiões, que de razão devíamos ser desculpadas, nestes casos, há desculpa? Não, pois dizem que os mosteiros hão-de ser corte de boa educação e que têm de a saber. Eu, certo é, não posso entender isto. Tenho pensado se algum santo disse que haviam de ser corte para ensinar aos que quisessem ser cortesãos do Céu e o entenderam ao revés.

Pois quem, em boa razão, há-de ter contínuo cuidado de contentar a Deus e aborrecer o mundo, não sei como o possa ter tão grande em agradar aos que vivem nele, em coisas que tantas vezes mudam. Ainda se se pudesse aprender de uma vez, passara; mas até para títulos de cartas é já preciso que haja cátedra onde se ensine como se há-de fazer, por assim dizer; porque ora se deixa papel dum lado, ora do outro, e a quem não se costumava dar por magnífico, se há-de dar por ilustre.

**11.** Eu não sei onde isto irá parar, porque ainda não tenho cinquenta anos e, nos que vivi, tenho visto tantas mudanças, que já não sei viver. Os que agora nascem e viverem muito, que hão-de eles, pois, fazer? Por certo que tenho lástima de gente espiritual que está obrigada a viver no mundo por alguns santos fins, pois é terrível

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

cruz a que nisto levam. Se todos pudessem combinar fazer-se ignorantes e querer que os tivessem por tais nestas ciências, de muito trabalho se livrariam.

**12.** Mas, em que tolices me tenho metido! Para tratar das grandezas de Deus, meti-me a falar das baixezas do mundo. Pois o Senhor me fez mercê de o ter deixado, quero já sair dele; lá se avenham os que com tanto trabalho sustentam estas ninharias. Praza a Deus que, na outra vida, que é sem mudanças, não as paguemos. Amen.

### CAPÍTULO 38

*Trata dalgumas grandes mercês que o Senhor lhe fez, tanto em mostrar-lhe alguns segredos do Céu, como outras grandes visões e revelações que Sua Majestade teve por bom que visse. - Diz os efeitos com que a deixavam e o grande aproveitamento que ficava em sua alma.*

**1.** .Estando uma noite tão doente que me queria escusar de ter oração, tomei um rosar para me ocupar vocalmente, procurando não recolher o entendimento, embora no exterior estivesse recolhida num oratório.

Quando o Senhor quer, pouco aproveitam estas diligências. Estive assim um pouco, e veio-me um arrebatamento de espírito com tanto ímpeto, que não pude resistir-lhe. Parecia-me estar metida no Céu, e as primeiras pessoas que ali vi foi a meu pai e a minha mãe, e vi coisas tão grandes – em tão breve espaço como o de se poder dizer uma Ave Maria- que fiquei bem fora de mim, parecendo-me muito demasiada mercê.

Isto de durar tão breve tempo, bem pode ser que fosse mais mas parece-nos muito pouco. Temi que fosse alguma ilusão, ainda que não me parecia. Não sabia que fazer, porque tinha grande vergonha de ir com isto ao confessor; não por humildade, a meu parecer, senão por julgar que fana troça de mim dizendo: com que então temos um S.Paulo ou S.Jerónimo para ver coisas do Céu! E por estes gloriosos santos terem tido coisas destas, isto a mim me fazia mais temor, e não fazia senão chorar muito, porque me parecia que não levava nenhum caminho.

Enfim, embora muito o sentisse, fui ao confessor, porque calar alguma coisa jamais o ousava, por mais que sentisse em dizê-la, pelo grande medo que tinha de ser enganada. Ele, como me viu tão aflita, consolou-me muito e disse-me muitas coisas boas para me tirar a pena.

**2.** Andando mais o tempo, aconteceu-me e acontece ainda algumas vezes. Já o Senhor mostrando-me maiores segredos. Querer ver a alma mais do que se lhe representa, não há forma, nem é possível, e assim eu não via, e cada vez, senão o que o Senhor me queria mostrar. Era porém tanto, que o menos bastava para ficar

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

espantada e a alma muito aproveitada para estimar e ter em pouco todas as coisas da vida.

Quisera eu poder dar a entender alguma coisa do menos que entendia e, pensando como o poderei fazer, vejo que é impossível. Só a diferença que há entre esta luz que vemos e a que ali se representa, sendo tudo luz, é tal que não há comparação, porque a claridade do sol parece coisa muito deslustrada. Enfim, não alcança a imaginação, por muito subtil que seja, pintar nem traçar como seja esta luz, nem coisa alguma das que o Senhor me dava a entender com um deleite tão soberano que não se pode dizer. É que todos os sentidos gozam em tão alto grau e suavidade, que não se pode encarecer, e assim é melhor não dizer mais nada.

**3.** Uma vez havia estado assim mais duma hora, mostrando-me o Senhor coisas admiráveis, parecendo-me que não se tirava de ao pé de mim. Disse-me: *Olha, filha, o que perdem os que são contra Mim; não deixes de lhes dizer isto.* Ai! Senhor meu! e que pouco aproveita o eu falar àqueles a quem suas obras cegam, se Vossa Majestade não lhes dá luz! A algumas pessoas a quem Vós a tendes dado, têm-lhes aproveitado saber as Vossas grandezas; mas vêem-nas, Senhor meu, manifestadas a coisa tão ruim e miserável, que eu tenho em muito o ter-me acreditado alguém. Bendito seja o Vosso nome e misericórdia, pois - ao menos eu - tenho visto em minha alma conhecida melhoria.

Quisera ela depois ficar-se sempre ali e não tornar a viver, porque foi grande o desprezo que me ficou de quanto é cá de baixo; parecia-me lixo e vejo quão baixamente nos ocupamos os que nos detemos nisto.

**4.** Quando estava com aquela senhora que tenho dito, aconteceu-me, uma vez, sentir-me mal do coração (porque, como já o disse, tenho sofrido muito dele, embora já não sofra), como ela era de muita caridade, me fez tirar, para as ver, jóias de ouro e pedras preciosas, que as tinha de grande valor, em especial uma de diamantes avaliada em muito.

Ela pensou que me alegraria com isso. Eu estava-me rindo comigo mesma e tendo compaixão de ver o que os homens estimam, recordando-me do que o Senhor nos tem guardado e pensava quão impossível me seria, embora eu a mim mesma me quisesse convencer, ter em conta aquelas coisas, se o Senhor não me tirasse a lembrança de outras.

É isto um grande senhorio para a alma, tão grande que não sei se o entenderá senão quem o possuir; é o verdadeiro e natural desapego, que nos vem sem esforço nosso, pois tudo é feito por Deus. É que Sua Majestade mostra estas verdades de tal modo, que ficam tão impressas, que se vê claramente que, por nós mesmos, não poderíamos adquirir isto, desta maneira, em tão breve tempo.

**5.** Ficou-me também pouco medo à morte, a qual eu sempre temia muito. Parece-me agora coisa facilíma para quem serve a Deus, porque num momento se vê a alma

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

livre deste cárcere e posta em descanso. Este levar Deus o espírito nestes arroubamentos, e mostrar-lhe coisas tão sublimes, afigura-se-me a mim muito semelhante a quando uma alma sai do corpo, que num instante se vê em todo este bem; deixemos as dores de quando se arranca, que disso pouco caso se há-de fazer; e, os que deveras amarem a Deus e tiverem dado de mão às coisas desta vida, mais suavemente devem morrer.

**6.** Também me parece que me aproveitou muito para conhecer a nossa verdadeira pátria e ver que somos cá na terra peregrinos, e grande coisa é ver o que há por lá e saber onde havemos de viver.

Porque, se alguém tem de ir viver com sossego em uma terra, é-lhe de grande ajuda para passar os trabalhos do caminho, já ter visto que é lugar onde há-de viver muito a seu descanso; é-o também para considerar com facilidade as coisas celestiais e procurar que seja lá a nossa conversação.

Isto é de muito lucro. Só o olhar para o Céu recolhe a alma, porque, como o Senhor se dignou mostrar algo do que lá há, está-se pensando no que se viu, e acontece-me, algumas vezes, que os que me acompanham e com quem me consolo, são os que eu sei que lá vivem; esses é que verdadeiramente me parecem os vivos, e os que cá vivem tão mortos, que todo o mundo, dir-se-ia, não me faz companhia, em especial quando tenho aqueles ímpetos.

**7.** Tudo me parece um sonho e que é burla o que vejo com os olhos do corpo. O que já tenho visto com os da alma, é o que ela deseja e, como se vê longe, este é o morrer. Enfim, é grandíssima a mercê que o Senhor faz a quem dá semelhantes visões; porque a ajuda muito e também a levar uma pesada cruz, porque nada a satisfaz, tudo lhe dá no rosto. E se o Senhor não permitisse, às vezes, que se olvidasse, embora se torne a lembrar, não sei como se poderia viver. Bendito seja e louvado para sempre jamais!

Praza a Sua Majestade, pelo Sangue que Seu Filho derramou por mim, visto ter querido que eu entenda alguma coisa de tão grandes bens e comece de algum modo a gozar deles, não me aconteça o mesmo que a Lúcifer que, por sua culpa, perdeu tudo. Não o permita Ele por quem é! Não tenho pouco temor algumas vezes, embora por outra parte, e é muito habitual, a misericórdia de Deus dá-me segurança de que, pois me tirou de tantos pecados, não quererá deixar-me de Sua mão, para que me perca.

Isto suplico eu a V. Mercê que sempre Lhe peça.

**8.** Não são porém tão grandes as ditas mercês, segundo julgo, como esta que agora direi, por muitas causas e grandes bens que dela me ficaram, particularmente a grande fortaleza de alma; embora vista cada coisa de per si é, porém, tão grande que não há com que a comparar.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**9.** Um dia, na véspera do Espírito Santo, depois da Missa, fui para um lugar bem apartado, onde eu rezava muitas vezes, e comecei a ler num *Cartusiano* o referente a esta festa. Lendo os sinais que devem ter os que começam e aproveitam e os perfeitos, para se conhecer se está com eles o Espírito Santo, e depois de ter lido estes três estados, pareceu-me, tanto quanto podia perceber, que, por bondade de Deus, não deixava Ele de estar comigo. Estando-O eu louvando e recordando-me que, dum outra vez que o tinha lido, estava bem falha de tudo aquilo, que isso via eu muito bem, assim como agora entendia o contrário de mim, conheci que era grande a mercê que o Senhor me tinha feito E assim comecei a considerar o lugar que tinha merecido no inferno pelos meus pecados e dava muitos louvores a Deus, porque me parecia que nem conhecia a minha alma tanto a via mudada.

Estando nesta consideração deu-me um ímpeto grande sem entender o motivo; parecia que a alma me queria sair do corpo - cabia nele, nem se achava capaz de esperar tanto bem Era ímpeto tao excessivo, que eu não o podia reprimir e segundo me parece, diferente de outras vezes, nem entendia o que tinha a alma nem o que queria, que tão altera a estava. Encostei-me, que nem sentada podia estar, porque m faltava toda a força natural.

**10.** Estando nisto, vejo sobre minha cabeça uma pomba, bem diferente das de cá, porque não tinha penas, senão que as asas eram de umas conchinhas que despediam de si grande resplendor. Era grande, maior que uma pomba normal. Parece-me que ouvia o ruído que ela fazia com as asas. Estaria adejando pelo espaço de uma Ave-Maria. Já a alma estava de tal sorte que, perdendo-se a si de si, a perdeu de vista.

Acalmou-se o espírito com tão bom Hóspede, que, segundo meu parecer, merce tao maravilhosa o devia desassossegar e espantar; e logo que a começou a gozar, perdeu o medo e começou a quietação com o gozo ficando em arroubamento.

**11.** Foi grandíssima a glória deste arroubamento. Fiquei o resto desta Páscoa tão desatinada e tonta, que não sabia que fazer de mim, nem como cabia em mim tão grande favor e mercê. Não ouvia nem via, por assim doze!, com o grande gozo interior. Desde aquele dia percebi ficar com grandíssimo aproveitamento no mais subido amor de Deus e as virtudes muito mais fortalecidas. Seja Ele bendito e louvado para sempre. Amen.

**12.** De outra vez vi a mesma pomba sobre a cabeça de um padre da Ordem de São Domingos, salvo que me pareceu que se estendiam muito mais os raios e resplendores das mesmas asas. Deu-se-me a entender que havia de levar almas para Deus.

**13.** Outra vez vi estar Nossa Senhora pondo uma capa muito branca ao Presentado desta mesma Ordem, de quem tenho falado algumas vezes.

Disse-me Ela que, pelo serviço que ele Lhe tinha feito em ajudar a que fizesse

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

esta casa, lhe dava aquele manto em sinal de que, daí em diante, guardaria a sua alma limpa e não cairia em pecado mortal. Eu tenho por certo que assim foi; porque daí a poucos anos morreu, e a vida que viveu foi de tanta penitência e a morte com tanta santidade, que, tanto quanto se pode conhecer, não há que pôr isto em dúvida. Disse-me um frade, que tinha assistido à sua morte, que, antes de expirar, disse-lhe que estava com ele S. Tomás. Morreu com grande gozo e desejo de sair deste desterro.

Depois, tem-me aparecido algumas vezes com muita glória e dito algumas coisas. Tinha tanta oração, quando morreu, que, embora se quisesse dispensar dela pela grande fraqueza em que estava, não podia, porque tinha muitos arroubamentos. Escreveu-me pouco antes de morrer a perguntar de que meio se teria de servir, porque, quando acabava de dizer Missa, ficava em arroubamento muito tempo, sem o poder evitar. Deu-lhe Deus, no fim, o prémio do muito que O tinha servido toda a sua vida.

**14.** Do Reitor da Companhia de Jesus, de quem algumas vezes fiz menção, tenho visto algumas coisas das grandes mercês que o Senhor lhe fazia, que, para não me alongar, não as escrevo aqui. Aconteceu-lhe uma vez um grande trabalho em que foi muito perseguido e viu-se muito aflito.

Estando eu um dia ouvindo Missa, vi Cristo na cruz, à elevação da Hóstia.

Disse-me algumas palavras para que lhas dissesse, de consolação, e outras, prevenindo-o do que estava por vir e lembrando-lhe o que Ele tinha padecido por ele e que se preparasse para sofrer. Deu-lhe isto muita consolação e ânimo, e tudo se passou depois, como o Senhor me disse.

**15.** Dos da Ordem deste Padre, que é da Companhia de Jesus, e de toda a Ordem junta, tenho visto grandes coisas. Vi-os no Céu com bandeiras brancas nas mãos algumas vezes e, como digo, outras coisas tenho visto deles de muita admiração; e assim tenho esta Ordem em grande veneração, porque os tenho tratado muito e vejo que se conforma a sua vida com o que o Senhor me tem dado a entender deles.

**16.** Estando uma noite em oração, começou-me o Senhor a dizer algumas palavras, trazendo-me com elas à memória quão má tinha sido minha vida, que me faziam grande confusão e pena. Porque, embora não sejam ditas com rigor, causam uma mágoa e pena, que me desfazem. Sente-se com uma palavra destas, maior aproveitamento em conhecermo-nos a nós mesmos que em muitos dias em que consideremos a nossa miséria; porque cada uma traz em si esculpida uma tal verdade que não a podemos negar. Representou-me as afeições que eu, com tanta vaidade, havia tido e disse-me que tivesse em muito o Ele querer, e em admitir que Lhe fosse dedicada uma amizade que tão mal se havia gasto como a minha.

Outras vezes disse-me que me lembrasse do tempo em que parecia que eu tinha por honra ir contra a Sua. E ainda em outras, que me recordasse do que eu Lhe

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

devia, pois quando Lhe dava maior golpe, estava-me Ele fazendo mercês. Se tinha cometido algumas faltas, e não são poucas, de tal maneira Sua Majestade mas dá a entender, que toda eu parece que me desfaço, e como tenho muitas, é muitas vezes. Quando me acontecia repreender-me o confessor, e eu querer-me consolar na oração, era ali que encontrava a verdadeira repreensão.

**17.** Voltando ao que dizia: como o Senhor me começou a trazer à memória a minha ruim vida, ao virem-me as lágrimas (como então, segundo me parecia, nada tinha feito), pensei que me queria fazer alguma mercê.

É que, muito de ordinário, quando recebo alguma particular mercê do Senhor, é depois de eu me ter primeiro desfeito a mim mesma. Penso que o Senhor o deve assim fazer para que veja bem claro quão longe estou de as merecer.

Pouco depois, foi tão arrebatado o meu espírito que quase me pareceu que estava de todo fora do corpo; pelo menos, não se percebe que se vive nele. Vi a Humanidade Sacratíssima, com tão excessiva glória como jamais a tinha visto. Representou-se-me, por uma notícia admirável e clara, estar Ele metido no seio do Pai. Isto não o saberei eu dizer como é, porque, sem ver, pareceu-me que me via na presença daquela Divindade.

Fiquei tão espantada e de tal maneira, que passaram alguns dias, ao que recorro que não podia voltar a mim e sempre me parecia que trazia presente aquela majestade do Filho de Deus, embora não fosse como da primeira vez. Isto bem o entendia eu, senão que fica tão esculpido na imaginação -por breve que tenha sido - que não o pode tirar da lembrança por algum tempo e é de muito consolo e também aproveitamento.

**18.** Tive esta mesma visão ainda outras três vezes. É, a meu parecer, a mais subida visão que o Senhor me fez mercê de ver e traz consigo grandíssimos proveitos. Parece que purifica a alma de grande modo e tira quase de todo a força a esta nossa sensualidade. É uma grande chama que parece que abrasa e aniquila todos os desejos da vida; porque, como eu, graças a Deus, já não os tinha em coisas vãs, aqui se me declarou bem como tudo era vaidade e quão vãos e quão vãos são os senhorios de cá da terra. É grande ensinamento para levantar os desejos à pura verdade.

Deixa impresso um acatamento que não saberei dizer como é, mas muito diferente do que aqui podemos adquirir. Causa grande espanto à alma ver como se atrevem, ou como alguém se pode atrever, a ofender uma Majestade tão imensamente grande.

**19.** Algumas vezes terei dito estes efeitos de visões e outras coisas, mas já disse também que há mais e menos aproveitamento; desta fica grandíssimo.

Quando me aproximava para comungar e me lembrava daquela Majestade grandíssima que tinha visto e via que era Ele que estava no Santíssimo Sacramento

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

(e muitas vezes quer o Senhor que O veja na Hóstia), os cabelos se me arrepiavam e dir-se-ia que toda eu me aniquilava.

Ó Senhor meu! se não encobrisseis assim a Vossa grandeza, quem ousaria chegar a unir tantas vezes uma coisa tão suja e miserável com uma tão grande Majestade? Bendito sejais, Senhor! Louvem-Vos os anjos e todas as criaturas, pois assim acomodais as coisas à nossa fraqueza, para que, gozando de tão soberanas mercês, não nos espante o Vosso grande poder, a ponto de que nem mesmo nos atrevêssemos a gozá-las, como gente fraca e miserável.

**20.** Poderia acontecer-nos o mesmo que sucedeu a um lavrador, e isto eu sei de certeza que se passou assim. Encontrou um tesouro e, como era maior do que cabia em seu ânimo, que era baixo, ao ver-se com ele, deu-lhe uma tal tristeza que, pouco a pouco, veio a morrer de pura aflição e cuidado de não saber o que lhe havia de fazer. Se ele não o tivesse achado assim todo junto, mas pouco a pouco lho fossem dando e sustentando com ele, viveria mais contente do que sendo pobre, e não lhe custaria a vida.

**21.** Ó Riqueza dos pobres! como sabeis admiravelmente sustentar as almas e, sem que vejam tão grandes riquezas, pouco a pouco lhas ides mostrando!

E assim, quando eu vejo - desde então para cá - uma Majestade tão grande oculta em urna coisa tão pequena como é uma Hóstia, não posso deixar de me admirar de tão grande sabedoria. Não sei mesmo como o Senhor me dá ânimo e esforço para me chegar a Ele; porque se mo não desse, Ele que me tem feito e ainda faz tão grandes mercês, nem seria possível eu poder dissimular a minha admiração nem deixar de dizer em altas vozes tão grandes maravilhas. Que sentirá, pois, uma miserável como eu, carregada de abominações e que com tão pouco temor de Deus tem gasto sua vida, de se ver aproximar a este Senhor de tão grande majestade, quando Ele quer que minha alma O veja? Como há-de juntar uma boca que tantas palavras tem dito contra o mesmo Senhor, àquele Corpo gloriosíssimo, cheio de pureza e piedade? O amor que mostra aquele rosto de tanta formosura com uma tal ternura e afabilidade, magoa e aflige muito mais a alma, por não O ter servido, do que lhe infunde temor a majestade que nele vê.

Mas, que poderia eu sentir das duas vezes que vi isto que adiante digo?

**22.** Certo é, Senhor meu e glória minha, que estou em dizer que, nestas grandes aflições que sente a minha alma, eu tenho de certo modo feito alguma coisa em Vosso serviço. Ai! que já não sei o que digo, pois quase já não sou eu a falar ao escrever isto! porque me acho perturbada e um tanto fora de mim, por ter trazido de novo à memória estas coisas. Pudera bem dizer, Senhor meu, ter feito alguma coisa por Vós, se este sentimento me viesse de mim; mas como não pode haver bom pensamento se Vós não o dais, não há de que me agradecer. Eu sou a devedora, Senhor, e Vós o ofendido.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**23.** Chegando-me eu uma vez para comungar, vi com os olhos da alma, mais claro que com os do corpo, dois demónios de mui abominável figura.

Parecia-me que, com seus chifres, cingiam a garganta do pobre sacerdote.

E na Hóstia que me ia dar, vi o meu Senhor, com a Majestade que tenho dito, posto naquelas mãos, que bem se via serem ofensoras Suas. Entendi estar aquela alma em pecado mortal.

Que seria, Senhor meu, ver Vossa formosura entre figuras tão abomináveis? Estavam eles como que amedrontados e espantados diante de Vós, e julgo que de boa vontade fugiriam, se Vós os deixásseis ir. Causou-me tão grande perturbação, que não sei como pude comungar e fiquei com grande temor, parecendo-me que, se fora visão de Deus, não permitiria Sua Majestade que visse o mal que estava naquela alma. Disse-me o mesmo Senhor que rogasse por ele, e que o havia permitido para que eu entendesse a força que tinham as palavras da consagração, e como não deixa Deus de estar ali, por mau que seja o sacerdote que as pronuncia, e para que visse a Sua grande bondade, pondo-se naquelas mãos de Seu inimigo, e tudo para bem meu e de todos.

Entendi bem quanto mais obrigados estão os sacerdotes a ser bons do que outros, e que terrível coisa é receber este Santíssimo Sacramento indignamente, e a que ponto o demónio é senhor da alma que está em pecado mortal. Aproveitou-me isto muitíssimo e deu-me um grande conhecimento do que devia a Deus. Seja bendito para sempre.

**24.** Outra vez aconteceu-me outra coisa que me espantou muitíssimo.

Estava eu num lugar onde morreu certa pessoa que tinha vivido muito mal, segundo soube, e muitos anos; mas havia dois que estava enfermo e em algumas coisas parece que estava emendado. Morreu sem confissão, mas apesar disto, não me parecia que se condenaria. Estando-se amortalhando o corpo, vi muitos demónios pegarem naquele corpo, e dir-se-ia que jogavam com ele e faziam também justiça nele, o que me encheu de um grande pavor, pois com grandes garfos o passavam duns aos outros. Quando o vi levar a enterrar com a honra e cerimónias que se dão a todos, estava eu pensando em como a bondade de Deus não queria que fosse difamada aquela alma, mas que ficasse encoberto o ela ser Sua inimiga.

**25.** Estava eu meia tonta com o que tinha visto. Durante todo o Ofício não vi mais nenhum demónio. Depois, quando deitaram o corpo na sepultura, era tanta a multidão deles que estavam dentro para pegar nele, que eu estava fora de mim de o ver, e não era preciso pouco ânimo para o dissimular. Considerava o que fariam daquela alma quando assim se assenhoreavam do triste corpo. Prouvera ao Senhor que isto que eu vi - coisa tão espantosa! - vissem todos os que estão em mau estado, pois me parece seria grande meio para os fazer viver bem.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Tudo isto me faz conhecer mais o que devo a Deus e do que me livrou. Andei muito temerosa até que tratei disto com meu confessor, pensando se seria ilusão do demónio para difamar aquela alma, ainda que não fosse tida por ser de muita cristandade. A verdade é que, embora não fosse ilusão, sempre me causa temor quando me lembro.

**26.** Já que comecei a dizer visões de defuntos, quero dizer algumas coisas que, neste caso, o Senhor tem sido servido que eu veja dalgumas almas. Direi poucas para abreviar e por não ser necessário, digo, para nenhum aproveitamento.

Disseram-me que tinha morrido um Provincial que havia sido nosso (e quando morreu o era de outra Província), com quem eu tinha tratado e era devedora de alguns favores. Era pessoa muito virtuosa. Quando soube que tinha morrido, deu-me muita perturbação, porque temi pela sua salvação, pois havia sido vinte anos prelado, coisa que, em verdade, eu temo muito, por me pareci de muito perigo o ter encargo de almas. E, em muita aflição, fui para um oratório. Dei-lhe todo o bem que tinha feito em minha vida, que seria bem pouco, e assim disse ao Senhor que suprissem Seus méritos o que faltasse àquela alma para sair do Purgatório.

**27.** Estando eu a pedir ao Senhor o melhor que podia, pareceu-me que saía do centro da terra, a meu lado direito, e vi-o subir ao Céu com grandíssima alegria. Ele era já bem velho, mas vi-o de idade de trinta anos, e ainda menos me pareceu, e com grande resplendor no rosto. Passou mui brevemente esta visão, mas fiquei em tanto extremo consolada, que nunca mais me pôde dar pena a sua morte, ainda que visse aflitas muitas pessoas por ele, pois era muito benquisto. Era tanto o consolo que tinha a minha alma, que nada se me dava, nem podia duvidar de que era boa a visão, digo, que não era ilusão.

Não havia mais de quinze dias que tinha morrido. Contudo, não me descuidei de procurar que o encomendassem a Deus e fazê-lo eu também, mas não o podia fazer com aquele empenho que teria se não tivesse visto isto. Quando assim o Senhor me mostra alguma alma e depois eu a quero encomendar a Sua Majestade, parece-me, sem mais estar em meu poder, que é como dar esmola a rico. Soube depois - porque morreu bem longe daqui - a morte que o Senhor lhe deu, que foi de tanta edificação que a todos deixou espantados do conhecimento e lágrimas e humildade com que morreu.

**28.** Tinha morrido, na casa, uma freira, grande serva de Deus, havia pouco mais de dia e meio. Estando uma outra freira dizendo uma lição do Ofício de Defuntos, que por ela se rezava no coro, eu estava de pé para com ela dizer o versículo. A meio da lição vi, me pareceu, que saía sua alma do mesmo lugar que da visão anterior e que ia para o Céu. Esta não foi imaginária, como a anterior, senão como outras que tenho dito; e destas não se duvida mais de que daquelas que se vêem.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**29.** Morreu também, na minha mesma casa, outra freira. Desde há dezoito ou vinte anos sempre tinha sido enferma, e muito serva de Deus, amiga do coro e muito virtuosa. Certo é que pensei que não entrara no Purgatório, porque eram muitas as enfermidades que tinha padecido, senão que lhe sobrariam méritos. Estando rezando as Horas, antes que a enterrassem, haveria umas quatro horas que morrera, entendi que saía do mesmo lugar e ia para o Céu.

**30.** Estando num colégio da Companhia de Jesus, com os grandes trabalhos que tinha e tenho algumas vezes de alma e corpo, como já disse, estava de sorte que nem sequer um bom pensamento, segundo me parece, podia admitir. Tinha morrido nessa noite um irmão daquela casa da Companhia a, e estando eu, conforme podia, encomendando-o a Deus e ouvindo missa de outro padre da Companhia por ele, deu-me um grande recolhimento e vi-o subir ao Céu, com muita glória e o Senhor ia com ele.

Entendi que era particular favor de Sua Majestade.

**31.** Outro frade da nossa Ordem, muito bom religioso, estava muito mal. Estando eu à missa, veio-me um recolhimento e vi que tinha morrido e subia ao Céu sem passar pelo Purgatório. Morreu naquela mesma hora em que o vi, segundo soube depois. Eu me espantei de não ter entrado no Purgatório. Entendi que, por ter sido frade e ter guardado bem a sua profissão, lhe tinham aproveitado as Bulas da Ordem para não entrar no Purgatório. Não sei por que entendi isto; parece-me que deve ser porque não está o ser frade no hábito, quero dizer, em trazê-lo, para gozar do estado de mais perfeição, mas em sê-lo.

**32.** Não quero dizer mais destas coisas; porque, como tenho dito, não há porquê, embora sejam muitas as que o Senhor me tem feito mercê que veja. Mas, de todas as que tenho visto, não tenho entendido deixar nenhuma alma de entrar no Purgatório se não a de este Padre e a de santo Frei Pedro de Alcântara e a do Padre Dominicano de que falei. De alguns foi o Senhor servido que veja os graus de glória que têm, representando-se-me os lugares em que estão. É grande a diferença que há de uns a outros.

### CAPÍTULO 39

*Prosegue na mesma matéria das grandes mercês que lhe tem feito o Senhor e com o lhe prometeu favorecer as pessoas por quem ela lhe pedisse.- Diz algumas coisas assinaladas nas quais Sua Majestade lhe tem feito este favor.*

**1.** Estando uma vez importunando muito ao Senhor para que desse vista a uma pessoa que a tinha quase de todo perdida, e a quem eu devia obrigações e por ela sentia grande dó, temia que, por meus pecados, o Senhor não me ouvisse. Ele apareceu-me como de outras vezes e começou a mostrar-me a chaga da mão

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

esquerda, e com a outra arrancava um grande cravo que nela tinha metido. Parecia-me que, ao arrancá-lo, arrancava a carne.

Via-se bem a grande dor que muito me condoía, e disse-me que não duvidasse de que, quem aquilo havia passado por mim, melhor faria o que eu Lhe pedisse. Já sabia que nada Lhe pediria, senão o que fosse conforme à Sua glória, e assim faria isto que agora pedia. Advertisse a que, mesmo quando não O servia, não Lhe pedira coisa que Ele não ma tivesse feito melhor de que eu a soubera pedir. Quanto mais o faria então agora que sabia que O amava. Não duvidasse disto.

Não creio passassem oito dias que o Senhor não voltasse a dar vista àquela pessoa. Isto soube-o logo o meu confessor. Bem pode ser que não fosse por minha oração, mas, como eu tinha tido esta visão, ficou-me uma certeza de que era por mercê feita a mim; dei graças a Sua Majestade.

**2.** Outra vez estava uma pessoa muito mal de uma enfermidade muito penosa que, por não saber de que natureza, não a nomeio aqui. Era coisa incomportável o que padecia, havia já dois meses. Estava num tormento que se despedaçava. Foi vê-la o meu confessor, que era o Reitor de quem tenho falado, e causou-lhe grande lástima e disse-me que de todo o modo a fosse ver, pois era pessoa a quem o podia fazer, por ser meu parente. Fui e comovi-me a ponto de ter tanta compaixão dele, que comecei a pedir importunamente a sua saúde ao Senhor. Nisto vi claramente, sem me ficar qualquer dúvida, a mercê que me fez; porque logo, no outro dia, estava de todo bom daquela dor

**3.** Estava, uma vez, com grandíssimo pesar, porque sabia que uma pessoa, a quem eu devia muitas obrigações, queria fazer uma coisa muito contra Deus e a sua própria honra, e estava já muito determinada a isso. Era tanta a minha aflição que não sabia que fazer; remédio para que desistisse, parecia já não haver. Supliquei a Deus, muito do coração, que lho desse, mas, enquanto o não via, não se podia aliviar a minha pena.

Fui-me, nesta aflição, a uma ermida bem apartada, que as há neste mosteiro, e estando eu numa onde está Cristo atado à coluna, suplicando-Lhe que me fizesse esta mercê, ouvi que me falava uma voz muito suave, como envolta num silvo. Eu arrepiei-me toda, pois me causou temor.

Quisera eu entender o que me dizia, mas não pude. Passou muito rapidamente.

Passado o meu temor, que foi breve, fiquei com um sossego e gozo e deleite interior, que me espantei, pois, só o ouvir uma voz (que isto ouvi-o e com os ouvidos corporais, e sem entender palavra) produziu tanto na alma. Por isto, vi que se havia de fazer o que pedia, e assim foi que se me tirou de toda a pena em coisa que ainda não era, tal como se já o visse feito, como foi depois. Disse-o a meus confessores, que tinha então dois, bem letrados e servos de Deus.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**4.** Sabia que uma pessoa que se determinara a servir muito deveras a Deus e tido alguns dias oração, na qual Sua Majestade lhe fazia muitas mercês, a tinha deixado por certas ocasiões bem perigosas que teve, e das quais ainda não se apartara. A mim deu-me isto grandíssima pena, por ser pessoa a quem eu queria e devia muito. Creio que foi mais de um mês que eu não fazia senão suplicar a Deus que tornasse esta alma para Si.

Estando um dia em oração, vi um demónio ao pé de mim que, com muita raiva, fez em pedaços uns papéis que tinha na mão. A mim deu-me isto um grande consolo, pois me pareceu que se havia feito o que eu pedia; assim foi, pois soube mais tarde que tinha feito uma confissão com grande contrição e voltou tão deveras para Deus que, espero em Sua Majestade, há-de ir sempre muito adiante. Seja bendito por tudo. Amen.

**5.** Isto, de Nosso Senhor tirar almas de pecados graves por eu Lho suplicar, e trazer outras a mais perfeição, acontece muitas vezes. Quanto a tirar almas do Purgatório e outras coisas assinaladas, são tantas as mercês que o Senhor me tem feito, e muitas mais a favor da saúde das almas que dos corpos que seria cansar-me e cansar a quem as lesse, se as houvesse de dizer todas. Isto tem sido coisa muito conhecida e há bastantes testemunhas.

Logo, dava-me muito escrúpulo, porque não podia deixar de crer que o Senhor o fazia por minha oração- deixemos o principal de ser só por Sua bondade- mas são já tantas as coisas e tão vistas por outras pessoas, que não me dá pena crê-lo e louvo a Sua Majestade. Fico porém confusa, porque vejo que sou mais devedora, e faz-me- a meu parecer-, crescer o desejo de O servir e aviva-se o amor. E o que mais me espanta é que, quando o Senhor vê que as coisas não convêm, eu não posso, embora queira, suplicar-Lhas, senão com tão pouca força, espírito e cuidado que, por mais que eu me queira esforçar, é-me impossível fazê-lo como em outras coisas que Sua Majestade há-de fazer, que então vejo que Lhas posso pedir muitas vezes e com grande importunação; embora eu não traga este cuidado, parece que mas fazem ter presentes diante de mim.

**6.** É grande a diferença entre estas duas maneiras de pedir. Não sei como o declarar; porque umas coisas, embora peça (pois não deixo de esforçar-me no suplicá-las ao Senhor, ainda que não sinta em mim aquele fervor como em outras, e por muito que me digam respeito), é como quem tem travada a língua que, embora queira falar, não pode e, mesmo que fale, é de modo que vê que não o entendem; ou como quem fala claro e desembaraçadamente a quem vê que de boa vontade o está ouvindo. O primeiro, digamos agora, pede-se como em oração vocal; e o outro em contemplação tão subida, que o Senhor se representa de maneira que se entende que Ele nos entende, e que Sua Majestade Se alegra de que Lho peçamos e de nos fazer mercê.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Seja bendito para sempre, que tanto dá e tão pouco Lhe dou eu. Porque, que faz, Senhor meu, quem de todo se não desfaz por Vós? E quanto, quanto, quanto - e outras mil vezes o posso dizer -, me falta para isto! Por isso não havia de querer viver, ainda que haja outras causas, porque não vivo conforme ao que Vos devo; Com quantas imperfeições me vejo! Com que frouxidão em servir-Vos! E certo que, algumas vezes, me parece quereria estar sem sentir, para não entender tanto mal de mim. Ele, que pode, que o remedeie!

**7.** Estando eu em casa daquela Senhora que já disse, tinha necessidade de andar com cuidado a considerar sempre a vaidade que trazem consigo todas as coisas da vida, porque era muito estimada e muito louvada e ofereciam-se-me assim muitas coisas a que bem me poderia apegar, se olhasse a mim mesma; mas olhava Aquele que possui a verdadeira visão de tudo, a fim de não me deixar de Sua mão ...

**8.** Agora que falo de "verdadeira visão", lembro-me dos grandes trabalhos que passam (as pessoas a quem Deus tem dado a conhecer o que é a verdade), em tratar nestas coisas da terra, onde ela tanto se encobre, como o Senhor me disse uma vez. Que muitas coisas das que escrevo aqui não são de minha cabeça, senão que mas dizia este meu Mestre celestial. E assim, nas coisas em que digo assinaladamente: «isto entendi», ou «isto me disse o Senhor», faz-me grande escrúpulo pôr ou tirar uma só sílaba que seja.

Quando de tudo não me recordo bem exactamente, vai como coisa dita por mim, ou porque também algumas o serão. Não chamo meu ao que é bom, pois já sei não há coisa em mim que o seja, senão o que, tão sem eu o merecer, me tem dado o Senhor; assim chamo «dito por mim», o que não me foi dado a entender em revelação.

**9.** Mas, ai, Deus meu! e como até nas coisas espirituais queremos muitas vezes julgar as coisas pelo nosso parecer e muito torcidas da verdade, tal como nas do mundo! E julgamos que havemos de medir o nosso aproveitamento pelos anos que temos de algum exercício de oração e até parece que queremos pôr limite Àquele que, sem medida alguma, dá os Seus dons quando quer, e pode dar em meio ano mais a uma alma do que a outra em muitos! E isto é coisa tão vista por mim em muitas pessoas, que eu me espanto como nos podemos deter nisto.

**10.** Creio bem que não cairá neste engano quem tiver talento de conhecer espíritos e Lhe tenha dado o Senhor humildade verdadeira. Este julga pelos efeitos e determinação e amor, e dá-lhe o Senhor luz para que isto conheça.

E nisto olha ao adiantamento e aproveitamento das almas, e não aos anos, pois, em meio ano, pode um ter alcançado mais de que outro em vinte; porque, como digo, dá o Senhor a quem quer e ainda a quem melhor se dispõe. Porque vejo agora vir para esta casa umas donzelas que são de pouca idade e, em tocando-as Deus e dando-lhes um pouco de luz e amor- digo naquele pouco de tempo em que lhes fez

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

algum regalo - não O fizeram esperar, nada se lhes pôs diante, pois, sem se lembrarem do comer, se encerram para sempre em casa sem renda, como quem não estima a vida senão por Aquele que sabem que lhes tem amor. Deixando tudo, não querem ter vontade, nem se lembram do que se podem desgostar em tanto encerramento e austeridade. Todas juntas se oferecem a Deus em sacrifício.

**11.** Quão de boa vontade lhes dou eu aqui a vantagem e devia andar envergonhada diante de Deus! Porque o que Sua Majestade não acabou de conseguir de mim em tanta multidão de anos como os que há desde que comecei a ter oração e Ele a fazer-me mercês, consegue delas em três meses -e até com alguma em três dias -, com fazer-lhes muitas menos de que a mim, embora bem lhes pague Sua Majestade. Bem certo é, porém, que não estão descontentes pelo que têm feito por Ele.

**12.** Para isto queria eu que nos recordássemos dos muitos anos, os que os temos de profissão e as pessoas que os têm de oração, e não para afligir aos que, em pouco tempo, vão mais adiante, fazendo-os voltar atrás, para que andem a nosso passo; e, aos que voam como águias, com as mercês que Deus lhes faz, queremos-los fazer andar como frango travado, mas ponhamos os olhos em Sua Majestade, e se os virmos com humildade, é largar-lhes as rédeas, que o Senhor, que lhes faz tantas mercês, não deixará que se despenhem.

Eles entregam-se confiadamente a Deus, pois para isto lhes aproveitam as verdades que conhecem da fé; e não os havemos nós de fiar a Ele, senão que os queremos medir pela nossa medida, conforme aos nossos baixos ânimos? Não assim; mas, se não alcançamos seus grandes efeitos e determinações, que sem experiência mal se podem entender, humilhem-nos e não os condenemos; porque, parecendo que olhamos ao seu proveito, o tiramos a nós mesmos e perdemos esta ocasião que o Senhor nos proporciona para nos humilharmos e vermos o que nos falta.

Quanto mais desapegadas e unidas a Deus devem estar essas almas do que as nossas, pois Sua Majestade tanto se chega a elas!

**13.** Não entendo outra coisa nem queria entender, senão que oração de pouco tempo que produz efeitos muito grandes que logo se percebem (pois é impossível deixar tudo só para contentar a Deus, sem grande força de amor), mais a quisera eu do que a de muitos anos, em que a alma nunca acabou por se determinar mais no último dia do que no primeiro, a fazer por Deus coisa que não seja nada, a menos que umas coisitas miúdas como sal, que não têm peso nem tomo - que parece um pássaro as levará no bico - as tenhamos por grande efeito e mortificação; é que fazemos caso de certas coisas que fazemos pelo Senhor, que é lástima nos apercebamos delas, ainda que se fizessem muitas.

Eu sou assim e a cada passo esquecerei as mercês. Não digo eu que Sua Majestade não as terá em muito, porque é bom; mas quisera eu não fazer caso

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

delas, nem ver que as faço, porquanto não são nada. Mas perdoai-me, Senhor meu, e não me culpeis, pois com alguma coisa me hei-de consolar, visto que em nada Vos sirvo. Se em coisas grandes Vos servira, não faria caso das ninharias. Bem-aventuradas as pessoas que Vos servem com obras grandes! Se, o ter-lhes eu inveja e desejar imitá-las se me leva em conta, não ficarei muito atrás em contentar-Vos; mas não valho nada, Senhor meu. Ponde Vós em mim o valor, pois tanto me amais.

**14.** Tendo chegado um destes dias um Breve de Roma, a fim de que este mosteiro não possa possuir renda, acabou-se de todo a fundação que, me parece, custou algum trabalho. E aconteceu-me que, estando eu consolada de o ver assim concluído e pensando nos trabalhos que tinha tido e louvando o Senhor, que de algum modo se havia querido servir de mim, comecei a pensar em tudo quanto tinha passado. Assim, em cada uma das coisas em que parecia eu ter feito algo, achava muitas faltas e imperfeições e, às vezes, pouco ânimo e muito pouca fé. É que até agora, eu nunca acabava de crer determinadamente que se havia de cumprir tudo quanto o Senhor me disse que se faria desta casa, mas tão pouco o podia duvidar.

Não sei como era isto. Por um lado, me parecia muitas vezes impossível e, por outro, não podia duvidar, digo, crer que não se havia de fazer. Enfim, achei que era o Senhor que, de Sua parte, tinha feito o bem, e o mal que era da minha. E assim deixei de pensar nisso, e quisera não se me recordasse, para não tropeçar com tantas faltas minhas. Bendito seja Ele que de todas tira o bem quando é servido. Amen.

**15.** Digo pois que é perigoso ir contando os anos que se têm tido de oração, porque, embora haja humildade, penso que pode ficar um não sei quê de parecer que se merece alguma coisa pelos serviços feitos. Eu não digo que não o merecem, e ser-lhes-á bem pago; mas qualquer pessoa espiritual a quem parecer que, pelos muitos anos de oração, merece estes regalos de espírito, eu tenho por certo que não subirá ao cume dele.

Não é já muito que haja merecido que a tenha Deus de Sua mão para não O ofender como fazia antes de ter oração, senão que Lhe ponha pleito pelos seus dinheiros, como dizem? Não me parece isto profunda humildade. Bem pode ser que seja; mas eu tenho-o por atrevimento, pois, apesar de ter pouca humildade, não me parece ter-me jamais atrevido a isto. Bem pode ser que, como nunca O servi, nunca o tenha pedido; que porventura, se O tivesse servido, quisera mais de que todos que o Senhor mo pagasse.

**16.** Não digo que a alma não vá crescendo e que Deus não lhe dará a paga se a sua oração tem sido humilde; mas que se olvidem estes anos, pois tudo quanto podemos fazer é asco, em comparação de uma gota de sangue que o Senhor por nós derramou. E se servindo-O mais, ficamos mais devedores, que é isto que pedimos, pois se pagamos um maravedi da dívida, nos tornam a dar mil ducados? Por amor de



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Deus, deixemos estes juízos, que são Seus. Estas comparações sempre são más, ainda mesmo em coisas de cá de baixo. Que será pois no que só Deus sabe, e isto mostrou-o bem Sua Majestade quando pagou tanto aos últimos como aos primeiros?

**17.** Escrevi estas três folhas por tantas vezes e em tantos dias- porque tive e tenho, como disse, pouco vagar - que me ia esquecendo do que comecei a dizer. Era esta visão.

Vi-me, estando em oração, sozinha num grande campo, e em redor de mim muita gente de modos diversos que me cercava.

Todos, me parece, tinham armas nas mãos para me agredir: uns, lanças; outros, espadas; outros, adagas e outros, estoques muito compridos; enfim, eu não podia sair por nenhum lado sem me pôr em perigo de morte, e só, sem ninguém que se achasse do meu lado. Estando meu espírito nesta aflição, que no sabia que fazer de mim, levantei os olhos ao Ceu e vi Cristo, não no Ceu, mas bem por cima de mim, no ar, e me estendia a mão e de ali mesmo me favorecia, de maneira que eu não temia toda aquela outra gente; nem eles, embora quisessem, me podiam fazer dano.

**18.** Parece sem fruto esta visão, e tem-me feito grandíssimo proveito, porque deu-se-me a entender o que significava. Pouco depois, vi-me quase metida naquela bateria e conheci ser aquela visão uma Imagem do mundo, onde, tudo quanto nele há, parece que tem armas para ofender a triste alma.

Deixemos os que não servem muito ao Senhor, e as honras e fazendas e deleites e outras coisas semelhantes, que, claro está, enredam ou, pelo menos, procuram enredar a alma quando ela se não precata; mas falo de amigos, parentes e, o que mais me espanta, de pessoas muito boas.

De todos estes me vi depois tão atormentada, pensando eles que faziam bem, que eu nem sabia como defender-me, nem que fazer.

**19.** Oh! Valha-me Deus! Se dissesse as maneiras e diferenças de trabalhos que neste tempo tive, ainda depois do que atrás fica dito, como seria bom aviso para de todo a tudo aborrecer! Foi, julgo eu, a maior perseguição de quantas tenho passado! Digo que me vi por vezes tão perseguida de todas as partes, que só encontrava remédio em erguer os olhos ao Céu e chamar por Deus. Recordava-me bem do que tinha visto nesta visão. Serviu-me isto grandemente para não confiar muito em ninguém, porque não há quem seja estável senão Deus.

Sempre, nestes grandes trabalhos, tal como se me mostrara nesta visão, me enviava o Senhor uma pessoa da Sua parte, que me desse a mão, sem outro intento senão o de agradar ao Senhor. E assim tem sido para me ajudar a sustentar este pouquinho de virtude que eu tinha em desejar servir-Vos. Sede bendito para sempre!

**20.** Estava uma vez muito inquieta e alvorotada, sem me poder recolher, numa batalha e contenda e fugindo-me o pensamento para coisas que não eram perfeitas; até me parece que não estava com o desapego que costumo ter. Ao ver-me assim tão ruim, tive medo que as mercês que o Senhor me tinha feito fossem ilusões. Enfim, numa grande escuridão de alma. Estando eu com esta pena, começou-me a falar o Senhor, e disse-me que não me afligisse; em ver-me assim, compreenderia a miséria que eu seria, se Ele se apartasse de mim e que não há segurança enquanto vivemos nesta carne.

Deu-se-me a entender quão bem empregada é esta guerra e contenda em vista de tal prémio, e pareceu-me que o Senhor tinha lástima dos que vivemos no mundo. Que não pensasse eu que Ele me trazia esquecida; jamais me deixaria, mas que era preciso fazer eu o que estivesse na minha mão.

Isto me disse o Senhor com uma compaixão e ternura, e com outras palavras em que me fez grande mercê, que não há para que dizê-las.

**21.** Sua Majestade tem-me dito muitas vezes estas palavras, mostrando-me grande amor: *Já és minha e Eu sou teu*. As que eu sempre Lhe costumo dizer, e segundo me parece as digo com verdade, são estas: Que se me dá a mim, Senhor, de mim, senão de Vós? São para mim estas palavras e regalos de tão grandíssima confusão quando me lembro a que sou, que, como creio já ter dito outras vezes e agora o digo algumas a meu confessor, é preciso mais ânimo, me parece, para receber estas mercês, do que para passar grandíssimos trabalhos.

Quando isto se dá, estou quase esquecida das minhas obras, mas é um representar-se-me que sou ruim, sem discurso do entendimento, que também por vezes me parece sobrenatural.

**22.** Vêm-me algumas vezes umas ânsias tão grandes de comungar, que não sei se se poderiam encarecer. Aconteceu-me uma manhã que chovia tanto, que parecia não estar o tempo de modo a se poder sair de casa.

Estando eu fora dela, já estava tão fora de mim com aquele desejo, que, ainda que me pusessem lanças ao peito, me parece romperia por entre elas, quanto mais por água. Quando cheguei à Igreja, deu-me um grande arroubamento.

Pareceu-me que vi abrirem-se os céus, e não apenas uma entrada como de outras vezes tenho visto. Representou-se-me o trono que tenho visto outras vezes, como já disse a V. Mercê e outro acima dele, no qual, por um conhecimento que não sei dizer, entendi estar ali a Divindade, embora nada visse. Parecia-me o sustentavam uns animais; creio ter já ouvido a significação destes animais. Pensei se seriam os Evangelistas.

Mas, como era o trono e quem estava nele, isto não vi, senão uma muito grande multidão de anjos. Pareceram-me, sem comparação, de muito maior formosura que os que tenho visto no Céu. Tenho pensado se serão serafins ou querubins, porque

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

são muito diferentes na glória. Pareciam estar inflamados.

É grande a diferença entre eles, como tenho dito. A glória que então em mim senti não se pode descrever nem ainda dizer, nem a poderá imaginar quem não houver passado por isto.

Entendi estar ali, por junto, tudo quanto se pode desejar, e não vi nada. Disseram-me, e não sei quem, que o que eu ali podia fazer era entender que não podia entender nada, e ver o nada que era tudo em comparação daquilo. E assim, a minha alma envergonhava-se depois só de pensar que se poderia deter em alguma coisa criada, quanto mais de se afeiçoar a ela, porque tudo me parecia um formigueiro.

**23.** Comunguei e estive na missa, que não sei como pude estar. Pareceu-me ter decorrido apenas uns breves instantes. Espantei-me quando o relógio deu horas e vi que eram duas as que eu tinha passado naquele arroubamento e glória. Espantava-me depois, como, em vindo este fogo de verdadeiro amor de Deus, que dir-se-ia vir do alto - pois por mais que eu queira e procure e me desfaça por ele, a não ser quando Sua Majestade o quer dar, como de outras vezes já tenho dito, nada sou nem posso para conseguir sequer uma centelha-, parece que consome o homem velho nas suas faltas, tibiezas e miséria. E, à maneira do que sucede à ave fénix, que - segundo tenho lido -, depois que se queima renasce das próprias cinzas, assim a alma fica depois outra, com desejos diferentes e grande fortaleza. Não parece ser a mesma de antes; mas começa, com pureza nova, o caminho do Senhor.

Suplicando eu a Sua Majestade que assim fosse e de novo começasse eu a servi-Lo, disse-me: *Boa comparação fizeste; olha a que te não esqueça para procurares ir sempre melhorando.*

**24.** Estando uma vez com a mesma dúvida de que há pouco falei, se estas visões eram de Deus, apareceu-me o Senhor e me disse com rigor: *Oh! filhos dos homens, até quando sereis duros de coração?* Que examinasse bem em mim uma coisa: se eu de todo me tinha entregado a Ele ou não; se assim tinha feito e de todo era Sua, acreditasse que Ele não me deixaria perder.

Eu afligi-me muito com aquela exclamação. Com grande ternura e carinho tomou-me a dizer que não me afligisse, pois já sabia que eu, por mim, não deixaria de me entregar a tudo quanto fosse em serviço Seu; que se havia de fazer tudo o que eu queria (e assim foi que se fez o que então Lhe suplicava); visse o amor que, de dia para dia, se ia aumentando em mim para O amar, que nisto conheceria não ser obra do demónio.

Nem pensasse que Ele consentia que o demónio tivesse tanta entrada nas almas de Seus servos e pudesse dar a claridade de entendimento e quietude que tu tens. E deu-me ainda a entender que, tendo-me dito tantas e tais pessoas que era Deus, que faria mal em não o acreditar.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**25.** Estando uma vez rezando o salmo «Quicumque vult», deu-se-me a entender a maneira pela qual Deus é um só em três Pessoas tão claramente, que eu me espantei e consolei-me muito. Fez-me grandíssimo proveito para conhecer mais a grandeza de Deus e as Suas maravilhas e, quando penso ou oiço tratar da Santíssima Trindade, parece-me que entendo como pode ser, e é para mim de muito contentamento.

**26.** Em dia da Assunção da Rainha dos Anjos e Senhora nossa, quis o Senhor fazer-me esta mercê: num arroubamento representou-se-me a Sua subida ao Céu e a alegria e solenidade com que foi recebida e o lugar onde está. Dizer como foi isto, eu não saberia. Foi grandíssimo o deleite que o meu espírito teve de ver tanta glória. Causou isto em mim grandes efeitos e tirei de proveito ficar com mais e maiores desejos de passar grandes trabalhos e de servir a esta Senhora, pois tanto mereceu.

**27.** Estando num colégio da Companhia de Jesus, e estando a comungar os irmãos daquela casa, vi um pálio muito rico sobre suas cabeças; isto vi por duas vezes. Quando outras pessoas comungavam não o via.

### CAPÍTULO 40

*Prosegue na mesma matéria dizendo as grandes mercês que o Senhor lhe fez. - Dalgumas delas se pode tirar muito boa doutrina. Conforme tem dito, o seu principal intento, depois de obedecer, tem sido de escrever as mercês que são para proveito das almas. - Com este capítulo acaba a narração que escreveu da sua vida. - Seja para glória do Senhor.*

**1.** Estando uma vez em oração, era tanto o deleite que em mim senti que, como indigna de tal bem, comecei a pensar que muito mais merecia estar naquele lugar que eu tinha visto preparado no inferno para mim, pois, como tenho dito, nunca esqueço o modo como ali me vi.

Com esta consideração, começou a inflamar-se mais a minha alma e veio-me um arrebatamento de espírito, de modo que o não sei dizer. Pareceu-me que o meu espírito estava metido e cheio daquela Majestade que tenho entendido de outras vezes. Nesta Majestade deu-se-me a entender uma verdade que é complemento de todas as verdades; mas não sei dizer como, porque nada vi.

Disseram-me, sem ver quem tinha sido, mas bem entendi ser a mesma Verdade: *Não é pouco isto que faço por ti; é uma das coisas em que muito me debes; porque todo o dano que vem ao mundo é de não se conhecerem as verdades da Escritura com clara verdade, da qual não ficará um til por cumprir.*

Pareceu-me, a mim, que nisto sempre eu tinha acreditado e que todos os fiéis o crêem. Disse-me porém: *Ai, filha, quão poucos me amam com verdade. Se Me amassem, não lhes encobriria eu meus segredos. Sabes o que é amar-Me com verdade? É compreender que tudo quanto Me não é agradável a Mim é mentira.*

*Com clareza verás isto que agora não entendes, pelo fruto que sentires em tua alma.*

**2.** E assim o tenho visto, seja o Senhor louvado, que então para cá, parece-me tanta vaidade e mentira tudo o que eu vejo que não vai dirigido ao serviço de Deus, que eu não saberia dizer até que ponto o entendo, e a lástima que me fazem os que vejo em trevas a respeito desta verdade. Com isto vieram-me outros lucros que agora direi, ainda que muitos não saberei dizer. Disse-me aqui o Senhor uma particular palavra de grandíssimo favor. Eu não sei como isto foi, porque nada vi; mas fiquei de sorte que tão pouco sei dizer, com uma grandíssima fortaleza, e isto muito deveras, para cumprir com todas as minhas forças a mais pequena parcela da Escritura divina. Parece-me que nenhuma coisa se me poria diante que eu não padecesse por isto.

**3.** Desta divina Verdade que se me representou, sem saber como nem quê, ficou-me impressa uma verdade que me faz ter um novo acatamento a Deus, porque dá um conhecimento de Sua Majestade e do Seu poder e isto de uma maneira que não se pode dizer. Sei somente entender que é grande coisa um tal dom.

Ficou-me uma grandíssima vontade de não falar senão em coisas muito verdadeiras que estejam acima do trato que se usa aqui no mundo, e assim comecei a ter pena de viver nele. Deixou-me esta mercê com grande ternura, deleite e humildade. Parece-me, sem entender como, que o Senhor me deu aqui muito. Não me ficou suspeita alguma de que fosse ilusão.

Nada vi, mas compreendi o grande bem que há em não fazer caso de coisa que não seja para nos achegarmos mais a Deus, e assim entendi o que é andar uma alma na verdade diante da mesma Verdade. Isto, que entendi, é dar-me o Senhor a entender que Ele é a mesma Verdade.

**4.** Compreendi tudo isto que tenho dito, falando-me Ele algumas vezes, e outras sem me falar, deram-se-me a entender algumas com mais claridade do que as que se me diziam por palavras. Aprendi grandíssimas verdades sobre esta Verdade, até mais do que se muitos letrados mo tivessem ensinado. Parece-me que de nenhum modo eles mo poderiam imprimir assim no espírito, nem tão claramente se me daria a entender a vaidade deste mundo.

Esta Verdade, que digo se me deu a entender, é em si mesma verdade e não tem princípio nem fim, e todas as demais verdades dependem desta Verdade, como todos os demais amores deste Amor e todas as demais grandezas desta Grandeza. Isto vai, no entanto, obscuro em comparação da claridade com que o Senhor quis que se me desse a entender. E como resplandece o poder desta Majestade, pois em tão breve tempo deixa tão grande lucro e tais coisas impressas na alma! Oh! Grandeza e Majestade minha! Que fazeis, Senhor meu Todo-poderoso? Vede a quem fazeis tão soberanas mercês! Não Vos recordais que esta alma foi um abismo de mentiras e um pélagos de vaidades, e tudo por minha culpa; e apesar de me terdes dado por natureza de aborrecer o mentir, eu mesma me forcei a tratar em

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

muitas coisas com mentira? Como se sofre, Deus meu, como se compadece tão grande favor e mercê com quem tão mal vo-Lo tem merecido?

**5.** Estando uma vez nas Horas com todas as irmãs, de pronto se recolheu minha alma, e pareceu-me ser toda ela como um claro espelho. Não havia costas, nem lados, nem alto, nem baixo que não fosse tudo claridade; e no centro dela se me representou Cristo Nosso Senhor, como O costume ver Parecia-me que em todas as partes da minha alma O via tão claramente como num espelho, e esse espelho - não sei dizer como - também se esculpia todo no mesmo Senhor por uma comunicação muito amorosa que eu não saberei explicar.

Sei que esta visão me serve de grande proveito de cada vez que dela me recordo, em especial quando acabo de comungar. Deu-se-me a entender que, estar uma alma em pecado mortal, é cobrir-se este espelho de densa névoa e ficar muito negro, e assim nele não se pode reflectir, nem ver este Senhor, embora esteja sempre presente dando-nos o ser. Com os hereges é como, se o espelho estivesse quebrado, o que é muito pior que obscurecido. E muito diferente, o como se vê, do como se diz, porque mal se pode dar a entender. Mas tem-me feito muito proveito e grande pesar das vezes que, com minhas culpas, obscureci a minha alma de modo a não ver este Senhor.

**6.** Parece-me proveitosa esta visão às pessoas que se dão ao recolhimento, para as ensinar a considerar o Senhor no mais íntimo da sua alma. Esta consideração prende mais e é muito mais frutuosa do que considerá-lo fora de si, como de outras vezes tenho dito. Nalguns livros de oração está escrito que é onde se há-de buscar a Deus; em especial o diz o glorioso Santo Agostinho, que nem nas praças nem nos conventos, nem em parte alguma onde O buscava, O encontrava, como dentro de si. E isto é claramente o melhor, pois não é necessário ir ao Céu, nem procurar mais longe nem fora de nós mesmos, porque é cansar o espírito e distrair a alma, e não com tanto fruto.

**7.** Uma coisa quero advertir aqui, para se alguém a tiver, que acontece nos grandes arroubamentos. Passado aquele momento em que a alma está em união (que tem as potências totalmente absortas, e isto dura pouco como tenho dito), acontece ficar a alma recolhida e até sem poder voltar a si no exterior, mas as duas potências, memória e entendimento, ficam quase com frenesim, muito desatinadas. Isto, digo, acontece algumas vezes, especialmente nos princípios. Penso que isto procede de não poder sofrer a nossa fraqueza natural tanta força de espírito e enfraquece a imaginação. Sei que isto sucede a algumas pessoas. Parecer-me-ia bom que se esforçassem a deixar, por então, a oração e a tivessem em outra altura, recuperando assim aquele tempo de oração que perdem, mas que não seja por junto, porque daí poderá advir muito mal. Disto há experiência e de quão acertado é olhar ao que pode a nossa saúde.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**8.** Em tudo é preciso experiência e mestre porque, chegada a alma a estes termos, oferecer-se-ão muitas coisas em que é mister ter com quem o tratar. E, se buscando mestre não o achar, o Senhor não lhe faltará, pois não me faltou a mim sendo eu a que sou. Porque creio haver poucos que tenham chegado a ter experiência de tantas coisas; e se não a têm, debalde dão remédio à alma sem a inquietar e afligir. Mas isto também tomará o Senhor em conta, e assim o melhor é tratá-lo (como já tenho dito de outras vezes, e, até mesmo tudo quanto agora digo, que não me lembro bem se já o disse porquanto, vejo que importa muito), em especial se são mulheres que tratem estas coisas com o confessor. E há muitas mais mulheres de que homens a quem o Senhor faz estas mercês, e isto ouvi ao santo Frei Pedro de Alcântara (e também o tenho visto eu) que dizia que, neste caminho, aproveitavam elas muito mais que os homens, e dava disto excelentes razões, que não há para que dizê-las aqui, todas em favor das mulheres.

**9.** Estando uma vez em oração, representou-se-me muito brevemente (sem ver coisa alguma formada, mas foi representação feita com toda a clareza) como se vêem em Deus todas as coisas e como Ele as contém todas em Si. Saber escrever como isto foi, eu não sei, mas ficou muito impresso na minha alma, e é uma das grandes mercês que o Senhor me tem feito e das que mais me fizeram confundir e envergonhar, recordando-me os pecados que cometi.

Creio que, se o Senhor fosse servido de que eu visse isto noutros tempos, e que o vissem os que O ofendem, não teriam coração nem atrevimento para o fazer. Pareceu-me [ter visto o que segue] sem eu poder, no entanto, afirmar que vi alguma coisa, digo-o desde já. Qualquer coisa se deve ver porém, pois eu poderei dar esta comparação; mas é por modo tão subtil e delicado, que o entendimento não o deve alcançar, ou será que eu não me sei entender nestas visões, que não parecem imaginárias, e em algumas, alguma coisa de imagem deve haver. Mas, como é estando a alma em arroubamento, as potências não o sabem depois reproduzir como ali o Senhor lho representa e quer que o gozem.

**10.** Digamos, pois, que a Divindade é como um muito claro diamante, muito maior que todo o mundo, ou como um espelho - conforme disse da alma na outra visão, à excepção de ser por um modo tão sublime, que eu não o saberei encarecer - e que tudo o que fazemos se vê neste diamante, sendo ele de maneira que encerra tudo em si, porque não há nada que saia fora desta grandeza. Coisa espantosa foi para mim ver, em tão breve espaço, tantas coisas juntas neste claro diamante, e lastimosíssima coisa é, cada vez que me recordo, ver que coisas tão feias, como eram meus pecados, se reflectiam naquela límpida claridade. E assim é que, quando me recordo, não sei como o posso suportar, e fiquei então tão envergonhada que me parece não sabia onde me meter.

Oh! quem pudesse dar isto a entender aos que muito desonestos e feios

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pecados fazem, para que se lembrem que não são ocultos e que, com razão, os sente Deus, e pois tão em presença de Sua Majestade eles se fazem, e tão desacatadamente nos havemos diante d'Ele! Vi com quanta razão se merece o inferno por um só pecado mortal; porque não se pode entender quão gravíssima coisa é cometê-lo diante de tão grande Majestade, e como são alheias, a quem Ele é, coisas semelhantes.

E assim se vê mais a Sua misericórdia, pois conhecendo nós tudo isto, Ele nos sofre.

**11.** Isto tem-me feito considerar que, se uma visão como esta assim deixa espantada a alma, o que será o dia do juízo, quando esta Majestade claramente se nos mostrar e virmos as ofensas que Lhe temos feito? Oh! Valha-me Deus, que cegueira esta que eu tenho trazido! Muitas vezes me tenho espantado disto que tenho escrito, e não se espante V. Mercê, senão de como ainda vivo vendo estas coisas e vendo-me a mim. Seja bendito para sempre Quem tanto me tem sofrido.

**12.** Estando uma vez em oração com muito recolhimento, suavidade e quietude, parecia-me estar rodeada de anjos e muito perto de Deus. Comecei a suplicar a Sua Majestade pela Igreja. Deu-se-me a entender o grande proveito que, nos últimos tempos, há-de fazer uma Ordem e a fortaleza com que seus filhos hão-de sustentar a Fé.

**13.** Estando uma vez rezando perto do Santíssimo Sacramento, apareceu-me um Santo cuja Ordem tem estado um tanto decaída. Tinha nas mãos um grande livro, abriu-o e disse-me que lesse umas letras, que eram grandes e muito legíveis e diziam assim: *Nos tempos vindouros florescerá esta Ordem; haverá muitos mártires.*

**14.** Outra vez, estando no Coro em Matinas, representaram-se-me e se puseram diante dos olhos seis ou sete religiosos que me parece seriam desta mesma Ordem, com espadas na mão. Penso que nisto se dá a entender que hão-de defender a Fé; porque, de outra vez, estando em oração, se me arrebatou o espírito e pareceu-me estar num grande campo onde muitos combatiam, e estes, os desta Ordem, pelejavam com grande fervor. Tinham os rostos formosos-e abrasados e deitavam muitos por terra, vencidos, e a outros matavam. Parecia-me que esta batalha era contra os hereges.

**15.** A este glorioso Santo tenho visto algumas vezes, e tem-me dito algumas coisas, e agradecido a oração que faço pela sua Ordem e prometido de me encomendar ao Senhor. Não declaro as Ordens, para que não se agravem outras; se o Senhor for servido que se saiba, Ele o declarará. Mas cada Ordem, ou cada membro de per si, havia de procurar que, por seu meio fizesse o Senhor tão ditosa a sua Ordem que, em tão grande necessidade, como agora tem a Igreja, a servissem. Ditosas vidas que nisto se acabarem!



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**16.** Pediu-me, uma vez, uma pessoa, que suplicasse eu a Deus lhe desse a entender se seria do Seu serviço aceitar um bispado. Disse-me o Senhor, acabando eu de comungar: *Quando entender com toda a verdade e clareza que o verdadeiro senhorio é não possuir coisa alguma, então o poderá aceitar*, dando a entender que, quem tiver de ter prelações, há-de estar muito longe de as desejar e querer, ou, pelo menos, não as há-de procurar.

**17.** Estas mercês e outras muitas tem feito o Senhor e faz mui de contínuo a esta pecadora que, parece-me, não há necessidade de as dizer, pois pelo já dito se pode conhecer minha alma e o espírito que o Senhor me tem dado.

Seja bendito para sempre, que tanto cuidado tem tido de mim!

**18.** Disse-me Ele uma vez, consolando-me com muito amor, que não me afligisse, pois nesta vida não podíamos estar sempre num mesmo estado.

Umhas vezes teria fervor e outras vezes estaria sem ele; umas com desassossego e outras com quietude e tentações, mas que esperasse n'Ele e não temesse.

**19.** Estava eu um dia pensando se seria apego o gostar de estar com as pessoas com quem trato da minha alma e ter-lhes amor, e aos que vejo muito servos de Deus, pois me consolava com eles.

Disse-me o Senhor que, se a um enfermo, que está em perigo de morte, julga que lhe dá saúde um médico, não é virtude deixar de lhe agradecer e de não lhe ter amizade.

Que teria eu feito se não fosse pela ajuda destas pessoas? A conversação dos bons não danifica, mas que as minhas palavras fossem sempre pesadas e santas, e não deixasse de tratar com eles, pois antes me seria de proveito que dano. Consolou-me isto muito, porque algumas vezes parecendo-me apego, queria não os tratar de todo.

Sempre, em todas as coisas, me aconselhava este Senhor, até dizer-me como me havia de haver com os fracos e com algumas pessoas. Jamais se descuida de mim.

**20.** Algumas vezes estou aflita de me ver de tão pouco préstimo em Seu serviço e de ver que, por força, hei-de ocupar mais tempo do que queria, com corpo tão fraco e ruim como é o meu. Estava eu uma vez em oração e chegou a hora de ir dormir. Estava com muitas dores, esperava pelo vômito do costume. Como me vi tão atada por mim mesma e o espírito, por outra parte, querendo tempo para si, vi-me tão atribulada, que comecei a chorar muito e a afligir-me.

Isto não foi só uma vez, mas muitas - como digo - que me dava, me parece, uma tal zanga contra mim mesma, que então me aborreço em forma.

Mas o normal é entender de mim que não tenho aborrecimento nem falta ao que vejo me é necessário. E praza ao Senhor que não tome muito mais do que é

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

preciso, que é o que eu farei.

Desta vez que digo, estando nesta pena, me apareceu o Senhor e me consolou muito e me disse que fizesse eu estas coisas por amor d'Ele e passasse por elas, pois a minha vida era agora necessária. E assim me parece que nunca me vi em pena, depois que estou determinada a servir com todas as minhas forças a este Senhor e Consolador meu, que, embora me deixasse padecer um pouco, não me consolasse, de maneira que não faço nada em desejar trabalhos.

E assim, agora me parece que não tenho razão para viver senão para isto. E é o que de melhor vontade peço a Deus, e digo-Lhe, algumas vezes, com toda ela: Senhor, ou morrer ou padecer; não Vos peço outra coisa para mim. Dá-me consolo ouvir o relógio, porque me parece que isso me aproxima um pouquinho mais de ver a Deus, pois vejo já passada aquela hora da vida.

**21.** Outras vezes estou de modo que nem me sinto viver, nem me parece ter vontade de morrer. Mas estou com uma tibieza e escuridão em tudo, como disse, que tenho muitas vezes, por causa de grandes trabalhos. E tendo o Senhor querido que se saibam em público estas mercês que Sua Majestade me faz, como me disse há alguns anos, que haviam de ser, isto me afligiu muito e até agora não tenho padecido pouco, como V. Mercê sabe, porque cada um o toma como lhe parece.

Consolação me tem sido, todavia, o não ser por minha culpa; porque, em não o dizer senão a meus confessores ou a pessoas que eu sabia por eles que o sabiam, tenho tido grande e extremo cuidado. Não por humildade, senão porque, como tenho dito, até aos mesmos confessores me dava pesar dizê-lo.

Agora, graças a Deus, embora muito de mim murmurem com bom zelo, outros temam tratar comigo, mesmo confessar-me, e outros me digam muitas coisas, como vejo que por este meio quis o Senhor dar remédio a muitas almas (porque isto tenho eu visto claramente, e me recordo do muito que por uma só passaria o Senhor) muito pouco se me dá de tudo do que de mim dizem.

Não sei se para isto contribuiu o ter-me Sua Majestade metido neste rincãozinho tão encerrado e onde já pensei que, como de coisa morta, não haveria mais memória de mim. Mas não tem sido tanto como eu quisera, pois forçoso é ter de falar com algumas pessoas; porém, como estou onde me não vêem, parece que foi o Senhor servido de me trazer a um porto, que espero em Sua Majestade, será seguro. Por estar já fora do mundo, e entre pouca e santa companhia olho como de alto e já bem pouco se me dá do que digam ou se saiba. Em mais teria eu, se uma alma aproveita-se um pouquinho, do que tudo quanto de mim se possa dizer.

Depois que estou aqui, tem o Senhor sido servido que todos os meus desejos parem nisto. E tem-me dado como que uma espécie de sono na vida, que quase sempre me parece que estou sonhando o que vejo. Nem contentamento, nem pena, que seja muita, vejo em mim. Se algumas coisas me dão alguma pena, passa com

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tanta brevidade que eu me maravilho e o sentimento que deixa é como uma coisa que se sonhou.

E isto é pura verdade, porque, embora eu depois me queira alegrar com aquele contento ou ter pesar daquela pena, não está na minha mão, assim como não estaria na de uma pessoa discreta o ter pesar ou glória dum sonho que sonhou. É que o Senhor já despertou a minha alma daquilo que, por eu não estar mortificada e morta às coisas do mundo, me tinha feito sentimento, e Sua Majestade não quer que ela se torne a cegar.

**23.** Desta maneira vivo agora, Senhor e Padre meu Suplique V. Mercê a Deus que me leve para Si ou me dê em que O sirva. Praza à Sua Majestade que isto que aqui vai escrito faça algum proveito a V. Mercê, pois, pelo pouco tempo que tenho, foi feito com trabalho. Mas ditoso trabalho, se acertei a dizer alguma coisa pela qual uma vez se louve o Senhor; que com isto me daria por paga, embora V. Mercê logo o queime.

**24.** Não quereria, no entanto, que o fizesse sem que isto vissem as três pessoas que V. Mercê sabe, pois são e têm sido confessores meus. E se isto vai mal, é bem que percam a boa opinião que têm de mim. Se vai bem, são bons e letrados; sei que verão de onde me vem e louvarão a Quem por mim o disse.

Sua Majestade tenha sempre a V. Mercê de Sua mão e o faça um tão grande santo que, com sua luz e espírito, alumie esta miserável, pouco humilde e muito atrevida, que ousou determinar-se a escrever coisas tão subidas. Praza ao Senhor não tenha eu nisto errado, tendo intenção e desejo de acertar e obedecer e que, por meu intermédio, se louvasse em alguma coisa ao Senhor, que é o que há muitos anos Lhe suplico. E, como me faltam para isto as obras, atrevi-me a pôr aqui por ordem esta minha desbaratada vida, embora não tenha empregado nisto mais cuidado, nem mais tempo do que tem sido preciso para escrevê-la, pondo apenas o que por mim tem passado com toda a lisura e verdade que tenho podido.

Praza ao Senhor, pois é poderoso e, se quer, pode, querer que em tudo eu acerte a fazer a Sua vontade, e não permita Sua Majestade se perca esta alma que, com tantos artifícios e maneiras, e tantas vezes, tem tirado do inferno e trazido a Si. Amen.

J. H. S.

[Carta epílogo remetendo a «Vida»]

**1.** O Espírito Santo seja sempre com V. Mercê. Amen. Não seria mau encarecer a V. Mercê este serviço para o obrigar a ter muito cuidado de me encomendar a Nosso Senhor, pois segundo o que tenho passado em me ver descrita e trazer à memória tantas misérias, bem o poderia fazer; embora com verdade possa dizer que tenho

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sentido mais em escrever as mercês que o Senhor me tem feito, do que as ofensas que eu fiz a Sua Majestade.

**2.** Eu fiz o que V. Mercê me mandou em alongar-me, com a condição de que V. Mercê faça o que prometeu de rasgar o que lhe parecer mal. Não tinha acabado de o ler, depois de escrito, quando V. Mercê o manda buscar.

Pode ser que algumas coisas vão mal declaradas e outras ditas duas vezes; porque tem sido tão pouco o tempo que tenho tido, que nem podia voltar a ver o que escrevia. Suplico a V. Mercê que o emende e mande copiar, se o tiver de mandar ao P. Mestre Ávila, porque poderá ser que alguém conhecesse a letra. Eu desejo muito que se faça de modo a que ele o veja, pois com esse intento o comecei a escrever; porque, se a ele lhe parece que vou por bom caminho, ficarei muito consolada, pois já nada mais me fica para fazer da minha parte.

Em tudo faça V. Mercê como lhe parecer e vê que está obrigado a quem assim lhe confia a sua alma.

**3.** A de V. Mercê encomendarei eu toda a minha vida a Nosso Senhor.

Por isso, dê-se pressa a servir a Sua Majestade para me fazer a mim mercê, pois V. Mercê verá, pelo que aqui vai, quão bem se emprega a vida em dar-se tudo, como V. Mercê o tem começado a fazer, a Quem tão sem medida se nos dá.

Seja Ele bendito para sempre, que eu espero em Sua misericórdia nos veremos onde V. Mercê e eu mais claramente vejamos as grandezas que fez connosco e para sempre jamais O louvaremos. Amen.

Acabou-se este livro em Junho, do ano de 1562.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>JESUS, Santa Teresa de, “Livro da Vida”, *Obras Completas*, 3.ª edição, Oeiras: Edições Carmelo, 30-355.

## SUBIDA DO MONTE CARMELO

**“Fala do modo como uma alma se poderá dispor  
para chegar rapidamente à divina união.  
Dá avisos e doutrina muito útil,  
quer aos que começam quer aos mais avançados,  
para que saibam desprender-se de tudo o que é temporal  
e não se enredem com o espiritual  
até chegar à máxima desnudez e liberdade de espírito,  
como se requer para a divina união,  
apresentada pelo Padre Frei João da Cruz,  
Carmelita Descalço.**

## ARGUMENTO

Toda a doutrina que tenciono expor nesta *Subida do Monte Carmelo* está contida nas canções que se seguem. Elas indicam o modo de subir até ao cimo do *Monte*, o mais alto estado da perfeição, que aqui chamamos união da alma com Deus. E, porque terei de me ir baseando nelas no que disser, quis pô-las aqui todas juntas, para assim se compreender e ver ao mesmo tempo toda a matéria de que se vai falar. Contudo, ao comentá-las, convém apresentar uma de cada vez. À medida que a matéria e a explicação o for pedindo, vai-se pondo cada um dos seus versos. Diz, então, assim:

## CANÇÕES

*em que a alma canta a ditosa ventura que teve ao passar pela escura noite da fé, na sua desnudez e purgação, até à união com o Amado.*

1. Em uma noite escura,  
Com ânsias, em amores inflamada,

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas  
Descalços em Portugal

Ó ditosa ventura!

Saí sem ser notada,

Estando a minha casa sossegada.

2. Às escuras, segura,

Pela secreta escada disfarçada,

Ó ditosa ventura!

No escuro e ocultada,

Estando a minha casa sossegada.

3. Nessa noite ditosa,

Em segredo, pois que ninguém me via

Nem via eu mais cousa,

Sem outra luz nem guia,

Senão a que no coração ardia.

4. Só esta me guiava

Mais certa do que a luz do meio-dia

Aonde me esperava

Quem eu o bem sabia

Em parte onde ninguém aparecia.

5. Ó noite que guiaste!

Ó noite amável mais do que a alvorada!

Ó noite que juntaste

Amado com amada,

Amada no Amado transformada!

6. Em meu peito florido

Que todo só p'ra ele se guardava,

Quedou-se adormecido

E eu o acariciava

E dos cedros o leque o refrescava.

7. Da ameia a brisa amena,

Quando eu os seus cabelos espargia,

Com sua mão serena

O colo me feria

E os meus sentidos todos suspendia.

8. Quedei-me e olvidei-me,  
O rosto reclinei sobre o Amado,  
Cessou tudo e deixei-me  
Deixando o meu cuidado  
Por entre as açucenas olvidado.

## PRÓLOGO

**1.** Para se poder explicar e dar a entender qual seja esta *noite escura* pela qual a alma passa até chegar à divina luz da união perfeita do amor de Deus, tanto quanto se pode nesta vida, era necessária a luz de uma ciência e de uma experiência maior do que a minha. Na verdade, são tantas e tão grandes as trevas e trabalhos, tanto espirituais como temporais, que normalmente as ditosas almas costumam passar para poderem chegar a este alto estado de perfeição, que a ciência humana não basta para o entender, nem a experiência para o dizer. Só quem passa por isso é que o sente, mas não o sabe dizer.

**2.** Portanto, para dizer alguma coisa sobre esta *noite escura*, nem me fiarei da experiência nem da ciência, pois uma e outra podem-me faltar e enganar. Não deixarei de me valer delas no que puder; no entanto, para tudo o que, com o favor divino, tiver que dizer - ao menos para o mais importante e difícil de entender - apoiar-me-ei na Sagrada Escritura. Guiados por ela não poderemos errar, pois quem nela fala é o Espírito Santo. E se nalguma coisa eu errar, por não compreender bem o que ela diz ou o que eu disser, não é minha intenção afastar-me do verdadeiro sentido e doutrina da Santa Madre Igreja Católica, porque, nesse caso, sujeito-me e resigno-me totalmente não só às suas ordens mas a quem, em relação a isso, ela entender.

**3.** O que me levou a escrever, não foi a capacidade que vejo em mim para tão árdua tarefa, mas a confiança que tenho de que o Senhor me há-de ajudar a dizer alguma coisa, porque muitas almas estão a precisar. Começando elas o caminho da virtude, nosso Senhor quer fazê-las passar por esta *noite escura* a fim de chegarem à divina união. Elas, porém, não avançam; umas vezes, porque não querem entrar ou não se deixam meter nela; outras vezes, porque não se entendem muito bem a si mesmas e não encontram directores idóneos e preparados que as guiem até ao cimo. Por isso, dá pena ver muitas almas, a quem Deus dá talento e ajuda para avançar, ficarem-se por uma baixa relação com Deus por não quererem, ou não saberem, ou não terem quem as oriente e ensine a desprenderem-se daqueles começos; pois, se elas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

quisessem, poderiam chegar a este alto estado. E mesmo que nosso Senhor as favoreça tanto que, mesmo sem uma coisa nem outra, as faça seguir em frente, sempre não-de tardar mais em chegar, e com mais dificuldades e menos mérito, porque não se acomodaram a Deus nem se deixaram meter livremente no caminho puro e seguro da união. É verdade que é Deus quem as leva, e pode-o fazer sem contar com elas, mas elas não se deixam levar. Resistindo a quem as leva, avançam menos e o mérito é pouco, porque não aplicam a vontade; assim, sofrem mais. Há almas que, em vez de se abandonarem a Deus e se ajudarem, antes o estorvam ou contrariam com o seu modo indiscreto de agir. São como as crianças que, querendo as suas mães levá-las ao colo, começam a patear e a chorar, teimando em ir pelo seu próprio pé. Deste modo, não se pode andar nada; e se se anda, será ao passo de criança.

**4.** Para este saber deixar-se conduzir por Deus, quando Sua Majestade os quiser fazer avançar, daremos, com a Sua ajuda, doutrina e conselhos, tanto a principiantes como aproveitados, para que entendam ou, pelo menos, se deixem guiar por Deus.

Alguns padres espirituais, por falta de luz e experiência nestes caminhos, mais costumam estorvar e danificar essas almas do que ajudá-las a caminhar. São como os construtores da Babilónia: em vez de fornecer o material adequado, davam e aplicavam outro muito diferente, por não entenderem a língua. Assim, não se adiantava nada (Gn 11, 7-9). Isso torna-se uma coisa muito difícil e penosa para uma alma que não se entende nem encontra quem a compreenda. Poderá acontecer que Deus leve uma alma por um caminho sublime de escura contemplação e aridez, onde ela julga que anda perdida. E, quando mais cheia se encontra de obscuridade e sofrimento, angústias e tentações, encontra alguém que, como os amigos de Job (Jb 2, 11-13), lhe diz que isso é melancolia, desgosto, maneira de ser, ou algum pecado escondido, e que foi por isso que Deus a abandonou. E, porque lhe acontece isto, pensam logo que essa alma deve ter sido muito má.

**5.** E também não faltará quem lhe diga para voltar atrás, uma vez que não encontra gosto e consolação nas coisas de Deus como antes. Com isto duplicam os trabalhos à pobre alma. A maior dor que poderá sentir é o conhecimento das suas próprias misérias. Deus, por meio dessa noite da contemplação, dá-lhe a luz do conhecimento, como explicaremos mais adiante. Ela julga ver mais claro que a luz do dia que está cheia de males e pecados. E, como encontra alguém do mesmo parecer, dizendo que são por sua culpa, então a dor e a aflição da alma aumentam sem fim, fazendo-a sofrer mais do que se morresse. Porém, não contentes com isso, esses confessores ao pensarem que a causa está nos pecados, novamente as crucificam mandando-lhes examinar as suas vidas e fazer muitas confissões gerais. Não compreendem que não é tempo disso, mas de as deixar assim, na purificação em que Deus as traz. Antes, devem consolá-las e animá-las a aceitarem isso até quando



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Deus quiser. Sim, porque até lá, por muito que elas façam e eles digam, não há outro remédio.

**6.** Se Deus quiser, falaremos disto mais à frente, ou seja, do modo como a alma e o confessor devem agir; quais os sinais para saber se a purificação é da alma ou não; e se for, se é dos sentidos ou do espírito, quer dizer, se é a *noite escura* de que falamos aqui; como se poderá conhecer se é melancolia ou outra imperfeição relacionada com os sentidos ou o espírito.

Pode dar-se o caso de algumas almas, ou os seus confessores, pensarem que Deus as leva por este caminho da *noite escura* de purificação espiritual, e, na verdade, não ser mais do que alguma imperfeição sua. Também existem muitas almas que julgam que não fazem oração, e fazem muitíssima; e outras que julgam fazer muita e é pouco mais do que nada.

**7.** Há outras que metem dó, porque trabalham muito e cansam-se muito, mas voltam atrás, pondo o fruto do aproveitamento naquilo que não aproveita, mas antes estorva. Pelo contrário, há outras que, com calma e tranquilidade, vão aproveitando muito.

Há outras que não avançam, porque se enredam e estorvam com os mesmos dons e mercês que Deus lhes dá para seguirem em frente. E muitas outras coisas acontecem neste caminho aos que o seguem: alegrias e penas, dores e esperanças. Umas, procedem do espírito de perfeição; outras, do de imperfeição.

Com a ajuda de Deus, procuraremos dizer alguma coisa sobre tudo isto, para que todas as almas que o lerem possam, de alguma maneira, saber o caminho por onde vão e o que convém levar, se quiserem chegar ao cimo deste *Monte*.

**8.** E, porque esta doutrina é sobre a *noite escura*, pela qual a alma há-de chegar a Deus, não se admire o leitor se lhe parecer um tanto ou quanto obscura. Julgo que isso será apenas ao princípio, quando começar a ler. Depois, à medida que for lendo, irá entendendo melhor o que leu, porque vai-se explicando uma coisa com outra. E, se voltar a ler uma segunda vez, ainda lhe parecerá mais claro e a doutrina mais perfeita. No caso de algumas pessoas não se acharem bem com esta doutrina, isso deve-se ao meu pouco saber e baixo estilo, porque a matéria em si é boa e muito necessária. Estou em crer que, ainda que se escrevesse dum modo mais completo e perfeito, seriam muito poucos a beneficiar com isso, porque aqui não se vão escrever coisas muito morais e gostosas para todos os espirituais que gostam de chegar até Deus por meio de coisas doces e saborosas. Para todos deixaremos doutrina substancial e sólida, se quiserem chegar à desnudez de espírito da qual aqui se escreve.

**9.** Também a minha intenção principal não é falar com todos, mas apenas com algumas pessoas, tanto frades como monjas, da nossa sagrada Ordem dos primitivos

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

do Monte Carmelo. Foram eles que mo pediram, por lhes haver Deus concedido a graça de as meter na senda deste Monte. E, como já estão bem desprendidos das coisas deste mundo, compreenderão melhor a doutrina da desnudez do espírito.

## PRIMEIRO LIVRO

### CAPÍTULO 1

*Apresenta a primeira canção.*

*Fala das duas diferentes noites por que passam os espirituais,  
segundo as duas partes, inferior e superior, do homem.*

*Explica a seguinte canção:*

*Em uma noite escura,  
Com ânsias, em amores inflamada,  
Ó ditosa ventura!  
Saí sem ser notada,  
Estando a minha casa sossegada.*

**1.** Nesta primeira canção, a alma canta a ditosa sorte e ventura que teve em sair para fora de todas as coisas, dos apetites e imperfeições que existem na parte sensitiva do homem, uma vez que não se encontra regulada pela razão. Para entender isto, é preciso saber que normalmente uma alma, para chegar ao estado de perfeição, há-de passar primeiro por *duas principais formas de noites*, que os espirituais chamam purgações ou purificações da alma. Nós, aqui, chamamos *noites* porque, quer numa quer noutra, a alma vai às escuras, como de noite.

**2.** A *primeira noite* ou purificação é a da parte sensitiva da alma. É dela que se fala nesta canção, e há-de-se falar na primeira parte deste Livro. A *segunda* é a da parte espiritual. É dela que falaremos a seguir, na segunda canção. E voltaremos a falar dela quando, na segunda e terceira parte do Livro, falarmos da parte activa, porque da passiva, falaremos na quarta.

**3.** Esta *primeira noite* é própria dos principiantes. Deus começa a introduzi-los no estado de contemplação, da qual também participa o espírito, conforme diremos a seu tempo.

A *segunda noite* ou purificação pertence aos aproveitados. Deus quer começar a introduzi-los já no estado de união com Deus. Esta purificação, como depois se

dirá, é mais obscura, tenebrosa e terrível.

#### EXPLICAÇÃO DA CANÇÃO

4. Em suma: a alma quer dizer nesta canção que saiu - foi Deus que a tirou - só por amor d'Ele, inflamada no seu amor, *em uma noite escura*. Ela é privação e purificação de todos os seus apetites sensuais sobre as coisas exteriores do mundo, as que dão prazer à sua carne, e sobre os gostos da sua vontade. Tudo isto se faz com esta purificação dos sentidos. Também diz que saía *estando a sua casa sossegada*, isto é, a parte sensitiva, porque nela os apetites já estão sossegados e adormecidos. Ninguém consegue sair das penas e angústias causadas pelos apetites sem que estejam apaziguados e adormecidos.

Ela diz que isto lhe foi *ditosa ventura*, *o sair sem ser notada*, isto é, sem que nenhum apetite da sua carne ou de outra coisa a pudesse impedir. E também porque saiu de noite. Isto é noite para ela porque Deus a privou de todos os apetites.

5. A *ditosa ventura* foi Deus introduzi-la nesta noite, da qual lhe adveio tanto bem. Só por si não atinaria a entrar, porque, para se unir a Deus, ninguém consegue esvaziar-se sozinho de todos os apetites.

6. Em resumo, é esta a explicação da canção. Vamos continuar agora com cada um dos versos, escrevendo sobre cada um deles, e declarando o que pertence ao nosso propósito. Haveremos de seguir o mesmo método nas outras canções: em primeiro lugar, como disse no prólogo, coloca-se e explica-se a canção; e, a seguir, cada um dos versos.

#### CAPÍTULO 2

*Explica que noite escura é esta pela qual a alma diz ter passado para chegar à união.*

*Em uma noite escura.*

1. Podemos dizer que é por três causas que se chama *noite* a este caminho que a alma faz para chegar à união com Deus.

A *primeira*, por parte do *término de onde a alma sai*. Privando-se de todas as coisas do mundo, *há-de ir ficando sem o apetite* do gosto que lhes tinha. Esta negação e carência é como uma noite para todos os sentidos do homem.

A *segunda*, por parte do *meio* ou caminho *por onde a alma há-de chegar* a esta união. Este meio é a fé, que também é escura para o entendimento como a noite.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A *terceira*, por parte do *fim para onde vai*. Esse fim é Deus, o qual nesta vida é exactamente para a alma uma noite escura.

Estas *três noites* hão-de passar pela alma, ou melhor dizendo, a alma é que há-de passar por elas para chegar à divina união com Deus.

**2.** No livro de Tobite (Tb 6, 18-22), estas três espécies de noite são figuradas nas três noites que o anjo mandou ao *jovem* Tobias que passasse antes de se unir com a esposa.

Na *primeira* mandou-lhe *queimar* no fogo o *coração do peixe*. É o coração afeiçoado e preso às coisas do mundo, o qual, para começar a caminhar para Deus, há-de-se queimar e purificar de todas as coisas com o fogo do amor de Deus. Com esta purificação afugenta-se o demónio, o qual, pelo apego às coisas corporais e temporais, exerce poder sobre a alma.

**3.** Na *segunda noite* revelou-lhe que *seria admitido na companhia dos santos Patriarcas*, que são os pais na fé. Passando pela primeira noite, que é privar-se de todos os objectos dos sentidos, a alma entra na segunda noite, ficando apenas em fé - não uma fé que exclui a caridade, mas todas as outras notícias do entendimento, como diremos mais adiante -, pois é algo que supera os sentidos.

**4.** Na *terceira noite* o anjo disse-lhe que *alcançaria a bênção*, isto é, Deus. Através da segunda noite, que é a fé, Deus vai-se comunicando mui secreta e intimamente à alma. À medida que esta comunicação se vai tornando muito mais escura que as outras, como depois diremos, transforma-se numa nova noite para a alma. Passada esta terceira noite, ou seja, quando se completou a comunicação de Deus no espírito, submergida a alma em profundas trevas, dá-se logo a união com a esposa, que é a Sabedoria de Deus. Também o anjo disse a Tobias que, *depois da terceira noite, se uniria com a sua esposa no temor do Senhor*. Temor de Deus que, quando é perfeito, também é perfeito o amor. É então quando acontece a transformação por amor da alma com Deus.

**5.** Estas três partes formam todas elas uma só *noite*, embora tenha três fases como a noite. A *primeira*, a *dos sentidos*, é parecida à primeira parte da noite, quando se começa a carecer do objecto das coisas. A *segunda*, que é a *fé*, compara-se à meia-noite, por ser totalmente escura. A *terceira*, que é *Deus*, compara-se à aurora que precede imediatamente a luz do dia. Mas, para uma melhor compreensão, falaremos de cada uma destas causas em particular.

### CAPÍTULO 3

*Fala da primeira causa desta noite, isto é, da privação do apetite em todas as coisas e da razão por que se chama noite.*

**1.** Chamamos aqui *noite* à privação do gosto do apetite em todas as coisas. Assim como a noite não é outra coisa senão privação de luz, e, por conseguinte, privação de todos os objectos que se podem ver mediante a luz, pela qual os olhos ficam *às escuras e sem ver nada*, assim também se pode dizer que a mortificação do apetite é *noite* para a alma, porque, privando-se a alma do gosto do apetite em todas as coisas, fica como que *às escuras e sem nada*. Assim como, mediante a luz, os olhos se nutrem e apascentam dos objectos que se podem ver, e, apagada a luz, não se vêem, assim também a alma, mediante o apetite, se apascenta e nutre de todas as coisas que segundo as suas potências se podem saborear; mas também quando este se apaga, ou melhor dizendo, se mortifica, a alma deixa de se apascentar no gosto de todas as coisas e, segundo o apetite, fica *às escuras e sem nada*.

**2.** Ponhamos um exemplo para cada uma das potências. Se a alma *privar o seu apetite* do gosto de tudo quanto possa deleitar o sentido *do ouvido*, fica com esta potência *às escuras e sem nada*. Ao privar-se do gosto de tudo o que pode deleitar o sentido *da vista*, fica *às escuras e sem nada* nesta potência. Ao privar-se do gosto de qualquer fragrância *de odores* que a alma pode gostar pelo sentido *do olfacto*, igualmente fica com esta potência *às escuras e sem nada*. Ao negar o gosto *de todos os manjares* que podem satisfazer o paladar, fica também *às escuras e sem nada*. E, finalmente, ao mortificar-se de todos os prazeres e consolações que pode receber *do sentido do tacto*, a alma fica de igual modo *às escuras e sem nada* nesta potência. Assim, da alma que negou e expeliu de si o gosto de todas as coisas, mortificando o seu apetite em todas elas, poderemos dizer que, como de noite, está *às escuras*, isto é, vazia de tudo.

**3.** E a razão disto é que, como dizem os filósofos, no momento em que Deus infunde a alma no corpo, ela está como tábuas rasas e lisas onde nada se imprimiu. E se não for o que vai conhecendo pelos sentidos, naturalmente nada mais lhe é comunicado por nenhum lado. Enquanto está no corpo, a alma assemelha-se a quem se encontra numa escura prisão: só vê aquilo que consegue ver pelas janelas da prisão. E se por ali nada visse, também nada veria por outro lado. É o que acontece à alma; se não fosse o que se comunica pelos sentidos, que são as janelas da sua prisão, nada mais conseguiria ver naturalmente por outra via.

**4.** Portanto, se a alma expele e nega o que pode receber pelos sentidos, bem podemos dizer que fica *às escuras e vazia*. Como se vê, luz não lhe pode entrar naturalmente por outras aberturas senão essas. É verdade que não pode deixar de ouvir, ver, cheirar, gostar e palpar, mas, se a alma o negar e rejeitar, isso não a inquieta nem embaraça mais, pois é como se não visse, nem ouvisse, etc. O mesmo

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

se diga daquele que quer fechar os olhos: como o cego, ficará às escuras sem poder ver, A este propósito diz David: *Pauper sum ego, et in laboribus a iuventute mea*. Quer dizer: *Eu sou pobre e metido em trabalhos desde a minha juventude* (Sl 87, 16). Diz-se pobre, embora fosse rico, porque não tinha a sua vontade posta nas riquezas; portanto, era como se realmente fosse pobre. Mas se, pelo contrário, tivesse sido realmente pobre, e não o fosse na vontade, então não era verdadeiramente pobre, porque tinha a alma cheia de riquezas no apetite. É por isso que chamamos a esta desnudez *noite* para a alma. Não nos referimos aqui à carência das coisas, porque ela não esvazia a alma se tiver delas o apetite, mas falamos da desnudez do gosto e do apetite por elas, pois é ela que liberta e esvazia a alma, embora as possua. Não são as coisas deste mundo que enchem a alma e a danificam, já que materialmente não entram nela, mas a vontade e o apetite que tem por elas.

5. Esta *primeira espécie de noite*, como depois diremos, refere-se à parte *sensitiva da alma*. Como dissemos antes, é uma daquelas duas pelas quais a alma tem de passar para chegar à união.

Digamos agora o quanto convém à alma sair de sua casa, nesta *noite escura dos sentidos*, para chegar à união com Deus.

### CAPÍTULO 4

*Fala da necessidade que a alma tem de passar por esta noite escura dos sentidos, que é a mortificação do apetite, a fim de chegar à união com Deus.*

1. A razão pela qual é necessário à alma, para chegar à divina união com Deus, passar por esta *noite escura* da mortificação dos apetites e da negação dos gostos em todas as coisas, é que todo o afecto às criaturas é pura escuridão diante de Deus. Se a alma se envolver nela, não pode ser iluminada e possuída pela pura e clara luz de Deus. Terá de se desfazer primeiro delas, porque luz e trevas não se podem unir, como diz S. João: *Tenebrae eum non comprehenderunt*. Quer dizer: *As trevas não puderam receber a luz* (Jo 1, 5).

2. E isto é assim porque, como nos ensina a filosofia, dois contrários não podem estar juntos num mesmo sujeito. As trevas, que são os afectos postos nas criaturas, e a luz, que é Deus, são contrários e não existe nenhuma semelhança ou afinidade entre eles, como ensinou S. Paulo aos Coríntios: *Quae conventio lucis ad tenebras?* Isto é: *Que união pode haver entre a luz e as trevas?* (2 Cor, 6, 14). Daí que a luz da divina união não pode assentar na alma se primeiro não se desalojam dela os afectos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** Para provar melhor o que dissemos, convém saber que a afeição e o apego que a alma tem às criaturas torna-a semelhante às criaturas. Quanto maior é a afeição tanto mais a iguala e faz semelhante, porque o amor cria semelhança entre quem ama e o que é amado. Por isso David, referindo-se aos que punham a sua afeição nos ídolos, disse: *Similis illis fiant qui faciunt ea, et omnes que confidunt in eis*. Quer dizer: *Sejam como eles os que os fazem e quantos põem neles a sua confiança* (Sl 113, 8). Quem ama uma criatura fica tão baixo como ela e, de certo modo, ainda mais baixo, porque o amor não só assemelha como submete o amante àquilo que ama. É por essa mesma razão que, quando a alma ama uma coisa, incapacita-se para a união pura com Deus e sua transformação, porque a baixeza da criatura é muito menos capaz da alteza do Criador do que as trevas o são da luz. Todas as coisas da terra e do céu, comparadas com Deus, são nada, como diz Jeremias com estas palavras: *Aspexi terram, et ecce vacua erat et nihil; et caelos, et non erat lux in eis*. Quer dizer: *Olhei para a terra: estava sem forma e vazia. Olhei para o céu, e não havia luz* (Jr 4, 23). Ao dizer que viu a terra vazia, dá a entender que todas as suas criaturas eram nada, e que a terra também nada era. E ao dizer que olhou para os céus e neles não viu luz, está a dizer que todos os corpos luminosos do céu, comparados com Deus, são puras trevas. Por isso, todas as criaturas são nada e os afectos delas menos do que nada, pois são impedimento e privação para a transformação em Deus. Também as trevas são nada e menos do que nada, pois são a privação da luz. E assim como quem está em trevas não recebe luz, assim também a alma que põe a sua afeição nas criaturas não poderá acolher a Deus. E enquanto não se purificar, não O poderá possuir nesta vida por transformação pura de amor, nem na outra por pura visão. Mas para que isto fique mais claro, vamos falar mais em particular.

**4.** Todo o ser das criaturas, comparado com o infinito ser de Deus, é nada. Portanto, a alma que a elas se afeiçoa, também nada é diante de Deus, e menos do que nada. Como dissemos, o amor cria igualdade e semelhança, mas rebaixa também a quem ama. Portanto, esta alma não poderá unir-se de nenhum modo ao ser infinito de Deus, porque o que não é não pode coincidir com o que é. Vejamos alguns exemplos:

*Toda a formosura das criaturas, comparada com a infinita formosura de Deus, é suma fealdade, como diz Salomão nos Provérbios: Fallax gratia, et vana est pulchritudo*. Isto é: *A beleza é enganadora e vã a formosura* (Pr 31, 30). Assim, a alma que se afeiçoa à formosura de qualquer criatura é, diante de Deus, sumamente feia. Portanto, esta alma feia não poderá transformar-se na formosura de Deus, porque a fealdade não engloba a formosura.

*Toda a graça e gentileza das criaturas, comparada com a graça de Deus, é suma desgraça e aspereza. Assim, a alma que se enrede com as graças e encanto das criaturas é sumamente desgraçada e intratável diante de Deus. Portanto, não pode*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

ser capaz da infinita graça e beleza de Deus, porque o desgraçado dista muito do que é infinitamente cheio de graça.

*Toda a bondade das criaturas* do mundo, comparada com a infinita bondade de Deus, pode-se considerar malícia, porque nada é bom senão Deus (Lc 18, 19). Portanto, a alma que põe o seu coração nos bens do mundo é sumamente má diante de Deus. Assim como a malícia não comporta a bondade, também esta alma não se poderá unir a Deus, que é suma bondade.

*Toda a sabedoria do mundo* e toda a habilidade humana, comparada com a sabedoria infinita de Deus, é pura e surria ignorância, como escreve S. Paulo aos Coríntios: *Sapientia huius mundi stultitia est apud Deum*. Isto é: *A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus* (1 Cor 3, 19).

**5.** Portanto, toda a alma que fizer caso de todo o seu saber e engenho para se unir à sabedoria de Deus é sumamente ignorante diante de Deus e está muito longe dela. A ignorância não sabe o que é a sabedoria e, como diz S. Paulo, esta sabedoria mais parece a Deus uma loucura. Os que julgam ter algum saber são, diante de Deus, muito ignorantes. A eles se referiu o Apóstolo quando escreveu aos Romanos: *Dicentes enim se esse sapientes stulti facti sunt*. Isto é: *Considerando-se sábios, tornaram-se néscios* (Rm 1, 22). Só começam a ter sabedoria de Deus aqueles que, como crianças ignorantes, abandonam o seu saber e O servem com amor. Esta forma de sabedoria ensinou-a também S. Paulo aos Coríntios: *Si quis videtur inter vos sapiens esse in hoc saeculo, stultus fiat ut sit sapiens; sapientia enim huius mundi stultitia est apud Deum*. Isto é: *Se a algum de vós lhe parecer que é sábio segundo os critérios deste mundo, faça-se ignorante para ser sábio, porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus* (1 Cor 3, 18-19). Assim, para que a alma chegue a unir-se com a sabedoria de Deus, mais há-de ir não sabendo do que sabendo.

**6.** *Todo o senhorio e liberdade do mundo*, comparado com a liberdade e senhorio do espírito de Deus, é sumamente escravidão, angústia e cativo.

Portanto, a alma que se enamora por grandezas humanas, ou outros encargos parecidos, e das liberdades do seu apetite, é tida e tratada diante de Deus não como filho, mas como um simples escravo e cativo, pois não quis acolher a Sua santa doutrina, onde nos ensina que «o que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve» (Lc 22, 26). Portanto, a alma não poderá chegar à verdadeira liberdade de espírito que se atinge na divina união, porque a escravidão nada tem em comum com a liberdade. Esta não pode habitar num coração curvado a querer, porque é coração de escravo, mas num livre, que é coração de filho. Foi por isso que Sara pediu ao seu marido Abraão para expulsar a escrava e o seu filho, dizendo que o filho da escrava não poderia ser juntamente herdeiro com o filho da livre (Gn 21, 10).



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

7. *Todos os deleites e gostos que a vontade* recebe das coisas do mundo, comparados com a totalidade de delícias, que é Deus, são suma pena, tormento e amargura. Portanto, quem põe neles o seu coração é tido diante de Deus como digno de suma pena, tormento e amargura. Por isso, sendo digno de pena e amargura, não poderá chegar às delícias do abraço da união com Deus.

*Todas as riquezas e glória das criaturas*, comparadas com a riqueza que é Deus, é suma pobreza e miséria. A alma que as ama e possui é sumamente pobre e miserável diante de Deus. Por isso, não poderá chegar à riqueza e glória, que é o estado de transformação em Deus, porquanto o sumamente miserável e pobre dista muito do sumamente rico e glorioso.

8. Por isso, a divina Sabedoria, compadecendo-se dos que se tornam feios, baixos, miseráveis e pobres por amar o que do mundo lhes parece formoso e rico, exorta-os nos Provérbios: *O viri, ad vos clamito, et vox mea ad filios hominum. Intelligite parvuli astutiam, et insipientes animadvertite. Audite, quia de rebus magnis locutura sum.* E mais à frente continua dizendo: *Mecum sunt divitiae et gloria, opes superbae et iustitia. Melior est fructus meus auro et lapide pretioso, et genimina mea argento electo. In viis iustitiae ambulo, in media semitarum iudicii, ut ditem diligentes me, et thesauros eorum repleam.* Quer dizer: *A vós, homens, é que eu grito, e a minha voz dirige-se aos filhos dos homens. Ó pequeninos, olhai a astúcia e a sagacidade; e vós, insensatos, adquiri a inteligência. Escutai bem, porque vou dizer coisas importantes. Comigo estão a riqueza e a honra, a prosperidade e a justiça. O meu fruto vale mais do que ouro puro, e o meu lucro vale mais do que prata de lei. Eu caminho pelas veredas da justiça, e ando pelas sendas do direito, para levar riquezas aos que me amam e encher os seus cofres* (Pr 8, 4-6; 18-21). A Sabedoria divina dirige-se a todos aqueles que põem o seu coração e afecto nalguma coisa do mundo, como já dissemos. E chama-lhes *pequeninos*, porque se assemelham ao que amam, ao pequeno. Por isso diz-lhes que sejam espertos e saibam que ela fala de coisas grandes e não de pequenas, como eles. As grandes riquezas e a glória que eles amam, estão nela e com ela, e não onde eles julgam. As riquezas mais abundantes e a justiça moram nela. Embora eles julguem que as coisas deste mundo também o sejam, avisa-os de que as suas são melhores, pois o fruto que nelas encontrarão é melhor do que o ouro e as pedras preciosas, e o que ela gera nas almas é melhor do que a prata pura que eles amam. O mesmo se diga de qualquer outro género de afecto que possa haver nesta vida.

## CAPÍTULO 5

*Continua a expor a mesma doutrina.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Com textos e exemplos da Sagrada Escritura  
mostra quão necessário é para a alma ir até Deus por meio desta  
noite escura da mortificação do apetite em todas as coisas.*

**1.** Com o que se disse até aqui pode-se, de alguma maneira, calcular a distância que existe entre o ser das criaturas e o de Deus. Essa mesma distância em relação a Deus é a que possuem as almas que põem nelas o seu afecto, porque, como dissemos, o amor cria igualdade e semelhança. Por isso, Santo Agostinho, conhecendo bem essa distância, dizia nos *Solilóquios* ao falar com Deus: *Pobre de mim, quando poderá a minha pequenez e imperfeição ajustar-se à Vossa rectidão? Vós sois verdadeiramente bom, e eu mau; Vós piedoso, e eu ímpio; Vós santo, e eu miserável; Vós justo, e eu injusto; Vós a luz, e eu cego; Vós a vida, e eu a morte; Vós o remédio, e eu o doente; Vós a suma verdade, e eu toda a vaidade.* Tudo isto diz este Santo.

**2.** Portanto, é suma ignorância da alma pensar que poderá chegar a este alto estado de união com Deus sem retirar primeiro o apetite de todas as coisas naturais e sobrenaturais que a podem estorvar, como se explicará mais adiante. A distância entre elas e o que se passa neste alto estado, a pura transformação em Deus, é grandíssima. Foi por isso que nosso Senhor, ao ensinar-nos este caminho, disse por S. Lucas: *Qui non renuntiat omnibus quae possidet, non potest meus esse discipulus.* Quer dizer: *Quem de vós não renunciar a todas as coisas que possui com a vontade, não pode ser meu discípulo.* (Lc 14, 33). Na verdade, a doutrina que o Filho de Deus veio ensinar foi a renúncia de todas as coisas para receber em si o prémio do espírito de Deus. Enquanto a alma não se libertar delas, não tem capacidade para receber, em pura transformação, o espírito de Deus.

**3.** Temos um exemplo no *Êxodo* (Ex 16, 3-4), onde se lê que Deus não enviou o manjar do céu, o maná, aos filhos de Israel até ao dia em que lhes faltou a farinha que tinham trazido do Egipto. Com isto, deu a entender que convém primeiro renunciar a todas as coisas, porque este manjar de anjos não é próprio ao paladar de quem quer saborear o manjar dos homens. A alma que se detém e apascenta noutros gostos alheios torna-se incapaz do espírito divino. Também muito desgostam a divina Majestade aqueles que, pretendendo o manjar do espírito, não se contentam só com Deus e querem misturá-lo com o apetite e o afecto de outras coisas. Isto vê-se também no mesmo livro da Sagrada Escritura, onde se diz que eles, não se contentando com aquele manjar tão simples, desejaram e pediram um manjar de carne (*ibid.*, 8-13). Nosso Senhor aborreceu-se muito por eles quererem misturar um manjar tão reles e malfeito com um manjar tão nobre e simples que, apesar de o ser, tinha em si o sabor e a substância de todos os manjares (Sb 16, 20-21). Por isso, estando eles ainda com os bocados na boca, como também diz David, *ira Dei descendit super eos* (Sl 77, 30-31): *a ira de Deus caiu sobre eles*, enviando um

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

fogo do céu que abrasou muitos milhares, por considerar indigno que, dando-lhes Ele o manjar do céu, tivessem apetite de outro manjar.

4. Oh! Se os espirituais soubessem de quanto bem e abundância de espírito se privam por não quererem retirar o apetite de ninharias! Se as não quisessem saborear, receberiam o sabor de todas as coisas neste manjar simples do espírito! Mas não o saboreiam. E a causa de não receberem o gosto de todos os manjares que havia no maná é esta: não concentravam nele todo o apetite. Não chegavam a encontrar no maná o sabor e a fortaleza que desejavam, não porque o maná o não tivesse, mas porque queriam outra coisa. Assim também, quem quer amar outra coisa juntamente com Deus, tem, sem dúvida, pouco apreço por Deus, porque coloca na mesma balança com Deus aquilo que, como dissemos, dista sumamente de Deus.

5. Sabe-se por experiência que, quando a vontade se afeiçoa a uma coisa, aprecia-a mais do que qualquer outra, ainda que seja melhor, porque gosta dela. E, se quiser gostar das duas, forçosamente há-de ofender a principal, pois iguala uma com a outra. E, porque nada há que se compare a Deus, muito ofende a Deus a alma que O ama conjuntamente com outra coisa ou se prende a ela. E o que seria se a amasse mais do que a Deus?

6. Era isto que se mostrava quando Deus mandou que Moisés subisse ao monte para falar com ele. E não mandou apenas que subisse sozinho, deixando no fundo os filhos de Israel, mas também que não deixassem pastar os animais junto do monte: *Nullus ascendat tecum, nec videat quispiam per totum montem, boves quoque et oves non pascant e contra* (Ex 34, 3). Com isto, dava a entender à alma que tiver de subir a este *Monte da perfeição* para falar com Deus, que não só há-de renunciar a todas as coisas e deixá-las cá em baixo, como também não há-de deixar apascentar os apetites, que são os animais, junto deste *Monte*, isto é, noutras coisas que não sejam puramente Deus. Neste Monte, que é o estado de perfeição, acaba todo e qualquer apetite. É preciso que o caminho e a subida para Deus seja uma atenção permanente em fazer cessar e mortificar os apetites. Quanto mais pressa nisto puser a alma, tanto mais depressa lá chegará. Mas, enquanto não cessarem, não há possibilidade de chegar, por mais virtudes que pratique, porque ainda não as conseguiu na perfeição, isto é, ter a alma vazia, despida e mortificada de todos os apetites. Também, sobre isto, encontramos um exemplo muito eloquente no Génesis: querendo o patriarca Jacob subir ao monte Betel para construir lá um altar a Deus para lhe oferecer um sacrifício, ordenou primeiro *três coisas* à sua gente: *a primeira*, que afastassem de si todos os deuses estrangeiros; *a segunda*, que se purificassem; *a terceira*, que mudassem de vestes: *Abiicite deos alienos qui in medio vestri sunt, et mundamini ac mutate vestimenta* (Ibid., 35, 1-2).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

7. Com estas *três coisas* - dá-se a entender a toda a alma que queira subir a este *Monte* para fazer de si mesma um altar - oferecendo-se a Deus como sacrifício de amor puro, louvor e verdadeira adoração - que, antes de subir ao cimo do *Monte*, há-de ter conseguido já, com toda a perfeição, estas três coisas.

*Primeira*, afastar-se de todos os deuses alheios, ou seja, de todos os estranhos afectos e apegos.

*Segunda*, purificar-se, com a *noite escura dos sentidos* de que falamos, do rasto que tais apetites deixaram na alma, negando-os e arrependendo-se continuamente.

*Terceira*, ter mudado de vestes para chegar a este alto Monte. Com as duas primeiras, é Deus quem muda as velhas pelas novas. Abandonado o velho modo de entender humano, Deus dá-lhe um novo modo de conhecer Deus em Deus; despojada a vontade de todos os seus velhos querereres e gostos humanos, Deus dá-lhe um novo modo de amar Deus em Deus; postas de lado outras recordações e velhas fantasias, Deus introduz a alma num conhecimento novo; fazendo cessar tudo o que é do homem velho, ou seja, a capacidade do ser natural, reveste todas as suas potências com uma nova capacidade sobrenatural, transformando o seu agir de humano em divino.

É isto o que se atinge no estado de união: a alma não serve senão de altar onde Deus é adorado em glória e amor, pois só Ele a habita. Deus mandou que o altar, onde se haveria de guardar a arca da Aliança, fosse oco por dentro (Ex 27, 8). Com isto, quis mostrar à alma quão vazia a quer Deus de todas as coisas para ser digno altar onde Sua Majestade habite.

Também não permitia que nesse altar ardesse outro fogo, mas sempre e só o d'Ele (Lv 6, 12-13). Nadab e Abiud, dois filhos do sumo sacerdote Aarão, ofereceram fogo estrangeiro no seu altar; nosso Senhor irritou-se de tal maneira que os matou ali mesmo em frente ao altar (Lv 10, 1-2). Deste modo ficamos a compreender que, para ser um digno altar, não há-de faltar na alma o amor de Deus nem o misturar com outro amor alheio. Deus não permite que, num mesmo sujeito, outra coisa more com Ele.

Por isso se lê no primeiro livro dos *Reis* que, tendo os filisteus metido a arca da Aliança no templo onde estava o seu ídolo, todos os dias, ao amanhecer, o ídolo estava no chão e desfeito em pedaços (1 Rs 5, 2-5).

Deus apenas consente, e quer que esteja sempre junto d'Ele, o apetite de guardar lei de Deus com perfeição e carregar a cruz de Cristo. Por isso, na Sagrada Escritura, não se diz que Deus tivesse mandado pôr outra coisa na arca onde estava o maná, a não ser o livro da Lei e a vara de Moisés (Dt 31, 26) que significa a cruz. A alma que não pretender outra coisa senão guardar a lei do Senhor e levar a cruz de Cristo será verdadeira arca, contendo o verdadeiro maná, que é Deus, quando tiver em si, perfeitamente e sem nenhuma outra coisa, esta lei e esta vara.

## CAPÍTULO 6

*Fala dos dois principais danos que os apetites causam na alma: o negativo e o positivo.*

**1.** Para se compreender com mais clareza e melhor o que se disse, será oportuno acrescentar e dizer aqui os dois principais danos que estes apetites causam na alma. Por meio de *um*, *privam-na* do espírito de Deus; por meio de *outro*, *cansam*, *atormentam*, *obscurecem*; *sujam*, *enfraquecem* e *chagam* a alma em que vivem. É como diz Jeremias: *Duo malafecit populus meus: dereliquerunt fontem aquae vivae, et foderunt sibi cisternas dissipatas, quae continere non valent aquas.* Quer dizer: *Porque o meu povo cometeu um duplo crime: abandonou-Me, a Mim, fonte de águas vivas, para cavar cisternas rotas que não podem reter as águas* (Jr 2, 13). Estes dois danos, causados por qualquer acto desordenado do apetite, são: o *negativo* e o *positivo*.

Falemos, em primeiro lugar, do *negativo*. É evidente que, quando a alma se afeiçoa a uma coisa pelo apego à criatura, quanto mais o apetite crescer na alma, tanto menos capacidade ela tem para Deus. É o que dizem os filósofos: dois contrários não podem caber no mesmo sujeito, como já dissemos no capítulo quarto. O afecto de Deus e o das criaturas são contrários entre si, por isso, o afecto a Deus e o das criaturas não cabem na mesma vontade. O que é que tem a ver a criatura com o Criador? O sensual com o espiritual? O visível com o invisível? O temporal com o eterno? O alimento celestial puramente espiritual com o alimento dos sentidos puramente sensual? A desnudez de Cristo com apego a alguma coisa?

**2.** Portanto, tal como na vida natural não se pode criar uma forma sem retirar primeiro do sujeito a anterior, que é contrária, pois a sua presença é impedimento à outra devido à contrariedade que existe entre as duas, assim também, à medida que a alma se submete ao espírito sensual, não pode entrar nela o espírito puramente espiritual. Por isso, o nosso Salvador disse por S. Mateus: *Non est bonum sumere panem filiorum et mittere canibus.* Quer dizer: *Não é justo que se tome o pão dos filhos para o lançar aos cães* (Mt 15, 26). E noutro lugar diz pelo mesmo evangelista: *Nolite sanctum dare canibus.* Quer dizer: *Não deis as coisas santas aos cães* (Mt 7, 6).

Nestes textos, nosso Senhor compara aos filhos de Deus aqueles que, negando os apetites das criaturas, se dispõem a receber o espírito de Deus em pureza; e compara aos cães, aqueles que querem alimentar o seu apetite com as criaturas. Os filhos comem à mesa com o seu Pai e do seu prato, isto é, alimentam-se do seu espírito; os cães comem as migalhas que caem da mesa.

**3.** A este respeito convém saber que todas as criaturas são migalhas que caíram da mesa de Deus. Portanto, é justo chamar cão a quem anda a apascentar-se nas criaturas; não lhes é dado o pão dos filhos, porque eles não querem levantar-se das

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

migalhas das criaturas para a mesa do espírito incriado de seu Pai. É precisamente por isso que andam sempre famintos como cães, porque as migalhas servem mais para avivar o apetite do que para matar a fome. Deles disse David: *Famem patientur ut canes, et circuibunt civitatem. Si vero non fuerint saturati, et murmurabunt.*

Quer dizer: *Latindo como cães, vêm fazer ronda à cidade. Vagueiam em busca de alimento e, não se saciando, põem-se a uivar* (Sl58, 15-16).

Esta é a propriedade de quem tem apetite: anda sempre descontente e irritado, como quem tem fome. E que relação existe entre a fome que as criaturas causam e a fartura que o espírito de Deus causa? Esta fartura incriada não pode entrar na alma se não se elimina primeiro essoutra fome criada pelo apetite da alma, pois, como dissemos, dois - contrários não podem habitar no mesmo sujeito, neste caso, a fome e a fartura.

**4.** Com o que se disse, pode-se ver como Deus faz muito mais em limpar e purificar uma alma destas contrariedades do que em criá-la do nada. Estas contrariedades de afectos e apetites são mais opostos e resistentes a Deus do que o nada, porque este não resiste. E quanto ao primeiro dano principal, a resistência ao espírito de Deus, não digo mais, porque já antes se falou muito dele.

**5.** Falemos agora do *segundo dano* que lhe causam. Ele acontece de muitas maneiras, porque *os apetites cansam, atormentam, obscurecem, sujam e enfraquecem* a alma. De cada uma destas cinco coisas falaremos em particular.

**6.** Em primeiro lugar, é evidente que os apetites *cansam e fatigam* a alma, porque são como os filhos pequenos, inquietos e difíceis de contentar; estão sempre a pedir à sua mãe isto e aquilo e nunca estão contentes. E assim como quem escava um tesouro por cobiça se cansa e fatiga, assim também se cansa e fatiga a alma para conseguir o que lhe pedem os seus apetites. Embora o consiga, acaba sempre por se cansar, porque nunca se satisfaz. No fim de contas, escava *cisternas rotas* que *não podem reter a água* para matar a sede (Jr 2, 13). Por isso, diz Isaías: *Lassus adhuc sitit, et anima eius vacua est* (Is 29, 8).

Quer dizer: *O seu apetite está vazio, e a alma que os tem cansa-se e fatiga-se.* É como o doente com alta temperatura: não se sente bem até ficar sem febre, e a cada momento mais sede tem. Ou como se diz no livro de Job: *Cum satiatus fuerit, arctabitur aestuabit, et omiús dolor irruent super eum.* Quer dizer: *Depois de saciado, sofrerá mais ânsias e se abrasará, e toda a espécie de dor cairá sobre ele* (Jb 20, 22). A alma cansa-se e fatiga-se com os seus apetites, porque é batida, abanada e perturbada por eles, tal como a água pelos ventos. É por isso que também a *inquietam*, sem a deixar sossegar num sítio ou numa coisa. Duma alma assim, diz Isaías: *Cor impii quasi mare fervens.* Quer dizer: *O coração dos maus é como um mar agitado* (Is 57, 20); e quem não vence os apetites é mau.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Cansa-se e fatiga-se a alma que deseja saciar os seus apetites. É como aquele que, tendo fome, abre a boca para se encher de vento e, em vez de se fartar, ainda se seca mais, porque não é essa a sua comida. A este propósito disse Jeremias: *In desiderio animae suae attraxit ventum amoris sui.*

É como se dissesse: *No apetite da sua vontade atraiu a si o vento do seu afecto* (Jr 2, 24). E mais à frente, para dar a entender a secura com que essa alma fica, avisa: *Prohibe pedem tuum a nuditate, et guttur tuum a siti.* Quer dizer: *Afasta o teu pé, isto é, o teu pensamento, da nudez e a tua garganta da sede* (h 2, 25).

É como se dissesse: a tua vontade de saciar o apetite causa mais secura. Assim como o namorado se cansa e fatiga quando, no dia mais esperado, viu falhado o seu lance, assim também se cansa e fatiga a alma para satisfazer todos os seus apetites, pois todos lhe causam maior vazio e fome. Geralmente diz-se que o apetite é como o fogo: aumenta quando se lhe deita lenha, e forçosamente se apaga logo que a consome.

**7.** Mas, nisto, o apetite ainda é pior, porque o fogo, acabada a lenha, apaga-se; o apetite, porém, não deixa de aumentar desde que se ascendeu.

Embora se acabe a matéria, ele não se apaga como o fogo quando se acaba a lenha. Então, morre de fadiga porque a fome aumenta e a comida diminui. Dele fala Isaías: *Declinabit ad dexteram, et esuriet; et comedet ad sinistram, et non saturabitur.* Quer dizer: *Deixará a mão direita, e terá fome; comerá da esquerda, e não se fartará* (Is 9, 20). Porque os que não mortificam os seus apetites, precisamente, quando declinam, vêem a abundância do doce espírito dos que se encontram à direita de Deus, que não lhes é concedido. Correm, então, para a esquerda, a satisfazer o seu apetite nalguma criatura, e não se saciam. Abandonaram aquilo que os podia saciar, e apascentam-se do que ainda lhes causa mais fome.

Fica, pois, bem esclarecido por que é que os apetites *cansam e fatigam* a alma.

### CAPÍTULO 7

*Fala do modo como os apetites atormentam a alma. Prova-o com exemplos e textos.*

**1.** A *segunda maneira de mal positivo* que os apetites causam à alma é que a *atormentam e afligem*. É como quem está amarrado por cordas a alguma coisa e não descansa enquanto não se libertar. Deles diz David: *Funes peccatorum circumplexi sunt me.* Que é como se dissesse: *Os laços dos meus pecados, que são os meus apetites, apertaram-se à minha volta* (Sl 118, 61). Assim como se atormenta e aflige quem se deita despido em cima de silvas ou pontas aguçadas, assim também se atormenta e aflige a alma quando se deita nos seus apetites, porque, como as silvas, ferem, danificam, apertam e fazem doer. Deles também diz David: *Circumdederunt me sicut apes, et exarserunt sicut ignis in spinis.* Que quer dizer: *Cercaram-me como*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*vespas, crepitavam como fogo em silvas* (Sl 117, 12). Nos apetites, que são as silvas, cresce o fogo da angústia e do tormento. E assim como o lavrador aflige e atormenta o boi com o arado pela ânsia da colheita que espera, assim a concupiscência aflige a alma com o apetite para conseguir o que quer. Isto vê-se bem pelo apetite que Dalila tinha em saber de onde vinha tanta força a Sansão; diz a Sagrada Escritura que ela o fatigava e cansava tanto que o fez desfalecer quase até à morte: *Defecit anima eius, et ad mortem usque lassata est* (Jz 16, 16).

**2.** Quanto mais intenso for o apetite maior é o tormento para alma. Deste modo, há tanto de tormento quanto houver de apetite; e tantos mais tormentos tem quantos mais apetites tiver. Numa alma assim, acontece ainda nesta vida aquilo que o Apocalipse diz sobre Babilónia: *Quantum glorificavit se, et in deliciis fuit, tantum date illi tormentum et luctum.*

Isto é: *Dai-lhe tormentos e lágrimas na mesma medida em que fez ostentação do seu luxo e das suas delícias* (Ap 18, 7). Assim como é atormentado e afligido o que cai nas mãos dos seus inimigos, assim também é atormentada e afligida a alma que se deixa vencer pelos seus apetites.

Para isto temos um exemplo no livro dos *Juízes* (Jz 16, 21), onde se lê que aquele poderoso Sansão, sendo antes forte, livre e juiz de Israel, ao cair em poder dos inimigos, tiraram-lhe a força, arrancaram-lhe os olhos e amarraram-no a uma mó, onde tanto o atormentaram e afligiram. É o que acontece à alma onde estes inimigos, os apetites, vivem e vencem. A primeira coisa que fazem é enfraquecê-la e cegá-la; depois, como diremos mais à frente, afligem-na e atormentam-na, amarrando-a à mó da concupiscência. Os laços que a amarram são os seus próprios apetites.

**3.** Por isso, compadecendo-se Deus dos que, com tanto trabalho e suor, andam a matar a sede e a fome do apetite nas criaturas, diz-lhes por Isaías: *Omnes sitientes, venite ad aquas; et qui non habetis argentum, properate, emite et comedi/e: venite, emite absque argento vinum et fac. Quare appenditis argentum non in panibus, et laborem vestrum non in saturitate?* (Is 55, 1-2). É como se dissesse: *Todos vós que tendes sede de apetites, vinde à nascente das águas; todos vós que não tendes dinheiro de vontade própria e de apetites, apressai-vos; comprai do que é meu e comei; vinde e comprai do meu pão e do meu leite, que é paz e doçura espiritual, sem dinheiro de vontade própria e sem dar-me por isso quaisquer juros ou troca alguma de trabalho como fazeis com os vossos apetites.*

Porque é que dais o dinheiro da vossa vontade *pelo que não é pão*, ou seja, não é do espírito divino, *e pondeis o trabalho dos vossos apetites naquilo que não vos pode saciar?* Vinde, escutai-me a Mim, e comereis o bem que desejais e a vossa alma deleitar-se-á em abundância.



**4.** Deleitar-se em abundância significa deixar todos os gostos das criaturas, pois elas atormentam, enquanto que o espírito de Deus conforta.

Por isso, Ele convida-nos por S. Mateus: *Venite ad me omnes que laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos, et invenietis requiem anima bus vestris* (Mt 11, 28-29). Que é como se dissesse: *Todos vós que andais atormentados, aflitos e sobrecarregados com os vossos cuidados e apetites, deixai-os, vinde a Mim, Eu vos confortarei e encontrareis para as vossas almas o alívio que os vossos apetites vos roubam.*

É por isso que eles são um pesado fardo, como diz David: *Sicut onus grave gravatae sunt super me* (Sl 37, 5).

## CAPÍTULO 8

*Fala do modo como os apetites obscurecem e cegam a alma.*

**1.** O terceiro dano que os apetites fazem à alma é que a *cegam e obscurecem*. Assim como os vapores obscurecem o ar e não deixam o sol brilhar claramente, o espelho embaciado não deixa reflectir o rosto com nitidez, a água remexida no lodo impede que se veja bem o rosto de quem nela se contempla, assim também a alma vencida pelos apetites, obscurecida no entendimento, não permite que o sol da razão natural nem o da Sabedoria de Deus, que é sobrenatural, a inundam e iluminem de luz. Por isso diz David, falando a este propósito: *Comprehenderunt me iniquitates meae, et non potui, ut viderem*. Quer dizer: *As minhas iniquidades caíram sobre mim, e já não posso ver* (Sl 39, 13).

**2.** E aquilo que *obscurece o entendimento*, também *enfraquece a vontade, embrutece à memória e desorienta* a sua recta operação. E como as operações destas potências dependem do entendimento, estando ele obstruído, é natural que todas elas fiquem confusas e perturbadas. Por isso diz David: *Anima mea turbata est valde*.

Quer dizer: *A minha alma está muito perturbada* (Sal 6, 4), isto é, desorientada nas suas potências. Se, como dissemos, o entendimento não tem capacidade para receber a luz da sabedoria de Deus, tal como o ar tenebroso para receber a do sol; se a vontade não tem capacidade para abraçar a Deus em puro amor, tal como o espelho embaciado não deixa reflectir bem o rosto diante de si; então a memória, obscurecida pelas trevas do apetite, ainda menos capacidade tem para se informar serenamente da imagem de Deus, tal como a água turva não pode mostrar com nitidez o rosto de quem nela se contempla.

**3.** O apetite *cega e obscurece* a alma, porque o apetite, como tal, é cego; não tem entendimento algum, e a razão há-de fazer sempre de guia de cego. Por isso, sempre que a alma se guia pelo seu apetite, cega-se, porque quem vê deixa-se guiar

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pelo que não vê; isto equivale a serem ambos cegos. Então, segue-se daí o que nosso Senhor diz por S. Mateus: *Si caecus caeco ducatum praestat ambo in foveam cadunt. Se um cego guiar outro cego, ambos cairão nalguma cova* (Mt 15, 14 ).

De nada servem os olhos à borboleta, quando o apetite pela formosura da luz a deslumbra para a fogueira. Também podemos dizer que quem se alimenta dos apetites é como o peixe encandeado, a quem a luz enche de trevas para não ver os perigos que os pescadores lhe armam. É o que David dá muito bem a entender, dizendo dos que se lhes assemelham: *Supercecidit ignis, et non viderunt solem* (Sl 57, 9).

É como se dissesse: Sobreveio-lhes o fogo que aquece com o seu calor e encandeia com a sua luz. Isso é o que o apetite faz na alma: acende a concupiscência e encandeia o entendimento para que não possa ver a sua luz. E a causa do encandeamento é esta.: colocando diante dos olhos uma luz diferente, a potência visual fica cega com essa entreposta luz e não vê à outra. É o que faz o apetite: aproxima-se tanto da alma, pois está na própria alma, que a faz tropeçar e alimentar nessa entreposta luz, não a deixando ver com clareza a luz do seu entendimento. E não a poderá ver enquanto o encandeamento do apetite não se retirar da frente.

**4.** Por isso, é muito de lamentar a ignorância de alguns que se carregam de penitências extraordinárias e outras muitas práticas voluntárias, pensando que isso lhes bastará para chegar à união da divina Sabedoria e não procuram com diligência negar os seus apetites. Se empregassem para isto metade do esforço que usam nelas, aproveitariam mais num mês do que fazendo todas essas práticas durante muitos anos. Assim como a terra precisa de ser trabalhada para dar fruto, pois senão só produz ervas daninhas, assim também a mortificação dos apetites é necessária para que a alma possa aproveitar.

Atrevo-me até a dizer que, sem a mortificação, o que fizer aproveita-lhe tanto, para avançar na perfeição, no conhecimento de Deus e de si mesmo, como a semente lançada na terra por lavrar. Por isso, não conseguem tirar as trevas e a rudeza da alma até que os apetites não se apaguem. São como cataratas ou como arqueiros nos olhos: incomodam a vista até que não se tiram.

**5.** Por isso, vendo David a sua cegueira, quão impedidas trazem as almas da luz da verdade e quanto Deus se aborrece com eles, diz-lhes: *Priusquam intelligerent spinae vestrae rhamnum: sicut viventes, sic in ira absorbet e os* (Sl 57, 1 0). Isto é: *Antes que os espinheiros, isto é, os vossos apetites, aqueçam as vossas panelas, Deus devorá-las-á, ainda verdes, na sua ira.* Nesta vida ou na outra, por meio do castigo e da correcção da purificação, Deus devorará os apetites que vivem na alma, antes deles O conhecerem. E diz que os devorará na ira, porque o que se padece na mortificação dos apetites é castigo pelos estragos que fizeram na alma.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**6.** Oh! se os homens soubessem de quanto bem de luz divina os priva esta cegueira que os afectos e apetites lhe causam! E em quantos males e danos os fazem cair cada dia, enquanto não os mortificam! Não se devem fiar da boa inteligência, ou dons que tenham recebido de Deus, para julgar que, se houver qualquer affecto ou apetite, não hão-de cegar, obscurecer e, pouco a pouco, ir de mal a pior. Quem diria que um homem tão sábio e cheio de dons de Deus, como era Salomão, chegasse a tal cegueira e baixeza da vontade que erguesse altares a tantos ídolos e os adorasse, sendo já velho? (1 Rs 11, 4-8).

Para tanto, bastou só o affecto que tinha às mulheres e não ter cuidado em negar os apetites e deleites do seu coração. Ele próprio confessa no *Eclesiastes* (Ecl 2, 10) que não negou aquilo que o seu coração lhe pediu. E este entregar-se aos seus apetites foi tão forte que não os negou, embora no princípio fosse recatado.

E porque não os negou, eles foram-lhe pouco a pouco cegando e obscurecendo o entendimento até lhe apagar aquela grande luz da sabedoria que Deus lhe havia dado. E, assim, abandonou a Deus na velhice.

**7.** E se nele, que conhecia bem a distância que existe entre o bem e o mal, os apetites não mortificados tiveram tanto poder, o que não poderão contra a nossa ignorância? Tal como disse Deus ao profeta Jorias acerca dos ninivitas, não sabemos distinguir a mão direita da esquerda (Jn 4, 11), *porque*, a cada passo, temos o mau por bom e ó bom por mau; e temo-lo como obra nossa. E que acontecerá se às trevas naturais se juntar o apetite? O que diz Isaías: *Palpavimus sicut caeci parietem, et quasi absque oculis attrectavimus: impegimus meridie, quasi in tenebris* (Is 59, 10). O profeta está a falar com os que querem seguir estes seus apetites: *Caminhamos como cegos apalpando as paredes, e, fomos às apalpadelas como quem não tem olhos, e chegou a tanto a nossa cegueira que tropeçamos em pleno meio-dia como nas trevas*. Isto mesmo é o que acontece a quem está cego pelo apetite: posto no meio da verdade e do que lhe convém, não é capaz de ver senão como se estivesse às escuras.

## CAPÍTULO 9

*Fala do modo como os apetites sujam a alma. Demonstra-o com exemplos e textos da Sagrada Escritura:*

**1.** O quarto dano que os apetites fazem à alma é que a *sujam e mancham*, como diz o *Eclesiástico*: *Qui tetigerit picem, inquinabitur ab ea*. Quer dizer: *Quem tocar no pez, acabará por se sujar* (Sir 13, 1). Toca-se no pez quando se satisfaz o apetite da sua vontade nalguma criatura. Note-se que o Sábio compara as criaturas ao pez, porque entre o excelente da alma e o melhor das criaturas há mais diferença do que entre o cristalino diamante, ou o ouro fino, e o pez. Se o ouro, ou o diamante, fosse aquecido em cima do pez, sujava-se e manchava-se pelo pez porque o calor o

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

derreteu e fez aproximar; também a alma, aquecida pelo apetite da alguma criatura, suja-se e mancha-se no calor do seu apetite.

Há mais diferença entre a alma e as outras criaturas corporais do que entre um licor claríssimo e um lodaçal imundo. Portanto, assim como esse licor se sujaria se o misturassem com o lodaçal, assim também se suja a alma que se apega à criatura, porque se faz semelhante a ela. Tal como os traços da fuligem sujam um rosto bonito e perfeito, assim também os apetites desordenados tornam feia e suja a alma que os possui, pois ela é em si mesma uma formosíssima e perfeita imagem de Deus.

**2.** Por isso, Jeremias chorando os estragos e a fealdade que estes afectos desordenados causam na alma, canta primeiro a sua formosura e só depois a fealdade, dizendo: *Candidiores sunt Nazaraei eius nive, nitidiores lacte, rubicundiores ebore antiquo, saphiro pulchriores.*

*Denigra ta est super carbones facies e o rum, et non sunt cogniti in plateis.*

Quer dizer: *Os seus cabelos, os da alma, são mais brancos do que a neve, mais claros que o leite, mais vermelhos que o marfim antigo, e mais formosos que a safira. A sua face ficou mais negra que o carvão, e nas praças ninguém os reconhece* (Lm 4, 7-8). Por cabelos entendemos aqui os afectos e os pensamentos da alma, que, ordenados naquilo em que Deus os ordena [que é o mesmo Deus], são mais brancos do que a neve, mais brancos que o leite, mais avermelhados que o marfim, e mais formosos que a safira. Com estas quatro coisas se entende toda a formosura e excelência da criatura corporal acima das quais, diz, está a alma e os seus actos, que são os nazarenos ou os tais cabelos, os quais, desordenados e postos naquilo que Deus não lhes ordenou, isto é, ocupados com as criaturas, diz Jeremias que a sua face fica e põe-se mais negra que o carvão.

**3.** Todo este mal, e muito mais, causam à formosura da alma os apetites desordenados nas coisas deste mundo. Tanto assim, que se tivéssemos de falar sobre a feia e suja figura que os apetites podem deixar na alma, não encontraríamos um lugar por muito cheio que estivesse de teias-de-aranha e bichos, nem fealdade de corpo morto, nem qualquer outra coisa nojenta e suja que nesta vida possa haver ou imaginar, a que pudéssemos comparar.

Na verdade, embora no seu ser natural a alma desordenada esteja tão perfeita como Deus a criou, contudo, no seu ser da razão, está feia, abominável, suja, escura e com todos os danos que vamos descrevendo e muitos mais. Um só apetite desordenado, como depois diremos, embora não seja matéria de pecado mortal; é suficiente para escravizar, sujar e deixar feia a alma. Além disso, fica sem-nenhum modo de poder chegar à união com Deus até purificar o apetite. Como será a fealdade daquela alma que se encontra totalmente desordenada nas suas próprias paixões e entregue aos seus apetites? E quão afastada estará de Deus e da sua pureza?

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

4. Não se pode explicar por palavras, nem sequer compreender com o entendimento, a quantidade de imundície que a variedade de apetites causam na alma. Se se pudesse explicar e dar a entender, seria uma coisa excelente; mas, ao mesmo tempo, daria muita pena comprovar que cada apetite, conforme a sua quantidade e qualidade, maior ou mais pequeno, deixa o seu rastro e sedimento de imundície e fealdade na alma. Também se veria que uma desordem da razão pode conter uma grande variedade de sujidade, maior ou menor, conforme ela for.

Acontece como na alma do justo: numa única perfeição, que é a rectidão da alma, tem inumeráveis dons cheios de riqueza e muitas belas virtudes, sendo cada uma diferente e graciosa à sua maneira, conforme a quantidade e diferença de sentimentos de amor que teve para com Deus. Também a alma desordenada, de acordo com a variedade de apetites que tiver às criaturas, possui uma deplorável variedade de imundície e baixeza, igual ao modo como esses apetites a pintam.

5. Esta variedade de apetites está bem exemplificada em *Ezequiel* (Ez 8, 10-16), onde se diz que Deus lhe mostrou, no interior do templo, as paredes pintadas à volta com toda a espécie de bichos que rastejam na terra e toda a abominação de animais nojentos. Então disse Deus a Ezequiel: *Filho de homem, na verdade, não viste as abominações que cada um faz no segredo do seu aposento?* Ordenando Deus ao profeta que entrasse mais adentro para ver maiores abominações, diz que viu as mulheres, sentadas, chorando ao deus dos amores, Adónis. E mandando-o entrar mais adentro para ver abominações ainda maiores, diz que viu vinte e cinco velhos de costas voltadas para o templo.

6. As diferentes espécies de *bichos* e *animais* imundos, que estavam pintados no primeiro compartimento do templo, são os *pensamentos* e as imagens que o *entendimento* tem das coisas baixas da terra e das criaturas. Elas gravam-se, exactamente como são, no templo da alma, embaraçando com elas o entendimento, que é o seu primeiro compartimento.

As *mulheres* que estavam mais adentro, no segundo compartimento, chorando ao deus Adónis, são os *apetites* que se encontram na segunda potência da alma, a *vontade*. Estão como que a chorar, enquanto cobiçam aquilo a que a vontade está afeiçoada, a bicharada já pintada no entendimento.

E os *varões* que estavam no terceiro compartimento são as *imagens e representações das criaturas* que a terceira parte da alma, a *memória* conserva e aviva em si. Diz-se que estão de costas voltadas para o templo, porque, quando a alma abraça completamente, com estas três potências, alguma coisa da terra, pode dizer-se que está de costas voltadas para o templo, que é a recta razão da alma, a qual não admite em si nada de criatura.

7. E para perceber um pouco como seja esta feia desordem da alma nos seus apetites, basta o que está dito. Se tivéssemos de falar em pormenor da pouca

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

fealdade que as imperfeições, e sua variedade, causam na alma; da fealdade que deixam os pecados veniais, que é maior do que a das imperfeições; da fealdade dos apetites de pecado mortal, que é a inteira fealdade da alma; tendo em conta a variedade e quantidade destas três coisas, nunca terminaríamos nem haveria entendimento angélico que o entendesse.

O que digo, e vem ao caso a este propósito, é que qualquer apetite, mesmo que seja da mais pequena imperfeição, *mancha* e *suja* a alma.

### CAPÍTULO 10

*Fala do modo como os apetites amortecem e enfraquecem a alma na virtude.*

**1.** O *quinto* dano que os apetites causam à alma é que *a amortecem e enfraquecem* a fim de não ter força para prosseguir na virtude e nela perseverar.

É por isso que, se a força do apetite se repartir, fica menos forte do que se estivesse junto numa mesma coisa; e quanto por mais coisas se repartir, menos força tem em cada uma delas. Dizem os filósofos que a virtude junta é mais forte do que quando se dispersa. Está claro, portanto, que se o apetite da vontade se dispersa por outra coisa que não seja a virtude, há-de enfraquecer-se para a virtude. A alma que tem a vontade repartida por miudezas assemelha-se à água: se tiver por onde se derramar para baixo, não sobe e perde-se. Por isso, o patriarca Jacob comparou o seu filho Rúben à água derramada, porque, em certo pecado, tinha dado corda aos seus apetites: *Derramaste-te como a água, não crescerás* (Gn 49, 4).

É como se dissesse: Como a água, estás espalhado pelos apetites, não crescerás na virtude. Assim como a água quente, destapada, perde facilmente o calor, ou as especiarias aromáticas, quando destapadas, vão perdendo a fragrância e a força do seu aroma, assim também a alma, não concentrada só no apetite de Deus, perde o calor e o vigor da virtude.

David compreendeu bem isto quando, falando com Deus, disse: *Fortitudinem meam ad te custodiam. Guardarei a minha fortaleza para Vós* (Sl 58, 10). Isto é, concentrando a força dos meus apetites só em Vós.

**2.** Os apetites *enfraquecem* a virtude da alma. Eles são para a alma como os rebentos que nascem em volta das árvores: roubam-lhes força para não darem tanto fruto. A respeito de tais almas, diz o Senhor: *Vae praegnantibus et nutrientibus in illis diebus!* (Mt 24, 19). Quer dizer: *Ai das que estiverem grávidas e das que estiverem amamentando nesses dias!* Esta gravidez e amamentação entende-se aqui a dos apetites que, se não se amarram, como os rebentos às árvores, irão roubando à alma cada vez mais virtude e crescerão para mal dela. Por isso nosso Senhor aconselha: *Tende cingidos os vossos rins*, que, neste caso, significam os apetites (Lc 12, 35). Também eles se assemelham às sanguessugas que estão sempre

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

a chupar o sangue das veias. É assim que lhes chama o Eclesiástico: *Sanguessugas são as filhas*, isto é, os apetites, que sempre estão a dizer: *Dá-me, dá-me!* (Pr 30, 15).

**3.** Por aqui se vê claramente que os apetites não trazem qualquer bem à alma, antes lhe roubam o que tem. Se a alma não os mortificar, acabarão por lhe fazer o que, como dizem, fazem os filhos da víbora à sua mãe: vão crescendo no ventre e comendo a sua mãe até a matar, ficando eles vivos à custa da morte da mãe. De igual modo, os apetites não mortificados chegam ao ponto de matar a alma em Deus, porque ela não os matou primeiro, ficando só eles a viver nela. Por isso, diz o Eclesiástico: *Aufer a me, Domine, ventris concupiscentias et concubitus concupiscentiae ne apprehendant me* (Sir 23, 6).

**4.** E, ainda que não cheguem a tanto, não deixa de meter grande pena ver como os apetites deixam a pobre alma onde vivem: muito triste consigo mesma, muito insensível para com o próximo, muito indolente e preguiçosa para as coisas de Deus. Nenhum mau humor deixa o doente tão lento e com tanta dificuldade para andar, ou com tanto fastio para comer, como o apetite das criaturas deixa a alma tão agastada e triste para seguir a virtude. É por isso que, geralmente, muitas almas não têm agilidade e vontade de crescer na virtude, porque ainda têm em Deus apetites e afeições não purificados.

### CAPÍTULO 11

*Prova-se como a alma, para chegar à divina união, deve carecer de todos os apetites, por mínimos que sejam.*

**1.** Parece que, já há muito tempo, o leitor anda com vontade de perguntar: para chegar a este alto estado de perfeição, é necessário haver primeiro uma mortificação total de todos os apetites, grandes e pequenos?

Bastará mortificar alguns e deixar outros, pelo menos os que parecem de menor importância? É que parece ser quase impossível e difícil que uma alma chegue a tanta pureza e desnudez sem ter vontade e afecto a nada.

**2.** Respondo. É verdade que nem todos os apetites são tão prejudiciais uns como outros, nem embaraçam a alma quando se rejeitam. Também não passam de primeiros movimentos aqueles em que, nem antes nem depois, a vontade racional tomou parte, porque eliminá-los, isto é, mortificá-los totalmente, é impossível nesta vida. Por isso, embora, como digo, não estejam totalmente mortificados, não impedem que se chegue à divina união. Podem muito bem estar na natureza e, no entanto, a alma estar bem livre deles, segundo o espírito racional; por vezes, até pode acontecer estar a alma em oração de quietude, com grande união na vontade, e eles habitarem a parte sensitiva do homem sem que deles participe a parte superior que está em oração.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas de todos os outros *apetites voluntários*, quer sejam *de pecado mortal*, que são os mais graves, quer sejam *de pecado venial*, que são os menos graves, quer sejam somente os das *imperfeições*, que são os menores, por mais pequenos que sejam, se há-de esvaziar e carecer a alma para chegar a esta total união. A razão é esta: o estado desta divina união consiste em que a alma esteja, *segundo a vontade*, de tal maneira transformada na vontade de Deus, que não haja nela nada contrário à vontade de Deus. Em toda e qualquer actividade sua só existe a vontade de Deus.

**3.** É por esta razão que afirmamos que, neste estado, duas vontades se convertem numa só, a de Deus. Também a vontade de Deus é a vontade da alma. Se esta alma quisesse uma imperfeição que Deus não quer, então não estaria unificada na vontade de Deus, pois queria aquilo que Deus não quer. Fica, portanto, claro que, para a alma se unir perfeitamente a Deus no amor e na vontade, há-de primeiramente carecer de todo o apetite na vontade, por mínimo que seja. Quer dizer, prevenida e claramente, não, admita cair voluntariamente nalguma imperfeição e tenha força e liberdade para o fazer sempre que o advirta.

E digo *claramente* porque, sem o prevenir e conhecer, ou sem que dependa de si, poderá muito bem cair nas imperfeições, nos pecados veniais e nos *apetites naturais* de que falámos. A respeito destes pecados, um tanto ou quanto involuntários e sub-reptícios, está escrito: *O justo poderá cair até sete vezes ao dia, mas levantar-se-á* (Pr 24, 16).

Mas, dos *apetites voluntários*, que são os pecados veniais conhecidos, ainda que sejam de coisas pequenas, como disse, basta um só que não se vença para impedir a união.

E digo que é esse *hábito* que se deve mortificar. Por vezes, alguns *actos*, de diferentes *apetites*, não prejudicam tanto quando os *hábitos* estão mortificados. Mas também estes há-de procurar não os ter, porque também eles procedem do *hábito* de imperfeição. Mas alguns *hábitos* de imperfeições voluntárias, nunca totalmente vencidas, não só impedem como não deixam avançar na perfeição.

**4.** Eis alguns hábitos de imperfeição: o costume de falar muito, o apego a uma coisa da qual nunca se quer desfazer, bem como a uma pessoa, um vestido, um livro, uma cela, determinada espécie de comida, certas bisbilhotices e gosto de querer saborear coisas, como, por exemplo, saber, ouvir e outras semelhantes.

O apego ou hábito a alguma destas imperfeições causa mais dano à alma, em ordem ao crescimento e avanço na virtude, do que se caísse todos os dias noutras imperfeições e pecados veniais isolados. Como estes não procedem de um habitual mau costume que se tenha, não a impedirão tanto como se estivesse apegada a alguma coisa. E, enquanto a alma permanecer nessa imperfeição, por mais pequena que seja, é escusado tentar avançar na perfeição. Pouco importa que um pássaro esteja preso por um fio delgado ou por um fio grosso, porque, apesar de delgado, enquanto não se desfizer dele, estará tão preso para voar como por um grosso. É



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

verdade que o delgado é mais fácil de partir mas, mesmo assim, se não o partir, não voará. Assim também a alma que está presa nalguma coisa: por muita virtude que tenha, não chegará à liberdade da divina união.

O apetite e o apego da alma têm a propriedade que dizem da ré mora em relação à nau: apesar de ser um peixe muito pequeno, conseguindo agarrar-se à nau, imobiliza-a de tal maneira que não a deixa chegar ao porto nem navegar. Por isso, mete dó ver algumas almas, carregadas, como ricas naus, de riquezas, obras, exercícios espirituais, virtudes e mercês que Deus lhes faz, mas, por não se determinarem a acabar com algum pequeno gosto, apego ou afecto- pois é tudo a mesma coisa não avançam nem chegam ao porto da perfeição. Afinal, bastava apenas dar um forte puxão para partir de vez aquele fio do apego ou arrancar aquela cravada rémora do apetite!

**5.** Faz muita pena ver como Deus as levou a cortar outros fios mais grossos dos afectos de pecados e vaidades, e, por não se desfazerem duma ninharia, que Deus lhes pediu para deixarem por Seu amor, pois não é mais do que um fio ou cabelo, não possam chegar a tanto bem! E o pior é que não só não avançam, mas, por causa desse apego, voltam atrás e perdem o que durante tanto tempo, e com tanto trabalho, avançaram e conseguiram. Como é sabido, neste caminho, não avançar é andar para trás, e não ganhar é perder. Foi o que nosso Senhor quis dar a entender quando disse: *Quem não está comigo, está contra Mim. E quem não recolhe comigo, dispersa* (Mt 12, 30).

Quem não tiver o cuidado de consertar o vaso, por pequena que seja a racha, basta para se perder todo o líquido que contém. O Eclesiástico bem no-lo ensinou, ao dizer: *Aquele que despreza o pouco que tem, cairá na miséria* (Sir 19, 1). E também: *Uma centelha basta para acender uma grande fogueira* (Sir 11, 32). Também uma imperfeição basta para causar outra, e estas, outras; por isso, é raro ver uma alma negligente em vencer um apetite que não tenha outros muitos, nascidos da mesma fraqueza e imperfeição que tem no primeiro. Vão caindo sempre mais.

Vimos já muitas pessoas que, tendo recebido de Deus a mercê de um grande desprendimento e liberdade, só por começarem a admitir um apegozinho de afecto, com a desculpa do bem da conversação e da amizade; ter-se-lhes ido esvaziando por ali o espírito, o gosto de Deus e a santa solidão. Vimo-los perder a alegria e a integridade nos exercícios espirituais. E acabam por perder tudo. E tudo isto, porque não cortaram aquele começo de gosto e apetite sensitivo, resguardando-se para Deus em solidão.

**6.** Neste caminho, para chegar há-de-se caminhar sempre, isto é, suprimindo sempre necessidades e não fomentá-las. Se não se extinguirem todas, nunca se chega. Assim como o madeiro não se transforma em fogo por um só grau de calor que lhe falte na sua composição, assim também a alma não se transformará em

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Deus por uma só imperfeição que tenha, mesmo que não chegue a ser apetite voluntário. Como depois se dirá na *Noite da fé*, a alma só tem uma vontade; ora, se a enredar e entreter com alguma coisa, não pode estar solta, inteira, sozinha e pura, como se requer para a divina transformação.

**7.** Para isto temos um exemplo no livro dos *Juízes*: o anjo foi ter com os filhos de Israel dizendo-lhes que deixaria no meio deles os inimigos para serem ocasião de queda e perdição, uma vez que não os exterminaram, mas antes se aliaram com alguns deles (Jz 2, 2-3). É justamente o que Deus faz com algumas almas: tirou-as do mundo, matou-lhes os gigantes dos seus pecados e destruiu a multidão dos seus inimigos, que são os perigos que tinham no mundo, só porque tinham entrado com maior liberdade nesta terra prometida da divina união.

No entanto, eles continuam a fomentar a amizade e aliança com a arraia miúda das imperfeições, sem se decidirem a mortificá-las totalmente. Por isso, nosso Senhor, desgostoso com elas, permite que vão caindo de mal a pior nos seus apetites.

**8.** Encontramos outro exemplo no livro de *Josué*: quando está para tomar posse da terra prometida, Deus mandou a Josué que destruísse tudo quanto houvesse na cidade de Jericó, de tal maneira que não deixasse ficar nada vivo, homem ou mulher, criança ou velho, e todos os animais, e que não cobiçassem nem ficassem com nada dos despojos (Js 6, 17-21).

Ficamos, assim, a compreender como, para entrar nesta divina união, tem de morrer tudo o que vive na alma, pouco ou muito, pequeno ou grande, e a alma não há-de cobiçar nada, mas ficar livre, como se isso não fosse para ela nem ela para isso.

É o que nos ensina muito bem S. Paulo quando diz aos *Coríntios*: *O que vos digo, irmãos, é que o tempo é breve. O que importa é que aqueles que têm mulheres vivam como se as não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; e os que se servem do mundo, como se dele se não servissem* (1 Cor 7, 29-31). O Apóstolo diz-nos isto para mostrar quão desprendida devemos ter a alma de todas as coisas para nos unirmos a Deus.

## CAPÍTULO 12

*Responde a outra pergunta, declarando quais os apetites que bastam para causar tais danos na alma.*

**1.** Poderíamos alongar-nos muito mais nesta matéria da *noite do sentido*, falando do muito que há para dizer sobre os danos que os apetites causam, não só nos modos já apontados, como em muitos outros. Contudo, para o que pretendemos, basta

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

com o que está dito. Creio que se fica a perceber porque é que se chama *noite* à mortificação dos apetites e quanto convém entrar nesta *noite* para se unir a Deus. Antes de falarmos do modo de entrar nela e de concluir esta parte, apresenta-se só uma dúvida que poderia ocorrer ao leitor em relação ao que se disse.

**2.** *Em primeiro lugar*, bastará qualquer apetite para activar e causar na alma os dois danos já referidos, isto é, *o negativo*, que priva a alma da graça de Deus, e *o positivo*, que causa nela os cinco danos principais de que falámos?

*Em segundo lugar*, bastará qualquer apetite, por mínimo que seja, ou de que espécie for, para causar os cinco danos juntos? Ou uns causam uns, e outros causam outros, por exemplo, uns o sofrimento, outros o cansaço, outros as trevas, etc.?

**3.** Respondendo a isto, quanto à *primeira* pergunta sobre o *dano negativo*, que é privar a alma de Deus, digo que só os apetites voluntários de pecado mortal o podem fazer totalmente. Nesta vida eles privam a alma da graça e, na outra, privam-na da glória, que é possuir a Deus.

Quanto à *segunda* digo que, tanto os de pecado mortal como os voluntários de pecado venial ou os de imperfeição, bastam para causar na alma todos estes *danos positivos* juntos. Dizemos *positivos*, embora sejam, de algum modo, *negativos*, porque respondem à conversão das criaturas, tal como o *negativo* responde à aversão por Deus. Existe, porém, uma diferença: os apetites de pecado mortal causam a cegueira total, o tormento, a sujidade, a fraqueza, etc.; os de pecado venial ou de imperfeição não causam tais males em extremo e consumado grau. Eles não privam da graça, mas vão-na consumindo, porque a morte dela é a vida deles. Vão causando-os lentamente na alma, conforme o afrouxamento da graça que esses apetites lhe causam. Assim, o apetite que mais enfraquecer a graça, maior tormento, cegueira e sujidade causará.

**4.** Diga-se, no entanto, que, embora cada apetite cause todos estes danos, que aqui chamamos *positivos*, uns causam mais directamente uns, outros causam outros, e assim os outros sucessivamente. E verdade que um apetite sensual causa todos os danos, mas, acima de tudo, suja a alma e o corpo. Um apetite de avareza também os causa todos, mas sobretudo a aflição. Um apetite de vanglória também os causa todos, mas sobretudo as trevas e a cegueira. Um apetite de gula causa-os todos, mas principalmente a tibieza na virtude. E assim os restantes.

**5.** Qualquer acto de apetite voluntário causa na alma todos estes efeitos juntos, porque atenta directamente contra todos os actos de virtude que produzem na alma os efeitos contrários. Assim como *um acto de virtude produz* e cria ao mesmo tempo na alma *suavidade, paz, consolação, luz, pureza e fortaleza*, também *um apetite desordenado causa tormento, fadiga, cansaço, cegueira e fraqueza*.

Com a prática de uma virtude crescem todas as outras, mas também com um vício crescem na alma todos os outros e os seus efeitos. Todos estes males não se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

vêm enquanto o apetite se satisfaz, porque o seu gosto não o permite; contudo, mais cedo ou mais tarde, os seus maus efeitos notam-se bem. Isto vê-se muito bem com o exemplo do livro que o anjo mandou comer a S. João no *Apocalipse* (Ap 10, 9-10): causou-lhe doçura na boca e amargura no estômago. Assim o apetite: quando se satisfaz, é doce e parece bom, mas depois sente-se o seu efeito amargo. Quem se deixa arrastar por eles pode confirmar isto muito bem. No entanto, não ignoro que alguns são tão cegos e insensíveis que nem o sentem, porque, como não vivem em Deus, não se dão conta do que os afasta de Deus.

**6.** Dos outros apetites naturais que não são voluntários, dos pensamentos que não vão mais além dos primeiros movimentos e das outras tentações não consentidas, não falo aqui, porque não causam nenhum destes danos à alma. O sentimento e a perturbação que criam na pessoa que os sofre pode levá-la a pensar que eles a sujam e cegam, mas não é verdade; em vez disso, causam-lhe os efeitos contrários, pois, resistindo-lhes, ganha fortaleza, pureza, luz, consolação e muitos bens. Foi por isso que nosso Senhor disse a S. Paulo: *a virtude aperfeiçoa-se na fraqueza* (2 Cor, 12, 9).

Os apetites voluntários, porém, causam todos estes males e muitos mais. Por isso, o cuidado principal que os mestres espirituais devem ter é o de mortificar imediatamente qualquer apetite nos seus discípulos, esvaziando-os do que lhes apetece, para os livrar de tão grande miséria.

### CAPÍTULO 13

*Fala do modo e maneira que se há-de ter para entrar nesta noite do sentido.*

**1.** Resta-nos agora dar alguns avisos para saber e poder entrar nesta *noite do sentido*. Para tal, devemos saber que, normalmente, a alma entra nesta *noite sensitiva* de duas maneiras: uma, *activa*; outra, *passiva*. A *activa* é tudo o que a alma pode fazer e faz para entrar nela. Falaremos disto nos avisos que se seguem. A *passiva* é quando a alma não faz nada. Deus é quem faz tudo; ela apresenta-se como paciente.

Trataremos dela no *Quarto Livro* quando falarmos dos principiantes. E como ali, com a ajuda de Deus, daremos muitos avisos aos principiantes por causa das muitas imperfeições que costumam ter neste caminho; não me alongarei aqui muito. Além disso, aqui também não é o lugar mais apropriado para os dar, porque nos referimos só às causas de chamar *noite* a esta passagem, que espécie de *noite* é, e quantas partes tem.

Quis apresentar aqui de forma resumida o que vem a seguir, porque, se não deixasse agora uma ajuda ou aviso para praticar durante esta *noite* dos apetites, pareceria demasiado breve e de pouco proveito.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

O mesmo farei no fim de cada uma das outras *duas partes ou causas* desta noite, das quais falarei depois, se Deus quiser.

**2.** Os avisos que aqui se seguem para vencer os apetites, embora poucos e resumidos, julgo que são tão proveitosos e eficazes como concisos. Assim, quem deveras os quiser praticar, não precisará de mais nenhum porque nestes estão todos os outros.

**3.** *Em primeiro lugar*, mantenha um apetite contínuo de imitar Cristo em tudo, identificando-se com a Sua vida, que deve amar para a saber imitar e comportar-se em tudo como Ele.

**4.** *Em segundo lugar*, para cumprir bem isso, renuncie a qualquer gosto que os sentidos lhe ofereçam, se não for verdadeiramente para honra e glória de Deus. Não o aceite por amor a Jesus Cristo, o qual, nesta vida, não teve nem quis outro gosto senão o de fazer a vontade de Seu Pai, à qual chamava sua comida e alimento (Jo 4, 34).

Dou um exemplo: se tiver a oportunidade de gostar e ouvir coisas que não interessam ao serviço e honra de Deus, não as queira saborear nem ouvir. Se tem prazer em olhar para coisas que não o ajudam a amar mais a Deus, não queira o prazer nem olhar para tais coisas. Se isso lhe acontecer ao falar sobre qualquer coisa, faça o mesmo. E assim, exactamente, em todos os sentidos, enquanto o puder evitar livremente; quando não puder, basta não aceitar o gosto, mesmo que estas coisas lhe aconteçam.

Desta maneira, há-de tratar de mortificar já os sentidos e deixá-los sem esse gosto, como que às escuras. Se tiver este cuidado, aproveitará muito em pouco tempo.

**5.** Para mortificar e apaziguar as quatro paixões naturais, *o gozo, a esperança, o temor e a dor*, de cuja harmonia e pacificação nascem estes e os demais benefícios, o remédio é tudo o que se apresenta a seguir, porque, além do grande mérito que tem, origina grandes virtudes.

**6.** Procure tender sempre:

não para o mais fácil, mas para o mais difícil;

não para o mais aprazível, mas para o mais desagradável;

não para o mais apetitoso, mas para o que dá menos gosto;

não para o que é descanso, mas para o que é trabalhoso;

não para o que é consolo, mas para o que é desconsolo;

não para o mais, mas para o menos;

não para o mais elevado e valioso, mas para o mais humilde e desprezível;

não para o que é desejar alguma coisa, mas para o não querer nada;

não para o que é andar à procura do melhor das coisas temporais, mas o pior,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

e, por Cristo, desejar entrar em total desnudez, vazio e pobreza de tudo quanto há no mundo.

**7.** Convém dedicar-se a estas obras com todo o coração e aplicar-lhes a vontade. Se, de maneira ordenada e discreta, as praticar com todo o coração, rapidamente irá encontrar nelas grande alegria e consolação.

**8.** O que está dito, se for bem praticado, é mais que suficiente para entrar na *noite sensitiva*. Contudo, para não ser tão breve, indicaremos ainda outro exercício que ensina a mortificar *a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida*. São estas coisas que S. João diz reinar no mundo (1 Jo 2, 16), e das quais nascem todos os outros apetites.

**9.** *Em primeiro lugar*, para mortificar a concupiscência da carne: procurar agir em seu desfavor e desejar que todos o façam.

*Em segundo lugar*, para mortificar a concupiscência dos olhos: procurar falar a seu desfavor e desejar que todos o façam.

*Em terceiro lugar*, para mortificar o orgulho da vida: procurar pensar humildemente de si e a seu desfavor, e desejar que todos o façam.

**10.** Para concluir estas normas e avisos, convém citar aqui os versos que se escrevem na *subida do Monte*, no desenho que está ao princípio deste livro. Eles são doutrina para subir até ao cimo, que é o alto estado da união. Na verdade, embora ali se refira ao espiritual e interior, também fala do espírito de imperfeição sensitivo e exterior, como se pode ver pelos dois caminhos que ladeiam a senda da perfeição. Portanto, é segundo este sentido, ou seja, *o sensitivo* que os entendemos aqui. Depois, na *segunda parte desta noite*, hão-de-se interpretar *segundo o espiritual*.

**11.** Dizem assim:

Para chegar a gostar tudo,  
não queiras ter gosto em nada.

Para chegar a possuir tudo,  
não queiras possuir algo em nada.

Para chegar a ser tudo,  
não queiras ser algo em nada.

Para chegar a saber tudo,  
não queiras saber algo em nada.

Para chegar ao que não gostas,  
hás-de ir por onde não gostas.

Para chegar ao que não sabes,  
hás-de ir por onde não sabes.

Para chegar ao que não possuis,  
hás-de ir por onde Dão possuis.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Para chegar ao que não és,  
hás-de ir por onde não és.

### MODO DE NÃO IMPEDIR O TUDO

Quando te fixas em algo  
deixas de te arrojar ao tudo.  
Porque, para chegar de todo ao tudo  
hás-de negar-te de todo em tudo.  
E quando o venhas de todo a ter,  
hás-de tê-lo sem nada querer.  
Porque, se queres ter algo em tudo  
não tens puro em Deus o teu tesouro.

**13.** A alma espiritual encontra nesta desnudez a sua quietude e sossego. Não cobiçando nada, nada a cansa ao subir e nada lhe pesa ao descer, pois está no centro da sua humildade. Quando cobiça alguma coisa, nisso mesmo se fatiga.

### CAPÍTULO 14

*Explica-se o segundo verso da canção com ânsias, em amores inflamada.*

**1.** Já comentámos o primeiro verso desta canção, que fala da *noite sensitiva*, ao explicar que *noite* é esta *do sentido* e porquê se chama *noite*. Indicámos também a ordem e o modo que se há-de seguir para entrar activamente nela. Agora, ordenadamente, vamos falar das suas propriedades e efeitos, que são excelentes, e estão contidos nos outros versos desta canção. Mencioná-los-ei rapidamente para os explicar, como prometi no *Prólogo*, e passarei logo ao *Segundo Livro* que fala da outra parte desta *noite*, que é *a espiritual*.

**2.** A alma diz que *com ânsias, em amores inflamada*, passou e saiu por esta *noite escura do sentido* para a união do Amado. Porque, para vencer todos os apetites e renunciar ao gosto de todas as coisas, em cujo amor e afecto se costuma acender a vontade de os gozar, precisava de um ardor maior de um outro amor melhor, que é o do seu Esposo, a fim de que, pondo nele o seu gosto e alento, encontrasse valentia e constância para negar facilmente todos os outros gostos. Para vencer a força dos apetites sensitivos, não era apenas preciso ter o amor do seu Esposo, mas estar também inflamada em amor e com ânsias. De facto, a sensualidade, com tantas ânsias de apetite, é movida e atraída para as coisas sensitivas; ora, se a parte espiritual não estiver inflamada com outras ânsias superiores ao que é espiritual, não poderá vencer o jugo natural, nem poderá entrar nesta *noite do sentido*, nem

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

terá coragem de ficar às escuras em todas as coisas, privando-se do apetite de todas elas.

**3.** Como e de quantas espécies são estas ânsias de amor que as almas têm ao começar este caminho de união? Que diligências e iniciativas tomam para sair da sua casa, que é a vontade própria, na *noite* da mortificação dos seus sentidos? Como é que estas ânsias do Esposo lhes fazem parecer tão fáceis, doces e saborosos todos os trabalhos e perigos desta *noite*? Não é este o lugar para responder, aliás nem se pode explicar, porque isto é mais para se gozar e contemplar do que para se escrever.

Assim, passamos a comentar os outros versos no capítulo seguinte.

### CAPÍTULO 15

*Declaram-se os outros versos da canção:*

*Oh! ditosa ventura,  
saí sem ser notada,  
estando a minha casa sossegada.*

**1.** Toma por metáfora o mísero estado de cativo. Para quem consegue sair dele, sem que nenhum dos carcereiros o impeça, é uma *ditosa ventura*. A alma, depois do primeiro pecado original, ficou verdadeiramente cativa neste corpo mortal, presa às paixões e apetites naturais. Ter saído deste cerco e sujeição *sem ser notada*, isto é, sem ser impedida nem retida por nenhum deles, é para ela uma *ditosa ventura*.

**2.** Para isto valeu-lhe sair pela *noite escura*, que é privação de todos os gostos e mortificação de todos os apetites, da maneira que já dissemos. E *estando a sua casa sossegada*, isto é, a parte sensitiva, que é a casa de todos os apetites. *Sossegada*, porque os venceu e adormeceu a todos.

Enquanto a mortificação não adormecer os apetites na sensualidade; enquanto a própria sensualidade não os vencer, de modo a não causarem nenhuma guerra ao espírito, a alma não sai para a verdadeira liberdade de gozar a união com o seu Amado.



## SEGUNDO LIVRO

*Fala do meio próximo, que é a fé, para se chegar à união com Deus.*

*Fala-se aqui da segunda parte desta noite, que dizíamos ser do espírito, contida na segunda canção, que é a seguinte:*

### SEGUNDA CANÇÃO

#### CAPÍTULO 1

*Às escuras, segura,  
Pela secreta escada disfarçada,  
Ó ditosa ventura!  
No escuro e ocultada,  
Estando a minha casa sossegada.*

**1.** Nesta segunda canção, a alma canta *a ditosa ventura* que passou para despir o *espírito* de todas as imperfeições espirituais e apetites de propriedade no espiritual. Para ela, isto ainda foi muito maior ventura, porque as dificuldades que teve para pacificar esta casa, na parte espiritual, foram maiores.

Apoiando-se só na fé pura, pode entrar na escuridão interior, que é a desnudez espiritual de todas as coisas, tanto sensitivas como espirituais, e subir por ela até Deus.

Chama-lhe aqui *escada secreta*, porque todos os degraus e artigos da fé são secretos e estão escondidos aos sentidos e ao entendimento.

Por isso ficou às escuras, sem nenhuma luz dos sentidos e do entendimento saltando todas as demarcações naturais e racionais para subir por esta escada divina da fé, que escala e penetra até ao mais profundo de Deus

Diz que ia *disfarçada* porque, subindo em fé, ia com o traje, a roupa e o término natural, mudado em divino. Este disfarce era, portanto, a causa de não ser conhecida e impedida nem pelo natural, nem pelo racional, nem pelo demónio. Nenhuma destas coisas pode causar dano a quem caminha na fé.

Além disso, a alma vai tão oculta, escondida e alheada de todos os enganos do demónio, que, como também diz aqui, caminha verdadeiramente às *escuras, ocultada* do demónio, para quem a luz da fé é mais do que trevas. Assim, à alma que caminha na fé, podemos dizer-lhe que caminha ocultada e encoberta do demónio, como depois se verá mais claramente.

**2.** Diz que saiu *às escuras e segura* porque, quem tem a ventura de poder caminhar pela escuridão da fé, tomando-a por seu guia de cego, saindo de todas as fantasias naturais e razões espirituais, vai muito segura, como dissemos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Diz também que saiu por esta *noite* espiritual *estando a sua casa sossegada*, isto é, a parte espiritual e racional. A alma, quando chega à união com Deus, já tem as suas potências naturais, ímpetos e ânsias sensuais, sossegadas na parte espiritual. Por isso não diz aqui que saiu com *ânsias*, como na primeira *noite dos sentidos*. Para caminhar na *noite dos sentidos* e desnudar-se do sensível, eram precisas ânsias de amor sensível para se determinar a sair; mas, para acabar de sossegar a *casa do espírito*, apenas se requer a negação, em fé pura, de todas as potências, gostos e apetites espirituais. Feito isto, a alma junta-se ao Amado numa união de verdade, pureza, amor e igualdade.

**3.** Lembremos que na *primeira canção*, ao falar da parte *sensitiva*, ela diz que saiu *em uma noite escura*. Agora, ao falar da parte *espiritual*, diz que saiu *às escuras*, por serem maiores as trevas da parte espiritual.

As trevas da *escuridão* são maiores do que as da noite, porque, por escura que seja uma noite, ainda se vê alguma coisa, mas na *escuridão* não se vê nada. Assim, na *noite do sentido* ainda resta alguma luz, que é a do entendimento e da razão que não cega; mas esta *noite espiritual*, que é a fé, priva de tudo, tanto no entendimento como nos sentidos. Por isso, a alma diz nesta noite o que não disse na anterior: ia *às escuras e segura*. Quanto menos a alma se apoiar nas suas capacidades, mais segura vai, porque vai com mais fé.

Tudo isto será bem comentado ao longo deste *Segundo Livro*. O devoto leitor deverá prestar-lhe muita atenção, porque nele se dirão coisas muito importantes para o verdadeiro espírito. Mesmo que sejam um pouco obscuras, o caminho de umas para as outras vai-se abrindo de tal maneira que, julgo eu, tudo se compreenderá muito bem.

## CAPÍTULO 2

*Começa a falar da segunda parte ou causa desta noite, que é a fé. Apresenta duas razões para provar como ela é mais escura do que a primeira e a terceira.*

**1.** Vamos falar agora da *segunda parte* desta *noite*, que é a fé. Ela é o meio mais excelente para atingir o seu término, que é Deus, o qual, como também dizíamos, era naturalmente para a alma a *terceira causa ou parte* desta noite.

A fé, que é o meio, compara-se à meia-noite. Podemos, por isso, dizer que é mais escura para a alma do que a primeira e, de algum modo, do que a terceira. A *primeira*, que é a *dos sentidos*, compara-se à primeira parte da noite, quando cessa a visão dos objectos sensíveis, e por isso não está tão longe da luz como a meia-noite.

A *terceira parte*, é a madrugada que já está perto da luz do dia.

Não é tão escura como a meia-noite, porque a seguir vem logo a claridade e a transmissão da luz do dia, a qual se compara a *Deus*. Naturalmente falando, Deus é uma noite tão escura para a alma como a fé. Pode-se dizer, no entanto, que é menos

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

escura, porque,- quando terminam estas três partes da *noite* pelas quais a alma naturalmente passa -, Deus já a vai iluminando sobrenaturalmente com o raio da sua luz divina, que é princípio da perfeita união que se dá a seguir à terceira *noite*.

**2.** Mas também é mais escura do que a primeira, porque esta pertence à parte inferior do homem, que é a sensitiva, e, por conseguinte, mais exterior. Pelo contrário, a segunda, que é a da fé, pertence à parte superior do homem; que é a racional, e, por conseguinte, mais interior e mais escura, porque a priva da luz da razão, quer dizer, cega-a. Portanto, esta parte mais densa e mais escura da noite assemelha-se bem à meia-noite. Vamos agora demonstrar como esta segunda parte, a da fé, é noite para o espírito, tal como a primeira o é para os sentidos. A seguir, falaremos os inconvenientes que tem e como a alma se há-de dispor *activamente* para entrar nela. Quanto ao modo *passivo*, isto é, aquilo que Deus faz para a meter nessa noite sem contar com ela, di-lo-emos a seu tempo, que me parece ser o *Terceiro Livro*.

### CAPÍTULO 3

*Diz como a fé é noite escura para a alma. Demonstra-o com razões, textos e exemplos da Sagrada Escritura.*

**1.** Dizem os teólogos que a fé é um hábito certo e escuro da alma. E a razão de ser um hábito escuro é porque leva a crer em verdades, reveladas pelo próprio Deus, que estão acima de qualquer luz natural e excedem todo o entendimento humano, sem proporção alguma.

É por isso que esta luz excessiva da fé se converte para a alma em escuras trevas, porque o maior tapa e vence o mais pequeno. E como a luz do sol: quando brilha, obscurece de tal maneira as outras luzes, que nem parecem luzes. E fere de tal maneira os nossos olhos que mais os cega e priva da luz que tem, porque a sua luz é muito desproporcionada e excessiva à capacidade de visão. Assim, a luz da fé, devido à sua forte vivacidade, obscurece e vence a luz do entendimento, que por si mesma só atinge a ciência natural. No entanto, tem também capacidade para a luz sobrenatural, para quando nosso Senhor a puser em actividade sobrenatural.

**2.** Por si mesma nada pode conhecer senão por via natural, isto é, só o que atinge pelos sentidos. Para isso só precisa de ver as imagens e as figuras dos objectos presentes ou semelhantes, porque, como dizem os filósofos, *ab objecto et potentia paritur notitia*. Quer dizer: Do objecto presente e da potência nasce a notícia na alma. Se falassem a uma pessoa de coisas que ela nunca conheceu, nem viu nada que lhes seja semelhante, ficaria com a mesma noção que delas tinha anteriormente.

Dou um exemplo. Se dissessem a alguém que em certa ilha há um animal que ele nunca viu, mas não lhe dizem alguma semelhança que esse animal possa ter com

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

outros que já viu, por muito que lhe falem, ficará com a mesma notícia e imagem que antes.

Com um exemplo mais claro entende-se melhor. Se a alguém que nasceu cego, que nunca viu nenhuma cor, lhe explicassem como é o branco ou o amarelo, por muito que lho repetissem, jamais o entenderia duma ou de outra maneira, porque nunca viu tais cores ou outras semelhantes para as poder reconhecer. Ficaria apenas a saber os seus nomes pelo ouvido, mas, a sua forma ou figura não, porque nunca a viu.

**3.** Assim é a fé para a alma. Fala-nos de coisas que nunca vimos, nem conhecemos em coisas suas parecidas, pois não a têm. A luz da ciência natural não nos fala dela, porque a nenhum dos sentidos é facultado o que ela nos diz. Apenas o sabemos pelo ouvido, acreditando no que nos ensina, e sujeitando e cegando a nossa luz natural. Porque, como diz S. Paulo, *Fides ex auditu* (Rm 1 O, 17). Que é como se dissesse: A fé não é ciência que entra por algum dos sentidos, mas apenas adesão da alma ao que entra pelo ouvido.

**4.** A fé, contudo, excede em muito o que compreendemos pelos exemplos anteriores. Além de não dar informação e ciência, ainda *priva e cega* de quaisquer outros conhecimentos e ciência, como dissemos, para que a possam distinguir bem. As outras ciências alcançam-se com a luz do entendimento; mas, a da fé alcança-se sem a luz do entendimento. É preciso negá-la pela fé, porque, se esta não se obscurece, perde-se com a sua luz. É o que disse Isaías (Is 7, 9): *Si non credideritis, non intelligetis*. Isto é: *Se não acreditardes, não entenderéis*.

Portanto, está bem claro que a fé é *noite escura* para a alma, e é assim como a ilumina.

Quanto mais a obscurece, tanto mais a ilumina, porque, cegando-a, dá-lhe luz, como afirma Isaías quando diz: *Se não acreditardes, não entenderéis*, isto é, não tereis luz.

Foi por isso que se comparou a fé àquela nuvem que separava os israelitas dos egípcios, quando estavam para entrar no Mar Vermelho.

Dela diz a Sagrada Escritura que *erat nubes tenebrosa et illuminans noctem* (Ex 14, 20). Quer dizer: *Aquela nuvem era escura e iluminava a noite*.

**5.** O que é para admirar é que, sendo escura, iluminasse a noite! E acontecia assim, porque a fé, que é nuvem escura e tenebrosa para a alma, também é noite, porque, na presença da fé, fica cega e privada da sua luz natural. Com a sua escuridão ilumina as trevas da alma. Deste modo, o discípulo torna-se igual ao mestre. Porque homem que vive na noite não poderia ser iluminado convenientemente senão por outra noite, como nos ensina David: *Dies diei eructat verbum et nox nocti indicat scientiam*. Isto é: *O dia transmite ao outro a sua mensagem e a noite a dá a conhecer à outra noite* (Sl 18, 3).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Falando mais claramente: O dia, que é Deus na bem-aventurança onde já é dia, revela e pronuncia a *Palavra*, que é o Seu Filho aos bem-aventurados anjos e almas que já são dia, para que O conheçam e gozem d'Ele. A *noite*, que é a fé na Igreja militante onde ainda é de noite, ensina ciência à Igreja e, por conseguinte, a qualquer alma. Ciência que lhe resulta noite, porque está privada da luminosa sabedoria beatífica e, com a presença da fé, cega da sua luz natural.

6. Por aqui chegamos, então, à conclusão de que a fé, porque é *noite escura*, ilumina a alma que vive às escuras para que aconteça o que também diz David a este propósito: *Nox illuminatio mea in deliciis meis*.

Isto é: *A noite iluminar-me-á nas minhas delícias* (SI 138, 11). É como dizer: Nas delícias da minha pura contemplação e união com Deus, a *noite da fé* será o meu guia. Com isto dá perfeitamente a entender que a alma há-de estar em trevas a fim de receber luz neste caminho.

### CAPÍTULO 4

*A alma, naquilo que depender de si, deve estar às escuras para ser guiada pela fé até à suma contemplação.*

1. Creio que já se vai entendendo alguma coisa sobre o modo como a fé é noite escura para a alma, e como a alma há-de ser escura, ou estar às escuras da sua luz, para se deixar conduzir pela fé até este alto estado de união. Mas, para ela ficar assim, é necessário falar agora mais detalhadamente sobre esta escuridão que a alma há-de ter para entrar neste abismo da fé. Neste capítulo vou falar dela em geral. Mais adiante, se Deus quiser, irei explicando mais em particular o que é preciso fazer para não errar nem estorvar tal guia.

2. O que digo é que a alma, para ser bem conduzida pela fé até este estado, há-de não só ficar às escuras na sua parte *sensitiva e inferior*, que diz respeito às criaturas e ao temporal, da qual já falámos, mas também se há-de cegar e obscurecer na parte *racional e superior*, que diz respeito a Deus e ao espiritual, da qual estamos a falar agora. Para que uma alma possa chegar à transformação sobrenatural, está claro que se há-de obscurecer e exceder tudo o que o seu natural contém, ou seja, o que é sensitivo e racional. *Sobrenatural* quer dizer isso mesmo: que está *sobre o natural*. O natural, portanto, fica por baixo.

E, como esta transformação e união é coisa que não pode acontecer nos sentidos e na capacidade humana, a alma, naquilo que depender de si, há-de esvaziar-se, de uma maneira perfeita e voluntária, de tudo o que nela possa entrar, quer venha de cima ou de baixo, quer no afecto ou na vontade. Pois, quem poderá estorvar Deus de fazer o que quer numa alma resignada, humilhada e despida?

Há-de esvaziar-se de tudo o que a sua capacidade possa receber.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Assim, por mais coisas sobrenaturais que receba, há-de ficar sempre como que despida e às escuras como o cego. Apoiando-se só em fé escura, que tem por guia e luz, não se ampara em nada do que entende, gosta, sente e imagina. Tudo isto são trevas que a farão errar; e a fé está por cima de todo esse entender, gostar, sentir e imaginar. E, se nisto não se cegar, ficando totalmente às escuras, não chegará àquilo que a fé ensina.

**3.** O cego, se não for totalmente cego, não se entrega totalmente ao guia de cego. Por pouco que veja, julga que a sua parte é a melhor para andar, porque não vê outras melhores. Desta maneira, pode desviar quem o guia e vê mais do que ele; no fim de contas, acaba por mandar mais que o guia de cego. O mesmo acontece à alma, quando se apoia nalgum conhecimento seu, ou nalgum gosto e sentimento de Deus. Tudo isso, por muito grande que seja, em comparação com Deus é bem mais pequeno e desigual. Se quiser seguir por este caminho, muito facilmente se enganará ou estancará, por não se querer cegar totalmente em fé, que é o seu verdadeiro guia.

**4.** Foi o que quis ensinar Paulo quando disse: *Accedentem ad Deum oportet credere quod est* (Heb 11, 6). Quer dizer: *Para se aproximar de Deus é necessário acreditar que Ele existe.* É como se dissesse: Quem se quiser unir a Deus, há-de ir entendendo cada vez menos e não se apoiar no gosto, nos sentidos ou na imaginação, mas acreditando na Sua existência, a qual nem a inteligência, nem o desejo, nem a imaginação, nem nenhum dos sentidos pode captar e entender nesta vida. Por mais sublime que possa ser o sentir, o gostar, etc., de Deus nesta vida, dista infinitamente de Deus e do modo de O possuir em pureza. Isaías (Is 64, 4) e S. Paulo (1 Cor 2, 9) dizem: *Nec oculus vidit, nec auris audivit, neque in cor hominis ascendit!, quae preparavit Deus iis qui diligunt illum.*

Quer dizer: *O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, foi isso que Deus preparou para aqueles que O amam.* Se, nesta vida, a alma se quiser unir perfeitamente *por graça* àquilo a que *na outra* se há-de unir *por glória* - ao que, como aqui diz S. Paulo, nem os olhos viram nem os ouvidos ouviram, nem passou pelo coração do homem - está claro que, para se unir a isso nesta vida totalmente por graça e amor, há-de ser às escuras de tudo quanto possa entrar pelos olhos, receber pelos ouvidos, imaginar com a fantasia e compreender com o coração, o qual significa aqui a alma.

Uma alma pode estorvar-se grandemente a si mesma quando, para chegar a este alto estado de união com Deus, se apoia em qualquer conhecimento, sentimento, imaginação, parecer, vontade, maneira de ser, ou qualquer outra coisa ou acção sua, não sabendo desprender-se e libertar-se de tudo. Como dizemos, ela encaminha-se para o que está por cima de tudo isso, por extraordinário que seja o que possa saber ou gostar. Principalmente há-de passar ao não saber.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**5.** Neste caminho, portanto, o entrar no caminho é abandonar o seu caminho; quer dizer, é chegar à meta. Deixar o seu modo é entrar naquilo que não tem modo, que é Deus. Porque a alma que chega a este estado já não tem modo nem maneira, como também não se prende nem se pode agarrar a eles.

Refiro-me ao modo de entender, gostar e sentir, embora os possua a todos. É como quem nada tem e tudo tem. Se tiver vontade de sair, interior e exteriormente, do seu limitado natural, entra em âmbito sobrenatural que não tem modo nenhum, embora substancialmente os tenha a todos. Portanto, para chegar aqui tem de sair dali; e, daqui e dali, saindo de si passará do que é mais baixo ao que é mais alto de tudo.

**6.** A alma, passando mais além de tudo quanto, espiritual e naturalmente, pode saber e entender, há-de pôr todo o desejo em chegar àquilo que, nesta vida, não pode saber nem entender no seu coração. Saindo de tudo o que temporal e espiritualmente saboreia e sente, ou pode saborear e sentir nesta vida, há-de pôr todo o desejo em chegar àquilo que excede todo o sentimento e gosto.

Mas, para ficar livre e vazia para isso, não se há-de prender a nada que, espiritual ou sensitivamente, receba a sua alma, mas antes prestar-lhe pouca importância, como explicaremos mais adiante quando falarmos disto em particular. Quanto mais pensar naquilo que entende, gosta e imagina, quer seja espiritual ou não, e quanto mais o apreciar, tanto menos importância dá ao supremo bem, e tanto mais retarda chegar a ele. Quanto menos pensar naquilo que pode ganhar do sumo bem, por muito que seja, tanto mais o aumenta e aprecia, e, por conseguinte, mais se aproxima dele.

É assim, às escuras, que a alma se aproxima muito da união por meio da fé, que também é escura. É assim que a fé lhe oferece uma luz admirável. É verdade que, se a alma quisesse ver a Deus, cegaria muito mais depressa do que aquele que abre os olhos para ver o grande resplendor do sol.

**7.** Portanto, neste caminho, cegando-se nas suas potências, chega-se a ver a luz, como afirma o Salvador no Evangelho: *In iudicium veni in hunc mundum: ut qui non vident, videant, et qui vident, caeci fiant*. Isto é: *Eu vim a este mundo para proceder a um juízo: de modo que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos (Jo 9, 39)*. Isto mesmo, tal e qual como se ouve, se há-de entender acerca deste caminho espiritual.

Lembremos que a alma que ficar às escuras e cega em todas as suas luzes próprias e naturais, há-de sobrenaturalmente ver. E a que quiser apoiar-se nalguma luz própria, mais cega e parada ficará no caminho da união.

**8.** E para prosseguirmos de forma menos confusa, parece-me que será preciso explicar no capítulo seguinte o que é isto a que chamamos união da alma com Deus. Quando se souber, far-se-á muito mais luz sobre aquilo que de agora em diante

iremos dizendo. Creio que este é o lugar certo para se falar dela. Embora se corte o fio com o que estamos agora a explicar, não vem a despropósito, pois serve para iluminar o que vamos explicando aqui. O próximo capítulo será apenas um parêntesis colocado dentro de um mesmo entimema, uma vez que mais adiante voltaremos a falar, acerca desta *segunda noite*, de cada uma das três virtudes teologais.

## CAPÍTULO 5

*Explica o que é a união da alma com Deus. Dá um exemplo.*

**1.** Pelo que se disse, fica-se mais ou menos a perceber o que entendemos aqui por *união da alma com Deus*. Por isso, entender-se-á melhor o que aqui dissermos dela. Não é minha intenção falar agora da sua divisão ou das suas partes. Se me pusesse agora a explicar a *união do entendimento*, da *vontade*, da *memória*, a *transitória* e a *permanente* de cada uma das potências e, a seguir, a *união total transitória e permanente* dessas potências juntas, seria um nunca acabar. Ao longo do discurso falaremos a cada passo delas, ora de uma ora de outra, porque, não é nosso propósito falar agora delas para as explicar.

Isto compreender-se-á melhor quando, no lugar certo, voltarmos a falar do mesmo assunto, juntando à explicação de agora um exemplo claro. Ali se verá e entenderá cada uma destas coisas, ficando com uma ideia mais clara sobre elas.

**2.** Aqui vou falar apenas da *união total e permanente* segundo a substância da alma e suas potências enquanto *hábito escuro* de união. Enquanto *acto*, explicaremos depois, com a aj

**3.** uda de Deus, como nas potências não pode haver união permanente nesta vida, mas apenas transitória.

**3.** Para entender, portanto, de que união estamos a falar, tenha-se em conta que Deus mora e está substancialmente presente em todas as almas, nem que seja a do maior pecador do mundo. Esta forma de união é a que existe sempre entre Deus e as criaturas. É por meio dela que Deus lhes vai conservando o seu ser, porque, se assim não fosse, logo se extinguiriam e deixariam de existir.

Portanto, quando falamos de união da alma com Deus, não nos estamos a referir à substancial, pois ela existe sempre, mas àquela união e transformação da alma em Deus que se dá só quando há semelhança de amor. Esta chamar-se-á *união de semelhança*, tal como aquela *união essencial* ou *substancial*. Aquela é *natural*; esta *sobrenatural*. Esta só se dá quando as duas vontades, a da alma e a de Deus, forem iguais, isto é, em que nada existe numa que contradiga a outra. Assim, quando a alma retirar de si tudo o que contraria e não coincide com a vontade divina, unir-se-á com Deus por amor.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

4. Isto entende-se não só em relação àquilo que contraria *enquanto acto*, mas também *enquanto hábito*. Não há-de ficar apenas sem os actos voluntários de imperfeição, mas há-de destruir os hábitos de todas essas imperfeições. Para a alma se tomar semelhante a Deus, terá de se esvaziar de todas as criaturas, acções e faculdades próprias, isto é, do seu entender, gostar e sentir, porque nenhuma criatura, acção e faculdade se assemelha ou chega ao que Deus é sem se esvaziar primeiro de tudo o que é desigual e desconforme a Deus. Na alma não há-de ficar nada a não ser a vontade de Deus, pois é assim que se transforma em Deus.

É certo que, como dissemos, Deus está sempre presente na alma, transmitindo e conservando-lhe o ser natural com a sua assistência; mas, nem sempre lhe comunica o ser sobrenatural. Este comunica-se somente por amor e graça. E nem todas as almas estão em graça. Nem as que estão, estão no mesmo grau, porque umas têm mais graus de amor e outras menos. Deus comunica-se mais àquela alma que mais adiantada está no amor, isto é, a que tiver a sua vontade mais parecida à de Deus.

E a que a tem totalmente igual e semelhante, está em tudo unida e transformada em Deus sobrenaturalmente.

Como se dá a entender, quanto mais apegada às criaturas e às suas faculdades estiver uma alma, na afeição e no hábito, tanto menos disposição tem para essa união, porque não permite que Deus a transforme totalmente no sobrenatural. A única coisa que a alma tem a fazer para que Deus, que se está a comunicar naturalmente através da natureza, se comunique sobrenaturalmente por meio da graça, é esvaziar-se destas incompatibilidades e desigualdades naturais.

5. Foi isto o que S. João quis dar a entender quando disse: *Qui non ex sanguinibus, neque ex voluntate carnis, nec ex voluntate viri, sed ex Deo nati sunt* (Jo 1, 13). Que é como se dissesse: Deu poder para se tornarem filhos de Deus - para se transformarem em Deus - somente àqueles que não nasceram do sangue - da constituição e composição naturais -, nem da vontade da carne - do arbítrio da argúcia e capacidade natural - , nem da vontade do homem, no qual se incluem os modos e maneiras de julgar e compreender com a sua inteligência.

A nenhum deu poder para se tornarem filhos de Deus, mas só aos que nasceram de Deus, isto é, aos que, renascendo pela graça e morrendo antes a tudo o que é homem velho, se elevam sobre si mesmos até ao sobrenatural, recebendo de Deus esse nascer de novo e a filiação que está por cima de tudo o que se possa pensar. Porque, como diz o próprio S. João noutro lugar: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sane to, non potest videre regnum Dei* (Jo 3, 5). *Quem não renascer pela água e pelo Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus*, que é o estado de perfeição. Renascer nesta vida pelo Espírito Santo consiste em ter uma alma muitíssimo semelhante em pureza a Deus, sem nenhuma imperfeição.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Então, ainda que não seja em essência, a pura transformação da união pode dar-se por participação.

**6.** Pomos aqui um exemplo, para que se entendam melhor ambas as coisas. O raio do sol bate directamente no vidro. Se o vidro estiver sujo ou embaciado, o raio do sol não o poderá iluminar e transformar totalmente na sua luz, como aconteceria se estivesse limpo e desembaciado. Quanto mais sujo estiver, menos o iluminará.

Quanto mais limpo estiver, mais o iluminará. E não é por causa do raio que fica assim, mas por causa do vidro. Se estiver totalmente limpo e transparente, o raio há-de transformá-lo e iluminá-lo de tal maneira que até o chega a confundir com o próprio raio, reflectindo a sua mesma luz. É verdade que, embora o vidro se pareça ao próprio raio, continua a ter a sua natureza diferente dele; no entanto, podemos dizer que aquele vidro é raio ou luz por participação.

A alma é como este vidro: a luz do ser de Deus está-lhe sempre a bater, quer dizer, mora nela pela natureza, como dissemos.

**7.** Quando a alma o permite - retirando de si todo o véu e mancha de criatura, tendo a vontade perfeitamente unida à de Deus, porque amar é trabalhar em despojar-se e despir-se por Deus de tudo aquilo que não é Deus - fica imediatamente iluminada e transformada em Deus. Deus comunica-lhe de tal maneira o seu ser sobrenatural que se parece com o mesmo Deus e possui aquilo que o mesmo Deus possui.

Esta união dá-se quando Deus concede à alma esta mercê sobrenatural em que todas as coisas de Deus e a alma são uma mesma coisa por *transformação participante*. A alma, mais do que alma parece Deus, sendo mesmo Deus por participação. Embora transformada, é verdade que o seu ser continua naturalmente tão diferente de Deus como antes, tal como diferente é o vidro do raio que o está a iluminar.

**8.** Agora percebe-se melhor como a disposição da alma para esta união não consiste, como dissemos, no seu entender, gostar, sentir, imaginar Deus ou outra coisa qualquer, mas na sua pureza e amor, que é desnudez e renúncia perfeita por Deus de uma coisa e outra. Também se torna evidente que não pode haver uma perfeita transformação se não houver uma perfeita purificação. A ilustração, iluminação e união da alma com Deus é proporcional, para mais ou para menos, à sua pureza. E, como digo, não é totalmente perfeita se a alma não está totalmente purificada, transparente e limpa.

**9.** Também isto se entenderá por meio da seguinte comparação. Temos uma imagem muito perfeita, de grande e rara beleza, com delicados e finos ornamentos, sendo alguns tão esmerados e subtis que nem se chegam a captar bem por causa da sua subtilidade e finura. Quem tiver uma vista menos limpa e apurada, menos primores e delicadeza poderá ver nesta imagem. Quem a tiver um pouco mais apurada, mais requinte e perfeição encontrará. E se outro a tivesse ainda mais

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

apurada e limpa, maior fineza e perfeição descobriria. Mas como nessa imagem há tanto para ver, por muito que se alcance, ainda fica muito mais para se ver.

**10.** Podemos dizer que assim estão as almas com Deus nesta iluminação ou transformação. É verdade que uma alma, conforme à sua maior ou menor capacidade, pode ter chegado à união; mas nem todas chegam no mesmo grau, porque isso depende do que o Senhor quer dar a cada uma.

É como no céu: uns vêm mais, outros menos; mas todos vêm a Deus e todos estão satisfeitos, porque todos têm a sua capacidade saciada.

**11.** Daí se conclui que, embora nesta vida possamos encontrar almas em estado de perfeição com a mesma paz e sossego, e plenamente saciadas, poderá, no entanto, suceder que uma delas esteja mais elevada que outra, e estarem igualmente satisfeitas, porque a sua capacidade está saciada.

Porém, aquela que não chegar à pureza correspondente à sua capacidade, nunca chegará à verdadeira paz e saciedade, pois não chegou à desnudez e ao vazio nas suas potências, como se requer para a completa união.

### CAPÍTULO 6

*Fala do modo como as três virtudes teologais são as que levam as três potências da alma à perfeição, causando nelas o vazio e as trevas.*

**1.** Havendo, pois, de introduzir as três potências da alma- entendimento, memória e vontade -nesta *noite* espiritual, que é o meio para a divina união, é preciso explicar primeiro, neste capítulo, como as três virtudes teologais - fé, esperança e caridade - se relacionam com as três potências, enquanto agentes próprios sobrenaturais. É por meio delas que a alma se une com Deus segundo as suas potências, criando um vazio e escuridão na potência que lhe corresponde: a fé no entendimento, a esperança na memória e a caridade na vontade.

Depois iremos falar do sobre o modo como o entendimento se há-de aperfeiçoar nas trevas da fé, a memória no vazio da esperança e como a vontade se há-de fortalecer pela carência e vazio de todos os afectos para se unir a Deus.

Feito isto, ver-se-á claramente a grande necessidade que a alma tem, se quiser ir segura neste caminho espiritual, de ir por esta *noite escura* apoiada nestas três virtudes que a esvaziam e obscurecem de todas as coisas. Porque, como dissemos, a alma nesta vida não se une com Deus pelo entender, nem pelo gozar, nem pelo imaginar, nem por qualquer outro sentido, mas só por fé no entendimento, por esperança na memória, por amor na vontade.

**2.** Estas três virtudes, como dissemos, causam um vazio nas potências.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

No entendimento, a fé causa o vazio e a obscuridade para entender. Na memória, a esperança causa o vazio de nada possuir. Na vontade, a caridade causa o vazio e a carência de todo o afecto e consolação de tudo o que não é Deus.

Pela fé já ficamos a saber o que não se pode entender com o entendimento.

Por isso, na Carta aos Hebreus, S. Paulo falou dela assim: *Fides est sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium* (Heb 11, 1). Que, para o nosso propósito, quer dizer: *Afé é a substância das coisas que se esperam*. Embora o entendimento as aceite com firmeza e convicção, essas coisas não lhe são dadas a conhecer. Se o fossem, já não seria fé. Embora dê certeza ao entendimento, ela não o esclarece, antes o obscurece.

**3.** Também não há dúvida de que *a esperança* introduz a memória no vazio e na escuridão das coisas do aqui e do além. A esperança refere-se sempre ao que não se possui. Se se possuísse, já não seria esperança.

Por isso S. Paulo diz na *Carta aos Romanos: Spes, quae videtur, non est spes: nam quod videt quis, quid sperat?* Quer dizer: *A esperança que se vê não é esperança; pois aquilo que alguém vê, isto é, aquilo que possui, como é que o espera ainda?* (Rm 8, 24). Também esta virtude causa o vazio, pois espera-se o que não se tem, e não o que se tem.

**4.** Igualmente *a caridade* cria na vontade o vazio de todas as coisas, pois manda-nos a amar a Deus sobre todas as coisas. E isto não se pode fazer senão retirando o afecto de todas elas a fim de o colocar inteiramente em Deus. Por isso, Cristo disse por S. Lucas: *Qui non renuntiat omnibus quae possidet, non potest meus esse discipulus*. Que quer dizer: *Quem não renunciar, na vontade, a todas as coisas que possui, não pode ser meu discípulo* (Lc 14, 33). Assim, estas três virtudes deixam a alma na obscuridade e no vazio de todas as coisas.

**5.** Devemos lembrar aqui aquela parábola em que o nosso Redentor, por S. Lucas, no capítulo onze (v. 5), disse que *o amigo havia de vir à meia-noite para pedir três pães ao seu amigo. Os pães significam estas três virtudes*.

E disse que os pedia *à meia-noite* para dar a entender que a alma, estando *às escuras* de todas as coisas nas *suas potências*, há-de adquirir estas *três virtudes* e, nessa noite, aperfeiçoar-se nelas. No capítulo sexto de Isaías (v. 2) lemos que o profeta viu dois Serafins ao lado de Deus, tendo cada um deles seis asas.

Com duas cobriam os pés; isto significava cegar e apagar os afectos da *vontade* acerca de todas as coisas para com Deus. Com outras duas cobriam o rosto; isto significava a escuridão do *entendimento* diante de Deus. E com as outras duas voavam, dando assim a entender o voo da *esperança* para as coisas que não se possuem, elevada acima de tudo o que se pode possuir daqui e dali, fora de Deus.

**6.** Para estas três virtudes, portanto, teremos de levar as três potências da alma, dando-lhes a forma de cada uma delas, esvaziando-as e deixando-as às escuras de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tudo o que não sejam estas três virtudes. Esta é a *noite espiritual* que antes chamámos *activa*, porque a alma faz o que está da sua parte para entrar nela. Assim como na *noite sensitiva* indicámos o modo de esvaziar as potências sensitivas dos seus objectos sensíveis segundo o apetite, a fim de que a alma pudesse sair dos seus domínios para o meio da união, que é a fé, assim também, nesta *noite espiritual*, com a ajuda de Deus, indicaremos o modo de as potências espirituais se esvaziarem e purificarem de tudo o que não é Deus, ficando nas trevas destas três virtudes, que são meio e disposição para a alma se unir com Deus.

**7.** É aqui que se encontra toda a segurança contra a astúcia do demónio e contra a eficácia do amor próprio e suas ramificações. É isto o que mui subtilmente costuma enganar e barrar o caminho aos espirituais, por não se terem sabido desnudar e guiar-se apenas por estas três virtudes.

Deste modo, nunca chegam a encontrar a substância e a pureza do bem espiritual, nem vão como deveriam ir pelo caminho mais recto e directo.

**8.** Tenha-se em conta que agora estou a falar especialmente com os que começaram a entrar no estado de contemplação. Com os principiantes há-de-se falar mais amplamente disto quando tratarmos das suas propriedades, como indicaremos, se Deus quiser, no *Segundo Livro*.

### CAPÍTULO 7

*Quão estreito é o caminho que conduz à vida eterna. Quão despojados e livres devem estar os que hão-de ir por ele. Começa a falar da desnudez do entendimento.*

**1.** Para falar agora da desnudez e da pureza das três potências da alma, era necessário outro saber e espírito maiores que o meu para explicar bem aos espirituais *quão estreito é este caminho* que o nosso Salvador disse *que conduz à vida*, a fim de que, persuadidos disto, não se admirem do vazio e desnudez em que, nesta *noite*, havemos de deixar as potências da alma.

**2.** Para isso, preste-se muita atenção às palavras que o nosso Salvador, através de S. Mateus, no capítulo 7 (v. 14), disse deste caminho: *Quam angusta porta, et arcta via est, quae ducit ad vitam, et pauci sunt qui inveniunt eam!* Quer dizer: *Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram!*

Nesta citação devemos reparar bem no exagero e encarecimento que se dá à conjunção *quam*.

É como se dissesse: na verdade, é muito estreita, mais do que vós pensais.

Repare-se também que em primeiro-lugar diz que *a porta é estreita*, a fim de dar a entender que, para a alma entrar por esta porta de Cristo, que é o começo do caminho, há-de-se primeiramente estreitar e despir a vontade de todas as coisas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sensuais e temporais, amando a Deus acima de todas elas. Isto é próprio da *noite dos sentidos*, da qual já falámos.

**3.** A seguir diz que *o caminho*, o da perfeição, *é apertado*. Deste modo, dá a entender que, para ir pelo caminho da perfeição, não só há-de entrar pela porta estreita, esvaziando-se na parte sensitiva, mas também se há-de estreitar, desapropriando-se e desembaraçando-se daquilo que é da parte espiritual. Por isso, o que diz sobre a *porta estreita* pode aplicar-se à parte sensitiva do homem, e o que diz sobre o *caminho apertado*, à parte espiritual ou racional.

Quando diz que *são poucos os que a encontram* é preciso anotar a *causa*: porque também são poucos aqueles que sabem e querem entrar nesta suma desnudez e vazio do espírito. Esta senda do alto *Monte da perfeição*, porque sobe até ao cimo e é estreita, exige viandantes que estejam livres da carga que os oprime na parte sensitiva e sem nada que os estorve na espiritual. E, porque se trata de procurar e chegar até Deus, é só a Ele que se deve procurar e alcançar.

4. Por aqui se vê claramente que a alma há-de ir não só despreendida de tudo o que pertence às criaturas, mas também desapropriada e vazia de tudo o que faz parte do seu espírito. Daí que, Nosso Senhor, instruindo-nos e guiando-nos neste caminho, disse por S. Marcos, capítulo 8 (vv. 34-35), aquela admirável doutrina, que me parece tanto menos praticada pelos espirituais quanto mais falta lhes faz. E, por ser tão necessária e vir tão a propósito, cito-a aqui toda e explico-a no seu sentido mais genuíno e espiritual. Diz assim: *Si quis vult me sequi, deneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me, Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam: qui autem perdiderit animam suam propter me ...salvam faciet eam.* Quer dizer: *Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me. Porque quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por Mim ... salvá-la-á.*

5. Oh! quem pudesse, aqui e agora, fazer compreender, experimentar e saborear este conselho *de nos negarmos a nós mesmos*, que o nosso Salvador nos dá, para que os espirituais vissem a grande diferença entre o modo que deviam seguir neste caminho e o que eles julgam! Parece-lhes que certo afastamento ou correcção das coisas já é suficiente.

Contentam-se em praticar as virtudes, fazer oração e continuar com a mortificação, mas sem chegar à desnudez e pobreza, ou abnegação e pureza espiritual - pois é tudo a mesma coisa - que o Senhor aqui nos aconselha; pelo contrário, ainda procuram saciar e vestir a sua natureza de consolações e sentimentos espirituais, quando a deviam despir e privar duma coisa e outra por Deus. Pensam que basta privá-la das coisas do mundo, mas não a neutralizam e purificam no domínio espiritual. Por isso, quando se lhes apresenta algo sólido e perfeito como a destruição de todos os gostos por Deus em aridez, dissabor e trabalho - a pura cruz espiritual e a desnudez do espírito pobre de Cristo- fogem dele como da morte, e andam só à procura de doçura e comunicações saborosas em Deus. Ora isto não é negação de si mesmo nem desnudez de espírito, mas guloseima de espírito. Assim, *tornam-se, espiritualmente, inimigos da cruz de Cristo* (Fl 3, 18).

O verdadeiro espírito procura mais o amargoso em Deus do que o saboroso, inclina-se mais ao padecer do que ao consolo, mais a carecer de todos os bens por Deus do que a possuí-los, mais à aridez e aflições do que às doces comunicações. Ele sabe que desta maneira segue a Cristo e nega-se a si mesmo, enquanto que da outra talvez ande a buscar-se a si mesmo em Deus, o que é muito contrário ao amor. Procurar-se a si em Deus é procurar as consolações e doçuras de Deus, enquanto que procurar a Deus em si é não só querer carecer de tudo isso por Deus, mas inclinar-se a escolher por Cristo tudo o que é mais desabrido, quer seja de Deus quer seja do mundo. Isto é amor de Deus.

**6.** Oh! quem pudesse dar a entender até onde nosso Senhor quer que chegue esta negação! Certamente, há-de ser como uma morte e demolição temporal, natural e espiritual em tudo, na afeição da vontade, que é fonte de toda a negação.

É isto o que o nosso Salvador quis dizer quando aqui diz: *Quem quiser salvar a sua alma, perdê-la-á* (Jo 12, 25). Quer dizer: Quem quiser possuir algo ou procurá-lo para si, esse perdê-la-á; e o que perder a sua alma por Mim, esse salvá-la-á (Mt 10, 39). Quer dizer: Quem renunciar por Cristo a tudo o que possa apetecer ou gostar, escolhendo o que mais se parece à cruz, aquilo a que o mesmo Senhor, em S. João, chama *aborrecer a sua alma* (Jo 12, 25), esse salvá-la-á.

Isto mesmo foi o que Sua Majestade ensinou àqueles dois discípulos quando foram pedir para se sentar à Sua direita e à Sua esquerda. Em vez de lhes satisfazer o pedido para tal glória, ofereceu-lhes o cálice que Ele havia de beber, como coisa mais preciosa e mais verdadeira nesta terra que o gozar (Mt 20, 22).

**7.** Este *cálice* consiste em morrer à sua natureza, despindo-a e aniquilando-a para poder caminhar por esta senda estreita em tudo quanto pertencer aos sentidos, como dissemos, ou à alma, como agora diremos, que é o seu entender, gozar e sentir.

É preciso que a alma não fique apenas despojada nestas duas partes, mas que também não fique impedida do caminho estreito por causa do gozo espiritual, pois, como dá a entender o Salvador, nele só cabe a negação e a cruz, que é o báculo que muito a alivia e ajuda a chegar. Por isso nosso Senhor disse por S. Mateus: *O meu jugo é suave e a minha carga, a cruz, é leve* (Mt 11, 30). Se o homem está disposto a levar esta cruz, está verdadeiramente decidido a humilhar-se e passar trabalhos em tudo por Deus; e, assim despojado de tudo, sem nada querer, também encontrará em tudo muito alívio e brandura para percorrer este caminho. Porém, se com alguma propriedade pretende receber algo de Deus ou de outra coisa, não vai despojado e aniquilado em tudo. Nesse caso, nem caberá nem poderá subir por esta senda estreita até ao cimo.

**8.** Por isso, quereria eu persuadir os espirituais que este caminho de Deus não consiste em muitas reflexões, nem modos, nem maneiras, nem gostos, se bem que isto, à sua maneira, seja preciso aos principiantes.

Só uma coisa é necessária: saber negar-se deveras, tanto no exterior como no interior, dispondo-se a padecer e aniquilar-se em tudo por Cristo.

Se isto se praticar, todo o resto se realiza e se encontra. Mas, se se falha nesta prática, que é origem de todas as virtudes, todo o resto é andar pela rama e não avançar; mesmo que tenham meditações e comunicações tão elevadas como os anjos. Só se pode avançar imitando a Cristo, que é *o caminho, a verdade e a vida; e ninguém vai ao Pai senão por Ele* como Ele mesmo diz por S. João (Jo 14, 6). E noutro lugar: *Eu sou a porta. Se alguém entrar por Mim será salvo* (Jo 10, 9). Portanto; todo



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

o espírito que quer ir por doçuras e facilidades, e foge de imitar a Cristo, eu não o teria por bom.

**9.** E porque disse que Cristo é *o caminho*, e que este caminho consiste em morrer à nossa natureza no sensitivo e espiritual, quero explicar isto com o exemplo de Cristo, porque Ele é a nossa luz e exemplo.

**10.** *Quanto ao primeiro*, é verdade que Ele morreu ao sensitivo, espiritualmente na sua vida, e naturalmente na sua morte. Porque, como Ele disse, durante a vida não teve onde reclinar a sua cabeça (Mt 8, 20); e, na morte, muito menos.

**11.** *Quanto ao segundo*, também é verdade que no momento da morte ficou com a alma abatida, sem nenhuma consolação ou alívio. O Pai deixou-O, assim, na maior aridez dos sentidos. Por isso sentiu necessidade de clamar: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?* (Mt 27, 46).

Este foi o maior abandono que recebeu nos sentidos durante a sua vida. Mas, foi também com ele que realizou a maior obra da sua vida, maior do que as obras e milagres que tinha feito no céu e na terra, que foi reconciliar e unir pela graça o género humano com Deus.

E isto aconteceu, como digo, exactamente no momento em que este Senhor mais aniquilado estava em tudo. Por exemplo, em relação ao apreço dos homens, porque, ao verem-no morrer, burlavam-se d'Ele e não O amavam; em relação à natureza, aniquilava-se nela morrendo; em relação ao amparo e consolo espiritual do Pai, porque, naquele momento abandonou-O para que resgatasse puramente a dívida do pecado e unisse o homem com Deus, ficando aniquilado e reduzido a nada.

Por isso, sobre ele já profetizava David: *Ad nihilum redactus sum, et nescivi* (Sl 72, 22).

Para que o bom espiritual perceba *o mistério da porta e do caminho de Cristo* para se unir a Deus, saiba que quanto mais se aniquilar por Deus, tanto na parte sensitiva como na espiritual, tanto mais se une a Deus e maior obra faz.

E quando chegar a converter-se em nada, que é a suma humildade, estará consumada a união espiritual entre a alma e Deus, que é o maior e mais alto estado a que nesta vida se pode chegar. Por conseguinte, ela não consiste em consolações, gostos ou paixões espirituais, mas numa viva morte de cruz sensitiva e espiritual, isto é, interior e exterior.

**12.** Não me vou alongar mais aqui, embora não quisesse acabar de falar disto, porque vejo que Cristo é muito pouco conhecido dos que se têm por seus amigos. Vemos que andam a procurar n'Ele os seus gostos e consolações, amando-se muito a si mesmos, e não as suas amarguras e mortes, amando-O muito a Ele. Refiro-me a estes que se têm por seus amigos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Dos que vivem lá ao longe, afastados d'Ele, grandes sábios e poderosos, e todos os outros que vivem lá pelo mundo tratando das suas ambições e prebendas – dos quais podemos dizer que não conhecem a Cristo, e cujo fim, por bom que seja, muito amargo será- não faz menção esta letra. Mas fá-la-á no dia do juízo final, porque eles, como pessoas a quem Deus evidenciou pelas suas letras e alta posição, deveriam ser os primeiros a falar esta palavra de Deus.

**13.** Dirijamo-nos agora ao entendimento dos espirituais, sobretudo àqueles a quem Deus concedeu a graça de elevar ao estado de contemplação, porque, como disse, é particularmente com eles que eu vou falar.

Indicaremos o modo como ele se há-de encaminhar para Deus em fé e purificar-se do que lhe é contrário, encolhendo-se para entrar nesta *senda estreita* de escura contemplação.

### CAPÍTULO 8

*Fala de como, em geral, nenhuma criatura ou notícia que o entendimento possa receber lhe pode servir de meio próximo para a divina união com Deus.*

**1.** Antes de falarmos do meio apropriado e adequado para a união com Deus, que é a fé, convém demonstrar como nenhuma coisa criada nem pensada, pode servir ao entendimento de meio apropriado para se unir com Deus; e, como tudo o que o entendimento pode entender, mais lhe serve de impedimento do que meio, se a ele se quisesse prender.

Neste capítulo, provaremos isto de um modo geral Depois, quando tratarmos de todas as notícias que o entendimento pode receber por parte de qualquer sentido exterior e interior, falaremos de um modo mais específico.

Indicaremos também os inconvenientes e danos que todas estas notícias interiores e exteriores lhe podem trazer, impedindo-o de avançar pelo meio apropriado, que é a fé.

**2.** Lembremos que, segundo a filosofia, todos os meios hão-de ser proporcionados ao fim; isto é, hão-de ter certa afinidade e semelhança com o fim, pelo menos a que baste e seja suficiente para que, por meio deles, se possa atingir o fim que se pretende.

Ponho um exemplo. Se alguém quiser chegar a uma cidade, necessariamente terá de ir pelo caminho, que é o meio que o une e liga com essa cidade.

Outro exemplo. Quem quiser juntar e unir o fogo à madeira, é necessário que o calor, que é o meio, disponha primeiro a madeira com os mesmos graus de calor para ter grande semelhança e proporção ao fogo.

Por isso, se quisessem dispor a madeira com outro meio sem ser o próprio, que é o calor, tal como o ar, a água ou a terra, seria impossível unir a madeira ao

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

fogo. E também seria impossível chegar à cidade se não for pelo caminho próprio que vai até lá.

Portanto, para que o entendimento chegue a unir-se com Deus nesta vida, tanto quanto se pode, necessariamente adoptar o meio que une com Ele e, com Ele, possui uma semelhança imediata.

**3.** Chamamos a atenção para isto, porque, entre todas as criaturas superiores e inferiores, não há nenhuma que una imediatamente com Deus ou se assemelhe com o Seu ser. É verdade que todas elas, como dizem os teólogos, têm certa relação e traços de Deus - umas mais do que outras, conforme a maior ou menor categoria do seu ser-, no entanto, entre Deus e elas não existe qualquer proporção ou semelhança essencial.

Pelo contrário, entre elas e o divino ser de Deus existe uma distância infinita. Por isso, é impossível ao entendimento poder chegar a Deus através das criaturas, tanto as do Céu como as da terra, porquanto não existe uma proporção de semelhança.

Daí que David, ao falar das celestiais, diga: *Não tendes igual entre os deuses, Senhor* (Sl 85, 8). Chama deuses aos anjos e almas santas. E noutro lugar: *Ó Deus, santos são os vossos caminhos. Que Deus haverá tão grande como o nosso?* (Sl 76, 14). É como se dissesse: *Ó Deus, o caminho para chegar a Vós é santo, isto é, a pureza de fé. Poderá haver um deus tão grande? Quer dizer: Que anjo tão excelso no seu ser ou que santo tão elevado em glória será tão grande, que seja caminho proporcionado e capaz para chegar até Vós? O mesmo David, referindo-se conjuntamente às criaturas da terra e do Céu, diz: O Senhor é excelso: vê os humildes e, desde longe, conhece os soberbos* (Sl 137, 6). É como se dissesse: Sendo Ele excelso no seu ser, vê que o ser das criaturas da terra, comparado com o Seu, é muito baixo; e às coisas do alto, que são as criaturas celestiais, vê e conhece estarem muito longe do seu ser.

Por conseguinte, nenhuma das criaturas pode servir de meio adequado ao entendimento para chegar até Deus.

**4.** O mesmo se diga de tudo o que a imaginação pode imaginar e o entendimento receber e entender nesta vida: não é nem pode ser meio próximo para a união com Deus.

Porque, se nos referirmos ao natural, o entendimento não pode entender coisa alguma a não ser o que entra e está sob as formas e fantasias das coisas que se recebem pelos sentidos corporais, - as quais, como dissemos não podem servir de meio - e, por isso, da inteligência natural pouco ou nada se aproveita.

Mas, se nos referimos ao sobrenatural, tanto quanto se pode nesta vida, também o entendimento, enquanto potência normal, não tem disposição nem capacidade para receber no cárcere do corpo qualquer notícia clara de Deus. E porque essa notícia não é deste estado, ou há-de morrer ou não a receber.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Por isso, quando Moisés pediu a Deus esse conhecimento perfeito, Ele respondeu que não O podia ver: *O homem não pode contemplar-Me e continuar a viver* (Ex 33, 20). E S. João diz: *Ninguém jamais viu a Deus, nem coisa que se Lhe pareça* (1 Jo, 4, 12; Jo 1, 18). S. Paulo (1 Cor 2, 9), citando Isaías (Is 64, 4), diz: *Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo pensamento do homem*. Esta é a razão pela qual, como se diz nos Actos dos Apóstolos (Act 7, 32), Moisés, na sarça, não ousava levantar os olhos diante da presença de Deus, porque sabia que o seu entendimento não poderia entender adequadamente a Deus, isto é, de acordo ao que sentia de Deus. E de Elias, nosso Pai, diz-se que *no monte tapou o rosto na presença de Deus* (I Rs 19, 13),<sup>30</sup> que significa cegar o entendimento. E fê-lo, porque, não se atrevendo a meter mão tão baixa em coisa tão alta, viu claramente que tudo quanto pensasse ou entendesse em particular, era muito distante e desigual a Deus.

**5.** Nesta vida mortal, nenhum conhecimento ou percepção sobrenatural pode servir de meio próximo para a sublime união de amor com Deus.

Na verdade, tudo o que o entendimento pode entender, a vontade gostar e a imaginação fabricar, é muito dissemelhante e desproporcionado a Deus, como dissemos.

Tudo isto o deu a entender admiravelmente Isaías (Is 40, 18-19) naquele admirável texto: *Que coisa pudestes fazer semelhante a Deus? Ou que imagem fareis que se Lhe pareça? Acaso poder-Lhe-á fabricar alguma escultura o ferreiro? Ou o ourives poderá fingi-l'O com ouro? Ou o praiheiro, com lâminas de prata? Por ferreiro entende-se o entendimento, cujo ofício é formar as inteligências e retirar-lhes o ferro das aparências e fantasias.*

Por *ourives* entende-se a *vontade*, que tem aptidão para receber forma e figura aprazível, causada pelo ouro do amor.

Por *praiheiro*, que diz não O representará com lâminas de prata, entende-se a *memória* com a imaginação, pois pode-se muito bem dizer que as notícias e concepções que pode imaginar e fabricar são como lâminas de prata.

É como se dissesse: Nem o entendimento com os seus raciocínios poderá entender coisa semelhante a Ele, nem a vontade poderá gozar prazer e suavidade que se pareça à de Deus, nem a memória conseguirá na imaginação notícias e imagens que O caracterizem.

Fica, assim, bem claro que nenhuma destas notícias pode encaminhar o entendimento logo para Deus. E, para chegar até Ele, antes há-de ir não entendendo do que querendo entender; ficando cego e às escuras do que abrir os olhos, para mais se aproximar do raio divino.

**6.** É por isso que à contemplação, pela qual o entendimento recebe mais alta notícia de Deus, chamam *Teologia Mística*, ou seja, sabedoria misteriosa de Deus. E, porque é misteriosa até para o próprio entendimento que a recebe, S. Dionísio chama-lhe

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*raio de treva.* É dela que fala o profeta Baruc: *Não conheceram o caminho da sabedoria nem se recordaram das suas veredas* (Br 3, 23). Deste modo, o entendimento, para se unir a Deus, há-de cegar-se a todos os caminhos que possa alcançar.

Aristóteles diz que assim como os olhos do morcego ficam completamente cegos com o sol, assim o entendimento com maior luz de Deus, que é escuridão total para nós. E diz ainda: quanto mais elevadas e resplandecentes são as coisas de Deus em si mesmas, tanto mais desconhecidas e escuras são para nós. É o que também afirma o Apóstolo, quando diz: *O que é elevado em Deus, menos sabido é dos homens* (1 Cor 3, 19).

**7.** Por este andar, não terminaríamos de apresentar provas e argumentos para provar e demonstrar que, entre todas as coisas criadas que o entendimento possa captar, não existe uma escada pela qual o entendimento possa chegar até este grande Senhor. Pelo contrário, é de saber que se o entendimento se quisesse valer de todas estas coisas, ou pelo menos de algumas delas, como meio próximo para a essa união, não só lhe serviriam de estorvo como ainda seriam ocasião para muitos erros e enganos na subida deste *Monte*.

## CAPÍTULO 9

*A fé é o meio próximo e adequado ao entendimento para a alma chegar à divina união de amor.*

*Prova-o com passagens e exemplos da Sagrada Escritura.*

**1.** Do exposto se deduz que, para que o entendimento esteja preparado para esta divina união, há-de ficar limpo e vazio de tudo o que pode receber nos sentidos, despojado e livre de tudo o que pode receber claramente no entendimento, intimamente sossegado e tranquilo, posto em fé, a qual é o único meio próximo e adequado para a alma se unir a Deus. A semelhança que existe entre ela e Deus é tão grande que não existe outra diferença senão ver ou acreditar em Deus. Assim como Deus é infinito, também ela no-1'0 apresenta infinito; sendo Uno e Trino, também ela no-1'0 apresenta Uno e Trino; assim como Deus é treva para o nosso entendimento, também ela cega e deslumbra o nosso entendimento.

E só através deste meio que Deus se manifesta à alma na luz divina, a qual excede todo o entendimento. Por isso, quanto mais fé a alma tiver, mais unida está a Deus.

Isto mesmo quis dizer S. Paulo no texto que citámos antes: *É necessário que aquele que se aproxima de Deus, creia que Ele existe* (Heb 11, 6). Caminhar para Ele em fé, quer dizer, com o entendimento cego e às escuras, só pela fé. O entendimento une-se com Deus nesta nuvem, pois Deus está escondido nela, como disse David com estas palavras: *Nuvens densas se estenderam a Seus pés. E voou montado num*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*querubim, pairando sobre as asas do vento. Das trevas fez Seu véu e por tenda tomou as águas turvas e as nuvens densas. (Sl 17, 10-12).*

**2.** Ao dizer que *pôs as nuvens debaixo dos Seus pés, que das trevas fez o Seu véu, que das águas turvas e nuvens densas fez a Sua tenda*, está-se a referir à obscuridade da fé em que Ele está escondido. E ao dizer que *voou montado num querubim, pairando sobre as asas do vento*, dá-se a entender que ultrapassa todo o entendimento, porque *querubim* quer dizer inteligente ou contemplativo, e *as asas do vento* significam as subtis e elevadíssimas notícias e conceitos dos espíritos. Sobre todas elas está o ser de Deus, ao qual ninguém pode chegar só por si.

**3.** Temos uma imagem disto na Sagrada Escritura quando lemos que, tendo Salomão acabado de construir o templo, Deus baixou numa nuvem e encheu-o de tal maneira que os filhos de Israel não podiam ver. Então Salomão falou e disse: *O Senhor prometeu habitar na nuvem (I Rs 8, 12).*

Também, no monte, aparecia a Moisés na nuvem, onde estava escondido. E sempre que Deus se comunicava de forma extraordinária, manifestava-se na nuvem, como se vê em Job (Jb 38, 1; 40, 1), onde a Sagrada Escritura diz que Deus lhe falou do meio da tempestade. Todas estas nuvens significam a escuridão da fé em que a Divindade está encoberta quando se comunica à alma. Esta escuridão acabará quando, como diz S. Paulo, *o que é imperfeito acabar* (1 Cor 13, 10), isto é, as trevas da fé, e *vier o que é perfeito*, ou seja, a luz divina. Temos outro bom exemplo na milícia de Gedeão, onde se diz que todos os soldados levavam tochas acesas nas mãos e não se viam, porque estavam escondidas na escuridão das ânforas; logo que as quebraram, apareceu a luz (Jz 7, 16). Assim a fé, representada por essas ânforas, contém em si a luz divina. Quando a fé acabar e se desfizer pela dissolução e término desta vida mortal, logo aparecerá a glória e a luz da Divindade que escondia dentro de si.

**4.** Fica, pois, claro que, para a alma chegar a unir-se e comunicar imediatamente com Deus nesta vida, tem de *se unir com a nuvem*, de que fala Salomão, na qual Deus prometeu habitar. Tem de *ficar junto à tempestade*, pela qual Deus quis revelar os seus segredos a Job. E, *às escuras, há-de levar nas mãos as ânforas* de Gedeão a fim de ter nas suas mãos, isto é, nos actos da sua vontade, a luz, que é a união de amor, embora na escuridão da fé, para que depois, quando se partirem as ânforas desta vida, que não deixava ver a luz da fé, se veja face a face na glória.

**5.** Agora, apenas falta expor em particular o impedimento e danos que estas ideias e apreensões recebidas no entendimento podem causar neste caminho da fé, e o modo como a alma há-de lidar com elas, tanto com as dos sentidos como com as do espírito, para lhe serem mais proveitosas do que prejudiciais.

## CAPÍTULO 10

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Faz-se a separação de todas as apreensões e ideias que podem surgir no entendimento.*

**1.** Para se falar em particular dos benefícios e danos que as notícias e apreensões podem causar à alma acerca deste meio para a divina união, que como dissemos é a fé, é necessário fazer aqui uma fragmentação de todas as apreensões, tanto naturais como sobrenaturais, que o entendimento pode receber. Deste modo, e com esta ordem, poderemos orientá-lo depois mais claramente na *noite* e obscuridade da fé. Far-se-á com a brevidade que pudermos.

**2.** Sabe-se que o entendimento pode receber apreensões e notícias através de duas vias: a natural e a sobrenatural. A *natural* é tudo aquilo que o entendimento pode entender por si mesmo ou pelos sentidos corporais.

A *sobrenatural* é tudo aquilo que o entendimento recebe além da sua capacidade ou aptidão natural.

**3.** *Destas notícias sobrenaturais, umas são corporais, outras espirituais.*

As *corporais* são de duas espécies: umas, são as que se recebem pela via dos *sentidos corporais exteriores*; outras, pela via dos *sentidos corporais interiores*, ou seja, tudo o que a imaginação pode compreender, inventar e fabricar.

**4.** *As espirituais são também de duas espécies: umas distintas e particulares; outra, confusa, obscura e geral.*

Entre as *distintas e particulares*, que são as que se comunicam ao espírito sem a mediação de qualquer sentido corporal, existem quatro espécies de apreensões particulares, que são: *visões, revelações, locuções e sentimentos espirituais.*

A *inteligência obscura e geral* só existe numa: a *contemplação* que se dá em fé. É nesta que havemos de pôr a alma, guiando-a por meio de todas as outras, a começar pelas primeiras, e desprendendo-a de todas elas.

### CAPÍTULO 11

*Fala do impedimento e malefício que pode haver nas apreensões do entendimento por via do que sobrenaturalmente se representa aos sentidos corporais exteriores, e do modo como a alma deve lidar com elas.*

**1.** As primeiras notícias de que falamos no capítulo anterior são as que chegam ao entendimento por via natural. Delas já falámos no *Primeiro Livro*, onde conduzimos a alma na *noite do sentido*. E, porque acerca delas também deixámos ali doutrina suficiente para a alma, agora nada diremos.

Neste capítulo vamos falar exclusivamente das notícias e apreensões que chegam ao entendimento por via sobrenatural através dos sentidos corporais exteriores, que são: a vista, o ouvido, o olfacto, o gosto e o tacto. De todos eles podem e costumam nascer nos espirituais imagens e objectos sobrenaturais.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Pela *vista* costumam representar-se-lhes figuras e personagens da outra vida: santos, anjos, bons e maus, luzes e resplendores extraordinários.

Com *os ouvidos* ouvem algumas palavras estranhas, umas vezes pronunciadas pelas figuras que vêem, e outras sem ver quem as diz.

No *olfacto* sentem, por vezes de forma sensível, odores suavíssimos, mas sem saber donde procedem.

Também no *gosto* costumam sentir um mui suave sabor, e no *tacto* grande prazer, chegando, por vezes a ser tão intenso que até lhe parece que todas as suas medulas e ossos gozam, se dilatam e banham em prazer.

Costumam-lhe chamar união do espírito, porque dele emana para os membros das almas puras. Este gosto sensível é muito frequente nos espirituais, porque lhes nasce do afecto e da devoção do espírito sensível, em maior ou menor grau, conforme o género de cada um.

**2.** Tenha-se em conta que, embora todas estas coisas possam chegar aos sentidos corporais vindas de Deus, jamais se deverão fiar delas e nunca as admitir. Antes, delas hão-de fugir completamente, sem querer analisar se são boas ou más. Porque, quanto mais exteriores e corporais forem, tanto menor é a certeza de serem de Deus. O mais próprio e normal é Deus comunicar-se ao espírito, onde há mais segurança e proveito para a alma, do que aos sentidos, onde normalmente há muito perigo e engano.

E isto porque o sentido corporal arma-se em juiz e conhecedor das coisas espirituais, pensando que elas são como ele sente e, na verdade, são tão diferentes como o corpo o é da alma e a sensualidade da razão.

E o sentido corporal é mais ignorante em relação às coisas espirituais do que um burro o é em relação às racionais.

**3.** Por isso, quem ama tais coisas comete um grande erro e expõe-se ao grande perigo de ser enganado; pelo menos, fica totalmente impedido de chegar ao espiritual. Porque, como dissemos, todas essas coisas corporais não têm proporção alguma com as espirituais. Assim, sempre se há-de ter como mais certo serem tais coisas do demónio do que de Deus.

Naquilo que é mais exterior e corporal, o demónio mete mais a mão; por isso, pode enganar mais facilmente nisso do que naquilo que é mais interior e espiritual.

**4.** Quanto mais exteriores forem estes objectos e configurações corporais, tanto menos proveito fazem ao interior e ao espírito devido à grande diferença e proporção que existe entre o corporal e o espiritual.

Embora delas se receba algum espírito, porque sempre se recebe quando são de Deus, no entanto, recebe-se muito menos do que quando são mais espirituais e interiores.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Facilmente criam na alma ocasião para o erro, a presunção e a vaidade, porque, ao serem tão palpáveis e materiais, avivam muito os sentidos. A alma, então, dá-lhes mais crédito por serem mais sensíveis e, desamparando a fé, vai atrás delas pensando que aquela luz é guia e meio para o que pretende, a união com Deus. E quanto mais caso fizer delas, tanto mais se vai afastando do caminho e do meio que é a fé.

**5.** Além disso, como a alma vê que lhe acontecem coisas tão extraordinárias, intromete-se-lhe, secretamente e muitas vezes, a opinião de que já é alguma coisa diante de Deus; o que vai contra a humildade.

Por seu lado, também demónio sabe infiltrar na alma a seu respeito uma satisfação oculta que, por vezes, é bem manifesta. Por isso, representa-lhe muitas vezes estes objectos nos sentidos: à vista mostra-lhe figuras de santos e resplendores formosíssimos; aos ouvidos, palavras bastante falsas; perfumes suaves; doçura na boca e gosto no tacto, a fim de que, estimulando-os com guloseimas, os faça cair em muitos males.

Por conseguinte, tais representações e sentimentos hão-de-se rejeitar sempre. E, no caso de algumas serem de Deus, mesmo que a alma as rejeite e não as queira, nem se ofende a Deus nem se deixa de receber o efeito e os frutos que, por meio delas, Deus quer oferecer à alma.

**6.** E isto porque se a visão corporal ou sentimento nalgum dos demais sentidos, ou nalguma outra comunicação mais interior, for de Deus, logo que aparece ou se sente, causa o seu efeito no espírito, antes que a alma possa decidir se o aceita ou não.

Assim como Deus concede sobrenaturalmente essas coisas sem a suficiente diligência e actividade da alma, assim também, sem a sua diligência e actividade, Deus realiza o efeito que pretende com elas, porque o faz e actua passivamente no espírito. Não se trata aqui de querer ou não querer que isso aconteça. É como se chegassem fogo a quem está nu: pouco adiantaria não se querer queimar, porque forçosamente o fogo tinha de causar o seu efeito. De igual modo são as visões e as boas representações: mesmo que a alma não queira, causam-lhe o seu efeito primeiro do que no corpo.

Também as que procedem do demónio, mesmo que a alma não as deseje, causam-lhe no espírito perturbação, secura, vaidade ou presunção.

Apesar de tudo, estas não sejam tão eficazes na alma como as de Deus, porque as do demónio apenas suscitam primeiros movimentos na vontade.

Não conseguem movê-la a mais se ela não quiser. Também lhe podem ocasionar alguma agitação; mas será passageira, a não ser que a pouca determinação e recolhimento da alma lhe permitam durar mais.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

As que procedem de Deus penetram a alma, movem a vontade a amar e provocam o seu efeito, ao qual, por muito que queira, não lhe pode resistir. É como o vidro que não pode resistir ao raio do sol que nela bate.

**7.** A alma nunca se há-de atrever a querer aceitá-las, mesmo que, como digo, sejam de Deus. Se as aceitar, ocorrem *seis* contratempos.

O *primeiro*: vai-se-lhe diminuindo a fé. As coisas que se recebem pelos sentidos anulam muito a fé, porque esta, como dissemos, está acima dos sentidos. E vai-se afastando do meio da união com Deus, porque não fecha os olhos da alma a todas essas coisas dos sentidos.

O *segundo*: se não se negarem, constituirão um obstáculo para o espírito, porque a alma demora-se nelas e o espírito não voa para o invisível. Esta foi uma das razões pelas quais o Senhor disse aos seus discípulos que lhes convinha mais que Ele fosse para que viesse o Espírito Santo (Jo 16, 7). E pela mesma razão não deixou que Maria Madalena lhe tocasse nos pés depois de ressuscitado, a fim de se apoiar na fé (Jo 20, 17).

O *terceiro*: a alma vai-se apropriando de tais coisas e não avança para a verdadeira resignação e desnudez de espírito.

O *quarto*: vai perdendo o efeito e o espírito que elas causam no interior, porque se fixa na sua parte sensível, que é a menos importante.

Assim, não pode receber tão copiosamente o espírito que causam, pois quanto mais se nega o sensível mais ele se infunde e permanece. E quão diferente é o que sente do puro espírito!

O *quinto*: vai perdendo as graças de Deus, porque as vai considerando como suas e não as aproveita convenientemente. Considerando-as como suas, e não se aproveitando delas, está a querer recebê-las. Mas Deus não as dá para que a alma as queira receber, porque, nesse caso, nunca ela se determinaria a pensar que procedem de Deus.

O *sexto*: ao querer recebê-las, abre as portas ao demónio que a engana com outras parecidas. Ele sabe-as muito bem dissimular e disfarçar para que se pareçam às boas, porque, como diz o Apóstolo, pode *transfigurar-se em anjo de luz* (2 Cor 11, 14). Disto falaremos depois, se Deus quiser, no *Terceiro Livro*, no capítulo dedicado à *gula espiritual*.

**8.** Portanto, convém sempre à alma rejeitá-las sem pensar duas vezes, sejam elas de quem forem. Se não o fizesse, daria tanto cabimento às do demónio, e ao demónio tanta liberdade, que receberia umas misturadas com as outras. Mais ainda: as do demónio iriam multiplicando-se e as de Deus diminuindo que, no fim, tudo seria do demónio e nada de Deus. Foi o que aconteceu a muitas almas imprudentes e ignorantes: empenharam-se de tal maneira em receber tais coisas que~ muitas delas, viram-se obrigadas a trabalhar muito para regressar a Deus em fé pura; e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

muitas outras não conseguiram retroceder porque o demónio já tinha nelas raízes profundas.

O melhor é fechar-se a todas e não aceitar nenhuma. Desta maneira o espírito colhe o seu fruto, porque nas más se livram dos erros do demónio e, nas boas, do obstáculo à fé. Quando a alma aceita as de Deus, e Deus as vai retirando porque se apegou a elas e não as aproveitou convenientemente, o demónio vai introduzindo e aumentando as suas, porque encontra cabimento e razão para elas. Mas, quando a alma as renuncia e rejeita, o demónio vai desistindo por ver que não causa nenhum dano, e Deus, pelo contrário, vai aumentando e acrescentando as graças naquela alma humilde e desprendida. Como ao servo que *foi fiel no pouco* (Mt 25, 21), Deus *põe-na à frente de muito*.

**9.** Mais ainda, se, nestas graças, a alma permanecer fiel e desapegada, o Senhor não parará até a conduzir, de grau em grau, à divina união e transformação. Nosso Senhor vai provando a alma e elevando-a. Ao princípio dá-lhe, através dos sentidos, coisas muito exteriores e inferiores, conforme à sua pouca capacidade. Depois, se ela se comporta bem recebendo com sobriedade aqueles primeiros bocados para sua fortaleza e vigor, dá-lhe maior e melhor manjar. Daí que, se vencer o demónio no primeiro grau, passará ao segundo; e se o vencer no segundo, passará ao terceiro; e assim sucessivamente todas as *sete mansões* até o Esposo a introduzir na *adega* (Cant 2, 4) da sua caridade perfeita, que são os sete graus de amor.

**10.** Ditosa a alma que souber combater contra aquela besta do Apocalipse (Ap 12, 3), cujas sete cabeças são opostas a estes sete graus de amor, e com as quais faz guerra a cada um deles! Cada uma das cabeças luta com a alma em cada uma destas mansões, onde ela está cultivando e ganhando cada grau de amor de Deus. E, sem dúvida, se em cada uma combater e vencer, merecerá passar de grau em grau e de mansão em mansão até à última, depois de haver cortado à besta as sete cabeças com as quais lhe fazia uma guerra ardente. E tão ardente que, como diz S. João, *foi-lhe dado o poder de fazer guerra aos santos e de os vencer* (Ap 13, 7) em cada um destes graus de amor, utilizando contra cada um deles uma grande quantidade de armas e munições.

Por isso, é grande lástima que muitos; tendo começado esta batalha espiritual contra a besta, ainda não sejam capazes de lhe cortar a primeira cabeça por não se negarem às coisas sensuais do mundo. Alguns decidem-se a cortá-la, mas não cortam a segunda, que são as visões dos sentidos, de que estamos a falar. Mas o que mais dói é ver que outros, tendo cortado não só a primeira e a segunda, mas também a terceira, que é a dos sentidos sensitivos interiores, tendo ultrapassado o estado de meditação e avançado, quando estão para entrar no puro espírito, são vencidos por esta besta espiritual, a qual novamente se levanta contra eles ressuscitando as cabeças até à primeira.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Então, voltando a cair, *o seu estado último torna-se pior do que no princípio, porque trazem consigo outros sete espíritos piores que o primeiro* (Lc 11, 26).

**11.** Portanto, se o espiritual quer cortar a primeira e a segunda cabeça a esta besta, há-de renunciar a todas as apreensões dos prazeres temporais que entram pelos sentidos exteriores. Ao não querer apropriar-se nem embaraçar-se com aquilo que se oferece aos sentidos, que é o que mais danifica a fé, entrará no primeiro aposento do amor e no segundo da fé viva.

**12.** Fica, então, claro que estas visões e apreensões sensitivas não podem ser o meio para a união, pois não têm nenhuma proporção com Deus.

Esta era uma das razões pelas quais Cristo queria que nem Madalena (Jo 20, 17) nem S. Tomé (Jo 20, 29) Lhe tocassem.

Quanto se alegra o demónio por ver uma alma desejosa de revelações e as aceita! Essa é a grande oportunidade em que ele pode intrometer erros e destruir a fé no que puder. Como disse antes, na alma que as admite nasce uma grande rudeza para com a fé e, por vezes, até mesmo tentações e impertinência.

**13.** Alarguei-me bastante nestas apreensões exteriores para abrir e oferecer um pouco de luz às outras, das quais havemos de falar. Mas, sobre esta parte havia ainda tanto a dizer que seria um nunca acabar. Penso que resumi bastante. No entanto, só com dizer que tenha o cuidado de nunca as admitir, a não ser coisa por muitíssimo esquisito parecer, e, mesmo neste caso, sem nenhuma vontade disso, parece-me que basta com o que está dito.

### CAPÍTULO 12

*Diz o que são as apreensões imaginárias naturais. Demonstra como não podem ser meio adequado para chegar à união com Deus. Fala do dano que causam por não se saber desfazer delas.*

**1.** Antes de falarmos das visões imaginárias que sobrenaturalmente costumam dar-se no sentido interior, que é a imaginação e a fantasia, convém falar aqui, para seguirmos uma ordem, das *apreensões naturais desse mesmo sentido interior corporal*. Assim, iremos do mais inferior ao mais superior e do mais exterior ao mais interior até chegar ao íntimo recolhimento onde a alma se une com Deus. Foi esta mesma ordem que seguimos até aqui. Em primeiro lugar, tratamos de despir os sentidos exteriores das apreensões naturais dos objectos e, por conseguinte, das forças naturais dos apetites. Fizemo-lo no *Primeiro Livro* onde falámos da *noite do sentido*. Em segundo lugar, começámos a despir esses mesmos sentidos das apreensões exteriores sobrenaturais que se dão nos sentidos exteriores, como acabámos de fazer no capítulo anterior, para guiar a alma na *noite do espírito*.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** Neste *Segundo Livro*, a primeira coisa que nos aparece é o *sentido corporal interior*, que é a *imaginação e a fantasia*. Também teremos que esvaziá-la de todas as formas e apreensões imaginárias que nela se tenham introduzido naturalmente. Iremos demonstrar como é impossível à alma chegar à união com Deus sem que essa operação tenha terminado, pois entretanto elas não podem ser meio apropriado e próximo para essa união.

**3.** Os sentidos corporais interiores, dos quais falamos aqui de modo particular, são dois: *a imaginação e a fantasia*. Eles apoiam-se mutuamente um no outro, porque enquanto um discorre imaginando, o outro dá forma à imaginação fantasiando o imaginado. Para o nosso propósito, tanto faz falar de um como de outro. Por isso, quando não os nomearmos ambos, tenha-se em conta o que agora acabámos de dizer.

Tudo o que estes sentidos podem receber e fabricar chamam-se *imaginações e fantasias*. São formas representadas nestes sentidos com imagem e aspecto de corpo.

Podem ser de duas espécies. Uma são *sobrenaturais*, aquelas que se podem construir sem intervenção dos sentidos, apresentando-se-lhes passivamente. A estas chamamos visões imaginárias por via sobrenatural. Sobre elas falaremos depois.

Outras são *naturais*, aquelas que ela própria, pela sua habilidade e operação, pode activamente construir em si com aparência de formas, figuras e imagens.

A estas duas potências pertence a meditação, que é um acto discursivo feito à base de imagens, formas e figuras, fabricadas e imaginadas por tais sentidos. Por exemplo: imaginar Cristo crucificado, atado à coluna, ou noutra lugar; imaginar Deus num trono, cheio de majestade; pensar e imaginar a glória como luz formosíssima, etc.; e, como estas, outras muitas coisas, quer sejam divinas ou humanas, de que a imaginação é capaz.

É preciso esvaziar a alma de todas essas imaginações, ficando às escuras quanto a este sentido, para chegar à divina união. Também elas não podem ter qualquer proporção de meio próximo com Deus, tal como acontecia com as corporais, que são objecto dos cinco sentidos exteriores.

**4.** A razão disto está em que a imaginação não pode fabricar nem imaginar nada que os sentidos exteriores não tenham experimentado, isto é, visto com os olhos, escutado com os ouvidos, etc. Quando muito, pode criar algumas semelhanças com as coisas vistas, ouvidas e sentidas, mas sem terem igual ou maior qualidade do que aquelas que recebeu através desses sentidos. Ainda que imagine palácios de pérolas e montes de ouro, por ter visto ouro e pérolas, na verdade, tudo isso é menos do que a qualidade de um pedacito de ouro ou duma pérola, mesmo que na imaginação seja maior a quantidade e o arranjo. E se as coisas criadas, como se disse, não podem ter qualquer proporção com o ser de Deus, depreende-se daí que tudo o que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

for imaginado à sua semelhança, muito menos ainda pode servir de meio próximo para a união com Ele.

**5.** Por isso, os que imaginam a Deus sob alguma destas figuras, como por exemplo uma grande chama, um imenso resplendor, ou quaisquer outras formas, e julgam que alguma destas coisas é semelhante a Ele, estão bem longe de Deus. Embora estas considerações, formas e maneiras de meditação sejam necessárias aos principiantes para continuar a enamorar e alimentar a alma pelos sentidos, como depois explicaremos.

Elas são apenas meios remotos para se unir a Deus, pelos quais normalmente as almas hão-de passar para chegar ao fim e morada do repouso espiritual. Mas, hão-de passar por eles, e não ficarem sempre neles, porque, nesse caso, nunca chegariam ao fim, que é muito diferente dos meios remotos e nada tem a ver com eles. São como os degraus de uma escada: nada têm a ver com o fim e os andares para os quais são meios.

Se quem sobe por ela quisesse ficar nalgum degrau, se não os deixasse todos para trás até chegar ao cimo, nunca chegaria nem subiria até à plana e aprazível morada final.

Portanto, a alma que, nesta vida, queira chegar à união daquele sumo bem e repouso através de todos esses degraus de considerações, formas e notícias, há-de ultrapassar e abandoná-las todas, pois não têm qualquer semelhança ou proporção com o fim para onde caminham, que é Deus. É o que S. Paulo diz nos Actos dos Apóstolos: *Non debemus aestimare aura vel argento, aut lapidi sculpturae artis, et cogitationis hominis divinum esse simile*. Quer dizer: *Não devemos pensar que a Divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e engenho do homem* (Act 17, 29).

**6.** Bem se enganam, pois, muitos espirituais que, depois de haverem tratado de chegar a Deus através de imagens, formas e meditações, o que é próprio de principiantes, quando Deus os quer elevar para bens mais espirituais, interiores e invisíveis, tirando-lhes o gosto e o sumo da meditação discursiva, eles não terminam, nem se atrevem, nem sabem desfazer-se daqueles modos palpáveis a que estão acostumados.

Pelo contrário, ainda trabalham mais para os reter, querendo ir pela consideração e meditação dessas imagens, como antes, julgando que teria de ser sempre assim. E muito trabalham para isso, tirando pouco ou nenhum sumo. Quanto mais trabalham para tirar esse primeiro sumo, mais se lhes aumenta e cresce a secura, a fadiga e o desassossego da alma. Já não é possível encontrá-lo dessa maneira, porque a alma já não usufrui daquele primeiro manjar tão sensitivo, como dissemos, mas de outro mais delicado, mais interior, menos sensitivo. Este é mais espiritual, e não consiste em trabalhar com a imaginação, mas em repousar a alma e deixá-la estar na sua quietude e sossego.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quanto mais espiritual vai sendo a alma, menos é a acção das potências em actos limitados, porque ela situa-se num acto mais amplo e puro. Assim, as potências, que se dirigiam para aquilo onde a alma já chegou, deixam de trabalhar, tal como os pés deixam de andar e param quando chegam ao fim da sua viagem. Se estivessem sempre a andar, nunca haveria chegada. Se tudo fosse meios, onde e quando se gozaria dos fins e da chegada?

**7.** Dá verdadeira pena ver muitos que, querendo a sua alma permanecer nesta paz e sossego da quietude interior, onde se enche de paz e alimenta de Deus, a desassossegam e empurram para o mais exterior, obrigando-a, a despropósito, a percorrer outra vez o que já foi andado. Obrigam-na a abandonar a chegada e a meta, onde goza de paz, para voltar aos meios pelos quais lá chegou, que é a meditação. Tudo isto é feito com muito pouca vontade e repugnância por parte da alma. O que ela quer é permanecer ali, como se estivesse no seu lugar certo, naquela paz que não entende.

Acontece-lhe como aquele que se enche de pena, porque, tendo chegado com esforço ao lugar onde descansa, o obrigam a voltar ao trabalho.

Como eles desconhecem o mistério deste novo estado, julgam que estão ociosos e sem fazer nada; por isso, procuram meditar e analisar, e não se pacificam. Enchem-se de segura e trabalho para extrair o sumo que por ali já não conseguem tirar. Temos antes de lhes dizer que, quanto mais esforço fizerem, menos proveito tiram.

Quanto mais insistirem no mesmo, pior ficam, porque mais afastam a alma da paz espiritual, e isso é trocar o mais pelo menos, retroceder no caminho já andado, querer fazer o que já está feito.

**8.** A estes é preciso dizer-lhes que aprendam a estar nessa paz com atenção e advertência amorosa em Deus, e não se preocupem com a imaginação e as suas obras. Como dissemos, as potências agora estão sossegadas e não trabalham senão passivamente, porque recebem somente o que Deus faz nelas. E, se algumas vezes actuam, não é com esforço ou rebuscado discurso, mas com a suavidade do amor, porque são movidas mais por Deus do que pela actividade da própria alma, como adiante se explicará. Por agora basta isto para dar a entender, aos que pretendem avançar, como convém e é necessário saberem desfazer-se de todos esses modos, maneiras e trabalhos da imaginação quando, no tempo e no momento oportuno, o pedir e requerer o aproveitamento do estado em que se encontram.

**9.** E para que se entenda o como e o quando se há-de fazer isto, deixaremos no próximo capítulo alguns sinais através dos quais o espiritual, reconhecendo-os em si, possa conhecer o modo e o tempo em que livremente pode usufruir desse fim e deixar de caminhar pelo discurso e trabalho da imaginação.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Indicam-se os sinais que o espiritual há-de ter em si para conhecer o tempo em que convém deixar a meditação e o discurso para passar ao estado de contemplação.*

**1.** Para esta doutrina não ficar confusa, será necessário indicar, neste capítulo, o tempo e o momento em que convém ao espiritual abandonar o trabalho do discursivo meditar dessas imaginações, formas e figuras, a fim de não as abandonar antes ou depois que o espírito lho peça. Assim como convém deixá-las no tempo oportuno para que não impeçam a união com Deus, também é preciso não abandonar a dita meditação imaginária antes do tempo para que não volte atrás. Ainda que as apreensões destas potências não sirvam aos mais avançados como meio próximo de união, servem, no entanto, para os iniciados, através dos sentidos, disporem e habituarem o espírito ao espiritual e, ao mesmo tempo, poderem esvaziar dos sentidos todas essas formas e imagens inferiores, temporais, seculares e naturais. Para tanto, daremos agora alguns sinais e indícios que o espiritual há-de ter em si para saber quando as deve ou não abandonar.

**2.** *Primeiro*, constatar que já não pode meditar nem discorrer com a imaginação, nem gostar de o fazer como costumava. Em vez disso, só encontra *secura* naquilo que antes costumava prender os sentidos e tirava sumo. Mas, enquanto tirar sumo e puder discorrer com a imaginação, não a deve abandonar até a sua alma chegar à paz e repouso de que se fala no terceiro sinal.

**3.** *Segundo*, quando sentir que não tem vontade nenhuma de apoiar a imaginação e os sentidos em coisas particulares, exteriores ou interiores.

Não digo que não ande a saltitar de um lado para outro, pois esta até no recolhimento mais profundo pode andar à solta, mas que não queira propositadamente pô-la noutras coisas.

**4.** *Terceiro*, e mais certo, se a alma gostar de estar a sós, com atenção amorosa em Deus e sem meditar nada em concreto, em paz interior, em quietude e repouso, sem actos e exercícios das potências - memória, entendimento e vontade -, excepto os da imaginação que saltam de um lado para outro. Fica apenas numa atenção e notícia geral amorosa, como lhe chamamos, sem compreender nada a respeito de nada.

**5.** Pelo menos, são estes três sinais que o espiritual há-de constatar simultaneamente em si para se atrever a abandonar com segurança o estado de meditação e dos sentidos e entrar no da contemplação e do espírito.

**6.** Não basta ter o primeiro e não ter o segundo. Pode ser que não seja capaz de imaginar e meditar agora nas coisas de Deus como antes, mas por distração e pouca diligência. Por isso, há-de sentir também o segundo, isto é, não ter vontade nem desejo algum de pensar noutras coisas estranhas. Quando não se pode prender a



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

imaginação e os sentidos nas coisas de Deus por distração ou tibieza, surge logo o desejo e a vontade de a fixar noutras coisas diferentes. E põe-se a andar.

Também não basta constatar em si o primeiro e o segundo, sem o terceiro. Porque, embora não possa discorrer nem pensar nas coisas de Deus, nem tenha vontade de pensar noutras coisas diferentes, isso poderia proceder de melancolia ou de qualquer outra má disposição do cérebro ou do coração, a qual costuma provocar nos sentidos um certo embotamento e alheamento que não a deixam pensar em nada, nem querer ou ter vontade de o fazer, mas ficar somente naquele delicioso encantamento.

Por isso, há-de também o terceiro sinal que, como dissemos, é notícia e atenção amorosa em paz, etc.

**7.** É verdade que, ao princípio, quando este estado começa, quase não se dá conta desta amorosa notícia. Por duas razões: *primeira*, porque, ao princípio, esta notícia amorosa costuma ser muito subtil, ténue e quase insensível; *segunda*, porque, estando a alma habituada ao exercício da meditação, que é totalmente sensível, não é capaz de ver e quase sentir esta novidade insensível, que é puramente espiritual. Precisamente, porque não a entende, não se deixa ficar nela e começa a procurar o que é mais sensível. Assim, por muito abundante que seja a paz amorosa interior, não há tempo para a poder sentir e gozar. Quanto mais a alma se for acostumando a ficar em sossego, tanto mais irá crescendo e sentindo-se nela a geral e amorosa notícia de Deus. E desfruta mais dela do que de todas as coisas, porque, sem nenhum trabalho, recebe paz, descanso, prazer e bem-estar.

**8.** E para que isto fique mais claro, indicaremos no capítulo seguinte as causas e as razões pelas quais estes três sinais se tornam necessários ao espírito para avançar.

## CAPÍTULO 14

*Demonstra a utilidade destes sinais e apresenta as razões da sua necessidade para avançar em frente.*

**1.** *Acerca do primeiro sinal* que indicámos para entrar na via do espírito, que é a contemplação, o espiritual, terá de abandonar a via da imaginação e da meditação sensível quando já não encontrar gosto nela nem puder discorrer. As causas são duas, mas praticamente encerram-se numa:

*Primeira*, de alguma maneira a alma já recebeu pela via da meditação e do discurso todo o bem espiritual que haveria de encontrar nas coisas de Deus. A prova disso está em que já não pode meditar nem discorrer como antes e não encontra o sumo e o gosto de antes, porque ainda não avançou para o espírito que aí lhe estava reservado. Quando a alma recebe algum bem espiritual, normalmente recebe-o saboreando, ou pelo menos com o espírito naquele meio pelo qual o recebe e tira proveito. Se assim não for, dificilmente aproveitará, porque, sem o sabor, não tira a mesma ajuda e o sumo que tirava antes. Porque, como dizem os filósofos: *Quod sapit, nutrit*. Quer dizer: *O que dá sabor, alimenta e engorda*. Por isso disse o santo Job: *Numquid poterit comedi insulsum, quod non est sale conditum? Come-se um manjar insípido, sem sal?* (Jb 6, 6). Eis, portanto, a causa de não poder meditar nem discorrer como antes: o pouco sabor e proveito que o espírito encontra ao fazê-lo.

**2.** *Segunda*, neste momento o espírito da meditação já é substância e hábito na alma. Nas coisas de Deus, o que se pretende com a meditação e o discurso é adquirir uma notícia nova do amor de Deus.

E, cada vez que a alma a obtém pela meditação, é um acto. E, se os muitos actos de qualquer coisa geram o hábito na alma, também os muitos actos destas notícias amorosas, que a alma foi conseguindo obter aos poucos, chegam a ser nela um hábito, graças à sua contínua repetição.

O que, por vezes, Deus costuma fazer em muitas almas é passá-las directamente para a contemplação sem estes actos, ou pelo menos sem a fazer preceder de muitos.

O que a alma ia recebendo antes aos poucos e à custa de meditar em notícias particulares, transformou-se agora nela em hábito e substância de uma notícia amorosa geral, escura e indefinida.

Deste modo, ao começar a oração fica como quem tem a água à mão: bebe com calma e sem trabalho, pois já não precisa de a tirar com os alcatruzes das trabalhosas meditações, formas e figuras.

Mal se põe na presença de Deus, entra no acto de notícia escura, amorosa, pacífica e sossegada, onde a alma bebe sabedoria, amor e sabor.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** Por isso, quando a alma goza deste sossego e querem obrigá-la a meditar e trabalhar em notícias particulares, sente-se muito desgostosa e triste.

Assemelha-se à criancinha que, estando a mamar depois de ter sugado e concentrado o leite na mama, lhe retiram o peito, obrigando-a novamente ao esforço de o sugar e manusear para voltar a mamar. Ou como àquele que, tendo tirado a casca e já saboreia a polpa, o obrigassem a deixar de o fazer para voltar a descascar o que já tinha descascado. Não só não encontraria a casca como deixaria de saborear a polpa que já tinha entre mãos. Nisto, assemelha-se a quem tem a presa na mão e a deixa fugir para apanhar a que não tem.

**4.** Assim fazem muitos dos que começam a entrar neste estado. Pensam que o ganho está todo em discorrer e entender pormenores através dessas imagens e formas, que são a casca do espírito. Como não os encontram naquela amorosa e substancial quietude em que a sua alma quer permanecer, e onde nada compreendem de maneira clara, pensam que estão enganados e a perder tempo. Então, voltam a procurar a casca das suas imagens e discursos, mas não a encontram porque já foi descascada.

Deste modo, nem aproveitam a substância nem meditam, e ficam muito ansiosos pensando que estão a retroceder e a perderem-se.

Realmente estão a perder-se, mas não da maneira como eles julgam. Eles perderam o caminho dos sentidos e o primeiro modo de sentir, mas isso é ir ganhando o espírito que lhes vai sendo dado. Quanto menos entendam, mais entram na *noite do espirita*, da qual tratamos neste livro.

E, para se unirem a Deus por cima de todo e qualquer saber, terão de passar por ela.

**5.** Acerca do *segundo sinal* há pouca coisa para dizer. Vê-se que a alma, neste momento, não deve saborear outras imagens diferentes, que são as do mundo, uma vez que não encontra gosto nas mais apropriadas, que são as de Deus, pelas causas já apontadas. Como se disse atrás, neste recolhimento a imaginação apenas costuma voar por sua conta de um lado para o outro. Mais do que querer e desejar isto, a alma sente pena porque lhe perturba a paz e o sabor.

**6.** E do *terceiro sinal*, que é a notícia e advertência geral e amorosa em Deus, também me parece que não é preciso dizer aqui nada sobre a sua conveniência e necessidade para poder deixar a meditação. Já se deu a entender alguma coisa quando falámos do primeiro sinal. Voltaremos a falar propositadamente dele na altura certa quando, depois de todas as apreensões particulares do entendimento, falarmos desta notícia geral e difusa.

Diremos, no entanto, só uma razão para que se veja claramente como, no caso de que o contemplativo tenha de abandonar a via da meditação e do discurso, esta notícia ou advertência amorosa geral de Deus lhe é necessária. Se a alma não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

tivesse esta notícia ou assistência de Deus, então nada faria e nada conseguiria. Abandonando a meditação, através da qual a alma se exercita discorrendo com as potências sensitivas, e faltando-lhe a contemplação, que é essa notícia geral, onde as potências espirituais da alma, -a memória, o entendimento e a vontade-, já estão realizadas e unidas nesta notícia que nelas se operou e recebeu, necessariamente a alma ficaria sem nenhum exercício acerca de Deus porque a alma não pode fazer ou receber o que foi feito senão por meio destas duas espécies de potências: as sensitivas e as espirituais.

Como dissemos, mediante as potências sensitivas ela pode discorrer, procurar e construir as notícias dos objectos; mediante as potências espirituais pode gozar as notícias que elas já receberam, não precisando agora de fazer nada.

**7.** A diferença que existe entre o exercício que a alma faz numas e noutras potências é a mesma que existe entre o trabalhar e o gozar a obra feita, entre o esforço de andar e o descanso e quietude que há no fim, entre o ter de preparar a comida ou comê-la e saboreá-la já preparada e mastigada, sem trabalho algum; entre o receber e o tirar proveito do já recebido. Se a alma não se ocupasse com a meditação e o discurso, que é o trabalho das potências sensitivas, ou com a contemplação e a notícia de que falámos antes, que consiste em gozar o que já recebeu e operou nas potências espirituais, estaria ociosa em ambas e não haveria nada para se poder dizer que a alma estava ocupada. Por isso, esta notícia é necessária para poder abandonar a via da meditação e do discurso.

**8.** Convém saber, no entanto, que esta notícia geral de que vimos a falar é, por vezes, tão subtil e delicada, sobretudo quando mais pura, simples, perfeita, espiritual e interior, que a alma, apesar de estar preenchida por ela, não a consegue ver nem a sente.

E, como dizemos, isto dá-se quando mais clara, perfeita e simples ela é, ou seja, quando investe na alma mais pura e livre de outras noções e notícias particulares em que o entendimento ou os sentidos se poderiam entreter. Carecendo a alma destas notícias, nas quais o entendimento e os sentidos mais podem e costumam trabalhar, já não as sente porque carecem dos seus habituais modos sensíveis.

Esta é a razão pela qual, sendo esta notícia mais pura, perfeita e simples, menos a sente o entendimento e mais obscura lhe parece. Pelo contrário, quanto menos pura e simples for para o entendimento, mais clara e substanciosa lhe parece, pois encontra-se vestida, misturada ou envolvida de formas inteligíveis que podem ser captadas pelo entendimento ou pelos sentidos.

**9.** Compreenderemos melhor isto com a seguinte comparação: Se repararmos no raio do sol que entra pela janela, vemos que quanto mais partículas de pó tiver, mais palpável, sensível e claro parece aos olhos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

No entanto, a verdade é que o raio está menos puro e menos claro, simples e perfeito, porque está cheio de pequenas partículas de pó. Também notamos que quando mais puro e limpo está daquelas partículas, é menos palpável e mais escuro parece aos olhos. Quanto mais limpo está, tanto mais escuro e menos visível lhe parece.

E se o raio estivesse totalmente limpo e puro de todas as partículas de pó, até das mais subtis, aos olhos pareceria totalmente escuro e invisível, porque carecia dos elementos visíveis que são objecto da vista. Assim, os olhos não encontram nada em que se fixar, uma vez que a luz não é o objecto próprio da vista mas o meio através do qual vê as coisas. Se faltarem os elementos visíveis onde o raio e a luz se reflectem, não se vê nada. Se o raio entrasse por uma janela e saísse por outra, sem bater em nenhum objecto, não se veria nada. Apesar disso, o raio estaria mais limpo do que quando se via e sentia mais claro, devido a estar cheio de coisas visíveis.

**10.** O mesmo acontece com a luz espiritual nos olhos da alma, isto é, o entendimento. Quando esta notícia geral e luz sobrenatural de que Vimos a falar investe nele de forma tão pura e simples, tão despojada de todas as formas inteligíveis, que são o objecto do entendimento, ele não a sente nem a vê. Pelo contrário, por vezes, quando é mais pura, mais escura lhe parece, porque o priva das suas acostumadas luzes, de formas e fantasias, e então a escuridão sente-se e nota-se bem.

Quando esta luz divina não investe na alma com tanta força, ela não sente a escuridão, nem vê a luz, nem apreende nada que conheça da terra ou do céu. Fica-se, por vezes, como que num prolongado olvido, sem saber onde esteve, nem o que fez, e parece-lhe que o tempo não passou por ela. Portanto, pode acontecer, e acontece, que, depois de passar muitas horas neste adormecimento, ao voltar a si, a alma julgue que foi apenas um instante ou que nada aconteceu.

**11.** A causa deste olvido é a pureza e a simplicidade desta notícia que invade a alma, deixando-a simples, pura e limpa de todas as apreensões e formas dos sentidos e da memória. E, como a alma já não se move por ali como antes; fica em olvido e fora do tempo.

É por isso que esta oração, embora dure muito à alma, parece-lhe um instante porque esteve unida em inteligência pura, que não tem tempo.

Esta é a oração breve da qual se diz que penetra as nuvens (Eclo 35, 21).

Ela é breve, porque é sem tempo. E penetra as nuvens, porque a alma está unida em inteligência celestial. Quando volta a si, a alma tem os efeitos que esta notícia lhe fez sem ela o sentir: a sua mente elevada a inteligência celestial, despojada e abstraída de todas as coisas e das suas formas, figuras e recordações.

David diz que lhe aconteceu o mesmo quando recuperou do seu esquecimento: *Vigilavi, et jactus sum sicut passer solitarius in tecto* (Sl 101,8). Que quer dizer: *Fiquei acordado e gemendo, como pássaro solitário sobre o telhado*. Diz *solitário*, isto é,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

alheado e abstraído de todas as coisas. E *sobre o telhado*, quer dizer, com a mente elevada ao alto. Também a alma fica sem saber nada das coisas, porque apenas conhece a Deus sem saber como. Daí que a esposa, no Cântico dos Cânticos (Cant 6, 11), entre os efeitos que lhe causou este seu adormecimento e esquecimento, nomeia este *não saber* quando diz que apareceu nele dizendo: *Nescivi*.

Isto é: *Não soube*. Assim, embora pareça à alma que durante esta notícia não faz nada nem se ocupa de nada, porque nada faz com os sentidos e as potências, saiba que não está a perder o tempo. A harmonia das potências da alma pode cessar, mas a sua inteligência fica do modo que referimos.

Foi por isso que a sábia esposa, também no Cântico dos Cânticos, encontrou resposta para esta sua dúvida, dizendo: *Ego dormia et cor meum vigilat* (Cant 5, 2). É como se dissesse: Ainda que *eu durma*, deixando de trabalhar naturalmente como sou, *o meu coração vela*, sobrenaturalmente elevado em notícia sobrenatural.

**12.** Deve-se, no entanto, saber que não é preciso que esta notícia, para ser como aqui dizemos, tenha forçosamente de causar este olvido. Este só acontece quando retira a alma da actividade de todas as potências naturais e espirituais. E acontece poucas vezes, porque nem sempre a invade totalmente. Para ser como no caso de que estamos a falar, basta que o entendimento esteja abstraído de qualquer notícia particular, quer seja temporal ou espiritual, e que a vontade não queira pensar em nenhuma delas, como dissemos, porque então é sinal de que a alma está enlevada.

E para saber que assim é, há-de-se ter este indício, sobretudo quando esta notícia se aplica e comunica só ao entendimento, pois é quando, por vezes, a alma não se apercebe dele. Quando também se comunica à vontade, o que quase sempre acontece, por muito ou pouco que se dê conta, a alma compreende que está empregada e ocupada nesta notícia, visto que se sente nela com sabor de amor, sem saber nem entender particularmente o que ama. Por isso lhe chama *notícia amorosa geral*, porque se comunica obscura ao entendimento e confusa à vontade, transmitindo-lhe sabor e amor. Mas ela não sabe distintamente o que ama.

**13.** Por agora basta isto para compreender como a alma se deve empregar nesta notícia a fim de abandonar a via do discurso espiritual e ficar certa de que está bem ocupada, se reconhecer em si estes sinais, embora julgue que não faz nada. Pela comparação que demos antes, também se sabe que não é por esta luz se apresentar mais visível e palpável ao entendimento, como o raio do sol aos olhos quando está cheio de partículas, que a alma a há-de considerar mais pura, elevada e clara.

Torna-se então evidente que, como diz Aristóteles e os teólogos, quanto mais excessiva e esplêndida é a luz divina, mais obscura se torna ao nosso entendimento.

**14.** Sobre esta notícia divina e os efeitos que provoca nos contemplativas ainda há muito para dizer. Dela falaremos em lugar mais oportuno. Não havia necessidade de falar aqui tanto dela, se não fosse para esta doutrina ficar um pouco menos confusa

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

do que está, porque eu confesso que o está muito. Além de ser um assunto que é pouco abordado por palavra ou por escrito, porque é em si mesmo inexplicável e obscuro, acresce ainda o meu pobre estilo e pouco saber. Assim, desconfiado de que não o saberei explicar, reconheço que muitas vezes me alongo demasiado, ultrapassando os limites do lugar e a parte da doutrina que estou a explicar.

Confesso que, por vezes, o faço intencionalmente, porque o que não se explica por umas razões, talvez se entenderá melhor com estas ou aquelas.

Além disso, julgo que assim se vai dando mais luz para o que se há-de dizer mais à frente.

Vou concluir esta parte, dizendo que também me parece não ter respondido à dúvida que se pode levantar sobre o que se segue a esta notícia. Responderei rapidamente no capítulo seguinte.

### CAPÍTULO 15

*Explica-se como convém aos aproveitados, que começam a entrar nesta notícia geral da contemplação, valerem-se, às vezes, do discurso natural e do trabalho das potências naturais.*

**1.** Acerca disto poderia levantar-se uma dúvida: os aproveitados, ou seja, aqueles a quem Deus começa a dar esta notícia sobrenatural de contemplação de que falámos, pelo facto de a começarem a receber, nunca mais se devem valer da via da meditação, do discurso e das formas naturais?

A isto responde-se dizendo que não se compreende muito bem porque é que os que começam a receber esta notícia amorosa geral não hão-de procurar mais a meditação.

Estes aproveitados ainda não têm o hábito da contemplação tão perfeito de modo a pô-la em acto logo que queiram, nem estão tão longínquos da meditação que não possam, alguma vez, meditar e discorrer naturalmente como antes faziam, pelas mesmas formas e caminhos, encontrando ali algo de novo.

Precisamente, quando os que aproveitam começam a ver, pelos sinais já apontados, que a alma não está habitada por aquele sossego e notícia, terão de recorrer ao discurso até chegarem a adquirir o hábito mais ou menos perfeito de que falámos. Isso acontecerá sempre que quiserem meditar e, metidos logo nesta notícia e paz, se vejam impotentes e sem vontade de o fazer, como dissemos. Enquanto este tempo não chegar, que é o de aproveitados, terão de fazer uma coisa e outra em tempos diferentes.

**2.** Muitas vezes se há-de encontrar a alma nesta amorosa ou pacífica presença sem nada poder fazer com as potências, isto é, sem trabalhar activamente em actos particulares, mas apenas recebendo. Outras vezes, para entrar em contemplação, terá de se valer, suave e cautelosamente, da meditação.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quando a alma está em contemplação nada produz com as potências, como já dissemos. Pelo contrário, em vez de dizer que ela faz alguma coisa, mais acertado é dizer que se obra nela e que a inteligência e o sabor já estão alcançados. Todo o trabalho da alma consiste em manter o cuidado de amar a Deus, sem nada querer ver ou sentir.

Agora é Deus quem Se lhe comunica passivamente tal como passivamente se comunica a luz a quem tem os olhos abertos e nada mais faz senão mantê-los abertos. Este receber a luz que se lhe infunde sobrenaturalmente é entender passivamente.

Mas diz-se que não trabalha, não porque não entenda, mas porque entende o que não lhe custou trabalho. Apenas faz o esforço de receber o que lhe dão, que é o que acontece com a claridade, a ciência ou inspirações de Deus.

**3.** A vontade recebe aqui livremente esta notícia geral e difusa de Deus. Para receber mais simples e abundantemente esta divina luz precisa tão só de ter cuidado em não a misturar com outras luzes mais sensíveis que provêm de formas, notícias ou imagens de qualquer meditação, porque nada disso é semelhante àquela serena e clara luz. Se nesse momento quisesse entender e reflectir sobre coisas particulares, ainda que fossem muito espirituais, estorvaria essa clara e, límpida luz geral do espírito, colocando aquelas nuvens de permeio. E como se pusessem a alguém uma coisa diante dos olhos: a vista tropeçaria nela, ficando privado da luz e da paisagem à sua frente.

**4.** Daqui se deduz claramente que, mal a alma se acabe de purificar e esvaziar de todas as formas e imagens apreendidas, repousará nesta luz pura e simples, chegando por ela ao estado de perfeição. Esta luz nunca falta à alma, mas não lhe é infundida enquanto permanecer envolvida e enredada pelas formas e véus das criaturas. Se a alma se desprende totalmente destes véus e empecilhos, como se dirá mais à frente, fica na pura desnudez e pobreza de espírito, e rapidamente, simples e pura, transforma-se na pura e simples sabedoria, que é o Filho de Deus. A alma enamorada, mal fique vazia do natural, logo se enche do divino, natural e sobrenaturalmente, pois na natureza não existe o vazio.

**5.** O espiritual, quando não puder meditar, aprenda a permanecer na atenção amorosa em Deus, no sossego da inteligência, embora julgue que não faz nada. Porque assim, pouco a pouco, se infundirá rapidamente na sua alma a divina quietude e paz com admiráveis e excelentes notícias de Deus envoltas em amor divino.

Não queira de permeio formas, meditações e imaginações, ou qualquer outro discurso, a fim de não desassossegar a alma nem a arrancar da sua alegria e paz, o que lhe causaria amargor e contrariedade. E se, como dissemos, lhe causar escrúpulo o não fazer nada, pense que já faz muito em pacificar a alma e estabelecê-



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

la na paz e no sossego, livre de qualquer trabalho e apetite. É o que nosso Senhor nos pede por David: *Vacate, et videte quoniam ego sum Deus* (Sl 45, 11).

Que é como se dissesse: *Aprendeí a estar vazios de todas as coisas, interior e exteriormente, e reconheceí que Eu sou Deus.*

### CAPÍTULO 16

*Trata das apreensões imaginárias que se representam sobrenaturalmente na fantasia.*

*Diz como não podem servir de meio próximo para a alma se unir com Deus.*

**1.** Depois de falar das apreensões que a fantasia e a imaginação podem naturalmente receber e fabricar com o seu discurso, convém agora falar das *sobrenaturais*, que se chamam *visões imaginárias*. Tal como as naturais, elas são próprias deste sentido da imaginação, porque também se apresentam sob imagens, formas e figuras.

**2.** Com este nome - visões imaginárias - queremos significar todas as coisas que, por imagem, forma, figura e espécie, podem aparecer sobrenaturalmente na imaginação. Todas as apreensões e imagens que entram pelos cinco sentidos corporais e se fixam na imaginação por via natural, também podem entrar e instalar-se nela por via sobrenatural, sem qualquer intervenção dos sentidos exteriores.

A fantasia e a memória juntas são uma espécie de arquivo ou receptor do entendimento onde se armazenam todas as formas e imagens inteligíveis. Tendo-as recebido através dos cinco sentidos ou sobrenaturalmente, como dissemos, conserva-as como num espelho e apresenta-as ao entendimento, que as vê e ajuíza. Além disso, pode ainda fabricar e imaginar outras semelhantes às que já conhece.

**3.** Convém lembrar que, se os cinco sentidos exteriores reproduzem as imagens e formas dos seus objectos nestes interiores, também Deus e o demónio podem reproduzir sobrenaturalmente e sem a participação dos sentidos exteriores, como dissemos, as mesmas imagens e figuras, muito mais belas e perfeitas. É através destas imagens que Deus, por vezes, apresenta muitas coisas à alma e lhe dá grande sabedoria, como se vê a cada passo na Sagrada Escritura. Por exemplo, no fumo que enchia o templo e nos serafins que cobriam o rosto e os pés com asas (Is 6, 2-4), Isaías recebeu a visão de Deus na sua glória. Jeremias viu um ramo de amendoeira (Jr 1, 11). Daniel recebeu uma quantidade de visões (Dn 7, 10), etc. O demónio também procura enganar a alma com as suas visões, aparentemente boas. Isto vê-se no Livro dos Reis quando enganou todos os profetas de Acab, representando-lhes na imaginação os chifres com que haveria de exterminar os assírios, e foi mentira (1 Rs 22, 11). As visões que teve a mulher de Pilatos para que não condenasse Cristo (Mt 27, 19). E em muitos outros textos. Daqui se conclui que, neste espelho da fantasia e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

imaginação, as visões imaginárias acontecem com mais frequência nos aproveitados do que as corporais externas.

Como imagens e figuras, estas não se diferenciam das que entram pelos sentidos exteriores.

Mas existe uma grande diferença em relação ao efeito que causam e à perfeição. Estas são mais subtis e causam maior efeito na alma, porque são sobrenaturais e mais interiores do que as sobrenaturais exteriores. No entanto, isto não quer dizer que algumas destas corporais exteriores não façam mais efeito, pois, a comunicação faz-se como Deus quer. Nós falamos assim a respeito delas, porque são mais espirituais.

**4.** Geralmente é neste sentido da imaginação e da fantasia que o demónio arma as suas ciladas naturais ou sobrenaturais. Ele é a porta e a entrada para a alma. Como dissemos, é aqui que o entendimento vem trazer e levar, como se fosse a porta ou a praça do seu abastecimento.

Por isso Deus e o demónio vêm sempre aqui oferecer ao entendimento as suas jóias de imagens e formas sobrenaturais. Mas Deus não utiliza só este meio para instruir a alma, pois habitando substancialmente nela, pode-o fazer directamente ou por outros meios.

**5.** Não há razão para eu me deter aqui a explicar os sinais pelos quais se conhece se as visões são ou não de Deus, ou se acontecem desta ou daquela maneira. A minha intenção agora não é essa, mas tão só instruir o entendimento para que não se deixe embaraçar com as verdadeiras a fim de não impedir a união com a divina Sabedoria, nem se engane com as falsas.

**6.** De todas estas apreensões, visões imaginárias e quaisquer outras formas ou espécies que se ofereçam sob forma, imagem ou algum saber particular, quer sejam falsas e do demónio, quer se conheçam como verdadeiras e de Deus, o entendimento não se há-de prender nem alimentar nelas. Também a alma não as há-de querer admitir ou deter, para poder estar despreendida, livre, pura e simples, sem nenhum modo ou maneira, como se requer para a união.

**7.** E a razão disto está em que todas essas formas na sua apreensão apresentam-se sempre sob maneiras e modos limitados, como dissemos.

No entanto, a Sabedoria de Deus, à qual se deve unir o entendimento, não tem nenhum modo ou maneira, nem se apresenta distinta e particularmente sob algum limite ou conhecimento, porque é totalmente pura e simples. E para que dois extremos se juntem, como é o caso da alma e da Sabedoria, é necessário que venham a juntar-se nalgum meto que seja igual aos dois. Portanto, a alma há-de estar pura e simples, não limitada ou submetida a algum conhecimento particular, nem disfarçada com algum limite de forma, figura ou imagem. Se Deus não se apresenta debaixo de nenhuma imagem ou forma, nem se ajusta a nenhum

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

conhecimento particular, também a alma, para se unir a Deus, não se pode ajustar a nenhuma forma ou conhecimento particular.

**8.** Que em Deus não haja forma nem aparência, bem o demonstra o Espírito Santo, no *Deuteronomio*, ao dizer: *Vocem verborum ezus audistis, et formam penitus non vidistis*. Que quer dizer: *Ouvistes o som das Suas palavras, mas não vistes figura alguma* (Dt 4, 12). Pelo contrário, diz que havia trevas e nuvens escuras (Dt 4, 11), que é a notícia difusa e escura de que já falámos, através da qual a alma se une com Deus. E mais à frente diz: *Non vidistis aliquam similitudinem in die, qua locutus est vobis Dominus in Horeb de media ignis*. Quer dizer: *Não vistes imagem alguma no dia em que o Senhor vos falou no Horeb do meio do fogo* (Dt 4, 15).

**9.** Que a alma não pode chegar à altura de Deus, tanto quanto se pode nesta vida, por meio de formas e figuras, também o Espírito Santo o diz nos *Números*. Deus repreende Aarão e Maria por terem murmurado contra o seu irmão Moisés. Querendo manifestar-lhes o alto estado de união e amizade a que o havia elevado, diz: *Si quis inter vos fuerit propheta Domini in visione apparebo ei, vel per somnium loquar ad illum. At non talis servus meus Moyses, qui in omni domo mea fidelissimus est: ore enim ad os loquor ei, et palam, et non per aenigmata et figuras Dominum videt*. Que quer dizer: *Se existisse entre vós um profeta, Eu manifestar-Me-ia a ele numa visão. Eu Me daria a conhecer em sonhos, falaria com ele. Não é assim com o Meu servo Moisés. Eu estabeleci-o sobre toda a minha casa! Falo com ele frente a frente, à vista e não por enigmas; ele contempla a imagem do Senhor* (Nm 12, 6-8).

Assim se explica perfeitamente como, neste estado de união de que estamos a falar, Deus não se manifesta à alma por meio de nenhum disfarce de visão imaginária, aparência ou imagem. É por isso que não a poderá ter. Ele comunica-se face a face, ou seja, a pura e clara essência de Deus, que é a face de Deus em amor, com a pura e clara essência da alma, que é a face da alma em amor de Deus.

**10.** Para chegar a esta união de amor de Deus em essência, a alma há-de tratar de não se agarrar a visões imaginárias, formas, figuras ou conhecimentos particulares. Em vez de servirem de meio próximo e adequado para a união, antes lhe servem de estorvo; por isso há-de rejeitá-las e não as aceitar. E, se alguma razão houvesse para as admitir e apreciar, seria pelo proveito e bom fruto que as verdadeiras produzem na alma.

Mas para isto não é necessário admiti-las; antes, para maior bem, é melhor negá-las sempre. O bem que estas visões imaginárias podem fazer à alma, tal como dissemos das corporais exteriores, é comunicar-lhe compreensão, amor ou suavidade. Mas, para que produzam este efeito, não é preciso que a alma as queira apreciar, porque, como também se disse atrás, no preciso momento em que aparecem na imaginação também aparecem nela e comunicam-lhe inteligência, amor, suavidade ou o que Deus quiser que lhe façam.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Embora sem ser ao mesmo tempo, é em conjunto, e principalmente de maneira passiva, que produzem o seu efeito na alma. Ela não é capaz de o impedir mesmo que quisesse, tal como não o foi para o saber adquirir, embora o tenha sido antes para se saber dispor. A vidraça não pode evitar o raio do sol que nela bate; antes, estando ela disposta pela limpeza, ilumina-a passivamente sem a sua interferência e acção. Assim também a alma: ainda que queira, não pode deixar de receber em si a influência e informação daquelas imagens, por mais que lhes quisesse resistir. Não é a vontade abnegada pela humilde e amorosa resignação que pode impedir as infusões sobrenaturais, mas a impureza e as imperfeições da alma. É como na vidraça: só as manchas é que impedem a luz.

**11.** Por aqui se vê claramente que, se a alma se libertar, com a vontade e o afecto, das manchas adquiridas daquelas formas, imagens e figuras com que se misturam as comunicações espirituais de que falámos, além de não se privar destas comunicações e seus benefícios, ainda se prepara melhor para as receber com mais abundância, claridade, liberdade de espírito e simplicidade, porque pôs de lado todas aquelas apreensões, que são cortinas e véus que encobrem o espiritual que lá existe. Se a alma se quiser nutrir delas, então são elas que ocupam o espírito e os sentidos, ficando o espírito impossibilitado de se comunicar pura e livremente.

Estando encoberto por essa carapaça, é evidente que o entendimento carece de liberdade para receber aquelas formas. Se a alma as quiser receber e admitir, enredar-se-á e terá de se conformar com o que nelas é inferior, que é tudo o que delas pode apreender e conhecer, ou seja, aquela forma, imagem e conhecimento particular.

Porque o mais importante, que é o espírito que se infunde, não o sabe apreender nem entender, nem sabe como é, nem o saberia explicar, porque é puramente espiritual. A única coisa que delas conhece, como dissemos, é o menos importante que existe para o seu modo de entender, que são as formas apreendidas pelos sentidos. Por isso digo que, sem a alma se esforçar por entender nem o saber fazer, recebe passivamente daquelas visões o que não saberia entender nem imaginar.

**12.** Portanto, os olhos da alma hão-de afastar-se sempre de todas estas apreensões, que ela pode ver e compreender claramente, porque entram pelos sentidos e não são fundamento seguro para a fé. Há-de fixá-los antes naquilo que não vê nem pertence aos sentidos, mas ao espírito. E isso que não entra em nenhuma figura dos sentidos e a conduz à união em fé, o seu meio apropriado, como foi dito. Estas visões serão úteis para a alma em substância de fé, quando souber negar verdadeiramente o sensível e inteligível que nelas há e fazer bom uso do fim com que Deus lhas deu, rejeitando-as. Tal como dissemos das corporais, Deus não as dá para que a alma as queira apreciar e apoiar-se nelas.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**13.** Porém, surge aqui uma dúvida: Se é verdade que Deus dá à alma as visões sobrenaturais, não para que ela as queira receber, nem para nelas se apoiar, nem para lhe fazer caso algum; se elas podem fazer cair a alma em grandes erros e perigos, pelo menos nos inconvenientes que aqui se apontam para avançar, e podendo Deus dar à alma e comunicar-lhe espiritual e substancialmente o que lhe comunica pelos sentidos através de tais visões e formas sensíveis, então para que é que lhas dá?

**14.** Responderemos a esta dúvida no capítulo seguinte. Ele contém muita doutrina que, a meu ver, é bem necessária tanto para os espirituais como para os seus mestres. Ali se verá qual o modo e o fim que Deus utiliza nelas. Muitos, porque o desconhecem, não se sabem controlar, nem se sabem guiar nestas visões, nem a si próprios nem aos outros, para a união. Pensam que, pela mesma razão de saberem que são verdadeiras e de Deus, fazem bem em aceitá-las e apoiar-se nelas.

Não se dão conta de que também nestas, se não souber renunciar a elas como às coisas do mundo, a alma encontrará posse, apego e estorvo. Julgam que é bom aceitar umas e condenar outras; e assim, metem-se, a eles e às almas, em grandes trabalhos e perigos ao ter que discernir a sua verdade ou falsidade. E nem Deus os manda meter nesse trabalho, nem que às almas simples e puras as metam nesse perigo e contenda, pois têm doutrina boa e segura, que é a fé, com a qual hão-de seguir em frente.

**15.** Isto não se pode dar sem fechar os olhos a todas as coisas sensíveis e ao conhecimento claro e particular. Porque S. Pedro, embora estivesse bem certo da visão de glória que viu em Cristo na transfiguração - depois de a ter contado na sua 2.<sup>a</sup> Epístola canónica - não quis que o tomassem como a mais firme e principal testemunha, mas, encaminhando-os para a fé, diz: *Et habemus firmiorem propheticum sermo nem: cui benefacitis attendentes, quasi lucernae lucenti in caliginoso loco, donec dies elucescat, etc.* Quer dizer: *E temos um testemunho mais firme do que esta visão do Tabor, que são os ditos e as palavras dos profetas que dão testemunho de Cristo, às quais fazeis bem em prestar atenção como a uma lâmpada que brilha num lugar escuro (2 Pe 1, 19).* Se repararmos bem nesta comparação, encontraremos a doutrina que estamos a ensinar. Ao dizer para prestarmos atenção às palavras dos profetas, como a *uma lâmpada que brilha num lugar escuro*, está a dizer para ficarmos às escuras, fechando os olhos a todas essas outras luzes.

Nesta escuridão, só a fé, que também é escura, há-de ser a luz em que nos apoiemos. Se nos quisermos apoiar nessas luzes claras do conhecimento particular, já não nos apoiamos na luz escura, que é a fé, e a lâmpada deixa de brilhar no lugar escuro de que fala S. Pedro. Este lugar, que aqui significa o entendimento, que é o candelabro onde se apoia esta lâmpada da fé, há-de estar às escuras até que

*desponte* na outra vida *o dia* da clara visão de Deus, e nesta o da transformação e união com Deus, para a qual a alma caminha.

## CAPÍTULO 17

*Explica-se o modo e o fim que Deus usa para comunicar à alma os bens espirituais através dos sentidos. Responde-se à dúvida anteriormente levantada.*

**1.** Muito se pode dizer sobre o fim e o modo que Deus usa ao conceder estas visões para elevar a alma do seu baixo estado até à sua divina união. Todos os livros espirituais falam disto. Também nós temos o propósito de o explicar neste nosso tratado. Por isso, neste capítulo, direi apenas quanto baste para esclarecer a nossa dúvida: Se nestas visões sobrenaturais há tanto perigo e obstáculos para avançar em frente, como dissemos, porque é que Deus, sapientíssimo e amigo de livrar as almas de tropeços e armadilhas, lhas oferece e comunica?

**2.** Para responder a isto, convém recordar primeiro *três princípios*. O primeiro é de S. Paulo aos Romanos: *Quae autem sunt, a Deo ordinata sunt*. Que quer dizer: *O que está feito foi estabelecido por Deus* (Rm 13, 1).

O segundo é do Espírito Santo no livro da Sabedoria: *Disponit omnia suaviter* (Sb 8, 1).

Como se dissesse: a Sabedoria de Deus, ainda que se estenda com vigor de um lado ao outro, isto é, de uma extremidade à outra, *tudo governa com bondade*.

O terceiro é dos teólogos ao dizerem que *omnia movet secundum modum eorum*. Isto é: *Deus move as coisas ao modo delas*.

**3.** Então, segundo estes princípios, fica claro que Deus para mover a alma e elevá-la desde o fim e extremo da sua baixeza até ao fim e extremo da sua grandeza na divina união, há-de fazê-lo ordenadamente, suavemente, e ao modo da própria alma. A alma está ordenada para conhecer a partir das formas e imagens das coisas criadas; o seu modo de conhecer e compreender é através dos sentidos. Deus, para elevar suavemente a alma até ao supremo conhecimento, há-de começar a pegar pelo mais baixo e extremo fim dos sentidos da alma para a ir conduzindo, ao modo dela, até ao outro fim da sua sabedoria espiritual, que já não é objecto dos sentidos. Assim; em primeiro lugar, vai instruindo-a por meio de formas, imagens e meios sensíveis; quer sejam naturais ou sobrenaturais; depois, pela meditação, vai levando-a pelo seu modo de entender até a espírito supremo de Deus.

**4.** Esta é a razão de Deus lhe dar as visões, formas, imagens e outras notícias espirituais, sensitivas e intelectivas. Não é porque Deus não lhe quisesse dar logo no primeiro acto a sabedoria do espírito, se os dois extremos, como são o humano e o divino, o sentido e o espírito, pudessem convergir e unir-se pela via normal num único acto. Contudo, outros muitos actos de disposições se têm de fazer primeiro

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

para que ambos, ordenada e suavemente, se possam juntar. Como nas causas naturais, umas disposições fundamentam e preparam as outras: as primeiras servem as segundas, as segundas as terceiras, e assim sucessivamente. Deus vai aperfeiçoando o homem ao modo do homem, desde o mais baixo e exterior até ao mais alto e interior.

Em primeiro lugar aperfeiçoa-lhe os sentidos corporais, levando-o a servir-se de bons objectos naturais perfeitos exteriores, por exemplo, ouvir sermões, missas, ver coisas santas, mortificar o gosto na comida, mortificar o tacto com a penitência e o santo rigor.

Quando estes sentidos já estão mais ou menos preparados, costuma aperfeiçoá-los ainda mais: oferece-lhes algumas graças e dons sobrenaturais para mais os confirmar no bem, algumas comunicações sobrenaturais, bem como visões de santos ou coisas fisicamente santas, suavíssimos odores e palavras, grandíssimo prazer no tacto. Assim, os sentidos afiançam-se muito na virtude e o apetite afasta-se dos objectos maus.

Além disso, vai aperfeiçoando os sentidos corporais interiores, como sejam a imaginação e a fantasia que estamos a comentar, e acostumando-os ao bem com pensamentos, meditações e santas reflexões, pelas quais vai instruindo o espírito.

Quando já estão preparados por este exercício natural, Deus costuma iluminá-los e espiritualizá-los mais ainda com visões sobrenaturais, que aqui chamamos imaginárias. O espírito, como dissemos, vale-se muito delas porque, com umas e outras, vai-se suavizando e transformando pouco a pouco.

É desta maneira que Deus vai, gradualmente, conduzindo a alma até ao mais profundo. Nem sempre é necessário seguir escrupulosamente esta ordem do primeiro ao último. Deus, por vezes, faz um sem o outro, levando-a do mais interior ao mais exterior. Ou faz tudo numa só vez.

Isso depende do que Deus vê mais conveniente para a alma ou como lhe quer conceder os dons. No entanto, a via normal é esta que estamos a apresentar.

**5.** Deus vai instruindo e espiritualizando a alma do seguinte modo: começa-lhe a comunicar o espiritual a partir das coisas exteriores, palpáveis e condicionadas aos sentidos, atendendo à baixeza e pouca capacidade da alma. Através dessas coisas sensíveis superficiais, mas boas, o espírito vai realizando actos concretos e recebendo sorvos da comunicação espiritual até se gerar o hábito no espiritual e chegar à actual substância do espírito, que é muito diferente dos sentidos. E a alma não pode chegar aqui senão, como dissemos, lentamente e ao seu modo, através dos sentidos aos quais sempre esteve ligada.

À medida que se vai aproximando mais do espírito na relação com Deus, mais se vai desprendendo e esvaziando das vias dos sentidos, que são as da reflexão e meditação imaginária. Quando chegar à perfeita relação do espírito com Deus, necessariamente já terá deixado para trás tudo o que os sentidos tivessem

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

apreendido acerca de Deus. Quanto mais uma coisa se aproxima de um extremo, mais se vai separando e afastando do outro até ficar totalmente afastada dele, quando lá encostar totalmente. Por isso se diz normalmente este adágio espiritual: *Gustato spiritu, desipit omnis caro*. Quer dizer: *Depois de provar e saborear o espírito, a carne torna-se insípida*. Ou seja, nem todas as vias da carne têm sabor e ajudam os sentidos em ordem ao espiritual. E isto é claro: porque se é espírito, não pode ser apreendido pelos sentidos; e se os sentidos o podem compreender, então já não é puro espírito. Porque quanto mais conhecido for dos sentidos e da apreensão natural, tanto menos tem de espírito e de sobrenatural, como explicamos antes.

**6.** Portanto, o espírito perfeito já não faz caso dos sentidos, nem recebe através deles; mas, sobretudo, não os utiliza para ir a Deus como fazia antes, quando ainda não tinha crescido no espírito.

É o que S. Paulo quer dizer quando escreve *aos Coríntios: Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus. Quando autem factus sum vir, evacuavi quae erant parvuli*.

Quer dizer: *Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Mas, quando me tornei homem, deixei o que era próprio de criança* (1 Cor 13, 11).

Já explicámos como as coisas dos sentidos e o conhecimento que o espírito pode extrair delas são exercícios de criança. Se a alma quisesse permanecer eternamente ligada a essas coisas e não se desprendesse delas, nunca deixaria de ser criança e sempre falaria de Deus como criança, pensaria de Deus como criança, e raciocinaria sobre Deus como criança. Agarrando-se à exterioridade dos sentidos, que é a criança, nunca chegaria à substância do espírito, que é o homem perfeito. Por isso, a alma, para ir crescendo, não há-de permitir tais revelações, ainda que Deus lhas ofereça. Como a criança, é preciso que deixe o leite para acostumar o seu paladar à comida mais substancial e forte.

**7.** Talvez direis logo que a alma precisa de as receber quando é criança, e de as deixar quando for grande. É como o bebé: precisa dos peitos para se alimentar até os poder deixar quando crescer.

Eu direi que isto é verdade quando a alma começa a procurar a Deus através da meditação e do discurso natural. Nessa altura, ela não pode abandonar os peitos dos sentidos porque precisa de se nutrir até chegar a ocasião e o momento em que os poderá deixar, quando Deus colocar a alma numa relação mais espiritual, que é a contemplação. Dela já falámos no capítulo 13 deste livro.

Porém, quando se trata de visões imaginárias ou outras apreensões sobrenaturais, que podem entrar nos sentidos sem a deliberação do homem, então eu digo que a alma, quer se encontre no estado mais perfeito ou no menos perfeito, nunca as deverá admitir mesmo que procedam de Deus. E isto *por duas razões*:



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A *primeira*, porque Ele, como dissemos, causa na alma o seu efeito sem que ela o possa impedir, embora impeça e possa impedir a visão, como muitas vezes acontece. Por conseguinte, o efeito que deveria receber na alma é-lhe transmitido mais abundantemente em substância, embora não da mesma maneira. Porque, como também dissemos, a alma não pode impedir os bens que Deus lhe quer dar, nem tem capacidade para tanto, a não ser com alguma imperfeição ou apego. E, se renunciar a estas coisas com humildade e temor, não existe qualquer imperfeição ou apego.

A *segunda* é para se livrar do perigo e do afã de discernir as boas das más e saber se é anjo de luz ou de trevas. O único proveito que daqui se tira é perder o tempo, embaraçar a alma e expor-se a ocasiões de muita imperfeição e não avançar. Isso não deixa a alma fazer o que devia, que é desprender-se da pequenez das apreensões e conhecimentos particulares. Foi o que dissemos ao falar das visões corporais, e é o que diremos mais à frente ao falar das sobrenaturais.

**8.** Mas acredite-se no seguinte: Se nosso Senhor não levasse a alma ao modo da própria alma, como aqui diremos, nunca lhe comunicaria a abundância do seu espírito através desses aquedutos tão estreitos de formas, figuras e conhecimentos particulares, com os quais alimenta a alma às migalhas.

Por isso, disse David: *Mittit crystallum suam sicut bucellas* (Sl 147, 17). Que é como se dissesse: Envia a sua sabedoria às almas como migalhas. É uma grande pena, porque, tendo a alma capacidade infinita, por causa do seu pouco espírito e incapacidade dos sentidos, tenha de ser alimentada com migalhas através dos sentidos.

Esta mesma pena sentiu S. Paulo quando encontrou nos Coríntios pouca preparação e mesquinhez para receber o espírito: *Quanto a mim, irmãos, não pude falar-vos como a simples homens espirituais, mas como a homens carnis, como a criancinhas em Cristo. Foi leite que vos dei a beber e não alimento sólido, que ainda não podíeis suportar. Tanquam parvulis in Christo fac potum vobis dedi, non escam* (I Cor, 3, 1-2).

**9.** Só falta dizer agora que a alma não se deve fixar no exterior das figuras ou dos objectos que se lhe representam sobrenaturalmente por parte dos sentidos exteriores, como sejam locuções e palavras no ouvido, visões de santos e belos resplendores nos olhos, odores no olfacto, gostos e sabores no paladar e outros prazeres no tacto. Tudo isto procede geralmente do espírito e é mais frequente nos espirituais. Também não se há-de fixar em nenhuma visão dos sentidos interiores, por exemplo as da imaginação. O melhor é rejeitá-las todas.

Há-de pôr sempre os olhos no bom espírito que causam. Procure conservá-lo, realizando e praticando ordenadamente o que é serviço de Deus, sem consentir em visões daquelas representações nem querer nenhum gosto sensível.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Assim, destas coisas aceite só o que Deus pretende e quer, que é o espírito de devoção, uma vez que não as dá com outro fim. Prescinda do que Ele deixaria de dar, se tal se pudesse receber no espírito sem o exercício e apreensão dos sentidos, como dissemos.

### CAPÍTULO 18

*Fala do mal que alguns mestres espirituais podem causar às almas por não as conduzir como convém nessas visões. Apesar de procederem de Deus, diz como também se podem enganar a respeito delas.*

**1.** Nesta matéria de visões não podemos ser tão breves como gostaríamos, pois sobre elas há muito que dizer. Substancialmente já se disse o que faz falta para que o espiritual saiba o que há-de fazer com essas visões, e ao mestre o modo que há-de usar para encaminhar nelas o discípulo. Porém, não será demasiado esmiuçar um pouco mais esta doutrina.

Assim, daremos mais luz sobre o mal que daí se pode seguir para as almas espirituais e seus mestres se são muito dados a visões, mesmo quando procedem de Deus.

**2.** A razão de me alongar um pouco mais neste assunto é a pouca prudência que me pareceu ver nalguns mestres espirituais. Convencidos de que essas apreensões sobrenaturais são boas e vindas de Deus, uns e outros chegaram a cometer grandes erros e a sentirem-se muito ignorantes. Cumpriu-se neles a sentença do nosso Salvador: *Si caecus caeco ducatum praestat, ambo infoveam cadunt* (Mt 15, 14). Que quer dizer: *Se um cego guiar outro cego, ambos caem nalguma cova.*

E não diz que *cairão*, mas que *caem*, porque não é preciso esperar pela queda no erro para que caiam. Só a ousadia de se deixar guiar um pelo outro já é um erro; assim, caem logo ao princípio e em pouca coisa. Há alguns que, na orientação das almas que têm essas visões, seguem um modo e um estilo tal, que as levam a errar ou a atrapalharem-se com elas, não as levando pelo caminho da humildade e dando-lhes pé para, de alguma maneira, se fixarem nelas. Essa é a razão de perderem o verdadeiro espírito de fé, de não as instruírem na fé, gostando até de falar muito dessas coisas. Desta maneira, dão a entender às almas que apreciam muito aquilo e lhe fazem caso; por conseguinte, elas devem fazer o mesmo.

As almas, portanto, ficam atidas às visões, mas não instruídas em fé, vazias, livres e soltas delas para voar à altura da fé escura. Tudo isto depende muito do modo e estilo que a alma vê no seu mestre a respeito de tudo isto. O que eu sei é que rapidamente, e sem querer, fica cheia de estima por aquilo, retirando os olhos do abismo da fé.

**3.** Esta facilidade é a causa de a alma ficar muito ocupada com isso, porque são coisas para as quais os sentidos se sentem naturalmente inclinados.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Como isso já foi saboreado e preparado pela imaginação dessas coisas distintas e sensíveis, basta notar no seu confessor, ou noutra pessoa, qualquer estima e apreço por elas que logo a alma lhes faz caso e, sem que se dê conta, mais afeiçoado a elas fica o apetite. Alimenta-se mais delas e a elas mais se submete para receber alguma coisa.

Daqui nascem muitas imperfeições. A alma, pelo menos, já não é tão humilde, porque pensa que aquilo é bom e importante, e que Deus faz caso dela. Anda muito contente e satisfeita consigo mesma, o que atenta contra a humildade. Então o demónio, secretamente, vai-lhe aumentando tudo isto sem ela se dar conta, movendo-a a julgar os outros para ver se também eles têm ou não essas coisas e se são verdadeiras ou falsas. E isto atenta contra a santa simplicidade e a solidão espiritual.

**4.** Por agora não vamos falar destes danos, nem como eles impedem de crescer na fé a quem não os rejeita. Também não vamos falar de outros danos que, não sendo tão palpáveis e conhecidos como estes, são nesse tal modo mais subtis e abomináveis aos olhos de Deus, porque a alma não está totalmente pura. Voltaremos a este tema quando falarmos da gula espiritual e dos outros seis vícios.

Ali, se Deus quiser, analisaremos muitas coisas destas subtis e delicadas manchas que se apegam ao espírito por não o saber conduzir em privação.

**5.** Digamos agora alguma coisa sobre o método que alguns confessores aplicam às almas, com o qual não as educam bem. Bem gostaria de o saber apresentar, pois estou convencido que é muito difícil fazer compreender como, oculta e secretamente; ele se vai gerando no espírito do discípulo ao jeito do seu pai espiritual. Esta matéria tão prolixa cansa-me. Parece que não se pode explicar uma coisa omitindo a explicação da outra, porque, como são coisas do espírito, estão entrelaçadas umas nas outras.

**6.** Creio que para já basta dizer que se o pai espiritual é propenso ao espírito de revelações que lhe provoca na alma algum apreço, abundância ou gosto, não deixará de, inconscientemente, infundir aquele gosto e modo no espírito do discípulo, a não ser que o discípulo seja mais adiantado do que ele; e, mesmo que o seja, pode-lhe fazer muito mal se continuar com ele. Porque, da propensão que o pai espiritual tem a essas visões e do gosto que lhe dão, nasce-lhe uma certa afeição que, se não tiver cuidado, não deixará de transmitir à outra pessoa amostras ou sentimentos dela. E, pelo que sei, se a outra pessoa tiver a mesma propensão de espírito, não deixará de haver entre ambos uma grande comunicação da compreensão e estima por estas coisas.

**7.** Mas, sem baixar a grandes pormenores~ vejamos se o confessor, quer seja ou não dado às visões, tem a prudência suficiente para desprender a alma destas coisas e despojar o apetite do seu discípulo, ou se, em vez disso, ainda se põe a falar com ele,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

fazendo das visões a matéria principal da conversação espiritual e dando-lhe sinais para descobrir quais são as boas e as más.

E, embora seja bom sabê-lo, não há por que meter a alma nesses trabalhos, cuidados e perigos. Se as negar e não lhe fizer caso algum, livra-se de tudo isso e faz o que se deve fazer. Além disso, como vêem que essas almas recebem de Deus tais visões, pedem-lhes para rezarem a Deus a fim de que Ele lhes manifeste ou revele algumas coisas a seu respeito ou de outros. As almas idiotas fazem-no, pensando que é lícito querer sabê-lo por aquela via. Julgam que, por Deus querer revelar ou manifestar sobrenaturalmente alguma coisa, como Ele quer e para o que Ele quiser, é lícito querer que no-lo revele, e mesmo pedi-lo.

**8.** E se, por acaso, Deus atende o seu pedido, ainda mais convencidos ficam, julgando que isso agrada a Deus e que Ele o quer, já que respondeu.

A verdade é que isso nem agrada a Deus nem Ele o quer. Eles muitas vezes fazem e acreditam conforme o que lhes foi revelado ou respondido.

E, como estão afeiçoados àquele estilo de relação com Deus, isso sabe-lhes bem e sujeitam-lhe a vontade. Saboreiam naturalmente, e naturalmente se acomodam ao seu modo de entender; no entanto, enganam-se muito e muitas vezes. Ficam muito admirados por comprovar que não lhes acontece como tinham entendido. E como não acontece como julgavam, começam a duvidar se aquilo era ou não de Deus.

Antes pensavam *duas coisas*. A *primeira*, aquilo era de Deus, pois ao princípio assentava-lhes muito bem. Talvez fosse o natural a isso inclinado que lhe causasse tal impressão, como dissemos. A *segunda*, apesar de ser de Deus, tinha de ser tal e qual como elas entendiam ou pensavam.

**9.** É aqui que se dá um grande engano, porque as revelações ou palavras de Deus nem sempre acontecem como os homens as entendem ou ouvem. Por isso, não se hão-de firmar nelas nem acreditá-las de olhos fechados, embora saibam que são revelações, respostas ou ditos de Deus.

Apesar de certas e verdadeiras, nem sempre o são nas suas causas e na nossa maneira de entender, como demonstraremos no próximo capítulo.

Também diremos e provaremos a seguir que, embora Deus por vezes responda sobrenaturalmente ao que se lhe pede, isso não lhe agrada. E ainda que, por vezes, responda, isso irrita-O.

## CAPÍTULO 19

*Explica-se e prova-se como, embora as visões e locuções sejam verdadeiras e de Deus, nos podemos enganar a seu respeito. Demonstra-se com exemplos da Sagrada Escritura.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

1. Por *duas razões* dissemos que, embora as visões e locuções de Deus sejam verdadeiras e certas em si mesmas, nem sempre o são para nós. A *primeira*, por causa da nossa defeituosa maneira de as entender; a *segunda*, pelas suas causas que, por vezes, variam. Demonstraremos as duas com algumas passagens divinas.

Em relação à *primeira*, está claro que nem sempre elas são e acontecem como soam à nossa maneira de entender. E isto porque, sendo Deus imenso e profundo, costuma ter nas suas profecias, locuções e revelações, outros caminhos, conceitos e raciocínios muito diferentes daquele propósito e modo com que normalmente nos fazemos entender.

Elas são tanto mais verdadeiras e certas quanto a nós mais nos parecer que não. Isto vê-se a cada passo na Sagrada Escritura, onde muitas profecias e locuções de Deus não eram para muitos antigos como eles esperavam, porque entendiam-nas ao seu modo, isto é, muito à letra. Isto vê-se bem nos seguintes exemplos:

2. No Génesis, Deus disse a Abraão, depois de o ter trazido para a terra dos cananeus: *Tibi dabo ferram hanc*. Que quer dizer: *Dar-te-ei esta terra* (Gn 15, 7). Deus já lho havia dito muitas vezes. Abraão já estava velho e nunca a recebeu. Por isso, agora que Deus lhe repete a promessa, Abraão respondeu e disse: *Domine, unde scire possum quod possessurus sum eam?* Quer dizer: *Senhor, como saberei que tomarei posse dela* (Gn 15, 8)? Então Deus revelou-lhe que não seria a pessoa dele, mas os seus filhos é que a possuiriam ao fim de quatrocentos anos (Gn 15, 13-16).

Finalmente Abraão acabou por entender a promessa, que era em si muitíssimo verdadeira, porque, dando-a Deus aos seus filhos por amor a ele, era dá-la a ele. Abraão, portanto, estava enganado no seu modo de entender. Se tivesse actuado da forma como entendia a promessa, teria errado muito, porque não era para o seu tempo; e os que o vissem morrer sem a ter recebido, depois de o terem ouvido dizer que Deus lha daria, ficariam confusos e a pensar que ele os tinha enganado.

3. Deus também apareceu a Jacob, neto de Abraão. Quando José, seu filho, o chamou para o Egipto por causa da fome de Canaã, Deus disse-lhe no caminho: *Jacob, noli timere, descende in Aegyptum, quia in gentem magnam fac iam te ibi. Ego descendam tecum i/luc ... Et inde adducam te revertentem*. Quer dizer: *Jacob, não hesites em descer ao Egipto, porque tornar-te-ei ali uma grande nação. Eu mesmo descerei contigo ao Egipto, e Eu mesmo far-te-ei voltar de lá* (Gn 46, 2-4). Mas não aconteceu como soa ao nosso entendimento, pois sabemos que o santo velho Jacob morreu no Egipto (Gn 49, 32) e não voltou a sair de lá vivo.

À promessa haveria de se cumprir nos seus filhos, aos quais Deus tirou de lá após muitos anos, sendo Ele mesmo o guia no caminho. Por aqui vê-se bem que se alguém conhecesse esta promessa de Deus a Jacob poderia ter a certeza que Jacob, assim como tinha entrado vivo e em pessoa no Egipto por ordem e ajuda de Deus, também desse modo e maneira havia de sair de lá vivo e em pessoa, porque Deus

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

lhe tinha prometido a saída e a ajuda. Enganar-se-ia e escandalizar-se-ia ao ver que morria no Egito sem que a esperada promessa se cumprisse. A promessa de Deus era em si muitíssimo verdadeira, mas podiam ter-se enganado muito acerca dela.

**4.** N<sup>o</sup> *Livro dos Juizes*, também lemos que todas as tribos de Israel se juntaram para lutar contra a tribo de Benjamim, para castigar certo crime que se tinha cometido entre eles. Eles partiram muito convencidos da vitória, porque Deus tinha-lhes indicado quem iria à frente para a guerra.

Mas, sendo vencidos e contando vinte e dois mil mortos do seu lado, ficaram estupefactos (Jz 20, 1-21). Durante todo aquele dia puseram-se a chorar diante de Deus, pois, havendo eles entendido que a vitória seria sua, não entendiam a causa da derrota.

E como perguntaram a Deus se voltariam a lutar ou não, respondeu-lhes que fossem e lutassem contra eles. Desta vez, convencidos de que a vitória era sua, saíram com grande coragem, mas foram vencidos pela segunda vez com uma perda de oito a dez mil dos seus homens (*ibid.*, v. 23-25). Ficaram, por isso, cheios de confusão e sem saber o que fazer, pois, vendo que Deus os mandava lutar, saíam sempre derrotados, apesar de excederem os adversários em número e força, porque os de Benjamim não eram mais de vinte e cinco mil e setecentos, e eles eram quatrocentos mil (*ibid.*, v. 17). Era assim que se enganavam no seu modo de entender, porque a palavra de Deus não era enganadora. Ele não lhes tinha dito que venceriam, mas que lutassem. Com estas derrotas, Deus quis castigá-los e humilhá-los por um certo desleixo e presunção que tiveram. Mas quando a seguir lhes disse que venceriam, venceram (*ibid.*, v. 28, 34-35, 43-46), embora com grande sagacidade e esforço.

**5.** É com esta e muitas outras maneiras que as almas se costumam enganar acerca das locuções e revelações de Deus. Entendem-nas de modo superficial e à letra. Como já se explicou, a principal intenção de Deus nessas coisas é manifestar e oferecer o espírito que encerram, que é difícil de entender. O espírito é mais abundante que a letra, é mais inexplicável e ultrapassa os seus limites. Portanto, quem se atar à letra, locução, forma ou figura apreendida pela visão, não deixará de errar muito. Além disso, sentirá depois uma grande ignorância e confusão por se ter deixado guiar pelos sentidos e não ter estado atento ao espírito pela desnudez dos sentidos. É o que diz S. Paulo: *Littera enim occidit, spiritus autem vivifica!*. Que quer dizer: *A letra mata, mas o espírito dá vida* (2 Cor 3, 6). Neste caso, é preciso renunciar à letra dos sentidos e ficar na escuridão da fé, que é o espírito, que os sentidos não podem compreender.

**6.** Foi por isso que muitos dos filhos de Israel, que entendiam totalmente à letra as palavras e profecias dos profetas, não as vendo suceder como esperavam, chegaram a desprezá-las e a não acreditar nelas. Tanto assim, que existiu entre eles um gracejo

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

popular, parecido a um provérbio, escarnecendo dos profetas. Dele se queixa Isaías referindo-se-lhe da seguinte maneira: *Quem docebit Dominus scientiam? Et quem intelligere faciet auditum? Ablactatos a lacte, avulsos ab uberibus. Quia manda, remanda, manda, remanda; exspecta, reexspecta, exspecta, reexspecta; modicum ibi, modicum ibi. In !aquela enim labii et língua altera loquetur ad populum is tum.* Quer dizer: *Quem julga Ele que está a ensinar? A quem julga Ele que dá a lição? A crianças recém-desmamadas? A bebés que acabaram de deixar o peito? Porque promete e volta a prometer; espera e volta a esperar; um pouco aqui, um pouco ali. Pois bem, é com linguagem balbuciante, com linguagem estranha, que o Senhor falará a este povo* (Is 28, 9-11).

Isaías dá claramente a entender que eles faziam troça das profecias e diziam, por escárnio, este provérbio: *Espera e volta a esperar*. Dá também a entender que nunca a veriam cumprida, porque estavam atidos à letra, que é o leite das crianças, e aos sentidos, que são os peitos que contradizem a grandeza da ciência do espírito. Por isso diz: *Quem julga Ele que está a ensinar? A quem julga Ele que dá a lição, a não ser aos que recém-desmamados da letra e dos peitos dos sentidos? Como estes já não são capazes de a entender senão através do leite, da exterioridade e da letra, e dos peitos dos seus sentidos, então dizem: Promete e volta a prometer; promete e volta a prometer; espera e volta a esperar, etc.* Porque a estes, Deus há-de instruí-los com a doutrina que sai da Sua boca e não com a deles, e com uma linguagem diferente da deles.

**7.** Não devemos fazer caso do nosso sentido e linguagem, sabendo que a de Deus é outra. O espírito da profecia é muito diferente do nosso e mais difícil de entender. Tanto assim que até o próprio Jeremias, apesar de ser profeta de Deus, vendo os conceitos das palavras de Deus tão diferentes do significado que normalmente os homens lhes atribuem, parece que também se engana e junta-se ao povo, dizendo: *Heu, heu, heu, Domine, Deus, ergone decepisti populum is tum et Ierusalem, dicens: Fax erit vobis, et ecce pervenit gladius usque ad animam? Quer dizer: Ah, ah, ah, Senhor Deus! Acaso enganastes este povo e Jerusalém? Vós dissestes: A paz estará convosco! Mas eis que a espada nos penetrou até ao mais íntimo* (Jr 4, 10).

A paz que Deus lhes prometia era a que haveria de existir entre Deus e o homem, graças ao Messias que lhes havia de enviar, e eles entendiam a paz temporal. Por isso, quando surgiam guerras e dificuldades, julgavam que Deus os enganava, porque sucedia-lhes o contrário do que esperavam. E, como Jeremias, diziam: *Exspectavimus pacem, et non est bonum.* Quer dizer: *Esperávamos a paz, e nada vemos de bom* (Jr 8, 15} Deixando-se guiar só pela letra, era impossível que não se enganassem.

David, ao longo do salmo 71, diz a respeito de Cristo: *Et dominabitur a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminas or bis terrarum* (v. 8). Quer dizer: *Dominará de um ao outro mar, do grande rio até aos confins da terra.* Também diz:

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Liberabit pauperem a potenti, et pauperem cui non erat adiutor* (Ib., 12). Quer dizer: *Livrará o pobre dos poderosos, e o indigente que não tem amparo*. Atando-se à letra, quem não se sentiria confundido e enganado por esta profecia, ao ver depois que Ele nasceu numa condição humilde, viveu na pobreza e morreu na miséria? E que, durante a Sua vida temporal, não só não dominou a terra, mas sujeitou-se a gente desprezível até morrer sob o poder de Pôncio Pilatos? E que, não só não libertou os Seus discípulos das mãos dos poderosos, mas deixou-os matar e perseguir por causa do seu nome?

### 8. Estas profecias sobre Cristo deveriam ser entendidas espiritualmente.

Segundo esse sentido eram muitíssimo verdadeiras, porque Cristo não era só o Senhor de toda a terra, mas também do céu, porque era Deus. E aos pobres que O haviam de seguir, não só os havia de redimir e libertar do poder do demónio, que era o poder contra o qual não tinham nenhuma ajuda, como os havia de constituir herdeiros do reino dos céus.

Deus, portanto, falava do reino eterno e da liberdade eterna, que era a acção principal de Cristo em favor dos que O seguiam. Eles entendiam ao seu modo, fixando-se no menos importante, isto é, no domínio e na liberdade temporais. Disso faz Deus pouco caso, porque, para Ele, nem é reino nem liberdade. Foi por isso que, cegos pela mesquinhez da letra, sem entender o espírito e a verdade dela, mataram o seu Deus e Senhor, como disse S. Paulo: *Qui enim habitabant Ierusalem, et principes eius, hunc ignorantes, et voces prophetarum, quae per omne sabbatum leguntur, iudicantes impleverunt*. Quer dizer: *Os habitantes de Jerusalém e os seus chefes não quiseram reconhecer Jesus, mas, condenando-o, cumpriram, sem disso se aperceberem, as profecias que são lidas todos os sábados* (Act 13,27).

9. A dificuldade de entender as palavras de Deus como convinha era tão grande, que até os próprios discípulos que tinham andado com Ele, se enganaram. Foi o que aconteceu com aqueles dois que, depois da sua morte, tristes e descrentes, iam a caminho da fortaleza de Emaús dizendo: *Nos autem sperabamus quod ipse esset redempturus Israel*. Quer dizer: *Nós esperávamos que fosse Ele Quem libertasse Israel* (Lc 24, 21).

Também eles pensavam numa libertação e domínio temporais. Cristo, nosso Redentor, apareceu-lhes e repreendeu-os por serem ignorantes, lentos e duros de coração para crer em tudo o que os profetas anunciaram (Ib., 25). E no momento em que subia ao céu, ainda alguns permaneciam naquela ignorância e perguntaram: *Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israel?* Quer dizer: *Senhor, é agora que vais restaurar o reino de Israel?* (Act 1, 6).

O Espírito Santo faz dizer muitas coisas com significado diferente daquele que os homens entendem. Isto pode-se constatar naquilo que fez dizer a Caifás a respeito de Cristo: *Convinha que fosse um só homem a morrer para que não*



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*perecesse todo o povo* (Jo 11, 50). Não foi por sua iniciativa que o disse. Ele disse-o e entendeu-o com um fim, o Espírito Santo com outro.

**10.** De tudo isto se conclui que, embora as palavras e as revelações sejam de Deus, não nos devemos fiar delas, pois com toda a facilidade nos podemos enganar muito na nossa maneira de as interpretar. Elas são abismo e profundidade de espírito. Querer reduzi-las ao que nós entendemos e os nossos sentidos podem compreender, é como querer apertar o ar com a mão para apanhar alguma partícula que nele exista. O ar desaparece e fica sem nada.

**11.** Também o mestre espiritual há-de procurar que o espírito do seu discípulo não se apresse em interessar-se por todas as apreensões sobrenaturais, que não são mais do que partículas do espíritos.

Ficaria só com eles e perderia o espírito. Afaste-o, antes, de todas as visões e locuções. Que aprenda a permanecer na liberdade e na escuridão da fé, que é onde se recebe a liberdade e a grandeza de espírito e, conseqüentemente, a sabedoria e a compreensão própria da linguagem de Deus.

Se não for espiritual, é impossível ao homem poder discernir as coisas de Deus e entendê-las correctamente. Quando as julga pelos sentidos não é espiritual nem as entende, embora estejam latentes nele. É o que Paulo muito bem afirma, quando diz: *Anima/is autem homo non percipit ea quae sunt spiritus Deis; stultitia enim est illi, et non potes! intelligere, quia de spiritualibus examinàtur. Spiritualis autem iudicat omnia.* Quer dizer: *O homem natural não entende as coisas que são do Espírito de Deus, porque são loucura para ele; e não as pode compreender porque são espirituais. No entanto, o homem espiritual julga todas as coisas* (1 Cor 2, 14-15). Por *homem natural* entende aqui o que usa somente os sentidos; e, por *espiritual*, o que não se prende nem se deixa guiar pelos sentidos.

Portanto, é insensato querer relacionar-se com Deus pela via da apreensão sobrenatural nos sentidos, e permitir que outros o façam.

**12.** Vejamos alguns exemplos para um melhor esclarecimento. Suponhamos que um santo está muito aflito porque os inimigos o perseguem e que Deus lhe diz: *Eu livrar-te-ei de todos os teus inimigos.* Esta profecia pode ser totalmente verdadeira e, no entanto, os inimigos podem vencê-lo e matá-lo.

Assim, quem a tivesse entendido deste maneira, ter-se-ia enganado, porque Deus referia-se à principal e verdadeira liberdade e vitória, que é a salvação. Ali, a alma encontra-se livre e vencedora de todos os seus inimigos, com muito mais verdade e grandeza do que se os tivesse vencido aqui.

Assim, esta profecia era muito mais verdadeira e copiosa do que o homem podia entender, se a entendesse em relação a esta vida. Quando Deus fala, as suas palavras tratam sempre do sentido mais essencial e proveitoso; mas, se o homem as entende a seu modo e propósito, fica com o sentido menos necessário, e engana-se.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É o que vemos pela profecia que David, no segundo salmo, disse a respeito de Cristo: *Reges eos in virga ferrea, et tamquam vas figuli confringes eos*. Quer dizer: *Hás-de governá-los com ceptro de ferro, quebrá-los-ás como vasos de barro* (Sl 2, 9). Deus está a falar do mais importante e perfeito senhorio que se realizou, o eterno, e não do menos importante, o temporal, que nunca chegou a realizar-se em Cristo durante a sua vida terrena.

**13.** Outro exemplo. Uma alma tem grandes desejos de ser mártir. Deus poderá responder-lhe, dizendo: «Tu serás mártir». Recebe interiormente uma grande consolação e confiança de que o será; contudo, pode não morrer mártir e a promessa ser verdadeira. Mas como é que pode, se não foi assim que sucedeu? Porque se pode cumprir, e cumprir-se-á, no seu sentido mais importante e essencial, isto é, Deus conceder-lhe-á essencialmente o amor e o prémio de mártir. Assim, Deus verdadeiramente concede à alma o que ela formalmente desejava e Ele prometeu.

É que o desejo formal da alma não era aquele género de morte, mas oferecer a Deus o serviço de mártir e exercitar-se no amor por Ele como mártir. Aquela maneira de morrer não vale nada em si sem este amor.

Ele pode conceder-lhe perfeitamente, através de outros meios, o amor, a experiência e o prémio do martírio. E, embora não morra mártir, a alma fica satisfeita porque recebeu o que desejava.

Quando estes e outros desejos semelhantes brotam do vivo amor, embora não se realizem da maneira como eles os imaginam e entendem, cumprem-se de forma melhor e mais honrosa para Deus do que eles saberiam pedir. Por isso, diz David: *Desiderium pauperum exaudivit Dominus*. Quer dizer: *O Senhor atendeu o desejo dos humildes* (Sl 10,17). E, nos *Provérbios*, a Sabedoria divina diz: *Desiderium suum iustus dabitur. Ao justo ser-lhe-á concedido o que deseja* (Pr 10, 24).

Apesar disso, vemos que muitos santos desejaram muitas coisas por Deus e não viram os seus desejos cumpridos nesta vida. Mas a fé diz-nos que, se os seus desejos eram justos e verdadeiros, cumpriram-se totalmente na outra vida. Nesse caso, então também foi verdade o que Deus lhes prometeu nesta vida, quando disse: *O vosso desejo será cumprido*. É certo que não seria da maneira que eles pensavam.

**14.** Assim, as palavras e visões de Deus podem ser certas e verdadeiras, mas equivocarmo-nos por não as sabermos entender na sua celsitude e essência, segundo os desígnios e o sentido que Deus lhes dava. Portanto, o mais certo e seguro é fazer com que as almas se afastem prudentemente dessas coisas sobrenaturais, acostumando-as, como dissemos, à pureza de espírito em fé escura, que é o meio para a união.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Prova-se com exemplos da Sagrada Escritura como as palavras e as visões de Deus, embora sempre verdadeiras, nem sempre são certas nas suas próprias causas.*

**1.** Vamos demonstrar agora a *segunda causa* pela qual as visões e as palavras de Deus, embora sempre verdadeiras em si mesmas, nem sempre são certas para nós, devido às causas em que se fundamentam. Muitas vezes Deus diz coisas que assentam nas criaturas e seus efeitos, que são variáveis e podem acabar.

Então as palavras que nelas se originam também podem ser variáveis e acabar. Quando uma coisa depende da outra, se faltar uma, também falta a outra. Por exemplo, se Deus dissesse: «Daqui a um ano vou mandar tal praga a este reino». A causa e razão de ser desta ameaça é algum pecado que se está a praticar nesse reino contra Deus. Se o pecado acabasse ou mudasse, também poderia acabar o castigo.

A ameaça, contudo, era verdadeira porque se baseava num pecado que existia. Se o pecado perdurasse, a ameaça ter-se-ia cumprido.

**2.** Foi o que aconteceu na cidade de Nínive, quando Deus disse: «*Adhuc quadraginta diebus et Ninive subvertetur*. Que quer dizer: *Dentro de quarenta dias, Nínive será destruída* (Jn 3, 4). Tal ameaça não se veio a cumprir porque acabou a sua causa, ou seja, os pecados pelos quais fizeram penitência; mas, se não fizessem penitência, a ameaça cumprir-se-ia. Também lemos no *Terceiro Livro dos Reis* (21, 21) que o rei Acab cometeu um grande pecado. Deus enviou como mensageiro o nosso pai Elias, e mandou-lhe anunciar uma terrível desgraça sobre a sua pessoa, a sua casa e o seu reino. Acab, cheio de dor, rasgou as vestes, cobriu-se de saco e jejuou; dormia sobre um saco e caminhava triste e humilhado. Deus enviou-lhe imediatamente o mesmo profeta para lhe transmitir estas palavras: *Quia igitur humiliatus est mei causa, non inducam malum in diebus eius, sed in diebus fi/ii sui*. Que quer dizer: *Porque Acab se humilhou por amor de mim, não o castigarei durante a sua vida, mas nos dias do seu filho* (3 Rs 21, 27-29). Assim como Acab removeu a decisão e a afeição que tinha antes, também Deus retirou a sua sentença.

**3.** Para este nosso propósito podemos, portanto, deduzir que, embora Deus tenha revelado ou afirmado a uma alma qualquer coisa, favorável ou desfavorável para ela ou para outras, poderá mudá-la muito ou pouco, ou retirá-la totalmente, conforme a mudança ou alteração do afecto dessa alma ou da causa em que Deus se fundamentava.

Até pode não se cumprir, como se esperava, por razões que muitas vezes só Deus sabe. Muitas das coisas que Deus costuma dizer, ensinar e prometer, não são para que se entendam ou possuam naquele momento, mas para que se entendam mais tarde, quando se for iluminados por elas, ou quando se obtiver o seu efeito. Foi o que Jesus fez com os seus discípulos. Falava-lhes através de muitas parábolas e sentenças, mas só compreenderam a sua sabedoria no dia em que a tiveram de anunciar. Isto aconteceu quando o Espírito Santo desceu sobre eles (Act 2, 1-4). Esse

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

é que lhes havia de ensinar tudo e recordar-lhes tudo o que Cristo lhes tinha dito durante a sua vida (Jo 14, 26).

Também S. João, contando a entrada de Cristo em Jerusalém, diz: *Haec non cognoverunt discipuli eius primum: sed quando glorificatus est Jesus, tunc recordati sunt quia haec erant scripta de eo* (Jo 12, 16). Também muitas coisas extraordinárias de Deus podem suceder na alma, sem que ela ou quem a guia as compreendam antes do tempo.

**4.** No *Primeiro Livro dos Reis* vemos que Deus se irritou com Eli, sacerdote de Israel, por causa de não castigar os pecados dos seus filhos (2, 29-30). E enviou Samuel para lhe dizer, entre outras, as seguintes palavras: *Loquens locutus sum, ut domus tua, et domus patris tuí, ministrare! in conspectu meo, usque in sempiternum. Verumtamen absit hoc a me.* Que é como se dissesse: *Embora eu tivesse prometido que a tua família e a família de teu pai estariam sempre na minha presença a servir-me pelo sacerdócio, agora este propósito está bem longe de mim. Não o cumprirei.*

A causa está em que este ofício de sacerdote assentava na honra e glória de Deus. Foi com esse fim que Deus prometeu concedê-lo a seu pai para sempre. Entretanto, Eli perdeu o zelo pela honra de Deus, porque, como o próprio Deus o acusou, honrava mais os filhos do que a Deus; e, dissimulando os pecados para não ter de os enfrentar, também lhe faltou a promessa, a qual seria para sempre, se para sempre perdurasse neles o bom zelo e serviço.

Portanto, não se deve pensar que, apesar das palavras e revelações serem de Deus, hão-de acontecer infalivelmente tal como soam, principalmente quando vinculadas a causas humanas que podem variar, mudar ou alterar-se.

**5.** E só Deus é que sabe quando estão vinculadas a estas causas humanas, pois nem sempre o diz. Ele pronuncia a palavra ou faz a revelação; mas, por vezes, cala as condições. Foi o que fez com os ninivitas: disse-lhes explicitamente que seriam destruídos ao fim de quarenta dias (Jn 3, 4).

Outras vezes manifesta-as, como fez com Roboão: *Se guardares os meus mandamentos, como fez David, meu servo, também Eu estarei contigo e hei-de construir-te uma casa firme, como edifiquei para David* (3 Rs 11, 38). Mas, quer as revele quer não, não há que fiar-se do conhecimento, porque não se pode compreender as verdades ocultas de Deus e os muitos sentidos que as suas palavras contêm. Ele está no céu e fala referindo-se ao eterno; nós estamos cegos, na terra, e só entendemos na carne e no tempo. Parece-me que foi por isso que o Sábio disse: *Deus está no céu, e tu, na terra; sejam, portanto, poucas as tuas palavras* (Ecl 5, 1).

**6.** Porventura, dir-me-ás: Se não podemos entender nem nos devemos intrometer em tais coisas, porque é que Deus as comunica?

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Eu já disse que, por ordem de Quem as pronunciou, cada coisa será entendida a seu tempo. E entendê-la-á quem Ele quiser. E saberemos que foi melhor assim, porque Deus não actua sem uma razão e a verdade.

Mas tenha-se o seguinte como certo: nunca chegaremos a compreender totalmente o sentido das palavras e das coisas de Deus; por isso, não nos devemos decidir pelo que parece, a fim de não errar muito e sentir grande confusão.

Os profetas que manejavam a palavra de Deus sabiam isto muito bem. Custava-lhes imenso profetizar ao povo, porque, como se disse, muitas das coisas que lhes eram ditas não se viam acontecer à letra. Isto provocava o escárnio e a zombaria aos profetas. Jeremias até chegou a dizer: *Sou objecto de contínua irrisão, e todos escarnecem de mim. Todas as vezes que falo é para proclamar: «Violência!»! «Opressão!»! A palavra do Senhor tornou-se para mim motivo de insultos e escárnios, dia após dia. A mim mesmo dizia: «Não pensarei n 'Ele mais! Não falarei mais em Seu nome!»* (Jr 20, 7-9). O santo profeta, no seu sofrimento e fragilidade humana, dizia que não aguentava mais os caminhos e as mudanças de Deus. Isto demonstra bem a diferença que existe entre o sentido comum das palavras divinas que se ouvem e o que realmente acontece.

Os divinos profetas eram tidos como burlões e sofriam muito por causa da profecia. Noutro lugar diz o mesmo Jeremias: *Formido et laqueus jacta est nobis vaticinatio et contritio*. Que quer dizer: *A profecia converteu-se contra nós em terror e armadilha, ruínas e desilusão* (Lm 3, 47).

**7.** Jonas fugiu, quando Deus o mandou pregar a destruição de Nínive, porque conhecia a diferença das palavras de Deus e das suas causas em relação à interpretação dos homens. E, para que não se rissem dele ao constatarem que a profecia não se cumpriu, ia fingindo por não profetizar (Jn 1, 1-3).

Assim, esteve quarenta dias fora da cidade à espera de ver se a sua profecia se cumpria (*ib.*, 4, 5). Como não se cumpriu, desgostou-se de tal maneira que disse a Deus: *Obsecro; Domine, numquid non hoc est verbum meum, cum adhuc essem in terra mea? Propter hoc praeoccupavi, ut fugerem in Tharsis*. Quer dizer: *A h, Senhor, porventura não era isto que eu dizia quando ainda estava na minha terra? Por isso é que, precavendo-me, quis fugir para Társis*. O santo irritou-se e pediu a Deus que lhe tirasse a vida (*ib.*, 4, 2-3).

**8.** Então, porque havemos de nos admirar que algumas coisas que Deus diz e revela às almas não aconteçam exactamente como as entenderam? Se Deus promete à alma ou lhe representa esta ou aquela coisa, boa ou má para si ou para outra alma, por causa dalgum affecto, serviço ou ofensa que lhe fazem, não é certo que, se perseverarem, essa coisa se cumpra, porque também não é certo que perseverem. Portanto, não há que fiar do que se entende, mas da fé.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Explica como, apesar de atender, por vezes, ao que Lhe pedem, Deus não gosta que o façam. Prova como, muitas vezes Deus se irrita, apesar de condescender e responder.*

**1.** Como dissemos, alguns espirituais crêem que a curiosidade, que por vezes têm em conhecer coisas por via sobrenatural, é boa. Pensam que isso é um bom método e agrada a Deus, porque, às vezes, Ele responde aos seus pedidos. A verdade, porém, é que, embora os atenda, nem é bom método nem agrada a Deus, antes o desgosta. Mais ainda: muitas vezes até se zanga e ofende muito.

E a razão disto é que não é lícito a nenhuma criatura sair fora dos limites que Deus naturalmente lhe traçou para se reger. Deus limitou o homem à sua natureza e razão para se governar. Portanto, não é lícito querer sair fora desses limites naturais para indagar e conseguir coisas pela via sobrenatural. Se é ilícito, não agrada a Deus, porque Deus ofende-se com tudo o que é ilícito. O rei Acáz sabia muito bem que é assim, pois, quando Isaías, em nome de Deus, lhe mandou pedir um sinal, não o fez. E disse: *Non petam, et non tentabo Dominum*. Quer dizer: *Não pedirei tal coisa, não tentarei o Senhor* (Is 7,12). Tentar a Deus é querer falar com Ele por vias extraordinárias, como são as sobrenaturais.

**2.** Dir-me-eis: Se é assim, se não Lhe agrada, então porque é que, por vezes, responde? Às vezes é o demónio que responde. Deus, quando responde, fá-lo por causa da fraqueza da alma, que quer seguir aquele caminho, para que não desanime e volte para trás, ou para que não pense que Deus está zangado com ela e fique demasiado sentida; ou por outros fins que Deus conhece, fundados na debilidade daquela alma. Ele vê que é melhor responder e, por isso, tolera aquela via. É o que acontece a muitas almas frágeis e débeis: enche-as de consolação e ternura através de uma relação muito sensível com Deus, como se disse anteriormente.

Não é porque queira ou Lhe agrade esse modo ou essa via de se relacionar com Ele. Mas, como também dissemos, Ele dá ao modo de cada um.

Deus é como a fonte, e cada um traz água conforme a vasilha que leva.

Por vezes deixa tirá-la por esses canos excepcionais, mas daí não se deduz que seja lícito querer tirar água por meio deles. Só a Deus compete dá-la quando quiser, como quiser, a quem quiser, por onde quiser, sem exigência de ninguém. E se algumas vezes, como dissemos, acede ao desejo e pedidos de certas almas, é porque, sendo boas e simples, atende-as para não ficarem tristes. Mas não é que isso Lhe agrade.

**3.** Tudo isto se fica a entender melhor com a seguinte comparação: Um pai tem na sua mesa muitos e variados manjares, uns melhores que outros. Uma criança pede que o sirva de um determinado prato, não por ser o melhor, mas por ser o primeiro que encontra; e pede daquele porque sabe comer melhor o que está nele do que noutra. O pai reconhece que, ainda que o sirva do melhor manjar, ele não vai querer, porque só pede aquele e só encontra gosto naquele; e, para não ficar triste e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sem comer, é com tristeza que o pai o serve. Foi o que Deus fez com os filhos de Israel quando lhe pediram um rei.

Deu-lho de má vontade, porque não era o que lhes convinha. Por isso, disse, a Samuel: *Audi vocem populi in omnibus quae loquuntur tibi: non enim te abiecerunt, sed me.* Que quer dizer: *Ouve a voz do povoem tudo o que te disser, pois não é a ti que eles rejeitam, mas a Mim, para que Eu não reine mais sobre eles* (1 Rs 8, 5-7).

Assim condescende Deus com algumas almas, dando-lhes aquilo que não é o melhor para elas, porque não querem ou não sabem ir senão por ali. Outras recebem carinhos e suavidade do espírito ou dos sentidos. E Deus concede-lho porque não são capazes de comer o manjar mais forte e sólido dos sofrimentos da cruz de seu Filho, à qual gostaria de os ver abraçados mais do que a qualquer outra coisa.

**4.** Querer saber coisas por via sobrenatural, para mim é bem pior do que desejar outros gozos espirituais nos sentidos. A alma que as pretenda, bem assim quem as recomendar e permitir, não vejo por onde pode deixar de pecar, pelo menos venialmente, por muito bons que sejam os fins e por muito subida que esteja na perfeição. Não há necessidade nenhuma disso, pois existe a razão natural, a lei e a doutrina evangélica por onde se podem muito bem reger. Além disso, não há dificuldade ou necessidade que não se possa resolver e remediar por estes meios que tanto agradam a Deus e aproveitam às almas.

Havemos de aproveitar de tal maneira a razão e a doutrina evangélica que, se nos comunicassem coisas sobrenaturais, quer queiramos ou não, só devemos aceitar aquilo que se coaduna muito bem com a razão e a lei evangélica. E aceitá-lo não por ser revelação, mas por ser razão, prescindindo de qualquer sentido de revelação. Nessa altura convém ver e analisar a razão, muito mais do que antes de ter recebido qualquer revelação.

Porque o demónio diz muitas coisas que são verdadeiras e podem estar conformes à razão para enganar.

**5.** Em todas as nossas necessidades, sofrimentos e dificuldades, não há meio melhor e mais seguro do que a oração e a esperança de que Ele providenciará pelos meios que quiser. Este conselho é-nos dado pela Sagrada Escritura, onde se diz que o rei Josafat, estando muitíssimo aflito e rodeado de inimigos, pondo-se em oração, disse a Deus: *Cum ignoremus quodfacere debeamus, hoc solum habemus residui, ut óculos nostros dirigamus ad te* (2 Cr 20, 3-12). Que é como se dissesse: *Quando não sabemos o que fazer, e a razão não basta para prover às necessidades, só nos resta levantar os olhos para Ti, para providenciares como mais Te agradecer.*

**6.** Também já dissemos que Deus, apesar de às vezes responder a essas perguntas, também se ofende. Vamos demonstrá-lo, no entanto, com alguns exemplos da Sagrada Escritura.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

No *Primeiro Livro dos Reis* diz-se que o rei Saúl pediu ao profeta Samuel, já morto, que lhe falasse. Samuel apareceu-lhe (28, 11-14).

Deus ofendeu-se com isso tudo, porque Samuel repreendeu logo o rei por se haver metido em tal coisa: *Quare inquietasti me, ut suscitarer?*

Quer dizer: *Por que perturbaste o meu repouso, fazendo-me vir aqui?* (*Ib.*, 28, 15).

Também sabemos que, apesar de Deus ter respondido aos filhos de Israel dando-lhes a carne que pediam, não deixou de Se ofender muito com eles. Mandou-lhes imediatamente fogo do céu como castigo, segundo se lê no *Pentateuco* (Nm 11, 32-33). Também David conta o mesmo: *Adhuc escae eorum erant in ore ipsorum, et ira Dei descendi! Super eos.* Que quer dizer: *Ainda tinham a comida na boca, quando a ira de Deus se desencadeou contra eles* (SI 77, 30-31).

E, nos Números (Nm 22, 20-32), lemos que Deus Se irritou muito com o profeta Balaão. Chamado por Balac, rei dos madianitas, Balaão foi ter com eles. Deus tinha-lhe dito que fosse, porque tinha vontade de ir e havia-o pedido a Deus. Mas, estando já a caminho, apareceu-lhe o anjo com a espada desembainhada na mão para o matar, e disse-lhe: *Perversa est via tua, mihique contraria.* Quer dizer: *O teu caminho é perverso e contrário a Mim.* Por isso, o queria matar.

**7.** É assim, com esta e outras muitas maneiras, que Deus, apesar de ressentido, condescende com os apetites das almas. Na Sagrada Escritura, e não só, temos muitos exemplos disto. Mas não são precisos em coisa tão clara.

Só quero dizer que é muitíssimo perigoso, mais do que aquilo que eu possa dizer, querer relacionar-se com Deus por esses caminhos. Quem se afeiçoar a estes modos, há-de errar muito e sentir-se tantas vezes confundido. Quem fez caso deles entender-me-á por experiência.

Além disso é muito difícil saber quais são as locuções e visões de Deus. Normalmente misturam-se com elas muitas que são do demónio.

Geralmente apresenta-se à alma com o mesmo traje e modo com que Deus a trata.

Representa-lhe coisas muito parecidas às que Deus lhe comunica. Assim, como lobo com pele de ovelha, mistura-se no meio do rebanho, mal se podendo distinguir. E, como diz muitas coisas verdadeiras e ajuizadas, e coisas que realmente acontecem, facilmente se podem enganar, pensando que, por dizer a verdade e acertar no que há-de vir, só podem ser de Deus. Não sabem que é muito fácil, para quem for naturalmente inteligente, conhecer muitas das coisas, acontecidas ou para acontecer, pelas suas causas. E como o demónio tem uma inteligência tão perspicaz, facilmente pode conhecer um efeito pela sua causa.

Mas nem sempre assim acontece, porque todas as causas dependem da vontade de Deus.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**8.** Damos um exemplo. O demónio conhece o estado da terra, os ventos e a órbita do sol. Vão de maneira e em tal estado que, necessariamente, quando chegar o tempo, o estado destes elementos corromper-se-á e provocará uma epidemia nas pessoas. Até pode saber os lugares onde será mais ou menos forte. Pela sua causa conheceu a epidemia. Custara muito então, ao demónio dizer a uma alma: «Dentro de um ou meio ano haverá uma epidemia». E assim acontece. E é profecia do demónio. Da mesma maneira pode adivinhar os tremores de terra. Ao ver que as suas concavidades interiores se vão enchendo de ar, diz: «Em tal tempo a terra irá tremer». Isto é o conhecimento natural, para o qual basta ter a alma livre de paixões, como afirma Boécio com estas palavras: *Si vis claro lumine cernere verum, gaudia pelle, timorem, spemque fugato, nec dolor adsit.* Isto é: *Se queres, com a luz natural, conhecer as verdades, lança para fora de ti o gozo e o temor, a esperança e a dor.*

**9.** Também nas suas causas se podem conhecer eventos e casos sobrenaturais acerca da Providência divina, que, com toda a justiça e certeza, acode ao que pedem as boas ou más causas dos filhos dos homens. Naturalmente pode saber-se que tal ou tal pessoa, tal ou tal cidade, ou outra coisa, chega a tal ou tal necessidade, ou a tal ou tal ponto. Deus, segundo a sua providência e justiça, há-de vir com aquilo que a causa merece, ou seja, com o prémio ou com o castigo, ou conforme ela for.

Então pode-se dizer: «Em tal tempo Deus vos dará isto, ou fará isto, e também acontecerá aquilo». Foi o que Santa Judite fez saber a Holofernes.

Para o convencer de que os filhos de Israel de certeza que iam ser destruídos, contou-lhe primeiro os muitos pecados e vilezas que praticavam (Jdt 11, 8-12). A seguir acrescentou: *Et quoniam haec faciunt, certum est quod in perditionem dabuntur.* Quer dizer: *E porque fazem estas coisas, é certo que serão destruídos (Ib., 11, 15).* Isto é conhecer o castigo na causa, que é tanto como dizer: é verdade que tais pecados hão-de causar tais castigos de Deus, que é justíssimo. É o que também afirma a Sabedoria divina: *Per quae quis peccat, per haec et torquetur.* Quer dizer: *Conforme o pecado, assim é o castigo (Sb 11, 17).*

**10.** O demónio pode conhecer isto naturalmente e pela experiência de ter visto Deus fazer coisas semelhantes. Nesse caso, pode-o predizer e acertar. Também o santo Tobias conheceu o castigo da cidade de Nínive pela sua causa (Tb 14, 6). Por isso advertiu o seu filho, dizendo: *Tu, meu filho, parte de Nínive, não fiques aqui mais tempo. Depois de teres dado sepultura a tua mãe junto de mim, nesse mesmo dia abandona as fronteiras de Nínive. Video enim quod iniquitas eius finem dabit: De facto vejo triunfar nela muita injustiça e uma grande perfidia, e nem sequer se envergonham (Tb 14, 9).* Tanto o demónio como Tobias podiam conhecer isto na maldade da cidade e por experiência. Eles viam que eram cometidos os pecados do mundo pelos quais Deus o destruiu no dilúvio (Gn 6, 5-7), e os pecados dos

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sodomitas que pereceram pelo fogo (Gn 19, 24-25). Além disso, Tobias soube-o por inspiração divina.

**11.** O demónio também pode saber que Pedro, por lei natural, não pode viver mais do que uns tantos anos, e anuncia-o antes. E como estas existem muitas outras coisas, e de várias maneiras, que nunca mais terminaríamos de enumerar. Outras há que é melhor nem as dizer, porque são muito intrincadas e facilmente lhe impingem mentiras. E só se podem libertar de tudo isto, se fugirem de todas as revelações, visões e locuções sobrenaturais.

É por isso que Deus tem toda a razão para se ofender com quem as aceita. Ele vê que é atrevimento alguém intrometer-se em tanto perigo, presunção, curiosidade, origem de soberba, raiz e fundamento de vanglória, desprezo das coisas de Deus e começo de grandes males em que muitos sucumbiram. E estes ofenderam tanto a Deus que, propositadamente, os deixou errar e enganar, obscurecer o espírito, abandonar os caminhos correctos da vida para seguir as suas vaidades e fantasias, como diz Isaías: *Domiiiius miscuit in media eius spiritum vertiginis*. Que é como se dissesse: *O Senhor misturou no seu meio um espírito de revolta e confusão* (Is 19, 14), que em boa prosa significa o *espírito de entender ao contrário*. Isto vem mesmo a propósito, porque Isaías está-se a referir àqueles que queriam saber as coisas do futuro por via sobrenatural. Por isso diz que Deus lhes infundiu o espírito de entender ao contrário. Não é que Deus lhes quisesse infundir, ou realmente lhes tivesse infundido, esse espírito, mas porque eles quiseram intrometer-se naquilo que naturalmente não podiam alcançar. Desgostoso com isso, Deus deixou-os desatinar, retirando-lhes luz naquilo que não queria que se intrometessem.

Deus infundiu-lhes aquele espírito *privativamente*. Deus, portanto, é a *causa privativa* daquele dano, porque foi Ele que lhe retirou a sua luz e graça. E retirou-as de tal maneira, que necessariamente cairiam no erro.

**12.** Desta maneira Deus dá licença ao demónio para cegar e enganar a muitos, porque os seus pecados e ousadias o merecem. Por isso, o demónio pode e consegue enganá-los. Eles acreditam nele, convencidos de que é um bom espírito. E apesar de muita gente lhe dizer o contrário, não há remédio que os desengane. Já possuem, por permissão de Deus, o espírito de entender ao contrário.

Foi o que aconteceu aos profetas do rei Acaz, quando Deus permitiu ao demónio que os enganasse com um espírito de mentira: *Decipies, et praevaleris; egredere, et fac ita*. Quer dizer: *Enganá-los-ás e conseguirás seduzi-los; vai e faz como dissestes* (3 Rs 22, 22). E pressionou tanto os profetas e o rei para os enganar, que não quiseram acreditar no profeta Miqueias que lhes profetizava a verdade, totalmente ao contrário do que os outros tinham profetizado. Deus permitiu que os cegassem, porque estavam desejosos que aquilo lhes acontecesse e que Deus respondesse segundo os seus apetites e desejos. Isto é o meio e a disposição mais segura para Deus, propositadamente, os cegar e enganar.

**13.** Assim o profetizou, em nome de Deus, Ezequiel (Ez 14, 7-9). Ao falar contra aquele homem que, por curiosidade, quer saber coisas através do profeta, e ao gosto do seu espírito, diz: *Se tal homem se dirige ao profeta para que ele me interroge por si, Eu, o Senhor, lhe responderei. Dirigirei a minha face contra este homem ... E se o profeta se deixa seduzir e profere alguma palavra, isso quererá dizer que fui Eu quem o seduziu. Ego, Dominus, decepi prophetam illum.* Isto é: *Eu, o Senhor, enganei aquele profeta*, isto é, não concorrendo com a sua graça para que deixe de ser enganado. É isso o que quer dizer quando afirma: *Eu, o Senhor, lhe responderei. Dirigirei a minha face contra esse homem.*

Isto quer dizer que afasta daquele homem a sua graça e favor. Portanto, necessariamente continua a ser enganado por causa do desamparo de Deus. Então o demónio apressa-se a responder conforme ao gosto e desejo daquele homem. Mas, como é disso que ele gosta, e as respostas e comunicações agradam à sua vontade, fica muito bem enganado.

**14.** Parece que saímos um pouco fora do propósito que tínhamos prometido no título do capítulo: provar como, apesar de Deus responder, se ofende algumas vezes. Mas, vendo bem, tudo o que se disse serve para demonstrar o que pretendemos. Em tudo se viu que Deus não gosta que queiram essas tais visões, porque nelas serão enganados de muitas maneiras.

## CAPÍTULO 22

*Esclarece uma dúvida: agora, na lei da graça, não é lícito perguntar a Deus por via sobrenatural, como acontecia na lei antiga. Prova-o com um texto de S. Paulo.*

**1.** As dúvidas vão-nos aparecendo entre mãos e, por isso, não podemos avançar como querh1inos. Se as levantamos, forçosamente estamos obrigados a esclarecê-las, para que a verdade da doutrina seja sempre clara e eficaz. Este é um bem que as dúvidas sempre nos trazem: ainda que nos travem um pouco o passo, apartam mais doutrina e luz ao nosso propósito. É o que acontece com esta.

**2.** Explicámos no capítulo anterior como não é vontade de Deus que as almas queiram receber, por via sobrenatural, coisas especiais de visões, locuções, etc. Por outro lado, no mesmo capítulo, vimos e comprovámos com exemplos da Sagrada Escritura que esse relacionamento com Deus se usava na Lei Antiga e era lícito. E não só era lícito, mas era vontade de Deus. E, quando não o cumpriam, Deus repreendia-os. É o que se pode ver em Isaías, onde Deus repreende os filhos de Israel por quererem baixar ao Egipto sem primeiro O consultar: *Et os meum non interrogastis* (Is 30, 2).

Isto é: *Não perguntastes primeiro à minha boca* o que vos convinha. Em Josué (Js 9, 14) vemos também que os filhos de Israel foram enganados pelos gabaonitas. O Espírito Santo indica ali a falta que eles cometeram, dizendo: *Susceperunt ergo de*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*cibariis eorum, et os Domini non interrogaverunt.* Quer dizer: *Aceitaram as provisões deles, sem consultarem o Senhor.* Mas também vemos na Sagrada Escritura que Moisés consultava sempre a Deus; o rei David e todos os reis para as suas guerras e necessidades, os sacerdotes e os profetas antigos, faziam o mesmo. Deus respondia e falava com eles. E não se ofendia, porque agiam como deviam. Mas se não o fizessem, agiam mal.

Esta é que a verdade. Daí a pergunta: porque é que agora, na Lei Nova da graça, não é lícito fazê-lo como antes?

**3.** A isto responde-se dizendo que a razão principal por que na Lei Antiga eram lícitas as perguntas que se faziam a Deus e era justo que os profetas e os sacerdotes quisessem revelações e visões de Deus, era porque ainda não estava bem fundamentada a fé nem estabelecida a Lei evangélica. Por isso, era necessário que perguntassem a Deus e que Ele respondesse com palavras ou com visões e revelações, ou em figuras e comparações, ou por muitos outros modos de comunicação. Com efeito, tudo o que respondia, falava, fazia e revelava, eram mistérios da nossa fé ou verdades que a ela se referiam ou a ela conduziam. As coisas da fé não são, do homem, mas de Deus, porque Ele as profere com a sua boca.

Então, como já dissemos, era necessário consultar a boca de Deus. É por isso que Deus os repreendia quando, nas suas coisas, não O consultavam.

Desta maneira não lhes podia responder e encaminhar os seus casos e coisas para a fé, que eles não conheciam por ainda não estar consolidada. Mas agora, nesta era da graça, em que a fé está fundada em Cristo e promulgada a Lei evangélica, não há razão para O interpelar daquela maneira, nem para que Ele agora fale e responda como então.

Porque ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a Sua Palavra- e não tem outra - disse-nos tudo ao mesmo tempo, e nada mais tem a revelar.

**4.** É este o sentido daquele texto com que S. Paulo quer levar os hebreus a abandonar aqueles primitivos modos e tratos com Deus previstos na Lei de Moisés e a dirigir os olhos somente para Cristo: *Multifariam multisque mo.dis olim Deus loquens patribus in prophetis: novissime autem diebus istis locutus est nobis in Filio.* É como se dissesse: *O que antigamente Deus disse pelos Profetas a nossos pais de muitos modos e de muitas maneiras, agora, por último, nestes dias, nos falou pelo Filho tudo de uma só vez* (Heb 1, 1-2). Com isso o Apóstolo dá-nos a entender que Deus ficou como mudo e não tem mais que falar, porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente agora, dando-nos o Todo que é o seu Filho.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

5. Portanto, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade.

Deus poderia responder-lhe desta maneira: «Se já te disse tudo na minha Palavra, que é o Meu Filho - e não tenho outra- que mais te posso Eu responder agora ou revelar? Põe os olhos só n'Ele, porque n'Ele tudo disse e revelei, e acharás ainda mais do que pedes e desejas.

Tu pedes locuções e revelações às migalhas, mas, se fixares n'Ele o teu olhar, acharás tudo. Ele é toda a minha locução e resposta, toda a minha visão e revelação. Ao dar-vo-1'0 por Irmão, Companheiro, Mestre, Preço e Prémio, já vos falei, respondi, manifestei e revelei tudo. Desde o dia que desci com o meu Espírito sobre Ele no monte Tabor, dizendo: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihibene complacui, ipsum audite* (Mt 17, 5).

Quer dizer: *Este é o meu Filho muito amado, no Qual pus todo o Meu encanto, escutai-O*, abandonei todas essas maneiras de ensinamentos e respostas, e tudo Lhe confiei a Ele. Escutai-O, porque Eu já não tenho mais fé para revelar, nem mais nada a manifestar. Porque, se falava antes, era prometendo a Cristo; e, se Me perguntavam, as perguntas eram orientadas à petição e esperança de Cristo, no qual haviam de encontrar o Bem total, como no-lo explica agora a doutrina dos evangelistas e dos apóstolos. Quem agora me perguntasse e pedisse para Eu lhe dizer ou revelar alguma coisa, estaria de algum modo a pedir-me novamente Cristo e mais fé. Era sinal de que ainda não tinha aquela que já foi dada em Cristo. Com isto ofenderia muito ao Meu amado Filho, porque, além de Lhe faltar em fé, obrigá-1'0-ia outra vez a encarnar, a viver e a morrer.

Não tens que me pedir nada, nem desejar revelações ou visões. Olha bem para Ele, e n'Ele acharás isso e limito mais, já totalmente realizado e Oferecido.

6. Se quiseres que Eu te diga uma palavra de consolação, contempla o Meu Filho, obediente e preso por Meu amor, em agonia, e verás quantas te dirá. Se quiseres que Eu te revele mistérios ou acontecimentos, põe os olhos só n'Ele e encontrarás mistérios bem escondidos a sabedoria e as maravilhas de Deus que n'Ele se encerram, conforme diz o Meu Apóstolo: *In quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae Dei absconditi*. Quer dizer: *No qual, no Filho de Deus, estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento* (Cl 2, 3). Esses tesouros da sabedoria serão para ti muito mais elevados, saborosos e proveitosos do que as coisas que querias saber.

Por isso, o mesmo Apóstolo gloriava-se dizendo: *Julguei não dever saber dizer outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado* (I Cor 2, 2). E se quisesses outras visões ou revelações, divinas ou corpóreas, contempla-O humanado e encontrarás mais do que pensas, porque o Apóstolo também diz: *In ipso habitat*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*omnis plenitudo divinitatis corporaliter*. Quer dizer: *Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade* (Cl 2, 9).

**7.** Já não é preciso fazer perguntas a Deus como antes, nem é necessário que Ele responda. Depois que revelou toda a fé em Cristo não há nem jamais haverá, mais fé para revelar. E quem quisesse agora recebe; coisas por via sobrenatural, como dissemos, seria acusar a Deus de não ter dado realmente tudo em seu Filho. E ainda que isto se faça, supondo e aceitando a fé, não deixa de ser curiosidade e pouca fé. Por isso, não há que esperar mais doutrina ou qualquer outra coisa por via sobrenatural.

Na hora em que Cristo disse na cruz; quando expirou: *Consummatum est* (Jo 19, 30), quer dizer: *Tudo está consumado*, todos esses modos, cerimónias e ritos da Lei Antiga acabaram. Devemo-nos guiar em tudo, humana e visivelmente, pela lei de Cristo-Homem, pela sua Igreja e seus ministros, remediando por esse meio a nossa ignorância e fraqueza espirituais. Por essa via encontraremos abundante medicina para tudo.

E tudo o que se afastar deste caminho, não passa de curiosidade e muito atrevimento. Não se deve acreditar nada por via sobrenatural, mas só, como digo, o que é ensinado por Cristo-Homem e pelos seus ministros, homens. É por isso que S. Paulo diz estas palavras: *Quod si angelus de cardo evangelizaverit, praeterquam quod evangelizavimus vobis, anathema sit*. Quer dizer: *Mas, até mesmo se nós ou um anjo do céu vos anunciar como Evangelho o contrário daquilo que vos anunciámos, seja anátema* (Gl 1, 8).

**8.** Daí que é necessário permanecer sempre no que Cristo nos ensinou.

O resto não vale nada. E, se não estiver em conformidade com Ele, não se há-de acreditar. Se alguém quer relacionar-se com Deus segundo a Lei Antiga, anda a perder tempo. Se bem que não era lícito a qualquer um daquele tempo fazer perguntas a Deus, nem Ele respondia a todos, mas só aos sacerdotes e profetas, porque era pela sua boca que o povo conhecia a lei e a doutrina. Se alguém queria saber alguma coisa de Deus, não o fazia directamente, mas através do profeta ou do sacerdote.

E, se algumas vezes, David fez perguntas directamente a Deus, era por ser profeta e, mesmo assim, fazia-o com a veste sacerdotal. Foi o que disse ao sacerdote Abiatar, como se lê no *Primeiro Livro dos Reis* (1 Sm 23, 9): *Applica ad me ephod*, que era uma das vestes mais dignas do sacerdote.

Foi com ela que consultou a Deus. Mas, outras vezes consultava a Deus através do profeta Natã e de outros profetas. Ninguém se devia fiar do seu próprio parecer, mas só das palavras dos profetas e dos sacerdotes.

**9.** Assim, o que Deus então dizia não tinha poder nem força para os fazer acreditar totalmente se não fosse confirmado pela boca dos sacerdotes e dos profetas. Deus é muito amigo de que a direcção e comunicação do homem se faça por meio de outro homem igual a ele, e que o homem seja guiado e governado pela razão natural. E, sobre as coisas que nos transmite sobrenaturalmente, não quer que as acreditemos totalmente nem que exerçam em nós a sua força e poder sem terem passado primeiro pelo aqueduto humano da boca do homem. Sempre que Deus diz ou revela alguma coisa à alma, é atendendo a certa disposição que a própria alma tem de a dizer a quem convém que se diga. Mas também isto não lhe costuma agradar muito, porque não a recebeu de um homem igual a ele.

Foi o que aconteceu ao capitão Gedeão, como vemos no Livro dos Juízes: apesar de Deus lhe ter dito muitas vezes que venceria os madianitas, ele continuava a duvidar e cheio de medo. Deus deixou-o naquele desalento até que ouviu pela boca dos homens o que Deus lhe tinha dito. Foi então que Deus, vendo-o sem força, lhe disse: *Levanta-te e vai atacar o acampamento; et cum audieris quod loquantur, tunc confortabuntur manus tuae, et securior ad hostium castra descendes.*

Quer dizer: *Escutarás o que eles dizem; a tua coragem será robustecida, e poderás atacar o acampamento.* E assim foi: ouvindo um medianita contar a outro um sonho, segundo o qual Gedeão os havia de vencer, encheu-se de coragem e, com grande alegria, começou a preparar a batalha.

Deus tinha-lhe falado por via sobrenatural, mas não quis que tivesse a certeza sem a confirmação natural.

**10.** Mas sobre isto, é de admirar muito mais o que aconteceu com Moisés.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Com muitos argumentos, Deus mandou-o libertar os filhos de Israel. Confirmou-os com os sinais do cajado convertido em serpente e da mão leprosa. Sentia-se sem coragem e confundido com esta ida. Embora Deus se tivesse irritado, nunca conseguiu ter uma fé forte para partir, até que Deus o fortaleceu através do seu irmão Aarão, dizendo: *Aaron frater tuus Levites seio quod eloquens sit: ecce ipse egredietur in occursum tuum, vidensque te, laetabitur corde. Loquere ad eum, et pane verba mea in ore eius, et ego ero in ore tu o, et in ore illius, etc.* Que é corno se dissesse: *Eu sei que o teu irmão Aarão, o levita, é homem eloquente. E ei-lo que sai ao teu encontro! Logo que te vir, alegrar-se-á no seu coração.*

*Falar-lhe-ás e porás as minhas palavras na boca dele. E Eu estarei com a tua boca e com a boca dele* (Ex 4, 14-15) para que um acredite pela boca do outro.

**11.** Quando ouviu estas palavras, Moisés animou-se logo com a esperança da satisfação do conselho que iria receber do seu irmão. Isto é próprio da alma humilde: não se atreve a comunicar sozinha com Deus, nem se satisfaz totalmente sem a orientação e o conselho humano. Também esta é a vontade de Deus, porque Ele une-se aos que se juntam para examinar a verdade segundo a razão natural para a clarificar e confirmar neles. Foi o que prometeu a Moisés e Aarão: *Eu estarei com a tua boca e com a boca dele.* Por isso, também afirmou no Evangelho: *Ubi fuerint duo vel tres congrega/i in nomine meo, ibi sum ego in media eorum.*

Quer dizer: *Onde dois ou três estiverem reunidos para examinar o que dá mais honra e glória ao Meu nome, Eu lá estou no meio deles* (Mt 18, 20), para esclarecer e confirmar nos seus corações as verdades de Deus.

Repare-se que não disse: Onde estiver um sozinho, eu estou ali; mas pelo menos dois. Assim, mostra corno Deus não quer que ninguém acredite sozinho nas coisas que julga serem de Deus, nem se conforme ou se agarre a elas sem a Igreja ou os seus ministros. Se estiver só, Deus não o esclarece nem lhe confirma a verdade no coração. Portanto, ficará frouxo e fraco na verdade.

**12.** É isto que o *Eclesiastes* enaltece: *Vae soli, qui cum ceciderit, non habet sublevdntem se. Si dormierint duo, fovebuntur mutuo: unus quomodo calefiet? et si quispiam praevaluerit contra unum, duo resistente ei* (Ecl 4, 10-12). Quer dizer: *Ai do solitário que cai: não tem outro para o levantar! E se dormirem dois juntos, um aquecerá o outro com o calor de Deus que está no meio deles, mas um sozinho como se poderá aquecer?* Quer dizer, corno não há-de ficar frio nas coisas de Deus? *Se um só é oprimido pelo demónio, que tem poder e prevalece contra os que se querem haver sozinhos nas coisas de Deus, dois já lhe conseguem resistir*, ou seja, o discípulo e o mestre que se juntam para conhecer e praticar a verdade. E, enquanto não se juntam, geralmente quem está só sente-se frouxo e fraco na verdade, por muito que a tenha ouvido de Deus.

Foi o que aconteceu com S. Paulo: embora há muito tempo pregasse o Evangelho que, como diz, tinha recebido de Deus e não dos homens, não descansou



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sem o certificar com S. Pedro e os Apóstolos, dizendo: *Ne forte in vanum currerem, aut cucurrissem* (Gl 2, 2). Quer dizer: *Para não me arriscar a correr ou ter corrido em vão*. Não se sentiu seguro até receber a confirmação humana.

Que coisa maravilhosa, Paulo! Então Quem te revelou esse Evangelho não podia revelar-te também a certeza do erro que poderias cometer na pregação da Sua verdade?

**13.** Por aqui se mostra claramente como não há que ter certezas nas coisas que Deus revela, se não for pela ordem que vamos expondo. Porque, embora a pessoa esteja certa de que a revelação é de Deus, como certo estava S. Paulo do Evangelho que já havia começado a pregar, todavia pode enganar-se no modo como a compreende ou transmite.

Deus pode dizer uma coisa, mas nem sempre diz a outra. Muitas vezes diz uma coisa, mas não o modo de a fazer. Porque, geralmente, tudo o que se pode fazer pela competência e conselho humano, Ele não o faz nem o diz. Mesmo no caso de haver há longo tempo uma comunicação muito afável com a alma. S. Paulo sabia isto muito bem, pois, apesar de saber que o Evangelho lhe tinha sido revelado por Deus, foi certifi-cá-lo.

Isto constata-se perfeitamente no *Êxodo* (Ex 18, 21-22). Deus falava muito familiarmente com Moisés, mas nunca lhe tinha dado o conselho tão salutar do seu sogro Jetro: que elege-se outros juizes para o ajudar e, assim, o povo não ficava à espera desde a manhã até à noite. Deus aprovou tal conselho, mas não lho havia dado porque era algo que se compreendia pela razão e pelo discernimento humano. Deus não costuma esclarecer as visões, revelações e locuções de Deus, porque, na medida do possível, quer que sempre se valham deste discernimento humano.

Deverão ser todas pautadas por ele, excepto as da fé, porque excedem qualquer discernimento e razão, embora não vão contra ela.

**14.** Mas ninguém pense que, pelo facto de Deus e os santos conversarem muitas coisas familiarmente com ele, tinham de lhe dizer os erros cometidas nalguma coisa, podendo conhecê-los por outra via. Não há que se fiar disso, pois vemos o que aconteceu com S. Pedro nos *Actos dos Apóstolos*: Apesar de ser príncipe da Igreja e imediatamente ensinado por Deus, agia mal em relação a certo acto que realizava com os gentios.

Deus calava-se. Até que S. Paulo teve de o repreender, dizendo: *Cum vidissem, quod non recte ad veritatem Evangelii ambularent, dixi Cephae coram omnibus: Si tu iudaeus cum sis, gentiliter vivis, quomodo gentes cogis iudaizare?* Quer dizer: *Quando vi, diz S. Paulo, que não procediam correctamente, de acordo com a verdade do Evangelho, disse a Cefas diante de todos: Se tu, sendo judeu, vives segundo os costumes gentios e não judaicos, como te atreves a forçar os gentios a viver como judeus?* (Gl 2, 14). Deus, por Si, não advertia S. Pedro para essa falta, porque tal simulação via-se com a razão: Ele podia conhecê-la por via racional.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**15.** Por isso, no dia do Juízo, Deus castigará as faltas e os pecados de muitos com quem convivia frequentemente nesta vida e a quem tinha dado muita luz e virtude. Fiam-se na convivência e na virtude que receberam de Deus e descuidaram o resto que sabiam que tinham de cumprir. Nessa altura ficarão admirados, como diz Cristo no Evangelho:

*Domine, Domine nonne in nomine tua prophetavimus, et in nomine tua daemonia eiecimus, et in no mine tu o virtutes multas fecimus? Quer dizer: Senhor, Senhor, não foi em Teu nome que profetizámos, em Teu nome que expulsámos os demónios e em Teu nome que fizemos muitos milagres? (Mt 7, 22).* O Senhor diz que lhes há-de responder: *Et tunc confitebor illis, quia, numquam novi vos: discedite a me omnes qui operamini iniquitatem.* Quer dizer: *Nunca vos conheci; afastai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade (Jb, 7, 23).*

O profeta Balaão e outros parecidos pertenciam a estes, porque, apesar de Deus falar com eles e conceder-lhes graças, eram pecadores. Mas o Senhor também repreenderá os seus escolhidos e amigos, com quem nesta vida se relacionou familiarmente, pelas faltas e omissões que tiverem cometido. Não era preciso que Deus os avisasse, pois já o havia feito pela lei e razão natural com que os dotou.

**16.** Resumindo e *concluindo* esta parte: qualquer coisa que a alma receba por via sobrenatural, qualquer que seja o seu modo, há-de comunicá-la logo ao director espiritual de uma maneira clara, sincera, total e simples.

Pode-lhe parecer que não tem por que dar contas nem perder tempo com isso, pois basta rejeitá-lo, não lhe fazer caso, nem o querer para ficar descansada (sobretudo quando se trata de visões, revelações ou outras comunicações sobrenaturais, as quais ou são claras ou pouco importa que o sejam ou não). No entanto, embora pareça à alma que não há motivo para tal, é muito necessário contar tudo.

E isto por três razões: *A primeira*, porque Deus, como dissemos, comunica muitas coisas cujo efeito, força, luz e certeza não confirma totalmente na alma enquanto ela não as comunicar a quem Deus lhe deu como juiz espiritual.

E ele que tem poder para a atar ou desatar, aprovar ou censurar, como já dissemos e demonstrámos pelos textos acima citadas e comprovamos todos os dias pela experiência. Sabemos que as almas humildes que passam por estas coisas, depois de as tratarem com quem devem, ficam com outra alegria, força, luz e segurança. E tanto assim é que algumas julgam que, enquanto não o comunicam, aquilo não é delas, nem coisa sua. Parece que o estão a receber pela primeira vez.

**17.** *A segunda*, porque, habitualmente, a alma precisa de doutrina sobre as coisas que lhe acontecem, que a encaminhe por essa via à desnudez e pobreza espiritual, que é a *noite escura*. Se esta doutrina lhe for faltando, uma vez que a alma não quer tais coisas, sem se dar conta, vai-se endurecendo na vida espiritual e afeiçoando-se à dos sentidos que, em parte, é onde sente essas coisas extraordinárias.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**18.** *A terceira*, porque, para a humildade, docilidade e mortificação da alma, convém dizer tudo, mesmo que não lhe dê importância ou qualquer valor. Algumas almas penam muito para dizer essas coisas, pois parece-lhes que não valem nada e não sabem como as receberá a pessoa a quem as hão-de dizer. Têm pouca humildade, e, por isso mesmo, precisam de submeter-se a contá-las. Outras há que têm muita vergonha em falar delas, para que não julguem que têm coisas que parecem de santos.

E porque, ao falar nelas, sentem outras coisas às quais não dão qualquer importância; por isso, julgam que não há motivo para as dizer. Pela mesma razão, é conveniente que se mortifiquem e as contem até se tornarem humildes, dóceis e dispostas para o fazer, porque depois falarão delas sem nenhuma dificuldade.

**19.** No entanto, sobre isto é preciso lembrar o seguinte: apesar de termos insistido muito para que se rejeitem essas coisas e que os confessores não orientem as almas para falar delas, convém que os directores espirituais mostrem que não lhes são insensíveis, nem as ignoram ou desprezam.

Se o fizessem, estariam a dar-lhes ocasião para se retraírem e não se atreverem a manifestá-las. Seria fechar-lhes a porta para não falar nelas.

Isto traria muitos inconvenientes, porque, como dissemos, se elas são um meio e um modo por onde Deus leva tais almas, não há por que estar contra, nem se assustar ou escandalizar com isso. Pelo contrário, com muita benignidade e paciência, é preciso proporcionar-lhes coragem e oportunidade para falarem; e, se necessário for, pô-lo sob preceito. Às vezes, com a dificuldade que certas almas sentem em abordar o assunto, tudo é preciso.

Guiem-nas na fé, ensinando-lhes, com bondade, a não se fixarem nessas coisas. Dêem-lhes doutrina para que saibam libertar o apetite e o espírito dessas coisas e possam seguir em frente. Façam-nas compreender como uma obra ou acto de vontade feito em caridade tem mais valor diante de Deus do que todas as visões, revelações e comunicações que lhes possam vir do céu. Porque estas nem merecem nem desmerecem.

Façam-nas compreender como há almas que nunca sentiram nada disso e estão incomparavelmente muito mais adiantadas do que outras que têm muitas.

### CAPÍTULO 23

*Começa-se a falar das apreensões do entendimento que se dão puramente por via sobrenatural.*

*Diz o que são.*

**1.** Apesar da doutrina apresentada, sobre as apreensões que chegam ao entendimento pela via dos sentidos, ter sido muito breve em comparação com o que havia para dizer, não me quis alongar mais a falar delas. E, para concretizar o fim a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que me propus, que é desligar delas o entendimento e guiá-lo para a *noite* da fé, penso que me alarguei demasiado.

Portanto, começarei por falar agora das outras quatro apreensões do entendimento que, como dissemos no capítulo 10, são puramente espirituais: *visões, revelações, locuções e sentimentos espirituais*.

Chamamo-las simplesmente espirituais porque, ao contrário das corporais imaginárias, não se comunicam ao entendimento pela via dos sentidos corporais. Sem a ajuda de qualquer sentido corporal exterior ou interior, chegam passivamente ao entendimento pela via sobrenatural, clara e distintamente, sem que a alma tenha de fazer activamente qualquer acto ou exercício da sua parte.

**2.** Falando duma maneira ampla e geral, estas quatro apreensões podem-se chamar visões da alma, porque ao entendimento da alma também chamamos o ver da alma. Todas elas são inteligíveis ao entendimento, por isso podemos dizer que são espiritualmente visíveis. As percepções que delas se formam no entendimento, podemos chamar visões intelectuais.

Por isso, todos os objectos dos demais sentidos, como seja tudo o que se pode ver, tudo o que se pode ouvir, tudo o que se pode cheirar, saborear e tocar, são objecto do entendimento na medida em que se conhece a sua verdade ou falsidade. Assim como aos olhos corporais tudo o que é visível corporalmente lhes causa visão corporal, assim também aos olhos espirituais da alma, que é o entendimento, tudo o que é inteligível, lhe causa visão espiritual; pois, como dissemos, entender é ver.

Desta maneira e de um modo geral, podemos chamar visões a estas quatro apreensões. O mesmo não acontece com os outros sentidos, porque um não pode receber o objecto do outro enquanto tal.

**3.** Estas apreensões apresentam-se à alma como aos outros sentidos. É por isso que, especificamente, àquilo que o entendimento recebe como se visse chamamos *visão*. Assim como os olhos podem ver corporalmente as coisas, assim o entendimento as pode ver espiritualmente. Ao que recebe como se apreendesse ou entendesse coisas novas, tal como se o ouvido escutasse coisas nunca ouvidas, chamamos *revelação*. Àquilo que recebe como se ouvisse chamamos *locução*.

Àquilo que recebe ao modo dos demais sentidos, como seja a inteligência de suave odor, sabor e deleite espirituais que a alma pode gostar sobrenaturalmente, chamamos *sentimentos espirituais*. O entendimento adquire de tudo isto uma inteligência ou visão espiritual, sem qualquer apreensão de forma, imagem ou figura da imaginação ou fantasia natural, porque imediatamente estas coisas se comunicam à alma por acção e meio sobrenatural.

**4.** Também destas, tal como fizemos com as apreensões corporais imaginárias, convém desembaraçar o entendimento, encaminhando-o e guiando-o por elas na *noite espiritual da fé* à divina e substancial união com Deus. É preciso que não se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

enrede nem endureça nelas, para não impedir o caminho da solidão e desprendimento de todas as coisas, que para isto se requer. Ainda que estas apreensões sejam mais nobres, mais úteis e mais seguras do que as corporais imaginárias -porque já são interiores e puramente espirituais, e a quem menos pode chegar o demónio, porque se comunicam mais pura e subtilmente à alma sem que ela ou a imaginação tenham de fazer activamente nada -, o entendimento poderia não só estancar no caminho da união, como ainda ser muito enganado devido ao seu pouco cuidado.

5. De certa maneira, com estes quatro modos de apreensões, já poderíamos concluir. Bastava repetir sobre elas o conselho que temos dado para as outras: que nem se pretendam nem se admitam. Mas, como ainda se dará mais luz para o fazer e se dirão mais coisas sobre elas, é bom falar de cada uma em particular. Falemos, então, das primeiras, que são as visões espirituais ou intelectuais.

### CAPÍTULO 24

*Fala das duas espécies de visões espirituais que se dão por via sobrenatural.*

1. Falemos agora mais especificamente das visões espirituais que se recebem no entendimento sem a mediação dos sentidos corporais. Estas visões são de duas espécies: umas de *substâncias corpóreas*, outras de *substâncias separadas ou incorpóreas*.

As *corpóreas* são todas as coisas materiais que há no céu e na terra. A alma pode vê-las estando ainda no corpo, através dalguma luz sobrenatural emanada de Deus. Através dela pode ver todas as coisas ausentes, tanto as do céu como as da terra, como viu S. João no capítulo 21 do *Apocalipse*, onde descreve a magnificência da Jerusalém celeste que veio do céu. O mesmo se diz de S. Bento que, numa visão espiritual, viu o mundo inteiro. No primeiro livro dos seus *Quodlibetos*, S. Tomás diz que esta visão se deu na luz vinda do alto, como dissemos.

2. As outras visões, que são de *substâncias incorpóreas*, não se podem ver com esta luz emanada do alto, mas com outra mais excelsa que se chama luz de glória. Estas visões de substâncias incorpóreas, por exemplo anjos e almas, não são desta vida nem podem ser vistas em corpo mortal. Se Deus as quisesse comunicar à alma, na sua essência tal como são, imediatamente se separaria da carne e se desprenderia da vida mortal. Foi por isso que Deus disse a Moisés, quando este lhe pediu que lhe mostrasse a sua essência: *Non videbit me homo, et vivet*.

Quer dizer: *O homem não pode ver-me e continuar a viver* (Ex 33, 20).

Por isso, quando os filhos de Israel pensavam que tinham de ver a Deus, que O tinham visto ou a algum anjo, receavam morrer. É o que se lê no *Êxodo* onde, cheios de medo, disseram: *Non loquatur nobis Dominus, ne forte moriamur*. É como se dissessem: *Que Deus não nos fale, para que não morramos* (Ex 20, 19). Também no

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Livro dos *Juízes* (Jz 13, 22), Manoé, pai de Sansão, julgando que tinha visto essencialmente o anjo que falava consigo e sua esposa, pois havia-lhes aparecido na figura de um homem muito bonito, disse à sua esposa: *Morte moriemur, quia vidimus Dominum*. Quer dizer: *Vamos morrer, porque vimos o Senhor*.

**3.** É raro estas visões acontecerem nesta vida, a não ser uma vez por outra e de passagem. Deus, dispensando ou conservando a condição natural, retira totalmente dela o espírito, fazendo com que a natureza da alma se separe do corpo. S. Paulo, de quem se crê que viu as substâncias separadas no terceiro céu, diz: *Sive in corpore nescio, sive extra corpus nescio; Deus scit* (2 Cor 12, 2). Ele diz que foi arrebatado até ao terceiro céu e *ignora se o que viu foi no corpo ou fora do corpo; só Deus o sabe*.

Por aqui se vê claramente que transpôs a vida natural, do modo que Deus entendeu. Também quando, segundo se crê, Deus mostrou a sua essência a Moisés, disse-lhe que o colocaria na cavidade do rochedo e o cobriria com a mão direita para que não morresse quando a sua glória passasse. E, porque esta manifestação era de passagem, protegia com a mão direita a vida natural de Moisés (Ex 33, 22). Mas as visões tão substanciais, como são as de S. Paulo, as de Moisés e as do nosso Pai Elias quando cobriu o rosto ao ouvir o suave murmúrio de Deus (3 Rs 19, 12-13), ainda que sejam de passagem, sucedem muito poucas vezes, ou quase nunca, e a muito poucos. Deus só o faz com os que estão muito fortes no espírito da Igreja e da lei de Deus, como estes três que acabámos de citar.

**4.** Mas, ainda que estas visões de substâncias espirituais não se possam desarmar e ver claramente nesta vida pelo entendimento, podem-se, contudo, sentir na substância da alma com suavíssimos toques e uniões.

Estes são os sentimentos espirituais dos quais, se Deus quiser, falaremos depois. É para lá que se dirige e encaminha o que escrevemos: a divina aliança e união da alma com a Substância divina. Explicaremos isto ao falar da inteligência mística, confusa e escura da qual ainda não se falou. Lá havemos de explicar como, mediante esta notícia amorosa e escura, Deus se une com a alma em tão alto e divino grau. De certo modo,-esta notícia escura e amorosa, que é a fé, serve nesta vida para a divina união, tal como a luz da glória na outra vida serve de meio para a visão clara de Deus.

**5.** Falemos agora das visões de substâncias corpóreas que se recebem espiritualmente na alma ao modo das visões corporais. Assim como os olhos vêem as coisas corporais através da luz natural, assim a alma com o entendimento, mediante a luz que emana sobrenaturalmente, como dissemos, vê interiormente essas mesmas coisas naturais e outras que Deus quer. Apenas se diferenciam no modo e na maneira de se verem as espirituais e intelectuais são muito mais claras e subtis que as corporais.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quando Deus quer conceder à alma essa graça, comunica-lhe aquela luz sobrenatural de que falámos. Através dela, com grande facilidade e clareza, vê as coisas que Deus quer, quer sejam do céu ou da terra, sem que a sua ausência ou presença seja impedimento para tal. E como se uma porta se escancarasse e visse uma luz parecida a um relâmpago numa noite escura: num instante ilumina as coisas e deixa-as ver clara e distintamente para logo, de seguida, ficar às escuras, embora as suas formas e figuras permaneçam na fantasia. É o que sucede na alma, mas de um modo muito mais perfeito.

Porque as coisas que viu com o espírito mediante aquela luz ficam-lhe de tal modo impressas que, ao lembrar-se, vê-as tal e qual como então as viu. É como um espelho: sempre que se olha para ele, vêem-se as figuras que nele se reflectem.

E aquelas formas das coisas que viu ficam de tal maneira gravadas que nunca mais se apagam totalmente na alma, embora com o passar do tempo fiquem um pouco esquecidas.

**6.** O efeito que estas visões causam na alma é de quietude, luz, júbilo de glória, suavidade, pureza, amor, humildade, e elevações do espírito para Deus. Uma vez sente-se mais numa coisa, outras vezes menos noutra. É conforme o espírito com que se recebem e como Deus quer.

**7.** Também o demónio pode causar estas visões na alma utilizando alguma luz natural. Através dela, e por sugestão espiritual, ilumina no espírito as coisas, presentes ou ausentes. É por isso que, sobre aquele texto de S. Mateus onde demónio diz a Cristo: *Ostendit omnia regna mundi et gloriam eorum*. Quer dizer: *Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória* (Mt 4, 8), alguns autores dizem que foi por sugestão espiritual que o fez, porque, com os olhos corporais, era impossível ver todos os reinos e a sua glória.

Mas, entre as visões causadas pelo demónio e as de Deus existe uma grande diferença. Os efeitos que as primeiras logram na alma não são como aqueles outros que as boas causam: em vez de bondade, humildade e amor de Deus, causam secura de espírito para com Deus, inclinação para estimar-se, admitir e dar importância a essas visões.

Nem as suas formas se gravam na alma com a suave claridade das outras, nem duram tanto corno elas. Apagam-se logo na alma, a não ser que as estime muito, porque a própria afeição faz com que, naturalmente, se lembre delas; mas é com muita secura e sem fazer o efeito de amor e humildade que as boas causam quando se lembra delas.

**8.** Estas visões, porquanto são de criaturas com as quais Deus não tem nenhuma proporção nem afinidade essencial, não podem servir de meio próximo ao entendimento para se unir com Deus. Por isso, o que convém à alma nelas é a negação pura, tal corno nas outras que referimos, para avançar pelo meio próximo,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

que é a fé. Das formas destas visões que em si ficam impressas, a alma não há-de fazer arquivo nem tesouro, nem se apoiar nelas. Com as formas, imagens e figuras recebidas no interior, estaria a enredar-se e não avançaria para Deus negando tudo.

E, ainda que essas formas se lhe representem sempre, se a alma não fizer caso delas, não a estorvarão muito. É verdade que o lembrar-se delas estimula a alma a um certo amor e contemplação de Deus; mas, negando tudo, muito mais a incita e levanta à pura fé e desnudez, sem que a alma saiba como nem donde lhe vem.

Assim, a alma ver-se-á inflamada com ânsias de amor muito puro de Deus sem saber donde vieram ou que fundamento tiveram. O que aconteceu foi o seguinte: assim como a fé se enraizou e infundiu mais na alma por meio daquele vazio, escuridão, ausência de todas as coisas ou pobreza espiritual, pois é dizer o mesmo, assim também, juntamente com ela, se enraíza e infunde mais a caridade de Deus.

Quanto mais a alma se quiser obscurecer e aniquilar nas coisas exteriores e interiores que possa receber, tanto mais se inunda de fé, de esperança e de amor, porquanto estas três virtudes teológicas andam sempre juntas.

**9.** Às vezes a pessoa não compreende este amor, nem o sente, porque ele não se fixa com ternura nos sentidos. Este amor habita a alma com mais força, vigor e audácia do que antes, embora às vezes se faça sentir nos sentidos, mostrando-se terno e afável. Portanto, para chegar àquele amor, alegria e gozo que estas visões dão à alma, conviria que ela tivesse força, juntamente com mortificação e amor, querendo ficar no vazio e às escuras de tudo aquilo, para fundar a sua alegria e amor no que não vê, nem sente, nem pode ver nem sentir nesta vida, que é Deus.

Ele é incompreensível e está acima de tudo. É por isso que nos convém avançar para Ele negando tudo. Se assim não for, estas visões, apesar da alma ser tão sagaz, humilde e forte que o demónio não a consegue enganar com elas nem fazer cair nalguma presunção, como costuma fazer, não deixarão de impedir a alma de avançar, porque impedem a desnudez espiritual, a pobreza de espírito e o vazio em fé, que são os requisitos para a união com Deus.

**10.** E, como para estas visões também serve a doutrina que oferecemos nos capítulos 19 e 20 acerca das visões e apreensões sobrenaturais dos sentidos, não perdemos aqui mais tempo a explicá-las.

## CAPÍTULO 25

*Fala das revelações. Diz o que são e faz uma distinção.*

**1.** Pela ordem que seguimos, temos de falar agora da segunda espécie de apreensões espirituais, que designámos antes com o nome de *revelações*. Propriamente elas pertencem ao espírito de profecia.

Sobre isto, convém lembrar em primeiro lugar que revelação não é outra coisa senão a descoberta de alguma verdade oculta ou a manifestação de algum segredo ou



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mistério. É como se Deus ensinasse alguma coisa à alma, revelando a sua verdade ao entendimento ou manifestasse à alma algumas coisas que Ele fez, faz ou pensa fazer.

**2.** Segundo isto, podemos dizer que há duas espécies de revelações: umas, que são descobrimento de verdades ao entendimento, chamam-se propriamente *notícias intelectuais* ou inteligências; outras, que são manifestação de segredos, chamam-se, ainda mais *propriamente* do que as outras, *revelações*. As primeiras, em rigor, não são revelações, pois Deus, por meio delas, dá a entender à alma, de forma clara e evidente, as verdades puras, tanto de coisas temporais como espirituais.

No entanto, quis falar delas com o nome de revelações por duas razões: em primeiro lugar, porque são muito próximas e parecidas entre si; em segundo lugar, para não complicar a divisão com mais nomes.

**3.** Sendo assim, podemos dividir as revelações em dois géneros de apreensões: a um chamaremos *notícias intelectuais*; e ao outro *manifestação de segredos* e mistérios escondidos em Deus. Falaremos delas nos dois capítulos a seguir, resumindo-as o mais que pudermos. Começemos pelo primeiro dos géneros.

### CAPÍTULO 26

*Fala-se das notícias intelectuais de verdades puras no entendimento.*

*Diz que são de duas espécies e indica o modo como a alma há-de agir com elas.*

**1.** Para falar propriamente destas notícias intelectuais de puras verdades que se oferecem ao entendimento, era preciso que Deus me pegasse na mão e escrevesse. Porque, caro leitor, o que elas são para a alma excede todas as palavras.

O meu intento aqui não é falar propriamente delas, mas só enquanto servem para instruir a alma e encaminhá-la para a divina união. Por isso tolera-se que as mencione aqui, e fale brevemente delas conforme for necessário a esse intento.

**2.** Esta espécie de visões, ou melhor, de notícias de verdades puras, é muito diferente daquela que vimos no capítulo 24, pois não se trata de ver as coisas corporais com o entendimento. Trata-se de compreender e ver com o entendimento verdades de Deus ou das coisas que existem, existiram ou hão-de existir. Isto é muito parecido ao espírito de profecia, como talvez se explicará mais à frente.

**3.** Repare-se que esta classe de *notícias* distingue-se das visões por *duas maneiras*: umas arribam à alma *acerca do Criador*, outras *acerca das criaturas*, como dissemos. Ambas são muito aprazíveis à alma, mas as de Deus produzem-lhe uma felicidade tão grande que não há nada a que se possa comparar, nem palavras ou termos para a expressar, porque são notícias e felicidade do próprio Deus.

Como diz David, *não há nada que se Lhe possa comparar!* (Sl 39, 6). Como estas notícias são directamente acerca de Deus, a alma sente de modo altíssimo

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

algum atributo de Deus, quer seja da Sua onipotência e fortaleza, quer seja da Sua bondade e doçura, etc. E cada vez que isso sente, fica-lhe cravado na alma. Tratando-se de pura contemplação, a alma vê claramente que é impossível dizer alguma coisa. As almas a quem isto acontece só conseguem exprimir em termos gerais a grande felicidade e o bem que lá sentiram. Mas com eles não se chega a compreender o que a alma ali saboreou e sentiu.

**4.** Quando uma coisa parecida aconteceu a David, ele apenas falou dela em termos comuns e gerais: *Judicia Domini vera, iustificata in semetipsa. Desiderabilia super aurum et lapidem pretiosum multum, et dulciora super mel et favum.* Quer dizer: *Os juízos do Senhor, isto é, as virtudes e atributos que sentimos em Deus, são verdadeiros, todos eles são rectos, mais preciosos que o ouro, o ouro mais fino, mais doces que o mel, o puro mel dos favos* (Sl 18, 10-11).

E de Moisés lemos que, numa altíssima notícia que Deus lhe deu da Sua divina Majestade ao passar diante dele, só disse o que se podia dizer em termos gerais. Aconteceu que naquela notícia o Senhor passou à sua frente. Moisés prostrou-se de repente por terra, e disse: *Dominator Domine Deus, misericors et clemens, patiens et multae miserationis ac verax. Qui custodis misericordiam in millia, etc.* Quer dizer: *Imperador, Senhor Deus, misericordioso e clemente, paciente, cheio de misericórdia e fidelidade, que guardas a misericórdia até à milésima geração, etc.*, (Ex 34, 5-8). Por aqui se vê que, não podendo Moisés manifestar de forma clara o que conheceu em Deus numa só notícia, disse-o e extravasou com todas aquelas palavras.

Ainda que, por vezes, se digam palavras nessas notícias, a alma sabe muito bem que não disse nada do que sentiu, pois não encontra um nome apropriado para o dizer. S. Paulo, quando ouviu aquela altíssima notícia de Deus, não tratou de explicar nada, mas apenas afirmar que não é lícito ao homem falar dela (2 Cor, 12, 4).

**5.** Estas notícias divinas acerca de Deus nunca podem ser de coisas concretas, porque são acerca do Sumo Princípio. Assim, também não se podem dizer de forma concreta, a não ser alguma verdade de coisa inferior a Deus que se misturasse com elas. Para esta, talvez haja alguma maneira de a dizer; mas, para as outras, nunca. Só a alma que chega à união com Deus pode receber estas notícias sublimes, porque elas mesmas são a união. Recebê-las significa que se dá na alma um certo toque da Divindade, por isso é o próprio Deus que ali é sentido e saboreado. Ainda que não seja de forma tão clara e evidente como na glória, o toque de notícia e sabor que inunda a substância da alma é tão alto e subido que o demónio não pode intrometer-se nem causar outro igual, porque não há nada que se lhe compare. Também não pode infundir sabor e satisfação iguais, porque aquelas notícias sabem a essência divina e a vida eterna e o demónio não pode imitar coisa tão sublime.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**6.** Contudo, o diabo poderia fazer um arremedo, apresentando aos sentidos da alma grandezas e exuberâncias, pretendendo persuadi-la de que aquilo é Deus; mas nunca de maneira que entrassem na substância da alma para a renovar e enamorar repentinamente, como fazem as de Deus. Algumas das notícias e toques que Deus faz na substância da alma enriquecem-na de tal maneira que basta apenas uma para lhe acabar com todas as imperfeições das quais não conseguiu libertar-se na sua vida; além disso, enche-a de virtudes e bens de Deus.

**7.** Estes toques são tão saborosos e agradáveis para a alma, que bastaria um deles para lhe pagar os trabalhos que padeceu na sua vida, por muitos que tivessem sido; além disso, fica tão animada e cheia de brio para padecer por Deus muitas coisas, que lhe causa pena ver que padece pouco.

**8.** A estas sublimes notícias a alma não pode chegar por meio de qualquer comparação ou imaginação sua. Elas estão acima de tudo isso. É Deus que as opera sem qualquer habilidade da alma. Por vezes, quando ela menos pensa ou espera, Deus costuma fazer estes toques divinos na alma, causando-lhe certas recordações de Deus. Recordações que de repente lhe advêm só por se lembrar de algumas coisas, às vezes tão insignificantes. Estes toques são de tal maneira sensíveis que por vezes fazem estremecer o corpo e a alma. Mas outras vezes acontecem no espírito sossegado sem qualquer convulsão, com inesperado sentimento de satisfação e refrigério no espírito.

**9.** Outras vezes, isto acontece nalguma palavra que dizem ou ouvem dizer da Sagrada Escritura, ou de outra coisa. Não são sempre da mesma eficácia e sentimento, porque, muitas vezes, são demasiado brandos; mas, por muito que o sejam, vale mais uma destas notícias e toques de Deus para a alma do que muitas outras notícias e considerações das criaturas e obras de Deus.

E porquanto estas notícias se dão de repente à alma e sem o seu arbítrio, a alma não tem de fazer nada para as querer ou não, pois nestes casos basta que se mostre humilde e resignada para com elas. Deus fará a sua obra como e quando quiser.

**10.** Não digo para a alma negar estas notícias como as demais apreensões, porque, como dissemos, fazem parte da união para a qual vamos encaminhando a alma. Foi para isso que a ensinamos a despojar-se e libertar-se de todas as outras. E o meio para que Deus as conceda há-de ser a humildade e o querer padecer por amor de Deus, renunciando a qualquer recompensa.

Estas mercês não se fazem à alma gananciosa, porquanto são feitas no imenso amor que Deus tem a essa alma e porque a alma também O ama despreziosamente. Foi o que o Filho de Deus quis dizer por S. João: *Qui autem diligit me, diligitur a Patre meo, et ego diligam eum, et manifestabo ei meipsum.* Que quer dizer: *Quem Me ama será amado por Meu Pai, e Eu o amarei e Me hei-de*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*manifestar a ele* (Jo 14, 21). É aqui que se incluem as notícias e os toques de que estamos a falar. Deus manifesta-as à alma que se aproxima d'Ele e O ama verdadeiramente.

**11.** A segunda espécie de notícias ou visões de verdades interiores é muito diferente destas que acabámos de referir, porque é de coisas inferiores a Deus. Elas encerram o conhecimento da verdade das coisas em si e o conhecimento dos factos e casos que vão sucedendo entre os homens. Este conhecimento é de tal ordem que, quando a alma conhece estas verdades sem que ninguém lhe diga nada, elas gravam-se profundamente dentro de si. E ainda que lhe digam outra coisa, não a pode consentir interiormente, por maior esforço que faça. Naquele momento o espírito está a conhecer outra coisa através dessa à qual o espírito está atento; e isto para ela é claro. Estamos a falar do espírito de profecia e daquela graça que S. Paulo chama dom do *discernimento de espíritos* (1 Cor 12, 10).

Contudo, apesar da alma considerar o que entende por muito certo e verdadeiro, como dissemos, e sem que tenha de ignorar o consentimento interior passivo, há-de crer e aceitar com a razão aquilo que o seu mestre espiritual lhe disser e mandar, mesmo que seja bem ao contrário do que sente. É assim; em fé, que se há-de encaminhar a alma para a divina união; há-de ir mais pelo caminho do crer do que pelo do entender.

**12.** De ambas as coisas temos exemplos claros na Sagrada Escritura.

Acerca do conhecimento espiritual que se pode ter nas coisas, diz o Sábio: *Ipse dedit mihi horum quae sunt scientiam veram, ut sciam dispositionem orbis terrarum, et virtutes elementorum, initium et consummationem temporum, vicissitudinum permutationes, et consummationes temporum et morum mutationes, divisiones temporum, et anni cursus, et stellarum dispositiones, naturas animalium et iras bestiarum, vim ventorum, et cogitationes hominum, differentias virgultorum, et virtutes radicum, et quaecumque sunt abscondita, et improvisa didici: omnium enim artifex docuit me sapientia.* Quer dizer: *Foi Ele quem me deu a verdadeira ciência das coisas para conhecer a estrutura do universo e a propriedade dos elementos: o princípio, o fim e o meio dos tempos, a alternância dos solstícios e a sucessão das estações, os ciclos do ano e as posições dos astros, a natureza dos animais e os instintos das feras, o poder dos espíritos e os pensamentos dos homens, a variedade das plantas e as virtudes das raízes. Conheci tudo o que está oculto ou manifesto, pois a Sabedoria, artífice de tudo, mo ensinou* (Sb 7, 17-2.1). Embora esta notícia acerca de todas as coisas, que o Sábio diz que Deus lhe deu, fosse infusa e geral, este texto prova à saciedade que Deus tudo infunde nas almas particularmente, por via sobrenatural, quando quer. Não lhes concede o hábito universal de ciência, como deu a Salomão nas coisas mencionadas, mas esclarecendo-lhes, às vezes, algumas verdades dessas coisas que o Sábio aqui enumera.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É verdade que nosso Senhor infunde em muitas almas hábitos de ciência acerca de muitas coisas, embora não tão universais como o de Salomão, bem como essa diversidade de dons que Deus reparte. Dentre eles S. Paulo enumera a *sabedoria, a ciência, a fé, a profecia, o discernimento dos espíritos, a variedade das línguas, a interpretação das línguas, etc.* (1 Cor12, 8-10). Todas estas notícias são hábitos infusos que Deus, natural ou sobrenaturalmente, dá gratuitamente a quem quer. *Naturalmente*, como a Balaão, a outros profetas infiéis e a muitas profetisas a quem deu o espírito de profecia; *sobrenaturalmente*, como aos santos profetas, apóstolos e outros santos.

**13.** Além destes hábitos ou graças *gratis datas*, também afirmamos que as pessoas perfeitas ou aproveitadas costumam habitualmente ter luz e notícia das coisas presentes e ausentes, pois conhecem através do seu espírito que já está iluminado e purificado. A este propósito podemos ler esta passagem dos *Provérbios* (Pr 27, 19): *Quomodo in aquis resplendent vultus prospicientium, sic corda hominum manifesta sunt prudentibus.* Quer dizer: *Assim como a água reflecte o rosto de quem nela se vê, assim os corações dos homens se manifestam aos prudentes*, aos que têm a sabedoria dos santos, à qual a Sagrada Escritura chama prudência.

É deste modo que estes espíritos, por vezes, conhecem outras coisas, embora nem sempre quando querem, pois isso é próprio dos que têm o hábito de ciência; e, mesmo esses, nem sempre sabem tudo, mas só na medida em que Deus os quer ajudar.

**14.** Os que têm o espírito purificado podem conhecer naturalmente, com muita facilidade, mais uns do que outros, o que existe no coração ou espírito interior. As inclinações e talentos das pessoas conhecem-se através de pequenos indícios exteriores, como sejam palavras, movimentos ou outros sinais. Se o demónio, que é espírito, pode conhecer isto, também o pode intuir o homem espiritual, como diz o Apóstolo: *Spiritalis aute iudicat omnia. O homem espiritual julga todas as coisas* (1 Cor 2, 15).

E noutro lugar: *Spiritus enim omnia scrutatur, etiam profunda Dei. Pois o espírito tudo penetra, até as profundidades de Deus* (Ib., 10). Embora os espirituais não possam conhecer naturalmente os pensamentos ou o que existe no interior, podem-no compreender muito bem pela luz sobrenatural ou pelos sinais. E ainda que se possam enganar muitas vezes no conhecimento por sinais, acertam quase sempre. Mas o melhor é não se fiar nem numa coisa nem noutra, porque o demónio intromete-se nelas com muita facilidade e subtileza, como explicaremos depois. É por isso que nunca se deve fazer caso destes conhecimentos e notícias.

**15.** Também os espirituais, mesmo que estejam ausentes, podem saber dos acontecimentos e casos da vida dos homens. Disso nos dá testemunho e exemplo o

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Quarto Livro dos Reis* (5, 26): 122 Guiezi, servo do nosso pai Eliseu,<sup>123</sup> tenta esconder-lhe o dinheiro que tinha recebido de Nalunã Siro.

Disse-lhe Eliseu: *Nonne cor meum in praesent erat, quando reversus est homo de curru suo ín occursum tu i? Acaso não estava presente o meu espírito quando Naamã saltou do seu carro ao teu encontro?* Este caso dá-se espiritualmente, porque o viu com o espírito como se estivesse presente.

Também neste mesmo livro lemos que Eliseu, sabendo tudo o que o rei da Síria combinava em segredo com os seus príncipes, transmitia-o ao rei de Israel e, assim, os seus planos eram desfeitos. O rei da Síria, vendo que tudo se sabia, disse à sua gente: Não me descobrireis qual dos nossos nos tem atraído junto do rei de Israel?

Um dos seus servos respondeu: *Nequaquam, domine mi rex, sed Eliseus propheta, qui est in Israel indicat regi Israel omnia verba quaecumque locutus fueris in cone/avi tuo. Não foi ninguém, ó rei, meu senhor; é o profeta Eliseu que conta ao rei de Israel os planos que fazes na tua própria alcova* (4 Rs 6, 11-12).

**16.** Estas duas espécies de notícias acerca destas coisas, tal como de outras, dão-se passivamente na alma sem ela fazer nada para isso. Até pode suceder que, estando a pessoa bastante distraída e distante, lhe caia no espírito o conhecimento vivo do que ouve ou lê, com muito mais clareza do que o som da palavra. E, por vezes, ainda que não entenda as palavras em latim, porque o desconhece, apresenta-se-lhe a notícia delas mesmo sem as entender.

**17.** Acerca dos enganamentos que o demónio pode fazer e faz com esta espécie de notícias e conhecimentos haveria muito para dizer. Os enganamentos que faz através desta maneira são grandes e muito camuflados. Ele pode, *por sugestão*, representar à alma muitas notícias intelectuais e dar-lhes tal firmeza que a alma julga não existir outra coisa. Se a alma não for humilde e cautelosa, certamente que a levará a acreditar em mil mentiras.

Por vezes a sugestão exerce muita força na alma, sobretudo quando se expande à fraqueza dos sentidos. Ela faz com que a notícia se lhe apegue com tanto vigor, persuasão e firmeza, que a alma precisa de muita oração e força para a expulsar. Às vezes costuma o diabo representar, falsamente e com intensa luz, pecados alheios, más consciências, almas más. O que ele quer é difamar e divulgar tudo aquilo para que se cometam pecados, suscitando na alma o zelo de que faz isso para que os encomende a Deus.

É verdade que Deus, às vezes, representa às santas almas necessidades do seu próximo para que as encomendem a Deus ou lhes dêem remédio. Por exemplo, revelou a Jeremias a fraqueza do profeta Baruc para que o instrísse acerca dela (Jr 45, 3). Porém, muitas vezes quem faz isto falsamente é o demónio para induzir em infâmias, pecados e desgostos. Disto tenho eu grande experiência. Outras vezes dá outras notícias com tal firmeza que até as faz acreditar.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**18.** Todas estas notícias, quer sejam de Deus ou não, podem servir de muito pouco proveito para a alma se unir a Deus, no caso da alma querer atar-se a elas. E, se não tivesse o cuidado de as negar, além de a estorvar, causar-lhe-iam grandes danos e fariam errar muito.

Os mesmos perigos e contrariedades que dissemos poder haver nas apreensões sobrenaturais, das quais falámos até agora, podem existir nestas, ou até mais.

Portanto, uma vez que acerca delas já demos bastante doutrina, não me vou alongar mais com isto. Apenas direi à alma que tenha sempre muito cuidado em negá-las, querendo caminhar para Deus pelo não saber, e diga sempre tudo ao seu confessor ou mestre espiritual, obedecendo sempre ao que ele mandar. O director obrigue a alma a passar rapidamente por isso, não permitindo que se detenha em nada no seu caminho para a união. É preciso não esquecer que, destas coisas que se dão passivamente na alma, fica sempre nela o efeito que Deus quer, sem que a alma tenha de fazer alguma coisa para isso.

Creio que não adianta dizer agora qual o efeito que causam as verdadeiras ou as falsas, pois cansar-nos-íamos e não terminávamos. Na verdade, os seus efeitos não se podem explicar com doutrina resumida, porque, sendo estas notícias muitas e variadas, também o são os efeitos, uma vez que as boas causam os bons e as más os maus, etc.

Ao dizer que se neguem todas, fica dito o suficiente para não errar.

## CAPÍTULO 27

*Fala do segundo género de revelações, que é a manifestação de segredos e mistérios ocultos.*

*Indica o modo como podem servir ou estorvar à união com Deus, e como o demónio pode enganar muito com elas.*

**1.** O *segundo género* de revelações, dizíamos, 126 era a *manifestação de segredos e mistérios ocultos*. Pode dar-se de duas maneiras:

A *primeira*, acerca do que *Deus é em Si mesmo*, incluindo a revelação do mistério da Santíssima Trindade e a unidade de Deus.

A *segunda*, acerca do que *Deus é nas suas obras*. Nesta incluem-se os demais artigos da nossa fé católica e as proposições das verdades que explicitamente a elas se referem. Estas incluem e encerram um grande número de revelações dos profetas, das promessas e ameaças de Deus, e outras coisas que haviam e hão-de acontecer acerca deste questão da fé.

Nesta segunda maneira, podemos incluir ainda muitas coisas particulares que Deus normalmente revela acerca do universo em geral e acerca de reinos, províncias, estados, famílias e pessoas em particular.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Para, as duas coisas temos muitos exemplos na Sagrada Escritura, sobretudo nos profetas, onde encontramos revelações de todas estas maneiras. Como isto é tão claro e simples, não quero perder tempo a citá-los aqui, mas dizer apenas que estas revelações não se dão só por palavra, porque Deus realiza-as de muitos modos e maneiras: umas vezes, só por palavra; outras vezes, só por sinais, figuras, imagens e comparações; e outras vezes, pelas duas coisas ao mesmo tempo, como também se pode ver nos profetas, mas sobretudo no Apocalipse, onde se encontram os géneros de revelações que dissemos antes e os modos e maneiras que dissemos agora.

**2.** Destas revelações que se incluem nesta segunda maneira, Deus ainda as concede agora a quem quer. A algumas pessoas costuma revelar os dias que lhe faltam viver, os trabalhos que hão-de passar ou o que irá acontecer a esta ou àquela pessoa, a este ou àquele reino, etc. E também, sobre os mistérios da nossa fé, costuma revelar e manifestar ao espírito as verdades que contêm, embora a isto não se chame propriamente revelações, porquanto já foi revelado, mas manifestação ou afirmação do já revelado.

**3.** Neste género de revelações, o *demónio* pode meter muito a mão.

Como normalmente as revelações deste género são por palavras, figuras e comparações, etc., o demónio pode fingir muito bem a mesma coisa e melhor do que quando as revelações se dão só no espírito. Portanto, acerca da primeira e da segunda maneiras que aqui referimos, e no que diz respeito à nossa fé, se nos fosse revelado alguma coisa nova ou diferente, nunca a deveríamos aceitar, ainda que tivéssemos a certeza que era um anjo do céu a dizê-la. Assim o afirmou S. Paulo: *Licet nos, aut angelus de caelo evangelize! vobis praeterquam quod evangelizavimus vobis, anathema sit.* Quer dizer: *Até mesmo se nós ou um anjo do céu vos anunciar como Evangelho o contrário daquilo que vos anunciámos, seja anátema* (Gl 1, 8).

**4.** Como acerca da substância da nossa fé não há mais artigos para revelar, salvo os que já foram revelados à Igreja, não se há-de aceitar de novo o que for revelado à alma sobre a fé. Mais ainda: por prudência, e para conservar a pureza da alma em fé pura, não admita outras novidades que andam misturadas por lá. Mesmo se lhe revelarem de novo as já reveladas, não as creia por lhe serem reveladas novamente agora, mas porque já estão suficientemente reveladas à Igreja. Feche-lhes o entendimento, e atenha-se somente à doutrina da Igreja e à sua fé que, como diz S. Paulo, entra *pelo ouvido* (Rm 10, 17). E, se não quer ser enganado, não dê crédito nem aceite estas coisas da fé reveladas novamente, por mais conformes e verdadeiras que pareçam.

Porque o demónio, para ir enganando e infiltrando mentiras, atrai primeiramente com verdades e coisas verdadeiras para criar confiança e depois vai enganando. E como as cerdas de quem cose o couro: à frente vão as cerdas duras e



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

a seguir o fio mole, que não entraria se antes as cerdas não lhe tivessem servido de guia.

**5.** Ponha-se nisto muita atenção, porque, mesmo que não houvesse perigo de tal engano, é muito importante que a alma não queira entender as verdades da fé com clareza, a fim de conservar puro e íntegro o mérito da fé e chegar nesta noite do entendimento à divina luz da divina união.

É muito importante abrir-se, de olhos fechados, às profecias reveladas em qualquer revelação nova. Foi por isso que o Apóstolo S. Pedro, tendo visto de certo modo a glória do Filho de Deus no monte Tabor disse estas palavras na sua *Canónica*: ' *Et habemus firmiorem propheticum sermonem; cu i bene facitis attendentes, etc.* (2 Pe 1, 19). Que é como se dissesse: Apesar da visão que tivemos de Cristo no monte ser verdadeira, *mais firme e certa é a palavra da profecia. que nos é revelada, à qual fazeis bem em apoiar a vossa alma.*

**6.** E se é verdade que, pelas razões apresentadas, importa fechar os olhos a essas revelações que se dão acerca das proposições da fé, muito mais necessário é não aceitar nem dar crédito às revelações de coisas diferentes. Geralmente o demónio mete-lhe tanto as mãos, que é impossível não ser enganado em muitas delas quem não procurar rejeitá-las. É com a aparência de verdade e certeza que ele as apresenta! Para que acreditem nelas junta a aparência e o interesse; e fixa-as com tanta firmeza nos sentidos e na imaginação que a pessoa julga que aquilo é mesmo assim.

Isto faz a alma fixar-se e agarrar-se de tal maneira àquilo que, se não for humilde, nunca mais a conseguirão separar ou fazer acreditar o contrário.

Portanto, a alma pura, prudente, simples e humilde há-de, com toda a força e cuidado, enfrentar e afastar-se das revelações e outras visões como se fossem as mais perigosas tentações. Para chegar à união de amor, não tem necessidade de as querer; pelo contrário, não as há-de aceitar. Foi o que quis dizer Salomão quando perguntou: *Que necessidade tem o homem de querer e procurar as coisas que estão acima da sua capacidade natural?* (Bel 7, 1). É como se dissesse: Para ser perfeito, não tem necessidade nenhuma de almejar coisas sobrenaturais por via sobrenatural; isso ultrapassa a sua capacidade.

**7.** Quanto às objecções que alguém possa levantar contra isto, já demos respostas nos capítulos 19 e 20 deste livro, aos quais me remeto. Mas volto a repetir: a alma deve libertar-se de todas elas para se caminhar, pura e sem erro, *pela noite da fé* até à união.

### CAPÍTULO 28

*Fala das locuções interiores que podem acontecer sobrenaturalmente ao espírito. Diz de quantas maneiras podem ser.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**1.** É preciso lembrar sempre ao atento leitor qual a intenção e a finalidade que persigo neste livro: conduzir a alma à divina união com Deus através de todas as apreensões, naturais e sobrenaturais, sem enganos nem embaraços na pureza da fé. Desta maneira compreenderá como não sou aqui tão breve, apesar de não me alongar em explicações acerca das apreensões da alma e doutrina que vou expondo, nem esmiuçar tanto a matéria e suas divisões como, talvez, o entendimento requer. De tudo isso julgo que existem bastantes avisos, luz e textos para se agir prudentemente em todas as coisas da alma, exteriores e interiores, e seguir em frente.

Esta é a razão porque concluí tão depressa com as apreensões das profecias, tal como tive de fazer com as outras, para não me alongar.

Sobre cada uma delas, ainda fica muito por dizer quanto às diferenças, ao modo e maneiras que costumam ter que, parece-me, nunca mais as acabaríamos de conhecer. Fico contente porque, segundo julgo, já disse o suficiente sobre a substância, doutrina e cuidados a ter com elas e com tudo o que de semelhante possa acontecer na alma.

**2.** Farei o mesmo aqui com a *terceira maneira* de apreensões, que dizíamos ser *locuções sobrenaturais*, que costumam suceder no espírito dos homens espirituais sem passar por qualquer sentido corporal. Embora sucedam de muitas maneiras, julgo que *se podem resumir nestas três: palavras sucessivas, formais e substanciais*.

Chamo *sucessivas* a certas palavras e juízos que o espírito, quando recolhido em si, costuma ir concebendo e pensando para si mesmo. Palavras *formais* são certas palavras distintas e precisas que o espírito recebe, não de si próprio, mas duma terceira pessoa, estando umas vezes recolhido e outras vezes não.

Palavras *substanciais* são palavras que também se comunicam formalmente ao espírito, estando umas vezes recolhido e outras vezes não.

Estas produzem na substância da alma aquela substância e efeito que elas designam. De todas elas iremos falar aqui segundo a sua ordem.

### CAPÍTULO 29

*Fala do primeiro género de palavras que às vezes forma em si o espírito recolhido. Diz a causa delas e o proveito e dano que nelas pode haver.*

**1.** Sempre que estas palavras sucessivas se dão, o espírito está recolhido, absorvido e muito atento com alguma reflexão. No tema que medita, uma coisa vai-lhe sugerindo outra e, com muita facilidade e distinção, ele próprio cria palavras e juízos muito oportunos. Vai raciocinando e descobrindo coisas que não conhece, parecendo-lhe que quem faz aquilo não é ele, mas outra pessoa que vai pensando, respondendo ou aconselhando dentro de si.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Na verdade, há motivos para pensar assim, porque é ele quem argumenta e responde a si mesmo como se de duas pessoas se tratasse. E, de certa maneira, é o que acontece, porque, apesar de ser o espírito a fazer aquilo como instrumento, muitas vezes é o Espírito Santo que o ajuda a criar e formar aqueles conceitos, palavras e razões correctas. E o espírito pronuncia-as para si mesmo como se fosse uma outra pessoa.

De facto, quando a mente está concentrada e unida à verdade daquilo que medita, também o Espírito divino se une com ela nessa verdade, pois está presente em todas as verdades. É por isso que, estando a mente e o Espírito divino em contacto por meio dessa verdade, se vão formando ao mesmo tempo no interior, e sucessivamente, outras verdades como consequência daquela em que meditava. É o Espírito Santo, o Mestre, que lhe abre a porta e o ilumina, porque esta é uma das maneiras do Espírito Santo ensinar.

**2.** Iluminado e doutrinado assim por este Mestre, o entendimento vai compreendendo as verdades e, ao mesmo tempo, criando por si próprio as palavras acerca das verdades que lhe foram transmitidas pela outra parte. Assim podemos dizer que *a voz é de Jacob, mas as mãos são de Esaú* (Gn 27, 22). Quem passa por isto não acredita que aquilo é seu, mas que os conceitos e palavras são também de outra pessoa. Mas é porque desconhece a facilidade com que a mente cria para si palavras de outra pessoa, às quais vão dando pé as verdades e os conceitos que lhe transmitiram doutra pessoa.

**3.** É verdade que, de por si, naquela comunicação e ilustração da mente não há engano. Mas pode havê-lo, e há-o muitas vezes nas palavras formais e nos juízos que o entendimento forma acerca dela. Por vezes, a luz que recebe é tão subtil e espiritual, que não permite ao entendimento informar-se bem nela. Nesse caso, é ele que, como dizemos, forma por si mesmo os juízos; sendo, por isso, que muitas vezes uns são falsos, outros prováveis ou com defeitos.

E, como ao princípio retomou o discurso da verdade e a seguir utiliza a sagacidade ou a rudeza do seu baixo entendimento, é fácil ir mudando tudo conforme a sua capacidade, e como se fosse outra pessoa a falar.

**4.** Eu conheci uma pessoa que gozava destas locuções sucessivas.

No meio das verdadeiras e substanciais que formulava acerca do Santíssimo Sacramento da Eucaristia havia algumas que eram uma grande heresia.

Muito me admiro com o que se passa nestes tempos. É o seguinte: hoje qualquer alma que tenha quatro maravedis de contemplação, se tem alguma destas locuções num momento de recolhimento, baptizam logo tudo como coisa de Deus; e crêem que são mesmo, pois dizem: «Deus disse-me», «Deus respondeu-me». E, na verdade, não é bem assim, pois a maior parte das vezes são elas que o dizem.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

5. Além disso, o desejo que sentem por aquilo, e a afeição que lhes guardam no espírito, faz com que sejam eles próprios a responder a si mesmos, julgando que é Deus quem lhes responde e fala. Se estas almas não se refrearem nisto, e se quem as governa não educa para a negação de tais juízos, cometem grandes asneiras.

Destes juízos mais costuma sair uma impertinente verbosidade e impureza de alma do que humildade e mortificação de espírito. Julgam que lhes aconteceu uma grande coisa e que Deus lhes falou, quando, na verdade, foi pouco mais do que nada, ou mesmo nada, ou até menos que nada. Porque aquilo que não gera humildade, caridade, mortificação, santa simplicidade e silêncio, etc., que poderá ser?

É por isso que eu digo que isto pode estorvar muito para chegar à divina união. A alma que lhes prestar atenção afastar-se-á muito do abismo da fé, onde o entendimento há-de estar às escuras; e, por amor, há-de avançar em fé às escuras, e não com muito pensar.

6. Se me perguntares: porque é que o entendimento se há-de privar daquelas verdades com as quais o Espírito de Deus o ilumina? Que mal há nisso? Respondo: o Espírito Santo ilumina o entendimento à medida do seu recolhimento. E o entendimento não pode chegar a maior recolhimento que o da fé; portanto, o Espírito Santo só o iluminará na fé.

Quanto mais pura e aperfeiçoada estiver a alma em fé, mais cheia está da caridade infusa de Deus. Quanto mais caridade tiver, mais Deus a ilumina e lhes comunica os dons do Espírito Santo; porque a caridade é a causa e o meio por onde os comunica.

É verdade que naquela ilustração de verdades Deus comunica alguma luz à alma. Mas a luz que infunde a fé é muito diferente, apesar de não ver com tanta clareza. Quanto à qualidade, assemelha-se ao ouro valorosíssimo que excede o metal mais vulgar; quanto à quantidade, é como o mar que excede a gota de água. Na primeira recebe o conhecimento de uma, duas, ou três verdades, etc.; na segunda, é-lhe dada toda a Sabedoria de Deus em geral, pois é o Filho de Deus que se comunica à alma em fé.

7. Se me disseres que tudo é bom, que uma coisa não impede a outra ...Respondo: se a alma lhes der atenção, impede e muito. Ela está a encher-se de coisas inteligíveis e de pouca monta, mas que são suficientes para impedir a comunicação do abismo da fé. É por meio dela que Deus, sobrenatural e secretamente, ensina a alma e a reveste de virtudes e dons que desconhece.

O bem que a comunicação sucessiva há-de fazer não se consegue centrando o entendimento de propósito nela, porque isso ainda a afastaria mais, como diz a Sabedoria à alma no *Cântico dos Cânticos: Afasta de mim os teus olhos, porque me fazem voar* (Cant 6, 4); quer dizer, voar para mais longe de ti e elevar-me. Mas, simplesmente, sem que o entendimento tome parte naquilo que sobrenaturalmente

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

lhes oferecem, aplique a vontade com amor a Deus, pois é o amor que faz com que aqueles bens desçam do céu, para os comunicar à alma com mais abundância que antes.

A capacidade do entendimento natural ou de outras potências não se deve intrometer activamente nestas coisas que se comunicam sobrenatural e passivamente. O seu modo e rudeza não chega a tanto, posso vai reduzi-las forçosamente ao seu modo e, por conseguinte, modificá-las.

Sem dúvida que, assim, irá errando e formando juízos próprios; o sobrenatural e a sua imagem desaparecem para dar lugar ao que é muito natural, erróneo e vulgar.

**8.** Mas há mentes tão vivas e subtis que, recolhendo-se nalgum pensamento, com toda a naturalidade e facilidade analisam conceitos que vão formando com essas palavras e juízos vivíssimos. Julgam que são, justamente, de Deus; e, na verdade, é tão só o entendimento que, com a luz natural e um pouco liberto das operações dos sentidos, faz isso e muito mais sem nenhuma ajuda sobrenatural. E há muita coisa disto.

Muitos enganam-se, pensando que têm muita oração e conhecimento de Deus e, por isso, escrevem-no ou mandam-no escrever. E sucederá que tudo isso não é nada, e só sirva para se envaidecer, porque ali não existe substância de virtude alguma.

**9.** Que estes aprendam a não lhes dar atenção, mas só em firmar a vontade na fortaleza do amor humilde, trabalhando deveras e padecendo para imitar o Filho de Deus na sua vida e mortificações. Este é o caminho para alcançar todos os bens espirituais, e não muitas palavras interiores.

**10.** O demónio também intromete muito a mão neste género de palavras interiores sucessivas, sobretudo naqueles que simpatizam ou se afeiçoam a elas. Quando se começam a recolher, o demónio costuma oferecer-lhes bastante matéria para se distraírem. *Por sugestão* vai-lhes criando no entendimento conceitos e palavras, e vai-o precipitando e enganando astutamente com coisas imagináveis. Esta é uma das maneiras de se comunicar com os que têm algum pacto, tácito ou expresso, com ele. É assim que se comunica com alguns hereges, sobretudo com alguns heresiarcas; enchendo-lhes o entendimento de conceitos e razões muito subtis, falsas e erróneas.

**11.** Pelo que foi dito, fica-se a saber que estas *locuções sucessivas* podem provir ao entendimento de três causas: do *Espírito Santo*, que movimenta e ilumina o entendimento; da *luz natural* do próprio entendimento; e do *demónio*, que lhes pode falar por sugestão.

Acerca dos sinais e indícios que nos permitem saber qual a causa donde procedem, seria bastante difícil apresentá-los todos. Mas, em geral, podem-se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

indicar os seguintes: Se, juntamente com palavras e conceitos, a alma vai amando e sentindo amor com humildade e reverência de Deus, é sinal de que o Espírito Santo anda metido pelo meio, pois, sempre que faz algumas mercês, envolve-as com elas.

Se a sua procedência é apenas da luz e vivacidade do entendimento, é este que tudo opera, sem haver exercício das virtudes. A luz e o conhecimento daquelas verdades pode levar a vontade a amar naturalmente.

Acabada a meditação, a vontade fica seca, mas sem se inclinar à vaidade e ao mal, a não ser que o demónio a tente de novo a isso. Nas locuções que procedem do bom espírito, esta secura não se dá, porque a vontade normalmente fica enamorada de Deus e inclinada ao bem. Mas também poderá acontecer que, tendo sido a comunicação de bom espírito, a vontade fique algumas vezes seca; Deus assim o dispõe para proveito da alma. Outras vezes, a alma não sentirá muito as operações ou movimentos daquelas virtudes; mas o que recebeu é bom. É por isso que digo ser difícil averiguar por meio dos seus efeitos qual a diferença entre umas e outras. Mais ou menos, os mais comuns são os que estão ditos.

Também as que procedem do demónio, por vezes, são difíceis de compreender e conhecer. É verdade que normalmente deixam a vontade seca no amor para com Deus e o espírito inclinado à vaidade, estimação e complacência. Mas, às vezes, deixa no espírito uma falsa humildade e afeição fervorosa da vontade fundada em amor próprio. É preciso que a pessoa seja muito espiritual para o descobrir. O demónio faz isto para se esconder melhor. Ele sabe muito bem, por vezes, fazer derramar lágrimas nascidas dos sentimentos que infunde; assim, vai deixando na alma os afectos que quer. Mas procura sempre mover-lhes a vontade para que apreciem as comunicações interiores e lhes prestem muita atenção, pois desse modo pode fazer que ocupem a alma naquilo que não é virtude, mas antes ocasião para se perder a que houver.

**12.** Estejamos, portanto atentos a umas e outras para não nos enganarmos nem embarçarmos com elas. Não demos grande importância a estas comunicações. Saibamos antes guiar com fortaleza a vontade para Deus, cumprindo a Sua lei e os Seus santos conselhos com perfeição. Porque esta é a sabedoria dos Santos: contentemo-nos em saber os mistérios e as verdades na simplicidade e verdade com que a Igreja os propõe.

Isto é suficiente para inflamar grandemente a vontade, sem nos metermos noutras profundidades e curiosidades em que, só por milagre, não há perigo. A este propósito, diz S. Paulo: *Não convém saber mais do que convém* (Rm 12, 3). E, em relação às palavras sucessivas, está tudo dito.

### CAPÍTULO 30

*Fala das palavras interiores que formalmente se oferecem ao espírito por via sobrenatural.*

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Dá conta do dano que podem causar e da necessária cautela para não ser enganados por elas.*

**1.** O *segundo género* de palavras interiores são as *palavras formais*, que algumas vezes se oferecem ao espírito por via sobrenatural, sem qualquer participação dos sentidos, quer estando o espírito recolhido ou não. E chamo-as formais porque é uma terceira pessoa que formalmente as diz ao espírito, sem que ele tome parte alguma nisso. Por isso, são muito diferentes das anteriores, das quais acabámos de falar.

Estas não só acontecem sem o espírito fazer nada, como acontecia nas outras, mas, como digo, aparecem-lhe às vezes sem estar recolhido e bem longe daquilo que se lhe disse. Ora, não acontecia assim com as primeiras, as sucessivas, porque eram sempre acerca do que se estava a meditar.

2. Estas palavras, às vezes, são muito formadas; outras, não tanto.

Muitas vezes são conceitos que dizem algo ao espírito, em forma de resposta ou de outra maneira. Às vezes são só uma palavra; outras vezes, duas ou mais. Por vezes são sucessivas, como vimos nas anteriores, porque costumam durar, esclarecendo ou dizendo sempre alguma coisa à alma. Nelas o espírito não intervém com nada seu, porque são todas como quando unia pessoa fala com outra. Foi o que aconteceu a Daniel (Dn 9, 22), quando o anjo falava com ele. Fazia-o formal é sucessivamente informando o seu espírito e esclarecendo-o, porque, como também se lê; o anjo *veio para o esclarecer*.

Quando estas palavras são só formais não causam grande efeito na alma. Normalmente servem só para esclarecer ou iluminar alguma coisa; e para o fazer, não é preciso que tragam outro fim de maior eficácia que este. Quando as palavras são de Deus, sempre lhe causam este efeito na alma, porque dispõem e esclarecem a alma naquilo que se lhe manda ou ensina.

É verdade que, algumas vezes, além de não tirar da alma as contrariedades e as dificuldades, ainda lhas aumentam. Mas é Deus quem o faz para maior doutrinação, humildade e bem da alma. Normalmente acrescenta esta contrariedade quando envia coisas que a elevam ou significam certa honra para a alma; nas coisas mais humildes e inferiores dá-lhes maior facilidade e destreza. Foi o que aconteceu com Moisés, como lemos no Êxodo (Ex 3-4), quando Deus o mandou ao Faraó para libertar o povo: sentiu tamanha contrariedade que foi preciso mandá-lo três vezes e mostrar-lhe sinais; apesar de tudo isso, não avançava até que Deus lhe deu Aarão por companheiro, com quem repartiria a honra.

4. Contudo, quando as palavras e as comunicações são do demónio, acontece o contrário: ele facilita e acelera as coisas honrosas, mas coloca dificuldades para as mais humildes. Deus não gosta que as almas aspirem a altos cargos, pois até quando é Ele que lhos dá, não quer que tenham pressa nem vontade em mandar. As palavras formais distinguem-se das sucessivas pela prontidão que habitualmente Deus põe na alma.

As sucessivas não mobilizam nem apressam tanto o espírito como as formais, porque nestas intromete-se menos o entendimento. Isto não impede que algumas vezes as sucessivas não sejam mais eficazes, devido ao forte contacto que o Divino Espírito exerce no humano. O modo é, no entanto, muito diferente. Nas palavras formais, a alma não tem por que duvidar se é ela quem as diz.

Quando não participava no que lhe diziam, vê claramente que não; quando participava, sente com toda a clareza e evidência que isso lhe vem de outro lado.

5. De todas estas palavras formais, a alma há-de fazer tão pouco caso como das sucessivas. Porque, além de ocupar o espírito com o que não é legítimo e meio próximo para a união com Deus, que é a fé, poderia facilmente ser enganada pelo



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

demónio. Por vezes, é com grande dificuldade que se distinguem as palavras do bom ou do mau espírito; Se as formais não produzem grande efeito, dificilmente se podem distinguir pelos efeitos; e, por vezes, as do demónio são mais eficazes nos imperfeitos do que as do bom espírito nos espirituais. Não se deve fazer o que elas dizem, nem lhes dar qualquer atenção, quer provenham do bom ou do mau espírito.

Antes, devem-se manifestar a um confessor experimentado, ou a uma pessoa discreta e sábia, para que possa dar doutrina, julgar o que é mais conveniente e dar os seus conselhos, a fim de lidar com elas em desprendimento e abnegação. No caso de não encontrar uma pessoa experiente, então, o melhor é não ligar a essas palavras nem dizer nada a ninguém, pois encontrará facilmente quem lhe destrua a alma mais depressa do que a edifique. As almas não devem ser tratadas por qualquer pessoa, porque errar ou acertar em matéria tão importante é de muita responsabilidade.

**6.** Advirta-se seriamente em que a alma jamais queira dar o seu parecer, nem fazer ou admitir nada do que essas palavras dizem, sem a aprovação e o conselho de outra pessoa. Nesta matéria dão-se enganamentos tão raros e subtis que, se a alma não contrariar tais coisas, estou em crer que, em muitas delas, não poderá deixar de ser mais ou menos enganada.

**7.** Nos capítulos 17, 18, 19 e 20 deste livro, já falámos a propósito destes enganamentos e perigos e dos cuidados a ter com eles. Remeto-me a eles, e não me alongo aqui mais. Apenas digo que a principal e segura doutrina para isto é não fazer caso de nada, mas deixarmo-nos guiar em tudo pela razão e pelo que a Igreja nos ensinou e ensina cada dia.

### CAPÍTULO 31

*Fala das palavras substanciais que se dão interiormente no espírito. Indica a diferença que há entre elas e as formais, o proveito que causam e a abnegação e respeito que a alma há-de ter nelas.*

**1.** Dizíamos antes que o *terceiro género* de palavras interiores eram as *palavras substanciais*. Apesar de serem formais, porquanto se imprimem mui formalmente na alma, também diferem delas, pois a palavra substancial causa um efeito vivo e substancial na alma, enquanto que a meramente formal não.

E verdade, portanto, que toda a palavra substancial é formal, mas nem toda a palavra formal é substancial. Substancial é só aquela que, como antes dizíamos, imprime substancialmente na alma aquilo que significa. Por exemplo, se nosso Senhor dissesse formalmente à alma: «Sê boa», imediatamente seria substancialmente boa. Ou se lhe dissesse: «Ama-Me», imediatamente teria e sentiria em si a substância do amor de Deus. Ou se, tendo muito medo, lhe dissesse: «Não temas», sentiria logo grande coragem e tranquilidade. A voz de Deus e a sua

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*palavra*, como diz o Sábio, *está cheia de poder* (Ecl 8, 4), por isso realiza substancialmente na alma aquilo que lhe diz. Foi o que quis dizer David quando afirmou: *Olhai que Ele faz ouvir a sua voz, que é poderosa* (Sl 67, 34). Foi o que fez com Abraão quando lhe apareceu e lhe disse: *Anda na minha presença e sê perfeito* (Gn 17, 1). A partir de então foi perfeito e sempre obedeceu a Deus.

Este é o poder da sua palavra no Evangelho. Só com dizê-la curava os doentes, ressuscitava os mortos, etc. É neste sentido que pronuncia palavras substanciais a algumas almas. E são de tão importantes e precisas que lhe transmitem vida, força e bens incomparáveis. Uma destas palavras causa maior bem na alma do que tudo o que ela fez durante a vida.

**2.** Nestas palavras a alma nada tem que fazer, que querer ou não querer, que rejeitar, que temer.

Nada tem *que fazer* para realizar o que elas dizem. Deus nunca lhe diz estas palavras substanciais para que ela as faça, mas para Ele as fazer nela. Nas formais e sucessivas, é diferente.

E digo que nada tem *que querer ou não querer*, porque nem a sua vontade faz falta para que Deus as cumpra, nem o não querer impede que elas causem o seu efeito. Há-de proceder com elas com resignação e humildade.

Nada tem *que rejeitar*, porque o seu efeito fica consubstanciado na alma e cheio do bem de Deus; e, como o recebe passivamente, a sua acção pouco adianta.

Não tem *que temer* nenhum engano, porque o entendimento e o demónio não conseguem intrometer-se nisto, nem produzir passivamente na alma qualquer efeito substancial. O demónio só consegue imprimir os efeitos e hábitos das suas palavras no caso da alma lhe estar submissa por pacto voluntário; morando nela como seu senhor, pode imprimir-lhe os efeitos da malícia, não os do bem.

E, uma vez que essa alma estava já unida em malícia voluntária, facilmente o demónio poderia imprimir-lhe os efeitos dos ditos e palavras de malícia. Nós sabemos, por experiência, que em muitas coisas pressiona por sugestão até as almas boas, apresentando-as como muito eficazes; se fossem almas más, consumaria nelas os seus intentos. Mas o demónio não pode imprimir na alma efeitos semelhantes aos bons, porque as suas palavras não se comparam às de Deus. Se as compararmos com elas, são como se não existissem; os seus efeitos comparados com os delas, são nada.

Foi por isso que Deus perguntou por Jeremias: *Que comparação pode haver entre a palha e o grão? Acaso não são as minhas palavras como o fogo e como o martelo que quebra as rochas?* (Jr 23, 28-29). Estas palavras substanciais ajudam muito à união com Deus. Quanto mais interiores, mais substanciais são e melhor ajudam. Feliz a alma a quem Deus as disser! *Fala, Senhor; o teu servo escuta!* (1 Rs 3, 10).

CAPÍTULO 32

*Fala das apreensões que o entendimento recebe dos sentimentos interiores que sobrenaturalmente ocorrem na alma. Indica a sua causa e o modo como a alma há-de agir com eles para não impedir o caminho da união com Deus.*

**1.** Vamos falar agora do *quarto e último género de apreensões intelectuais*. Como dizíamos, elas podem nascer no entendimento por causa dos *sentimentos espirituais* que muitas vezes ocorrem sobrenaturalmente na alma do espiritual, e que nós incluímos nas diferentes apreensões do entendimento.

**2.** Estes *sentimentos espirituais* distintos podem ser de *duas* maneiras: *A primeira*, são sentimentos no afecto da vontade. *A segunda*, são sentimentos na substância da alma. Uns e outros podem ser de muitas maneiras.

*Os da vontade*, quando procedem de Deus, são elevados; mas *os que procedem da substância da alma* são elevadíssimos e de grande bem e proveito. Nem a alma nem quem a orienta podem saber ou entender a causa donde procedem, ou quais os actos pelos quais Deus lhes concede estas mercês.

Elas não dependem de actos ou meditações que a alma tenha feito, embora sejam uma boa preparação para elas, porque Deus dá-os a quem quer e em razão do que quer. Pode suceder que Deus, a uma pessoa que tenha praticado muitos actos, não lhe conceda estes toques; e a outra, por muito menos, dá-lhos elevadíssimos e em abundância.

Por isso, não é preciso que a alma esteja ocupada e exercitada em actos de coisas espirituais para que Deus lhe dê os toques donde procedem esses sentimentos. É evidente que se praticar tais actos melhor disposição tem para os receber, porque as mais das vezes anda distraída deles. Há toques que são perceptíveis e rápidos; outros, não são tão perceptíveis e duram mais.

**3.** Estes sentimentos, enquanto tais, não pertencem ao entendimento, mas à vontade; por isso propositadamente não falo deles aqui. Falaremos deles ao abordar a noite e a purificação da vontade nos seus afectos; será no *Terceiro Livro* que vem a seguir.

Mas convinha mencioná-los aqui pelo seguinte: muitas vezes, quase sempre, eles convertem-se em apreensão, notícias e conhecimento no entendimento. Portanto, deve-se ficar a saber que estes sentimentos – tanto os da vontade como os da substância da alma, quer sejam os repentinos que os toques de Deus causam, quer sejam os duradouros e sucessivos muitas vezes, como digo, convertem-se no entendimento em apreensão de notícia ou conceito. Trata-se de um altíssimo e saborosíssimo sentir de Deus no entendimento.

Tal como ao sentimento em que se transforma, não se pode dar nome. Uma vez, estas notícias são de uma maneira; outras vezes, de outra. Uma vez são

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mais elevadas e claras; outras vezes, menos. Elas são conforme os toques que Deus faz; e os sentimentos são conforme à qualidade dos toques que os causam.

**4.** Não é preciso consumir-se muito para acautelar e encaminhar o entendimento, através destas notícias em fé, à união com Deus. Se, como dissemos, os sentimentos chegam passivamente à alma, sem que efectivamente ela tenha de fazer algo para os receber, também as suas notícias são recebidas passivamente no entendimento possível, como lhe chamam os filósofos, sem esforço nenhum da sua parte. Portanto, para não se enganar nem impedir o seu proveito, nada deve fazer com eles, mas ficar-se apenas passivamente sem interpor a sua capacidade natural.

Como dissemos acerca das palavras sucessivas, com a sua acção poderia muito facilmente perturbar e malograr essas suaves notícias, ou seja, um saboroso conhecimento sobrenatural que a natureza não pode alcançar; nem pode compreender actuando, mas recebendo.

A alma não há-de procurá-las nem ter vontade de as admitir, para que, por seu lado, o entendimento não vá fabricando outras, nem o demónio possa entrar com outras diferentes e falsas.

Tudo isto pode fazer através dos sentimentos interiores ou dos que ele próprio pôde criar na alma que se entrega a estas notícias. Esteja nelas de forma resignada, humilde e passiva. Se passivamente as recebe de Deus, Ele lhas dará quando Lhe aprover, se a vir humilde e desprendida. Desta maneira não impedirá em si o bem que estas notícias trazem para a divina união, que é grande, porque todos estes sentimentos são toques da união que é feita passivamente na alma.

**5.** Acerca disto basta com o que se disse. Se surgir na alma alguma coisa acerca do entendimento, encontram-se avisos e doutrina nas partes anteriormente apresentadas. E, ainda que pareça diferente e não haver maneira de a compreender, não existe apreensão que não se possa incluir nelas; portanto, há doutrina para ela.

### FIM DO SEGUNDO LIVRO TERCEIRO LIVRO

*A purificação da noite activa da memória e da vontade. Oferece-se doutrina sobre o modo como a alma há-de lidar com as apreensões destas duas potências para chegar à união com Deus, segundo essas potências, em perfeita esperança e caridade.*

### CAPÍTULO 1

**1.** A primeira potência da alma, que é o entendimento, já se encontra preparada em todas as suas apreensões pela primeira virtude teologal, que é a fé, para que a alma se possa unir com Deus nesta potência por meio da pureza da fé. Resta-nos fazer agora o mesmo com as outras duas potências da alma, a *memória* e a *vontade*, purificando-as das suas apreensões, para que, segundo estas duas potências, a alma

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

se possa unir com Deus em perfeita esperança e caridade. É, o que faremos brevemente neste *Terceiro Livro*.

Depois de termos falado do entendimento, que ao seu modo é o recipiente de todos os objectos, já fica muito caminho andado para as outras duas potências, sobre as quais não é preciso alongarmo-nos muito. Se o espiritual tiver o entendimento bem instruído pela fé, conforme a doutrina que lhe foi dada, forçosamente também o estarão estas duas potências pelas outras duas virtudes, pois os actos de umas articulam-se com os das outras.

**2.** Mas, para continuar e compreender melhor a ordem que temos seguido, é necessário falar de cada matéria em concreto. Colocaremos aqui as apreensões de cada potência, em *primeiro lugar* as da *memória*, distinguindo nelas o que interessa ao nosso propósito. Podemos conhecê-las na diferença dos *seus objectos*, que são três: *naturais, imaginários e espirituais*. Então, também de *três* espécies são as *notícias da memória*, ou seja, *naturais, sobrenaturais e imaginárias espirituais*.

**3.** Delas iremos falando aqui, com a ajuda de Deus, começando pelas notícias naturais, que são de objectos mais exteriores. Continuaremos com os afectos da vontade, com os quais se *concluirá* este terceiro livro da *noite activa espiritual*.

### CAPÍTULO 2

*As apreensões naturais da memória. Diz como se há-de esvaziar delas para que a alma possa chega a unir-se com Deus por meio desta potência.*

**1.** É necessário que o leitor saiba qual o propósito que temos em cada um destes livros. Caso contrário, à medida que for lendo poderão surgir-lhe muitas dúvidas sobre o que dissemos acerca do entendimento, ou vamos dizer agora acerca da memória e depois acerca da vontade. Porque, ao ver como aniquilamos os actos das potências, poderá julgar que, em vez de construirmos o caminho do exercício espiritual, estamos a destruí-lo. De facto, isso seria verdade se intentássemos instruir aqui só os principiantes; aos quais convém dispor por meio dessas apreensões do discurso e dos sentidos.

**2.** Aqui iremos dando doutrina para chegar à união com Deus por meio da contemplação. Para isso, é necessário abandonar e calar todos os meios e exercícios sensitivos das potências, para que Deus realize na alma a divina união. Temos de continuar com este método de libertar, esvaziar e fazer negar às potências a sua autoridade natural e a sua actividade para que 'se dê a infusão e iluminação do sobrenatural. É preciso ter isto em conta, porque a sua capacidade não atinge coisa tão elevada, antes a estorva.

**3.** Se é verdade que a alma há-de ir conhecendo a Deus mais pelo que não é do que pelo que é, então, para se unir a Ele, há-de ir negando e não admitindo nada das

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

suas apreensões naturais e sobrenaturais. É o que teremos de fazer agora com a memória: arrancá-la das suas dimensões e limites naturais e elevá-la sobre si mesma, isto é, acima de qualquer notícia particular ou domínio sensível, na suma esperança do Deus incompreensível.

**4.** Começemos, então, pelas *notícias naturais*. As notícias naturais na memória são todas aquelas que ela consegue formar a partir dos objectos dos cinco sentidos corporais: ouvir, ver, cheirar, gostar e palpar, bem como todas as que puder construir e formar com esta aparência.

De todas estas notícias e formas se há-de desprender e esvaziar.

Há-de esforçar-se por dissipar a imagem delas, de forma a não lhe ficar gravada nenhuma notícia nem rasto de nada. Deve ficar varrida e lisa, como se nada tivesse passado por ela, esquecida e abstraída de tudo.

Para a memória se unir com Deus não há outra maneira senão aniquilar-se primeiro em todas as formas. E isto não se dá sem se desprender totalmente de todas as formas que não são Deus; pois, Deus não comporta imagens ou notícias particulares, como dissemos na *noite* do entendimento.

E se, como diz Cristo, *ninguém pode servir a dois senhores* (Mt 6, 24), então a memória não pode estar ao mesmo tempo unida a Deus e às imagens e notícias particulares. Deus não tem forma nem imagem que a memória possa alcançar.

Por isso, quando está unida a Deus, como nos demonstra a experiência de cada dia, fica sem forma e sem figura, sem imaginação, com a memória inebriada em sumo bem, em grande olvido, sem se lembrar de nada.

Aquela divina união esvazia-lhe a fantasia e varre todas as formas e notícias, elevando-a ao sobrenatural.

**5.** É admirável o que por vezes acontece. Algumas vezes, quando Deus faz estes toques de união na memória, sente de repente um abalo no cérebro, que é onde a memória se situa; e sente-se de tal maneira que até parece que a cabeça se desvanece e se perde o juízo e os sentidos.

Umas vezes sente-se mais e outras vezes menos, depende se o toque é mais ou menos forte.

Como consequência desta união, a memória esvazia-se e purifica-se de todas as notícias, como digo; e chega a ficar, por vezes, de tal maneira esquecida, que é necessário fazer um grande esforço e matutar muito para se lembrar de alguma coisa.

**6.** Por vezes este esquecimento da memória e abstracção da imaginação chega a tal ponto, por estar a memória unida a Deus, que passa muito tempo sem se dar conta nem saber o que fez durante esse tempo. E como a imaginação está suspensa, ainda que lhe façam coisas que provocam dor, ela não sente porque sem imaginação não há sentimento, nem sequer por pensamento, que ali não há.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Para que Deus possa fazer estes toques de união é necessário que a alma liberte a memória de todas as notícias sensíveis. Note-se que estes arroubamentos já não se dão nos perfeitos, porque já chegaram à união perfeita, mas só nos princípios da união.

**7.** Alguém poderá dizer que isto parece bom, mas é a destruição do uso e do desenvolvimento natural das potências. O homem fica como um animal, esquecido, e pior ainda, sem discorrer nem se lembrar das necessidades e movimentos naturais.

É verdade que Deus não aniquila a natureza, antes a aperfeiçoa, mas isto conduz à destruição da natureza, pois não se lembra do moral e racional para o cumprir; e também não exercita o natural que temos, pois o homem não se pode lembrar de nada disto ao rejeitar as notícias e formas pelas quais se faz a recordação.

**8.** Dir-lhe-ei que, de facto, é mesmo assim. À medida que a memória se vai unindo a Deus, vai perdendo cada vez mais as notícias particulares até as perder totalmente quando chega ao estado da perfeita união. Ao princípio, quando esta união se vai fazendo, traz consigo um grande esquecimento acerca de tudo, porque se lhe vão extinguindo as formas e as notícias.

E, por causa da absorção da memória em Deus, comete muitos erros no seu uso e conduta exterior: não se lembra de comer nem de beber, nem do que fez, se viu' coisas ou não viu, se disseram ou não disseram.

Mas quando ela já tem o hábito de união, que é um bem supremo, cessam esses olvidas em relação ao que é de razão moral e natural; pelo contrário, faz tudo o que é necessário e conveniente com muito mais perfeição. Já não actua por formas e notícias da memória, porque ao alcançar o hábito de união, que é estado sobrenatural, a memória e as demais potências esmorecem totalmente nos seus actos naturais, passando da sua dimensão natural à de Deus, que é sobrenatural. Assim, estando a memória transformada em Deus, não se lhe podem gravar formas ou notícias de coisas.

Neste estado, portanto, as operações da memória e das outras potências são todas divinas, porque Deus, transformando-as em Si, é o seu Senhor absoluto.

É Ele que as move e governa divinamente segundo o seu divino espírito e vontade. Desta maneira, as operações deixam de ser particulares e passam a ser divinas, porque as que a alma faz são de Deus. *Quem se une ao Senhor forma com Ele um só espírito* (1 Cor 6, 17), disse S. Paulo. Então; as operações da alma unida a Deus são do Espírito Divino, isto é, são divinas.

**9.** Segue-se daí que as obras de tais almas são só as convenientes e razoáveis. Não são inconvenientes. Porque o Espírito de Deus faz-lhes saber o que devem saber, ignorar o que importei ignorar; lembrar-se do que se devem lembrar com formas ou sem formas, esquecer o que é de esquecer, e move-as a amar o que hão-de amar e a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

não amar o que não é Deus. Todos os primeiros movimentos das potências de tais almas são divinos. E não é de admirar que os movimentos e operações destas potências também o sejam, pois estão transformadas em ser divino.

**10.** Destas operações darei alguns exemplos. Eis o primeiro: Uma pessoa pede a outra que está neste estado para a encomendar a Deus. Esta pessoa não se lembrará de o fazer por causa de alguma forma ou notícia dessa pessoa que lhe tenha ficado na memória. Se for conveniente encomendá-la a Deus, e se Deus quer receber a oração por essa pessoa, Ele mover-lhe-á a vontade para que o faça. Mas se Deus não quer aquela oração, ainda que se esforce em rezar por ela, não conseguirá nem terá vontade de o fazer; outras vezes, Deus lha dará para que reze por outros que nunca conheceu nem ouviu.

Isto sucede assim, porque Deus move as potências destas almas só para aquelas acções que convêm à vontade e determinação de Deus, e não para outras; por isso, as acções e orações destas almas têm sempre efeito.

Eram assim as da gloriosíssima Virgem Nossa Senhora, a qual, estando desde o princípio elevada neste alto estado, nunca teve gravada na sua alma forma alguma de criatura, nem se moveu por ela, mas foi sempre movida pelo Espírito Santo.

**11.** Outro exemplo. Em tal dia há-de ocupar-se de certa tarefa necessária.

Não se lembrará por nenhuma forma, mas, sem saber como, ser-lhe-á marcado na alma quando e como convirá realizá-la sem falta.

**12.** E não é só nestas coisas que o Espírito Santo a ilumina, mas em muitas outras que acontecem e acontecerão, e em muitos casos, embora estejam ausentes. Ainda que, por vezes, isto se faça pelas formas intelectuais, as mais das vezes é sem formas conhecidas, ficando eles sem saber como o sabem. Mas isto vem-lhes da Sabedoria divina. Exercitando-se estas almas em não saber nem apreender nada com as potências, vêm geralmente, como dissemos no *Monte*, a saber tudo, conforme diz o Sábio: *O artífice de tudo, que é a, Sabedoria, mo ensinou (Sb 7, 21)*.

**13.** Dir-me-ás, porventura, que a alma não conseguirá, esvaziar e despojar a memória de todas as formas, e fantasias de modo a poder chegar a tão alto, estado. Porque há duas dificuldades que são superiores à força e capacidade humana: esvaziar o natural com a força natural, é impossível; atingir, e unir-se ao sobrenatural, ainda é mais difícil e, para dizer a verdade, só com a capacidade natural é impossível.

Então eu digo que é verdade. Deus há-de elevar a alma a este estado sobrenatural. Porém, em tudo o que puder, ela há-de ir dispondo-se naturalmente, sobretudo com a ajuda que Deus lhe vai dando. Assim, à medida que for entrando nesta negação e esvaziamento de formas, Deus vai-lhe dando a posse da união. Deus vai actuando nela passivamente, como diremos, com a ajuda de Deus, na *noite*



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*passiva da alma*. Deste modo, quando Deus quiser e de acordo com a sua vontade, terminará por lhe dar o hábito da divina e perfeita união.

**14.** Nesta *noite* e purificação *activa* não apresentamos os efeitos divinos que esta união perfeita faz na alma, tanto por parte do entendimento, da memória e da vontade, porque nesta noite a divina união ainda não está terminada. Havemos de os apresentar na noite *passiva*, onde se dá a união da alma com Deus.

Por conseguinte, apenas direi aqui o que é que a memória tem de fazer para entrar *activamente* nesta noite e purificação. O espiritual deve ter sempre este cuidado: não arquivar nem conservar na memória as coisas que escutar, vir, cheirar, gostar ou tocar. Esqueça logo tudo. E, se for preciso, faça-o com a eficácia com que outros as lembram, de maneira a não ficar na memória com nenhuma notícia ou imagem delas. Faça como se elas não existissem, deixando a memória livre e desapegada.

Não a prenda com nenhuma meditação do céu ou da terra, como se não tivesse memória, deixando-a perder livremente no esquecimento, como coisa que estorva; pois, se quisermos fazer uso do natural no sobrenatural, estorva mais do que ajuda.

**15.** E se ocorressem aquelas dúvidas e objecções, que vimos antes no entendimento, ou seja, que *não se faz nada*, que *se perde o tempo* e que *se priva a alma dos bens espirituais* que pode receber pela via da memória, já ali se respondeu a tudo e responder-se-á, mais à frente, na *noite passiva*. Por isso não há razão para nos alongarmos mais.

Aqui apenas se deve advertir que, embora durante algum tempo não se veja o proveito desta suspensão de notícias e formas, o espiritual não há-de desanimar; Deus não deixará de ajudar a seu tempo. E por um tão grande bem, vale bem a pena padecer e sofrer com paciência e esperança.

**16.** É verdade que é difícil encontrar uma alma que seja movida por Deus em tudo e durante muito tempo. Que tenha uma contínua união com Deus. E que as suas potências sejam sempre movidas divinamente sem nenhuma forma. Mas também há almas que frequentemente são movidas por Deus nos seus actos.

Não são elas que se movem, porque, como diz S. Paulo, *os filhos de Deus*, os que estão transformados e unidos a Deus, *são movidos pelo espírito de Deus* nas suas potências às obras divinas (Rm 8, 14). Não é de admirar, pois, que os actos sejam divinos porque a união da alma também é divina.

### CAPÍTULO 3

*As três espécies de danos que a alma sofre por não se obscurecer - nas notícias e discursos da memória. Fala do primeiro.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**1.** O espiritual que se quiser valer de notícias e discursos naturais da memória para ir a Deus, ou para outra coisa, sujeita-se a *três danos e inconvenientes*: dois *positivos* e um *negativo*.

O *primeiro* procede das coisas do mundo. O *segundo*, do demónio. O *terceiro*, que é negativo, consiste no impedimento e estorvo que lhe causam e provocam para a divina união.

**2.** O *primeiro*, proveniente do *mundo*, consiste em sujeitar-se a muitas classes de danos por meio das notícias e discursos, tal como mentiras, imperfeições, apetites, juízos, perdas de tempo e outras muitas coisas que criam muitas impurezas na alma.

É evidente que, se der lugar às notícias e discursos, necessariamente há-de cair em muitas mentiras. Muitas vezes o verdadeiro há-de parecer falso, o certo incerto, e vice-versa, porque é difícil conhecer uma verdade até à raiz. Se a memória extinguir todos os discursos ou notícias, livra-se de todas as mentiras.

**3.** Se apoiar a memória no que ouviu, viu, tocou, cheirou e gostou, etc., encontrará imperfeições a cada momento. Também se lhe apegam alguma afeição, quer seja de dor, de temor, de ódio, quer seja de vã esperança, vã prazer e vanglória, etc. Estas coisas são, pelo menos, imperfeições e, por vezes, verdadeiros pecados veniais, etc. De forma muito subtil, elas deixam na alma muita impureza, mesmo que sejam discursos e notícias sobre coisas de Deus.

E também se nota claramente que geram apetites, pois eles nascem naturalmente dessas notícias e discursos. Mais ainda, só o facto de as desejar já é apetite. Também há-de ter muitas tentações de juízos, pois não deixará de tropeçar com a memória em males e bens alheios; umas vezes, tomará o mau por bom e, outras vezes, o bom por mau. Eu creio que não há ninguém que consiga libertar-se de todos estes males, se primeiro não for cegando e obscurecendo a memória em relação a todas as coisas.

**4.** E se me perguntares se o homem é capaz de vencer estas coisas quando lhe aparecerem, direi que, se fizer caso de notícias, é totalmente impossível. Com elas infiltram-se mil imperfeições e impertinências, e algumas são tão subtis e penetrantes, que, sem a alma se dar conta, apegam-se-lhe como o pez a quem lhe toca. A melhor maneira de vencer tudo duma vez por todas é negar a memória em tudo.

Poderás argumentar que, assim, a alma ficará privada de bons pensamentos e meditações sobre Deus, os quais seriam para ela de grande proveito para Deus lhe conceder mercês. Para isto, respondo, vale muito mais a pureza da alma, que consiste em não se ver atada por nenhum afecto de criatura, bens temporais, ou forte ameaça eficaz dessas coisas.

Muitas dessas coisas não deixarão de se lhe apegar devido aos actos imperfeitos das potências. Por isso, o melhor é aprender a silenciar e calar as

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

potências para que seja Deus a falar, porque, como dissemos, neste estado não se deve prestar atenção aos actos naturais. É o que acontece quando Deus conduz a alma *ao deserto e lhe fala ao coração*, como diz o profeta (Os 2, 16).

**5.** Poderás insistir dizendo que nenhum proveito tirará a alma, se a memória não meditar nem pensar em Deus; e que se infiltrarão nela muitas distrações e fraquezas. Sobre isto respondo: se a memória se fechar às coisas do céu e do mundo, é impossível que lhe advenham males e distrações, impertinências ou vícios; eles entram sempre pela divagação da memória, mas, neste caso, não têm por onde entrar. Isso aconteceria se fechássemos a porta às meditações e reflexões sobre as coisas do alto e a abrissemos às da terra; mas aqui fechamo-la a todas as coisas por onde esses males poderiam entrar.

A memória fica calada e muda só com o ouvido do espírito silenciosamente atento a Deus, dizendo com o profeta: *Falai, Senhor, que o vosso servo escuta* (1 Rs 3, 10). Também, no Cântico dos Cânticos, o Esposo disse que a sua esposa havia de ser um *jardim fechado, fonte selada* (Cant 4, 12) a tudo o que nele pudesse entrar.

**6.** Deixe-o, portanto, fechado, sem preocupação nem angústia. Aquele que entrou corporalmente onde os discípulos estavam com as portas fechadas e lhes deu a paz (Jo 20, 19-20) sem eles compreenderem ou entenderem que isso era possível e como aconteceria, também entrará espiritualmente na alma, sem ela saber como nem quando. Tendo ela as portas das potências, que são a memória, o entendimento e a vontade, fechadas a todas as apreensões, enchê-la-á de *paz, inclinando-se para ela como um rio de paz*, no dizer do profeta, retirando-lhe o medo e as dúvidas, a perturbação e as trevas que a levavam a desconfiar de que estava ou andava perdida (Is 48, 18). Não descuide a oração, espere em desnudez e vazia, e o seu bem não tardará.

### CAPÍTULO 4

*O segundo dano que pode advir à alma, causado pelo demónio, por meio da via das apreensões naturais da memória.*

**1.** O *segundo dano positivo* que pode advir à alma por meio das notícias da memória provém do *demónio*. Ele influencia muito a alma com este meio, porque pode acrescentar formas, notícias e recordações. Por meio delas pode atingir a alma com soberba, avareza, ira, inveja, etc.; pode criar ódios injustos, amor fútil, e enganar de muitas maneiras. Além disso, costuma deixar as coisas e gravá-las na fantasia duma maneira que as que são falsas possam parecer verdadeiras, e as verdadeiras, falsas.

*Por fim*, os piores enganos e males que o demónio causa à alma entram pelas notícias e recordações da memória. Se ela negar tudo e se humilhar no esquecimento, fecha totalmente a porta a este dano do demónio e livra-se de todas estas coisas. Isto é de grande proveito, porque o demónio não tem qualquer poder

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sobre a alma a não ser pelos actos das suas potências, principalmente por meio das notícias, pois delas dependem quase todos os actos das outras potências. Portanto, se elas forem aniquiladas na memória, o demónio fica sem poder fazer nada, porque não tem onde se agarrar; e se não houver nada, nada pode fazer.

**2.** Eu gostaria que os espirituais se apercebessem dos muitos danos que o demónio causa nas almas através da memória, quando recorrem muito a ela. Quanta tristeza, aflição e alegrias vãs acerca do que pensam de Deus ou das coisas do mundo! Quantas impurezas alojadas no espírito! Tudo isto distrai muito do alto recolhimento, que deixa a alma totalmente posta com as suas potências no bem oculto e lhe retira todas as coisas apresáveis; porque não são um bem escondido. E, mesmo que deste vazio não se seguisse o grande bem de se perder em Deus, só pela simples razão de se livrar de muitas penas, aflições e tristezas, além de imperfeições e pecados, é um grande bem.

## CAPÍTULO 5

*O terceiro dano que advém à alma pela via das notícias particulares naturais da memória.*

**1.** *O terceiro dano, que advém à alma pela via das apreensões naturais da memória, é negativo, porque a pode impedir do bem moral e privá-la do espiritual.*

E para dizer primeiro como estas apreensões impedem a alma *do bem moral*, convém saber que o *bem moral* consiste em dominar as paixões e refrear os apetites desordenados. Isto suscita na alma a tranquilidade, a paz, o sossego e as virtudes morais, que é o bem moral.

A alma não pode conseguir verdadeiramente este domínio e freio sem esquecer e afastar de si as coisas, que é por onde lhe nascem os afectos. As apreensões da memória são as que inquietam a alma. Esquecidas todas as coisas, não há nada que perturbe a paz ou que estimule os apetites, pois, como se costuma dizer, o que os olhos não vêem o coração não deseja.

**2.** Sobre isto há experiências a cada momento. Sempre que a alma se põe a pensar nalguma coisa, vemos que fica mais ou menos inquieta e conturbada, conforme for a apreensão dessa coisa. Se for desagradável ou molesta, encontra tristeza ou ódio, etc.; se for agradável, encontra deleite e prazer, etc.

Forçosamente, a perturbação há-de surgir na mudança daquela apreensão. Assim, ora está alegre ou triste, ora com ódio ou com amor.

Falta-lhe a estabilidade, que é o efeito da tranquilidade moral, a qual só conseguirá depois de lograr esquecer todas as coisas.

Está bem claro que as notícias impedem muito a alma do bem das virtudes morais.

**3.** Pelas mesmas razões se prova claramente que a memória perturbada *impede do bem espiritual*. A alma inconstante que não tem fundamento de bem moral é incapaz, enquanto tal, do espiritual, pois este só se comunica à alma bem disciplinada e pacífica.

Além disso, se a alma retiver as apreensões da memória e lhes fizer caso, só pode prestar atenção a uma coisa; ocupando-se das apreensões, como são as notícias da memória, não pode ficar livre para o incompreensível, que é Deus. E, como sempre dissemos, para se unir a Deus, a alma há-de ir antes não compreendendo do que compreendendo e trocar o mutável e compreensível pelo imutável e incompreensível.

## CAPÍTULO 6

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Os benefícios da alma provenientes do esquecimento e esvaziamento de todos os pensamentos e notícia que naturalmente possa receber da memória.*

**1.** Através dos danos que dissemos surgir à alma pelas apreensões da memória, podemos deduzir os *proveitos* opostos que surgem a seguir ao seu esquecimento e esvaziamento, pois, como dizem os *naturalistas*, a doutrina que serve para um contrário também serve para o outro.

Quanto ao *primeiro*, goza a tranquilidade e a paz de espírito, porque se encontra livre da confusão e da agitação que os pensamentos e as notícias da memória provocam, gozando um bem maior que é a pureza de consciência e de alma. Tudo isto lhe faz ganhar uma grande predisposição para a sabedoria humana e divina e para as virtudes.

**2.** Quanto ao *segundo*, livra-se de muitas insinuações, tentações e movimentos que o demónio mete na alma através de pensamentos e notícias, fazendo-a cair em muitas impurezas e pecados, como diz David: *Pensaram e falaram com malícia* (Sl 72, 8). Retirados os pensamentos, o demónio fica sem forma natural de combater o espírito.

**3.** Quanto ao *terceiro*, a alma, mediante o esquecimento e esvaziamento de todas as coisas, fica preparada para se deixar mover e ensinar pelo Espírito Santo, o qual, como diz a Sabedoria, *se-afasta dos pensamentos insensatos* (Sb 1, 5).

E se outro proveito o homem não tirasse, ver-se livre das penas e perturbações por meio do esquecimento e esvaziamento da memória já seria um grande benefício e proveito. As penas e as perturbações que as coisas e os acontecimentos adversos causam na alma, não servem nem ajudam à pacificação das próprias coisas e acontecimentos; pelo contrário, ainda os agravam mais e danificam a alma.

Por isso, disse David: *É em vão que o homem se agita* (Sl 38, 7). Na verdade, é sempre vão perturbar-se, pois nada se ganha com isso. Portanto, ainda que tudo se acabe e afunde, ainda que resulte ao contrário ou adverso, não vale a pena perturbar-se porque, em vez de se resolverem as coisas, ainda se complicam mais. Suportando tudo com paciência e serenidade, para além dos muitos bens que traz à alma, ajuda a discernir melhor essas mesmas contrariedades e a solucioná-las da forma mais conveniente.

**4.** Por isso Salomão, conhecendo o mal e o bem disto, disse: *Concluí que nada é melhor para o homem do que folgar e procurar a felicidade durante a sua vida* (Ecl 3, 12). Ele está a dizer-nos que, em todos os acontecimentos, por muito adversos que sejam, havemos de alegrar-nos mais do que perturbar-nos, para não perdermos o que é mais valioso do que toda a riqueza; quer dizer, manter a tranquilidade e a paz de espírito, quer as coisas sejam contra ou a favor, suportando tudo da mesma maneira.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Se o homem esquecesse as notícias e afastasse os pensamentos, não querendo ouvir, ver e falar de nada, nunca perderia a paz. De facto, o nosso ser é tão superficial e incoerente que, apesar de muita virtude, dificilmente deixará de tropeçar com a memória em coisas que perturbam e alteram o espírito que estava em paz e sossego, sem se lembrar de nada.

Foi por isso que Jeremias disse: *Ao pensar nisto sem cessar, a minha alma desfalece* (Lm 3, 20).

### CAPÍTULO 7

*A segunda espécie de apreensões da memória: imagens e notícias sobrenaturais.*

**1.** Se bem que na primeira espécie de apreensões naturais tenhamos dado doutrina para as imaginações naturais, é oportuno fazer aqui esta divisão por causa de outras formas e notícias que a memória guarda em si de coisas sobrenaturais, tal como visões, revelações, locuções e sentimentos de origem sobrenatural. Estas coisas, quando passam pela alma, costumam deixar imagem, forma e figura, ou notícia impressa, quer seja na alma, na memória ou na imaginação, por vezes muita viva e eficaz.

Também nisto é necessário prevenir para que a memória não se enrede nelas e não venham a constituir-se impedimento para a união com Deus em esperança pura e perfeita;

**2.** Volto a repetir: para alcançar este bem, a alma nunca há-de meditar sobre as coisas claras e distintas que lhe tenham acontecido por via sobrenatural para conservar em si as formas, as figuras e notícias dessas coisas. Temos de partir sempre deste pressuposto: quanto mais a alma se apodera de alguma apreensão natural ou sobrenatural, distinta e clara, tanto menos capacidade e predisposição tem para entrar no abismo da fé, onde tudo o resto desaparece. Como se disse, nenhuma forma ou notícia sobrenatural que a memória possa compreender é Deus, e de tudo o que não é Deus há-de a alma libertar-se para chegar a Deus. Por conseguinte, também a memória se há-de desfazer de todas estas formas e notícias para se unir a Deus em esperança: Toda a possessão é contra a esperança, a qual, como diz S. Paulo, *é do que não se possui* (Rm 8, 24).

Portanto, quanto menos a memória possuir, tanto mais tem de esperança, ou seja, mais unida está a Deus. Quanto mais a alma espera em Deus, tanto mais alcança. E tanto mais alcança, quanto menos possuir.

E quando se tiver desfeito completamente de tudo, possuirá Deus na união divina. Mas há muitos que não querem privar-se da doçura e gosto que a memória retira das notícias, por isso não chegam à suma posse e doçura. *Assim, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser Meu discípulo* (Lc 14, 33).

## CAPÍTULO 8

*Os danos que as notícias de coisa\$ sobrenaturais podem causar na alma se meditar nelas. Diz quais são.*

**1.** O espiritual arrisca-se a *cinco espécies de danos*, se insistir na meditação destas notícias e imagens gravadas acerca do que sobrenaturalmente lhe acontece.

**2.** *Primeira*, engana-se muitas vezes tomando uma coisa por outra.

*Segunda*, está perto e em ocasiões de cair nalguma presunção ou vaidade.

*Terceira*, o demónio tem muito por onde o enganar através dessas apreensões.

*Quarta*, impede-o de se unir a Deus em esperança.

*Quinta*, as mais das vezes, faz um juízo modesto de Deus.

**3.** Quanto à *primeira espécie* vê-se bem que, se o espiritual se aferra e medita nessas notícias e imagens, há-de enganar-se muitas vezes a respeito delas. Se ninguém pode conhecer exactamente as coisas naturais que passam pela sua imaginação, nem fazer um verdadeiro e perfeito juízo delas, muito menos o poderá fazer das sobrenaturais, que superam a nossa capacidade e raramente acontecem.

Por isso, muitas vezes pensará que são coisas de Deus, e não é mais que a sua fantasia. Muitas outras pensará ser do demónio o que é de Deus, e ser de Deus o que é do demónio.

Muitíssimas vezes ficar-lhe-ão impressas imagens e notícias de bens e males, alheios ou próprios, e de outras figuras que recebeu como certíssimas e verdadeiras, e não serem mais do que uma grande farsa. Outras vezes serão verdadeiras, e tomá-las-á por falsas! E, porque isto costuma nascer da humildade, tenho-o por mais seguro.

**4.** Mas, se não se engana na verdade, poderá enganar-se na *quantidade* ou na *qualidade*. Na quantidade, julgando que o pouco é muito e que o muito é pouco. Na qualidade, julgando o que tem na sua imaginação por ser uma coisa e, afinal, ser outra bem diferente, tomando, como diz Isaías (Is 5, 20), *as trevas por luz e a luz por trevas, o amargo por doce, e o doce por amargo*. Por fim, não é de admirar se acerta numa coisa e se engana noutra, porque, embora não queira fazer nenhum juízo, basta dar-lhe alguma atenção para que se lhe apegue algum dano, pelo menos passivamente. E se não for nesta espécie de danos, será nalguma dos outros quatro, dos quais falaremos a seguir.

**5.** O que convém ao espiritual para não cair neste dano de enganar-se no seu juízo é não querer investigar o que tem ou sente, e o significado desta ou daquela visão, notícia ou sentimento. Nem tenha vontade de o fazer. Nem lhe faça caso senão para o comunicar ao director espiritual para que lhe ensine a esvaziar a memória daquelas apreensões. Pois, com tudo o que elas são em si, não o podem ajudar mais



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

no amor de Deus do que o menor acto de fé viva e esperança que se faz por meio do desprendimento e renúncia de todas as coisas.

### CAPÍTULO 9

*A segunda espécie de danos: o perigo de cair na auto-estima e vã presunção.*

**1.** As mencionadas apreensões sobrenaturais da memória, se lhes derem importância, constituem para os espirituais uma grande oportunidade de cair nalguma presunção ou vaidade. Assim como está bem livre de cair nesse vício quem não tem nada disso, pois não vê de que vangloriar-se, assim também não faltará ocasião, a quem o tiver, de julgar que é importante por receber aquelas comunicações sobrenaturais.

É verdade que o podem atribuir a Deus e dar-lhe graças, sentindo-se indignos delas. No entanto, costuma ficar sempre no espírito alguma consolação oculta e uma auto-estima por aquilo. Assim, sem se darem conta, nasce-lhes uma grande soberba espiritual.

**2.** Eles mesmos o podem constatar claramente pelo desgosto e antipatia que sentem para com quem não lhes louva o seu espírito nem lhes aprecia tais coisas; ou pela tristeza que sentem quando julgam ou lhes dizem que outros também têm essas mesmas coisas ou ainda melhores.

Tudo isto nasce da secreta estima e soberba, na qual estão enterrados até aos olhos sem se aperceberem. Julgam que basta reconhecer um pouco da sua miséria quando, na verdade, estão cheios dessa secreta estima e satisfação de si mesmos, contentando-se mais com o seu espírito e bens espirituais do que com o do outro. São como o fariseu que dava graças a Deus por não ser como os outros homens e por ter estas e aquelas virtudes, enchendo-se assim de vaidade e presunção (Lc 18, 11- 12).

Formalmente eles não o dizem como o fariseu, mas trazem-no habitualmente no espírito.

Alguns chegam a ser tão soberbos, que se tomam piores que o demónio. Ao verem-se com algumas apreensões e sentimentos devotos e suaves que julgam ser de Deus, vangloriam-se de tal maneira que pensam estar muito perto de Deus e, pelo contrário, os que não sentem nada disso bem longe; e desprezam-nos como fez o fariseu ao publicano.

**3.** Para se livrar deste pestilento dano, odioso aos olhos de Deus, hão-de pensar em *duas coisas: A primeira;* a virtude não está nas ideias e nos sentimentos de Deus, por mui elevados que sejam, nem em nada parecido que possam sentir.

Está antes na grande humildade e desprezo por si e por todas as suas coisas, algo que deve ser bem firme e sentido na alma; em desejar que os outros sintam isto mesmo por ele, e não querer que o coração alheio lhes dê qualquer valor.

**4.** A *segunda*, saber que todas as visões, revelações e sentimentos do céu, e tudo quanto eles quiserem pensar, valem menos que o mais pequeno acto de humildade. A humildade tem os mesmos efeitos da caridade: não admira as suas coisas nem as procura; não suspeita mal de ninguém a não ser de si; não pensa de si bem· algum, mas só dos demais (cf. 1 Cor 13, 4-7).

Neste caso, é conveniente não desejar veementemente estas apreensões sobrenaturais, mas procurar esquecê-las para serem livres.

## CAPÍTULO 10

*O terceiro dano que o demónio pode causar na alma pelas imagens da memória.*

**1.** Pelo que se acaba de dizer, pode-se concluir e perceber bem quanto dano o demónio pode causar à alma por meio destas apreensões sobrenaturais.

Ele pode não só representar-lhe na memória e na fantasia muitas notícias e imagens falsas com ar de verdadeiras e boas, mas gravá-las no espírito e nos sentidos com muita eficácia e evidência através da sugestão. Assim, a alma vai julgar que não existe outra coisa e que aquilo é tal e qual como ela o vê.

Porque o demónio se transforma em anjo de luz (2 Cor II, 14), à alma parece-lhe luz. E nas notícias verdadeiras, as que procedem de Deus, pode tentá-la de muitas maneiras, fomentando-lhe os apetites e os afectos, quer os espirituais quer os sensitivos, para com elas. Porque se a alma gosta dessas apreensões, é muito mais fácil para o demónio aumentar-lhe apetites e afectos até cair na gula espiritual e outros danos.

**2.** E, para melhor o conseguir, costuma inspirar e inculcar gosto, sabor e prazer nos sentidos acerca das coisas de Deus. Assim, a alma, atraída e deslumbrada por aquele sabor, vai-se cegando com o gosto e olhando mais ao sabor do que ao amor, ou, pelo menos, já não tanto ao amor.

Começa a fazer mais caso da compreensão da notícia do que da desnudez e desprendimento que há na fé, na esperança e no amor de Deus. Portanto, pouco a pouco vai enganando-a e levando-a a acreditar facilmente nas suas mentiras.

Quando a alma está cega, a mentira não lhe parece mentira, o mal não lhe parece mal, etc., as trevas parecem-lhe luz, e a luz, trevas. Então, acaba por cair em mil disparates em relação ao *natural*, ao *moral* e ao *espiritual*, convertendo-se-lhe em vinagre o que antes era vinho. Tudo isto lhe acontece porque, ao princípio, não foi negando o gosto dessas coisas sobrenaturais. Como, ao princípio, o gosto é pouco e faz pouco mal, a alma não se acautela tanto e deixa, o permanecer e crescer até se tornar árvore frondosa, como o grão de mostarda (Mt 13, 31-32). E, como se diz, um pequeno erro no princípio torna-se grande no fim.

**3.** Portanto, para se livrar deste grande dano do demónio, convém muito à alma não querer saborear essas coisas, porque, certamente, irá deixando-se cegar pelo gosto

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

delas e cairá. O gosto, o prazer e o sabor bastam-se a si próprios para cegar a alma, sem nenhuma ajuda do demónio.

Foi o que fez saber David quando disse: *Talvez nos meus prazeres as trevas me possam esconder, ou a luz se transforme em noite à minha volta* (SI 13 8, 11).

## CAPÍTULO 11

*O quarto dano que as apreensões sobrenaturais distintas da memória causam à alma: impedem-lhe a união.*

**1.** Sobre este *quarto dano* há pouco que dizer, pois estamos a falar dele a cada passo neste *Terceiro Livro*, onde demonstramos como a alma, para se unir a Deus em esperança, há-de renunciar a tudo quanto retém na memória. Porque, para a esperança estar totalmente posta em Deus, não há-de existir na memória nada que não seja Deus.

Também explicamos como nenhuma forma, figura, imagem, ou outra notícia que possa existir na memória, é Deus, nem se parece com Ele, quer seja celeste, terrena, natural ou sobrenatural, como ensina David: *Não tendes igual entre os deuses, Senhor* (SI 85, 8). Se a alma se quiser dispor para alguma destas coisas, indis põe-se para Deus, porque se enreda e porque quanto mais possuir menos esperança tem.

**2.** Portanto, é necessário que a alma permaneça despida e olvidada de formas e notícias distintas de coisas sobrenaturais para não impedir na memória a união com Deus em esperança perfeita.

## CAPÍTULO 12

*O quinto dano que as formas e apreensões imaginárias sobrenaturais podem causar à alma: formar um juízo de Deus mesquinho e desapropriado.*

**1.** O *quinto dano* não é o mais pequeno para alma. Ele é consequência dela querer reter na memória e na imaginação aquelas formas e imagens das coisas que se lhe comunicam sobrenaturalmente, sobretudo quando as quer tomar como meio para a divina união. A coisa mais fácil de acontecer é julgar o ser e a grandeza de Deus de forma menos digna e menos sublime do que convém ao seu mistério. Porque, embora a razão e o juízo não digam explicitamente que Deus é semelhante a algo daquilo, contudo a estimação por essas apreensões, se realmente as estima, faz com que a alma não aprecie nem sinta a Deus de forma tão sublime como nos ensina a fé, a qual nos diz que Ele é incomparável e incompreensível, etc.

É certo que tudo o que a alma põe na criatura o tira de Deus. Mas, naturalmente, por meio da estimação daquelas apreensões, estabelece-se no seu íntimo certa comparação entre elas e Deus que não a deixa julgar e apreciar Deus de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

forma tão sublime como devia. As criaturas, terrenas ou celestes, e todas as notícias e imagens distintas, naturais e sobrenaturais, que possam caber nas potências da alma, por muito elevadas que sejam nesta vida, não têm qualquer comparação nem proporção com o ser de Deus, porque, como dizem os teólogos, Deus não tem género ou espécie como elas.

Nesta vida, a alma só é capaz de compreender clara e distintamente o que entra sob algum género ou espécie. Por isso diz S. João (Jo 1, 18) que *a Deus jamais alguém o viu. O coração do homem, diz Isaías, não sabe como é Deus* (Is 64, 4). E Deus disse a Moisés que *não O podia ver nesta vida* (Ex 33, 20).

Portanto, quem detiver a memória e as outras potências da alma com o que elas podem compreender, não pode estimar nem sentir a Deus como deve.

**2.** Damos um pequeno exemplo. Quanto mais alguém olhar para os criados do rei e se fixar neles; não há dúvida que menos caso faz do rei e menos o estima. Embora o apreço não esteja formal e explicitamente no entendimento, está-o na acção: quanto mais olhar para os criados menos olha para o seu senhor. Por isso, não pensa de forma muito sublime acerca do rei, porque os criados parecem-lhe ser alguma coisa diante do rei, seu senhor. O mesmo acontece na relação da alma com Deus, quando faz caso dessas criaturas. Esta comparação é muito pobre, porque, como dissemos, Deus tem uma natureza diferente das criaturas, e diferencia-se infinitamente delas. Portanto, a alma não se há-de fixar em nenhuma criatura, nem imagem sua, a fim de poder fixar os olhos em Deus com fé e esperança.

**3.** Os que fazem caso dessas apreensões imaginárias e pensam que Deus se parecerá com alguma delas, podendo assim chegar à união com Deus, já estão muitíssimo enganados. Pouco a pouco irão perdendo a luz da fé no entendimento, por meio da qual esta potência se une com Deus, e não crescerão na sublime esperança, por meio da qual a memória se une com Deus. Terá que se desligar primeiro de tudo o que é imaginado.

### CAPÍTULO 13

*Os benefícios que a alma consegue por afastar de si as apreensões da imaginação. Responde a uma objecção e explica a diferença que existe entre as apreensões imaginárias naturais e as sobrenaturais.*

**1.** Os benefícios de esvaziar a imaginação de formas imaginárias podem-se conhecer bem pelos cinco danos anotados que essas formas causam à alma que as quiser reter, como dissemos ao falar das formas naturais.

Mas, além destes, existem outros que dão grande paz e quietude ao espírito porque se encontra naturalmente livre de imagens e formas, e, por isso, livre do cuidado de saber se são boas ou más, de como lidar com umas e outras, do trabalho

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

e do tempo que gastaria com os mestres espirituais para discernirem se eram boas ou más, desta ou daquela espécie.

Já não precisa de saber nada destas coisas, pois de nenhuma fará caso.

Assim, o tempo e energia que a alma gastaria nisto ocupando-se delas, pode empregá-lo num exercício melhor e mais útil, que é o de ter a vontade em Deus, para chegar à desnudez e pobreza espiritual e sensitiva, que consiste em carecer de veras do apego de qualquer consolação ou apreensão interior ou exterior. Isto pratica-se bem desejando e procurando separar-se destas formas. Quanto mais se alhear de formas, imagens e figuras imaginárias, tanto maior benefício se lhe seguirá, como é o de aproximar-se de Deus, que não tem imagem, nem forma, nem figura.

**2.** Talvez digas: Porque é que muitos espirituais aconselham às almas a aproveitarem as comunicações e sentimentos de Deus, e a quererem receber d'Ele para Lhe retribuir? Se Ele não nos dá, que Lhe podemos retribuir? Também dirás que S. Paulo afirmou: *Não apagueis o Espírito* (1 Tes 5, 19). E que o Esposo diz à Esposa: *Gravame como selo em teu coração, como selo no teu braço* (Cant 8, 6), o que já é uma apreensão.

Ora, segundo a doutrina exposta, isso não se há-de procurar, mas rejeitar e pôr de lado, mesmo que venham de Deus. E é evidente que se Deus o dá é para bem e para causar bons efeitos. Por isso não devemos lançar fora as pérolas (cf. Mt 7, 6), porque seria uma espécie de soberba não querer receber as coisas de Deus como se nos bastássemos a nós próprios.

**3.** Para responder a esta objecção é preciso lembrar o que dissemos nos capítulos 15 e 16 21 do *Segundo Livro*, onde se responde, em grande parte, a esta dúvida. Lá dissemos que o bem que as apreensões sobrenaturais deixam na alma, quando são boas, opera-se passivamente na alma no mesmo instante em que se apresentam aos sentidos, sem que as potências tenham de fazer nada.

Portanto, não é preciso que a vontade as queira receber, porque, como também dissemos, se a alma quisesse operar nesse momento com as suas potências, com a sua inferior operação natural impediria a sobrenatural que Deus nela está a realizar por meio destas apreensões, e do seu trabalho não tiraria proveito algum. Se o espírito daquelas apreensões imaginárias é dado passivamente à alma, também passivamente há-de lidar a alma com elas sem nada fazer interior ou exteriormente.

Isto é guardar os sentimentos de Deus, não os perdendo com o seu baixo modo de proceder. E é não apagar o espírito, porque, se a alma quisesse agir de modo contrário àquele por onde Deus a leva, apagá-lo-ia. É o que aconteceria se, dando-lhe Deus passivamente o espírito, como faz com estas apreensões; ela quisesse comportar-se activamente, actuando com o entendimento ou querendo conseguir alguma coisa delas.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Fica então claro que, se a alma quiser operar, a sua acção será necessariamente natural, porque por si só não pode fazer mais. Na acção sobrenatural, não se move nem é capaz de se mover, a não ser que Deus a mova e a introduza nela. Portanto, se a alma quiser actuar nesse momento segundo o seu modo natural, há-de forçosamente, com a sua acção activa, impedir a acção passiva que Deus lhe está a transmitir, que é o espírito.

E impede-a porque se fixa na sua própria acção, que é de qualidade diferente e inferior àquela que Deus exerce nela; a de Deus é passiva e sobrenatural, enquanto que a da alma é activa e natural. Ora, isto é que seria apagar o espírito.

**4.** Também se vê claramente que a acção da alma é inferior. As suas potências não são capazes de discorrer e actuar sem nenhuma forma, figura ou imagem, quer dizer, sem o exterior e os acidentes que encobrem a substância e o espírito. Esta substância e espírito não se une às potências da alma em verdadeira inteligência e amor enquanto não cessar a acção das potências. A pretensão e fim de tal-acção não é outra senão chegar a receber na alma a substância, entendida e amada, daquelas formas.

Daí que a diferença e a vantagem entre a acção activa e a passiva é a que existe entre o que ainda se está a fazer e o que já foi feito, isto é, entre o que se pretende conseguir e alcançar e o que já se conseguiu e alcançou.

Daqui também se conclui que, se a alma quer ocupar activamente as suas potências com essas apreensões sobrenaturais- pelas quais, como dissemos, Deus lhe dá passivamente o espírito- seria como esquecer o que se fez para voltara fazê-lo. Assim, não só não gozaria o que estava feito como ainda o destruída com as suas acções, porque, como dissemos, só por si elas não conseguem alcançar o espírito que Deus concedia à alma sem a actuação delas.

Se a alma as forçasse, apagaria directamente o espírito dessas apreensões imaginárias que Deus infunde. Por isso, não lhes há-de fazer caso mantendo-se passiva e negativamente com elas, porque, nesse caso, Deus move muito mais a alma do que ela pode ou sabe. Foi por isso que o profeta disse: *Vou ficar de pé no meu posto de guarda, vou colocar-me sobre a muralha, vou ficar à espreita para ver o que Ele me diz* (Hab 2, 1). É como se dissesse: ficarei de pé a vigiar as minhas potências e não deixarei avançar as minhas acções porque assim poderei contemplar o que me for dito, isto é, entenderei e saborearei o que me for transmitido sobrenaturalmente.

**5.** O que se diz do Esposo refere-se ao amor que pede à Esposa. Este amor tem como tarefa nos amantes torná-los iguais um no outro na sua parte mais nobre. Por isso o Esposo diz para ela *o gravar como selo no seu coração* (Cant 8, 6), onde se vão cravar todas as setas de amor da aljava, que são as acções e as razões de amor. Porque, estando ali como seu alvo, todas lhe vão acertar e são para ele; deste modo, através das acções e movimentos de amor, a alma assemelha-se a ele até se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

transformar nele. E diz que o grave também *como selo no seu braço*, porque é nos braços que se exercita o amor no qual o Amado se apascenta e delicia.

**6.** Portanto, em todas as apreensões que receber do alto (imaginárias ou de qualquer outra espécie, tanto faz que sejam visões, locuções, sentimentos ou revelações) a alma há-de procurar nunca fazer caso da letra ou aparência, isto é, do que significam, representam ou dão a entender, e trate apenas de ficar com amor de Deus que interiormente lhe infundem.

Quer dizer, deve fazer caso apenas dos sentimentos que lhe infundem amor, e não do sabor, afabilidade ou imagens. Deverá lembrar-se dessa imagem ou apreensão que lhe infundiu amor só para lhe avivar o amor no espírito. É certo que a recordação não lhe causa tanto amor como quando lhe foi comunicado pela primeira vez; contudo, a recordação renova o amor e eleva a mente para Deus, sobretudo quando se trata de certas figuras, imagens ou sentimentos sobrenaturais que costumam ficar gravados e impressos de tal maneira na alma que duram muito tempo, e outras nunca se apagam.

As que assim se gravam na alma, quase sempre que a alma as considera, causam-lhe efeitos divinos de amor, suavidade, luz, etc., em maior ou menor grau, porque para este fim é que foram gravadas. É uma grande graça que Deus concede a quem as recebe, pois é como possuir em si uma mina de bens.

**7.** As figuras que produzem estes efeitos estão vivamente assentes na alma. Não são como as imagens e formas que a fantasia retém. Por conseguinte, a alma não precisa de recorrer à fantasia para se lembrar delas, porque sabe que as tem em si como a imagem num espelho. Quando uma; alma possui em si formalmente estas figuras, pode recordá-las muito bem para o efeito de amor que falei. Elas não estorvarão a união de amor em fé, se ela não se deixar absorver pela figura; antes a ajudará se abandonar imediatamente a figura e se valer só do amor.

**8.** É muito difícil poder saber quando estas imagens estão gravadas na alma ou na fantasia, porque as da fantasia também costumam ser muito frequentes. Algumas pessoas costumam andar sempre com visões imaginárias na imaginação e na fantasia, que frequentemente representam da mesma maneira.

Umaz vezes é porque trazem o sentido muito apreensivo e, por pouco que pensem, imediatamente as representa e desenha na fantasia aquela habitual figura. Outras vezes é o demónio que as coloca.

Ou também porque Deus lhas dá, sem que se gravem formalmente na alma.

Elas conhecem-se pelos efeitos. As naturais ou do demónio, por mais que se lembrem delas, não causam nenhum bom efeito nem renovação espiritual na alma, pois são vistas com frieza.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quando destas se recorda as que são boas, ainda produzem algum bom efeito em quem as recebe na alma pela primeira vez. Mas as formais que se gravam na alma, quase sempre que as recorda produzem algum efeito.

**9.** Quem conheceu as segundas facilmente as distinguirá das primeiras, porque, para quem tem experiência, a diferença é claríssima. O que sei dizer é que as que se imprimem formalmente na alma durante muito tempo, são mais raras. Contudo, quer se trate de umas ou de outras, é sempre bom para a alma não querer senão compreender a Deus em fé e esperança.

E quanto ao que a objecção diz parecer soberba por não admitir estas coisas quando são boas, parece-me ser antes humildade prudente aproveitar-se delas da melhor maneira, como se disse, e deixar-se guiar pelo mais seguro.

### CAPÍTULO 14

*As notícias espirituais que podem chegar à memória.*

**1.** Colocamos as *notícias espirituais* como terceiro género de apreensões da memória, não porque pertençam ao sentido corporal da fantasia como as anteriores, pois carecem de imagem e forma corporal, mas porque se incluem também na reminiscência e memória espiritual.

A prova está em que depois de alguma das apreensões cair na alma pode ser recordada quando se quiser. Não é por haver qualquer figura ou imagem de alguma apreensão no sentido corporal - porque, por ser corporal não pode receber formas espirituais, como dissemos -, mas porque, intelectual e espiritualmente, é recordada pela forma que ficou gravada na alma ou pelo efeito que causou, porque também ela é forma, notícia, imagem espiritual ou formal.

É por isso que as coloco entre as apreensões da memória, embora não pertençam às da fantasia.

**2.** No capítulo 24 do *Segundo Livro*, onde as tratámos como apreensões do entendimento explicou-se suficientemente quais sejam estas notícias e o modo de a alma lidar com elas para chegar à união com Deus.

Anote-se como lá dissemos que eram de duas maneiras: incriadas e de criaturas.

Quanto ao modo como a memória há-de lidar com elas para chegar à união, apenas digo que faça o mesmo que disse sobre as formas no capítulo anterior, pois pertencem ao mesmo género destas que procedem de coisas criadas. Se lhe causaram bom efeito, pode recordá-las para avivar o amor e a notícia de Deus, mas não para as reter. Mas se a sua recordação não produz bom efeito, nunca as queira recordar.

Quanto às incriadas, digo que tente recordá-las sempre que puder, porque lhe produzirão um grande efeito. Elas são, como dissemos anteriormente, toques e



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sentimentos da união com Deus, para a qual queremos conduzir a alma. E a memória não recorda isto através de qualquer forma, imagem ou figura que tenha sido gravada na alma, porque carecem desses toques e sentimentos da união com o Criador. Recordá-lo pelos efeitos que produziram de luz, amor, gozo e renovação espiritual, etc.

E, sempre que as recorda, alguma coisa destes efeitos se renova.

## CAPÍTULO 15

*Expõe o modo geral como o espiritual há-de proceder neste sentido.*

**1.** Para concluir este assunto da memória será útil indicar o modo geral que o leitor espiritual há-de usar para se unir com Deus através deste sentido. Embora ficasse bem explicado no que já se disse, resumi-lo-emos aqui para mais facilmente o entender.

É preciso ter em conta o que pretendemos: que a alma se una a Deus pela memória em esperança. Espera-se o que não se tem. Quanto menos coisas nela houver, mais capacidade e mais possibilidade existe para esperar o que se espera; por conseguinte, mais esperança se tem.

Quanto mais a alma limpar a memória das formas e recordações que não são Deus, tanto mais em Deus terá a memória e mais vazia para esperar que Ele a preencha plenamente. Portanto, para viver em total e pura esperança de Deus, o espiritual terá de fazer o seguinte: sempre que lhe ocorram notícias, formas e imagens particulares, sem se deter nelas, volte a alma para Deus com afecto amoroso e livre de qualquer recordação; não pense nem repare nessas coisas mais do que aquilo que é preciso para entender e cumprir o seu dever, se forem caso disso; para que elas não produzam efeito na alma, não ponha nelas nenhum afecto ou gosto.

É certo que o homem não há-de deixar de pensar e lembrar-se do que deve fazer e saber, mas, desde que não tenha o desejo de as possuir, não lhe causarão qualquer dano. É para isto que servem os versos do *Monte*, que estão no capítulo do *Primeiro Livro*.

**2.** Apesar disso, conste que não concordamos, nem queremos concordar, com a doutrina daqueles pestíferos homens que, levados pela soberba e inveja de Satanás, quiseram retirar dos olhos dos fiéis o santo e necessário costume da insigne adoração das imagens de Deus e dos santos. Pelo contrário, a nossa doutrina é muito diferente da deles. Não estamos aqui a dizer, como eles, que não haja imagens ou que não sejam adoradas.

Apenas pretendemos mostrar a diferença que existe entre elas e Deus, e dizer que as pinturas não impedem de chegar ao essencial se passar por elas sem reter mais do que aquilo que é necessário para chegar ao espiritual.

Assim como os meios são bons e necessários para atingir um fim, como é o caso das imagens para nos lembrarmos de Deus e dos santos, assim também, se os virmos e considerarmos em mais do que aquilo que são, estorvam e impedem tanto a sua finalidade como qualquer outra coisa diferente deles. Precisamente, é nas imagens e visões sobrenaturais onde eu mais insisto, porque são fonte de muitos enganos e perigos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Porque em relação à memória, adoração e apreço pelas imagens que a Igreja Católica nos propõe, nenhum engano e perigo pode haver, porque nelas apenas se ama o que representam. Também a sua recordação não deixará de causar proveito à alma, pois ela faz-se só por amor ao que representam. Se é só para isto que a alma se fixa nelas, sempre hão-de aproveitar para a união com Deus; o importante é que, quando Deus lha conceder, deixe voar a alma do pintado ao Deus vivo, esquecendo-se das criaturas e das coisas das criaturas.

### CAPÍTULO 16

*Começa a falar da noite escura da vontade. Apresenta a divisão dos afectos na vontade.*

**1.** De nada valeria termos purificado o entendimento para o fundamentar na virtude da fé, e a memória na da esperança, se não purificássemos também a vontade em ordem à terceira virtude, que é a caridade. Através dela as obras realizadas em fé são vivas e de grande valor, e sem ela de nada valem, pois, como diz S. Tiago, *sem as obras da caridade, a fé está morta* (Tg 2, 20).

Para falar agora da *noite* e da desnudez *activa* desta potência, para a aperfeiçoar e formar nesta virtude da caridade, não encontrei melhor passagem do que aquela que se escreve no *Deuterónimo*, capítulo 6 (v. 5), onde Moisés diz: *Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças*. Ela contém tudo o que o homem espiritual deve fazer, que é o que eu aqui lhe tento ensinar, para chegar à verdadeira união da vontade com Deus em união pela caridade.

Nela se ordena ao homem que ponha em Deus todas as potências, apetites, operações e afectos da sua alma para que toda a sua capacidade e força não sirva senão para isso, como diz David: *Fortitudinem meam ad te custodiam* (Sl 58, 10).

**2.** A força da alma está nas suas potências, paixões e apetites, quando governadas pela vontade. Quando a vontade encaminha estas potências, paixões e apetites para Deus e as desvia de tudo o que não é Deus, então guarda a força da alma para Deus, podendo, assim, vir a amar a Deus com todas as suas forças.

E para que a alma alcance fazer isto, procuraremos purificar aqui a vontade de todas as suas paixões desordenadas, porque é delas que nascem os apetites, afectos e operações desordenadas bem como o não reservar todas as suas forças para Deus.

Estas afeições ou *paixões* são quatro: *gozo, esperança, dor e temor*. É evidente que ordenando sensatamente estas paixões para Deus, de modo que a alma não *goze* senão da pura honra e glória de Deus, não tenha a *esperança* posta em mais nada, nem sinta *dor* senão por causa disto, nem *tema* senão a Deus, estão a encaminhar e a guardar para Deus a força e capacidade da alma. Quanto mais a alma gozar doutra coisa que não é Deus, menos força tem para gozar de Deus.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quanto mais esperança puser noutra coisa, tanto menos esperará em Deus. E assim por diante.

**3.** E, para podermos apresentar uma doutrina mais completa a este respeito, como é nosso costume explicaremos em particular cada uma destas quatro paixões e apetites da vontade. Porque o segredo para chegar à união com Deus está em purificar a vontade dos seus afectos e apetites, a fim de que a inferior e humana vontade se transforme em vontade divina, configurando-se numa só coisa com a vontade de Deus.

**4.** Quanto mais débil estiver a vontade da alma em Deus e mais escrava das criaturas, tanto mais a dominam e combatem estas quatro paixões.

Porque então mais facilmente goza de coisas que não deveria gozar, põe a esperança no que nada aproveita, dói-se com o que talvez se havia de gozar, e teme onde não há que temer.

**5.** É a partir destas paixões que todos os vícios e imperfeições nascem na alma, quando estão sem freio; assim como, quando ordenadas e no seu lugar, nascem todas as virtudes.

Se uma delas se vai ordenando e acomodando à razão, todas as outras ficarão da mesma maneira, porque estas quatro paixões da alma estão tão unidas e irmanadas que, para onde uma for em acto, vão todas as outras em potência. Se uma se recolhe em acto, as outras três recolhem-se na mesma medida em potência. Se a vontade goza de alguma coisa, também nessa mesma medida a espera, e a dor e o temor por ela estão potencialmente incluídos. À medida que for diminuindo o gosto dela e retirando-lhe a esperança, também vai perdendo o temor e a dor por ela.

A vontade está simbolizada com as suas quatro paixões na figura dos quatro animais que *Ezequiel* (*Ez* 1, 8-9) viu num corpo que tinha quatro rostos e as suas asas ligadas umas às outras; cada um deles caminhava de rosto em frente e quando avançavam não se voltavam para trás.

Assim também as asas de cada uma destas paixões estavam de tal maneira ligadas umas às outras que, para onde quer que voltasse em acto o seu rosto, isto é, a sua operação, necessariamente as outras teriam de ir em potência com ela.

Quando uma se abaixar, como lá se diz, todas se hão-de abaixar; quando se levantar, todas se levantarão. Para onde for a tua esperança, irá o teu gozo, temor e dor; se se voltar para trás, todas se voltarão. E assim com cada uma das outras.

**6.** Portanto, ó espiritual, hás-de lembrar-te de que, para onde for uma destas paixões, também irá a alma inteira, com a vontade e as outras potências. Serão todas prisioneiras dessa paixão, e nela estarão vivas as outras três para aprisionar a alma com as suas cadeias e não a deixar voar para a liberdade e sossego da doce contemplação e união. Foi por isso que Boécio te disse que, *se quisesses*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*compreender a verdade com clareza, terias de afastar de ti o gozo, a esperança, o temor e a dor.* E enquanto estas paixões reinarem na alma, ela não terá a tranquilidade e a paz que se requer para receber, natural e sobrenaturalmente, a sabedoria.

### CAPÍTULO 17

*Começa a falar da primeira paixão da vontade. Diz em que consiste o gozo e faz uma distinção entre as coisas que a vontade pode gozar.*

**1.** A primeira paixão da alma e o afecto da vontade é o *gozo*. Sobre ela poderemos dizer que não é outra coisa senão um contentamento da vontade devido à estima por alguma coisa que julga conveniente. A vontade só goza com coisas que estima e lhe dão prazer.

Isto é o que diz respeito ao *gozo activo*, que surge quando a alma entende distinta e claramente o que goza e dela depende gozar ou não.

Mas também há o *gozo passivo*, em que a vontade pode estar a gozar sem compreender clara e distintamente nada do porquê desse gozo. Algumas vezes pode compreender, mas não depende dela gozar ou não gozar. Dele falaremos depois.

Agora vamos falar do *gozo activo e voluntário* das coisas distintas e claras.

**2.** O gozo pode nascer de seis espécies de coisas ou bens, a saber: *temporais, naturais, sensíveis, morais, sobrenaturais e espirituais*. Em todas elas, e por esta ordem, haveremos de ir pondo a vontade conforme à razão, para que, desimpedida deles, não deixe de ter a força do seu gozo posta em Deus.

Para isso é conveniente estabelecer um princípio que seja o báculo onde sempre nos poderemos apoiar. E é preciso compreendê-lo bem, pois ele será a luz que nos há-de guiar; é por ele que havemos de entender esta doutrina e orientar o gozo para Deus em todos estes bens. O princípio é este: A vontade só há-de gozar com aquilo que for honra e glória de Deus. A maior honra que Lhe podemos prestar é servi-<sup>l</sup>O com perfeição evangélica. Fora disto, nada vale <sup>1e</sup> aproveita ao homem.

### CAPÍTULO 18

*O gozo em relação aos bens temporais. Diz como neles se deve orientar o gozo para Deus.*

**1.** A *primeira* espécie de bens a que nos referimos é a dos *temporais*.

Por bens temporais entendemos aqui a riqueza, a posição, os cargos e as outras aspirações, bem como os filhos, parentes, casamentos, etc. São tudo coisas de que a vontade pode gozar.

Mas está claro que é em vão que os homens gozam a riqueza, os títulos, a posição, os cargos e as coisas semelhantes a que costumam aspirar! Se o homem,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pelo facto de ser mais rico; servisse mais a Deus, então poderia gozar as riquezas; mas, pelo contrário, elas são para ele ocasião de pecado; como diz o Sábio, ao dizer: *Meu filho, se fores rico, não ficarás isento de pecado* (Sir 11, 10).

É verdade que os bens temporais por si não levam necessariamente a pecar. Normalmente o pecado está em que o coração do homem se apega a eles na afeição e afasta-se de Deus. Afastar-se de Deus é pecado. Daí que o Sábio tenha dito: *Não ficarás isento de pecado*.

Foi também por isso que o Senhor, no Evangelho, lhes chamou *espinhos* (Mt 13, 22; Le 8, 14), dando a entender que quem lhe tocar com a vontade picar-se-á nalgum pecado. E aquela exclamação do Evangelho de S. Lucas que até mete medo: *Como é difícil para os que têm riquezas, isto é, os que têm o gozo posto nelas, entrar no reino de Deus!* (Lc 18, 24).

Assim, mostra bem como o homem não as deve gozar, porque se expõe a grandes perigos. Para nos afastar delas disse David: *Se crescerem as riquezas, não lhe entregueis o coração* (Sl 61, 11).

**2.** Não quero trazer para aqui mais textos sobre coisa tão clara, porque não esgotaria a Sagrada Escritura nem começaria a falar dos males que Salomão lhes atribui no Eclesiastes. Ele foi um homem rico e sabia bem o que eram as riquezas, mas disse que *tudo o que se faz debaixo do sol* (Ecl 1,14) *é ilusão das ilusões* (*ibid.*, 1, 2); *tudo é ilusão* (*ibid.*, 1, 14; 2, 17) e *correr atrás do vento* (*ibid.*, 2, 26). E *aquele que ama o dinheiro nunca se saciará dele* (*ibid.*, 5, 9). E a verdade de que *a riqueza é entesourada para desgraça do seu dono*» (*ibid.*, 5, 12) vê-se no Evangelho.

Ao homem rico, que gozava por se ver com uma grande colheita para muitos anos, Deus disse-lhe: *Insensato! Nesta mesma noite, vai ser reclamada a tua vida; e o que acumulaste para quem será?* (Lc 12, 20).

E David ensina-nos o mesmo quando diz: *Não te preocupes, se alguém enriquece. Quando morrer, nada levará consigo* (Sl 48, 17-18). Com isto dá a entender que até deveríamos ter pena dele.

**3.** Daqui se conclui que o homem nem há-de gozar as riquezas quando são suas, nem quando são do seu irmão, a não ser que, com elas, sirvam a Deus. Há apenas um caminho que as permite gozar: só se podem gozar as riquezas quando são gastas e empregues no serviço de Deus. Caso contrário, não tirará delas proveito algum.

O mesmo se diga dos títulos, da posição, dos cargos, etc. É em vão que se goza de tudo isso se não for para servir mais a Deus e seguir o caminho mais certo para a vida eterna. E como não pode saber claramente se é assim; isto é, se serve mais a Deus, etc., inútil seria gozar determinadamente estas coisas. Esse gozo seria insensato, porque, como diz o Senhor, *que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?* (Mt 16, 26).

Portanto, nada há para gozar se não for para servir mais a Deus.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**4.** Também não se deve gozar quanto aos filhos por serem muitos, ricos, dotados de dons, encantos naturais e fortuna, a não ser que sirvam a Deus. De nada valeu a Absalão, filho de David, a sua formosura, a sua riqueza, a sua linhagem, porque não serviu a Deus (2 Re 14, 25). Foi, portanto, em vão que gozou de tudo isso.

Também é inútil desejar filhos, como fazem alguns que atordoam e alvoroçam o mundo com esse desejo, porque não sabem se serão bons e servirão a Deus, ou se a alegria que deles esperam não se converterá em dor, a tranquilidade e o consolo em desassossego e desconsolo, a honra em desonra, ou se ofenderão mais a Deus por causa deles, como acontece a muitos. Destes disse Cristo que percorrem o mar e a terra para os enriquecer e fazê-los filhos da perdição, duas vezes pior do que eles (Mt 23, 15).

**5.** Portanto, ainda que todas as coisas sorriam ao homem e lhe sejam prósperas, desconfie em vez de gozar, pois com elas aumenta a ocasião e o perigo de esquecer a Deus e O ofender. Disso se afastava Salomão, dizendo no Eclesiastes (Ecl 2, 2): *Ao riso eu disse: «Loucura» e da alegria: «para que serve?»*. É como se dissesse: quando as coisas me sorriam considere como engano e erro gozar delas. Na verdade, é um grande erro e insensatez que o homem goze no que se lhe mostra alegre e risonho, sem saber ao certo se dali lhe virá algum bem eterno. *O coração dos insensatos, diz o Sábio, está na casa da alegria; mas o dos sábios, na casa do luto* (Ecl 7, 4 ).

A alegria cega o coração e não o deixa pensar e ponderar as coisas, enquanto que a tristeza faz abrir os olhos e considerar o seu proveito ou dano. É por isso que o Eclesiastes também diz: *Mais vale a tristeza do que o riso (ibid., 7, 3)*. Portanto, *mais vale ir a uma casa em luto do que a uma casa em festa, porque, como também diz o Sábio, naquela se vê em que acaba todo o homem* (Ecl 7, 2).

**6.** Também seria vaidade gozar de mulher ou marido, quando não têm a certeza se servem melhor a Deus no seu casamento. Deviam, antes, ficar confundidos porque, como diz S. Paulo, pelo matrimónio entregam o coração um ao outro e não o têm posto totalmente em Deus. Foi por isso que escreveu: *Não estás comprometido? Não procures mulher*.

E se a tiver, convém que seja com toda a liberdade do coração *como se não a tivesse* (1 Cor 7, 27). É isto, e o que dissemos sobre os bens temporais, o que ele nos ensina com estas palavras: *Eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. De agora em diante, os que têm mulher, vivam como se não a tivessem; e os, que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se não o usufruíssem plenamente (ibid., 7, 29-31)*.

Assim, não se há-de pôr o gozo em nada que não seja para servir a Deus. O resto é ilusão e coisa vã, pois o gozo que não é conforme a Deus não pode aproveitar à alma.

CAPÍTULO 19

*Os danos que podem advir à alma por gozar dos bens temporais.*

**1.** Se tivéssemos que falar de todos os danos que ameaçam a alma por haver posto o afecto da vontade nos bens temporais, não teríamos tinta e papel que chegassem, e o tempo seria pouco. Começando por muito pouco pode-se chegar a grandes males e destruir grandes bens. E como a centelha de fogo por apagar: pode proporcionar um fogo capaz de abrasar o mundo.

Todos estes danos têm a sua raiz e a origem num *dano privativo principal* que se dá neste gozo, e que consiste em afastar-se de Deus.

Assim como a alma se aproxima de Deus pela afeição da vontade e lhe nascem todos os bens, também se afasta d'Ele por esta afeição às criaturas e lhe vêm todos os danos e males. Porque, na medida em que goza e se afeiçoa às criaturas, afasta-se de Deus. Por isso, cada um, conforme o maior ou menor afastamento de Deus, poderá reconhecer os seus danos, grandes ou pequenos, extensiva ou intensivamente, ou, as mais das vezes, das duas maneiras.

**2.** Este dano *privativo*, do qual, como dissemos, nascem os outros negativos e positivos, é constituído por *quatro graus*, sendo um pior que outro. Ao chegar ao quarto; a alma terá atingido todos os males e danos que aqui se podem catalogar. Moisés, no Deuteronomio, indica-os muito bem com estas palavras: *Jacob engordou e revoltou-se, -tornaste-te gordo, anafado e bem nutrido -. Abandonou o Deus que o criou, e desprezou a Rocha da sua salvação* (Dt 32, 15).

**3.** A engorda da alma, que era amada antes de engordar, consiste em mergulhar neste gozo das criaturas. Daí lhe advém o primeiro grau deste dano, que é revoltar-se. Trata-se dum embotamento da mente acerca de Deus que lhe esconde os bens de Deus; é como a nuvem que escurece o céu e não deixa que o sol o ilumine.

Quando o espiritual põe o seu gozo nalguma coisa e dá corda à insolência do apetite, fica às escuras em relação a Deus e ensombra a inteligência natural da mente, como ensina o Espírito Divino no livro da *Sabedoria: D fascínio do mal obscurece o bem e a vertigem da paixão perverte uma mente sem maldade* (Sb 4, 12).

Assim, o Espírito Santo dá a entender que, embora não exista malícia na mente da alma, basta a concupiscência e o gozo das criaturas para lhe causar o primeiro grau deste dano, que é o embotamento da mente e a obscuridade da inteligência para compreender a verdade e discernir cada uma das coisas.

**4.** Se o homem permitir a concupiscência ou o gozo das coisas temporais, a sua santidade e juízo recto não o livra de cair neste dano. Foi por isso que Deus nos avisou por meio de Moisés com estas palavras: *Não aceites presentes, porque cegam até os mais prudentes* (Ex 23, 8).



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Dizia isto referindo-se particularmente aos que iam ser juizes, porque hão-de manter o juízo limpo e desperto, o que não aconteceria com a cobiça e o gozo de presentes. Foi por isso também que Deus mandou a Moisés que escolhesse juizes que detestassem a avareza, para que não se lhes obscurecesse o juízo com o gosto das paixões (*ibid.*, 18, 21-22).

Não diz apenas que a não queiram, mas que a detestem. Para uma pessoa se defender totalmente da afeição de amor, há-de nutrir-se de aversão, pois um contrário defende-se com outro.

A causa do profeta Samuel ter sido sempre tão recto e sábio juiz deve:-se ao facto de nunca ter aceite qualquer presente de alguém, como se diz no livro dos Reis, (1 Re 12, 3).

**5.** *O segundo grau deste dano privativo nasce do primeiro, como se vê pelo texto citado: Tornaste-te gordo, anafado e bem nutrido (Dt 32, 15).*

Neste segundo grau a vontade expande-se mais livremente pelas coisas temporais. Quer dizer, já não teme nem se martiriza tanto em gozar e desfrutar dos bens criados. E isto nasceu-lhe por haver dado antes rédea solta ao gozo. Permitindo-o a alma engordou com ele, como se disse; aquele grande gozo e apetite fez-lhe dilatar e alargar mais a vontade às criaturas.

Isto acarreta consigo grandes danos. O segundo grau afasta a das coisas de Deus e das obras piedosas. Não gosta delas, porque gosta de outras coisas. Vai caindo em muitas imperfeições, inconveniências, alegrias e gostos vãos.

**6.** Este segundo grau, quando totalmente consumado, afasta o homem dos exercícios piedosos que fazia diariamente, pois a sua mente e ambição já estão postas nas coisas do mundo. Os que se encontram neste segundo grau, além de terem a mente e o entendimento obscurecidos para conhecer a verdade e a justiça, como os do primeiro grau, sofrem já de muita indolência, tibieza e apatia para as conhecer e praticar. Deles falou Isaías dizendo: *Andam todos à procura de regalias e recompensas: Não defendem o direito dos órfãos nem se interessam da questão das viúvas (Is I, 23).*

E disto não estão isentos de culpa, sobretudo quando a profissão os obriga, pois já têm a malícia que faltava aos do primeiro.

Cada vez mais se vão afastando da justiça e das virtudes, porque deixam crescer cada vez mais a sua vontade no affecto às criaturas.

Portanto, a característica dos que se encontram neste segundo grau é a grande tibieza nas coisas espirituais, e o seu pouco fervor em praticá-las, Cumprem-nas mais por uma questão de obrigação ou costume do que por amor.

**7.** *O terceiro grau deste dano privativo consiste em abandonar totalmente à Deus. Para não se verem privados das coisas e dos bens deste mundo, já não se importam de cumprir a Sua lei. Então, cometem pecados mortais por causa da ganância.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Este terceiro grau é apontado pelo texto quando diz: *Abandonou o Deus que o criou* (Dt 32, 15).

Este grau abrange todos aqueles que têm as potências da alma tão mergulhadas nas coisas do mundo, como as riquezas e os negócios, que não se importam nada em cumprir o que lhes ordena a lei de Deus. Esquecem e ignoram o que diz respeito à sua salvação, embora estejam bem despertados e atentos às coisas do mundo. Tanto assim que Cristo, no Evangelho, os denomina filhos deste mundo, dizendo que eles são *mais prudentes* e mais sagazes para os seus negócios do que os *filhos da luz* para os seus (Lc 16, 8). Para as coisas de Deus não entendem nada, mas para as do mundo são espertíssimos. Mais concretamente, trata-se dos avarentos.

Eles têm o apetite tão afeiçoado e o gozo tão adito e posto nas coisas criadas que jamais se sentirão satisfeitos. Pelo contrário, quanto mais afastados se encontram da única fonte que os pode saciar, que é Deus, tanto mais cresce o seu apetite e a sua sede. O próprio Deus, através de Jeremias, refere-se a eles dizendo: *Abandonaram-Me, a Mim, nascente de águas vivas, e construíram para si cisternas rotas que não podem reter as águas* (Jr 2, 13). E acontece assim porque as criaturas não apagam a sede do avarento, antes lhe aumenta. São estes que cometem uma enormidade de pecados por causa de amarem os bens temporais, sendo. Os seus danos incontáveis. David diz que *transierunt in affectum cordis* (Sl 72, 7).

**8.** O *quarto grau* deste dano privativo é assinalado pela última parte da nossa citação: *Desprezou a Rocha da sua salvação* (Dt 32, 15). Fazem-no através do terceiro grau, do qual acabámos de falar, porque não se importam de aplicar o seu coração na lei de Deus devido aos bens temporais. A alma do avarento afasta-se tanto de Deus na memória, no entendimento e na vontade, que até se esquece que Ele é o seu Deus. Do dinheiro e dos bens temporais construiu para si um deus, como insinua S. Paulo ao dizer que a *avareza é uma idolatria* (Cl 3, 5). Este quarto grau chega mesmo a esquecer Deus e a colocar o coração formalmente no dinheiro, quando o deveria colocar totalmente em Deus, como se não tivesse outro deus.

**9.** A este quarto grau pertencem aqueles que não duvidam em subordinar as coisas divinas e sobrenaturais às temporais, como se fossem o seu deus. Deviam fazer ao contrário, isto é, sujeitá-las a Deus, se O tivessem por seu Deus, como é lógico. Destes fez parte o iníquo Balaão, que vendia a graça que Deus lhe havia dado (Nm 22, 7). O mesmo se diga de Simão, o Mago, que pensava que a graça de Deus se avaliava pelo dinheiro, querendo-a comprar (Act 8, 18-19). É por isso que dava mais valor ao dinheiro, pois julgava que seria mais apreciado se trocasse a graça pelo dinheiro.

Também hoje há muitos que, de muitas maneiras, pertencem a este quarto grau. Com as suas mentes cegas pela ambição das coisas espirituais servem ao dinheiro e não a Deus. Movem-se pelo dinheiro e não por Deus. Colocam em primeiro lugar o preço e a recompensa e não o valor divino. De muitos modos e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

maneiras, estão a fazer do dinheiro o seu principal deus e fim, antepondo-o ao seu último fim, que é Deus.

**10.** A este último grau pertencem também todos aqueles miseráveis que, estando tão enamorados dos bens, os tomam por seu deus; e, quando vêem que este deus sofre alguma desvalorização temporal, não duvidam em sacrificar-lhes as suas vidas. Enchem-se de desespero e suicidam-se por fins tão miseráveis. Com as suas próprias mãos manifestam o infeliz galardão que se alcança desse deus: como dele nada se espera, sobrem o desespero e á morte. E aos que não atinge com este último dano da morte, fá-los morrer vivendo com o sofrimento das preocupações e muitas outras misérias, que não deixam a alegria penetrar no seu coração nem ver bem algum sobre a terra. Andam sempre a pagar ao dinheiro o tributo do seu coração, porquanto penam por ele, acumulando-o para o seu último infortúnio de merecida perdição porque, como adverte o Sábio, *as riquezas guardam-se para desgraça do seu dono* (Ecl 5, 12).

**11.** Pertencem ainda a este quarto grau aqueles de quem S. Paulo diz que Deus *tradidit illos in reprobum sensum* (Rm 1, 28). Também o gozo proporciona ao homem estes danos quando o seu fim último é possuir.

Mas também é de ter muita pena daqueles a quem causa menor dano, porque, como se disse, obrigam a alma a retroceder muito no caminho de Deus. Por isso, como diz David: *Não te preocupes se alguém enriquece, se aumenta a fortuna da sua casa; quer dizer, não o invejes se julgares que te leva vantagem, porque, quando morrer, nada levará consigo; a sua fortuna não há-de acompanhá-lo* (Sl 48, 17-18).

## CAPÍTULO 20

*Os benefícios que advêm à alma por afastar o seu gozo das coisas temporais.*

**1.** O espiritual há-de ter muito cuidado para que o coração e o gozo não se comecem a apegar às coisas temporais. Lembre-se de que, de grau em grau, pode começar por pouco e acabar em muito. Do pouco chega-se a muito, e um pequeno começo pode acabar em coisa grande.

Basta uma faúlha de fogo para queimar um monte e o mundo inteiro.

Nunca se fie do pequeno apego, porque, se não o eliminar logo, não julgue que o fará depois. Se, quando é pequeno e está a começar, não tem coragem para o eliminar, como julga e presume que o fará quando for grande e enraizado? Lembre-se de que nosso Senhor diz no Evangelho que *quem é infiel no pouco, também o será no muito* (Lc 16, 10). Quem evitar o pouco, não cairá no muito.

Mesmo no pouco já há muito dano, porque o coração já está muito preso e amuralhado. É como diz o ditado: *O trabalho começado está meio acabado*. É por isso que David nos alerta ao dizer: *Se as vossas riquezas crescerem, não lhes entregeis o coração* (Sl 61, 11).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** E ainda que o homem não fizesse isso pelo seu Deus e por aquilo a que o obriga a perfeição cristã, deveria libertar totalmente o seu coração de todo o gozo de que se falou, por causa dos benefícios temporais e espirituais que lhe advêm. Desta maneira, não se livra apenas dos pestíferos danos de que falámos no capítulo anterior, mas, retirando o gozo dos bens temporais, adquire a virtude da liberalidade, que é um dos principais atributos de Deus. E, de modo algum, ela se pode possuir pela ganância.

Juntamente com ela, adquire a liberdade de espírito; a lucidez da razão, o sossego, a tranquilidade, a confiança pacífica em Deus, o culto e o verdadeiro oferecimento da vontade a Deus.

O gozo e o prazer das criaturas aumenta mais desprendendo-se delas do que se olhar para elas com o desejo de as possuir. Este é um cuidado a ter porque, como um laço, amarra o espírito à terra e não lhe deixa ter o coração livre.

Pelo desapego das coisas adquire um conhecimento mais perfeito das mesmas e, tanto natural como sobrenaturalmente, entende melhor a verdade que elas contêm. Assim, goza-as de uma forma bem diferente, com mais vantagens e excelências do que aquele que está apegado a elas. Este saboreia-as conforme a verdade que têm, o outro conforme a mentira. Um, quanto ao melhor; outro, quanto ao pior.

O primeiro, segundo a substância; o outro, o que tem preso nelas os sentidos, segundo os acidentes, pois os sentidos só podem receber e atingir o que é accidental, enquanto que o espírito, purificado das trevas e formas accidentais, penetra na verdade e no valor das coisas, que é o seu objecto.

O gozo obscurece a mente como a nuvem, porque a vontade não pode gozar das criaturas sem as possuir, tal como não há gozo de paixão sem a posse habitual no coração. A negação e a purificação deste gozo limpam a mente, tal como a atmosfera se limpa quando os vapores se dissipam.

**3.** O primeiro, ao não ter o gozo preso nelas, goza todas as coisas como se as possuísse; o segundo, como olha para elas com um particular desejo de as possuir, perde o gosto de todas elas em geral. O primeiro, parecendo *não ter nenhuma* delas no coração, *tem-nas todas* com grande liberdade, como diz S. Paulo (2 Cor 6, 10). O segundo, porque tem a vontade um pouco presa a elas, não tem nem possui nada. Ao contrário, elas é que lhe roubam o coração e, por isso, como cativo, pena. Daqui se conclui, portanto, que aos gozos que quiser ter nas criaturas, hão-de necessariamente corresponder outras tantas aflições e penas do seu preso e apossado coração.

A quem está desprendido, as preocupações não o apoquentam nem na oração nem fora dela. Sem perda de tempo, granjeia facilmente muitos bens espirituais. O outro, porém, passa o tempo a dar voltas e mais voltas ao laço que lhe ata e aperta o

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

coração, conseguindo libertar-se apenas por uns momentos deste laço do pensamento e do gozo ao qual tem preso o coração.

Portanto, o espiritual, ao primeiro movimento, quando o gozo lhe foge para as coisas, deve reprimi-lo, lembrando-se do propósito que aqui expomos. Quer dizer, o homem não deve gozar nada que não seja para servir a Deus e procurar a Sua honra e glória em todas as coisas, orientando-as só para isto, e nelas afastar-se da vaidade, não se atendo ao seu gosto e consolação.

**4.** Ao desapegar o gozo das criaturas recebe um grande e primordial benefício: ficar com o coração livre só para Deus. É um princípio necessário para receber todas as graças que Deus lhe queira conceder.

Sem esta disposição não lhas concede. E são de tal ordem que, se abandonar um gozo pelo Seu amor e pela perfeição do Evangelho, dar-lhe-á, até em bens temporais, cem por um nesta vida, como promete Sua Majestade no próprio Evangelho (Mt 19, 29).

E ainda que não fosse por estes motivos; mas só pelo desgosto que se dá a Deus com estes gozos das criaturas; o espiritual deveria extingui-los na sua alma. Como se pode ver no Evangelho, só por aquele rico gozar de bens para muitos anos, Deus indignou-se tanto, que lhe disse que, nessa mesma noite, a sua alma iria ser chamada a prestar contas (Lc 12, 20). Daqui concluímos que sempre que gozarmos de uma maneira vã, Deus está a olhar e a decretar algum castigo ou momento amargo conforme se mereça. Por vezes, o tormento que o gozo provoca é cem vezes maior do que o gozo recebido.

É o que S. João diz no *Apocalipse* (Ap 18, 7) acerca de Babilónia: *Na mesma medida em que ela gozou da glória e do luxo, assim sejam o seu tormento e luto.* Ele não diz isso para afirmar que o tormento vai ser maior que o gozo, porque sê-lo-á, uma vez que em troca de ligeiros prazeres dão-se eternos tormentos. O que ele pretende manifestar é que nada ficará sem castigo, porque Aquele que *há-de castigar a palavra inútil* (Mt 12, 36) não perdoará o gozo vão.

## CAPÍTULO 21

*Mostra como é vaidade pôr o gozo da vontade nos bens naturais e como, por meio deles, se há-de encaminhar para Deus.*

**1.** Por *bens naturais* entendemos aqui a beleza, a graça, o donaire, a compleição corporal e todos os demais dotes do corpo e os da alma, tais como o talento, a prudência e todas as demais coisas da razão.

O homem goza destas coisas quando ele, ou os seus, as têm, esquecendo-se de agradecer primeiro a Deus que lhas dá para ser mais conhecido e amado com elas. Gozar só por isso é engano e vaidade, como diz Salomão: *A graça é enganadora e a beleza é vã: a mulher que teme o Senhor, essa será louvada* (Pr 31, 30).

Com isto se ensina que, perante os bens naturais, o homem deve desconfiar primeiro, uma vez que através deles pode-se desviar facilmente do amor de Deus e, atraído por eles, cair na vaidade e ser enganado. Diz que a *graça corporal é enganadora*, porque, devido ao prazer vão e complacência própria ou de quem tal graça possui, engana o homem na rua e o atrai para o que não lhe convém. E diz que a *beleza é vã*, porque leva o homem a cair de muitas maneiras quando a estima e nela se compraz. Portanto, só se deve gozar quando com ela, ou com os outros bens, se serve a Deus. Por isso, deve recatar-se e desconfiar primeiro para que esses dons e graças naturais não sejam motivo para ofender a Deus com a sua vã presunção ou por fixar neles os olhos com desordenado afecto.

Quem possuir tais dotes deve ser comedido e cauteloso. Não permita que, pela sua vã ostentação, alguém possa desviar de Deus o seu coração, num só ponto que seja. Estes encantos e dons naturais são tão provocantes e proporcionam tantas ocasiões, tanto para quem os tem como para quem os contempla, que dificilmente alguém se livra de manter com eles algum pequeno laço ou união de coração.

Foi graças a este temor que vimos muitas pessoas espirituais, possuidoras de alguns deste dons, conseguiram, por meio de orações, que Deus as desfigurasse a fim de não serem, para si e para outros, causa e possibilidade de alguma afeição ou gozo vão.

**2.** O espiritual há-de, portanto, purificar e escurecer a sua vontade neste gozo vão, reconhecendo que a beleza e os demais encantos naturais são pó que vêm da terra e para lá voltam; que a graça e o donaire são fumo e aparência desse pó, e como tal os há-de considerar e estimar para não cair na vaidade.

Através deles há-de orientar o coração para Deus no gozo e na alegria de que Deus possui em si todos esses encantos e graças de um modo muitíssimo mais admirável e infinitamente superior a todas as criaturas.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É como diz David: *Eles deixarão de existir, mas Tu permanecerás; tal como um vestido, eles vão-se gastando, como um vestido que se muda, assim eles desaparecem. Mas Tu permaneces sempre o mesmo* (Sl 101, 27).

Por isso, se em tudo não dirigir o seu gozo para Deus, será sempre falso e enganador. A ele se atribuem as palavras de Salomão quando fala sobre o gozo das criaturas: *Ao gozo disse: Por que te deixas enganar em vão?* (Ecl 2, 2). É o que acontece quando o coração se deixa atrair pelas criaturas.

### CAPÍTULO 22

*Os danos que advêm à alma por colocar o gozo da vontade nos bens naturais.*

**1.** Muitos destes danos e benefícios que vou enumerando nestas espécies de gozo são comuns a todas, porque acontecem logo a seguir ao gozo e à sua negação. Independentemente do gozo de qualquer uma das seis divisões que estou a: tratar, vou apontar em cada uma delas alguns danos e benefícios que se encontram também nas outras, porque, como digo, são complementares ao gozo que em todas se encontra.

Mas a minha principal intenção é descrever os danos e benefícios particulares do gozo ou não gozo que de cada coisa advêm à alma. Chamo-lhe *particulares* porque são causados, imediata e primordialmente, por essa espécie de gozo. Porque há outros que são apenas causados de forma secundária é indirecta.

Por exemplo: O dano da tibieza de espírito é causado directamente por todas e por cada uma das espécies de gozo. Assim, este dano é comum a essas seis espécies de gozo. Mas a fornicção é um dano particular provocado directamente pelo gozo dos bens naturais, do qual estamos a falar.

**2.** Assim, os danos espirituais e corporais que, directa e efectivamente, advêm à alma quando põe o gozo nos bens naturais, resumem-se a seis danos principais.

O *primeiro* é a vanglória, a presunção, a soberba, o desprezo pelo próximo. Na verdade, ninguém pode olhar com estima para uma coisa sem os tirar das outras. O mínimo que daí resulta é o desprezo real das outras coisas. Quando naturalmente se estima uma coisa, o coração desvia-se das outras para aquela que se estima. Com este real desprezo é muito fácil cair, intencional e voluntariamente, nalgumas das outras coisas, em particular ou em geral, não só com o coração, mas também com a língua, quando se diz que isto ou aquilo, esta ou aquela pessoa, não é como tal ou qual.

O *segundo dano* é o que estimula os sentidos à complacência, ao prazer sensual e à luxúria.

O *terceiro dano* é o que leva a cair na adulação e nos louvores fúteis. Aí mora o engano e a vaidade, como diz Isaías: *Povo meu, quem te louva engana-te* (Is 3, 12). Mesmo que às vezes digam a verdade quando enaltecem os encantos e a beleza, só

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

por milagre é que algum dano não anda metido por ali, fazendo o outro cair rio gozo e na vã complacência ou manifestar deste modo os seus afectos e intenções menos perfeitas.

O *quarto dano* é geral. A razão e o sentido do espírito tornam-se muito insensíveis, como acontece no gozo dos bens temporais. E, de certo modo, até mais. Porque como os bens naturais estão mais unidos ao homem do que os temporais, o gozo deles deixa mais depressa e eficazmente no sentido a sua impressão e marca, cativando-o mais fortemente.

Deste modo, a razão e o entendimento ficam presos e obscurecidos com aquele affecto de gozo tão íntimo.

Daqui nasce o *quinto dano*, que é a mente distraída com as criaturas.

E daqui provém o *sexto dano*, que também é geral: a tibieza e a frouxidão de espírito. E costuma ser tão grande que até ganha tédio e tristeza às coisas de Deus, chegando mesmo a detestá-las. Com este gozo, perde-se infalivelmente o espírito puro, pelo menos ao princípio.

Se algum espírito se sentir, será muito sensível e vulgar, pouco espiritual, pouco interior e recolhido, consistindo mais num gosto sensitivo do que na força de espírito. O espírito encontra-se aqui tão débil e fraco que não consegue extinguir o hábito desse gozo.

E basta este hábito imperfeito para o espírito não ser puro, embora não consinta nos actos do gozo. De certo modo, viverá mais na fraqueza dos sentidos do que na força do espírito. Se assim não for, verificá-lo-á pela energia e perfeição que tiver nas tentações. Não nego que possa haver muitas virtudes no meio de grandes imperfeições; mas, sem extinguir estes gozos, não há espírito interior puro e aprazível, porque *quem domina é a carne, que tem desejos contrários ao espírito* (Gl 5, 17). E ainda que o espírito não sinta o dano, pelo menos é-lhe causada secretamente a distracção.

**3.** Mas falemos novamente do *segundo dano*. Ele contém inumeráveis danos, mesmo que não se possam explicar: com a pena nem descrever por palavras. Não é obscuro nem oculto, pois vê-se até onde chega e quão grande é a desventura nascida do gozo posto no encanto e beleza natural.

É por causa dela que todos os dias se vêem tantos homens mortos, honras perdidas, insultos feitos, bens dissipados, rivalidades e contendas, adultérios, violações e fornicções cometidas e tantos santos caídos por terra, que se poderiam comparar à *terça parte das estrelas do céu que a cauda do dragão varreu e lançou à terra* (Ap 12, 4), ao *ouro fino que perdeu o seu primor e brilho no lodaçal, aos nobres filhos de Sião, valiosos como o ouro fino e agora contados como vasos de barro partidos, desfeitos em pedaços* (Lm 4, 1-2).

**4.** Até onde não chega o veneno deste dano? E quem é que, pouco ou muito não bebe desta dourada taça da mulher babilónica do Apocalipse (Ap 17, 4)? Estando



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

montada naquela grande besta, que tinha sete cabeças e dez chifres, dá a entender que não há rico nem pobre, nem santo nem pecador, a quem não dê a beber do seu vinho, prendendo o seu coração a alguma coisa, porque, como lá se diz, *todos os reis da terra foram embriagados com o vinho da sua prostituição*. E atinge todos os estados, incluindo o do supremo, ínclito e divino sacerdócio do santuário, colocando a sua abominável taça *no lugar santo*, como diz Daniel (Dn 9, 27).

E, pouco ou muito, a ninguém, por forte que seja, deixa de dar a beber o vinho desta taça, que é este gozo vão. E diz que *todos os reis da terra foram embriagados com este vinho*, porque serão poucos aqueles que, por muito santos que tenham sido, não os tenha enfeitado e confundido nalguma coisa com esta bebida do gozo e gosto da beleza e encantos naturais.

**5.** Repare-se que *diz foram embriagados*. De facto, por pouco vinho que se beba deste gozo, rapidamente se amarra e prende o coração, fascina e obscurece a razão, como acontece aos viciados do vinho.

E, se não se toma logo alguma triaga, contra este veneno para o deitar fora, a vida da alma corre perigo. Se a fraqueza espiritual for aumentando, Causar-lhe-á um mal tão grande que, como Sansão, arrancados os olhos e cortadas as tranças da sua primeira força, ver-se-á a moer num moinho, cativo entre os seus inimigos, e vir a morrer talvez depois a segunda morte com eles como lhe aconteceu a ele.

Os males que lhe fizeram no corpo são os mesmos que a bebida deste gozo fez e faz hoje no espírito de muita gente. E, para maior perturbação sua, ainda terá de ouvir os seus inimigos dizer: *És tu aquele que rebentavas cordas duplas, dequeixavas leões, matavas mil filisteus, arrancavas portas e te livravas de todos os teus inimigos?* (Jz 16, 19).

Terminemos dando o remédio apropriado para este veneno. Ou seja: logo que o coração se sinta mover por este gozo vão dos bens naturais, lembre-se como é vão, perigoso e pernicioso gozar de outra coisa que não seja servir a Deus. Veja-se o grande dano que os anjos sofreram por gozar e comprazerem-se na sua beleza e bens naturais. Foi por isso que caíram nos horrendos abismos.

E quantas desgraças não acontecem todos os dias aos homens por causa dessa mesma vaidade!

Animem-se, portanto, a tomar a tempo o remédio que o poeta prescreve aos que começam a afeiçoar-se a esse gozo: «Apressa-te em remediar as coisas já, no princípio, porque, quando os males tiveram tempo para crescer no coração, tarde chega o remédio e a medicina». *Não repares muito no vinho, diz o Sábio, como é vermelho, como brilha no copo e escorre suavemente! No fim, morde como uma serpente e pica como uma víbora* (Pr 23, 31-32).

## CAPÍTULO 23

*Fala dos benefícios que a alma ganha em não pôr o gozo nos bens naturais.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**1.** São muitos os benefícios que advêm à alma por afastar o seu coração de semelhante gozo. Além de se habilitar para o amor de Deus e as outras virtudes, granjeia directamente a humildade para si e a caridade geral para com o próximo.

Não se afeiçoando a ninguém pelos bens naturais aparentes, que são enganadores, fica com a alma livre e transparente para amar a todos, racional e espiritualmente, como Deus quer que sejam amados.

É assim que se reconhece que ninguém é digno de ser amado senão pela virtude que possui. Quando se ama assim, ama-se conforme a vontade de Deus e com muita liberdade; e, se há vontade, a de Deus é maior. Quanto mais este amor cresce, mais cresce o de Deus, e quanto mais cresce o de Deus, mais cresce o do próximo, porque a razão e a causa desse amor é a mesma que existe em Deus.

**2.** Ao negar esta espécie de gozo, segue-se-lhe outro excelente benefício: o de cumprir e guardar o conselho do nosso Salvador, que diz por S. Mateus: *Quem quiser vir comigo, renuncie a si mesmo* (Mt 16, 24).

Portanto, a alma nunca o poderia fazer se pusesse o gozo nos seus bens naturais, porque, quem faz algum caso de si, não renuncia a si mesmo nem segue a Cristo.

**3.** Há outro grande benefício na negação desta espécie de gozo: produz uma grande paz na alma, afasta as distrações e recolhe os sentidos, sobretudo os olhos. Ao não querer gozar disso, também não quer olhar nem ocupar os outros sentidos com essas coisas. Deste modo, livra-se de ser seduzido e amarrado por elas, e não perde tempo a pensar nelas.

*Faz-se surdo, como a prudente serpente, para não ouvir a voz dos encantadores que as podem impressionar* (Sl 57, 5-6), pois, guardando as portas da alma, que são os sentidos, muito se guarda e conserva a sua tranquilidade e pureza.

**4.** Para os que se encontram adiantados na mortificação desta espécie de gozo, há um outro benefício que não é inferior: os objectos e as palavras grosseiras não os impressionam nem lhes causam impureza, como acontece com aqueles que ainda se agradam disso. À negação e mortificação deste gozo segue-se a espiritual pureza da alma e do corpo, isto é, do espírito e dos sentidos, e vai adquirindo uma harmonia angelical com Deus, fazendo da sua alma e do seu corpo um templo digno do Espírito Santo.

Mas isto seria impossível se o seu coração se gozasse nos bens e encantos naturais, porque para isto não é preciso haver aceitação ou memória de coisa grosseira. Para a impureza da alma e dos sentidos, basta o gozo da notícia dessa tal coisa. Com efeito, como diz o Sábio, *o Espírito Santo afasta-se dos pensamentos insensatos* isto é dos que não se orientam para Deus na razão superior (Sb 1, 5).

**5.** Segue-se-lhe outro benefício geral: além de se livrar dos males e danos atrás mencionados, livra-se também de inumeráveis vaidades e outros muitos danos,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

espirituais e temporais, principalmente o de cair na pouca estima que se vota aos que se folgam e elogiam com esses encantos naturais, próprios ou alheios. Assim, todos os que não se importam com estas coisas, mas só com as que agradam a Deus são considerados e estimados como prudentes e sábios. E são-no realmente.

**6.** De todos estes benefícios nasce o último, que é um excelente bem para a alma e muito necessário para servir a Deus: a liberdade de espírito. Com ela, as tentações são facilmente vencidas, os trabalhos bem suportados, as virtudes vão aumentando.

### CAPÍTULO 24

*A terceira espécie de bens, os sensuais em que a vontade pode afeiçoar o gozo. Diz quais são, de quantos géneros são, e como a vontade purificando-se deste gozo, se há-de encaminhar para Deus ...*

**1.** Falemos agora do gozo acerca dos *bens sensuais*. É a terceira espécie de bens em que a vontade, como dizíamos, se pode gozar. Note-se que por bens sensuais entendemos aqui tudo aquilo que nesta vida pode entrar pelos sentidos da vista, do ouvido, do olfacto, do gosto e do tacto, pelo engenho interior do discurso imaginário. Tudo isto pertence aos sentidos corporais, interiores e exteriores.

**2.** Para apagar e purificar a vontade do gozo nestes objectos sensíveis, e encaminhá-la por eles até Deus, é necessário pressupor uma verdade: como já referimos muitas vezes, os sentidos inferiores do homem, que são os que estamos a tratar, não são capazes nem podem conhecer e compreender Deus tal como Ele é.

Os olhos não O podem ver nem nada que se Lhe assemelhe; os ouvidos não podem ouvir a Sua voz nem qualquer som que se Lhe assemelhe; o olfacto não pode cheirar odor tão suave; o gosto não pode colher sabor tão esquisito e saboroso; o tacto não pode sentir toque tão delicado e aprazível nem coisa semelhante; no pensamento e na imaginação não cabe forma ou figura que O represente. Acontece o que diz Isaías: *Nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem o coração do homem pressentiu* (Is 64, 4; 1 Cor 2, 9).

**3.** Deve-se anotar aqui que os sentidos podem receber gosto e consolação por parte do espírito, quando recebe interiormente alguma comunicação de Deus, ou por parte das coisas exteriores comunicadas aos sentidos. A parte sensitiva, como se disse, não pode conhecer a Deus, nem pela via do espírito nem pela via dos sentidos. Não tendo ela capacidade para tanto, recebe a parte espiritual apenas de forma sensitiva e sensual.

Por isso, deter a vontade a gozar do gosto causado por alguma destas apreensões seria, pelo menos, vaidade e impediria a força da vontade de se ocupar em Deus, pondo n'Ele todo o seu gozo, o que não conseguirá totalmente sem se purificar e apagar o gozo sensual, e os outros.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**4.** Já adverti que, se o gozo parasse em algo do que se disse, seria vaidade. Mas, quando o gozo não termina aí e a vontade logo se eleva a gozar em Deus o gosto do que ouve, do que vê e do que fala, isso é muito bom e serve-lhe de motivo e força para tal. Se esses impulsos geram esta devoção e oração, não se hão-de eliminar, mas antes podem e devem ser aproveitados para tão santo exercício. De facto, há almas que se aproximam muito de Deus através dos objectos sensíveis.

No entanto, em tudo isto deve haver muito cuidado e pensar-se bem nos efeitos que daí se colhem. Muitos espirituais utilizam frequentemente o gosto dos sentidos como pretexto para a oração e para se entregarem a Deus; contudo, a isso mais se pode chamar consolo do que oração, e procurar mais o seu gosto que a Deus. A intenção é para Deus, mas o efeito que colhem é para o contentamento sensitivo, que mais serve para aumentar a imperfeição do que para avivar a vontade na doação a Deus.

**5.** Por isso, quero deixar aqui uma norma para se saber se os gostos dos sentidos são ou não proveitosos. Sempre que, ao ouvir música ou outras coisas, ao ver coisas atraentes, ao cheirar odores suaves ou ao gostar sabores e toques delicados, o pensamento e o afecto da vontade se elevam logo para Deus, causando-lhe essa novidade mais gosto do que o motivo sensual que a provoca, e não aprecia o motivo por outra razão, então é sinal de que estas coisas sensíveis lhe aproveitam e ajudam ao espírito. Sendo assim pode utilizá-las, porque os sentidos estão ao serviço do fim com que Deus os criou e concedeu, ou seja, ser através deles mais amado e conhecido.

Deve-se dizer aqui que quem recebe este puro efeito espiritual causado por estes motivos sensíveis, não os deseja nem lhes faz grande caso. É verdade que lhe provocam um grande gozo quando surgem, devido, como disse, ao gosto de Deus que lhe causam; mas não anda à procura deles.

Quando os sente, a vontade logo os abandona indo mais além, centrando-se em Deus.

**6.** A razão de não se interessar muito por estes motivos, embora o ajudem a caminhar para Deus, é esta: como o espírito se volta prontamente com tudo e em tudo para Deus, está bem nutrido, preparado e satisfeito com o espírito de Deus. Não sente falta de nada e nada deseja.

E se desejar é só com este fim, porque imediatamente desaparece e é esquecido não lhe fazendo caso algum.

Mas quem não sente esta liberdade de espírito nos motivos e gostos sensíveis, estancando e alimentando neles a sua vontade, prejudica-se e deve rejeitá-los, mesmo que queira servir-se deles para se unir a Deus.

E a razão está em que o apetite ainda goza sensualmente deles e o afecto é sempre conforme ao gosto; certamente que, neste caso, lhe causa mais estorvo do que ajuda, mais dano do que proveito. Por isso, quando sentir que é o apetite desses

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

gostos quem predomina, deve mortificá-lo; porque, quanto mais força tiver, mais imperfeição e fraqueza acarreta.

**7.** Qualquer gosto que o espiritual receba por parte dos sentidos, seja ele casual ou intencional, deve servir apenas para se unir a Deus. Ele será útil, proveitoso e perfeito se o gozo da alma estiver posto em Deus.

Saiba que todo o gozo que não nascer da negação e do aniquilamento de um outro gozo, mesmo que pareça ser de coisa muito santa, além de impedir a união da vontade com Deus, é inútil e de nada aproveita.

### CAPÍTULO 25

*Os danos que a alma recebe por querer pôr o gozo da vontade nos bens sensuais.*

**1.** Se a alma não obscurece e elimina, primeiramente, o gozo que as coisas sensuais lhe podem criar, orientando-o para Deus, receberá todos os danos gerais causados por qualquer uma das espécies de gozo de que falámos. A estes acrescem os danos das coisas sensuais, como sejam, o obscurecimento da razão, a tibieza, o tédio espiritual, etc.

Mas, os danos característicos deste gozo, quer sejam espirituais, corporais ou sensuais, em que a alma directamente pode cair são muitos.

**2.** Se não negar o gozo das coisas *visíveis* para se unir a Deus, pode-lhe surgir directamente a vaidade de espírito e a dissipação da mente, a ambição desmedida, a desonestidade, o caos interior e exterior, a impureza nos pensamentos e a inveja.

**3.** Do gozo em *ouvir* coisas inúteis nasce directamente a dissipação da imaginação, a murmuração, a inveja, os juízos temerários e uma multidão de pensamentos que originam muitos outros danos prejudiciais.

**4.** Do gozo dos *odores agradáveis* nasce-lhe o desprezo pelos pobres, o que contraria a doutrina de Cristo, a inimizade com os subordinados, a pouca submissão do coração às coisas humildes e a insensibilidade espiritual, *pele* menos na proporção do seu apetite.

**5.** Do gozo do *sabor* de manjares nasce-lhe directamente a gula, a embriaguez, a ira, a discórdia e a falta de caridade para com o próximo e os pobres, como fez com Lázaro aquele glutão que todos os dias se banqueteara esplendidamente (Lc 16, 19). Daí nasce o descontrolo do corpo e as doenças.

Aparecem as tentações, porque aparecem os estímulos da luxúria. No espírito cria-se directamente uma grande ignomínia e o desejo pelas coisas espirituais desaparece; assim, além de não as poder gostar, nem sequer as pode ter e cuidar. Deste gozo nasce também a dissipação dos demais sentidos e do coração, bem como o descontentamento em relação a muitas outras coisas.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**6.** Do gozo do *tacto* em coisas aprazíveis nascem outros muitos danos prejudiciais, que rapidamente passam dos sentidos ao espírito, desvanecendo a sua força e vigor. É daqui que nasce o abominável vício da sensualidade e a propensão para a mesma, na proporção do gozo deste género.

Gera-se a luxúria, o espírito toma-se efeminado e tímido, os sentidos adutores e brandos, dispostos a pecar e a fazer o mal. Infunde no coração uma alegria e gozo vãos. Cria o atrevimento da língua e a libertinagem dos olhos. Aos demais sentidos fascina e entrava na proporção desse apetite. Atrapalha a mente, mantendo-a na ignorância e estultícia espiritual, criando moralmente a cobardia e a inconstância.

Com as trevas no espírito e a fraqueza no coração, faz temer até onde não há que temer. Este gozo, por vezes, cria o espírito de confusão e a insensibilidade de consciência e de espírito, porquanto debilita muito a razão deixando-a sem saber dar ou receber um bom conselho, incapacitada para os bens espirituais, inutilizada como um vaso partido.

**7.** Todos estes danos nascem desta espécie de gozo. São mais intensos numa pessoa do que noutras, dependendo da intensidade do gozo e da condescendência, fraqueza ou inconstância da pessoa em que isto acontece.

Há naturezas que dum pequena tentação recebem mais estragos do que outras dum grande.

**8.** Finalmente, a partir desta espécie de gozo no *tacto* pode-se cair em muitos danos e males, como dissemos aquando dos bens naturais.

Porque deles já falámos, nada direi aqui. Assim como nada direi acerca de outros muitos danos que ele causa, por exemplo, o afrouxamento das práticas espirituais e da penitência corporal, a tibieza e a falta de devoção nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

## CAPÍTULO 26

*Os benefícios espirituais e temporais que advêm à alma por renunciar ao gozo das coisas sensíveis.*

**1.** Os benefícios que a alma ganha com a negação deste gozo são excelentes. Uns são *espirituais* e outros *temporais*.

**2.** O *primeiro* é que, renunciando a alma ao gozo das coisas sensíveis, recompõe-se da dissipação em que havia caído por causa do uso excessivo dos sentidos e centra-se em Deus; mantém-se o espírito e as virtudes que adquiriu, as que se lhe acrescentam de novo e as que vai ganhando.

**3.** O *segundo* benefício espiritual que ganha, por renunciar ao gozo sensível, é excelente. Na verdade, podemos dizer que de sensual se converte em espiritual, de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

animal em racional, que de homem caminha para uma parte de anjo, que de temporal e humano se transforma em divino e celestial. E, assim como o homem que anda à procura do gosto nas coisas sensuais, pondo nelas o seu gozo, não merece nem se lhe atribui outro nome além destes que dissemos, isto é, sensual, animal, temporal, etc., assim também, quando eleva o gozo destas coisas sensíveis, merece ser chamado de espiritual, celestial, etc.

**4.** E isto vê-se bem· que é assim. No dizer do Apóstolo (Gal 5, 17), o uso dos sentidos e a força da sensualidade opõem-se à força e à prática espiritual. É por isso que, quando uma delas diminui e se extingue, cresce e aumenta a contrária que antes não crescia porque impedida pela outra.

Assim, aperfeiçoando o espírito, que é a parte superior da alma que se relaciona e comunica com Deus, merece todos os atributos mencionados, uma vez que se aperfeiçoa nos bens e dons de Deus, espirituais e celestiais.

Ambas as coisas se demonstram com S. Paulo. Ao sensual, isto é, àquele que põe o exercício da sua vontade só no que é sensível, chama-lhe *animal, porque não compreende o que vem do Espírito de Deus*; enquanto que ao outro, aquele que eleva a vontade para Deus, chama *espiritual, porque penetra e julga todas as coisas até às profundezas de Deus* (1 Cor 2, 14). Portanto, a alma extrai daqui um excelente benefício, ou seja, uma predisposição extraordinária para receber os bens de Deus e os dons espirituais.

**5.** O *terceiro* benefício é que, temporalmente, se lhe multiplicam muitíssimo os gostos e o gozo da vontade, pois, como disse o Salvador, *receberá nesta vida cem vezes mais* (Mt 19, 29). De maneira que, se renunciare a um gozo, o Senhor dar-te-á, temporal e espiritualmente, cem vezes mais nesta vida; mas também, por um gozo que receberes dessas coisas sensíveis, nascer-te-á cem vezes mais de tristeza e angústia.

Dos olhos, já purificados do gozo de ver, surge na alma um gozo espiritual, que se dirige para Deus em tudo quanto vê de divino ou profano. Dos ouvidos, já purificados do gozo de ouvir, surge na alma um gozo cem vezes mais espiritual, que se dirige para Deus em tudo quanto ouve de divino ou profano. E, como estes, todos os demais sentidos já purificados.

Assim como aos nossos primeiros pais, quando no estado de inocência, tudo quanto viam, falavam e comiam no paraíso lhes servia para maior sabor de contemplação, por terem bem submetida e ordenada a parte sensitiva à razão, assim também, quem tem os sentidos purificados e sujeitos ao espírito desde o primeiro movimento, de todas as coisas sensíveis tira gosto de saborosa reflexão e contemplação de Deus.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**6.** Para quem está limpo, tudo o que é superior e inferior, provoca-lhe um bem maior e serve para maior pureza; assim como o impuro, de superior e inferior, costuma tirar mal, devido à sua impureza.

Mas quem não vence o gozo do apetite não gozará da serenidade do gozo permanente em Deus nas suas criaturas.

Para quem já não vive segundo os sentidos, todas as operações dos seus sentidos e potências são orientadas para a contemplação divina.

De facto, em boa filosofia, a operação de uma coisa é conforme ao ser que tem ou à vida que vive. É evidente que a alma, depois de ter mortificado a vida animal, vive vida espiritual; quer dizer, não havendo qualquer oposição, sendo já todas as suas acções e movimentos espirituais, caminhará em tudo para Deus. Portanto, quem tem o coração limpo encontra em tudo a gozosa, deliciosa, casta, pura, espiritual, alegre e amorosa ciência de Deus.

**7.** Do que está dito, deduzo a seguinte doutrina: enquanto o homem não habituar bem os sentidos à purificação do gozo sensível, conseguindo que as coisas o elevem rapidamente para Deus desde o primeiro movimento, precisa de renunciar ao seu gozo e gosto a fim de tirar a alma da vida sensitiva.

E, porque não é espiritual, há-de recear que, deitando mão destas coisas, talvez dê mais substância e vigor aos sentidos do que ao espírito, uma vez que no seu agir reina a força sensual, a qual gera mais sensualidade, a fomenta e alimenta. Porque, como diz o nosso Salvador, *aquilo que nasce da carne é carne; e aquilo que nasce do Espírito é espírito* (Jo 3, 6).

Preste-se muita atenção a isto, porque é verdade. Quem ainda não tiver o gosto das coisas sensíveis mortificado, não arrisque em utilizá-las muito na força e actividade dos sentidos, julgando que ajudam o espírito.

As forças da alma aumentarão mais sem essas coisas sensíveis, isto é, extinguindo o seu gozo e desejo, do que gozando delas.

**8.** Não é preciso declarar os bens de glória que se recebem na outra vida devido à negação deste gozo. Para além dos dotes corporais de glória, como sejam a agilidade e a transparência, serem muito mais excelentes que os daqueles que não se negaram, também o aumento da glória essencial da alma corresponderá ao amor de Deus de quem negou as coisas sensíveis.

Com efeito, a renúncia de um gozo momentâneo e passageiro *proporcionar-lhe-á um peso eterno de glória*, como diz S. Paulo (2 Cor 4, 17).

Também não quero aludir agora aos benefícios morais, temporais e espirituais que se seguem a esta *noite* de gozo. Eles são todos aqueles que já referi acerca dos outros gozos, embora mais excelentes. Estes gozos estão mais enraizados na natureza; por isso, quem os nega logra com a sua negação uma pureza mais íntima.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Começa a falar da quarta espécie de bens, os morais. Diz quais são e quando é lícito a vontade gozar neles.*

**1.** A *quarta espécie* de bens em que a vontade se pode gozar são os *bens morais*. Por bens morais entendemos aqui as virtudes e os seus hábitos enquanto morais, a prática de qualquer virtude, a prática das obras de misericórdia, o cumprimento da lei de Deus, a política, e qualquer exercício de boa índole e intenção.

**2.** Estes bens morais, quando se possuem e praticam, talvez mereçam mais gozo da vontade do que qualquer uma das outras três espécies anteriores. Porque o homem pode gozar das suas coisas por uma destas *duas causas* ou por ambas ao mesmo tempo: pelo que são em si mesmas ou pelo bem que importam e trazem consigo enquanto meio e instrumento.

Vemos, portanto, que a posse das três espécies de bens anteriores não merece gozo algum da vontade, porque, como foi dito, não trazem qualquer bem ao homem nem o têm em si mesmos, por serem tão caducos e frágeis. Pelo contrário, como também foi dito, antes geram e provocam tristeza, dor e amargura de espírito. Apesar de auferirem algum gozo, pela razão de ajudarem o homem a encaminhar-se para Deus, é algo muito incerto, pois, como normalmente se vê, prejudicam mais o homem do que o ajudam.

Os bens morais, no entanto, devido à primeira causa, isto é, pelo que são em si mesmos e pelo que valem, proporcionam algum gozo a quem os possui, porque trazem consigo a paz e a tranquilidade, o bom uso da razão e um recto modo de agir, de tal maneira que, nesta vida, não pode haver humanamente coisa melhor.

**3.** E porque as virtudes devem ser amadas e estimadas em si mesmas, humanamente falando, bem pode o homem alegrar-se por as ter e praticar pelo que são em si e pelo que, humana e temporalmente, lhes trazem. Foi por essa razão que os filósofos, sábios e príncipes antigos as amaram e louvaram, procurando possuí-las e praticá-las. E, embora como pagãos as considerassem só temporalmente devido aos bens que temporal, corporal e naturalmente sabiam que lhes proporcionavam, não só alcançavam por meio delas os bens e a fama que pretendiam, mas Deus, que ama tudo o que é bom, inclusive no bárbaro e no pagão, e *não impede de fazer nada que seja bom*, como disse o Sábio (Sb 7, 22), aumentava-lhes a vida, a honra, o poder e a paz, como fez com os romanos por proclamarem leis justas. Quase lhes submetia o mundo inteiro, pagando temporalmente os bons costumes a quem, por ser pagão, era incapaz do prémio eterno.

Deus gosta muito destes bens morais. Salomão pediu sabedoria a Deus para ensinar o seu povo e o governar com rectidão, instruindo-o nos bons costumes. Deus agradou-se tanto de que a tivesse pedido para esse fim, que lhe disse: *Dou-te também o que nem sequer pediste: riquezas e glória, de tal sorte que, durante a tua vida, não haverá rei que te seja igual* (3 Rs 3, 11-13).

**4.** O cristão deve alegrar-se com os bens morais e as boas obras que faz nesta terra por causa dos bens temporais que proporcionam, e que já indicámos; contudo, o seu gozo não deve ficar por este primeiro modo.

Como dissemos, os pagãos faziam assim porque os olhos da sua alma não viam mais do que esta vida mortal. Mas o cristão, uma vez que tem a luz da fé com que espera vida eterna, sem a qual nada daqui e de lá tem valor para ele, deve alegrar-se só com a posse e a prática destes bens morais no segundo modo, isto é, fazendo as obras por amor de Deus, pois é assim que lhe alcançam a vida eterna.

Portanto, deve pôr os olhos e o gozo só em servir e honrar a Deus com os seus bons costumes e virtudes. Se assim não for, as virtudes nada valem diante de Deus, como aconteceu com as dez virgens do Evangelho.

Todas guardaram virgindade e fizeram boas obras. No entanto, as cinco que não puseram o gozo neste segundo modo, isto é, elevando-o a Deus através delas, mas no primeiro, gozando da sua posse, foram excluídas do céu sem nenhuma recompensa ou prémio do Esposo (Mt 25, 1-12).

Também muitos antepassados tiveram muitas virtudes e praticaram boas obras, assim como as têm hoje muitos cristãos e fazem grandes coisas, mas de nada lhes aproveitam para a vida eterna porque não pretenderam com elas a glória e a honra que só a Deus é devida.

O cristão deve alegrar-se não por fazer boas obras e seguir bons costumes, mas por as fazer só por amor de Deus, sem qualquer outra intenção. Porque, assim como alcançam um maior prémio de glória quando são feitas só para servir a Deus, também provocarão uma maior confusão perante Deus, quando se realizam por outras intenções.

**5.** Para encaminhar o gozo dos bens morais para Deus, o cristão há-de ter presente que o valor das suas boas obras, jejuns, esmolas, penitências, orações, etc., não está tanto no seu número ou qualidade, mas no amor de Deus com que as faz. Nesse caso, terão tanto mais qualidade, quanto mais as praticar no puro e absoluto amor de Deus e quanto menos se interessar de receber delas, nesta ou outra vida, gozo, gosto, consolação e louvor. Por isso, não há-de fixar o coração no gosto, consolação, sabor e demais interesses que as boas acções e obras proporcionam, mas há-de recolher o gozo só em Deus, desejando servi-l'O por meio delas. Purificando-se e apagando-se tanto neste gozo, há-de querer que Deus as goze secretamente, sem outra intenção ou gosto que não seja a honra e a glória de Deus. Assim, através destes bens morais recolherá em Deus toda a força da vontade.

## CAPÍTULO 28

*Os sete danos em que se pode cair pondo o gozo da vontade nos bens morais.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**1.** Os principais danos em que o homem pode cair por gozar em vão das suas boas obras e costumes são sete. E, porque são *espirituais*, são muito nocivos. Vou comentá-los aqui em poucas palavras.

**2.** O *primeiro* dano é a vaidade, a soberba, a vanglória e a presunção, porque o homem não pode gozar as suas obras sem as apreciar. Daí vem a vaidade e tudo o mais, como se diz do fariseu no Evangelho: orava e, com vanglória, felicitava-se diante de Deus porque jejuava e fazia muitas outras obras boas (Lc 18, 12).

**3.** O *segundo* dano geralmente vai unido ao primeiro, porque, comparando-se aos outros, julga-os maus e imperfeitos. Julgando que não fazem nem agem tão bem como ele, despreza-os no seu coração e, por vezes, nas suas palavras.

O fariseu também tinha este dano, pois, nas suas orações, dizia: *Ó Deus, dou-te graças por não ser como, o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros* (Lc 18, 11). Com um acto caía em dois danos: louvava-se a si mesmo e desprezava os demais. É o que fazem muitos hoje em dia quando dizem: «Eu não sou como ele, nem faço isto ou aquilo como fulano ou sicrano».

Muitos destes ainda são piores que o fariseu. Ele desprezou os outros e apontou o dedo a um deles dizendo que não era *como este cobrador de impostos*. Estes, porém, não contentes com isto, irritam-se e ficam cheios de inveja quando vêem que outros são louvados ou fazem e valem mais do que eles.

**4.** O *terceiro* dano é que, como nas obras só olham ao gosto, geralmente só as fazem quando vêem que poderão conseguir algum gosto ou elogio. Por isso, como diz Cristo, fazem tudo *ut videantur ab hominibus* (Mt 23, 5) e não apenas por amor de Deus.

**5.** O *quarto* dano é consequência do terceiro, isto é, não encontrarão recompensa em Deus, por a terem procurado já nesta vida de gozo e consolação, de interesse pela fama ou de outra maneira nas suas obras.

A eles se referiu o Senhor ao dizer que, com isso, *já receberam a recompensa* (Mt 6, 2); deste modo, ficam confusos, só com o trabalho da obra realizada, e sem recompensa. Há tanta miséria acerca deste dano nos homens que, parece-me, a maior parte das coisas que fazem em público são viciosas, não lhes aproveitam nada, ou são imperfeitas diante de Deus, por não estarem desprendidos destes interesses e reverências humanas. Que outra coisa se poderá pensar de certas obras e memoriais que algumas pessoas fazem e instituem? Só as querem fazer se forem envolvidas em honras e felicitações humanas da vaidade da vida, ou imortalizando nelas o seu nome, linhagem ou senhorio. Chegam mesmo a pôr as suas divisas, nomes e brasões nos templos, como se ali quisessem ficar em vez das imagens, onde todos se ajoelham. Pode-se dizer que, através destas obras, adoram-se mais a si mesmos do que a Deus, pois fizeram-nas por isso, caso contrário não as teriam feito.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas prescindindo destes, que são os piores, quantos há que, de muitos modos e maneiras, caem neste dano das suas obras! Uns querem que as elogiem, outros que lhas agradeçam. E outros gostam de falar delas a fulano e sicrano para que todo o mundo saiba, e, por vezes, querem que a esmola, ou o que fazem, passe por terceiros para mais se divulgar. Outros querem as duas coisas. E o *toque de trombeta* que os hipócritas tocam, como diz o Salvador no Evangelho; por isso, não alcançarão de Deus a recompensa das suas obras (Mt 6, 2).

**6.** Portanto, para evitar este dano, devem ocultar a obra para que só Deus a veja, desejando que ninguém lhe faça caso. E não a há-de ocultar só aos outros, mas até a si próprio, para não se comprazer nela, estimando-a como se fosse algo importante, nem gozar dela. E assim que se interpreta espiritualmente o que nosso Senhor disse: *flue a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita* (Mt 6, 3). E como se dissesse: não estimes com olhos temporais e carnis a obra espiritual que realizas.

É assim que a força da vontade se recolhe em Deus e a obra frutifica diante d'Ele. Deste modo, além de a não perder, será muito meritória. A este propósito compreende-se a sentença de Job: *O meu coração não se deixou seduzir em segredo nem lhes mandei um beijo com a mão* (Jb 31, 27). Por mão, entende-se aqui a obra; por beijo, a vontade que se compraz nela. E porque, como dissemos, isto é complacência em si mesmo, acrescenta: *Isto seria um crime digno de castigo pois teria renegado o Deus dos céus* (ibid., 28). É o mesmo que dizer que não teve qualquer complacência nem o seu coração se alegrou em segredo.

**7.** O *quinto* dano é que não progridem no caminho da perfeição por estarem atidos ao gosto e satisfação do agir. Quando nas suas obras e acções não encontram esse gosto e satisfação, - que é o que acontece geralmente quando Deus quer que progridam, dando-lhes o pão duro dos perfeitos e retirando-lhes o leite das crianças, medindo-lhe a força e purificando-os do apetite infantil para saborearem o manjar dos adultos -, normalmente desanimam e não perseveram porque não encontram esse gosto nas suas obras.

A este propósito aplica-se o dito do Sábio: *Uma mosca morta infecta e estraga o azeite perfumado* (Ecl 10, 1). Quando têm de fazer alguma mortificação, morrem às suas boas obras, não as fazendo, e assim vão perdendo a: perseverança, que é onde se encontra o perfume do espírito e a íntima satisfação.

**8.** O *sexto* dano é que quase sempre se enganam, por considerarem as coisas e obras de que gostam como sendo melhores do que as que não gostam; assim, louvam e estimam as primeiras, desprezando as segundas. E por isso que as obras nas quais o homem mais se sacrifica, principalmente quando ainda não é muito perfeito, são mais aceites e valiosas diante de Deus devido à renúncia de si mesmo nelas, do que aquelas em que encontra a sua satisfação e onde muito facilmente se

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pode buscar a si mesmo. A propósito diz Miqueias a seu respeito: *Mal um manuum suarum dicunt bonum* (Mq 7, 3).

Quer dizer: *O que as suas mãos fazem de mal, eles dizem que é bom*. E isto nasce-lhes por causa de porem o gosto nas suas obras e não em agradecer só a Deus.

Seria muito moroso contar como este dano está tão estendido, tanto em espirituais como em homens comuns! Dificilmente se encontrará um que esteja decidido a fazer as coisas por Deus, em total pureza, sem estar preso a qualquer interesse de consolação, gosto ou outra intenção.

**9.** O sétimo dano é que, se o homem não elimina o gozo vão nas obras morais, torna-se incapaz de receber um conselho ou doutrinação razoável sobre as obras que deve realizar. A disposição de fraqueza que tem no agir e a posse do gozo vão impedem-no de julgar o conselho alheio como melhor ou, se o julga assim, de não o querer seguir, pois falta-lhe a coragem para isso.

Na caridade para com Deus e para com o próximo também afrouxam muito, porque o amor próprio que têm às suas obras fá-los esmorecer na caridade.

### CAPÍTULO 29

*Beneficias que advêm à alma por afastar o gozo dos bens morais.*

1. São grandes os benefícios que advêm à alma por não querer aplicar em vão o gozo da vontade nesta classe de bens.

O primeiro é que a alma se livra de cair em muitas tentações e enganos do demónio escondidos no gozo dessas boas obras. Isto entende-se com aquilo que se diz em Job: *Deita-se no meio dos canaviais e em lugares escondidos e pantanosos* (Jb 40, 21). Diz isto porque o demónio engana a alma com a humidade do gozo e o oco das canas, isto é, das boas obras. E não é de admirar que o demónio a engane secretamente com este gozo, porque, sem contar com a sua sugestão, o próprio gozo vão é engano, sobretudo quando há no coração alguma vanglória delas.

Jeremias di-lo muito bem: *Arrogantia tua decepit te* (Jr 49, 16).<sup>51</sup> E haverá maior engano do que a arrogância? A alma livra-se dela purificando-se deste gozo.

**2.** O segundo benefício consiste em fazer as obras de forma mais harmoniosa e completa. Se nelas houver paixão de gozo e gosto, então é impossível. Com esta paixão do gozo aparece muitas vezes a ira e a concupiscência, impedindo o peso da razão. Por isso, normalmente anda sempre a mudar de obras e propósitos, abandonando umas e escolhendo outras, começando e acabando sem nada terminar. Porque, como faz as coisas pelo gosto, o qual varia de umas naturezas para outras, quando se acaba o gosto, acabou-se também a obra e o propósito, mesmo que seja uma coisa muito importante.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Eles encontram no gozo a força e o motivo da sua obra; quando o gozo termina, a obra também acaba por terminar e morrer. Não perseveram. Pertencem àqueles de quem Cristo disse que *recebem a palavra com alegria, mas em seguida vem o diabo e tira-lhes a palavra do coração para não perseverarem* (Lc 8, 12). Não têm outras forças e raízes senão as desse gozo. Portanto, tirar e arrancar-lhes da vontade este gozo é motivo para perseverar e acertar. Grande é este benefício como grande é o dano contrário. O sábio fixa-se na substância e proveito da obra, e não no seu gosto e prazer. Assim, não faz coisas à toa, e consegue um gozo permanente da obra sem sofrer amarguras.

**3.** O *terceiro* benefício é divino. Extinguindo o gozo vão destas obras, toma-se pobre de espírito, que é uma das bem-aventuranças proclamadas pelo Filho de Deus: *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus* (Mt 5. 3).

**4.** O *quarto* benefício é que quem renunciar a este gozo será manso, humilde e prudente no agir. Porque não actuará impetuosa e precipitadamente, pressionado pela concupiscência e a ira do gozo; nem presunçosamente afectado pelo amor que tem à sua obra mediante o gozo dela; nem imprudentemente cego pelo gozo.

**5.** O *quinto* benefício consiste em tomar-se afável para Deus e para os homens. Fica liberta da avareza, da gula, da apatia e da inveja espirituais, e de outros mil vícios.

### CAPÍTULO 30

*Começa a falar da quinta espécie de bens em que a vontade se pode gozar: os sobrenaturais.*

*Diz quais são, como se distinguem dos espirituais e como se há-de orientar o seu gozo para Deus.*

**1.** Convém falar agora da quinta espécie de bens em que a alma se pode gozar: os *sobrenaturais*. Por bens sobrenaturais entendemos aqui todos os dons e graças concedidos por Deus e que excedem as faculdades e virtudes naturais.

Chamam-se *gratis datas*, como sejam os dons da sabedoria e da ciência que deu a Salomão e os carismas de que fala S. Paulo (1 Cor 12, 9-10): a fé, o dom das curas, o poder de fazer milagres, a profecia, o conhecimento e o discernimento dos espíritos, a variedade de línguas e a sua interpretação.

**2.** Estes bens são espirituais, tal como a espécie de que falaremos a seguir. Mas, porque há uma grande diferença entre eles, quero distingui-los aqui. Os sobrenaturais têm a ver directamente com o bem dos homens, pois para este proveito e fim são concedidos por Deus, como diz S. Paulo: *A cada um é dada a comunicação do Espírito, para proveito comum* (1 Cor 12, 7). É o que acontece com estes carismas. Os espirituais praticam-se e dão-se apenas entre Deus e a alma, mediante a comunicação de entendimento e vontade, etc, como depois diremos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A diferença, portanto, está no *objecto*: nos espirituais vemos que é o Criador e a alma, enquanto que nos sobrenaturais é a criatura. Também diferem na *substância* e, por conseguinte, na *acção*; por isso, também necessariamente a *doutrina* há-de ser diferente.

**3.** Mas falemos agora dos dons e graças sobrenaturais, como aqui as entendemos. Para purificar o gozo vão posto nelas, é oportuno assinalar aqui os *dois benefícios* que existem nesta espécie de bens: um temporal e outro espiritual.

O *temporal* consiste em curar as doenças, dar vista aos cegos, ressuscitar os mortos, expulsar os demónios, profetizar o futuro para que estejam vigilantes, e outros deste género.

O *espiritual* e eterno consiste em que Deus seja conhecido e servido por quem faz estas obras, por aqueles em quem se realizam e pelos que as apresentam.

**4.** Quanto ao *primeiro* benefício, o *temporal*, as obras e os milagres sobrenaturais pouco ou nenhum gozo da alma merecem, porque, sem o segundo benefício, pouco ou nada interessam ao homem. Sem a caridade, não são meio para unir a alma com Deus. Estas obras e dons sobrenaturais podem-se praticar sem a graça e a caridade, quer quando Deus as dá verdadeiramente, como fez ao iníquo profeta Balaão (Nm 22, 20) e a Salomão, quer quando se realizam falsamente pela via do demónio, como fez Simão Mago, ou por meio de outros segredos da natureza.

Se, destas obras e maravilhas, alguma aproveitasse a quem as realiza, seriam as autênticas, dadas por Deus. S. Paulo já disse o que é que elas valem sem o segundo benefício: *Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou, etc.* (1 Cor 13, 1-2).

Por isso, a muitos dos que estimaram as suas obras desta maneira, quando pedirem a glória delas como recompensa: *Senhor, não foi em teu nome que profetizámos e fizemos muitos milagres ..* Cristo há-de dizer: *Afastai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade* (Mt 7, 22-23).

**5.** O homem deve alegrar-se não por ter essas graças e as praticar, mas porque consegue o segundo fruto espiritual, servindo com elas a Deus em perfeita caridade, na qual se encontra o fruto da vida eterna.

Por isso, o nosso Salvador aos discípulos que se alegravam por terem expulsado os demónios, disse-lhes: *Não vos alegrai porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu* (Lc 10, 20). Em boa teologia diz-se: *Alegrai-vos se os vossos nomes estão escritos no livro da vida.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Por isso entende-se que o homem só se deve alegrar se, praticando as obras da caridade, for a caminho dela. Senão, que aproveita e que valor tem diante de Deus o que não é amor de Deus? Amor que não é perfeito enquanto não purificar, de modo determinado e discreto, o gozo de todas as coisas, centrando-o só em fazer a vontade de Deus. É assim que a vontade se une com Deus através destes bens sobrenaturais.

### CAPÍTULO 31

*Os danos que advêm à alma por colocar o gozo da vontade nesta espécie de bens.*

**1.** Parece-me que são três os danos principais que podem advir à alma por colocar o gozo nos bens sobrenaturais. São eles: enganar e enganar-se, ver que a sua fé diminui, a vanglória ou alguma vaidade.

**2.** Quanto ao *primeiro*, é muito fácil enganar os outros e a si mesmo por gozar as obras desta maneira.

E a razão está em que para saber quais destas obras são falsas ou verdadeiras, e como e quando se devem praticar, é preciso muita atenção e luz de Deus, as quais são muito dificultadas pelo gozo e estima destas obras.

E isto por *dois* motivos: *um*, porque o gozo insensibiliza e obscurece o juízo; *outro*, porque, com o gozo, para além de se ascender no homem o desejo de acreditar logo, vê-se mais empurrado a actuar a destempo.

Mesmo supondo que os milagres e obras que se praticam sejam verdadeiras, bastam estes dois defeitos para se enganar muitas vezes nelas, pois não as entendem como se deviam entender nem as aproveitam ou usam como e quando convém. É verdade que Deus quando concede estes dons e graças, também dá luz e inspiração para saber como e quando se hão-de praticar. Eles, porém, devido ao apego e imperfeição que podem ter acerca delas, podem errar muito, não as utilizando com a perfeição que Deus quer, nem do modo e no tempo que Ele quer. Era o que Balaão queria fazer quando, contra a vontade de Deus, decidiu partir para amaldiçoar o povo de Israel. Por isso, Deus irritou-se e queria matá-lo (Nm 22, 22-23).

Também Tiago e João queriam fazer descer fogo do céu sobre os samaritanos, por não terem dado pousada ao nosso Salvador. Jesus repreendeu-os também por isso (Lc 9, 54-55).

**3.** Por aqui se vê claramente que era uma paixão de imperfeição, envolvida no gozo e estima destas obras, que os empurravam a fazê-las quando não convinha. Quando essa imperfeição não existe, só começam e se determinam a realizar estes portentos quando e como Deus os move, pois até aí não era conveniente. Era por isso que Deus se queixava de alguns profetas, dizendo por Jeremias: *Não enviei estes profetas, e eles vieram a correr; não lhes falei, e eles profetizaram* (Jr 23, 21 ).



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

E mais adiante: Irei contra os profetas que sonham mentiras, que as *contam e desorientam o meu povo com essas mentiras e enganos. Não os envie, não lhes dei missão alguma* (Jr 23, 32). Sobre eles também ali se diz: *Até quando há-de haver profetas que vaticinam a mentira, que profetizam os desvarios do seu coração?* (Jr 23, 26). Nada disto aconteceria se não tivessem posto em tais obras este horrível apego.

**4.** Nestes textos mostra-se que o dano deste gozo leva não só a fazer um uso malvado e perverso destas graças que Deus dá, -como Balaão e os profetas que faziam milagres para enganar o povo -, mas também a usá-las sem que Deus lhas tivesse dado, como faziam os que profetizavam os seus desvarios e contavam as visões que inventavam ou as que o demónio lhes apresentava. O demónio, vendo-os afeiçoados a estas coisas, proporciona-lhes um vasto campo e muito matéria, intrometendo-se aqui de muitas maneiras. Isto leva-os a levantar vela e a recuperar uma descarada ousadia, demorando-se nestas obras prodigiosas.

**5.** Mas não é só isto. O gozo destas obras faz chegar a tal ânsia que, se antes mantinham um pacto oculto com o demónio, -pois muitos realizavam estas obras devido a esse pacto oculto -, atrevem-se agora a fazer com ele um pacto explícito e claro. Através de um contrato, sujeitam-se a ser discípulos e correligionários do demónio. É daqui que saem os feiticeiros, os encantadores, os magos, os adivinhos e os bruxos.

E a tanto mal chega o gozo que destas acções bebem, que não só querem comprar com dinheiro os dons e graças para servir o demónio, como queria Simão Mago (Act 8, 18), como procuram obter ainda as coisas sagradas e até as divinas - não se pode dizer isto sem tremer - como já se viu fazer ao roubar o precioso Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo para praticar as suas iniquidades e sacrilégios. Que Deus estenda e mostre aqui a sua grande misericórdia!

**6.** Cada um poderá ver quanto mal lhe podem causar a si e à Cristandade.

É oportuno lembrar aqui que todos os magos e adivinhos que viviam entre os filhos de Israel, a quem Saul mandou expulsar do país por quererem imitar os verdadeiros profetas de Deus (1 Re 28, 3), chegaram a cometer grandes horrores e enganos.

**7.** Quem possuir a graça e o dom sobrenatural deve negar o desejo e o gozo de os exercer, não se preocupando em concretizá-los. Deus, que lhe concedeu sobrenaturalmente este dom para o serviço da Igreja ou dos seus membros, também o há-de mover sobrenaturalmente para saber como e quando o deve exercer.

Se Ele manda aos seus discípulos para não se preocuparem com o que haviam de dizer, ou como o haviam de dizer (Mt 10, 19), pois tratava-se de matéria sobrenatural de fé, também quererá,- uma vez que a matéria destas obras também

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

o é-, que o homem espere que Deus seja o artífice movendo o coração, pois com a sua ajuda faremos proezas (Sl 59, 14).

Por isso os discípulos nos *Actos dos Apóstolos* (Act 4, 29-30), apesar de terem recebido estas graças e dons, pediram a Deus na oração que estendesse a Sua mão para realizarem curas, milagres e prodígios, a fim de introduzir nos corações a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

**8.** Deste primeiro dano pode nascer o *segundo*: a diminuição da fé.

Pode acontecer de *duas* maneiras: A *primeira* é em relação aos outros. Ao querer realizar o prodígio ou milagre a destempo e sem necessidade, além de tentar a Deus, o que é um grande pecado, pode suceder não conseguir realizá-lo; nesse caso, cria menos crédito e mais desprezo da fé nos corações. E mesmo que às vezes o consigam, porque assim Deus o permite por outros motivos e razões, como aconteceu à feiticeira de Saul (1 Re 28; 12), sendo verdade que era Samuel quem aparecia - , nem sempre o conseguirão. E se o conseguirem, não deixam de errar e ser culpados por utilizar estas graças quando não é conveniente.

Na *segunda* maneira pode receber em si próprio detrimento acerca do mérito da fé. Ao dar tanta importância a estes milagres, afasta-se muito do estilo substancial da fé, que é escuro. Por isso, onde mais milagres e testemunhos houver, menos mérito existe em acreditar. Daí que S. Gregório tenha dito que a fé não tem mérito quando a razão humana a demonstra.

Deus só realiza estes prodígios quando eles são meramente necessários para acreditar. E, para que os seus discípulos não ficassem sem mérito, no caso de experimentarem a Sua ressurreição antes de lhes aparecer, fez muitas coisas para que acreditassem sem O terem visto.

Assim, primeiro mostrou o sepulcro vazio a Maria Madalena e só depois quis que os anjos lho dissessem- porque *a fé entra pelo ouvido*, como diz S. Paulo (Rm 10, 17) - para que, ouvindo, acreditasse antes de O ver. E apareceu-lhe como um homem normal para, no entusiasmo da sua presença, acabar de a instruir na fé que lhe faltava (Jo 20, 11-18). E enviou primeiro as mulheres aos discípulos para lho dizer; só depois é que foram ver o sepulcro (Jo 20, 1-10).

E, caminhando disfarçado com os que iam a caminho de Emaús, inflamou-lhes primeiro o coração na fé para que O reconhecessem (Lc 24, 15). Finalmente, depois de os repreender a todos por não terem acreditado naqueles que lhes haviam anunciado a Sua ressurreição, e a Tomé por querer tocar nas Suas chagas, disse-lhe: *Felizes os que crêem sem terem visto* (Jo 20, 29).

**9.** Não é da condição de Deus que se façam milagres. E, se os faz, como dizem, é porque é obrigado. Por isso repreendia os fariseus, que só acreditavam por meio de milagres, dizendo: *Se não virdes sinais extraordinários e prodígios, não credes* (Jo 4, 48). Os que gostam de gozar com estas obras sobrenaturais perdem muito em relação à fé.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**10.** O *terceiro* dano é que geralmente, pelo gozo destas obras, caem na vanglória ou nalguma vaidade. Porque até o próprio gozo destes prodígios, se não for puramente em Deus e para Deus, como dissemos, é vaidade.

Isto vê-se pelo facto de nosso Senhor ter repreendido os discípulos por se vangloriarem de que os espíritos lhes obedeciam (Lc 10, 20). Se esse gozo não fosse vão, não o repreenderia.

## CAPÍTULO 32

*Os dois benefícios que se tiram da negação do gozo nas graças sobrenaturais.*

**1.** Pela privação deste gozo, além de se libertar dos três danos anteriores, a alma adquire dois excelentes benefícios.

O *primeiro* é glorificar e exaltar a Deus; o *segundo* é enaltecer-se a si mesma.

Deus é exaltado de duas maneiras na alma: a primeira consiste em separar o coração e o gozo da vontade de tudo aquilo que não é Deus, para o ter só em Deus. Foi o que David quis dizer no verso que citámos ao princípio da *noite* desta potência: *O homem aproximar-se-á do coração erguido, e Deus será exaltado* (Sl 63, 7). Porque, elevando o coração acima de todas as coisas, Deus é exaltado na alma acima de todas elas.

**2.** E porque desta maneira só o tem em Deus, Deus é exaltado e glorificado, manifestando à alma a sua excelência e grandeza. Nesta elevação do gozo n'Ele, Deus mostra-lhe quem é. Mas isto só acontece depois de esvaziar o gozo e a consolação da vontade em todas as coisas. É o que diz por meio David: *Parai! Reconhecei que Eu sou Deus* (Sl 45, 11).

E noutro lugar: *Como terra árida, exausta e sem água, quero contemplar-te para ver o teu poder e a tua glória* (Sl 62, 3). É verdade que se exalta a Deus separando o gozo de todas as coisas e pondo-o só n'Ele; mas ainda mais se exalta se o negarmos nestas coisas mais sublimes para o pôr só n'Ele, porque, sendo sobrenaturais, são de condição superior.

Assim, deixá-las para trás a fim de ter o gozo só em Deus, é dar maior glória e excelência a Deus do que a elas. Porque quantas mais e maiores coisas alguém deprecia por outro, tanto mais o estima e engrandece.

**3.** Mas Deus também é exaltado por uma segunda maneira, isto é, afastando a vontade desta espécie de obras. Quanto mais se crê e serve a Deus sem provas e milagres, tanto mais a alma O exalta, porque de Deus acredita mais do que as provas e os milagres lhe podem dar a entender.

**4.** O *segundo* benefício é que a alma se enaltece a si mesma. Retirando a vontade de todas as provas e prodígios visíveis, enaltece-se em pura fé. Fé que Deus lhe infunde e aumenta com muito mais intensidade, ao mesmo tempo que lhe aumenta também

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

as outras duas virtudes teologais, que são a caridade e a esperança. Aqui goza de divinas e altíssimas notícias por meio do escuro e puro exercício da fé; de uma grande doçura de amor por meio da caridade, com o qual a vontade não goza de outra coisa a não ser do Deus vivo; de satisfação na memória por meio da esperança. Tudo isto é um benefício extraordinário que, essencial e directamente, introduz a alma na união perfeita com Deus.

### CAPÍTULO 33

*Começa a falar da sexta espécie de bens que a vontade pode gozar. [Diz quais são e faz a sua primeira divisão].*

**1.** Uma vez que ao longo da nossa obra pretendemos encaminhar o espírito pelos bens espirituais até à divina união da alma com Deus, teremos de falar agora da sexta espécie de bens, *os espirituais*, e que mais úteis são para esta matéria. Tanto eu como o leitor teremos de fazer aqui a nossa reflexão com particular atenção. É certo e comum que alguns, devido ao seu pouco saber, servem-se das coisas espirituais só para os sentidos, deixando o espírito vazio. Serão poucos aqueles a quem o gozo sensual não danifique grandemente o espírito, pois bebem a água antes de chegar ao espírito, deixando-o árido e vazio.

**2.** Como vem a propósito, entendo que os bens espirituais são todos aqueles que ajudam e movem para as coisas divinas, para a amizade e comunicação mútuas entre Deus e a alma.

**3.** Começando a divisão dos bens espirituais pelos géneros superiores, diremos que eles são de duas espécies: uns, *saborosos*; outros, *dolorosos*.

Cada um deles divide-se também em dois modos. Quanto aos saborosos, uns são *de coisas claras* que se entendem distintamente; outros são *de coisas que não se entendem* nem clara nem distintamente. Quanto aos dolorosos, uns são de coisas *claras* e distintas; outros de coisas *confusas* e obscuras.

**4.** Também os podemos distinguir conforme as potências da alma.

Uns, enquanto inteligíveis, pertencem ao *entendimento*; outros, enquanto afectos, pertencem à *vontade*; e outros, enquanto imaginários, pertencem à *memória*.

**5.** Dos *bens dolorosos* falaremos depois, porque pertencem à *noite passiva*. Também os *saborosos*, os que são de coisas confusas e obscuras, ficam para o fim. Eles pertencem à notícia geral, confusa, amorosa, onde se dá a união da alma com Deus - à qual nos referimos no *Segundo Livro*, quando fazíamos a divisão das apreensões do entendimento, e deixámos para o fim -. Agora vamos falar daqueles *bens saborosos* de coisas claras e distintas.

### CAPÍTULO 34

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Os bens espirituais que distintamente podem entrar no entendimento e na memória. Diz como a vontade se há-de comportar acerca do gozo deles.*

**1.** Se no *Segundo e Terceiro Livro* 57 não tivéssemos estudado amplamente a quantidade de apreensões da memória e do entendimento, ensinando à vontade como haveria de proceder acerca do gozo que nelas pode ter, teríamos agora muito para fazer. Mas, como ali já se indicou o modo como as duas potências deveriam proceder com elas a fim de caminharem para a divina união, e o modo como a vontade deveria proceder com o gozo acerca delas, não é necessário comentá-las agora.

Basta lembrar que lá, onde se diz para as potências se esvaziarem dessas apreensões, se entenda também que a vontade se há-de esvaziar do gozo delas. O modo indicado para a memória e o entendimento lidarem com todas aquelas apreensões é o mesmo da vontade, porque o entendimento e as demais potências não podem admitir nem negar nada sem a vontade.

É evidente que a doutrina que serve para umas também há-de servir para a outra.

**2.** Veja-se lá bem o que isto exige, porque, se não se souber encaminhar para Deus, causa em todos aqueles d anos.

## CAPÍTULO 35

*Os bens espirituais saborosos que podem entrar distintamente na vontade. Diz de quantas maneiras são.*

**1.** As espécies de bens que distintamente podem dar gozo à vontade podem-se reduzir a *quatro*: os *motivos*, os *provocativas*, os *directivos* e os *perfectivos*. Deles iremos falando pela sua ordem. Começaremos pelos motivos: imagens e figuras de santos, oratórios e cerimónias.

**2.** No que se refere a imagens e figuras pode haver muita vaidade e gozo vão. Elas são muito importantes para o culto divino e necessárias para estimular a vontade à devoção, como testemunha a aprovação e o uso que delas faz a nossa Santa Madre Igreja. Convém, no entanto, que as aproveitemos sempre para combater a nossa tibieza, apesar de haver pessoas que ponham mais o seu gozo na pintura e adorno delas do que naquilo que representam.

**3.** A Igreja ordenou o uso das imagens para *dois* fins essenciais: reverenciar os santos, estimular e suscitar na vontade a devoção para com eles. Sempre que sirvam para este fim, são proveitosas e o seu uso necessário:

Por isso, hão-de-se escolher as mais vivas e reais para que mais estimulem a vontade à devoção. Ao escolhê-las, deve-se olhar mais a isto do que ao valor e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

raridade da sua execução e adorno. Porque, como digo, certas pessoas fixam-se mais no valor e raridade da imagem do que naquilo que representa.

A devoção interior, que espiritualmente se deveria orientar ao santo invisível por meio do pronto esquecimento da imagem que apenas serve de motivo, empregam-na nos adornos e curiosidades exteriores, querendo comprazer e deliciar os sentidos e que o amor e o gozo da vontade se prendam nisso. Assim, impossibilitam totalmente o verdadeiro espírito, que exige a negação do afecto em todas as coisas particulares.

**4.** Isto vê-se bem pelo horrível costume que algumas pessoas ainda hoje têm: como ainda não renegaram ao traje vão do mundo, adornam as imagens com a roupa que a gente fútil vai inventando com o tempo para os seus entretenimentos e vaidades. Com a roupa com que são censuradas vestem as imagens, coisa que a elas 60 tanto aborreceu, e aborrece.

O que essas pessoas e o demónio pretendem é canonizar as suas vaidades, vestindo-as aos santos, mas ofendendo-os muito. Para elas, a honesta e nobre devoção da alma, que expele e rejeita toda a vaidade e seu rastro, pouco mais é do que um adorno de bonecas, levando alguns a servirem-se das imagens como de ídolos pondo nelas o seu gozo.

Assim, haveis de ver pessoas que não se cansam de acumular imagens, conquanto que estejam feitas e colocadas desta e daquela maneira para deliciar os sentidos; mas a devoção do coração é pouquíssima. Apegam-se a isto tanto como Miqueias ou Labão aos seus ídolos: o primeiro, um dia saiu de casa a gritar porque lhos roubaram (Jz 18, 24); o segundo, depois de muito andar e se ter irritado por causa deles, revistou todas as bagagens de Jacob, procurando-os (Gn 31, 34).

**5.** A pessoa verdadeiramente devota põe a sua devoção, sobretudo, no invisível. Não precisa de muitas imagens. Serve-se das que se parecem mais com o divino do que com o humano. Como elas, ajusta-se ao traje da outra vida e sua condição, e não ao deste mundo. Não tendo diante de si imagens que se pareçam a este mundo, ou a alguma das suas coisas, nem o deseja nem o lembra. Mesmo às que usa não tem preso o coração, porque, se lhas roubarem, quase nem se lamenta. É dentro de si que procura a imagem viva, que é Cristo crucificado, por quem prefere que tudo lhe roubem e tudo lhe falte.

Mesmo que lhe tirem os motivos e os meios que mais conduzem a Deus, não perde a paz, porque é maior perfeição estar a alma pacificada e gozosa na privação destes motivos do que possuindo-os com desejo e apego. Não é mau gostar de possuir as imagens e meios que ajudam a alma a ter mais devoção, - por isso se há-de escolher a que mais lha desperte -, mas não é perfeição ficar tão presa, possuindo-as com tanto apego, até chegar ao ponto de se entristecer se lhas roubarem.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**6.** Fique a alma certa de que, quanto mais apegada estiver às imagens ou motivos, tanto menos subirá até Deus a sua devoção e oração. É verdade que umas são mais vivas do que outras e avivam mais a devoção do que outras; por isso, convém afeiçoar-se mais a umas do que outras, mas só por esta razão que acabo de dizer, sem as querer possuir ou apegar-se a elas. Não aconteça que, esquecendo isto, aquilo que deveria fazer voar o espírito para Deus seja engolido pelos sentidos, mergulhando totalmente no gozo dos meios. Por causa da minha imperfeição, o que havia de me ajudar só para este fim acaba por ser um impedimento tão grande como o apego e a propriedade de outra coisa qualquer.

**7.** Se tiveres alguma objecção nesta matéria das imagens, por não teres entendido bem a desnudez e pobreza de espírito que a perfeição requer, não a terás na imperfeição que geralmente têm nos terços. Raramente encontrarás quem não tenha neles alguma imperfeição. Têm de ser desta forma e não daquela; desta cor e metal e não daquele, ou com este ou aquele adorno. Nenhuma destas coisas interessam para Deus ouvir melhor o que se reza por este ou por aquele. O que conta é um coração simples e verdadeiro, que procura agradar só a Deus sem se preocupar se reza por este ou por aquele terço, a não ser que conceda indulgências.

**8.** A nossa vã ganância é de tal condição e sorte que a todas as coisas se quer apegar. É como o caruncho: carcome o que é bom e faz a sua obra em coisas boas e más. Porque, o que é isso de gostares de andar com um terço raro e que seja mais desta forma e não daquela, pondo o teu gozo no objecto? E isso de querer escolher antes esta imagem e não aquela, se é mais preciosa e artística, sem considerar se te despertará mais o amor? Se empregasses o apetite e o gozo só em amar a Deus, não te preocuparias com essas coisas.

Dá pena ver algumas pessoas espirituais tão apegadas ao modo e feitoria destes objectos e motivos, e entregues à curiosidade e vão gosto deles. Nunca as vereis satisfeitas, mas pegando nuns e deixando outros, trocando e esquecendo a devoção do espírito por estes meios visíveis; por vezes têm-lhe tanto apego e propriedade como às jóias profanas, prejudicando-se muito com isso.

### CAPÍTULO 36

*Continua o tema das imagens. Fala da ignorância que algumas pessoas têm acerca delas.*

**1.** Muito haveria a dizer sobre a ignorância que muitas pessoas têm acerca das imagens. A parvoíce chega a tal ponto que algumas têm mais confiança numas imagens do que noutras, pensando que Deus as ouvirá mais por esta do que por aquela, quando ambas representam a mesma coisa, como por exemplo duas de Cristo ou duas de Nossa Senhora.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

E isto acontece porque gostam mais da forma de uma do que da outra, o que revela uma grande ignorância sobre a amizade com Deus, o culto e a honra que Lhe é devida, porque Ele só repara na fé e pureza do coração de quem ora. Se Deus, por vezes; concede maiores graças por meio de uma imagem do que por outra da mesma espécie, não é por uma valer mais do que outra para esse fim, embora a forma seja muito diferente, mas porque as pessoas despertam mais a sua devoção com uma do que com outra; e até, sem nenhuma delas, receberiam de Deus as mesmas graças.

**2.** A causa de Deus fazer milagres e conceder graças por meio de umas imagens mais do que por outras, não é para que se estimem mais umas do que outras, mas para despertar mais com aquele prodígio a devoção adormecida e o amor dos fiéis à oração.

E assim como por aquela imagem se acende a devoção e se continua a oração,- ambas são meio para Deus ouvir e conceder o que se Lhe pede -, assim também é por meio daquela imagem, da oração e do afecto, que Deus prossegue as graças e os milagres naquela imagem.

É verdade que Deus não os faz pela imagem, pois esta não é mais do que pintura, mas pela devoção e fé que se tem no santo que representa. Assim, se tu tivesses a mesma devoção e fé a Nossa Senhora diante desta sua imagem ou diante daquela que representa a mesma, e até sem ela, receberias as mesmas graças, como dissemos.

Também sabemos por experiência que, se Deus concede algumas graças e realiza milagres, normalmente realiza-os através de algumas imagens não muito bem talhadas nem primorosamente pintadas ou desenhadas, para que os fiéis não atribuam parte disto ao aspecto ou pintura.

**3.** Outras vezes acontece que nosso Senhor realiza estas graças por meio das imagens que ficam mais longe e solitárias. Por um lado, é para que o desejo de peregrinar até elas lhes aumente mais o amor e a acção se viva mais intensamente; por outro lado, é para que se afastem do barulho e da gente para rezar, como fazia o Senhor (Mt, 14, 23; Lc 6, 12).

Por isso quem faz a romagem, faz muito bem em fazê-la quando não vai mais gente, mesmo que seja fora do tempo normal. Quando vai uma grande multidão, eu nunca o aconselharia a ir, porque, normalmente, voltam mais distraídos do que foram. E muitos aceitam-nas e fazem-nas mais por diversão do que por devoção.

Se houver devoção e fé, qualquer imagem é boa; se não houver, nenhuma servirá. Nosso Senhor era uma imagem bem viva no mundo; contudo, os que não acreditavam, por mais que andassem com Ele e vissem as obras prodigiosas que realizava, de nada lhes valia. Foi por isso que não fez muitos milagres na sua terra, como diz o Evangelista (Mt 13, 58).



**4.** Também quero indicar alguns efeitos sobrenaturais que algumas imagens, por vezes, causam em determinadas pessoas. Deus imprime nalgumas imagens um espírito particular. A figura da imagem e a devoção que causou ficam gravadas na mente, guardando-a como se estivesse presente. E, quando de repente se lembra dela, produz-lhe- umas vezes mais e outras vezes menos- o mesmo espírito de quando a viu. Noutras imagens, por vezes muito bem feitas, não encontrará esse espírito.

**5.** Também muitas pessoas têm mais devoção a um molde do que a outros, embora para algumas isso não passe de afeição e gosto natural.

E como quem se agrada mais da cara de uma pessoa do que de outra.

Afeiçoando-se naturalmente mais a ela, mais presente a terá na sua imaginação, embora não seja tão bonita como as outras, porque o seu natural pende mais para aquele estilo de talhe e figura.

Certas pessoas poderão pensar que a atracção que sentem por esta ou aquela imagem é devoção, e talvez não seja mais do que afectividade e gosto natural.

Outras vezes acontece que, olhando para a imagem, vêem-na mexer-se, fazer gestos e sinais, querer transmitir coisas ou falar. Isto e os efeitos sobrenaturais que referimos acerca das imagens, muitas vezes são verdadeiros e bons. Deus realiza-os para aumentar a devoção, ou para a alma ter algo em que se apoiar e não se distrair uma vez que é um pouco débil. Porém, outras vezes são engenho do demónio para enganar e prejudicar. Sobre isto apresentaremos doutrina no capítulo que se segue.

## CAPÍTULO 37

*Indica o modo de encaminhar para Deus o gozo da vontade nas imagens, de maneira a não errar [nem se estorvar com elas].*

**1.** As imagens, quando utilizadas de forma normal e conveniente, são muito úteis para nos lembrarmos de Deus e dos santos e para mover a vontade à devoção; mas também poderão servir para errar muito se, quando sucedem coisas sobrenaturais, a alma não souber actuar como convém para ir a Deus.

Um dos meios que o demónio utiliza para facilmente apanhar as almas imprudentes e lhes impedir o caminho da verdade do espírito é o das coisas sobrenaturais e extraordinárias que mostra nas imagens, tanto nas materiais e reais que a Igreja venera, como nas que imprime na fantasia ao amparo dum santo ou da sua imagem, disfarçando-se de anjo de luz para enganar (2 Cor 11, 14). Porque o astuto demónio, para nos surpreender desprevenidos, tenta disfarçar-se com os mesmos meios que temos para nos auxiliar e ajudar.

Por isso, a alma boa há-de acautelar-se sempre mais no bem, porque o mal declara-se a si mesmo.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** Ser impedida de se elevar para Deus, utilizar as imagens de modo baixo e ignorante, ser enganada natural ou sobrenaturalmente por elas, são os danos que podem acontecer à alma, e dos quais já falamos atrás.

Para os evitar, para purificar o gozo que a vontade encontra nelas, e para encaminhar a alma para Deus por meio delas, - pois é isto o que a Igreja pretende com a sua utilização -, deixo aqui uma advertência que serve para tudo: Se as imagens nos servem de estímulo para as coisas invisíveis, então busquemos nelas somente o estímulo, a afeição e o gozo da vontade para o essencial que representam.

Os fiéis, portanto, devem ter a preocupação de, ao ver a imagem, não absorverem nela os sentidos, quer seja corporal ou imaginária, de bela traça ou rico adorno, quer lhes suscite devoção sensitiva ou espiritual, ou lhes apresente sinais sobrenaturais. Não façam caso nenhum destes meros acidentes. Não se prendam nela; antes elevem imediatamente a vontade para o que ela representa.

Por meio da oração e devoção do seu espírito ponham a substância e o gozo da vontade em Deus, ou no santo que invocam, a fim de que a pintura e os sentidos não roubem o que é da substância e do espírito. Assim não serão enganados, porque não darão qualquer importância ao que a imagem lhes disser, nem impedirão os sentidos e o espírito de caminharem livremente para Deus, nem confiarão mais numa imagem do que noutra.

E a que sobrenaturalmente lhes suscitava devoção, com maior abundância a suscitará, porque se elevam logo para Deus com o afecto. É movendo o afecto do gozo da vontade para o invisível que Deus concede sempre essas e outras mercês. E quer que façamos o mesmo, extinguindo a força e o gozo das potências em todas as coisas visíveis e invisíveis.

## CAPÍTULO 38

*Continua com os bens motivos. Fala de oratórios e lugares dedicados à oração.*

**1.** Parece-me que fica bem explicado como o homem espiritual pode cometer muitas imperfeições com as coisas accidentais das imagens. E, se puser nelas o seu gosto e gozo como faz com as materiais e temporais, ainda podem ser mais perigosas. Digo isto porque, ao ver que são coisas santas, sentem-se mais seguros e não temem a posse e o apego natural.

Por isso enganam-se muitas vezes, pois julgam que estão cheios de devoção por sentirem gosto nestas coisas santas, e, porventura, isso não passa do modo e apetite natural que puseram naquilo como se põe noutras coisas.

**2.** Comecemos por falar dos oratórios. Algumas pessoas não se cansam de juntar imagens no seu oratório, comprazendo-se no seu ordenamento e adorno, a fim de que o seu oratório esteja bem arranjado e bonito.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas com isto não amam mais a Deus; pelo contrário, amam-n'Os menos, pois o gosto por aqueles adornos pintados desviam-nas do- essencial, como dissemos. E, embora o adorno, asseio ou veneração que se tem para com as imagens seja sempre pouco, - daí a repreensão que merecem os que as têm com pouco brio e veneração, ou os que as traçam tão mal que mais tiram a devoção do. que a aumentam, devendo-se proibir os entalhadores tacanhos e toscos nesta arte -, isso nada tem haver com a posse, o apego e o apetite que sentes por estes adornos e enfeites exteriores. Quando eles te absorvem os sentidos, ficas com o coração muito impedido de chegar até Deus, de O amar e te esqueceres de todas as coisas pelo Seu amor. Se por causa deles faltas a isto, além de não to agradecer, Deus castigar-te-á por não haveres procurado em todas as coisas mais o Seu gosto do que o teu.

Isto entende-se bem com a festa que fizeram a Sua Majestade quando entrou em Jerusalém. Apesar de O receberam com muitos cânticos e ramos (Mt 21, 8-9; Me 11, 8-10; Lc 19, 37-38; Jo 12, 13), o Senhor chorava (Lc 19, 41). Tendo o coração longe d'Ele, retribuíam-Lhe com aqueles sinais e decorações exteriores; poderíamos dizer que com isso faziam mais festa a si mesmos do que a Deus. Assim fazem muitos hoje em dia: quando há uma festa grandiosa nalgum sítio, costumam alegrar-se mais pelo que se hão-de divertir nela - por ver e ser vistos, por comer, por outras intenções suas-, do que por agradar a Deus.

Com estes motivos e intenções não dão nenhum gosto a Deus, sobretudo os organizadores das festas, quando interpõem nelas coisas ridículas e profanas para fazer rir o povo, distraíndo-o ainda mais. Outros põem coisas que agradam mais ao povo do que movem à devoção.

**3.** E que hei-de dizer sobre propósitos interesseiros que alguns têm nas festas que celebram? Se têm mais olhos e cobiça para isso do que para o serviço de Deus, eles é que sabem e Deus quem vê. Mas, duma maneira ou doutra, quando assim acontece, acreditem que organizam a festa mais para si do que para Deus. E, porque Deus não aceita para Si o que eles fazem para seu gosto ou dos homens, muitos dos que participam nas festas de Deus estarão a divertir-se e Deus a aborrecer-se com eles.

Foi o que aconteceu aos filhos de Israel quando faziam festa cantando e dançando ao seu ídolo, julgando que faziam festa a Deus, a quem matou muitos milhares (Ex 32, 7-28); ou aos sacerdotes Nadab e Abiú, filhos de Aarão, a quem Deus matou quando estavam com o turíbulo nas mãos a oferecer um fogo profano (Lv 10, 1-2); ou àquele que entrou nas bodas mal vestido e descomposto, a quem o rei mandou atirar às trevas exteriores atado de pés e 'mãos (Mt 22, 12-13).

Por aqui se vê como Deus não gosta das afrontas nas concentrações que se fazem para Lhe prestar culto. Quantas festas, meu Deus, vos fazem os filhos dos homens em que o demónio recebe mais do que Vós! E o demónio gosta delas, porque nelas, como o comerciante, faz a sua feira.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quantas vezes não tereis dito nas festas: *Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. É vão o culto que me presta!* (Mt 15, 8).

A razão de servir a Deus há-de ser só por ser Ele quem é, não interpondo outros fins. E assim, não O servindo só por ser quem é, é servi-1'0 sem que Ele seja a causa final.

**4.** Mas, voltando aos oratórios, direi que algumas pessoas os enfeitam mais pelo seu gosto do que pelo de Deus. E alguns preocupam-se tão pouco com a sua devoção que não os estimam mais que os outros lugares profanos; outros ainda os estimam menos, porque têm mais gosto no profano do que no divino.

**5.** Por agora deixemos isto e falemos dos que fiam mais fino, isto é, dos que se têm por gente devota. Muitos deles têm o apetite e o gosto tão presos ao seu oratório e ornamento que tudo o que haviam de aproveitar para a oração e o recolhimento interior se lhes vai nisto. Não se dão conta de que, não ordenando tudo isto ao recolhimento interior e paz de alma, distraem-se tanto com isso como com outras coisas e, a cada passo, andarão preocupadas com esse gosto. E não digamos nada se lho quisessem tirar!

### CAPÍTULO 39

*Modo de usar os oratórios e os templos, encaminhando o espírito para Deus.*

**1.** Pata que o espírito humano se possa encaminhar para Deus neste gosto, é conveniente saber que é permitido aos principiantes, e até lhes convém, ter algum prazer e gosto sensível nas imagens, oratórios e coisas devotas visíveis. Como ainda não retiraram e afastaram o paladar das coisas do mundo, ao ficarem sem um gosto podem perder o outro. É o que fazem à criança quando querem desapegar-lhe a mão de alguma coisa: entretêm-na com outra para que não chore ao ficar com as mãos vazias.

Mas, para avançar, o espiritual há-de despojar-se também de todos esses gostos e apetites em que a vontade se pode gozar. O puro espírito praticamente não se ata a nenhum desses objectos, mas só ao recolhimento interior e à comunicação mental com Deus. E, embora se aproveite das imagens e oratórios, é muito superficialmente, pois o seu espírito concentra-se imediatamente em Deus, olvido de tudo o que é sensível.

**2.** É certo que reza-se melhor onde mais decência houver; mas, apesar disso, há-de-se escolher o lugar que menos impeça os sentidos e o espírito de ir a Deus. Para tal convém lembrar o que o nosso Salvador disse à mulher samaritana, quando lhe perguntou se o lugar mais apropriado para orar era o templo ou o monte. Ele respondeu que a verdadeira oração não estava unida ao monte nem ao templo,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

porque os adoradores que o Pai pretende são os que O adoram *em espírito e verdade* (Jo 4, 23-24).

Mesmo que os templos e os lugares aprazíveis sejam consagrados e apropriados à oração, - pois o templo não deve ser usado para outra coisa-, no entanto, para um assunto de comunicação tão interior como é este que se faz com Deus, deve-se escolher o lugar que menos distraia e arraste atrás de si os sentidos. Não deve ser um lugar ameno e aprazível aos sentidos, como alguns costumam procurar, para que, em vez de recolher o espírito em Deus, não termine em contentamento, gosto e sabor para os sentidos.

Um lugar solitário, mesmo que seja agreste, é bom para que o espírito, sólida e directamente, suba até Deus, desimpedido e livre das coisas visíveis. Por vezes elas ajudam o espírito a elevar-se, no caso de as esquecer imediatamente e concentrar-se em Deus. Foi por isso que o nosso Salvador, dando-nos o exemplo, escolhia normalmente para orar os lugares solitários (Mt 14, 23) e os que não entretivessem muito os sentidos, mas elevassem a alma até Deus, como por exemplo os montes que se erguem da terra e que, normalmente, se encontram despidos de qualquer recreação sensitiva (Lc 6, 12).

**3.** Daí que o verdadeiro espiritual nunca se fixa nem olha se o lugar para orar tem esta ou aquela comodidade, porque isso seria estar ainda preso aos sentidos. Esquecido de comodidades, atende apenas ao recolhimento interior, escolhendo para isso o lugar que tiver menos objectos e gostos sensíveis. Retirando a atenção de tudo isso, afastado das criaturas, mais se pode deliciar com o seu Deus.

Por isso é estranho ver alguns espirituais muito preocupados em construir oratórios e acomodar lugares agradáveis à sua condição e afecto; do recolhimento interior, que é o mais importante, preocupam-se menos e quase não o possuem. Se o tivessem, não poderiam gostar desses outros modos e maneiras, pois os cansariam.

## CAPÍTULO 40

*Continua a encaminhar o espírito para o recolhimento interior.*

**1.** A razão de alguns espirituais nunca chegarem a entrar nos verdadeiros gozos do espírito está em que nunca se determinam a apartar o gozo destas coisas exteriores e visíveis. Lembrem-se esses tais de que, embora o templo e o oratório visível sejam o lugar adequado e dedicado para a oração, e a imagem sirva de motivo para a mesma, não se há-de agir de modo a colocar o gozo e sabor da alma no templo visível e no motivo, esquecendo-se de orar no templo vivo, que é o recolhimento interior da alma.

Para nos advertir disto, pergunta o Apóstolo: *Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?* (1 Cor 3, 16).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É para este pensamento que nos remetem as palavras de Cristo que citámos: *Os verdadeiros adoradores são os que O adoram em espírito e verdade* (Jo 4, 24). Deus aprecia muito pouco as tuas orações e os lugares preparados se, por estar o apetite e o gosto atado a eles, tens menos desnudez interior, que é a pobreza espiritual de negar todas as coisas que possas possuir.

**2.** Para purgar a vontade do gozo e vão apetite disto, deves encaminhá-lo na tua oração para Deus, cuidar só de que a tua consciência esteja pura, a tua vontade totalmente em Deus, e a mente verdadeiramente centrada n'Ele.

Como dissemos, escolhe o lugar mais afastado e solitário que puderes, e emprega todo o gozo da vontade para invocar e glorificar a Deus. Quanto a esses outros gostinhos exteriores não faças caso, e procura negá-los. Porque, se a alma se habitua ao sabor da devoção sensível, nunca mais acertará em passar à força da alegria do espírito, que se encontra na desnudez espiritual através do recolhimento interior.

### CAPÍTULO 41

*Alguns danos em que caem os que se entregam ao gosto sensível das coisas e lugares devotos, como se disse*

**1.** O homem espiritual, por querer seguir o sabor sensitivo em toda essas coisas, sofre muitos danos interiores e exteriores. Quanto aos danos interiores, nunca chegará ao recolhimento interior do espírito, que consiste em não ligar nada a isso, fazer esquecer a alma de todos esses sabores sensíveis, penetrar na essência do recolhimento da alma, adquirir fortemente as virtudes.

Quanto aos danos exteriores, não se acomoda a orar em todos os lugares, mas só nos que são do seu gosto; portanto, faltará muitas vezes à oração, porque, como se diz, está habituado apenas ao livro da sua aldeia.

**2.** Além disso, este gosto fá-los mudar muitas vezes. Pertencem àqueles que nunca permanecem no mesmo sítio, e por vezes nem no mesmo estado. Hoje vede-os num lugar, depois noutro. Agora escolhem uma ermida, depois outra. Um dia a compor um oratório, depois outro.

A estes pertencem também os que passam a vida a mudar de estado e maneiras de viver. Como só possuem o fervor e o gosto sensível acerca das coisas espirituais, e nunca se esforçaram por chegar ao recolhimento espiritual pela negação da sua vontade nem se sujeitaram a incómodos, sempre que encontram um lugar que lhes parece devoto, uma maneira de viver ou um estado que encaixe com o seu estilo e desejo, correm logo atrás dele deixando o que tinham.

E porque se deixaram levar pelo gosto sensível, rapidamente começam a procurar outra coisa, pois o gosto sensível não é constante e acaba depressa.

## CAPÍTULO 42

*Três lugares devotos diferentes e o modo da vontade se comportar neles.*

**1.** Encontro três espécies de lugares pelos quais Deus costuma mover a vontade à devoção:

A *primeira* refere-se à paisagem de algumas terras e lugares. A agradável fisionomia das suas diferenças, com a disposição da terra, as árvores, a calma da solidão, desperta naturalmente a devoção. É bom deitar mão de tudo isto, se a vontade for logo encaminhada para Deus com o esquecimento de tais lugares. Porque, para chegar ao fim, convém não parar a meio, ou no motivo, mais do que é preciso. Se andam à procura de satisfazer o apetite e extrair suco aos sentidos, antes encontrarão secura de espírito e distração espiritual, porque a satisfação e o suco espiritual não se encontram senão no recolhimento interior.

**2.** Portanto, estando num sítio, hão-de esquecer-se dele e procurar estar com Deus dentro de si como se não estivessem lá. Se andarem, de um lado para o outro, ao sabor e gosto do lugar, andam mais à procura da consolação sensitiva e instabilidade da vontade do que do sossego espiritual, Era assim que faziam os anacoretas e outros santos eremitas. Nesses amplos e airosos desertos escolhiam o lugar mais pequeno que lhes servisse, construindo celas e covas muito estreitas para lá se encerrarem. São Bento viveu assim três anos.

São Simão amarrou-se com uma corda para não abarcar nem ir mais do que podia. E, como estes, muitos outros, que não acabaríamos de contar.

Esses santos sabiam muito bem que se não apagassem o desejo e a ambição de encontrar gosto e sabor espiritual, não o poderiam alcançar nem ser espirituais. ·

**3.** A *segunda* é mais pessoal. Trata-se de lugares, tanto me faz que sejam esses desertos ou outros quaisquer, onde Deus costuma conceder graças espirituais muito saborosas a algumas pessoas em particular. Normalmente, o coração da pessoa que recebeu ali aquela graça tende para o lugar onde a recebeu; às vezes, sente grande desejo e vontade de lá voltar, embora quando vá não receba o que tinha recebido antes, porque isso não está na sua mão. Deus concede estas graças quando, como, e onde quer, sem estar preso a lugares ou tempo, nem ao arbítrio daquele a quem as concede.

Contudo, se for despojado do desejo de possuir, é bom lá ir algumas vezes para orar. E as *razões são três*. A *primeira*: embora Deus não esteja atido a lugares, como dissemos, parece que, ao conceder-lhe essa graça, quis ser louvado ali por aquela alma. A *segunda*: é assim que a alma mais se lembra de agradecer a Deus o que ali recebeu. A *terceira*: lembrando-se dela, muito mais se aviva ali a devoção.

**4.** É por estas razões que deve lá ir, e não por julgar que Deus é obrigado a conceder-lhe lá as graças e não onde Ele possa querer. Aliás, mais do que nenhum outro lugar

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

físico, a alma é o lugar mais adequado e próprio para Deus. É o que se lê na Sagrada Escritura: Abraão levantou um altar no lugar onde Deus lhe apareceu e ali invocou o seu santo Nome; depois, no regresso do Egito, voltou pelo mesmo caminho onde Deus lhe tinha aparecido, e ali voltou a invocar a Deus no altar que havia edificado (Gn 12, 8 e 13, 4). Também Jacob assinalou o lugar onde Deus lhe apareceu estribando naquela escada, levantando ali uma pedra ungida com óleo (Gn 28, 13-18). Agar deu também um nome ao lugar onde o anjo lhe apareceu. Com muita estima por esse lugar, disse: *Não vi eu também aqui o mesmo Deus que me vê?* (Gn 16, 13).

**5.** A *terceira* refere-se a certos lugares específicos que Deus escolhe para ali ser invocado, como o monte Sinai, onde Deus entregou a lei a Moisés (Ex 24, 12). E o lugar que indicou a Abraão para sacrificar o seu filho (Gn 22, 2).

E também o monte Horeb, onde apareceu ao nosso pai Elias (3 Rs 19, 8). E o monte Gargano, lugar dedicado ao culto de S. Miguel por ter aparecido ao bispo sipontino dizendo que era o guarda daquele lugar e que se deveria edificar ali um oratório a Deus em memória dos anjos.

E a gloriosa Virgem Maria, com o invulgar milagre da neve, escolheu em Roma o lugar para o templo que quis que Patrício lhe dedicasse.

**6.** A razão de Deus escolher mais estes lugares do que outros para ser louvado, só Ele o sabe. O que nos importa saber é que tudo contribui para nosso bem e para que oiça ali as nossas orações ou em qualquer sítio que Lhe rezemos cheios de fé. Contudo, naqueles que estão dedicados ao Seu serviço há muito mais probabilidade de ser ouvidos, por a Igreja os ter escolhido e dedicado para isto.

### CAPÍTULO 43

*Os motivos que muitas pessoas utilizam para orar, isto é, as muitas cerimónias.*

**1.** Os gozos vãos e o apego que muitas pessoas têm a estas coisas de que falámos, ainda se podem tolerar porque fazem-no mais ou menos inconscientemente. Mas, o que não se pode tolerar é a grande afeição que alguns têm pela diversidade de cerimónias introduzidas por gente sem formação e uma fé pouco simples.

Vamos deixar por agora as cerimónias que misturam nomes esquisitos e palavras sem sentido, bem assim como outras coisas profanas, que gente ignorante e de alma rude e suspeitosa costuma misturar nas suas orações. Não falarei aqui delas porque são francamente más; elas contêm o pecado e, em muitas, um pacto oculto com o demónio. Através delas provocam a ira de Deus e não a misericórdia.

**2.** Quero falar apenas daqueles que - por não terem interpostas essas formas duvidosas- muitas pessoas praticam hoje em dia com indiscreta devoção. Atribuem tanta eficácia e põem tanta fé naqueles modos e maneiras de cumprirem as suas



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

devoções e orações, que, se falta um pormenor ou saem daquelas normas, julgam que n'ada adiantarão nem Deus as ouvirá pão mais fé àqueles modos e maneiras do que ao essencial da oração, o que é uma grande irreverência e ofensa para com Deus.

Por exemplo, a missa tem de ser celebrada com tantas velas, nem mais nem menos; presidida por um sacerdote desta ou daquela condição; a tal ou tal hora, e nunca antes ou depois; depois de tal dia, e não antes; as orações e os silêncios hão-de ser estas e estes, nos respectivos tempos e com tais e tais cerimónias, e não antes nem depois, nem de outra maneira; e a pessoa que as fizer tenha estes dotes e aquelas qualidades. E, se falta alguma coisa do que eles têm planeado, julgam que não se faz nada. E assim outras mil coisas que acontecem e se fazem.

**3.** Mas o pior e intolerável é que alguns querem sentir em si algum efeito, ou ver o que pedem, ou saber que se cumpre a intenção daquelas suas orações cerimoniosas. Isto é tentar a Deus e ofendê-l'O gravemente; tanto assim que, por vezes, permite ao demónio que os engane, fazendo-os sentir e compreender coisas muito ausentes ao proveito da sua alma.

E merecem-no pelo apego às suas orações, pois desejam mais que se faça o que pretendem do que aquilo que Deus quer. E assim, porque não põem toda a confiança em Deus, nada lhes sai bem.

### CAPÍTULO 44

*Modo de encaminhar para Deus o gozo e a força da vontade por meio destas devoções.*

**1.** Fiquem estes a saber, portanto, que quanto mais confiarem nestas coisas e cerimónias, menos confiam em Deus, e d'Ele não alcançarão o que desejam. Alguns rezam mais pelo que pretendem do que pela honra de Deus. E, embora acreditem que se for da vontade de Deus isso se realizará, e se não for, não se realizará, contudo, devido ao apego e gozo vão com que o fazem, não deixam de multiplicar os seus rogos.

Melhor seria que pedissem coisas mais importantes para eles; por exemplo, purificar deveras as suas consciências e ocupar-se realmente das coisas da sua salvação, deixando bem para trás todos os outros rogos que não fossem para isto. Deste modo, além de alcançar o que lhes é mais importante, e tudo o mais que lhes convém, ainda que não o tenham pedido, conseguem-no melhor e mais depressa do que se esforçassem muito naquilo.

**2.** Foi o que o Senhor prometeu, dizendo por meio do evangelista: *Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo* (Mt 6, 33). Esta é a aspiração e a súplica que mais Lhe agrada. E para que as súplicas que trazemos no nosso coração sejam atendidas, não há melhor meio do que pôr a força

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

da nossa oração naquilo que mais agrada a Deus. Assim, não só nos concederá o que pedimos, que é a salvação, mas tudo o que Ele entende que nos convém e é bom para nós, embora não Lho peçamos. David mostra-o muito bem quando diz num salmo: *O Senhor está perto de todos os que o invocam sinceramente*, dos que pedem as coisas mais valiosas, como são as da salvação. Logo a seguir refere-se a estes dizendo: *Ele realiza os desejos dos que o temem, escuta os seus gemidos e salva-as. O Senhor protege todos os que o amam* (Sl 144, 18-20).

Este estar perto, de que fala David, não é outra coisa senão estar a atendê-los e a conceder-lhes o que nem sequer se lembraram de pedir. É o que lemos na Sagrada Escritura.

Salomão pediu a Deus uma coisa que era do Seu agrado, a sabedoria para poder governar o seu povo com justiça. Deus respondeu-lhe: *Já que é esse o desejo do teu coração e não pediste riquezas, nem tesouros, nem glória, nem a morte dos teus inimigos, nem uma vida longa, antes pediste sabedoria e conhecimento a fim de governar o Meu povo, do qual te fiz rei, concedo-te sabedoria e conhecimento; além disso dar-te-ei também riquezas, tesouros e glórias tais como jamais tiveram os reis antes e depois de ti* (2 Cr 1, U-12).

Assim o fez, inclusive pacificou-o com os seus inimigos de sorte que todos em redor lhe pagavam tributo e não o incomodavam. É também isto que lemos no Génesis: Deus, ao prometer multiplicar a Abraão a geração do filho legítimo como as estrelas do céu, tal como Lhe havia pedido, disse: *Contudo farei também sair uma nação do filho da escrava, porque também ele é teu filho* (Gn 21, 13).

**3.** É assim que se hão-de encaminhar para Deus as forças da vontade e o seu gozo nas petições, não se apoiando nas invenções de cerimónias que a Igreja católica não usa nem aprova, deixando ao sacerdote a forma e a maneira de celebrar a missa, pois está ali em nome da Igreja e dela recebe as normas como há-de celebrar.

Não queiram eles utilizar modos novos, como se soubessem mais do que o Espírito Santo e a sua Igreja.

Se Deus não os ouvir por essa simplicidade, acreditem que não os ouvirá por muitas invenções que façam.

Porque Deus é de tal maneira que, se O levam por bem e segundo a sua condição, farão d'Ele quanto quiserem; mas se houver interesses, já não adianta falar-Lhe.

**4.** Nas outras cerimónias sobre o modo de rezar e outras devoções, não queiram apoiar a vontade noutras cerimónias e modelos de oração que não sejam as que Cristo nos ensinou (Lc 11, 1-2), Está bem claro que, quando os discípulos Lhe pediram que os ensinasse a rezar, ter-lhes-ia dito tudo o que é preciso para que o Pai Eterno nos ouvisse, pois conhecia bem a Sua condição. No entanto, só lhes ensinou aquelas sete palavras do *Pater noster*, que contêm todas as nossas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

necessidades espirituais e temporais, e não lhes ensinou muitos outros modos de palavras e cerimónias.

Aliás, já lhes havia dito 'noutro lugar para não usarem de vãs repetições nas suas orações, porque o Pai celeste bem sabia o que nos convinha (Mt 6, 7-8).

O que recomendou, com grande empenho, foi que perseverássemos na oração, isto é, na do *Pater noster*. Foi o que disse noutro lugar: *Convém orar sempre, sem desfalecer* (Lc 18, 1).

E não aconselhou muitas petições, mas que estas se repetissem muitas vezes com fervor e atenção porque, como digo, nelas se encerra toda a vontade de Deus e tudo o que nos convém.

Foi por isso que Sua Majestade, nas três vezes que se dirigiu ao Pai Eterno, repetiu em todas elas a mesma palavra do *Pater noster*, como dizem os Evangelistas: *Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres* (Mt 26, 39).

As cerimónias que Ele nos deixou para orar só pode ser uma destas: ou no segredo do nosso quarto, onde, sem barulho e sem ninguém se dar conta, o possamos fazer com mais firmeza e pureza de coração, como Ele disse: *Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo* (Mt 6, 6); ou nos desertos solitários, como Ele fazia, durante o melhor e mais sossegado tempo da noite (Lc 6, 12).

Portanto, não há porque marcar determinado tempo, nem fixar dias, nem especificar que estes são mais aptos do que aqueles para as nossas devoções.

Também não é preciso usar outras formas ou trocadilhos de palavras e orações, mas só aquelas que a Igreja utiliza e como as utiliza, porque todas elas se resumem nas do *Pater noster*, como dissemos.

**5.** Com isto não condeno, antes aprovo, que algumas pessoas escolham certos dias para devoções, ou alguns dias para novenas, como por exemplo jejuar ou outras semelhantes. O que eu reprovo é a confiança que põem nos seus limitados modos e cerimónias com que as fazem. Foi o que Judite fez aos habitantes de Betúlia, a quem repreendeu por terem limitado a Deus o tempo em que esperavam d'Ele misericórdia: *Vós fixastes um prazo à misericórdia de Deus? Isto não é mover Deus à clemência, mas antes provocar a sua ira* (Jdt 8, 11-12).

## CAPÍTULO 45

*A segunda espécie de bens distintos em que a vontade pode gozar inutilmente.*

**1.** A segunda espécie de bens distintos saborosos, em que inutilmente a vontade se pode gozar, são os que provocam ou convencem a servir a Deus, e que chamámos *provocativas*. São os pregadores, sobre os quais podemos falar de duas maneiras: o que corresponde aos próprios pregadores e o que diz respeito aos ouvintes. Acerca

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

deste exercício, tanto uns como outros precisam de estar bem alertados sobre o modo de encaminhar o gozo da sua vontade para Deus.

**2.** Quanto ao *primeiro*, o pregador. Para ser útil ao povo e não se enredar a si próprio no gozo enganador e na presunção, convém-lhe saber que o seu trabalho é mais espiritual do que vocal. Ele concretiza-se em palavras exteriores, mas a sua força e eficácia brota do espírito interior.

Daí que, por mais elevada que seja a doutrina que prega, por mais esmerada que seja a retórica, por mais sublime que seja o estilo que a reveste, normalmente não causa só por si maior benefício do que o espírito que tiver. É verdade que a palavra de Deus é eficaz por si mesma, porque, como disse David, *Ele faz ouvir a sua voz, que é poderosa* (Sl 67, 34), mas o fogo também tem o poder de queimar, e não queima se no sujeito não houver preparação.

**3.** E para que a doutrina atee a sua força, é preciso haver *duas* disposições: a de quem prega e a de quem ouve. Geralmente o proveito é proporcional à disposição de quem ensina; pôr isso se diz que o discípulo será como o seu mestre.

Nos *Actos dos Apóstolos* vemos que os sete filhos dum Sumo sacerdote judeu costumavam esconjurar os espíritos malignos com a fórmula que usava S. Paulo. O demónio enfureceu-se com eles, dizendo: *Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?* (Act 19, 15).

E atirando-se a eles, deixou-os nus e cobertos de contusões. Isto aconteceu porque não tinham a preparação devida, e não porque Cristo não quisesse que expulsassem em Seu nome. Certo dia os Apóstolos encontraram alguém que, não sendo discípulo, expulsava um demónio em nome de Cristo. E impediram-no de o fazer. Mas o Senhor repreendeu-os dizendo: *Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em Meu nome e vá logo dizer mal de Mim* (Me 9, 38).

Contudo, rejeita os que ensinam a lei de Deus, e não a cumprem; os que pregam o espírito do bem, e não o possuem. Por isso diz por S. Paulo: *Ora, como é que tu, que ensinas os outros, não te ensinas a ti próprio? Pregas que não se deve roubar, e roubas?* (Rm 2, 21). E o Espírito Santo diz por David: *Ao pecador, Deus declara: Porque andas sempre a falar da minha lei e trazes na boca a minha aliança, tu que detestas os meus ensinamentos e rejeitas as minhas palavras?* (Sl 49, 16-17). Por aqui percebe-se que também não receberão o espírito para produzirem fruto.

**4.** Pelo que nos é aqui dado julgar, vemos que normalmente quanto mais espírito tem a vida do pregador maior é o seu fruto, apesar do seu estilo simples, uma retórica escassa e uma doutrina comum, porque é de um espírito vivo que se atija o calor. Haverá outros que pouco proveito causarão, apesar do seu estilo e doutrina mais elevados. É verdade que o bom estilo, os dotes oratórios, a doutrina admirável e a linguagem perfeita animam e produzem mais efeito quando unidos ao bom espírito.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas sem ele, mesmo que o sermão agrade e dê sabor aos sentidos e à inteligência, nada ou quase nada de substancial se apega à vontade, porque geralmente fica tão débil e preguiçosa para actuar como antes. Apesar das coisas maravilhosas que foram ditas, e extraordinariamente bem ditas, só servem para deliciar o ouvido, como a música harmoniosa ou o toque dos sinos. Pois, como digo, se o espírito não se mover mais do que antes, a voz não tem poder para ressuscitar o morto da sua sepultura.

5. Pouco importa ouvir que esta música soa melhor que aquela, se não me leva a fazer mais. Porque, embora se tenham dito coisas magníficas, serão imediatamente esquecidas se o fogo não se tiver ateado à vontade. Porque a palavra, além de por si não dar muito fruto, encontra na presa que os sentidos fazem no gosto por essa doutrina um obstáculo que impede de chegar ao espírito. Então, fica-se só a apreciar o modo e as circunstâncias como foi dita, louvando o pregador por isto ou por aquilo, indo atrás dele mais por isso do que pela melhoria de vida que daí consegue.

S. Paulo explica muito bem esta doutrina quando diz aos Coríntios: *Eu mesmo, quando fui ter convosco, irmãos, não me apresentei com o prestígio da linguagem ou da sabedoria, para vos anunciar o mistério de Deus ... A minha palavra e a minha pregação nada tinham dos argumentos persuasivos da sabedoria humana, mas eram uma demonstração do poder do Espírito* (1 Cor 2, 1-4).

A intenção do Apóstolo e a minha, porém não é condenar o bom estilo, a retórica, e a boa expressão, porque isso favorece muito o pregador, como também todas as coisas. A boa expressão e estilo levantam e reconstroem até as coisas caídas e estragadas; assim como também a palavra má estraga e corrompe as coisas boas.

### ADENDA

#### *Apontamentos são joaninos?*

*Existem pelo menos oito Códices que, a seguir ao capítulo 45, transcrevem mais dois capítulos, numerando-os como 46 e 47. O chamado Códice Tardonense-granadino (TG), actualmente na Faculdade de Teologia dos Jesuítas de Granada, recolhe-os como «apontamentos do servo de Deus».*

*Ao procurar um lugar onde inserir e incorporar ambos os capítulos, pensamos que encaixam bem no Terceiro Livro da Subida, no capítulo 17, ao final do n° 1. De facto, o n° 1 termina assim: «Agora vamos falar do gozo activo e voluntário das coisas distintas e claras». Ora, nestes capítulos explica-se suficientemente o tema prometido em 3S 16, 3 e começado em 3S 17, 1. Por outro lado o final do capítulo 475 «falaremos de quantas espécies dê manjares pode gostar, e como a havemos de purificar de todos eles ... » enquadra-se perfeitamente com o no 2 do citado capítulo 17, o qual, cio enumerar as seis espécies de coisas ou bens que podem causar gozo,*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*não faz mais do que apontar as espécies de manjares que a boca da vontade pode saborear.*

*Em suma, que estes capítulos têm uma relação com o actual capítulo 17, como apontamentos ou redacção diferente do mesmo, demonstra-o o começo do capítulo 46 que é o mesmo do 17: «a primeira paixão da alma e afecto da vontade é o gozo».*

*A Carta 13 dirigida a um religioso carmelita descalço, escrita a 14 de Abril (de 1589) em Segóvia, recolhe substancialmente os textos destes capítulos, tendo, como é óbvio, uma introdução e uma conclusão próprios duma carta mensageira. Um dado significativo para mim é que eles aparecem nos manuscritos muito mais vezes como capítulos do que como carta. Nada obsta que João da Cruz os escrevesse como capítulos e como carta. Eu estou convencido de que, antes da data dessa tardia carta segoviana, já eles andavam entre os manuscritos do Livro da Subida.*

*Vamos publicá-los aqui e, com muita sobriedade, denominá-los de apontamentos são joaninos. Também publico a carta no seu respectivo lugar.*

*Em que se fala da primeira afeição da vontade e se explica como nenhuma coisa que o apetite receba pode ser meio indicado para que a alma se una com Deus na vontade (cap. 46).*

1. A primeira paixão da alma e afecto da vontade é o gozo, Ele surge sempre na alma pela vontade das coisas que se apresentam como boas e dignas, saborosas e agradáveis, porque no seu entender são belas, aprazíveis e boas, etc. É assim que o apetite da vontade se move para elas e as *espera, goza-as* quando as tem, *teme* perdê-las e *lastima-se* quando as perde, etc. E assim, tal como esta *paixão do gozo*, a alma anda agitada e inquieta.

2. Para refrear esta paixão e purificá-la de tudo aquilo que não é Deus, é preciso ter em conta, como dissemos, que tudo aquilo que a vontade pode gozar distintamente resulta-lhe agradável e aprazível, e nenhuma coisa agradável e aprazível que possa gozar é Deus. Assim como Deus não pode ser abrangido pelas apreensões das outras potências, conforme dissemos, assim acontece com os apetites e gostos da vontade. Se a alma não pode gozar da essência de Deus nesta vida, então o agradável e aprazível que gozar, por sublime que seja, não pode ser Deus. A vontade só pode gozar e desejar distintamente aquilo que a inteligência conhece nos objectos. Mas como a vontade nunca gozou de Deus como Ele é, nem O conheceu por nenhuma apreensão do desejo, não sabe como é Deus, nem como pode gozar d'Ele. Tanto o seu gosto como o seu apetite não podem chegar ao gozo de Deus, pois isso excede toda a sua capacidade.

3. Fica claro, portanto, que nenhuma das coisas particulares que a vontade possa gozar é Deus. Por conseguinte, para chegar à união com Deus há-de retirar o gosto e o desejo de tudo o que do céu ou da terra possa gozar em particular, por agradável e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

aprazível que seja. Se a vontade pode compreender Deus e, de alguma maneira, unir-se com Ele, não é através de um meio que se apreende, mas pelo amor.

Se o aprazível e agradável, ou qualquer outro gosto que a vontade possa compreender, não for o amor, conclui-se claramente que nenhum destes sentimentos gostosos pode ser meio adequado para a vontade se unir com Deus; só com a *operação* da vontade. Porque uma coisa é a *operação* da vontade e outra bem diferente o *sentimento* da vontade. É pela *operação*, isto é, pelo amor que a vontade chega até Deus e se une com Ele, e não pelo *sentimento e apreensão do apetite* que se apresenta à alma como fim e termo.

**4.** E se a vontade quiser avançar, os sentimentos só podem servir de motivos para amar e nada mais.

Portanto, estes *sentimentos saborosos*, de per si, não encaminham a alma para Deus. Pelo contrário, levam a alma a prender-se neles. A *operação da vontade*, que consiste no *amor a Deus*, depois de ter abandonado tudo, deixa a alma só em Deus, amando-O sobre todas as coisas.

Por isso; se alguém se determina a amar a Deus por meio do gosto que sente, é sinal de que está a abandonar esse mesmo gosto e a colocar o amor em Deus, a quem não sente. Se pusesse o amor no gozo e no gosto que sente, estancando neles, estaria a colocá-lo nas criaturas, ou nalguma das suas coisas, fazendo da causa o fim e o termo; por conseguinte, a obra da vontade seria imperfeita, porque Deus é incompreensível e inacessível.

Para se fixar em Deus, a vontade não há-de pôr a sua *operação de amor* no que pode tocar e apreender com o gosto, mas naquilo que o gosto não pode compreender nem alcançar. Deste modo, a alma fica a amar deveras o que é conforme às exigências da fé, ou seja, no vazio e escuridão dos seus sentimentos, acima de todos os que possa sentir pela compreensão dos seus conhecimentos, acreditando acima de tudo o que possa entender.

*A vontade para se unir a Deus precisa de se esvaziar do seu desejo natural (cap. 47).*

**1.** Fica esclarecido, então, que o agradável e aprazível, etc., que a vontade pode sentir nesta vida não é Deus. Seria muito desatinado quem, não sentindo a doçura e consolação espiritual, pensasse que Deus o tinha abandonado; e que se alegrasse quando as sentisse, pensando que já possuía a Deus.

E ainda mais o seria se as andasse a procurar em Deus para gozar delas; nesse caso, já não andaria a procurar o Deus inacessível com a vontade assente no nada da fé, mas no gosto espiritual, que é criatura, seguindo o seu desejo. Deste modo, não amaria puramente a Deus sobre todas as coisas, isto é, pondo toda a força da vontade só em Deus.

Afeiçoando-se com o desejo àquela criatura, não passa por cima dela para chegar até Deus, que é inacessível. A vontade não poderá chegar à doçura e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

consolação da divina união com Deus se não se esvaziar do apetite de qualquer gosto particular.

**2.** Foi isso o que Deus quis dizer por David: *Dilata os tuum et implebo illud* (Sl 80, 11). O apetite é a boca da vontade, a qual se abre e dilata quando não se entala com nenhum pedaço, de gosto; porque, quando se põe o apetite nalguma coisa, nisso mesmo se aperta, pois sem Deus tudo é apertado.

**3.** A boca da vontade, portanto, há-de abrir-se sempre para Deus, sem nenhum pedaço de apetite, para que Deus a enche do seu amor e doçura; há-de permanecer nessa fome e sede de Deus, sem nenhuma consolação, pois nela não se pode saborear. Deus tal como é; e o que se poderia saborear tornar-se impossível, se tiver o apetite posto nalguma coisa. Foi o que nos ensinou por Isaías, quando disse: *Todos vós que tendes sede, vinde beber desta água. Mesmo os que não tendes dinheiro, vinde, comprai trigo para comer sem pagar nada* (Is 55, 1).

Para, a fartura das águas divinas da união com Deus, Ele convida apenas os, que têm sede só de Deus e não satisfazem os apetites.

Como o gozo se alimenta através desta boca da vontade, que, como dissemos, é o apetite, diremos as espécies de manjares que pode gostar e purificá-la-emos de todos eles, para que, com a boca sem comida, a vontade tenha apenas fome de Deus, que é incompreensível.”<sup>3</sup>

---

<sup>33</sup>CRUZ, São João da, “Subida do Monte Carmelo”, *Obras Completas*, 6.ª edição, Oeiras: Edições Carmelo, pp.142-402.



NOITE ESCURA

**“Explicação das canções  
que indicam o modo como a alma se deve orientar  
no caminho espiritual para chegar,  
tanto quanto se pode nesta vida,  
à perfeita união de amor com Deus.  
Apresentam-se também as propriedades de quem,  
seguindo as canções, atingiu tal perfeição.  
A explicação é feita pelo Padre Frei João da Cruz,  
carmelita descalço,  
e autor das mesmas canções.**

PRÓLOGO

Neste livro apresentam-se em primeiro lugar as canções que se vão comentar. Depois explica-se cada uma das canções, antepondo-a ao comentário. Segue-se a explicação de cada verso, que também é anunciado antes.

Nas duas primeiras canções explicam-se os efeitos das duas purificações espirituais: a da parte sensível do homem e a da parte espiritual.

Nas outras seis canções explicam-se os vários e extraordinários efeitos da irradiação espiritual e da união de amor com Deus.

CANÇÕES DA ALMA

1. Em uma noite escura,  
Com ânsias, em amores inflamada,  
Ó ditosa ventura!  
Saí sem ser notada  
Estando a minha casa sossegada.
2. Às escuras, segura,  
Pela secreta escada, disfarçada,  
Ó ditosa ventura!  
No escuro e ocultada,  
Estando a minha casa sossegada.
3. Nessa noite ditosa,  
Em segredo, pois que ninguém me via

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Nem via eu mais cousa,  
Sem outra luz nem guia  
Senão a que no coração ardia.

4. Só esta me guiava  
Mais certa do que a luz do meio-dia  
Aonde me esperava  
Quem eu o bem sabia  
Em parte onde ninguém aparecia.

5. Ó noite que guiaste!  
Ó noite amável mais do que a alvorada!  
Ó noite que juntaste  
Amado com amada,  
Amada no Amado transformada!

6. Em meu peito florido  
Que todo só p'ra ele se guardava,  
Quedou-se adormecido  
E eu o acariciava  
E dos cedros o leque o refrescava

7. Da ameia a brisa amena,  
Quando eu os seus cabelos espargia,  
Com sua mão serena  
O colo me feria  
E os meus sentidos todos suspendia.

8. Quedei-me e olvidei-me,  
O rosto reclinei sobre o Amado,  
Cessou tudo e deixei-me  
Deixando o meu cuidado  
Por entre as açucenas olvidado.

FIM

*Começa a explicação das canções que indicam como e de que maneira a alma se deve orientar no caminho espiritual da união de amor com Deus, pelo Padre Frei João da Cruz, carmelita descalço.*

Antes de começar a explicação destas canções, é bom lembrar que a alma as pronuncia depois de já ter alcançado a perfeição, ou seja, a união de amor com Deus. Mediante o exercício espiritual, passou pelas árduas provações e angústias do *caminho estreito que conduz à vida eterna*, do qual o nosso Salvador fala no Evangelho (Mt 7, 14). Habitualmente é por lá que a alma passa até chegar à tão

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sublime e ditosa união com Deus. Sendo ele tão estreito, e *tão poucos os que o encontram*, como diz o mesmo Senhor (Mt 7, 14), é uma grande felicidade e ventura para a alma tê-lo percorrido até chegar à perfeição do amor, como canta na primeira canção. A este caminho estreito ela chama, com toda a propriedade, noite escura, como se explicará mais à frente nos versos da canção.

A alma, portanto, feliz por haver passado este caminho estreito que lhe trouxe tão grande bem, diz assim:

### PRIMEIRO LIVRO

#### *Fala-se da noite do sentido*

#### CANÇÃO

*Em uma noite escura,  
Com ânsias, em amores inflamada,  
Oh ditosa ventura!  
Saí sem ser notada,  
Estando a minha casa sossegada.*

#### EXPLICAÇÃO

**1.** A alma descreve nesta primeira canção a maneira como saiu de si própria e de todas as coisas no que se refere à afeição. Por uma verdadeira renúncia morreu a tudo e a si mesma a fim de viver com Deus uma doce e suave vida de amor. Ela diz que este sair de si e de todas as coisas foi uma noite escura, que aqui entende como contemplação purgativa.

Noite que, como se dirá mais adiante, provoca passivamente na alma a renúncia a si mesma e a todas as coisas.

**2.** Esta saída só foi possível, diz ela, graças à força e à veemência do amor que o seu Esposo lhe deu nessa escura contemplação. E assim que encarece a ventura que, durante aquela noite, viveu até chegar a Deus com um fim tão feliz. Os seus três inimigos, - mundo, demónio e carne -, que são os que sempre contrariam este caminho, não a conseguiram deter.

Nessa noite da contemplação purgativa, todas as paixões e desejos foram-lhe adormecidos e acalmados com desejos e movimentos contrários.

Na verdade, o verso diz: *Em uma noite escura.*

### CAPÍTULO 1

*Começa a falar das imperfeições dos principiantes.*

**1.** As almas começam a entrar nesta noite escura quando Deus as vai tirando do *estado de principiantes*, - os que ainda se servem da meditação no caminho

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

espiritual -, e a pô-las no *estado dos avançados*, que é o dos *contemplativos*, a fim de chegarem ao *estado dos perfeitos*, que é o da *divina união da alma com Deus*.

Para melhor entender e mostrar que noite é esta por onde a alma passa, e qual a razão porque Deus a faz entrar nela, é conveniente falar primeiro dalgumas imperfeições dos principiantes. Ainda que seja de forma breve, servirão para que os mesmos principiantes, dando-se conta da fragilidade do estado em que se encontram, se animem e queiram que Deus os introduza nesta noite, onde a alma se fortalece e apoia nas virtudes para gozar as inestimáveis delícias do amor de Deus. Mas, mesmo que nos detenhamos um pouco, não será mais do que o necessário, pois teremos de explicar esta noite escura.

**2.** É conveniente saber que a alma, depois que decide servir generosamente a Deus, normalmente é alimentada e consolada no espírito.

Deus faz-lhe o mesmo que uma mãe carinhosa faz ao seu filhinho: aquece-o no seu seio, alimenta-o com um leite delicioso e alimentos suaves e doces, pega nele ao colo e enche-o de carícias. Porém, à medida que vai crescendo, vai-lhe retirando as carícias, escondendo-lhe a ternura do seu amor; no doce peito coloca o amargo aloés, coloca-o no chão e obriga-o a andar pelo seu próprio pé para que, abandonando as coisas de criança, se entregue a outras maiores e substanciais. Assim, qual mãe carinhosa, faz a graça de Deus à alma, depois de regenerada pelo desejo ardente de servir a Deus.

Sem qualquer esforço da sua parte, em todas as coisas de Deus fá-la encontrar a doçura e o sabor do leite espiritual e uma profunda consolação nas práticas espirituais; Deus, como a crianças recém-nascidas (1 Pe 2, 2-3), dá-lhe aqui o peito do amor terno.

**3.** A sua consolação consiste em passar longas horas, e porventura noites inteiras, em oração. As penitências são a sua satisfação, os jejuns a sua alegria, frequentar os sacramentos e conversar sobre coisas divinas a sua felicidade.

Apesar de praticarem todas essas coisas com grande eficácia e persistência, de as utilizarem e tratarem com grande cuidado, os espirituais ainda se comportam duma maneira muito frágil e imperfeita, espiritualmente falando.

O que os move a estas coisas e exercícios espirituais é o prazer e o gosto que nelas encontram. Porém, como ainda não estão adestrados nas virtudes pelo exercício das grandes lutas, cometem uma quantidade de erros e imperfeições em relação a essas obras espirituais.

Cada um age segundo o hábito de perfeição que possui. Mas eles não tiveram a oportunidade de adquirir hábitos fortes, por isso hão-de agir necessariamente como crianças débeis, ou seja, sem força.

Para explicar melhor isto e mostrar quão imperfeitos na virtude são estes principiantes que actuam facilmente por causa desse tal gosto, iremos apontando os sete vícios capitais. Com algumas das muitas imperfeições que cometem em cada

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

um deles, veremos claramente como a sua maneira de actuar é de crianças. Por outro lado, ver-se-á também quantos benefícios esta noite escura traz consigo, pois é ela que limpa e purifica a alma de todas estas imperfeições. Dela falaremos já a seguir.

### CAPÍTULO 2

*Algumas imperfeições espirituais que os principiantes têm em relação à soberba.*

**1.** Os principiantes de que falamos sentem-se muito fervorosos e aplicados nas coisas espirituais e exercícios de piedade. Por isso, e apesar das coisas santas conduzirem por si mesmas à humildade, desta sua imperfeição surge-lhes muitas vezes uma espécie de soberba oculta, que os leva a sentir alguma satisfação pelas suas obras e por si próprios.

Daqui nasce-lhes também uma certa vaidade, por vezes muito grande, de falar de coisas espirituais diante dos outros, querendo ensiná-las mais do que aprendê-las. Na sua oração condenam os outros, se não os virem com a devoção que eles queriam, chegando mesmo a fazê-lo por palavra

Nisto assemelham-se ao fariseu que apregoava o louvor de Deus com as suas obras enquanto desprezava o publicano (Lc 18, 11- 12).

**2.** Muitas vezes é o demónio que lhes aumenta o fervor e o zelo por estas e outras obras a fim de lhes aumentar também a soberba e a vaidade.

O demónio sabe muito bem que essas suas obras e virtudes, além de não lhes adiantar nada, transformam-se num vício. Alguns chegam mesmo ao ponto de não quererem que mais ninguém seja bom.

Por isso, quando se oferece a ocasião, condenam e difamam por palavras e obras, *fixando-se no argueiro que está na vista do irmão sem reparar na trave que está na sua* (Mt 7, 3); *coam o mosquito dos outros e engolem o seu próprio camelo* (Mt 23, 24).

**3.** Às vezes também, quando os seus mestres espirituais, isto é, os confessores e prelados, não lhes aprovam o espírito e maneiras de proceder, por quererem que se estime e se louve o que fazem, julgam que não os compreendem ou não são espirituais, porque não aprovam nem condescendem com eles. É por isso que desejam falar imediatamente com alguém que se acomode ao seu gosto. Normalmente desejam tratar o seu espírito com aqueles que entendem louvar e estimar as suas coisas.

Mas, como da morte, fogem daqueles que lhas negam a fim de os trazer ao bom caminho; por vezes até lhe ganham raiva. Vangloriando-se, costumam propor muito e fazer pouco. Sentem vontade de que os outros conheçam o seu espírito e devoção. Às vezes, para o conseguir e chamar a atenção, encenam movimentos exteriores, suspiros e outras momices, bem como alguns arrebatamentos. Mas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

gostam mais de o fazer em público do que em privado, pois a isso ajuda o demónio, agradando-se e desejando que os outros os vejam assim.

**4.** Muitos procuram antecipar-se e privar com os confessores, o que lhes traz muitíssimas invejas e perturbações. Sentem repugnância em confessar abertamente os seus pecados, temendo ser menos considerados pelos confessores, e vão pintando-os para não parecerem tão maus, quer dizer, vão-se mais escusando do que acusando.

Algumas vezes irão à procura de outro confessor para lhe dizer as coisas más; deste modo, o confessor habitual fica a pensar que neles tudo é bom e nada é mau. É por isso que gostam sempre de lhe contar o bem que fazem; e, por vezes, até exageram nas palavras para ele ficar a julgar mais do que aquilo que é. Em todo o caso, como diremos depois, seria muito mais humilde acabar com isso e procurar que nem o confessor nem ninguém lhe dessem importância alguma.

**5.** Às vezes alguns deles pensam pouco nas suas faltas, e outras vezes entristecem-se demasiado por as terem cometido. Julgando que já deveriam ser santos, revoltam-se impacientemente contra si próprios, o que é outra imperfeição.

Muitas vezes sentem um grande desejo de que Deus os liberte das suas faltas e imperfeições, mas o motivo é mais para se verem em paz e livres delas do que por amor a Deus. Não compreendem que se Deus lhas tirasse, tornar-se-iam, porventura, mais orgulhosos e presunçosos. São inimigos de louvar os outros, mas amigos de serem louvados e, às vezes, até fazem por isso; assemelham-se às virgens insensatas que, tendo as candeias apagadas, andavam cá por fora a pedir azeite (Mt 25, 8).

**6.** Alguns chegam a cometer muitas destas imperfeições tão intensamente que acabam em grandes males. Uns caem mais outros menos-enquanto que outros sentem apenas os primeiros movimentos e pouco mais. Mas são muito poucos os principiantes que, durante estes fervores, não venham a cair nalguma dessas coisas.

Os que nesse momento seguem o caminho perfeito, procedem duma maneira muito diferente e com uma força de espírito bem desigual. Ganham e edificam-se muito na humildade, porque consideram as suas obras como nada e não se envaidecem de si mesmos; têm os outros por muito melhores, guardando-lhes até uma santa inveja, com vontade de servir a Deus como eles. Quanto maior é o fervor, quanto mais obras fazem e quanto mais gosto têm nelas, porque vivem em humildade, tanto mais reconhecem o muito que Deus merece e o pouco que fazem por Ele; e assim, por mais que façam, nunca estão satisfeitos.

É tanto o que gostavam de fazer por Ele em caridade e amor, que lhes parece ser nada tudo quanto fazem. Esta preocupação de amor prende-os, ocupa-os e absorve-os de tal maneira que nem reparam no que os outros fazem ou deixam de fazer; e, se reparam, é porque, como digo, imaginam que todos os outros são muito

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

melhores do que eles. Daí que, por se terem em tão pouca conta, sentem vontade de que os outros também os tenham, que os desprezem e não apreciem as suas obras. Mais ainda: mesmo que os quisessem louvar e elogiar, de modo algum o acreditariam, estranhando que os felicitem por tais bens.

**7.** Com muita paz e humildade, eles têm um desejo vivo de aprender de qualquer pessoa algo que os possa ajudar. É uma atitude bem diferente daqueles que queriam ensinar tudo, e dos quais falámos antes; logo que se apercebem que lhes vão ensinar alguma coisa, adiantam-se a falar como se já a conhecessem. Estes, pelo contrário, longe de quererem ser mestres de alguém, estão dispostos, se lho mandarem, a seguir ou ir por outro caminho diferente do seu, pois julgam não ter certeza em nada.

Alegram-se por verem que os outros são louvados, e só têm pena de não servirem a Deus como eles.

Não querem falar das suas coisas, pois acham-nas tão sem importância que até aos seus mestres espirituais têm vergonha de as contar; julgam-nas como coisas sem interesse para falar. Para se darem a conhecer, preferem falar mais das suas faltas e pecados do que das suas virtudes.

Por isso, como é próprio dum espírito simples, puro, verdadeiro e que muito agrada a Deus, inclinam-se mais para tratar a sua alma com quem não dá grande importância às suas coisas e ao seu espírito. E, como nestas almas humildes habita o espírito da sabedoria de Deus, logo Ele as move e encaminha para guardarem dentro de si os seus tesouros e manifestarem as suas misérias. Juntamente com as outras virtudes Deus concede esta graça aos humildes, tal como a recusa aos soberbos.

**8.** Estes darão o sangue do seu coração por quem serve a Deus, e farão tudo o que puderem para O servir. Nas imperfeições que cometem, suportam-se com humildade, serenidade de espírito e temor amoroso de Deus, confiando n'Ele.

Mas, como se disse/ parece-me que são poucas as almas que, desde o início, vão por este caminho de perfeição; mas já nos daríamos por satisfeitos se não caíssem no que lhe é contrário. Eis porque Deus, como diremos mais adiante, introduz nesta noite escura aqueles que deseja purificar de todas estas imperfeições para que avancem.

### CAPÍTULO 3

*Algumas imperfeições que certos principiantes costumam ter, espiritualmente falando, em relação ao segundo vício capital que é a avareza.*

**1.** Muitos destes principiantes também caem, por vezes, numa grande avareza espiritual. Raramente estão contentes com o espírito que Deus lhes dá.

Andam muito tristes e queixosos por não encontrarem nas coisas espirituais a consolação que desejavam.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Muitos deles nunca se fartam de ouvir conselhos, aprender regras de vida espiritual, adquirir e ler muitos livros sobre isso. Perdem mais tempo nisso do que em mortificar-se e aperfeiçoar a pobreza de espírito interior. Além disso, andam cheios de imagens e terços vistosos. Agora trazem uns, e logo outros. Trocam-nos e voltam a trocá-los.

Ora querem-nos de uma maneira, logo de outra. Gostam mais desta cruz do que daquela, por ser mais vistosa. Vereis também outros carregados de «*Agnus Dei*» e relíquias com nomes de santos, como as crianças com os seus brinquedos.

O que eu condeno nisso é o domínio do coração e o apego que têm à forma, quantidade e aparência das coisas, por ser muito contra a pobreza de espírito. Na verdade, esta só olha à substância da devoção e apenas se serve daquilo que lhes faz falta, aborrecendo-se com toda essa quantidade de coisas raras.

A verdadeira devoção há-de nascer do coração, olhando sô à verdade e à substância do que significam as coisas espirituais, porque tudo o resto não é mais do que apego e posse de imperfeição. E, para poder avançar para um modo mais perfeito, é preciso acabar com esta atracção.

**2.** Conheci uma pessoa que durante mais de dez anos se serviu duma cruz tosca, feita de um ramo benzido, presa com um alfinete torcido à sua volta. Trazia-a sempre consigo e nunca a largou até ao momento em que lha tirei. E não era pessoa falta de juízo e entendimento! Vi uma outra que rezava por um terço feito com espinhas de peixe. Certamente que a sua devoção não tinha por isso menos valor diante de Deus, pois vê-se claramente que não assentava no fabrico nem no valor.

Os que são bem orientados por estes princípios não se apegam a todos esses objectos visíveis, nem se carregam deles, nem queiram saber mais do que é preciso para agir, pois o seu maior desejo é viver em amizade com Deus e agradecer-Lhe. Partilham com abundância o que possuem, sabendo que o seu gosto é a renúncia por Deus e por caridade ao próximo. E tanto faz que sejam coisas espirituais ou temporais, porque, como digo, eles só pretendem a perfeição interior, ou seja, agradecer em tudo a Deus e não a si mesmos.

**3.** Mas a alma não se pode purificar completamente destas e outras imperfeições se Deus não a introduzir na purificação passiva da noite escura, da qual haveremos de falar. Por isso, a alma deve fazer tudo o que puder para se aperfeiçoar, a fim de merecer ser introduzida por Deus naquele divino remédio; pelo qual a cura de tudo aquilo que ela antes não conseguia remediar sozinha.

Por muito que a alma se esforce, só por si não conseguirá purificar-se de maneira a estar preparada na sua parte inferior para a divina união do perfeito amor. É preciso que Deus lhe deite a mão e a purifique naquele fogo escuro para ela, como haveremos de dizer.

## CAPÍTULO 4



A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*Outras imperfeições que estes principiantes costumam ter em relação ao terceiro vício, que é a luxúria.*

**1.** Muitos destes principiantes têm outras muitas imperfeições, além das que vou referindo sobre cada vício. Mas, para não me alongar muito, deixo-as de lado, assinalando apenas as mais importantes, pois são como que origem e causa das outras.

Sobre este vício da luxúria, deixo de lado o que significa para os espirituais cometer este pecado, porque a minha intenção é falar das imperfeições que se hão-de purificar na noite escura. Muitos destes participantes possuem muitas imperfeições, que se poderiam chamar luxúria espiritual, não porque na realidade o sejam, mas porque procedem de coisas espirituais.

Quantas vezes, bem contra a sua vontade, mesmo durante os próprios exercícios espirituais, se levantam na sensualidade movimentos e actos desonestos. O mesmo se verifica, por vezes, quando o espírito está mergulhado em profunda oração, ou nos Sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Como digo, isto não provém da sua vontade, mas de uma destas três causas:

**2.** A *primeira causa* está muitas vezes no prazer que a natureza deposita nas coisas espirituais. E, como isso é do agrado do espírito e dos sentidos, cada uma destas partes do homem procura deleitar-se nesse prazer conforme a sua porção e capacidade. O espírito, ou parte superior, procura o prazer e o gosto de Deus.

A sensualidade, ou parte inferior, procura o gosto e a satisfação dos sentidos, porque, ao ser incapaz de possuir ou apreciar outro, agarra o que lhe é mais próprio, ou seja, a abominável sensualidade.

Deste modo, a alma pode estar no espírito em profunda oração com Deus e, no entanto, bem contra a sua vontade, experimentar passivamente nos sentidos rebeliões, movimentos e actos sensuais.

Isto acontece muitas vezes durante a Comunhão. Como nosso Senhor lhe da por meio deste acto de amor alegria e consolação, pois é para isso que se dá, a sensualidade, como dissemos, recebe-as ao seu modo. Na verdade, estas duas partes formam um todo e, normalmente, cada uma delas participa a seu modo daquilo que a outra recebe. Porque, como disse o filósofo, *tudo aquilo que se recebe é recebido ao modo do recipiente.*

Eis porque, no começo e até quando a alma já está avançada, a sensualidade, sendo imperfeita, recebe muitas vezes o espírito de Deus nessa imperfeição em que se encontra. Quando esta parte sensitiva for reformada pela purificação da noite escura, da qual havemos de falar, essas imperfeições deixarão de existir. Nessa altura já não é ela que recebe, porque foi assumida pelo espírito e nela tudo é conforme ao espírito.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** A *segunda causa*, donde procedem por vezes estas rebeliões, é o demónio. Para desinquietar e perturbar a alma na oração, ou quando se dispõe a fazê-la, procura suscitar na natureza estes movimentos grosseiros, os quais poderão causar-lhe grande mal, se lhe prestar qualquer atenção.

O medo que estes movimentos provocam nalguns, por terem de os combater, leva-os a esmorecer na oração e até a abandoná-la totalmente como pretende o demónio. Julgam que estas coisas lhes surgem mais na oração do que fora dela.

E, de facto, é assim, porque o demónio provoca-os na oração mais do que noutro momento para ver se abandonam o exercício espiritual. Mais ainda: representa-lhes ao vivo coisas muito grosseiras e vergonhosas, relacionando-as, por vezes, com coisas espirituais e pessoas que ajudam as suas almas, a fim de os assustar e acobardar. Assim, quem dá importância a estas coisas não se atreve a reparar nem meditar em nada, porque logo tropeçam nelas.

Isto acontece com tal eficácia e frequência nos melancólicos que até mete dó ver a tristeza em que vivem. Algumas pessoas sofrem tanto com este mau humor, que julgam sentir claramente que isso lhes abre a porta ao demónio sem que o possam impedir. Algumas destas pessoas, porém, podem impedir essa entrada com grande esforço e trabalho.

Quando estas coisas perversas atingem essas pessoas pela melancolia, normalmente não se livram delas até se curarem desse género de humor, a não ser que a alma entrasse na noite escura que, pouco a pouco, a vai privando de tudo.

**4.** A *terceira causa* destes movimentos perversos, que costumam surgir e fazer guerra, normalmente é o medo com que tais pessoas vivem em relação a esses movimentos e imagens perversas. O medo é-lhes provocado subitamente pela memória do que vêem, dizem ou imaginam, não tendo culpa alguma nestes actos que padecem.

**5.** Há também almas de natureza muito frágil e delicada que, mal sentindo qualquer gosto de espírito ou de oração, logo as invade o espírito de luxúria.

A sensualidade embriaga-se e consola-se de tal maneira que ficam como que embebidas pelo suco e gosto desse vício. Tanto um como outro prolongam-se passivamente, verificando-se mesmo que houve, por vezes, certos efeitos desagradáveis e perversos.

A causa, como digo, está em que, sendo de natureza frágil e delicada, qualquer conturbação lhes agita os ânimos e o sangue, provocando estes movimentos. Aliás, eles dão-se tanto quando ardem em cólera como quando sofrem alguma comoção ou dor.

**6.** Também, às vezes, levanta-se nestes principiantes, tanto ao falar como ao executar coisas espirituais, um certo brio e vivacidade; e, ao darem-se conta das pessoas que têm pela frente, agem duma maneira um pouco leviana. Também isto

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Ihes vem da luxúria espiritual, tal como a entendemos aqui, e geralmente com a anuência da vontade.

**7.** Alguns deles afeiçoam-se a certas pessoas pela via espiritual, mas essas amizades nascem muitas vezes da luxúria e não do espírito. E sabe-se que é assim porque a sua memória, em vez de fazer crescer a memória e o amor de Deus, aumenta os remorsos de consciência. Porque, se a amizade é verdadeiramente espiritual, quando cresce, cresce também a de Deus; quanto mais se lembra dela, tanto mais se lembra de Deus e O deseja, porque quando se cresce numa coisa cresce-se também na outra.

É próprio do espírito de Deus fazer crescer um bem juntamente com o outro, por causa da igualdade e semelhança que existe entre eles. Porém, quando essa amizade provém do vício sensual da luxúria, os efeitos são contrários: quanto mais um cresce, mais o outro diminui e desaparece a memória de Deus.

Se aquele amor sensual aumenta, logo sentirá o afrouxamento no amor de Deus, esquecendo-se pouco a pouco d'Ele e caindo num remorso de consciência. Se, pelo contrário, o amor de Deus cresce na alma, ela vai-se afrouxando no outro e esquece-o; porque, como ensinam os filósofos, dois amores contrários não se ajudam um ao outro, mas o que domina aniquila e extingue o outro para se fortalecer a si mesmo.

Também o nosso Salvador disse no Evangelho: *O que nasce da carne é carne, e o que nasce do espírito é espírito* (Jo 3, 6). Quer dizer, o amor que nasce da sensualidade conduz à sensualidade, e o que nasce do espírito conduz ao espírito de Deus e fá-lo crescer. Esta é a diferença para se conhecer estes dois amores.

**8.** Quando a alma entrar na noite escura, colocará em ordem todos estes amores. Ao que é conforme a Deus, fortalece-o e purifica-o; ao outro, fá-lo desaparecer. Mas, no princípio, separa-os a ambos, com depois se dirá.

## CAPÍTULO 5

*As imperfeições acerca do vício da ira em que os principiantes caem.*

**1.** Muitos principiantes, devido à concupiscência que sentem nos gostos espirituais, são assediados muito frequentemente pelas imperfeições do vício da ira. Quando se lhes acaba o sabor e o gosto das coisas espirituais, ficam naturalmente desabridos e, com o azedume que trazem, tornam-se desagradáveis no que dizem, irritam-se facilmente com qualquer coisinha, e, por vezes, não há quem os aguente. Normalmente isto passa-se depois de terem gozado um aprazível recolhimento sensível na oração.

Como esse gosto e prazer se vai acabando, naturalmente ficam desgostosos e contrariados. Assemelham-se à criancinha a quem retiraram o peito que desfrutava com prazer. Mas, se a natureza não se deixa cair em angústia, não existe pecado;

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

existe apenas uma imperfeição que se há-de purificar na aridez e aflição da noite escura.

**2.** Há também aqueles principiantes que caem numa outra espécie de ira espiritual. É o que acontece quando se irritam contra os vícios alheios com algum zelo perturbador. Além de os apontar, sentem ímpetos de os repreender violentamente; e chegam mesmo a fazê-lo, julgando-se donos da virtude. Todas estas coisas são contrárias à mansidão espiritual.

**3.** Outros há que, reconhecendo-se imperfeitos, se irritam consigo próprios mostrando uma impaciência nada humilde. Queriam ver-se santos num dia, por isso ficam tão impacientes: Muitos deles prometem muito e fazem grandes propósitos, mas, como são pouco humildes e confiam demasiado em si próprios, quantos mais propósitos fazem tanto mais caem e se irritam.

Falta-lhes paciência para esperar que seja Deus a conceder-lhes essa graça quando quiser. Também isto é contrário à mansidão espiritual. Só a purificação da noite escura os pode remediar completamente.

Pelo contrário, há outros com tal paciência na vontade de aproveitar, que mais preferiria Deus não lhes ver tanta!

### CAPÍTULO 6.

#### *As imperfeições acerca da gula espiritual.*

**1.** Acerca do quarto vício, que é a gula espiritual, muito há a dizer.

Difícilmente se encontrará um destes principiantes que, mesmo procedendo bem, não venha a cair nalguma das muitas imperfeições que nascem deste vício, devido ao prazer que desde o começo sentem nos exercícios espirituais.

Muitos deles, embevecidos pelo gosto e prazer que sentem nesses exercícios, procuram mais o sabor espiritual do que a sua pureza e modéstia, que, afinal, é no que Deus repara e aceita em qualquer caminho espiritual.

Além das imperfeições que cometem na procura desses prazeres, esta sua gulodice leva-os, de um momento para o outro, a ultrapassarem os limites do meio em que consistem e se granjeiam as virtudes.

Alguns, atraídos pelo prazer que ali encontram, matam-se com penitências; outros enfraquecem com jejuns, fazendo mais do que pode a sua fraqueza. Não pedem licença nem conselho a ninguém, antes fogem daqueles a quem deveriam obedecer neste assunto. Alguns atrevem-se mesmo a fazer o contrário daquilo que lhes foi mandado.

**2.** São muitíssimo imperfeitos e gente sem razão. Desprezam a docilidade e a obediência, ou seja, a penitência racional e a prudência, em favor da penitência corporal. Aquelas são o sacrifício melhor aceite e agradável a Deus, enquanto que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

esta, sem elas, não é mais do que penitência animal, que eles procuram, como os animais, devido ao prazer e gosto que nela encontram.

Uma vez que todos os extremos são maus, e dado que com esta maneira de agir fazem a sua própria vontade, vão crescendo mais nos vícios do que nas virtudes. Pelo menos é assim que adquirem a gula espiritual e a soberba, porque o que fazem não é conforme à obediência.

E o demónio também seduz muitos deles. Atiça-lhes a gula, aumentando-lhes o prazer e o apetite.

Como eles não conseguem resistir, mudam, acrescentam ou alteram a ordem que lhes deram, porque, neste ponto, nenhuma obediência lhes agrada. Alguns chegam mesmo a um extremo tal que, pelo facto de irem a esses exercícios de piedade por obediência, ficam sem vontade e devoção de os fazer. Querem mover-se apenas pelo seu gosto e vontade, e não porque são mandados. Por isso, talvez ganhassem mais em não os fazer.

**3.** Vereis muito deles insistindo com os seus mestres espirituais para obterem o que lhes agrada, conseguindo-o quase à força. Se não o conseguem, ficam tristes como crianças, andam amuados, e julgam que não servem a Deus quando não os impedem de fazer o que queriam. Como estão agarrados ao seu gosto e vontade própria, a quem têm por seu deus, logo que os contrariam para que façam a vontade de Deus, ficam tristes, desanimados e abatidos. Para eles, andar ao seu gosto e satisfeitos, é servir e contentar a Deus.

**4.** Há ainda outros que, por causa da gula, mal reconhecem a sua baixaza e miséria, e puseram de tal maneira de lado o temor amoroso e o respeito que devem à grandeza de Deus, que não duvidam em insistir junto dos seus confessores para que os deixem comungar muitas vezes.

E o pior é que, muitas vezes, atrevem-se a comungar sem a permissão ou conselho do ministro e despenseiro de Cristo. Comungam por sua conta, e tentam ocultar a verdade. E, com o fim de comungar, fazem confissões como calha, porque a vontade de comungar é maior do que comungar com a consciência limpa e bem preparada. Em todo o caso, era melhor e mais santo sentir o contrário, ou seja, pedir aos confessores que não os obrigassem a comungar tantas vezes. Mas, entre uma coisa e outra, o melhor é a humilde resignação, pois a temeridade pelo castigo dos seus atrevimentos pode fazer-lhes muito mal.

**5.** Ao comungar, só se preocupam em receber algum sentimento e gosto em vez de, com humildade, adorar e louvar a Deus no seu íntimo.

E afeiçoam-se de tal maneira a isto, que, se não tiverem algum gosto ou sentimento sensível, julgam que não lhes valeu de nada. É uma forma muito baixa de julgar a Deus, pois não sabem que o menor proveito deste Santíssimo

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Sacramento é o que diz respeito aos sentidos, enquanto que o maior é o da graça invisível.

É por isso que Deus lhes retira muitas vezes esses gostos e sabores sensíveis, para que o recebam com os olhos da fé. Tanto neste como noutros exercícios espirituais, eles querem sentir e saborear Deus como se fosse algo compreensível e acessível. Tudo isto revela uma grande imperfeição e oposição ao ser de Deus. A sua fé ainda não é pura.

**6.** O mesmo se diga da sua oração. Pensam que tudo se resume ao prazer e devoção sensível que nela podem encontrar. Então tentam obtê-lo à força de braços, como dizem, cansando e arrasando as potências e a cabeça; e, quando não conseguem obter tal prazer, ficam abatidos e a julgar que não fizeram nada. Esta sua pretensão leva-os a perder o verdadeiro espírito e devoção, que consiste em perseverar ali com paciência e humildade, desconfiando de si mesmo e querendo agradar só a Deus. Esta é a razão pela qual, quando não encontram prazer neste ou noutro exercício de piedade, ficam com grande repugnância e sem vontade alguma de os voltar a fazer, chegando por vezes a abandoná-lo. Como dissemos, são como as criancinhas: movem-se e actuam pelo gosto e não pela razão.

Passam o tempo todo à procura do prazer e da consolação espirituais, nunca se fartando de ler livros. Agora fazem uma meditação e logo outra, andando à caça deste prazer nas coisas de Deus.

A estes, com muita justiça, discricção e amor, Deus lho nega, porque, se assim não fosse, com esta gula e intemperança espiritual cresceriam em males sem conta. Portanto, é uma necessidade muito grande que entrem na noite escura, da qual teremos de falar, a fim de se purificarem destes ninharias.

**7.** Os que pendem assim para estes gostos, também caem noutra grande imperfeição: são muito frouxos e indolentes no seguimento do caminho áspero da cruz. Uma alma que se deixa levar pelo prazer, há-de naturalmente sentir repugnância por toda a amargura de renúncia pessoal.

**8.** Eles têm ainda muitas outras imperfeições acerca da gula. Pouco a pouco, o Senhor vai curando-as através das tentações, pela aridez e outras provações, que fazem parte da noite escura. Mas, para não demorar, não vou falar agora delas.

Direi somente que a sobriedade e a temperança espiritual criam na alma uma predisposição muito diferente, que é a da mortificação, do temor e da submissão em tudo.

Elas mostram que a perfeição e o valor das coisas não consiste em multiplicar e saborear as obras, mas em saber negar-se nelas. É nisto que os principiantes se devem empenhar totalmente até que Deus os queira purificar verdadeiramente, introduzindo-os na noite escura. E, para falar dela, apresso-me a terminar com estas imperfeições

## CAPÍTULO 7

*As imperfeições acerca da inveja e da preguiça espiritual.*

**1.** Em relação aos outros dois vícios, que são a *inveja* e a *preguiça espiritual*, também estes principiantes não deixam de cometer muitas imperfeições. Quanto à *inveja*, muitos deles costumam sentir ciúmes do bem espiritual dos outros, chegando até a sentirem-se mal por verem que estão mais avançados neste caminho.

Também não gostam de os ver elogiados, dado que as suas virtudes os entristecem; por vezes, não passam sem afirmar o contrário para desfazer esses louvores a todo o custo. Os seus olhos, como se costuma dizer, enchem-se de raiva por não serem como eles, pois gostariam de ser os primeiros em tudo.

Tudo isto é muito contrário à caridade, a qual, como diz S. Paulo (1 Cor 13, 6), *rejubila com a verdade*. E, se alguma inveja tem, é uma inveja santa; porque, embora lamentavelmente não possuir as virtudes dos outros, alegra-se em que as tenham e sirvam melhor a Deus do que ela, pois é o que Ele mais precisa.

**2.** Quanto à *preguiça espiritual*, costumam senti-la nas coisas que são mais espirituais, e até fogem delas, porque são as que contrariam mais o gosto sensível. E, como eles se prendem às coisas espirituais pelo gosto sensível, se não o encontram, enchem-se de fastio por elas.

Se alguma vez não encontram a consolação que o seu gosto requeria da oração, - e convém que Deus os prive dela para os pôr à prova - , já não querem rezar mais, chegando às vezes a abandoná-la ou a fazerem-na de má vontade. E, por causa desta preguiça, adiam o caminho da perfeição, que é o da renúncia ao gosto e à vontade própria por Deus; preferem antes o gosto e o prazer da sua vontade, a qual procuram satisfazer mais do que a de Deus.

**3.** Muitos deles gostariam que Deus quisesse o que eles querem. Mas entristecem-se de querer o que Deus quer, por receio de acomodar a sua vontade à de Deus. É por isso que eles pensam muitas vezes que aquilo que não satisfaz os seus gostos e desejos não é vontade de Deus; pelo contrário, julgam que aquilo que os satisfaz, também satisfaz a Deus.

Quer dizer, medem a Deus por si em vez de se medirem eles por Deus.

Isto é completamente contrário ao que Ele ensinou no Evangelho, quando disse: *Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la* (Mt 16, 25).

**4.** Estes principiantes também se indispõem quando lhes é ordenado algo que não lhes agrada. Eles, porque andam sempre ao gosto e ao sabor da sua vontade, são indolentes no esforço e trabalho da perfeição.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Assemelhando-se aos que foram criados no meio de consolações, fogem com tristeza do que é árduo, maldizem a cruz onde se encontram as delícias do espírito, e sentem-se desgostosos nas coisas mais espirituais.

Corno eles pretendem andar à larga e à vontade nas coisas espirituais, o ter de entrar pelo *caminho estreito da vida* (Mt 7, 14), corno diz Cristo, causa-lhes urna grande tristeza e repugnância.

**5.** Das muitas imperfeições que possuem os que pertencem a este primeiro estado, que é o de principiantes, estas são suficientes para ver como é grande a necessidade de Deus os passar para o estado de aproveitados, introduzindo-os na noite escura, da qual falaremos já a seguir.

Nela, em pura aridez e trevas interiores, Deus retira-lhes os peitos destes gostos e prazeres; priva-os de todas as impertinências e ninharias, e fá-los aproveitar nas virtudes por meios muito diferentes. Na verdade, por mais que um principiante se esforce por mortificar em si todas as suas acções e paixões, nunca o conseguirá totalmente se não for Deus a fazê-lo de maneira passiva através da purificação dessa noite. E, para nela dizer algo que o ajude, peço a Deus que me dê a sua divina luz, pois bem necessária em noite tão escura e em matéria tão difícil de expor e desenvolver.

O primeiro verso diz: *Em uma noite escura.*

### CAPÍTULO 8

*Começa a explicar esta noite escura.*

**1.** Esta *noite*, à qual chamamos contemplação, causa nos espirituais duas espécies de trevas ou purificações, de acordo com as duas partes do homem, ou seja, *a sensitiva e a espiritual*. Assim, a primeira *noite ou purificação é a sensitiva*, porque nela a alma purifica os sentidos, submetendo-os ao espírito. A segunda *noite ou purificação é a espiritual*, porque nela a alma purifica e liberta o espírito, preparando-o e dispondo-o para a união de amor com Deus.

*A sensitiva é comum e verifica-se em muitos dos principiantes.* Dela falaremos em primeiro lugar.

*A espiritual é própria de um pequeno número* daqueles que já estão exercitados e avançados na perfeição. Dela falaremos em segundo lugar.

**2.** A primeira purificação ou noite é amarga e terrível para os sentidos, como explicaremos já a seguir. A segunda é incomparavelmente mais horrível e tenebrosa para o espírito, como também haveremos de explicar.

Porque está em primeiro lugar e se verifica primeiro, diremos agora umas breves palavras sobre a sensitiva, pois, sendo a mais comum, existem muitas coisas escritas a seu respeito. Depois falarei mais particularmente sobre a noite espiritual,



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

porque dela não se tem falado muito por via oral ou escrita; e por experiência muito menos.

**3.** Como já foi dito anteriormente, o procedimento como estes principiantes seguem o caminho de Deus é inadequado, porque se apoia muito no gosto e amor-próprio. Deus quer fazê-los avançar, retirando-os deste modo baixo de amor para um grau mais elevado do amor divino; liberta-os do baixo exercício dos sentidos e do discurso, através do qual O procuram de maneira tão limitada e inconveniente, como também já o dissemos, passando-os para o exercício do espírito, onde, mais livres das imperfeições, podem comunicar mais abundantemente com Ele.

Durante algum tempo exercitaram-se no caminho da virtude, perseverando na meditação e na oração; graças ao sabor e prazer que nelas encontraram, foram-se desligando das coisas do mundo e recuperando em Deus algumas forças espirituais, com as quais refrearam um pouco o desejo pelas criaturas. Agora estão dispostos a sofrer por Deus um pouco mais de trabalho e aridez sem voltarem atrás.

É que, na melhor altura, quando mais sabor têm e mais contentes andam nestes exercícios espirituais, e quando julgam que osol dos favores divinos mais claramente brilha, Deus priva-os de toda esta luz e fecha-lhes a porta e o manancial da doce água espiritual que sorviam em Deus sempre e quando quieram; porque, como eram fracos e pequeninos, tinham sempre as portas abertas, como diz S. João no Apocalipse (Ap 3, 8).

O Senhor deixa-os agora numa tão grande escuridão que já não sabem por onde caminhar com a imaginação e o discurso. Já não podem meditar como faziam antes, porque, com o sentido interior mergulhado nesta escuridão e com uma tão grande aridez, em vez de encontrarem a doçura e a consolação nas coisas espirituais e nos deliciosos exercícios, só encontram dissabor e a amargura.

Isto acontece porque, como foi dito, Deus ao vê-los agora um pouco mais crescidos, para os fortalecer e retirar dos seus cueiros, priva-os do doce peito, põe-nos no chão e ensina-os a andar pelo seu próprio pé. Isto constitui para eles uma novidade, porque tudo se lhes voltou do avesso.

**4.** Depois de começarem, normalmente as pessoas afastadas do mundo sofrem esta reviravolta primeiro que as outras. Tendo menos ocasiões para retroceder, mais depressa corrigem a apetência pelas coisas do mundo, como se exige para entrar nesta ditosa noite dos sentidos, e não demoram muito tempo a entrar nela. No entanto, todas as outras também entram, porque se vêem envolvidas geralmente por esta aridez.

**5.** Sendo esta espécie de purificação sensitiva tão normal, poderíamos citar aqui a seu respeito imensos textos da Sagrada Escritura, pois a cada passo os estamos a encontrar, sobretudo nos Profetas e nos Salmos.

Mas não quero gastar tempo a citá-los; quem não os souber encontrar, bastar-lhe-á a experiência normal que dela se tem.

## CAPÍTULO 9

*Sinais para saber se o espiritual caminha por esta noite e purificação sensitiva.*

**1.** Muitas vezes acontecerá que esta aridez não resulte dessa *noite e purificação do apetite dos sentidos*, mas dos nossos pecados, imperfeições, indolência ou preguiça, mau humor ou indisposição física. Indicarei, portanto, *alguns sinais* pelos quais se distingue se ela provém dessa purificação ou se nasce de algum dos vícios mencionados. A meu ver, existem *três sinais principais*.

**2.** O *primeiro* consiste em não encontrar gosto e consolação nem nas coisas de Deus, nem nas coisas criadas. Na verdade, quando Deus introduz a alma nesta noite escura para lhe secar e purificar o apetite sensitivo, não a deixa deliciar nem saborear nada. É assim que se fica a saber, com toda a probabilidade, que a aridez e o sensabor não provêm de pecados ou de imperfeições que se voltaram a cometer. Se assim fosse, a natureza sentiria uma certa atracção ou vontade para deleitar-se com coisas diferentes das de Deus.

Na verdade, quando o apetite condescende nalguma imperfeição, pouco ou muito, logo se sente atraído por ela, conforme o gosto e o afecto que nela depositou.

Porém, como a razão de não encontrar gosto nem nas coisas de Deus nem nas coisas criadas, também poderia estar nalguma indisposição física ou melancolia, que muitas vezes não deixa encontrar gosto em nada, é necessário o segundo sinal ou condição.

**3.** Para crer que se trata desta purificação temos um *segundo sinal*, que consiste em lembrar-se habitualmente de Deus. Mas é com solicitude e alguma aflicção que o faz porque, ao sentir que já não saboreia as coisas de Deus, julga que, além de não O servir, está a retroceder. Por aqui se vê bem que este sensabor e aridez não provêm da indolência ou da preguiça, porque a preguiça não se aflige com as coisas de Deus nem tem qualquer solicitude interior por elas.

Dai que entre a aridez e a preguiça haja uma grande diferença. A preguiça é muito vagarosa e remissa na vontade e no espírito, não havendo preocupação por servir a Deus, enquanto que a aridez purificadora, como disse, traz consigo uma habitual solicitude feita de preocupação e pena por não servir a Deus. A aridez, embora provenha da melancolia ou de alguma indisposição, como de facto acontece muitas vezes, nem por isso deixa de causar o seu efeito purificador na vontade, porque a alma, vendo-se privada de qualquer consolação, preocupa-se só com Deus.

Quando se trata só de indisposição, a natureza fica abatida e prostrada, e sem a vontade de servir a Deus que a aridez purificadora contém.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Quando se trata de aridez, a parte sensitiva pode estar abatida, débil e fraca para agir, porque não encontra gosto em nada, mas o espírito está preparado e cheio de vigor (cf. Mt 26, 41).

**4.** A razão desta aridez deve-se à mudança dos bens e da força que Deus faz dos sentidos para o espírito; ora, como os sentidos e a natureza não têm capacidade para esses bens, ficam sem alimento, áridos e vazios.

De facto, a parte sensitiva não está apta para o que é puro espírito; e, assim, ao ser o espírito a saborear, a carne cai na aridez e perde forças para agir. Por sua vez, o espírito vai sendo alimentado e torna-se forte, mais preocupado e mais diligente do que antes para não ofender a Deus.

E se não sente desde o princípio o sabor e a consolação do espírito, mas tão só aridez e sensabor, isso deve-se à novidade da mudança. Antes tinha o paladar afeiçoado aos prazeres dos sentidos, pelos quais ainda suspira, e agora ainda não tem o paladar espiritual preparado e purificado para sabores tão subtis.

Portanto, enquanto se vai purificando continuamente através desta árida e escura noite, não poderá gostar os sabores e os bens espirituais, mas tão só a aridez e a sensaboria, porque lhe falta o gosto que antes tão facilmente gozava.

**5.** Estes, a quem Deus começa a levar por esta solidão do deserto, assemelham-se aos filhos de Israel. Logo que Deus, no deserto, lhes começou a enviar do céu *um alimento capaz de todos os gostos e que, como lá se diz, se transformava no gosto que cada um desejava* (Sb 16, 20-21), ainda sentiram mais a ausência do gosto e do sabor das carnes e cebolas do Egipto, porque o seu paladar estava mais acostumado e afeiçoado a elas do que à celeste doçura do maná angélico; por isso, tendo o alimento do céu, choravam e gemiam pela carne (Nm 11, 4-6). Por aqui se vê até onde chega a baixeza dos nossos apetites: levam-nos a desejar as nossas misérias e a renegar os bens inefáveis do céu.

**6.** Mas, como digo, quando esta aridez provém da via purgativa em que se encontra o apetite sensível, o espírito ao princípio não sente o gosto, por causa do que acabámos de dizer, mas sente a força e a coragem desse manjar interior para agir na natureza, criando nos sentidos a escura e árida contemplação: Geralmente esta contemplação, oculta e secreta para quem a sofre, juntamente com a aridez e o vazio que causa aos sentidos, predispõe a alma e inclina-a para a solidão e quietude, sem poder nem querer pensar em nada especial.

Se aqueles a quem isto acontece se soubessem pacificar, descurando qualquer operação interior ou exterior sem se preocuparem de nada, logo sentiriam nessa descontração e ócio a delicadeza daquele alimento interior. Normalmente esse alimento é tão suave que, se a alma o quisesse saborear, não lhe sente o gosto, porque, como digo, ele opera quando a alma se encontra no mais completo repouso e descontração.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É como o ar: se o quisermos apanhar com a mão, ele escapa-se quando a fechamos.

**7.** A este propósito, podemos considerar o que a esposa disse ao Esposo, no Cântico dos Cânticos: *Afasta de mim os teus olhos, os olhos que me enlouquecem* (Cant 6, 5). Deus põe a alma de tal maneira neste estado e leva-a por um caminho tão diferente que, se ela quiser operar com as suas potências, mais estorva do que ajuda à obra que Deus está a realizar nela. Antes acontecia precisamente o contrário.

E a razão está em que neste estado de contemplação, quando a alma deixa a meditação e entra no estado dos mais avançados, já é Deus quem actua nela. Ele ata-lhe as potências interiores, deixando o entendimento sem apoio, a vontade sem gosto, a memória sem discursos. O que a alma fizer durante este tempo por sua conta só serve, como dissemos, para roubar a paz interior e a obra que Deus está a realizar no espírito através da aridez dos sentidos. Como esta operação é espiritual e delicada, Ele actua de forma calma, delicada, secreta, satisfatória, pacífica, mui alheada dos primeiros gostos, que eram palpáveis e sensíveis. Segundo diz David, *esta é a paz que Deus promete* à alma para a tornar espiritual (Sl 84, 9). Daí o terceiro sinal.

**8.** O *terceiro sinal* para reconhecer esta purificação sensitiva é a impossibilidade da alma meditar ou discorrer com a imaginação como antes, por mais que se esforce. Deus agora começa a comunicar-se, não já através dos sentidos, como fazia antes, ou por meio do raciocínio que compunha e ordenava os pensamentos, mas através do espírito puro onde não há discursos seguidos.

A comunicação faz-se pelo acto da simples contemplação, incapaz de ser alcançada pelos sentidos externos e internos da parte inferior. É por isso que doravante a imaginação e a fantasia também não encontram nela qualquer apoio para alguma consideração.

**9.** É preciso ter em conta que, neste terceiro sinal, esta obstrução das potências e do seu gosto não provém de qualquer indisposição. Uma indisposição não dura sempre numa pessoa, por isso, quando a indisposição passa, a alma pode logo, com um pouco de esforço, regressar ao que antes fazia e as potências encontram onde se apoiar.

Na purificação do apetite, porém, não acontece o mesmo, porque, depois de entrar nela, a incapacidade de discorrer com as potências vai sempre aumentando.

É verdade que, no princípio, esta continuidade não é para todos, porque alguns, às vezes, ainda levam consigo os seus gostos e discursos sensíveis.

Talvez não conviesse desmamá-los tão repentinamente, por causa da sua fraqueza! No entanto, se tiverem de continuar a avançar, vão entrando cada vez mais nela e acabarão a obra na parte sensitiva. Os que não seguem este caminho da contemplação utilizam um método muito diferente, porque a noite da aridez na

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

parte sensitiva normalmente neles não é contínua. Umas vezes têm-na e outras vezes não. Umas vezes podem meditar, e outras vezes não.

Deus mete-os nesta noite só para os exercitar, humilhar e corrigir-lhes o apetite para que não comecem a ganhar gula nas coisas espirituais, e não para os elevar à vida do espírito, isto é, à contemplação. Nem todos os que se exercitam com determinação no caminho do espírito são elevados por Deus à contemplação; nem sequer a metade. Por que razão? Só Deus sabe.

É por isso que estes nunca conseguem afastar os sentidos dos peitos da meditação e do discurso, a não ser por breves instantes e de vez em quando, como dissemos.

## CAPÍTULO 10

*O modo como se hão-de orientar nesta noite escura.*

**1.** É durante a aridez desta *noite sensitiva* que Deus realiza na alma a mudança a que nos referimos atrás passando-a da vida sensitiva para a espiritual, ou seja, da meditação para a contemplação, onde, como se disse, já não pode discorrer com as potências sobre as coisas de Deus.

Nessa altura, os espirituais sofrem muito, não tanto pela aridez em que se encontram, mas pelo receio que têm de irem pelo caminho errado.

Como não encontram arrimo nem gosto em nada de bom, julgam que o bem espiritual se lhes acabou e que Deus os abandonou. Então afadigam-se e, como de costume, procuram com certo prazer fixar as potências nalgum objecto de meditação, porque, se não o fazem nem se sentem activos, julgam que não fazem nada. Porém, fazem-no com muito pouca vontade e revolta interior da alma, que esta se comprazia em quedar-se naquele sossego e ócio, sem o labor das potências. Desta maneira, prejudicam-se numa coisa e não aproveitam na outra, porque, ao andarem à procura de um bem espiritual, perdem o da tranquilidade e o da paz que possuíam.

Deste modo assemelham-se ao que abandona o que fez para voltar a fazê-lo, ao que sai da cidade para voltar a entrar nela, ao que liberta a presa para ir novamente à caça. E, nesta altura, tudo isto é escusado porque, como foi dito, com esse primeiro modo de proceder já não conseguem nada.

**2.** Durante este tempo, se não tiverem quem os compreenda, voltam atrás, abandonam o caminho e desanimam, ou, pelo menos, impedem o seu andamento, por causa dos múltiplos esforços que fazem por continuar no caminho da meditação e do discurso. A natureza é submetida a imenso trabalho e cansa-se, julgando eles que isso se deve à sua negligência ou pecados. De facto, tudo isto era escusado, porque Deus já os leva por um outro caminho, o da contemplação, que é muitíssimo diferente do anterior. Um é o da meditação e do discurso, enquanto que no outro não cabem nem a imaginação nem o discurso.

**3.** Quando se virem neste estado convém que se animem e perseverem com paciência, sem desanimar. Confiam em Deus, pois Ele não abandona aqueles que O procuram com um coração simples e recto. Também lhes dará o necessário para o caminho até chegarem à pura e clara luz do amor da noite escura do espírito, se merecerem que Deus os introduza nela.

**4.** O método a adoptar nesta noite dos sentidos é o de não fazer caso algum do discurso e da meditação, pois o seu tempo já passou. Deixem estar a alma em paz e sossego, ainda que lhes pareça claramente que não fazem nada e que estão a perder tempo, ou que é por causa da sua fraqueza que estão sem vontade nenhuma de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

pensar em nada. Se tiverem paciência para perseverar quietos na oração, já fazem muito.

A única coisa a fazer consiste em deixar a alma livre, desligada e despreocupada de todas as notícias e pensamentos. Não se preocupem com o que hão-de pensar e meditar, mas contentem-se apenas em permanecer numa advertência amorosa e sossegada em Deus, sem que haja inquietação, desejo ou vontade de O gozar ou sentir. Estes desejos inquietam a alma e distraem-na da sossegada quietude e ócio suave da contemplação que aqui se vive.

**5.** Apesar dos escrúpulos que sente por julgar que perde tempo e que seria melhor fazer outra coisa, dado que na oração nada pode fazer ou pensar. Espere e fique sossegada, pois não se vai para lá para estar só a seu bel-prazer, em liberdade de espírito. Se, por sua iniciativa, quiser trabalhar com as potências interiores, isso será barrar e desperdiçar os bens que Deus está a transmitir e a gravar na alma por meio daquela paz e ócio. É o que acontece quando um pintor está a pintar ou copiar o rosto de uma pessoa: se virasse o rosto para fazer qualquer coisa, não deixaria fazer nada ao pintor e transtornaria a sua obra.

De igual modo, quando a alma quer estar em paz e repouso interior, qualquer operação, afecto ou reparo que queira fazer, só servirá para a distrair e confundir, fazendo-lhe sentir a aridez e o vazio nos sentidos. Quanto mais pretender apoiar-se em afectos ou notícias, tanto mais lhe sentirá a ausência, pois por esta via nada remediará.

**6.** Portanto, o que esta alma precisa é de não se inquietar nada se as potências agora deixarem de operar, antes deve alegrar-se por as perder tão cedo, porque, assim, não impedirá a operação da contemplação infusa que Deus lhe vai concedendo. Desta maneira, recebe-a com muito mais paz, e permite que arda e se acenda no espírito aquele amor que esta escura e secreta contemplação infunde e incendeia na alma. Na verdade, a contemplação não é mais do que uma infusão secreta, pacífica e amorosa de Deus, que, se lho permitirem, inflama a alma em espírito de amor, como ela mesma o dá a entender no verso seguinte:

*Com ânsias, em amores inflamada.*

### CAPÍTULO 11

*[Explicam-se três versos da primeira canção.]*

**1.** Esta inflamação de amor, normalmente, não é sentida logo ao princípio. Umhas vezes não se acende por causa da impureza da natureza, e outras vezes é a alma que não o permite por ainda não a ter entendido bem, como dissemos. Contudo, às vezes, com ou sem isso, começa logo a sentir algum desejo de Deus.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

E quanto mais aumenta, mais a alma se vai sentindo afeiçoada e inflamada pelo amor divino, sem que ela própria saiba nem compreenda como e donde lhe vem tão delicado amor e afecto. Por vezes sente crescer tanto essa chama e esse ardor dentro de si, que chega a desejar Deus com ânsias de amor.

Foi o que David disse de si mesmo, quando estava metido nesta noite: *Porque o meu coração se inflamou no amor da contemplação, também as minhas entranhas se consumiam*, quer dizer, os meus apetites de afectos sensitivos transformaram-se, passaram da vida sensitiva à espiritual, que é aridez e desaparecimento de todos eles como vimos a dizer. *E fui reduzido a nada e aniquilado sem o saber* (SI 72, 21-22). Como dissemos,<sup>25</sup> a alma, ao não saber por onde vai, sente-se aniquilada em todas as coisas do céu e da terra onde costumava deleitar-se. Apenas sabe que está enamorada sem saber como e porquê. Por vezes, esta inflamação de amor no espírito cresce tanto, e as ânsias que sente na alma por Deus são tão grandes, que julga se lhe mirram os ossos com tal sede.

E, porque sente que esta sede de amor é tão grande, parece-lhe que a sua natureza se enfraquece, perdendo o seu calor e força por causa da vivacidade desta sede de amor. David também a sentiu e experimentou quando disse: *A minha alma tem sede do Deus vivo* (SI 41, 3), quer dizer, foi grande a sede que a minha alma sentiu. E, porque é grande, bem se pode dizer que esta sede mata. A veemência desta sede, no entanto, não é contínua. Sente-se de quando em vez, embora a alma sinta normalmente alguma sede.

**2.** Porém, como já foi dito, deve-se advertir que, geralmente, não é este amor que se sente ao princípio, mas a aridez e o vazio de que vimo a falar. Em vez deste amor que se vai acendendo pouco a pouco, o que a alma experimenta nesta aridez e vazio das suas potências é um constante cuidado e solicitude por Deus, com pena e receio de não O servir. Mas o *sacrifício que agrada a Deus é ver o espírito aflito* e ansioso por causa do Seu amor (SI 50, 19).

Esta solicitude e cuidado provêm daquela secreta contemplação que, depois de haver purificado os sentidos, isto é, a parte sensitiva, da sua força e afeições naturais através da aridez que nela criou, vai inflamando o espírito neste divino amor. Entretanto acontece à alma o mesmo que a um doente: nesta escura e árida purificação do apetite tudo é padecer. Vai-se curando de muitas imperfeições e melhorando em muitas virtudes para se tornar capaz desse amor, como se dirá no comentário ao verso que se segue:

*Oh ditosa ventura!*

**3.** Assim como Deus mete a alma nesta noite sensitiva para purificar os sentidos da parte inferior, de os acomodar, submeter e unir ao espírito, envolvendo-os nas trevas e acabando com a meditação, assim também a introduz na noite espiritual para purificar o espírito e uni-lo a Deus, como depois se dirá. <sup>26</sup> Embora não o note,



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

a alma tira daqui tão grande proveito que considera como ditosa ventura o facto de haver saído, por meio dessa noite, do laço e da opressão dos sentidos da parte inferior. Por isso diz este verso: *Oh ditosa ventura!* Convém anotar aqui os benefícios que a alma encontra nesta noite, pois é por causa deles que considera a passagem por ela como ditosa ventura. Todos estes benefícios são resumidos pela alma no seguinte verso:

*Saí sem ser notada.*

**4.** Esta saída entende-se acerca da sujeição que a alma tinha à parte sensitiva procurando a Deus por exercícios tão fracos, limitados e perigosos, como são os da parte inferior. Frequentemente tropeçava com um monte de imperfeições e desconhecimentos sem saber porque, como referimos ao falar dos sete vícios capitais.

De todos eles a alma se liberta porque esta noite apaga-lhe todos os gostos espirituais e temporais, obscurece-lhe todo e qualquer raciocínio, e oferece-lhe bens incontáveis na aquisição das virtudes, como diremos a seguir.

Não deixa de constituir grande satisfação e consolação para quem percorre este caminho ver como aquilo que parecia tão desabrido e adverso à alma, e tão contrário ao gosto espiritual, opera nela tantos bens.

Estes bens, como dizemos, adquire-os a alma quando, por meio desta noite, se afasta com o afecto e as obras de todas as coisas criadas e se encaminha para as eternas. Isto é uma grande ventura e felicidade.

Por um lado, porque é um grande bem que se tenha apagado o desejo e o afecto para com as coisas criadas; por outro lado, porque são muito poucos os que aguentam e perseveram para entrar *por esta porta estreita* e pelo *caminho estreito que conduz à vida*, como diz o nosso Salvador (Mt 7, 14).

A porta estreita é esta noite dos sentidos. Para, entrar, nela, a alma desembaraça-se e desprende-se deles. Apoiada na fé, que e alheia aos sentidos, continua depois pelo caminho estreito, que é a outra noite do espírito. É por aí que a alma entra até chegar a Deus em fé pura, que é o meio pelo qual a alma se une com Deus. Por ser este caminho tão estreito, escuro e terrível, - não havendo comparação entre esta noite dos sentidos e a escuridão e as provações da noite do espírito, como depois diremos-, são muito menos os que vão por ele; porém, os seus benefícios são incomparavelmente muito maiores que os da primeira.

Apesar da brevidade possível, vamos dizer alguma coisa sobre eles a fim de passar à segunda noite.

## CAPITULO 12

*Os benefícios que esta noite traz à alma.*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**1.** Esta *noite e purificação do apetite*, ditosa para a alma, traz-lhe muitos bens e benefícios, apesar dela julgar que lhos retira, como dissemos. E assim como Abraão fez uma grande festa quando desmamou o seu filho Isaac, assim se alegram no céu por Deus ter retirado a esta alma as fraldas, tê-la posto no chão e obrigá-la a andar pelo próprio pé; por lhe haver retirado o peito e a alimentação doce e suave de criancinhas, obrigando-a a comer pão com côdea e a provar o alimento dos fortes. Nesta aridez e trevas dos sentidos, o alimento que se começa a dar ao espírito é a contemplação infusa de que falámos porque se encontra livre e seco de gostos sensíveis.

**2.** O primeiro e principal benefício que esta árida e escura noite da contemplação lhe provoca é o conhecimento próprio e da sua miséria.

É verdade que normalmente as mercês que Deus concede à alma se revestem deste conhecimento; contudo, a aridez e o vazio em que as potências se vêem em relação à fartura anterior, e a dificuldade que a alma sente para coisas boas, levam-na e descobrir em si uma baixeza e miséria que no tempo da prosperidade não era capaz de ver.

No Êxodo (Ex 33, 5) encontramos um bom exemplo para isto. Deus, querendo humilhar os filhos de Israel para que se conhecessem a si mesmos, mandou-os tirar e despir os trajes e ornamentos festivos que usavam normalmente no deserto, e disse-lhes: *Daqui em diante despojai-vos dos ornamentos festivos e usai as roupas normais de trabalho para saberdes o tratamento que mereceis*. É como se dissesse: o traje de festa e de alegria que usais oferece-vos ocasião para não reconhecerdes a vossa ignomínia; tirai imediatamente esse traje para que, doravante, vendo-vos vestidos com roupa grosseira, compreendais que não mereceis outra e fiquéis a saber quem sois.

Isto mostra à alma a verdade da miséria que antes ignorava. No tempo em que andava como de festa, recebendo de Deus muita alegria, consolação e apoio, vivia bem mais satisfeita e contente, parecendo-lhe que nalguma coisa O servia.

Na verdade, embora não fosse isso o que explicitamente possuía, pelo menos a consolação desse gosto deixa-lhe sempre alguma coisa. Agora, nesta aridez e desamparo, ao ver-se com a roupa de trabalho e com as suas primeiras luzes apagadas, adquire-as de forma mais verdadeira nesta tão excelente e necessária virtude do conhecimento próprio. Ao considerar-se como nada, nem se satisfazer em nada seu, reconhece que por si nada pode e nada faz.

Esta sua insatisfação e desconsolo por não servir a Deus agradam mais a Deus do que todas as obras e alegrias que antes fazia e gozava.

Por muitas que fossem, serviram de pretexto para muita imperfeição e cegueira. Do traje da aridez não nasce apenas o que acabámos de dizer, mas também os benefícios de que iremos falar agora, bem como muitos outros que ficarão por dizer e que têm no conhecimento próprio a sua fonte e origem.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** O primeiro benefício nasce na alma quando se relaciona com Deus com um pouco mais de cortesia e respeito, como sempre requer o modo de proceder com o Altíssimo. Isso era o que ela não fazia no tempo em que abundava em gostos e consolações.

Esse gostoso sabor que sentia tornava-lhe o desejo de Deus mais atrevido do que era necessário, descortês e imprudente. Foi o que aconteceu a Moisés quando sentiu que Deus falava com ele; cego por aquele gosto e desejo, sem pensar em mais nada, já se atrevia a aproximar-se de Deus não o mandasse parar e descalçar-se. Por aqui se vê o respeito e a prudência que é preciso ter nos desejos para se relacionar com Deus.

Por isso, depois de ter obedecido, Moisés tornou-se tão prudente e cauteloso que, como diz a Sagrada Escritura, não só não se aproximou, como *nem sequer ousava olhar para Deus* (Ex 3, 2-6; Act 7, 32). Depois de ter descalçado os sapatos dos gostos e dos apetites, reconheceu muito melhor a sua miséria diante de Deus.

Era o que tinha a fazer para ouvir a palavra de Deus.

Foi esta mesma disposição que Deus impôs a Job para falar com ele. Tal não aconteceu naquelas delícias e glórias que o próprio Job diz que costumava ter no seu Deus (Jb 1, 1-8), mas quando ficou sem nada na miséria, abandonado e perseguido até pelos seus amigos, cheio de angústia e amargura, com o chão repleto de vermes (Jb 29-30). Só assim é que o Deus Altíssimo, *aquele que levanta os pobres da miséria* (Sl 112, 7), se dignou descer e falar-lhe cara a cara, revelando-lhe os grandes e profundos mistérios da sua Sabedoria, como jamais o havia feito no tempo da prosperidade (Jb 38-42).

**4.** E já que estamos a falar nisto, convém lembrar aqui um outro benefício extraordinário desta noite e aridez do apetite sensitivo. É nesta escura noite do apetite que Deus iluminará a alma, revelando-lhe não só a sua vileza e miséria, como dissemos, mas também a grandeza e a excelência de Deus, a fim de se cumprir o que diz o profeta (Is 58, 10): *A tua luz brilhará nas trevas*. Além de se extinguirem os apetites, gostos e apoios sensíveis, o entendimento fica limpo e livre para apreender a verdade, pois o gosto sensível e o apetite, embora sejam de coisas espirituais, ofuscam e embaraçam o espírito.

Também aquela angústia e aridez dos sentidos, ilumina e aviva o entendimento, porque, como diz Isaías, *a humilhação dá lições* (Is 28, 19). Numa alma livre e desprendida, como se requer para receber o influxo divino, Deus vai comunicando sobrenaturalmente a 'sua divina Sabedoria nesta escura e árida noite da contemplação, como dissemos, coisa que não faria nas consolações e alegrias anteriores.

**5.** O mesmo profeta Isaías explica isto muito bem quando diz: *A quem ensinará Deus a Sua ciência e a quem fará ouvir a Sua lição? Aos desmamados, aos que deixaram o peito* (Is 28, 9). Por aqui se vê como a disposição para receber este influxo divino não

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

é o primeiro leite da suavidade espiritual, nem o encosto do peito aos saborosos discursos das potências dos sentidos em que a alma se deliciava, mas a privação do primeiro e o desprendimento do segundo.

Para a alma escutar a Deus, convém que esteja bem firme de pé e sem qualquer apoio afectivo ou sensitivo, como diz a seu respeito o profeta: *Vou ficar de pé no meu posto de guarda*, ou seja, sem o apoio do apetite, e *firmarei o passo*, quer dizer, não discorrerei com os sentidos, *para contemplar*, isto é, *para entender o que Deus tem para me dizer* (Hab 2, 1). Daqui se conclui que desta árida noite primeiramente nasce o conhecimento próprio, donde, como de seu fundamento, procede o conhecimento de Deus. Por isso, Santo Agostinho dizia a Deus: *Que eu me conheça, Senhor, e Vos conhecerei*, porque, como dizem os filósofos, um extremo conhece-se bem pelo outro.

**6.** Para provar mais claramente a eficácia desta noite sensitiva, com a sua aridez e desamparo, em proporcionar à alma a luz que, como dizemos, aqui recebe de Deus, alegaremos aquelas palavras de David que mostram bem a capacidade desta noite para o conhecimento profundo de Deus. Diz assim: *Na terra árida, sequiosa, sem água e sem caminho apresentei-me diante de Vós para ver o vosso poder e a vossa glória* (Sl 62, 3).

É de admirar que David não diga que as delícias espirituais e as numerosas consolações que antes gozou lhe tivessem servido de disposição e meio para conhecer a glória de Deus, mas diz antes que foi a aridez e o desabrigo da parte sensitiva, a qual se denomina aqui como terra sequiosa e árida.

É de admirar igualmente que não diga que foram os pensamentos e os discursos divinos, dos quais tantas vezes se serviu, os que lhe abriram o caminho para conhecer e contemplar a glória de Deus; mas diz antes que foi o não conseguir fixar o pensamento em Deus, nem avançar com o discurso da imaginação, a qual se denomina aqui como terra sem caminho. Portanto, o meio para chegar ao conhecimento próprio e ao de Deus é esta noite escura com a sua aridez e despojamento.

Este conhecimento não atinge a plenitude e abundância da noite do espírito, porque é praticamente o seu começo.

**7.** Da aridez e do vazio desta noite do apetite, a alma retira ainda a humildade espiritual, a virtude contrária ao primeiro pecado capital que, como dissemos, é a soberba espiritual. Com esta humildade adquirida no conhecimento próprio, purifica-se de todas as imperfeições em que caía, no tempo da prosperidade, acerca do pecado da soberba. Ao ver-se agora tão seca e miserável, não sente a menor inclinação para se julgar mais perfeita do que os outros ou lhes ganhar vantagem, como antes fazia; pelo contrário, crê que os outros são melhores.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**8.** É assim que lhe nasce o amor ao próximo, porque os estima e não os julga como fazia no tempo em que se considerava a si mesma cheia de fervor e aos outros sem nenhum. Apenas reconhece a sua miséria; e a seus olhos tem-na tão presente, que não lhe permite reparar nos defeitos de ninguém. É o que declara David quando, metido nesta noite, diz: *Mergulhei no silêncio, calei-me perante a sorte, mas a minha dor tornou-se mais profunda* (Sl 38, 3).

Fala assim porque julgava que os bens da sua alma tinham acabado de tal maneira que já não havia nem se encontrava linguagem para falar deles; também, com a dor provocada pelo conhecimento da sua própria miséria, mergulhou no silêncio quanto aos bens dos outros.

**9.** Também aqui a alma se torna humilde e obediente no caminho espiritual. Como se vê tão miserável, não só faz caso do que lhe ensinam, como deseja encontrar quem a oriente e diga o que deve fazer. A presunção afectiva, que às vezes tinha na prosperidade, desaparece.

Finalmente, liberta-se de todas as outras imperfeições que assinalámos ao falar do primeiro vício, que é a soberba, espiritual.

## CAPÍTULO 13

*[Outros benefícios que a noite do sentido causa na alma].*

**1.** Quanto às imperfeições de *avareza espiritual*, em que a alma vivia a cobiçar estes e outros exercícios espirituais e sempre se via insatisfeita por causa do desejo e gosto que neles procurava, já se encontra agora, nesta árida e escura noite, bem convertida. Agora, em vez do acostumado gosto e prazer, só encontra trabalho e desgosto; por isso, usa delas com tanta moderação que até poderia vir a perder por míngua o que antes perdia por excesso.

É certo que Deus normalmente dá a quem coloca nesta noite humildade e determinação para, mesmo sem gosto, fazerem só por Ele o que lhes é mandado; e, porque não encontram em muitas coisas consolação, delas não tiram proveito.

**2.** Quanto à luxúria espiritual também se vê claramente que, por meio desta aridez e desconsolo que os sentidos experimentam nos exercícios espirituais, a alma se liberta das impurezas de que falávamos antes. Dizíamos, então, que normalmente procediam do gozo do espírito que se fazia sentir nos sentidos.

**3.** Também lá se podem ver as imperfeições do quarto vício, o da gula espiritual, das quais a alma se liberta nesta noite escura, embora falem algumas porque são incontáveis. Delas não vou falar agora aqui, porque queria terminar já com esta noite e passar à seguinte, pois dela temos coisas importantes para dizer e ensinar.

Para compreender, além dos já referidos, quais os inumeráveis benefícios que a alma recebe nesta noite relativos a este vício da gula espiritual, basta dizer que fica

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

livre de todas as imperfeições apontadas, tal como de outros males bem piores e horríveis abominações; e, embora elas não estejam escritas, sabemos por experiência que muitos vieram a esbarrar nelas por não terem corrigido o apetite desta gulodice espiritual.

Porque Deus, ao introduzir a alma nesta árida e escura noite, refreia-lhe continuamente a concupiscência, impedindo o apetite de andar a cevar-se com algum prazer ou gosto sensível, quer de coisas espirituais quer de temporais, que a alma, em relação à concupiscência e ao apetite, acaba por ficar submissa, reformada e refreada. Se não usar o gosto, perde a força das paixões e da concupiscência, e fica estéril; é o que acontece às veias do úbere: se deixarem de tirar o leite, secam.

Esvaziadas assim as paixões, seguem-se na alma, por meio desta sobriedade espiritual, admiráveis benefícios, além dos anteriores. Anuladas as paixões e a concupiscência, a alma vive em paz e tranquilidade espiritual.

De facto, onde não reinar o apetite e a concupiscência, não existe a perturbação, mas a paz e o gozo de Deus.

**4.** Daqui nasce um segundo benefício: geralmente a alma traz o pensamento em Deus, com medo e receio de voltar atrás no caminho espiritual, como dissemos. Nesta aridez e purificação do apetite, este é um dos maiores benefícios que a alma recebe, porque se purifica e limpa das imperfeições que se lhe foram aderindo com as paixões e os afectos, os quais, por sua vez, embotam e ofuscam o espírito.

**5.** Outro grande benefício que esta noite traz à alma é o de se exercitar nas virtudes em conjunto, como por exemplo, na paciência e longanimidade; muito se exercita ela com estas nadas e securas, porque, apesar de não encontrar consolação e prazer, persevera nos exercícios espirituais.

Exercita-se na caridade de Deus, pois já não se deixa mover pela atracção e pelo gosto daquilo que faz, mas só pelo amor de Deus. Também se exercita na virtude da fortaleza, porque, das dificuldades e contrariedades que encontra no agir, tira forças da fraqueza e revigora-se. Finalmente, nestas securas a alma exercita-se corporal e espiritualmente em todas as virtudes, tanto teologais como cardeais e morais.

**6.** Nesta noite, portanto, a alma recebe os quatro benefícios que dissemos, a saber: a deleitação da paz, uma habitual memória e solicitude de Deus, a limpidez e pureza de alma, o exercício das virtudes antes citadas. David fala da experiência que teve nesta noite, dizendo: *A minha alma estava inconsolável, queria lembrar-me de Deus e soltava gemidos, queria meditar e faltava-me o ânimo* (Sl 76, 3-4). E logo a seguir diz: *Passei a noite a dialogar com o meu coração, exercitava-me, barria e purificava o meu espírito* (v. 7), diga-se, de todas as afeições.

**7.** Quanto às imperfeições dos outros três vícios espirituais que indicámos, - ira, inveja e preguiça -, também a alma é purificada por meio desta segura do apetite,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

adquirindo as virtudes contrárias. Abrandada e humilhada por estas securas e dificuldades, e por outras tentações e provações pelas quais Deus a faz passar nesta noite, torna-se mansa para Ele, para si mesma e para o próximo. Já não se irrita e altera contra si mesma com as próprias faltas, nem contra o próximo com as alheias, e até em relação a Deus não se desgosta ou queixa em demasia por não a atender logo.

**8.** Acerca da inveja, também tem caridade para com o próximo. E, se alguma inveja tem, já não é imperfeita como antes, quando se entristecia por ver que os outros eram os preferidos e lhe ganhavam vantagem; agora, porém, já lhe reconheceu porque se vê tão miserável, e a inveja que tem, se é que a tem, é virtuosa porque os quer imitar, demonstrando assim grande virtude.

**9.** A indiferença e o desalento que aqui sente pelas coisas espirituais também não são tão imperfeitos como antes. O desalento de antes provinha dos gostos espirituais que por vezes experimentava ou pretendia quando não os tinha; mas este não provém desta imperfeição dos gostos, porque Deus, nesta purificação do apetite, retirou-lhos acerca de todas as coisas.

**10.** Além dos benefícios apontados, há muitos outros que a alma consegue por meio desta árida contemplação. Muitas vezes, estando nesta secura e angústias, e quando menos pensa, Deus comunica-lhe suavidade espiritual, amor puríssimo e notícias espirituais, por vezes muito suaves, e cada qual de maior proveito e valor do que tudo o que antes gostava.

Não é assim, no entanto, que a alma julga ao princípio, porque a influência espiritual que aqui se dá é muito suave e os sentidos não se apercebem dela.

**11.** Finalmente, devido à purificação dos afectos e apetites sensitivos que a alma aqui realizou, consegue a liberdade de espírito, na qual se vão granjeando os doze frutos do Espírito Santo. Também é aqui que, de forma admirável, se liberta das mãos dos três inimigos - mundo, demónio e carne -, porque, extinguindo-se o gosto e o prazer dos sentidos em todas as coisas, o demónio, o mundo e a carne deixam de ter armas e forças contra o espírito.

**12.** Esta aridez, portanto, faz com que a alma avance na pureza do amor de Deus, pois já não é movida pelo gosto ou sabor das obras, como talvez acontecia antes, mas só para agradar a Deus. Não se faz presumida e vaidosa, como porventura se fazia no tempo da prosperidade, mas desconfiada e receosa de si mesma, sem qualquer presunção; nisto está o santo temor que conserva e aumenta as virtudes.

Esta secura também extingue a concupiscência e brios naturais, como também foi dito. Se não for o gosto que Deus lhe dá algumas vezes, dificilmente encontrará, por diligência sua, gosto e satisfação nalguma obra ou exercício espiritual, como ficou dito.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**13.** Com a aridez desta noite cresce-lhe a solicitude por Deus e as ânsias de O servir. Vão-se-lhe secando os peitos da sensualidade, com os quais alimentava e criava os apetites que seguia, permanecendo apenas nesse nada e pobreza a ânsia de servir a Deus, o que muito Lhe agrada, pois, como diz David, *sacrifício agradável a Deus é o espírito arrependido* (Sl 50, 19).

**14.** Sabendo, portanto, a alma como, desta árida purificação por que passou, tirou e conseguiu tantos e tão excelentes benefícios, conforme aqui se declararam, não faz muito em dizer este verso da canção que estamos a comentar: *Ó ditosa ventura! Saí sem ser notada*. Quer dizer, saí dos laços e da prisão dos meus apetites sensíveis e afectos sem ser notada, isto é, sem que os ditos três inimigos mo pudessem impedir.

Como dissemos, eles atam a alma com as paixões e os gostos, como se fossem laços, detendo-a para que não consiga a liberdade do amor de Deus, porque, sem eles, não podem combater a alma, como também se disse.

**15.** Daí que as quatro paixões da alma- gozo, dor, esperança e temor ficaram sossegadas por contínua mortificação; os apetites naturais da sensualidade adormeceram devido à permanente aridez; a harmonia entre os sentidos e as potências interiores está concluída, pois, como dissemos, cessaram as suas operações discursivas. Toda esta gente habitava a parte baixa da alma, a quem chama aqui sua casa, dizendo:

*Estando a minha casa sossegada.*

## CAPÍTULO 14

**1.** Uma vez que esta casa da sensualidade já se encontra sossegada, isto é, mortificada, as suas paixões aniquiladas, os apetites quietos e adormecidos por meio desta ditosa noite da purificação dos sentidos, a alma saiu para começar o caminho ou via do espírito, que é a dos experimentados e adiantados, à qual também chamam *via iluminativa* ou de *contemplação infusa*, com a qual Deus vai apascentando e nutrindo a alma, sem qualquer discurso ou ajuda activa da alma.

Tal é, como dissemos, a noite e a purificação dos sentidos na alma.

Para os que hão-de entrar depois na outra noite mais escura do espírito para passar à divina união de amor, - geralmente não são todos, mas só muito poucos é que passam -, esta noite costuma ir acompanhada de grandes tribulações e tentações sensitivas, que se prolongam, embora mais nuns do que em outros, por muito tempo.

A alguns é enviado o anjo de Satanás (2 Cor 12, 7), que é o espírito de fornicção, para que lhes açoite o espírito com abomináveis e fortes tentações, e lhes atormente o espírito com maus pensamentos e vivas representações na imaginação, o que por vezes lhes causa maior tormento do que a morte.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** Outras vezes, nesta noite, acrescenta-se-lhes ainda o espírito de blasfêmia, que se intromete em todos os seus conceitos e pensamentos com incríveis blasfêmias, sugeridas às vezes com tanta força na imaginação até ao ponto de quase as pronunciarem, causando-lhes grande tormento.

**3.** Outras vezes é-lhes dado outro horrível espírito, a que Isaías (Is 19, 4) chama *spiritus vertiginis*, não para os fazer cair, mas para os exercitar.

Este espírito obscurece-lhe de tal maneira os sentidos com mil escrúpulos e perplexidades, tão intrincadas a seu parecer, que nunca se podem satisfazer com nada, nem apoiar o raciocínio em qualquer conselho ou conceito. Isto constitui um dos piores espinhos e horrores desta noite, muito parecido ao que se passa na noite espiritual.

**4.** Normalmente, Deus envia estas tempestades e trabalhos durante esta noite e purificação sensitiva aos que, como digo, há-de fazer entrar depois na outra, embora nem todos entrem nela, para que, mortificados e humilhados desta maneira, se vão exercitando, dispondo e habituando os sentidos e as potências para a união da Sabedoria que irão receber.

Se a alma não for tentada, adestrada e provada com trabalhos e tentações, não pode avivar os sentidos para a sabedoria. Por isso diz o Eclesiástico: *Quem não é tentado, o que é que sabe? E quem não foi provado, que coisas é que reconhece?* (Sir 34, 9-11). Jeremias é um bom testemunho desta verdade, quando diz: *Vós me castigastes, Senhor, e fui instruído* (Jr 31 18). O castigo mais apropriado para entrar na sabedoria são estas provações interiores, pois são as que mais eficazmente purificam os sentidos de todos os gostos e consolações a que estavam presos por fragilidade natural. A alma é aqui verdadeiramente humilhada para depois ser exaltada.

**5.** Contudo, não se pode dizer ao certo por quanto tempo mantêm a alma neste jejum e penitência, pois não acontece em todos da mesma maneira nem têm todos as mesmas tentações. Além disso, isto é medido pela vontade de Deus consoante à maior ou menor imperfeição que cada um tem para purificar; de igual modo, também será humilhada mais ou menos intensamente, durante mais ou menos tempo, conforme o grau de amor de união a que Deus a queira elevar.

Os que têm capacidade e força para sofrer mais intensamente, purifica-os mais depressa. Aos que são mais frágeis, leva-os por esta noite durante muito mais tempo com muita benevolência e tentações leves, alimentando-lhes normalmente os sentidos para que não voltem atrás. É por isso que alguns chegam tarde à perfeição pura nesta vida; e outros nunca chegam, porque nem estão totalmente dentro da noite nem totalmente fora dela.

E, embora não passem adiante, Deus exercita-os com essas tentações e securas nalguns períodos ou dias para que se conservem em humildade e

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

conhecimento próprio; outras vezes, noutras temporadas, socorre-os com alguma consolação para que, se desfalecerem, não voltem a procurar as do mundo. Com outras almas mais enfraquecidas, Deus aparece e desaparece a fim de as exercitar no seu amor, porque sem estes artifícios não aprenderiam a aproximar-se de Deus.

Contudo, as almas que hão-de passar a tão ditoso e sublime estado, como é o da união de amor, por muito depressa que Deus as leve, normalmente costumam permanecer nestas securas e tentações por muito tempo, como o demonstra a experiência.

E já é tempo de começar a falar da segunda noite.

### SEGUNDO LIVRO

*Fala da purificação mais íntima, que é a segunda noite do espírito.*

#### CAPÍTULO I

*Começa-se a falar da noite escura do espírito e diz-se quando começa.*

I. A alma que Deus há-de fazer seguir em frente não é posta logo por Sua Majestade nesta noite do espírito quando sai das securas e trabalhos da primeira purificação, que é a *noite dos sentidos*; pelo contrário, depois de ter deixado o estado de principiantes, a alma costuma passar longo tempo, e até anos, exercitando-se no dos aproveitados.

Nele, como quem saiu de uma estreita prisão, a alma move-se nas coisas de Deus com muito mais liberdade e satisfação interior, com maior e mais profunda alegria do que no princípio, antes de entrar nessa noite. Já não traz a imaginação e as potências atadas ao discurso e à preocupação espiritual como costumava trazer. Sem qualquer actividade discursiva encontra facilmente no seu espírito uma mui serena e amorosa contemplação e sabor espiritual.

Contudo, a purificação da alma ainda não está totalmente acabada.

Falta-lhe ainda purificar a parte principal, que é a do espírito. Sem ela, e uma vez que existe uma relação entre as duas partes por formarem um único indivíduo, a purificação dos sentidos, por mais forte que tenha sido, ainda não está terminada e perfeita.

Por vezes há-de experimentar algumas privações e securas, trevas e angústias, muito mais fortes do que as anteriores. Elas formam uma espécie de presságios e mensageiros da noite do espírito que se aproxima, embora não durem tanto como a noite aguardada.

Depois de ter passado um pouco, uns bocados, ou dias, desta noite e tempestade, regressa logo à sua serenidade do costume. É assim que Deus vai purificando aquelas almas que não poderão chegar a tão alto grau de amor como as

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

outras. Pouco a pouco, e aos bocados, vai deixando-as nesta noite da contemplação e purificação espiritual, fazendo com que anoiteça e amanheça muitas vezes.

Assim se cumpre o que diz David (Sl 147, 17): *faz cair o granizo*, isto é, a sua contemplação, *como migalhas de pão*. No entanto, estes bocados de escura contemplação nunca chegam a ser tão intensos como o é aquela horrenda noite da contemplação de que vimos a falar. Deus introduz propositadamente a alma nela para a fazer chegar à divina união.

**2.** O tal sabor e gosto a que nos referimos, encontrado facilmente e em abundância no espírito destes beneficiados, é-lhes dado mais abundantemente do que antes. É por isso que os sentidos o sentem mais agora do que antes desta purificação sensitiva. Encontrando-se mais puro, mais facilmente pode saborear a seu modo os gostos do espírito.

Mas, sendo esta parte sensitiva da alma fraca e inábil para coisas sólidas do espírito, estes mais adiantados, precisamente por causa desta comunicação espiritual que se dá nos sentidos, sofrem nela muitas debilidades, abatimentos e enfraquecimento do estômago, e, conseqüentemente, o cansaço de espírito, porque, como diz o Sábio (Sb 9, 15): *O corpo que se corrompe é um peso para a alma*.

É por isso que essas comunicações não podem ser muito fortes, nem muito intensas, nem muito espirituais, como se requer para a divina união com Deus, atendendo à debilidade e corrompimento da sensualidade que nelas existe.

Daqui provêm os arroubamentos, os êxtases e o desconjuntamento dos ossos, que acontecem sempre que as comunicações não são puramente espirituais, isto é, quando não são dadas só ao espírito, como acontece com as dos perfeitos, purificados já com a segunda noite do espírito. Nelas, os arroubamentos e padecimentos corporais não existem, porque eles gozam da liberdade de espírito, sem que os sentidos sejam obscurecidos ou ultrapassados.

**3.** E, para se perceber como estes aproveitados precisam de entrar nesta noite do espírito, anotaremos aqui algumas das suas imperfeições e perigos.

## CAPÍTULO 2

*Prosegue com outras imperfeições destes aproveitados.*

**1.** Estes aproveitados têm duas espécies de imperfeições: as *habituais* e as *actuais*. As habituais são os afectos e hábitos imperfeitos que, como raízes, ainda ficaram no espírito, onde a purificação dos sentidos não pôde chegar.

A diferença que existe entre uma purificação e outra é a mesma que existe entre a raiz e a rama, entre o tirar uma nódoa fresca e uma entranhada e antiga.

Como dissemos, a purificação dos sentidos é apenas porta e princípio de contemplação para a do espírito, a qual, como também dissemos, serve mais para

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

acomodar os sentidos ao espírito do que para unir o espírito a Deus. Porém, no espírito ainda permanecem as manchas do homem velho, ainda que ele não acredite nem as veja. E, se elas não saírem com o sabão e a potente lixívia da purificação desta noite, o espírito não poderá chegar à pureza da divina união.

**2.** Estes mesmos ainda têm a *hebetudo mentis* e a natural rudeza que todo o homem contrai pelo pecado, bem como a distração e a evasão do espírito. Por isso, é conveniente que seja iluminado, esclarecido e recolhido pela angústia e aperto daquela noite.

Quem não passou mais além deste estado de aproveitados possui estas imperfeições *habituais*, as quais, como dissemos, não podem existir no estado perfeito da união por amor.

**3.** Nas actuais não caem todos da mesma maneira. Alguns, porém, como trazem estes bens espirituais tão por fora e muito à mão dos sentidos, caem em danos e perigos maiores do que aqueles que apontamos aos principiantes.

Ao encontrarem-se tão facilmente com tantas comunicações e apreensões espirituais para os sentidos e o espírito, têm muitas vezes visões imaginárias e espirituais. Muitos deles, neste estado, passam por tudo isto e por outros sentimentos deleitáveis.

É aqui que o demónio e a própria fantasia enganam frequentemente a alma. O demónio costuma gravar e avivar na alma essas fantasias e sentimentos com tanto gosto que, se ela não tratar de resistir e defender-se destas visões e sentimentos com uma fé firme, facilmente a ilude e engana.

É aqui que o demónio leva muitos a acreditar em visões vãs e falsas profecias. É aqui que os tenta persuadir de que Deus e os santos falam com eles, levando-os a acreditar muitas vezes na sua própria fantasia.

É aqui que o demónio os costuma encher de presunção e soberba, e, atraídos pela vaidade e pela arrogância, aparecem nos actos exteriores tidos como de santidade, como sejam os arroubamentos e outras aparências. Daí a razão de se tornarem irreverentes para com Deus, pois perdem o santo temor que é a chave e a custódia de todas as virtudes. As intrujices e enganos costumam multiplicar-se e envelhecer tanto nalguns deles que o seu regresso ao caminho puro da virtude e do verdadeiro espírito toma-se muito duvidoso.

E, porque se entregaram com demasiada segurança às fantasias e sentimentos espirituais, quando principiavam a aproveitar no caminho, acabam por chegar a estas misérias.

**4.** Sobre as imperfeições destes havia ainda muito para dizer e mostrar como lhes são mais incuráveis do que as primeiras por as considerarem mais espirituais.

Mas não quero falar mais delas. Para justificar a necessidade desta noite espiritual, que é purificação para quem tem de avançar, quero somente dizer que

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nenhum destes aproveitados, por muito bem que se tenha portado, não deixará de ter muitos destes apegos naturais e hábitos imperfeitos, dos quais dissemos ser necessário purificar-se primeiro para passar depois à divina união.

**5.** Além disso, tendo em conta o que dissemos anteriormente, ou seja, que a parte inferior ainda participa nestas comunicações espirituais, elas não serão tão intensas, puras e fortes como se requerem para a divina união. Portanto, para chegar lá, a alma precisa de entrar na segunda noite do espírito; despindo-lhe totalmente os sentidos e o espírito de todas estas fantasias e gostos, hão-de obrigá-la a caminhar em escura e pura fé, que é o meio próprio e adequado pelo qual a alma se une com Deus, como Ele o disse através de Oseias (Os 2, 20): *Desposar-te-ei, quer dizer, unir-te-ei comigo pela fé.*

### CAPÍTULO 3

*Anotação para o que se vai dizer a seguir.*

**1.** É assim que estes, agora aproveitados, se encontram depois de terem passado muito tempo a engordar os sentidos com doces comunicações.

E assim foi, para que a parte sensitiva, atraída e presa pelo sabor do gosto espiritual que lhe manava do espírito, se unisse e acomodasse ao espírito, alimentando-se cada um a seu modo de um mesmo manjar espiritual servido no mesmo prato de uma única essência e sujeito. Deste modo, unidos e concordes de alguma maneira entre si, estão preparados para sofrer á áspera e difícil purificação do espírito que os espera.

É nela que estas duas partes da alma, espiritual e sensitiva, se hão-de purificar totalmente, porque nunca uma se purifica bem sem a outra; a verdadeira purificação dos sentidos só se realiza quando realmente começa a do espírito. É por isso que *à noite* que dissemos ser *dos sentidos* pode-se e deve-se chamar antes uma correcção e travão do apetite do que purificação.

A razão disto está em que todas as imperfeições e desordens da parte sensitiva têm a sua força e origem no espírito, onde se fixam todos os bons e maus hábitos; assim, enquanto estes não se purificarem, também a desordem e o desregramento dos sentidos não se podem purificar bem.

**2.** É por isso que, nesta noite que se segue, ambas as partes se purificam conjuntamente. Aliás, o fim da conveniência de ter passado pela correcção da primeira noite e a serenidade que daí resultou, não era outro senão criar de algum modo a união entre os sentidos e o espírito para se purificarem e terem agora mais força; e, para tão exigente e difícil purificação, também é preciso ter uma grande disposição. Se não se tivesse corrigido primeiro a debilidade da parte inferior e adquirido força em Deus, pela doce e saborosa familiaridade que manteve depois com Ele, a natureza não teria força nem disposição para enfrentá-la.

**3.** Portanto, estes aproveitados ainda têm um tratamento e uma relação com Deus muito terrenas e naturais. Como não têm ainda o ouro do espírito purificado e ilustrado, *conhecem* a Deus *como crianças*, *falam* de Deus *como crianças*, *sabem* e *sentem* a Deus *como crianças*, como diz S. Paulo (1 Cor 13, 11).

Ainda não atingiram a perfeição, isto é, a união da alma com Deus, pela qual, já crescidos, operam maravilhas no seu espírito, sendo as suas obras mais divinas do que humanas, como se dirá mais à frente. Deus, querendo despi-los verdadeiramente deste *homem velho* e revesti-los do *novo*, *que não cessa de ser renovado à imagem do seu Criador*, como diz o Apóstolo (Col 3, 10), desnuda-lhes as potências, afectos e sentidos, quer espirituais quer sensitivos, quer exteriores quer interiores, deixando o entendimento às escuras, a vontade a secas, a memória vazia e os afectos da alma na máxima aflição, amargura e aperto, privando-a dos sentidos e do gosto que antes recebia dos bens espirituais.

Esta privação constitui um dos princípios que se requer no espírito para que se introduza e se una nele a forma espiritual do espírito, que é a união de amor. Tudo isto faz nela o Senhor por meio de uma pura e escura contemplação, como o dá a entender a alma na primeira canção, a qual, tendo sido já explicada aquando da primeira *noite dos sentidos*, a alma entende-a sobretudo nesta segunda *noite do espírito*, por ser a parte principal da purificação da alma. É por isso que a colocamos e explicamos aqui outra vez.

#### CAPÍTULO 4

*[Põe-se a primeira canção e a sua explicação.]*

#### CANÇÃO

*Em uma noite escura,  
Com ânsias, em amores inflamada,  
Oh ditosa ventura!  
Saí sem ser notada,  
Estando a minha casa sossegada.*

#### EXPLICAÇÃO

**1.** Esta canção é interpretada agora a propósito da purificação contemplativa ou desnudez e pobreza de espírito, que aqui significam praticamente a mesma coisa. Podemos explicá-la deste modo, na medida em que a alma diz o seguinte:

Na pobreza, abandono e desapego de todas as apreensões da minha alma, isto é, na escuridão do meu entendimento e angústia da minha vontade, na aflição e agonia da memória, ficando às escuras em pura fé, que é *noite escura* para essas potências naturais, só com a vontade tocada de dor, das ânsias e desejos do amor de

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Deus, saí de mim mesma, isto é, do meu baixo modo de entender, da minha fraca maneira de amar, da minha miserável e pobre maneira de saborear a Deus, sem que a sensualidade e o demónio mo impedissem.

**2.** Isto foi para mim uma grande *dita* e grata *ventura*, porque, ao acabar de aniquilar e sossegar as potências, os apetites e as paixões da minha alma com que baixamente sentia e gozava de Deus, troquei o meu modo humano de me relacionar e agir pelo de Deus; ou seja, o *meu entendimento* saiu de si, transformando-se de humano e natural em divino. *Unindo-se a Deus por meio desta purificação*, já não compreende através do seu vigor e luz natural, mas da Sabedoria divina a quem se uniu.

A minha *vontade* saiu de si, transformando-se em divina, porque, unida ao divino amor, já não ama baixamente com o seu vigor natural, mas *com a força e a pureza do Espírito Santo*; a vontade abandona o estilo humano de actuar acerca de Deus. De igual modo, a *memória* passou para as apreensões eternas de glória.

E, finalmente, *todas as forças* e todos os afectos *da alma*, através desta noite e purgação do homem velho, transformaram-se em força e gozo divinos.

Segue-se o verso: *Em uma noite escura*.

### CAPÍTULO 5

[*Começa a explicar como esta escura contemplação não só é noite para a alma, mas também pena e tormento.*]

**1.** Esta *noite escura* é um influxo de Deus na alma, purificando-a dos seus erros e imperfeições *habituais, naturais e espirituais*. Os contemplativas chamam-lhe contemplação infusa, ou teologia mística. Por meio dela, Deus ensina secretamente a alma e instrui-a na perfeição do amor sem que ela faça alguma coisa ou a entenda. Esta contemplação infusa, enquanto sabedoria amorosa de Deus, causa dois importantes efeitos na alma: purificando-a e iluminando-a, dispõe-na para a união de amor com Deus. Por isso, a mesma amorosa sabedoria que purifica os espíritos bem-aventurados, iluminando-os, é a que aqui purifica e ilumina a alma.

**2.** No entanto, põe-se uma dúvida: se é a luz divina que ilumina e purifica a alma dos seus erros, como dissemos, porque é que a alma lhe chama *noite escura*? Responderemos indicando os dois motivos pelos quais esta divina Sabedoria é não só noite e trevas para a alma, como pena e tormento. O primeiro fica-se a dever à sublimidade da Sabedoria divina que, ao exceder a capacidade da alma, se torna trevas para ela; o segundo, deve-se à sua baixeza e impureza, tornando-se-lhe desta maneira penosa, aflitiva e escura.

**3.** Para provar a primeira convém lembrar a doutrina do Filósofo: em si; quanto mais claras e explicadas forem as coisas divinas, tanto mais escuras e escondidas se tornam naturalmente para a alma. São como a luz: quanto mais brilha, tanto mais

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

cega e obscurece a pupila da coruja; e quanto mais directamente se quiser fixar os olhos no sol, mais escuridão produz na potência visual, privando-a de ver, porque excede a sua fraqueza.

Assim também, esta luz divina da contemplação quando investe na alma que ainda não está totalmente iluminada, provoca-lhe trevas espirituais, porque não só excede, como priva e obscurece o acto da sua inteligência natural. É por esta razão que S. Dionísio e outros místicos teólogos dizem que esta contemplação infusa é *raio de trevas* para a alma não iluminada e purificada, porque a sua intensa luz sobrenatural vence e impede a força natural intelectual.

Por sua vez, disse David (Sl 96, 2): *Deus está rodeado de nuvens e trevas*. Não é que Ele em si esteja assim, mas o nosso pobre entendimento, obscurecido e ofuscado por tão intensa luz, não O consegue ver.

Imediatamente o mesmo David (Sl 17, 13) explica a razão: *Por causa do grande resplendor da Sua presença, as nuvens interpuseram-se* entre Deus e o nosso entendimento. É por isso que, quando Deus faz descer este luminoso raio da sua secreta sabedoria à alma ainda não transformada, lhe produz escuras trevas no entendimento.

**4.** Também se percebe perfeitamente como, no princípio, esta escura contemplação é penosa para a alma. Esta divina contemplação infusa é de excelentes atributos, enquanto que a alma que os recebe está cheia de baixas misérias, porque ainda não está purificada. E, como dois contrários não podem caber num mesmo sujeito, que é a alma, necessariamente terá de penar e padecer. Ela é o sujeito onde estes dois contrários se adestram uns contra os outros, devido à purificação dos defeitos da alma que se faz nesta contemplação. É o que, por indução, vamos demonstrar da seguinte maneira:

**5.** *Em primeiro lugar*, a luz e a sabedoria desta contemplação é muito clara e pura, enquanto que a alma onde investe encontra-se às escuras e impura. Portanto, ao recebê-la, a alma sofre muito. E como os olhos, quando doloridos, impuros ou doentes, sofrem com a luz refulgente que nela investe.

Quando esta divina luz investe verdadeiramente na alma, a sua pena é muito grande, por causa da sua impureza.

Quando esta luz pura investe na alma para eliminar a sua impureza, a alma sente-se tão impura e tão miserável que chega mesmo a julgar que Deus está contra ela e ela contra Deus, o que lhe causa grande pena e tristeza, por julgar que Deus a enjeitou. Era este um dos maiores sofrimentos que Job (Jb 7, 20) experimentava, quando Deus o fazia passar por este exercício: *Por que me tomas por teu alvo, quando nem a mim mesmo me posso suportar?*

Mesmo na escuridão, a alma vê claramente a sua impureza por meio desta puríssima luz e reconhece perfeitamente que não é digna de Deus nem de criatura



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

alguma. A pena aumenta-se-lhe ao pensar que isso é para sempre e que as coisas boas já se acabaram.

Julga assim porque a sua mente penetrou profundamente no conhecimento e na consciência dos seus males e misérias. Todas elas lhe são postas aqui à frente dos olhos, por meio desta divina e misteriosa luz, para que veja claramente que, só por si, já não conseguirá mais nada. A este respeito, podemos entender aquela frase de David (Sl 38, 12) que diz: *Tu corriges o homem, e, como a traça, desfizeste-lhe e consumiste-lhe a sua alma.*

**6.** *Em segundo lugar*, a alma pena por causa da sua fraqueza natural, moral e espiritual. Como esta divina contemplação investe na alma com alguma força para a ir fortalecendo e domando, causa-lhe tão grande sofrimento na sua debilidade que quase chega a desmaiar, sobretudo quando investe com mais força. Os sentidos e o espírito penam e agonizam de tal maneira, como se estivessem debaixo de um imenso e obscuro peso, que veria a morte como uma alívio e uma vantagem. O profeta Job (Jb 23, 6), tendo experimentado isto mesmo, dizia: *Não quero que lide comigo com todo o seu poder, para que o peso da Sua grandeza não me oprima.*

**7.** Sob esta opressão e peso, a alma sente-se muito alheada de ser favorecida. Julga até, como de facto acontece, que aquilo onde costumava encontrar algum apoio se acabou como o resto, e não há quem tenha compaixão dela. A este propósito, diz Job: *Compadecei-vos de mim, pelo menos vós, meus amigos, porque a mão de Deus me feriu* (Jb 19, 21).

Causa admiração e pena ver como é tanta aqui a fraqueza e a impureza da alma! Sendo a mão de Deus tão leve e suave, como é que a sente tão pesada e adversa! Sem pressionar ou apertar, Deus apenas lhe tocou misericordiosamente para lhe trazer benefícios e não para a castigar!

## CAPÍTULO 6

**1.** *A terceira espécie* de sofrimento e pena que a alma padece deve-se a outros dois extremos - o *divino* e o *humano* - que aqui se juntam. O divino é esta *purificadora contemplação*, e o humano, o sujeito da alma.

E, como o divino investe para a limpar, renovar e divinizar, desnuda-a das afeições habituais e propriedades do homem velho, ao qual se sente muita ligada, apegada e adaptada; ele desenreda e limpa de tal maneira a substância espiritual, mergulhando-a numa profunda e densa escuridão, que a alma, perante a visão das suas misérias, sente que se está a desfazer e a derreter em morte de espírito cruel.

É como se, engolida por um animal, sentisse estar a ser digerida no seu tenebroso ventre, sofrendo as mesmas angústias de Job (Jb 2, 1) no ventre daquele monstro marinho.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Mas, para se dar a ressurreição por que anseia, é-lhe necessário passar por este sepulcro de escura morte ..

**2.** David descreve o modo desta paixão e pena, apesar de não haver modo que se lhe compare, dizendo: *Cercaram-me os gemidos da morte, envolveram-me dos laços do abismo, na minha aflição clamei* (Sl 17, 5-7).

Porém, o que mais atormenta aqui a alma e o que ela mais sente é ver claramente que Deus a rejeitou e, irado, atirou com ela para as trevas. A terrível e dolorosa aflição da alma é crer que Deus a abandonou. Também David a sentiu assim, dizendo: *Estou abandonado entre os mortos, como os caídos que jazem no sepulcro, de quem já não vos lembrais e que foram sacudidos da vossa mão. Lançastes-me na cova mais profunda, nas trevas do abismo. Pesa sobre mim a vossa ira, todas as vossas ondas caíram sobre mim* (Sl 87, 6-8).

Na verdade, quando esta purificadora contemplação aperta, a alma experimenta intensamente a sombra e os gemidos da morte, e os laços do abismo. Quer dizer, sente que Deus está irado contra ela; por isso, vê-se abandonada, castigada, rejeitada e indigna d'Ele. Mas além de tudo isto, o pior é julgar que é para sempre.

**3.** De igual modo sente-se desamparada e abandonada por todas as criaturas, sobretudo pelos amigos. Por isso, logo a seguir, diz David: *Afastastes de mim os meus amigos e conhecidos; fizestes-me para eles objecto de horror* (Sl 87, 9). Jonas, que experimentou tudo isto no corpo e no espírito, deixa-nos um bom testemunho, dizendo: *Lançastes-me ao abismo, no coração dos mares, e a corrente me envolveu. Todas as tuas vagas e ondas passaram sobre mim. E eu disse: fui rejeitado de diante dos teus olhos. Acaso me será dado ver ainda o teu santo templo?* – fala assim, porque Deus está-lhe a purificar a alma para O ver -. *As águas cercaram-me até à alma, o abismo envolveu-me, o mar cobriu-me a cabeça, descí até às raízes das montanhas, até à terra que fechou sobre mim os seus ferrolhos para sempre* (2, 4-7). Por ferrolhos entende-se aqui as imperfeições da alma, que a impedem de gozar esta saborosa contemplação.

**4.** A *quarta espécie* de pena é causada na alma por outra particularidade desta escura contemplação: a sua majestade e grandeza. Ela faz sentir à alma dentro de si o extremo oposto: a íntima pobreza e miséria. Este é o principal tormento que a alma sofre nesta purificação. Sente, em si mesma, um vazio profundo e urna pobreza em relação às três espécies de bens -temporais, naturais e espirituais - que concorrem para o gozo da alma.

Vê-se envolvida pelos males contrários, ou seja, a miséria das imperfeições, a secura e o vazio das potências, o desamparo do espírito em trevas. Agora, Deus purifica a alma na sua substância sensitiva e espiritual e nas suas potências interiores e exteriores; portanto, convém que fique vazia, pobre e desamparada

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

nestas partes, para ficar seca, vazia e em trevas. A parte sensitiva é purificada na secura, as potências no vazio das suas apreensões, e o espírito nas escuras trevas.

**5.** Deus realiza tudo isto através desta escura contemplação. A alma não sofre apenas o vazio e a ausência dos apoios naturais e das apreensões, - um padecer de grande aflição, semelhante ao de alguém a quem levantaram e mantiveram no ar sem respirar -, mas, corno faz o fogo à ferrugem e ao verdete do metal, está também a purificar, aniquilar, esvaziar ou consumir todas os afectos e hábitos imperfeitos que adquiriu durante a sua vida.

E, porque estão muito enraizados na substância da alma, padece ainda um potente aniquilamento e tormento interior, além da pobreza e vazio, natural e espiritual, que já referimos. Assim se cumpre o que escreveu Ezequiel: *Acrescenta-lhe lenha, atija o fogo; faz a carne desmanchar-se e evaporar o caldo, até se incinerarem os ossos* (Ez 24, 1 0). Deste modo dá-se a entender o sofrimento que a alma padece no vazio e pobreza da sua substância sensitiva e espiritual. Sobre isto diz a seguir: *Conserva-a vazia sobre as brasas, a aquecer, para que se aqueça ao rubro e se derreta o cobre que a compõe, e se funda dentro dela a sua fealdade, e a ferrugem desapareça* (Ez 24, 11). Por aqui fica-se a perceber quão dolorosa pena a alma sofre na purificação do fogo desta contemplação; o profeta diz que para se purificar e desfazer da ferrugem dos afectos que contém, a alma precisa de se aniquilar e destruir a si mesma de algum modo, enquanto que identificada com a natureza destas paixões e imperfeições.

**6.** Portanto, purificando-se a alma nesta forja *como o ouro no crisol*, corno diz o Sábio (Sb 3, 6), experimenta também este grande aniquilamento na sua própria substância, em extrema pobreza, onde parece ir-se consumindo, corno se pode ver pelo que a este propósito disse David: *O Deus, vinde salvar-me, porque as águas me sufocam. Atolei-me na lama do abismo e não tenho onde apoiar-me. Cheguei até ao fundo das águas e as ondas me submergiram. Estou cansado de tanto gritar e minha garganta enrouquece, cansam-se meus olhos à espera do meu Deus* (Sl 68, 2-A).

É assim que Deus humilha muito a alma, para depois também a exaltar muito. E se Ele não ordenasse que estes sentimentos, quando se avivam na alma, se acalmassem rapidamente, ela morreria em poucos dias; no entanto, estes momentos de íntima vivacidade são intercalados.

Por vezes a alma chega a senti-lo de forma tão viva, que até julga ver o inferno aberto e certa a sua perdição. Na verdade, são estes os que *descem vivos ao inferno* (Sl 54, 16), e se purificam aqui corno se lá estivessem, porque esta é a purificação que se haveria de fazer lá. Assim, a alma que passa por isto, ou não entra nesse lugar, ou fica lá muito pouco tempo, porque aproveita mais estando urna hora aqui do que muitas lá.

*[Continua com a mesma matéria sobre outras aflições e apertos da vontade.]*

**1.** As aflições e angústias da vontade também são imensas. Por vezes chegam mesmo a trespassar a alma com a súbita lembrança dos males em que se vê enredada, e sem esperança de remédio.

Acrescenta-se a isto a memória da prosperidade passada; porque, geralmente, quando entram nesta noite, já receberam muitas consolações de Deus e já Lhe prestaram grandes serviços. Agora, ao verem-se arredados de tais bens e sem a possibilidade de os gozar, a pena é ainda maior.

Foi o que Job experimentou e disse com estas palavras: *Eu, aquele que costumava ser opulento e rico, de repente fiquei desfeito e triste. Deus agarrou-me pela nuca e desfez-me em pedaços, tomou-me como seu alvo. Disparou as suas setas contra mim, atravessou os meus rins sem piedade e espalhou o meu fel sobre a terra. Despedaça-me com feridas sobre feridas, atira-se sobre mim como um guerreiro. Cose um saco sobre a minha pele, e cobri com cinza a minha carne. O meu rosto ficou inchado de tanto chorar e a escuridão cobriu as minhas pálpebras (Jb 16, 13-17).*

**2.** Muitas e graves são as penas desta noite, e tantas são as citações da Sagrada Escritura a este propósito, que não encontraríamos tempo e forças para o escrever; sem dúvida, tudo o que se possa dizer é pouco.

Pelos textos citados, já se pode vislumbrar alguma coisa.

Para concluir este verso e explicar um pouco mais aquilo que esta noite realiza na alma, lembrarei o que Jeremias nela passou. Viveu-o de tal maneira que o diz a chorar nesta imensidão de palavras: *Eu sou o homem que conheceu a miséria sobre a vara da sua ira. Conduziu-me e fez-me caminhar nas trevas e não na luz. Dirige contra mim a sua mão todos os dias, sem cessar. Consumiu a minha carne e a minha pele, partiu os meus ossos. Edificou e levantou um cerco de dores e amargura em meu redor. Fez-me morar nas trevas como os mortos para sempre.*

*Cercou-me com um muro, e não tenho saída, carregou-me de pesados grilhões. Mesmo quando grito e imploro socorro, Ele rejeita a minha prece. Bloqueou-me o caminho com pedras, fez-me seguir por estrada errada. Ele foi para mim qual urso de emboscada, como um leão no esconderijo. Desviou-me do caminho para me destruir, deixou-me destroçado.*

*Retesou o seu arco e tomou-me para alvo das suas setas. Fez cravar nos meus rins as setas da sua aljava. Tornei-me o escárnio de todo o meu povo, o seu gozo de todos os dias. Fartou-me de amargura, embriagou-me de fel. Quebrou-me os dentes com uma pedra, e mergulhou-me na cinza. A paz foi desterrada da minha alma, já nem sei o que é a felicidade. E exclamei: falta-me a força e a esperança que tinha no Senhor. Lembra-te dos meus tormentos e misérias, que são fel e amargura.*

*Ao pensar nisto sem cessar, a minha alma desfalece (Lm 3, 1-20).*

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**3.** Todas estas lamentações faz Jeremias a respeito deste padecimento, onde pinta bem ao vivo as penas da alma nesta purificação e noite espiritual.

Por isso, deve-se ter uma grande compaixão para com a alma que Deus coloca nesta tempestuosa e horrenda noite. Espera-a uma ditosa ventura, devido aos bens que dela hão-de provir quando Deus, como diz Job, *descobrir na alma os segredos das trevas e trazer à luz o que é mais recôndito* (Jb 12, 22), para que, como diz David, *a sua luz venha a ser tão grande como fora~ as suas trevas* (Sl 138, 12); no entanto, devido à grande pena que está sofrendo e à incerteza da sua cura, - pois diz aqui o profeta que *o seu mal não há-de acabar* -, e, a exemplo de David, julga que *Deus atirou com ela para as trevas, como se há muito tivesse morrido, angustiando-se assim o seu espírito e perturbando-se o seu coração* (Sl 142, 3-4). Portanto, deve-se ter por ela grande dó e compaixão.

Devido à solidão e abandono que esta noite escura provoca, acresce ainda o facto de não encontrar consolação nem apoio em nenhuma doutrina ou mestre espiritual. Apesar de lhe explicarem por diversas maneiras as razões da consolação que pode receber dos bens que estas penas encerram, ela não acredita. Como está tão embebida e submergida nesse sentimento dos males onde vê tão claramente as suas misérias, julga que os outros não vêem o que ela vê e experimenta e, por isso, falam assim porque não a compreendem; então, em vez da consolação, aumenta-se-lhe a pena, pois crê que isso não é remédio para o seu mal, como de facto não é.

Enquanto o Senhor não a purificar da maneira como Ele o quer fazer, não há meio nem remédio que valha ao seu penar. Além disso, a alma tem aqui muito pouco poder, pois assemelha-se ao preso na masmorra, atado de pés e mãos, sem se poder mexer nem ver, sem experimentar ajuda alguma do céu ou da terra.

E assim há-de estar até que o seu espírito se humilhe, amanse e purifique, tornando-se muito subtil, simples e afilado, de modo a poder unir-se ao espírito de Deus, segundo o grau de união de amor que a Sua misericórdia lhe quiser conceder. Sendo assim, a purificação será mais ou menos forte e durará mais ou menos tempo.

**4.** Porém, se for uma verdadeira purificação, por forte que seja, durará alguns anos. Entretanto, haverá de permeio alguns intervalos de descanso, em que, por vontade de Deus, esta escura contemplação cessa de investir de maneira purificadora para o fazer luminosa e amorosamente.

Então, a alma, a exemplo de quem sai dessa tal masmorra e algemas, gozando de largueza e liberdade, experimenta e saboreia uma grande suavidade de paz e uma intimidade de amor com Deus através de uma fácil e copiosa comunicação espiritual.

Isto constitui para a alma um indício da saúde que essa purificação está a operar e um prenúncio da abundância por que anseia. E, quando isto se repete tantas vezes, a alma julga que os seus trabalhos já terminaram.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A particularidade destas coisas espirituais na alma, sobretudo quanto mais puramente espirituais, é a seguinte: quando se trata de trabalhos, a alma julga que nunca mais sai deles e que os bens se acabaram, conforme vimos nos textos citados; quando se trata de bens espirituais, julga que os males se acabaram e que os bens nunca lhe faltarão. Foi o que David confessou (SI 29, 7), quando se viu entre eles: *Na minha abundância, exclamei: Jamais serei abalado.*

**5.** Isto é assim porque, no espírito, o poder existente de um contrário, remove por si mesmo o poder e o sentimento do outro contrário: ora isto não se dá na parte sensitiva da alma, por ser de fraca apreensão.

Porém, se o espírito não estiver bem purificado e limpo dos afectos contraídos na parte inferior, - embora, enquanto espírito não se abale -, estando preso a eles poderá voltar ao sofrimento. Assim sucedeu a David (SI, 29, 7), quando voltou a experimentar grandes males e penas, apesar de ter julgado e afirmado no tempo da abundância que *jamais seria abalado*. Assim também a alma: ao ver-se influenciada por aquela abundância de bens espirituais, não se dando conta da raiz da imperfeição e impureza que ainda lhe resta, julga que os seus trabalhos terminaram.

**6.** Este pensamento, porém, surge poucas vezes. Enquanto não terminar a purificação espiritual, raramente se dá aquela suave e copiosa comunicação até chegar a esconder a raiz que permanece. A alma continua a sentir dentro de si um não sei quê a faltar-lhe ou por fazer, que não lhe permite gozar totalmente daquele descanso; é uma espécie de inimigo, do qual se teme que, apesar de sossegado e adormecido, desperte e volte a fazer das suas.

Na verdade, quando a alma mais segura se sente e menos precatada, volta a ser devorada e absorvida num grau pior, mais duro, mais tenebroso e confrangedor do que o anterior, porventura com um período mais longo que o primeiro.

Aqui, a alma volta a pensar outra vez que os bens acabaram para sempre. Não lhe basta a experiência do bem gozado após a primeira tribulação, em que julgava não haver mais sofrimento, para, neste segundo grau de tribulação, deixar de pensar que tudo tinha acabado e que não se iria repetir como antes. Porque, como digo, esta convicção tão firme é suscitada na alma pela actual apreensão do espírito, que aniquila nele tudo o que lhe for contrário.

**7.** Esta é a razão das grandes dúvidas que sofrem os que jazem no purgatório: se sairão de lá algum dia e se as suas penas hão-de acabar.

Embora gozem habitualmente das três virtudes teológicas, que são a fé, a esperança e a caridade, o sentimento vivo das penas e da privação de Deus não lhes permite gozar a felicidade e a consolação destas virtudes.

Apesar de terem a consciência de que amam a Deus, isso não os consola, pois julgam que Deus não os ama e que nem de tal coisa são dignos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Pelo contrário, como se vêem privados de Deus e reduzidos às suas misérias, julgam que há neles motivos suficientes para que Deus, com toda a razão, Os aborreça e rejeite para sempre.

Assim a alma, nesta purificação, conhece que ama a Deus e que daria mil vidas por Ele, - e, na verdade assim é, porque, durante estes trabalhos, estas almas amam verdadeiramente a Deus -, mas isto, em vez de lhe trazer alívio, ainda lhe aumenta a pena. Ama-o muito, pois não repara em mais nada senão em Deus, mas, vendo-se tão cheia de misérias, não pode acreditar que Deus a ame, ou que tenha ou possa vir a ter razões para isso. Pelo contrário, antes as tem para ser desprezada para sempre, não só por Ele, mas por todas as criaturas.

Dá-lhe muita pena ver em si razões pelas quais merece ser abandonada por Quem ela tanto ama e anseia.

### CAPITULO 8

*[Outras penas que neste estado afligem a alma.]*

**1.** Mas há aqui outra coisa que aflige e entristece muito a alma. É a seguinte: como esta noite escura lhe obstruiu as potências e os afectos, ela não pode elevar o afecto e a mente para Deus; nem Lhe pode rezar.

Parece-lhe que, como a Jeremias, *Deus encobriu-se com uma nuvem a fim de impedir que a oração chegasse até Ele* (Lm 3, 44). É este o significado daquilo que o profeta diz no mesmo texto: *Bloqueou e fechou-me os caminhos com pedras quadradas* (Lm 3, 9). Se algumas vezes reza, é com tão pouca vontade e unção, que até lhe parece que Deus não a ouve nem lhe faz caso. O profeta também o afirma nesta passagem: *Mesmo quando grito e imploro socorro, Ele rejeita a minha prece* (Lm 3, 8). Na verdade, este não é o tempo de falar com Deus; mas, como diz Jeremias, *de pôr a sua boca na cinza, aguardando encontrar alguma esperança* (Lm 3, 29), e sofrendo com paciência a sua purificação.

Deus está a realizar passivamente na alma a sua obra; por isso ela não consegue fazer nada. Daí o não poder rezar, nem assistir com atenção às coisas divinas, e menos ainda às coisas e negócios temporais. E não só; muitas vezes passa por momentos de tão grande abstracção e olvidos tão profundos na memória, que nem se lembra do que fez, do que pensou, do que está a fazer ou do que vai fazer; e, mesmo querendo, não consegue reparar em nada daquilo que lhe acontece.

**2.** Aqui não se purifica apenas o entendimento da sua luz e a vontade ~os seus afectos, mas também a memória dos seus discursos e notícias.

E conveniente que se desprenda de todas elas, para que se cumpra nesta purificação o que David diz de si mesmo: *Fui aniquilado, e não o soube* (Sl 72, 22). Este não saber significa aqui estes alheamentos e olvidos da memória, provocados pelo recolhimento interior no qual esta contemplação absorve a alma. Para que a

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

alma fique preparada e predisposta para o divino, com as potências preparadas para a divina união de amor, teria de ser absorvida primeiro com elas nesta escura e divina luz espiritual da contemplação, prescindindo, assim, de toda e qualquer afeição e apreensão de criatura. A sua duração depende sobretudo da intensidade.

Portanto, quanto mais simples e pura for esta divina luz a investir na alma, tanto mais a obscurece, esvazia e purifica de todas as apreensões e afeições particulares que tiver às coisas celestes ou terrenas; por sua vez, quanto menos simples e pura for, de menos coisas a priva e menos a obscurece.

Parece incrível que se diga que a luz sobrenatural e divina tanto mais obscurece quanto mais brilho e pureza tiver; e menos obscurece quanto menos tiver.

Entenderemos isto bem se nos lembrarmos do que foi demonstrado antes com a sentença do Filósofo: as coisas sobrenaturais, quanto mais claras e brilhantes são em si, tanto mais escuras se tornam para o nosso entendimento.

**3.** Para melhor compreensão, deixamos aqui uma comparação da luz natural e comum. O raio de sol que entra pela janela, quanto mais limpo e puro estiver de átomos, tanto menos nitidamente se vê; e quanto mais átomos e partículas andarem no ar, tanto mais visível aparece aos nossos olhos. A razão é esta: a luz não se vê em si mesma, mas nas coisas em que bate e ilumina.

A luz também se vê no seu reflexo, pois, se não reflectisse nas coisas, nem se veriam as coisas nem a luz. A verdade é que se o raio de sol entrasse por uma janela de um aposento, o atravessasse e saísse por outra janela do lado oposto sem embater em nada nem reflectir nos átomos que andam no ar, o aposento teria a mesma luz que antes e não se veria o raio. Ao contrário, se se repara bem, vê-se que o espaço por onde passa o raio fica ainda mais escuro, porque priva e obscurece parte da outra luz; mas ele não se vê, porque, como dissemos, não existem objectos visíveis em que possa reflectir.

**4.** É exactamente isto o que este divino raio da contemplação faz na alma. Investindo nela com a sua luz divina, supera a sua luz natural e, assim, obscurece-a e priva-a de todas as afeições e retenções naturais que antes concebia mediante a luz natural.

Portanto, deixa-a não só às escuras, mas também vazia nas potências e apetites, tanto espirituais como naturais. Deixando-a assim, vazia e às escuras, purifica-a e ilumina-a com a divina luz espiritual, julgando a alma que não a tem, por estar ainda às escuras. É como o raio do sol de que falámos: embora atravessando o aposento, se for puro e não reflectir em nada, não se vê. Porém, esta luz espiritual que acomete a alma, quando tem em que se reflectir, isto é, quando se oferece uma coisa espiritual para se verificar se é perfeita ou imperfeita, ou ajuizar sobre o que é falso ou verdadeiro, por pequeno que seja o átomo, logo o atinge e entende duma maneira muito mais clara do que se estivesse nesta escuridão.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Também é assim que ela conhece a luz espiritual que possui para apreender facilmente a imperfeição que lhe surgir. É o que acontece com o raio de sol que, como dissemos, não se vê no aposento; mas, apesar de não se ver, se passar por ele uma mão, ou outra coisa qualquer, vê-se imediatamente a mão e descobre-se que ali estava aquela luz do sol.

**5.** Porque esta luz espiritual é tão simples, tão pura e geral, não afectada nem particularmente ligada a nada inteligível, natural ou divino, pois encontra as potências da alma vazias e aniquiladas para estas apreensões, leva a alma a conhecer e a penetrar com grande alcance e facilidade qualquer coisa que se apresente do céu ou da terra. Foi por isso que o Apóstolo disse que *o Espírito tudo penetra, até as profundidades de Deus* (1 Cor 2, 10). É por meio desta sabedoria geral e simples que se entende o que o Espírito Santo diz por meio do Sábio: *Por sua pureza tudo atravessa e penetra* (Sb 7, 24), porque não se individualiza em nenhum conhecimento particular ou afeição.

A propriedade do espírito purificado e privado de todas as afeições e inteligências particulares é esta: através deste não gostar nem entender nada em particular, habitando no seu vazio e escuridão, aceita tudo com grande determinação para que nele se realize o que diz S. Paulo (2 Cor 6, 10): *Nihil habentes, et omnia possidentes*. Sim, porque tal bem-aventurança fica-se a dever a essa pobreza de espírito.

### CAPITULO 9

*[Embora esta noite escureça o espírito, é para o ilustrar e iluminar.]*

**1.** Agora só nos resta dizer que se *esta noite ditosa* obscurece o espírito é apenas para vir a ter luz em tudo. Se o humilha e torna miserável, é só para o exaltar e enriquecer. Se o empobrece e esvazia de qualquer posse ou afeição natural, é só para poder vir a gozar e saborear mais divinamente todas as coisas do céu e da terra, com total liberdade de espírito em relação a tudo.

Assim como os elementos que se combinam em todos os compostos e seres naturais precisam de se libertarem de qualquer cor, cheiro ou sabor particular para poderem concorrer com todos os sabores, cheiros e cores, assim também o espírito precisa de se encontrar claro, puro e livre de todo o género de afeição natural, tanto das actuais como das habituais, a fim de livremente poder comunicar à vontade com a Sabedoria divina, na qual, graças à sua pureza, goza de forma bem mais elevada os sabores de todas as coisas. Sem esta purificação, não poderá experimentar ou saborear de modo algum a plena consolação desta abundância de sabores espirituais.

Basta que o espírito esteja agarrado, actual ou habitualmente, a uma afeição ou particularidade para não experimentar, saborear ou comunicar a doçura e o

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sabor interior e profundo do espírito de amor, o qual contém em si, de maneira sublime, todos os sabores.

**2.** Assim como os filhos de Israel, só por conservarem a afeição e lembrança das carnes e comidas do Egipto (Ex 16, 3), não podiam saborear o delicioso pão dos anjos no deserto, isto é, o maná *que*, segundo a Sagrada Escritura, *continha a doçura de todos os gostos e convertia-se no gosto que cada um queria* (Sb 16, 21), assim também, o espírito que ainda estiver preso a alguma afeição, seja actual ou habitual, conhecimento particular ou qualquer outra apreensão, não pode saborear os deleites do espírito de liberdade, como é desejo da vontade.

A razão disto está em que as afeições, os sentimentos e as apreensões do espírito perfeito, por serem divinas, pertencem a uma espécie e a um género muito diferentes do natural e visível. Por isso, para que possa gozar umas, actual e habitualmente, necessariamente terá de expulsar outras, também actual e habitualmente, como acontece aos dois contrários que não podem estar ao mesmo tempo no mesmo sujeito. Portanto, para que a alma possa vir a gozar destas riquezas, é muito conveniente e necessário que esta escura noite da contemplação lhe aniquile e desfaça primeiro as imperfeições, deixando-a às escuras, na segura e aflição, vazia; porque a luz que irá receber é uma divina luz altíssima que excede toda a luz natural, e que o entendimento naturalmente não apreende,

**3.** Assim, para que o entendimento se possa unir a esta luz e divinizar-se no estado de perfeição, convém que seja primeiramente purificado e aniquilado na sua luz natural, ficando efectivamente às escuras nesta escura contemplação. Convém que esta escuridão dure o tempo necessário para dissipar e aniquilar o hábito há muito tempo adquirido de entender, dando lugar à ciência e luz divina. Até aqui a sua capacidade de entender era natural, por isso padece agora trevas profundas, horríveis e muito penosas; parecem substanciais, porque se experimentam na substância profunda do espírito.

O mesmo se diga da afeição de amor que há-de receber na divina união: sendo divina, muito espiritual, subtil e íntima, excede todas as afeições e sentimentos da vontade, ou qualquer desejo delas. Para que a vontade possa vir a experimentar e saborear esta divina afeição e este sublime deleite na união de amor, - que não se dá na vontade por via natural-, convém-lhe ser purificada e aniquilada em primeiro lugar de todas as suas afeições e sentimentos, ficando na segura e aflição até se purificar do hábito das afeições naturais que possuía, quer seja acerca das coisas divinas ou humanas.

Assim, extenuada, vazia e bem desenredada de toda a espécie de demónios no fogo desta divina contemplação,- como o coração do peixe de Tobias nas brasas (Tb 6, 19) -, adquire uma disposição incontaminada e simples, um paladar purificado e puro para sentir os sublimes e peregrinos toques do divino amor em que se verá

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

divinamente transformada, depois de, como dissemos, ter expelido todos os contrários, actuais e habituais, que anteriormente possuía.

**4.** Nesta união, para a qual esta noite a prepara e encaminha, também a alma há-de estar cheia e dotada de certa magnificência de glória na sua comunicação com Deus. Ela encerra inumeráveis delícias que excedem toda a abundância que a alma naturalmente possa ter. E uma natureza tão fraca e impura como a dela não a pode receber, porque, como diz Isaías, *nem os olhos viram, nem os ouvidos escutaram, nem jamais passou pelo coração do homem o que Ele preparou para aqueles que O amam* (Is 64, 4).

Mas a alma terá de passar primeiro pelo vazio e pobreza de espírito, purificando-se dos apoios, consolações e apreensões naturais de todas as coisas divinas e humanas para que assim, vazia, ficando bem pobre de espírito e despida do homem velho viva aquela nova e bem-aventurada vida que se alcança por meio desta noite, que é o estado de união com Deus.

**5.** E porque a alma há-de atingir um sentido e comunicação divina bem mais excelente e saborosa sobre todas as coisas divinas e humanas, que o sentir comum e o saber natural da alma não podem captar, - pois há-de vê-las com olhos muito diferentes dos anteriores, ou seja com a diferença que existe entre o espírito e os sentidos, entre o divino e humano -, é conveniente que o espírito se apure e purifique no seu modo comum e natural de sentir, deixando-o em grande aflição e aperto através desta purificadora contemplação; a memória é afastada de qualquer afectuosa e pacífica notícia, experimentando dentro de si uma espécie de transição e alheamento de todas as coisas, vendo-as como estranhas e diferentes daquilo que costumavam ser.

É assim que esta noite vai tirando o espírito do seu modo vulgar e comum de entender as coisas para que adquira o sentido divino, desconhecido e alheio de qualquer modo humano. A alma julga andar aqui fora de si e a pensar.

Outras vezes pensa se aquilo que lhe está a acontecer é um encantamento ou êxtase, pois admira-se com o que vê e ouve, parecendo-lhe as coisas muito peregrinas e estranhas, quando, na verdade, são as mesmas com que estava habituado a lidar normalmente. Esta é a razão da alma se ir retirando e alheando do vulgar entender e comunicação das coisas, para que, aniquilada quanto a este, fique informada do divino, que é mais próprio da outra vida do que desta.

**6.** Todas estas dolorosas purificações do espírito são para renascer na vida do espírito por meio desta divina influência. E, sofrendo-as a alma, com estas dores dá à luz o espírito de salvação, cumprindo-se o que diz o profeta Isaías: *Assim éramos nós na Tua presença, Senhor; concebemos e- estivemos como quem sofre as dores de parto, e demos à luz o espírito de salvação* (Is 26, 17 -18).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Além disto, por meio desta noite contemplativa a alma prepara-se para chegar à tranquilidade e à paz interior que, sendo de tal modo delectável, *ultrapassa toda a inteligência*, como diz a Igreja (Fl 4, 7).

Para tal, precisa de abandonar toda aquela paz anterior, a qual, por estar cheia de imperfeições, não era paz. A alma, vivendo ao seu gosto, julgava que era paz, e paz a dobrar, pois julgava ter adquirido já a paz dos sentidos e do espírito, conforme se via cheia de abundantes delícias espirituais. Contudo, esta paz dos sentidos e do espírito, como digo, é ainda imperfeita e, por isso, precisa de ser primeiro purificada, desterrada e impedida na alma. Era isto o que Jeremias experimentava e lamentava no texto que apontámos anteriormente para explicar as desgraças causadas por esta penosa *noite: A paz foi desterrada da minha alma* (Lm 3, 17).

**7.** Esta penosa ânsia é causada pelos muitos medos, imaginações e combates que a alma contém; e, ao compreender e sentir as misérias em que se vê, desconfia que está perdida e que todos os bens se acabaram para sempre. É por isso que anda no espírito com tais dores e gemidos que lhe provocam fortes rugidos e bramidos espirituais; às vezes pronuncia-os até em voz alta e desfazendo-se em lágrimas, quando tem força e ânimo para o fazer, embora seja raro este alívio.

Foi isto o que David experimentou e manifestou muito bem num salmo, dizendo: *Estou aflito, todo alquebrado; arranco gemidos do meu coração* (Sl 37, 9).

Estes gemidos manifestam uma intensa dor. Por vezes, com a súbita e viva memória das misérias em que a alma se vê envolvida, aumentam de tal maneira e envolvem de dor e pena os afectos da alma, que só o poderei explicar recorrendo à comparação do profeta Job, o qual, vendo-se nesta mesma aflição, diz: *Os meus gemidos derramam-se como a água* (Jb 3, 24).

Assim como, por vezes, a água causa enormes inundações que tudo submerge e alaga, também, em certas ocasiões, estes gemidos e sentimentos da alma crescem tanto que, inundando-a e traspassando-a totalmente, enchem de angústia e dores espirituais todos os seus afectos e forças mais profundas acima do que se possa encarecer.

**8.** Tal é a obra realizada na alma por esta noite que encobre a esperança da luz do dia. A este respeito disse o profeta Job: *De noite, a dor trespassa-me a boca, e os males que me roem não têm descanso* (Jb 30, 17).

A boca significa aqui a vontade, trespassada por estas dores que dilaceram a alma sem interrupção nem descanso, porque as dúvidas e medos que assim afligem a alma nunca dormem.

**9.** Profunda é esta guerra e combate, porque a paz pela qual anseia é ainda mais profunda; íntima e subtil é a dor espiritual, pois o amor que há-de possuir também há-de ser muito íntimo e apurado. Quanto mais íntima e esmerada for e ficar a obra, tanto mais íntimo, esmerado e perfeito há-de ser o trabalho; e tanto mais

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

consistente, quanto mais firme a construção. Por isso, como diz Job, *agora a minha alma desfalece, e as minhas entranhas fervilham sem descanso* (Jb 30, 16. 27).

Precisamente, porque a alma caminha através desta purificadora noite para o estado de perfeição, onde irá possuir e gozar inumeráveis bens de dons e virtudes, tanto na sua substância como nas potências, convém primeiro que se veja e sinta na generalidade alheada, privada, vazia e pobre de todos eles; julgar que anda muito afastada deles; convencer-se de que jamais os poderá vir a possuir, porque tudo acabou para ela. É isto o que Jeremias dá a entender quando, na passagem anterior, diz: *Já nem sei o que é a felicidade* (Lm 3, 17).

**10.** Mas vejamos agora porque é que esta luz da contemplação, tão suave e benéfica para a alma, pois nada mais há que desejar, - porque, como antes se disse, é a mesma luz à qual a alma se há-de unir no estado de perfeição e nela encontrar todos os bens por que anseia - lhe produz, nestes primeiros tempos, efeitos tão penosos e desagradáveis como os que temos vindo a expor.

**11.** A esta dúvida responde-se facilmente dizendo o que em parte já foi dito: nada existe na contemplação e na divina infusão que de per si possa causar pena; pelo contrário, produz suavidade e consolação, como depois se dirá. A causa está na fraqueza e imperfeição que a alma então possui, nas suas disposições e nos contrários para receber os bens. Quando neles investe esta luz divina, necessariamente a alma terá de padecer da maneira como já foi dita.

### CAPITULO 10

*[Esta purificação explica-se desde a raiz com uma comparação.]*

**1.** Para esclarecer melhor o que se disse e o que se irá dizer, convém advertir aqui que *esta purificadora e amorosa notícia ou luz divina*, de que vimos a falar, actua na alma, purificando-a e dispondo-a para a unir perfeitamente consigo, tal como faz o fogo no madeiro para o transformar em si. Quando o fogo material se ateia ao madeiro começa por secá-lo, arrancando-lhe a humidade, obrigando-o a deitar fora a água que contém.

Depois, vai-o deixando negro, escuro, feio, e até com mau cheiro; enquanto o vai secando pouco a pouco, vai-lhe arrancando e expelindo todos os horrorosos e escuros elementos contrários ao fogo. Por fim, quando começa a inflamá-lo por fora e a aquecê-lo, chega a transformá-lo em si e a deixá-lo tão puro como o próprio fogo.

No fim de tudo isto, o madeiro já não tem qualquer ardência ou acção própria, salvo o peso e a quantidade mais espessa que a do fogo, porque se reveste agora das propriedades e acções do fogo. Está seco e quente, é claro e alumia, está muito mais leve que antes, porque o fogo aviva nele estas propriedades e efeitos.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** De igual modo se pode pensar acerca deste divino fogo de amor da contemplação. Antes de unir e transformar a alma em si, tem de a purificar primeiro de todos os elementos contrários, extraíndo-lhe toda a fealdade e deixando-a negra e escura, parecendo ficar pior que antes, mais feia e horrorosa do que o normal. E tudo isto, porque esta divina purificação anda a remexer todos os maus e viciosos humores, que, de tão arraigados e assentes na alma, ela não conseguia ver e, por isso, desconhecia que tivesse tantos males.

Agora são-lhe postos diante dos olhos para os expelir e destruir; iluminada por esta escura luz da divina contemplação, ela vê-os perfeitamente. Apesar de não ser pior que antes, nem em si mesma nem para Deus, ela vê agora em si o que antes não via, e parece-lhe claramente que o estado em que se encontra não é só motivo para que Deus não olhe para ela, mas para a detestar, como acontece agora. Por meio desta comparação poderemos entender agora muitas coisas acerca do que vamos dizendo e pensamos dizer.

**3.** *Em primeiro lugar*, podemos compreender como a luz e a sabedoria amorosa que se há-de unir e transformar na alma é a mesma que a purifica e trabalha ao princípio. Acontece como no madeiro: o fogo que o embrenha e transforma é o mesmo que antes o dispôs para esse efeito.

**4.** *Em segundo lugar*, começaremos a perceber como estas penas que a alma sofre não provêm da amorosa sabedoria, porque, como diz o Sábio, *com ela vieram-me todos os bens* (Sb 7, 11), mas da fraqueza e imperfeição que a alma possui. Sem esta purificação, a alma não poderá receber dela a luz divina, a suavidade e a consolação.

Acontece como no madeiro: só depois de preparado é que se transforma em fogo. É por isso que a alma sofre imenso. O Eclesiástico demonstra bem o quanto sofreu para chegar a unir-se com a sabedoria e dela gozar: *Lutou minha alma por ela, ansiavam minhas entranhas por buscá-la; por isso fiz uma boa aquisição* (Sir 51, 25.29).

**5.** *Em terceiro lugar*, poderemos imaginar, de passagem, o modo como penam os que se encontram no purgatório. Apesar de lhes ser ateado o fogo, não arderiam se não houvesse imperfeições para purificar; elas são a matéria em que se atea ali o fogo e, uma vez consumidas, nada mais há para arder. O mesmo acontece agora: acabadas as imperfeições, a alma deixa de penar e começa a gozar.

**6.** *Em quarto lugar*, concluiremos que, à medida que a alma se vai purgando e purificando neste fogo de amor, mais se vai inflamando em amor. Acontece como no madeiro: à medida que se vai acondicionando, aquece cada vez mais. Esta inflamação de amor, porém, nem sempre a alma a sente, a não ser quando a contemplação deixa de investir com tanta força. Nessa ocasião, a alma pode ver e gozar a obra que se está a realizar, porque lha mostram.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Parece que as mãos param e tiram o ferro da fornalha para que de alguma maneira se veja a obra que se está a realizar. Então, a alma tem oportunidade de começar a ver em si o bem que não via quando decorria a obra. Acontece como no madeiro: quando a chama deixa de o fustigar, dá-se a oportunidade para se ver bem quanto o incandesceu.

**7. Em quinto lugar,** deduziremos também desta comparação o que foi dito atrás, ou seja, como é certo a alma, depois deste descanso, voltar a sofrer mais intensa e ardentemente do que antes. Depois daquela amostra que se faz após a purificação das imperfeições mais exteriores, o fogo de amor volta a arremeter contra o que falta corroer e purificar por dentro.

É por isso que este penar da alma é mais íntimo, subtil e espiritual, porque vai depurando as imperfeições que lhe são mais profundas, delicadas, espirituais e arraigadas no interior. Acontece como no madeiro: à medida que o fogo o vai penetrando, com mais força e furor vai preparando a parte de dentro para se apoderar dela.

**8. Em sexto lugar,** também por aqui descobriremos a causa por que julga a alma terem-se-lhe acabado todos os bens e ver-se cheia de males: é que, neste tempo, não recebe mais nada senão amarguras. Acontece como no madeiro: a não ser o fogo consumidor, nem o ar nem qualquer outra coisa mais entra nele. Porém, depois de algumas amostras como as primeiras, gozará mais intimamente porque já se fez a purificação na parte mais interior.

**9. Em sétimo lugar,** concluiremos que, embora a alma goze copiosamente nestes intervalos, - tanto que, como dissemos, por vezes julga que se acabaram os sofrimentos - , contudo, não deixa de pressentir se estão para breve, quando descobre ou lhe aparece uma raiz que ainda permanece e não a deixa gozar plenamente, pois parece estar a ameaçá-la para voltar a atacar; e quando assim é, volta depressa.

Enfim, aquilo que resta purificar e iluminar lá mais no íntimo, não se pode esconder à alma junto do que já foi purificado. Acontece como no madeiro: nota-se bem a diferença entre o que falta afoguear por dentro e o que já foi purificado. Portanto, quando esta purificação se volta a activar no interior, não é de admirar que a alma imagine outra vez que os seus bens acabaram para sempre, porque, mergulhada nos sofrimentos mais íntimos, deixou de ver os bens exteriores.

**10.** Tendo, pois, esta comparação diante dos olhos e a explicação dada sobre o primeiro verso da primeira canção desta noite escura e suas terríveis propriedades, convém deixar estas coisas tristes da alma e começar já a tratar do fruto das suas lágrimas e das suas ditosas propriedades, que começam a ser cantadas a partir deste segundo verso: *Com ânsias em amores inflamada.*

## CAPÍTULO 11

[A alma, graças a estas duras penas, ficou fortemente inflamada de amor divino.]

**1.** Neste verso, a alma fala do já citado fogo de amor, o qual, como fogo no madeiro, se vai ateando nela durante esta *noite de penosa contemplação*.

Esta inflamação, embora se assemelhe de alguma maneira àquela que explicávamos atrás e que se dava na parte sensitiva da alma, também se diferencia muito dela, tal como a alma do corpo, ou a parte espiritual da sensitiva.

Esta é uma inflamação de amor no espírito, onde, por entre estas escuras angústias, a alma se sente viva e delicadamente ferida por um forte amor divino, comum certo sentimento e pressentimento de Deus, embora sem nada compreender, porque, como dissemos, o entendimento encontra-se às escuras.

**2.** Aqui, o espírito sente-se apaixonado por um grande amor, porque esta inflamação espiritual produz uma paixão de amor. E, porque este amor é infundido, também é mais passivo do que activo; por isso, gera na alma uma forte paixão de amor. Este amor já tem algo de união com Deus; por isso participa, em parte, das suas propriedades, as quais são mais acções de Deus do que da alma, que a ela se submetem passivamente.

A alma não tem mais nada a fazer senão prestar-lhes o seu consentimento.

Contudo, o calor e a força, o carácter e a paixão de amor- ou inflamação, como aqui lhe chama a alma-, unicamente se acendem no amor de Deus que se vai unindo a ela. Este amor, tanto mais lugar e disposição encontra na alma para se unir a ela, quanto mais os apetites estiverem fechados, dominados e incapazes de saborear o que quer que seja do céu e da terra.

**3.** Como se disse, isto dá-se em grande parte nesta escura purificação, porque Deus lhe mantém os gostos tão desmamados e tão recolhidos que eles já não podem saborear o que queriam. E Deus faz tudo isto para que, afastando-os e juntando-os todos em si, a alma ganhe mais força e capacidade para receber de Deus esta forte união de amor. Deus, através desta purificação, começa já a transmitir-lhe este amor, pelo qual a alma O há-de amar com todas as suas forças e com todos os seus apetites espirituais e sensitivos.

Ora, isto não poderia acontecer se eles se derramassem no gosto de outras coisas. Foi por isso que David, para poder receber a força do amor desta união divina, dizia a Deus: *Ó minha força, é para Ti que eu me volto* (Sl 58, 10), com toda a capacidade, apetites e força das minhas potências, pois não quero empregar a sua actividade e gosto noutra coisa que não sejam Tu.

**4.** Sendo assim, poder-se-ia de alguma maneira considerar como é intensa e forte esta inflamação de amor no espírito, onde Deus concentra todas as forças, potências e apetites da alma, tanto espirituais como sensitivas, para que toda esta harmonia



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

seja empregue com toda a sua força e capacidade neste amor. Deste modo, sem desprezar nada do homem nem excluir deste amor nada do que é seu, cumprirá verdadeiramente o primeiro mandamento, que diz: *Amarás o teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente, com toda a tua alma e com todas as tuas forças* (Dt 6, 5).

**5.** Portanto, estando todos os apetites e forças da alma concentrados nesta inflamação de amor, estando ela ferida e tocada por todos eles e, além disso, apaixonada, como poderemos compreender quais sejam os movimentos e digressões de todas estas forças e apetites, vendo-se inflamadas e feridas por tão grande amor, sem a sua posse e satisfação, na escuridão e na dúvida? Certamente *passando fome como aqueles cães, de que fala David, que vêm fazer ronda à cidade, e não se vendo fartos deste amor, põem-se a uivar e a ganir* (Sl 58, 7, 15-16).

Na verdade, o toque deste amor e fogo divino seca de tal maneira o espírito e aviva-lhe de tal maneira os desejos de satisfazer a sua sede deste divino amor que, na avidez e desejo do apetite, dá mil voltas sobre si e de mil modos e maneiras suspira por Deus. David manifesta muito bem isto num salmo: *A minha alma tem sede de Vós. Todo o meu ser anseia por Vós*, isto é, em desejos. Outra versão diz: *A minha alma tem sede de Vós; a minha alma enlouquece ou morre por Vós* (Sl 62, 2).

**6.** Esta é a razão pela qual, no verso, a alma diz com *ânsias em amores* e não *com ânsias em amor inflamada*. Em todas as coisas e pensamentos que vai ruminando, e em tudo quanto lhe acontece, ama de muitas maneiras, por isso também deseja e sofre de muitas maneiras, em qualquer tempo e lugar, sem ter descanso em nada, sentindo esta ânsia na ferida inflamada, como o dá a entender o profeta Job dizendo: *Como um escravo suspira pela sombra, e o jornaleiro aguarda o seu salário, assim eu tive por quinhão meses de sofrimento e couberam-me em sorte noites cheias de dor. Se me deito, digo: "Quando chegará o dia?" Se me levanto: "Quando virá a tarde?" E encho-me de angústia até chegar a noite* (Jb 7, 2-4).

Para esta alma tudo se torna difícil, pois não cabe em si mesma, nem no céu nem na terra, e até as noites são cheias de dor, como diz Job.

Neste caso, o que acontece à alma, espiritualmente falando, é que ela espera e padece por não ter nenhuma réstia de esperança na consolação de um pouco de luz e bem espiritual. É por isso que, nesta inflamação de amor, as ânsias e os padecimentos desta alma são maiores, porque se multiplicam de duas maneiras: por um lado, por parte das trevas espirituais em que se vê envolvida, e que a afligem com as suas dúvidas e receios; por outro lado, por parte do amor de Deus que a inflama e acirra, e que já a atemoriza de forma extraordinária com a sua amorosa ferida.

**7.** Isaías explica muito bem estas duas maneiras de padecer quando, numa situação semelhante a esta, diz: *A minha alma suspira por ti de noite*, isto é, na miséria. Esta é

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

a primeira maneira de padecer, proveniente da parte desta noite escura. Mas também diz: *E do mais profundo do meu espírito, eu te procuro pela manhã* (Is 26, 9). Esta é a segunda maneira de padecer em desejo e ânsias por parte do amor nas entranhas do espírito, que são as afeições espirituais.

Porém, no meio destas escuras e amorosas penas, a alma ainda experimenta certa companhia e força dentro de si, acompanhando-a e fortificando-a tanto, que, ao terminar o peso das escuras trevas, sente-se muitas vezes sozinha, vazia e sem forças. O motivo é que a força e a eficácia da alma era ateadada e comunicada passivamente pelo fogo tenebroso do amor que nela investia; agora, deixando de investir nela, acabam as trevas na alma, mas igualmente a força e o calor de amor.

### CAPÍTULO 12

*[Explica como esta horrível noite é purgatório, e como, por meio dela, a sabedoria divina ilumina os homens na terra com a mesma luz que purifica e ilumina os anjos no céu.]*

**1.** Pelo que fica dito, poderemos constatar como esta *noite escura* do fogo de amor, assim como vai purificando a alma às escuras, também às escuras a vai inflamando. Poderemos observar também que, assim como na outra vida os espíritos se purificam com fogo tenebroso material, também nesta se purificam e limpam com fogo de amor tenebroso espiritual.

A diferença é esta: enquanto que lá se limpam com fogo, aqui limpam-se e iluminam-se só com amor. Foi esse amor que David pediu quando disse: *Cor mundum crea in me, Deus* (Sl 50, 12), etc. A pureza do coração não é menos importante que o amor e a graça de Deus. O nosso Salvador chamou *bem-aventurados aos puros de coração* (Mt 5, 8), que é o mesmo que dizer *enamorados*, pois a bem-aventurança só existe no amor.

**2.** E que a alma se purifica sendo iluminada por este fogo da amorosa sabedoria, - Deus nunca dá sabedoria mística sem amor, porquanto é o próprio amor que a infunde- mostra-o muito bem Jeremias quando diz: *Do alto lançou um fogo que penetrou nos meus ossos, e fui instruído* (Lm 1, 13). Também David diz que a sabedoria de Deus é como *a prata limpa no crisol* (Sl 11, 7), isto é, no fogo do amor purificador. Esta escura contemplação infunde ao mesmo tempo na alma amor e sabedoria, conforme a capacidade e a necessidade de cada um, iluminando a alma e purificando-a da sua ignorância, como aconteceu ao Sábio (Sir 51, 25-26).

**3.** Poderemos também concluir daqui que a sabedoria de Deus que purifica e ilumina estas almas é a mesma que purifica os anjos da sua ignorância, ensinando-os e esclarecendo-os acerca do que não sabiam; descendendo de Deus, passa pelas primeiras hierarquias até às últimas, e destas aos homens. Por isso, com verdade e eficácia, se diz na Sagrada Escritura que todas as obras e inspirações dos anjos são

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

feitas por Deus e por eles. Normalmente recebem-nas de Deus e, sem qualquer demora, vão comunicando-as uns aos outros. É como o raio de sol que atravessa várias vidraças alinhadas entre si: o raio atravessa-as todas, é certo, mas cada uma delas reflecte-o e infunde-o na outra de forma diferente, conforme o modo de cada vidraça, com um pouco menos de luz e intensidade, conforme está mais perto ou mais longe do sol.

**4.** Portanto, numa purificação mais geral, os espíritos superiores, e os de ordem inferior, quanto mais perto estiverem de Deus tanto mais purificados e iluminados ficam; os últimos receberão essa luz de forma mais débil e remota. Assim, o homem, sendo o último a receber esta amorosa contemplação,- quando Deus lha quiser dar-, há-de recebê-la ao seu modo, ou seja, muito limitada e penosamente.

A luz de Deus, ao iluminar o alijo, esclarece-o e suaviza-o em amor, porque é puro espírito e está preparado para tal infusão.

Ao homem, porque é impuro e fraco, ilumina-o naturalmente do modo que já ficou dito atrás, ou seja, causando-lhe trevas, sofrimento e angústia, como faz o sol aos olhos remelosos e doentes; contudo, também o enamora de forma apaixonada e atribulada até que este mesmo fogo de amor o venha a espiritualizar e volatilizar.

Deste modo, vai purificando-o até que, já purificado, possa receber como os anjos a união desta influência amorosa, da qual, se Deus quiser, haveremos de falar. Entretanto, essa contemplação e notícia amorosa é recebida em aflicção e ânsias de amor de que falamos.

**5.** Não é continuamente que a alma sente esta inflamação e ânsias de amor. Ao princípio, quando esta purificação espiritual começa, este fogo divino preocupa-se mais em enxugar e preparar a madeira da alma do que abrasá-la. Mas, com o passar do tempo, quando este fogo vai aquecendo a alma, é normal sentir mais frequentemente esta ardência e este calor de amor.

Então, como o entendimento vai sendo cada vez mais purificado por estas trevas, acontece que, por vezes, esta mística e amorosa teologia, ao inflamar a vontade, fere mui saborosa e suavemente a potência do entendimento com alguma ciência e luz divina, que ajuda a vontade a afervorar-se muitíssimo. Sem ter feito nada, esse divino fogo de amor arde em chamas vivas, julgando a alma ser já o fogo vivo, por causa da viva luz que recebe. Assim se compreende o que disse David num salmo: *Dentro de mim ardia o coração, meu pensamento queimava como fogo* (Sl 38, 4).

**6.** Este incêndio de amor pela união destas duas potências, entendimento e vontade, que aqui se juntam, é coisa de grande riqueza e deleite para a alma, porque se trata de certo toque na Divindade e o início da perfeição da união de amor por que anseia. Portanto, a este toque de tão subido sentir e amor de Deus não se chega sem haver passado muitos trabalhos e grande parte da purificação.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

No entanto, para os toques inferiores, que são os que acontecem mais frequentemente, não se precisa de tanta purificação.

**7.** De tudo quanto se disse depreende-se como, nestes bens espirituais que Deus infunde passivamente na alma, a vontade pode muito bem amar sem o entendimento entender, assim como o entendimento pode entender sem que a vontade ame. Esta noite escura da contemplação consta de luz divina e amor, tal como o fogo é feito de luz e calor.

Portanto, não existe qualquer inconveniente em que, quando esta luz amorosa se comunica, incida algumas vezes mais na vontade, inflamando-a de amor, deixando o entendimento às escuras sem o ferir com a luz; outras vezes, ilumina-o a ele, dando-lhe inteligência, e deixando a vontade na aridez; assim como também se pode dar o caso de receber o calor do fogo sem ver a luz, e ver a luz sem receber o calor do fogo.

Tudo isto é obra do Senhor que infunde como Lhe apraz (cf. 1 Cor 12, 11).

### CAPÍTULO 13

*[Outros saborosos efeitos que esta noite escura da contemplação opera na alma.]*

**1.** Por este modo de inflamação podemos compreender alguns efeitos saborosos que *esta noite escura da contemplação* vai operando na alma. Uma vez, como acabámos de dizer, a alma é iluminada no meio desta escuridão e a luz brilha nas trevas (Jo 1, 5). Esta inteligência mística desce ao entendimento, - deixando a vontade na aridez, isto é, sem união actual de amor-, com uma serenidade e pureza tão fina e deleitável para a alma que é impossível exprimir, porque umas vezes sente Deus de uma maneira e outras vezes de outra.

**2.** Às vezes, como se disse, investe ao mesmo tempo na vontade, e acende-lhe um amor sublime, terno e forte; e, como também dissemos antes, estas duas potências - entendimento e vontade- por vezes unem-se.

Quanto mais o entendimento se vai purificando, tanto mais qualificada e perfeitamente se unem. Contudo, antes de chegar aqui, é comum a vontade sentir mais o toque da inflamação do que o entendimento o da inteligência.

**3.** Então, põe-se aqui uma dúvida: se estas potências se vão purificando ao mesmo tempo, porque é que ao princípio é comum sentir mais na vontade a inflamação e o amor da contemplação purificadora do que no entendimento a sua inteligência?

A resposta é a seguinte: Não é este amor passivo que fere directamente a vontade, pois ela é livre; esta inflamação de amor é sobretudo uma paixão de amor e não um acto livre da vontade, porque este calor de amor bate na substância da alma e, assim, move passivamente os afectos. É por isso que se lhe chama antes paixão de amor do que acto livre da vontade; só se chama acto da vontade,

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

enquanto é livre. Mas, porque estas paixões e afectos se reduzem à vontade, diz-se que, se a alma está apaixonada contendo alguma afeição, então a vontade também o está, porque é a verdade. É assim que a vontade se prende e perde a sua liberdade, deixando-se arrastar pelo ímpeto e força da paixão.

Por conseguinte, podemos dizer que esta inflamação de amor se dá na vontade, quer dizer, inflama o apetite da vontade; por isso, repetimo-lo, é preferível chamar-lhe paixão de amor do que acto livre da vontade. Também a paixão receptiva do entendimento só pode receber a inteligência de forma pura e passiva, o que não consegue sem estar purificado. E, enquanto não o estiver, a alma sente mais vezes o toque da paixão de amor que o da inteligência. Para isto acontecer não é preciso que a vontade esteja tão purificada nas paixões, pois elas até a ajudam a sentir o amor apaixonado.

**4.** Esta inflamação e sede de amor, por se dar agora no espírito, são muitíssimo diferentes daquelas a que nos referíamos na noite dos sentidos.

É verdade que também os sentidos recebem aqui a sua parte, porque não deixam de participar no trabalho do espírito, mas a raiz e a energia da sede de amor sente-se na parte superior da alma, isto é, no espírito.

Sentindo e entendendo de tal maneira o que sente, bem como a falta que lhe faz aquilo que deseja, considera todo o penar dos sentidos como nada, se bem que ele seja aqui muito maior do que o da primeira noite sensitiva, porquanto sofre agora no interior a ausência de um grande bem, ao qual nada se poderia comparar.

**5.** Convém, entretanto, deixar aqui uma observação: Se esta inflamação de amor não se sente logo no início desta noite espiritual é porque este fogo de amor ainda não começou a arder; em vez disso, Deus começa a dar à alma um amor de tão grande estima por Deus, que, como dissemos, o que ela mais padece e sente nos trabalhos desta noite é a aflição de pensar que O perdeu ou que foi abandonada por Ele. Assim, poder-se-á afirmar sempre que a alma, desde o início desta noite, está ferida com ânsias de amor, quer seja ele de estimação ou de inflamação.

E vê-se que esta dúvida da alma é a sua maior paixão nestes trabalhos.

Se pudesse certificar-se de que nem tudo está perdido e acabado; que tudo o que está a sofrer é para seu maior bem, como de facto o é; e que Deus não está aborrecido com ela, então não se importaria nada de sofrer aquelas penas, antes folgaria por saber que disso se aproveita Deus. Na verdade, o amor de estimação que tem para com Deus é tão grande, - ainda que às escuras e sem o sentir -, que não se alegra só com isso, mas folgaria em morrer muitas vezes para O consolar.

Quando à estimação que tem por Deus se junta a chama que inflamou a alma, costuma ganhar grande força e brio e ânsias por Deus na comunicação do calor de amor; com grande ousadia, sem reparar em nada, sem ter respeito por nada, movida pela força e embriaguez do amor e do desejo, sem reparar no que faz, seria capaz de, por qualquer modo e maneira que se lhe apresentasse, fazer as coisas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

mais espantosas e insólitas para poder encontrar-se com Aquele que a sua alma ama.

**6.** Esta é a razão pela qual Maria Madalena, apesar da mesma estima que antes tinha, pouco se importou da multidão de homens que estavam no banquete, quer fossem importantes ou não, nem reparou se lhe ficaria bem ou não ir chorar e derramar lágrimas diante deles (Lc 7, 37 -38), para, sem esperar por outra hora e ocasião, poder ficar diante d' Aquele por quem a sua alma estava ferida e inflamada, Foi esta embriaguez e ousadia de amor que, ao saber que o seu Amado estava encerrado no túmulo com uma enorme pedra selada e cercado de soldados, - que vigiavam para que os seus discípulos O não roubassem (Mt 27, 60-66) não permitiu que alguma destas coisas a impedisse de ir lá, antes do romper da aurora, com unguentos a fim de O ungir (Jo 20, 1).

**7.** E, por fim, esta embriaguez e ânsia de amor levou-a a perguntar ao que julgava ser o encarregado do horto que lhe dissesse se foi ele que O tinha tirado e onde O tinha posto a fim de ela O ir buscar (Jo 20, 15).

Não reparou que aquela pergunta, feita no seu perfeito juízo e razão, era um disparate, porque, se O tivesse roubado, certamente não lho iria dizer, e muito menos O deixaria levar.

Mas, devido à força e veemência próprias do amor, parece-lhe que tudo é possível, e imagina que andam todos ocupados naquilo que ele se ocupa. Como não acredita que haja outra coisa para alguém se preocupar, nem procurar senão Aquele a quem ela procura e ama, julga que não há mais nada para desejar nem em que se ocupar senão aquilo, e que todos se ocupam com isso.

Foi por isso que a Esposa, quando saiu à procura do seu amado pelas praças e arredores, julgando que os outros faziam o mesmo, lhes pediu que, se o encontrassem, lhe dissessem que ela desfalecia de amor por ele (Cant 5, 8). Assim era a força do amor desta Maria: ela julgava que, se o encarregado do horto lhe dissesse onde O tinha escondido, iria lá e O levaria consigo, por mais que a proibissem.

**8.** São assim as ânsias de amor que esta alma vai sentindo, quando começa a avançar nesta purificação espiritual. Conforme as afeições da vontade, levanta-se de noite, isto é, durante estas trevas purificadores, e, com a ansiedade e a força dum leão ou urso que vai à procura das suas crias quando lhas roubaram e não as encontra (2 Sm 17, 8; Os 13, 8), anda esta alma ferida à procura do seu Deus; mas, como se encontra em trevas, sente-se sem Ele, estando a morrer de amor por Ele.

Este é aquele amor impaciente, em que o sujeito não pode estar muito tempo à espera de receber o que deseja, senão morre. Era assim o de Raquel pelos seus filhos quando disse a Jacob: *Dá-me filhos ou, então, morrerrei* (Gn30, 1).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**9.** É importante notar aqui como a alma, sentindo-se, nestas trevas purificadoras, tão miserável e tão indigna de Deus, seja tão ousada e atrevida para se unir com Deus. A razão é que o amor já lhe vai dando forças para O amar deveras, e é próprio do amor querer unir-se, juntar-se, igualar-se e assemelhar-se à coisa amada a fim de se aperfeiçoar no bem de amor. Daí que esta alma, não sendo perfeita no amor por ainda não ter atingido a união, sinta fome e sede do que lhe falta, que é a união; juntando-lhe a força que o amor já imprimiu na vontade ao deixá-la apaixonada, torna-se ousada e atrevida conforme à inflamação da vontade; no entanto, em relação ao entendimento, por estar às escuras e não ilustrado, sente-se indigna e reconhece-se miserável.

**10.** Não quero deixar de indicar aqui a razão pela qual esta luz divina, embora sendo sempre luz para a alma, não lhe dá luz logo que nela investe, como fará depois, mas antes lhe causa as trevas e os tormentos que já referimos. Disto já se falou alguma coisa antes; no entanto, responde-se a este pormenor dizendo que as trevas e os outros males que a alma sente quando esta luz divina investe não são trevas nem males da luz, mas da própria alma; e a luz ilumina-a para que as veja.

Portanto, esta divina luz dá-lhe logo luz. Com a luz, a alma vê primeiramente o que está mais perto de si, ou melhor dizendo, dentro de si, que são as trevas ou misérias; agora vê-as pela misericórdia de Deus, e antes não as via porque não investia nela esta luz sobrenatural. Esta é a razão pela qual ao princípio só vê trevas e males; contudo, depois de purificada deste modo de conhecer e sentir, terá olhos para ver nesta luz os bens da luz divina. Uma vez afastadas todas estas trevas e sentimentos da alma.

Vão surgindo os grandes bens e proveitos que a alma vai conseguindo nesta ditosa noite da contemplação.

**11.** Então, pelo que fica dito, compreende-se a mercê que Deus aqui faz à alma: com esta forte lixívia e amarga purga, limpa-a e cura-a, tanto na parte sensitiva como na espiritual, de todos os apegos e hábitos imperfeitos que tinha acerca do temporal e do natural, do sensitivo e do espiritual; obscurece-lhe as potências interiores e deixa-as totalmente vazias; espreme e seca-lhe os apegos sensitivos e espirituais; diminui e atenua-lhe as forças naturais da alma para tudo isso coisa que a alma por si só nunca conseguiria, como diremos a seguir desta maneira, depois de a despir e despojar de suas antigas vestes, Deus fá-la morrer a tudo o que naturalmente não é Deus para a poder ir revestindo de novo. *Assim, rejuvenesce como a águia (Sl 102, 5), revestindo-se do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, como diz o Apóstolo (Ef 4, 24).*

Isto significa tão só a iluminação do entendimento pela luz sobrenatural, para que o entendimento se transforme de humano em divino em união com o divino. É pela mesma razão que comunica à vontade o amor divino para que, tornando-se uma mesma coisa com a vontade divina, já não possa ser senão divina e não ame

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

senão divinamente. O mesmo acontece com a memória. E o mesmo se diga em relação aos afectos e apetites, os quais se converteram todos divinamente em conformidade com Deus.

Portanto, esta alma já é mais do céu, mais celestial, mais divina do que humana.

Tudo isto, como se foi vendo através do que dissemos; vai realizando e operando Deus na alma por meio desta noite, ou seja, ilumina-a e inflama-a divinamente só com ânsias de Deus e nada mais. Compreende-se, portanto, ser justo e razoável que a alma acrescente logo a seguir o terceiro verso da canção, que diz:

*Ó ditosa ventura!*

### CAPÍTULO 14

**1.** Ela foi *ditosa ventura* pelo que se diz logo nos versos a seguir: *sai sem ser notada, l estando já a minha casa sossegada*. A metáfora é tomada daquele que, para melhor realizar a sua façanha, sai de sua casa de noite, às escuras, estando já os seus a dormir, de modo a não ser já estorvado por ninguém.

Assim como esta alma teve de sair de casa para concretizar um evento tão heróico e admirável, isto é, juntar-se lá fora ao seu divino Amado, uma vez que se encontra sozinho lá fora, na solidão, - por isso a Esposa o queria encontrar sozinho: *Quem dera fosses meu irmão! Ao encontrar-te na rua beijar-te-ia, sem censura de ninguém!* (Cant 8, 1) -, também à alma enamorada convinha fazer o mesmo para alcançar o fim desejado: sair de noite, quando todos os seus familiares já estão a dormir e sossegados, isto é, quando as operações baixas, as paixões e os apetites da sua alma, que são a gente da casa, já estão adormecidas e apagadas por causa desta noite. Se estivessem acordados, sempre estorvariam a alma, pois são inimigos de a ver procurar em liberdade os seus bens.

Estes seus *familiares são os inimigos do homem*, como diz o nosso Salvador no Evangelho (Me 10, 36). Nesta noite, portanto, convinha que as suas operações e movimentos estivessem adormecidos, para não impedirem a alma dos bens sobrenaturais da união de amor com Deus, a qual não se pode dar enquanto estiverem acordados e activos.

Qualquer das suas acções e movimentos naturais em vez de ajudar antes estorva a alma a receber os bens espirituais da união de amor, porque toda a sua capacidade natural fica limitada para os bens sobrenaturais que Deus, somente pela sua infusão, põe na alma, passiva e secretamente, em silêncio. Assim, é necessário que as potências permaneçam também em silêncio e passivamente para os receber, sem intrometer aí a sua baixa operação e vil inclinação.

**2.** Para esta alma, portanto, foi uma ditosa ventura que Deus, nesta noite, lhe tivesse adormecido todo o pessoal doméstico da sua casa, ou seja, todas as potências, paixões, afectos e apetites que nela vivem tanto na parte sensitiva como



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

na espiritual. Assim, sem ser notada, isto é, sem ser travada por estes afectos, etc. ela pode chegar à união espiritual do perfeito amor de Deus, porque estando eles adormecidos e mortificados nesta noite, ficaram às escuras sem notar nem sentir o seu baixo natural, e assim não estorvam a alma de sair de si mesma e da casa da sensualidade.

**3.** E que ditosa ventura não é para a alma poder livrar-se da casa da sensualidade! A meu ver, só a alma que passou por isto é que o pode compreender bem. Ao ver claramente o mísero cativo em que vivia e a quantas misérias se sujeitava quando dominada pela acção das suas potências e apetites, compreenderá como a vida do espírito é verdadeira liberdade e riqueza que arrasta consigo inestimáveis bens, como os que iremos anotando nas canções que se seguem. Também de forma mais clara, veremos quanta razão tem a alma para cantar como ditosa ventura a passagem por esta terrível noite, da qual acabámos de falar.

CAPÍTULO 15

SEGUNDA CANÇÃO

*As escuras, segura,  
Pela secreta escada, disfarçada,  
Oh ditosa ventura!  
No escuro e ocultada,  
Estando a minha casa sossegada.*

EXPLICAÇÃO

**1.** Nesta canção, a alma canta ainda algumas propriedades da escuridão desta noite, repetindo a feliz dita que delas recebeu. Di-las para responder a uma certa objecção tácita: não se pense que, por haver sofrido nesta noite e escuridão uma tão grande tempestade de angústias, dúvidas, receios e horrores, como se disse antes, corria por isso maior risco de se perder. Pelo contrário, foi a escuridão desta noite que a salvou; foi através dela que se libertou e fugiu subtilmente dos seus inimigos, que sempre lhe impediam o caminho.

Na escuridão da noite tinha mudado de roupa e ia disfarçada com três libras e cores, das quais falaremos depois, e por uma *mui secreta escada*, que ninguém da casa conhecia, a qual, como também a seu tempo anotaremos, é a fé viva. Para concretizar com perfeição a sua façanha saiu através dela *no escuro e ocultada*; e saiu com grande segurança porque, sobretudo nesta noite purificadora, os apetites, afectos, paixões, etc., da sua alma já estão adormecidos, mortificados e extintos. Se estivessem despertos e activos não o teriam consentido. Daí, portanto, o verso que diz:

*Às escuras, segura.*

CAPÍTULO 16

*[Explica como, indo às escuras, a alma vai segura.]*

**1.** A *escuridão* de que fala aqui a alma, como dissemos, é a dos apetites e potências sensitivas, interiores e espirituais, porque, nesta noite, todas se obscurecem na sua luz natural; e, purificando-se acerca dela, podem ser iluminadas sobrenaturalmente. Os apetites sensitivos e espirituais estão adormecidos e aplacados, ou seja, sem poder saborear coisa alguma divina ou humana. Os afectos da alma, constrangidos e angustiados, não conseguem mover-se para ela nem apoiar-se em nada. A imaginação fica presa, sem poder discorrer nada de bom; a memória, gasta; o entendimento, entenebrecido, sem nada poder entender; daí, a vontade ficar seca e oprimida, tal como as potências vazias e ineficazes. Além de tudo isto, ainda paira

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sobre a alma uma espessa e densa nuvem, que a mantém angustiada e alheada de Deus. Deste modo, *às escuras*, diz a alma que ia *segura*.

**2.** A razão disto explica-se muito bem: a alma, normalmente, só erra por meio dos seus apetites, gostos, raciocínios, conhecimentos e afectos; geralmente é neles que se excede ou falta, se altera ou desatina, cede e inclina-se ao que não convém. Uma vez impedidas todas estas operações e movimentos, está claro que a alma fica segura em não errar por eles. Além disso, liberta-se de si mesma e dos outros inimigos, - o mundo e o demónio -, os quais, extintos os afectos e operações da alma, não lhe podem fazer guerra por qualquer outro lado ou maneira.

**3.** Daqui se conclui que, quanto mais às escuras e livre das suas operações naturais for a alma, tanto mais segura vai. É como diz o profeta: *a perdição da alma provém só dela mesma*, isto é, das suas operações e apetites interiores e sensitivos, *e o bem*, diz Deus, *somente de mim* (Os 13, 9).

Portanto, estando a alma livre dos seus males, só lhe resta esperar em seus apetites e potências os bens imediatos da união com Deus, na qual se transformarão em divinas e celestiais. Se, enquanto duram estas trevas, a alma quiser reparar nisso, constatará quão poucas vezes o apetite e as potências se desviam para coisas inúteis e danosas, e quão livre se sente de vanglória, soberba, vã presunção, falsa alegria, e outras muitas coisas.

Então, conclui-se facilmente daqui que a alma, indo às escuras, além de não ir perdida, vai muito favorecida, porque vai ganhando virtudes.

**4.** Porém surge logo aqui uma dúvida: então, se as coisas de Deus são boas para a alma, se lhe trazem proveito e segurança, porque é que, nesta noite, Deus lhe obscurece os apetites e as potências também acerca destas coisas boas, sem que a alma as possa gozar, nem acolher como as outras, e até de alguma maneira ainda menos? Nessa altura, responde-se, é conveniente à alma não ter qualquer operação ou gosto acerca das coisas espirituais, porque traz as potências e os apetites impuros, baixos e muito naturais.

Por isso, ainda que dêem a estas potências o sabor e o acolhimento das coisas sobrenaturais e divinas, elas só as poderiam receber ao seu modo, isto é, muito baixa e naturalmente. Porque, como diz o Filósofo, *tudo o que se recebe, ao modo do recipiente se recebe*.

E como estas potências naturais não têm pureza, nem força e capacidade para receber e saborear as coisas sobrenaturais segundo o seu modo, que é o divino, recebem-nas segundo o seu que, como dissemos, é humano e baixo.

Convém-lhes, portanto, ficar também às escuras acerca do divino, para que, desmamadas, purificadas e anuladas em primeiro lugar nele, percam esse outro baixo e humano modo de receber e actuar; assim, todas estas potências e apetites da alma ficarão preparadas e dispostas para receber, sentir e saborear as coisas

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

divinas e sobrenaturais de um modo profundo e sublime. Mas para isto acontecer tem de morrer primeiro o homem velho (Cl 3, 9).

**5.** Por conseguinte, se *toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes* (Tg 1, 17) sobre o arbítrio e o desejo humano, ainda que se exercite muito o gosto e as potências do homem nas coisas de Deus e julguem gozá-las muito, certamente não será de maneira divina e espiritual, mas humana e natural, como as outras coisas, porque os dons não sobem do homem até Deus, mas descem de Deus até ao homem.

Se fosse aqui o momento oportuno, poderíamos dizer a este propósito o seguinte: há pessoas que sentem muitos gostos; afectos e movimentos nas suas potências acerca de Deus ou coisas, espirituais; julgarão talvez que seja algo sobrenatural e espiritual, quando, possivelmente, isso não passa de actos e apetites bem naturais e humanos.

Assim como os têm dispostos para outras coisas, também os têm para essas dádivas, devido a certa facilidade natural que têm em mover o apetite e as potências para qualquer coisa.

**6.** Se, por ventura, nos aparecer mais adiante alguma possibilidade, voltaremos a falar disto; lá indicaremos alguns sinais para distinguir, na relação com Deus, quando os movimentos e acções interiores da alma são naturais, ou espirituais, ou ambos ao mesmo tempo. Por agora basta saber o seguinte: para que os actos e os movimentos interiores da alma venham a ser movidos divinamente por Deus, hão-de ficar primeiro às escuras e adormecidos, sossegados na sua capacidade e actividade natural até desfalecerem.

**7.** Portanto, ó alma espiritual, quando vires obscurecido o teu apetite, os teus afectos secos e na angústia e as tuas potências incapazes de realizar qualquer exercício interior, não te entristeças, mas vê antes nisso uma bênção.

Deus está a libertar-te de ti mesma, deixando-te de mãos vazias; por muito bem que trabalhassem, não farias com elas obra tão completa, perfeita e segura por causa da sua impureza e ignomínia. Agora é Deus que te leva pela mão e te guia na escuridão, como a um cego, por onde e para onde não sabes; com os teus olhos e pés, por muito que andassem, nunca atinarias com o caminho.

**8.** Uma outra *razão* de a alma ir *segura*, quando vai assim *às escuras*, e com grande lucro e proveito, é a seguinte: geralmente a alma vai renovando-se e aproveitando mais por onde menos entende e, muitas vezes, pensando até que se vai perdendo.

Como ela nunca havia experimentado essa novidade que a faz sair, deslumbrar e desatinar com o seu primeiro modo de proceder, julga então que, em vez de ir acertando e ganhando, vai perdendo, porque vê fugir-lhe o que antes sabia e gozava, e ir por onde não sabe nem goza.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Assemelha-se ao viandante que, para chegar a terras que nunca viu nem conheceu, percorre caminhos novos desconhecidos e sem calcorrear, não se guiando pelo que antes sabia mas pela dúvida e por aquilo que os outros dizem. Certamente que não poderia chegar a novas terras, nem saber mais do que antes, se não trilhasse caminhos novos e desconhecidos, abandonando os que conhecia.

De igual modo, às escuras anda sempre quem se dedica a saber mais detalhes de um ofício ou arte; e não é por causa do que já sabia, pois, senão o ultrapassasse, nada mais aprenderia ou aproveitaria. Assim, também, o proveito da alma é maior quando vai às escuras e sem saber.

Deus, como dissemos, é o mestre e o guia deste cego, que é a alma; e uma vez que ela já compreendeu isto, pode verdadeiramente alegar-se e dizer: *Às escuras e segura*.

**9.** Outra *razão* de a alma ir *segura* nestas trevas está em que ia padecendo.

O caminho do padecer é mais seguro e proveitoso que o do gozo e do fazer; *em primeiro lugar*, porque ao padecimento junta-se a força de Deus, enquanto que no fazer e gozar a alma desenvolve as suas próprias fraquezas e imperfeições; *em segundo lugar*, porque no padecer vão-se praticando e adquirindo virtudes, a alma purifica-se e torna-se mais sábia e cautelosa.

**10.** Existe, no entanto, outra *razão mais importante* para a alma ir aqui *às escuras e segura*, proveniente dessa luz ou sabedoria escura. Esta noite escura da contemplação absorve e acomoda a si de tal maneira a alma, deixando-a tão perto de Deus, que a protege e livra de tudo o que não é Deus.

E, como a alma está aqui para se curar e recuperar a saúde, que é o próprio Deus, Sua Majestade mantém-na em dieta e abstinência de todas as coisas, com o apetite dissipado para todas elas. É o que se faz em casa para curar um doente muito estimado: protegem-no muito bem lá dentro, não o deixando apanhar correntes de ar ou ver a luz, nem sentir os passos ou ruído dos de casa; a comida é muito leve e por medida, mais substancial que saborosa.

**11.** Todas estas propriedades, que guardam e dão segurança à alma, são causadas por esta escura contemplação, porque a põe mais perto de Deus. Quanto mais a alma se aproxima d'Ele, mais densas trevas experimenta e mais profunda é a escuridão devido à sua fraqueza. É como quem se aproximasse muito do sol: o seu potente brilho iria causar-lhe maior obscuridade e sofrimento, por causa da fragilidade e impureza dos seus olhos. Assim, também, a luz espiritual de Deus é tão intensa e excede de tal maneira o entendimento natural, que, ao aproximar-se, cega e obscurece a alma.

Esta é a razão pela qual, no salmo 17, David diz que Deus *fez das trevas o seu véu e por tenda tomou as águas turvas e as nuvens densas* (v. 12). Estas águas turvas e nuvens densas significam a escura contemplação e sabedoria divina na alma, como

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

vimos dizendo; e quanto mais Deus a vai unindo a Si, mais ela as sente como algo próximo d'Ele, como a tenda onde Ele habita. Deste modo, o que em Deus é luz e esplendor, é para o homem densa treva, como diz S. Paulo (1 Cor 2, 14), e como David também explica no mesmo salmo 17: *Ao resplendor da sua presença, as nuvens deixam cair granizo e carvões ardentes* (v. 13), ou seja, para o entendimento natural; cuja luz, segundo afirma Isaías no capítulo 5, *obtenerata est in caligine eius* (v. 30).

**12.** Oh t'riste sorte de vida, onde com tanto perigo se vive e com tanta dificuldade se conhece a verdade! O que é mais claro e verdadeiro é para nós o mais escuro e duvidoso; por isso, sendo embora o que mais nos convém, fugimos dele. O que mais brilha e nos enche os olhos é o que mais queremos e nos atrai; no entanto, é o que menos convém e, a cada passo; nos cega. Como é grande o perigo e o temor em que vive o homem! A própria luz natural dos seus olhos, pela qual se há-de guiar, é a primeira a fasciná-lo 'e a enganá-lo no caminho para Deus; e se quiser acertar em ver por onde vai, precisa de ir com os olhos fechados e às escuras a fim de não ser impedida pelos inimigos domésticos da sua casa, que são os seus sentidos e potências!

**13.** A alma, portanto, encontra-se aqui bem escondida e defendida nestas águas turvas, que estão junto de Deus. E, assim como elas servem de tenda e morada para Deus, também funcionarão para a alma como perfeita defesa e segurança, embora seja na escuridão onde, como dissemos, se esconde e protege melhor de si mesma e de todos os danos das criaturas. Deles se compreende o que, também noutro salmo, diz David: *Ao abrigo da vossa face Vós os defendeis das maquinações dos homens; no vosso tabernáculo Vós os escondéis das línguas provocadoras* (Sl 30, 21).

Por aqui se compreende todas as espécies de amparo, porque *estar escondidos pela face de Deus de todas as maquinações dos homens* é estar fortalecidos por esta escura contemplação contra todas as ocasiões que lhe possam advir por parte dos homens; e *estar protegidos no seu tabernáculo das línguas provocadoras* significa que a alma está toda mergulhada nestas águas turvas, que, como dissemos, é a tenda a que se refere David.

Portanto, tendo a alma todos os seus apetites e afectos desmamados, e as potências obscurecidas, está livre de todas as imperfeições que contrariam o espírito, tal como da sua própria carne e das demais criaturas. Daí, esta alma poder dizer perfeitamente que vai *às escuras e segura*.

**14.** Existe ainda outra razão, não menos eficaz que a anterior, para se compreender bem como essa alma *às escuras vai segura*: é a fortaleza que esta escura, penosa e nebulosa água de Deus dá à alma. Enfim, apesar de nebulosa, é água e, por isso, não deixará de alimentar e fortalecer a alma no que mais lhe convém, embora às escuras e penosamente.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A alma experimenta imediatamente em si uma verdadeira determinação e eficácia para não fazer nada do que entenda ser ofensa a Deus, e fazer tudo o que julgar ser do Seu agrado.

Aquele obscuro amor inflama-se nela com um cuidado de vigilância muito grande e uma solicitude interior acerca do que poderá fazer ou não para contentar a Deus, examinando tudo muito bem para ver se foi causa para O desgostar. Tudo isto faz com maior cuidado e solicitude do que antes, quando se falou sobre as ânsias de amor. Aqui, todos os apetites, forças e potências da alma já estão desapegados de todas as outras coisas, empregando toda a sua propensão e força somente em obséquio do seu Deus.

É assim, *às escuras e segura*, que a alma sai de si, e de todas as criaturas, para a doce e afável união de amor com Deus.

### CAPÍTULO 17

*[Explica-se como esta escura contemplação é secreta. Pela secreta escada, disfarçada.]*

**1.** É conveniente explicar *três propriedades* que as três palavras do presente verso contêm. As duas primeiras, - *secreta* e *escada*-, pertencem à noite escura da contemplação, da qual vimos a falar; a *terceira*, isto é, *disfarçada*, diz respeito à 'alma pelo modo como vai nesta noite.

Antes de mais é preciso saber que *secreta escada* é o nome que, neste verso, a alma dá a esta escura contemplação pela qual vai caminhando para a união de amor; e chama-lhe assim devido a estas duas propriedades que contém, ou seja, é *secreta* e faz de *escada*. Delas falaremos depois em particular.

**2.** A esta escura contemplação chama em primeiro lugar *secreta*, porquanto, como já dissemos, esta é a teologia mística, a quem os teólogos chamam secreta sabedoria, que, segundo S. Tomás, se comunica e infunde na alma por amor.

Tudo é feito secretamente, às escondidas, sem qualquer actuação do entendimento e das demais potências. E chama-se secreta porque não são as potências que a atingem, mas é o Espírito Santo que a infunde e dispõe na alma, como diz a Esposa no Cântico dos Cânticos (Cant 2, 4), sem ela saber nem entender como. Mas não é só ela; na verdade, ninguém o sabe, nem sequer o demónio.

O Mestre que a transmite vive substancialmente dentro da alma, onde o demónio, os sentidos naturais e o entendimento não podem chegar.

**3.** Não é só por isto que se chama secreta, mas também pelos efeitos que causa na alma. E não é somente nas trevas e angústias da purificação, quando esta sabedoria de amor purifica a alma, que ela é secreta, não sabendo a alma dizer nada sobre ela; mais tarde, na iluminação, quando esta sabedoria é transmitida mais claramente, é-lhe tão secreta que é impossível à alma falar dela ou dar-lhe um nome.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A alma, além de não ter vontade alguma em falar dela, também não encontra modo, maneira ou comparação que fosse capaz de significar um conhecimento tão excelente e um sentimento espiritual tão delicado. Por conseguinte, por muito que o quisesse manifestar, e por mais significados que apresentasse, permaneceria sempre secreto e por dizer.

Esta sabedoria interior é demasiado simples, geral e espiritual; e não entrou no entendimento encoberta ou disfarçada de qualquer aparência ou imagem dependente dos sentidos. Então, porque não entrou por eles nem eles pressentiram a cor do seu traje, os sentidos e a imaginação não sabem cogitar nem imaginar nada dela; a alma, porém, vê claramente que entende e goza aquela saborosa e peregrina sabedoria.

Isto assemelha-se a quem vê uma coisa que nunca viu, e nunca viu nada que se lhe compare; ou seja, vê-a e goza-a, mas, por muito que se esforce, não lhe sabe dar um nome ou dizer o que é, apesar de ser algo captado pelos sentidos.

Então, muito menos se poderá manifestar o que não entrou por eles! Na verdade, isto é próprio da linguagem de Deus: ao ser muito íntima e espiritual para alma, excedendo todos os sentidos, imediatamente faz cessar e emudecer toda a harmonia e aptidão dos sentidos exteriores e interiores.

### 4. Sobre isto encontramos na Sagrada Escritura provas e exemplos.

Jeremias mostrou a incapacidade exterior de comunicar e falar quando, depois de Deus lhe ter falado, apenas soube dizer *a, a, a* (Jr I, 6). A incapacidade interior, isto é, do sentido interior da imaginação, bem como a do exterior, manifestou-a Moisés diante de Deus na sarça (Ex 4, 10) quando disse ao Senhor que não sabia nem era capaz de falar depois de Ele lhe ter falado; e até, segundo os Actos dos Apóstolos (Act 7, 32), nem se atrevia a reflectir com a imaginação interior, porque julgava a imaginação muito longe e muda para architectar algo daquilo que entendia de Deus, e sem capacidade para o receber.

Daí que, sendo a sabedoria desta contemplação uma comunicação de Deus à alma entre espíritos puros, tudo o que for inferior ao espírito, como são os sentidos, não a recebe. Nesse caso, ela permanece secreta e eles não sabem nem conseguem falar dela; e também não querem porque não vêem o modo de o fazer.

### 5. Agora já podemos perceber a razão pela qual algumas pessoas que seguem por este caminho, sendo almas boas e tímidas, gostariam de contar a quem as orienta o que lhes sucede, mas não sabem nem conseguem.

Por isso sentem uma grande repugnância em dizê-lo, sobretudo quando a contemplação é um pouco mais singela e a própria alma mal a sente. Só sabem dizer que a alma está satisfeita, em paz e contente, ou que sentem a Deus e que, no seu parecer, estão bem; mas, não há qualquer palavra sobre o que se passa na alma e não lhe conseguirão arrancar senão termos gerais semelhantes a estes. Coisa bem



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

diferente dá-se quando as coisas da alma são particulares, por exemplo visões, sentimentos, etc.

Normalmente, recebem-se de um modo em que os sentidos participam nelas e, assim, sob esse modo, ou outro semelhante, já se pode dizer.

Mas não é em razão da pura contemplação, porque, como dissemos, é indizível e, por isso, se chama *secreta*.

**6.** Não é só por isso que se chama e é *secreta*, mas porque esta sabedoria mística tem também a propriedade de esconder a alma em si. Para além do comum; às vezes absorve-a e esconde-a de tal maneira em seu abismo secreto; que a alma começa a ver claramente que está muitíssimo afastada e longe de qualquer criatura.

Ela sente que a deixaram numa profunda e enorme solidão, onde nenhuma criatura humana é capaz de chegar. E como se fosse um imenso deserto onde não aparecem limites por lado nenhum, e quanto mais profundo, amplo e solitário se torna mais delicioso, saboroso e amoroso é. A alma, portanto, sente-se muito secreta porque elevada acima de todas as criaturas temporais.

Este abismo de sabedoria eleva e enaltece tanto a alma, introduzindo-a nas fontes da ciência do amor, que lhe faz ver quão baixa é a condição da criatura acerca deste supremo saber e sentir divino, quão baixos, limitados e de certa maneira impróprios são os termos e vocábulos que se usam nesta vida para as coisas divinas, e como, por via e modo natural, é impossível chegar a conhecê-las e experimentá-las verdadeiramente sem a luz desta *mística teologia*, mesmo que delas se fale de uma maneira muito sublime e sábia. Nessa luz a alma experimenta como é verdade não se poder atingir e menos ainda expressar por palavras vulgares e humanas, por isso, com toda a razão, lhe chama *secreta*.

**7.** Esta divina contemplação contém esta propriedade de ser secreta e superior à capacidade natural não só por ser sobrenatural mas porquanto também é via que conduz e leva a alma às belezas da união com Deus. E como elas humanamente não podem ser conhecidas, tem de se caminhar para elas humanamente não sabendo e divinamente ignorando.

Falando misticamente como agora o estamos a fazer, as coisas e as belezas divinas não se conhecem nem se compreendem verdadeiramente enquanto são procuradas e praticadas, mas só depois de encontradas e praticadas. Sobre esta Sabedoria divina diz o profeta Baruc: *Ninguém conhece os seus caminhos, ninguém descobre as suas veredas* (Br 3, 31 ). E o profeta real, falando com Deus, diz acerca deste caminho da alma: *Os relâmpagos iluminaram o universo, a terra vacilou e tremeu. Abristes o caminho através do mar, uma rota no fundo das águas, e ninguém descobriu os vossos vestígios* (Sl 76, 19-20).

**8.** Espiritualmente falando, tudo isto se aplica ao que vamos dizendo.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Por *relâmpagos de Deus que iluminaram o universo* significam a luz que esta divina contemplação dá às potências da alma; *a terra vacilou e tremeu* é a penosa purificação que nela realiza. Dizer que *a via e o caminho de Deus*, por onde a alma chega até Ele, *é através do mar, por uma rota no fundo das águas, e que ninguém descobre os seus vestígios*, significa que este caminho de chegar a Deus é tão secreto e escondido ao sentido da alma 37 como o é ao sentido do corpo o caminho feito pelo mar, cujas sendas e vestígios não se conhecem. Os passos e os vestígios que Deus vai deixando nas almas que quer unir a Si, engrandecendo-as na união da sua Sabedoria, têm a propriedade de não serem conhecidos.

Por isso, o Livro de Job, para enaltecer este assunto, faz a seguinte pergunta: *Conheces, acaso, a lei do equilíbrio das nuvens, prodígio de ciência infinita?* (Jb 37, 16) As nuvens significam aqui as vias e os caminhos por onde Deus vai enaltecendo e aperfeiçoando as almas na sua sabedoria. Portanto, esta contemplação, que vai guiando a alma para Deus, é *secreta sabedoria*.

## CAPÍTULO 18

*[Explica-se como esta secreta sabedoria também é escada.]*

**1.** Resta agora explicar a *segunda palavra*, isto é, como esta secreta sabedoria também é *escada*. É conveniente saber a este propósito que há várias razões para chamarmos *escada* a esta secreta contemplação.

*Em primeiro lugar*, assim como pela escada se sobe para atingir os bens, os tesouros e as coisas dos castelos, assim também a alma, sem se saber como, sobe por meio desta secreta contemplação para lograr, conhecer e possuir os bens e tesouros do céu. É o que dá a entender o profeta real quando diz: *Felizes os que em Vós encontram a sua força, os que trazem no coração os caminhos do santuário. Ao atravessar o vale seco, transformam-no em oásis, que logo as primeiras chuvas cobrirão de bênçãos. Vão caminhando de virtude em virtude, como de degrau em degrau, até ver a Deus dos deuses em Sião* (Sl 83, 12-13).

Deus é o tesouro da fortaleza de Sião, que representa a bem-aventurança.

**2.** Também lhe podemos chamar *escada* porque, tal como na escada, os mesmos degraus tanto servem para subir como para descer. Assim também nesta secreta contemplação, as comunicações feitas à alma tanto a elevam até Deus como a humilham a si própria. As comunicações que são verdadeiramente de Deus têm a propriedade de, ao mesmo tempo, elevar e humilhar a alma. Neste caminho, descer é subir, e subir é descer, porque *todo aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado* (Lc 14, 11). E, para além da virtude da humildade ser uma grandeza, Deus, para exercitar nela a alma, costuma obrigá-la –a subir por esta escada para que desça, e obrigá-la a descer para que suba.

Assim se cumpre a palavra do Sábio: *A alma antes de ser exaltada, é humilhada; e antes de ser humilhada, é exaltada* (Pr 18, 12).

**3.** Falando agora naturalmente, a alma, se prestar atenção, dar-se-á conta de que assim é. Pondo de lado o espiritual que não se sente, verá quantos altos e baixos sofre neste caminho. Depois da prosperidade que goza, surge imediatamente alguma tempestade e trabalho; por isso, julga que lhe deram aquela bonança para a prevenir e fortalecer para a penúria seguinte.

Depois da miséria e da tormenta, vem a abundância e a bonança; por isso, a alma julga que, para lhe fazerem aquela festa, a puseram primeiro naquela vigília. Com efeito, o estilo e exercício normal do estado de contemplação até alcançar o estado de quietude é este: nunca permanecer no mesmo estado, mas estar sempre a subir e a descer.

**4.** E a razão disto está em que o estado de perfeição, que consiste no perfeito amor de Deus e no abandono de si mesmo, não pode estar senão nestas duas partes, ou seja, no conhecimento de Deus e de si mesmo; então a alma, necessariamente, há-

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

de ser primeiramente exercitada num e noutro bando-lhe a saborear o primeiro ela é exaltada, fazendo-a provar o segundo, é humilhada. Quando chega a adquirir os hábitos perfeitos, este subir e descer acaba, pois já chegou à união com Deus, que se encontra no fim desta escada. É n'Ele que ela se apoia e se firma.

Esta escada da contemplação, que, como dissemos, descende de Deus, assemelha-se àquela que Jacob viu num sonho; por ela subiam e desciam anjos de Deus até ao homem e do homem até Deus, que se firmava no cimo da escada (Gn 28, 12).

A Sagrada Escritura diz que tudo isto acontecia de noite, enquanto Jacob dormia, para mostrar quão secreto e diferente do saber humano é este caminho de ascensão para Deus. Isto está bem de ver, porque, normalmente, o que nele existe de maior proveito, que é o perder-se e humilhar-se a si mesmo, é tido como o pior; e o que menos vale, que é encontrar o seu consolo e gosto, nos quais geralmente perde mais do que ganha, se nisso se empenha, tem-no como o melhor.

**5.** Mas, falando agora um pouco mais substancialmente sobre esta escada da contemplação secreta, diremos que a propriedade principal pela qual se chama *escada* é por ser a contemplação ciência de amor, que, como dissemos, é ciência infusa e amorosa de Deus. Ela vai iluminando e enamorando a alma ao mesmo tempo, fazendo-a subir degrau a degrau até chegar a Deus, seu Criador, porque só o amor une e junta a alma com Deus.

Portanto, para que isto fique mais claro, vamos apontar agora os degraus desta escada divina. Indicaremos rapidamente os sinais e os efeitos de cada um deles, para que a alma possa avaliar em qual se encontra.

Assim, vamos distingui-los pelos seus efeitos, como faz S. Bernardo e S. Tomás, pois pela via natural é impossível conhecê-los; como dissemos antes, esta escada de amor é tão secreta que só Deus a pode medir e avaliar.

CAPÍTULO 19

[*Apresentam-se os cinco primeiros degraus da escada de amor.*]

**1.** Os degraus desta escada de amor, por onde a alma vai subindo de degrau em degrau até Deus, são dez.

O primeiro degrau de amor faz adoecer a alma com proveito. Deste degrau de amor fala a Esposa, quando diz: *Eu vos conjuro, mulheres de Jerusalém: se encontrardes o meu Amado sabeis o que dizer-lhe? Que eu desfaleço de amor* (Cant 5, 8). *Esta doença, no entanto, não é de morte, mas sim para a glória de Deus* (Jo 11, 4); porque, nesta doença, a alma morre ao pecado por amor de Deus e a tudo o que não é Deus, como testemunha David: *A minha alma suspira pela vossa salvação* (Sl 118, 81).

Assim como o doente perde o apetite e o gosto por qualquer manjar e muda de cor, assim também, neste degrau de amor, a alma perde o gosto e o apetite de tudo e muda, como amante, a cor e circunstâncias da vida passada. Mas a alma não sofre esta doença sem que do alto lhe seja enviado o excesso de calor, como dá a entender David por meio deste verso que diz: *Pluviam voluntariam segregabis, Deus, haereditati tuae, et infirmata est*, etc. [Fizestes cair, ó Deus, a chuva com abundância, restaurastes as forças à tua herança extenuada] (Sl 67, 10).

Esta doença e desfalecimento por todas as coisas é o princípio e o primeiro degrau para chegar até Deus. Dele já falamos o suficiente, quando apresentamos a desolação em que a alma se vê ao entrar nesta escada contemplativa de purificação, sem encontrar gosto, apoio, consolação ou descanso em nada. Assim, deste degrau passa logo para o segundo.

**2.** O segundo degrau faz com que a alma procure a Deus sem cessar.

Segundo o primeiro degrau, a Esposa encontrava-se a desfalecer; mas, procurando-o de noite em seu leito e não o tendo encontrado, exclama: *Vou levantar-me e procurarei aquele que o meu coração ama* (Cant 3, 2).

Como foi dito, é isto o que a alma agora faz sem cessar, como recomenda David dizendo: *Procurai sempre a face de Deus*, procurando-O em todas as coisas sem se fixar em nenhuma até O encontrar. Assim fez a Esposa: perguntou por Ele aos guardas, mas seguiu logo em frente e deixou-os (Cant 3, 3-4). E Maria Madalena nem sequer nos anjos do sepulcro reparou (Jo 20, 14).

Neste degrau, a alma anda tão ansiosa que busca o Amado em tudo.

Quando pensa, pensa no Amado; quando fala e trata dos assuntos que lhe surgem, logo fala e trata do Amado; quando come, dorme, vela, ou faz qualquer outra coisa, toda a sua atenção está no Amado, como se disse quando falámos das ânsias de amor.

Com o amor deste segundo degrau, a alma vai melhorando e recuperando forças, subindo logo para o terceiro degrau através de algum degrau de nova

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

purificação na noite, como diremos à frente, o qual produz na alma os efeitos que se seguem.

3. O *terceiro* degrau da escada amorosa é o que faz a alma actuar e lhe dá calor para não fraquejar. Dele fala o Profeta real, dizendo: *Feliz o homem que teme ao Senhor, e ama ardentemente os seus preceitos* (Sl 111, 1).

Portanto, se o temor, por ser filho do amor, lhe causa este forte desejo, o que não fará então o amor! Neste degrau, devido ao fogo de amor que já vai ardendo, a alma considera como pequenas e poucas as grandes e muitas obras que faz pelo Amado, e como pouco o muito tempo que lhe dedica. Assim Jacob, devido à grandeza do amor, entendia como poucos os sete anos que serviu além dos sete primeiros (Gn 29, 20). E se o amor de Jacob, sendo apenas de criatura, é tão poderoso, como será, então, o do Criador quando, neste terceiro degrau, se apodera da alma?

Devido ao imenso amor que a alma sente para com Deus, muito se lamenta aqui e sofre pelo pouco que faz por Ele; se fosse lícito morrer mil vezes por Ele, ficaria consolada: Por isso, considera-se como inútil em tudo o que faz, e julga viver em vão.

É aqui que surge outro efeito extraordinário, considerando-se a si mesma: como a pior de todas as almas. *Por um lado*, o Amor vai-lhe revelando aquilo que Deus merece; *por outro lado*, considera defeituosas e imperfeitas todas as obras que faz por Deus - e são muitas - por isso enche-se de confusão e pena por ver a sua maneira de agir tão baixa em comparação com tão grande Senhor. Neste terceiro degrau, a alma encontra-se já bem longe de sentir vaidade ou presunção, ou de condenar o próximo. São estes solícitos efeitos, bem assim como muitos outros do mesmo género, que este terceiro degrau produz na alma, dando-lhe coragem e força para subir até ao seguinte degrau, que é o quarto.

4. O *quarto* degrau desta escada de amor é o que produz na alma, por causa do Amado, um sofrimento permanente sem se cansar. Porque, como diz Santo Agostinho: *Quase nenhuma das coisas grandes, graves e penosas, são produzidas pelo amor*. Neste degrau, a Esposa, desejando ver-se já no último, disse ao Esposo: *Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor*, isto é, o acto e a obra do amor, *implacável como o abismo é a paixão* (Cant 8, 6).

O espírito tem aqui tanta força e domínio sobre a carne, que a considera tanto como a árvore a uma das suas folhas. De nenhum modo procura aqui a alma o seu gosto ou consolação, quer seja em Deus ou noutra coisa qualquer; também não alimenta desejos ou pretensões de pedir favores a Deus, porque claramente vê que já recebeu muitíssimos; todo o seu cuidado está em saber como poderá agradar a Deus e servi-lo como Ele merece e em atenção ao que d'Ele tem recebido, mesmo que lhe fosse muito custoso.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

No seu coração e no seu espírito diz: Ah, meu Deus e Senhor, quantos andam a procurar em Vós consolações e gostos, e a pedir mercês e dons! E quão poucos são os que pretendem agradar-Vos e servir-Vos nalguma coisa à sua custa, pondo de lado os seus interesses! Sim, ó meu Deus, porque o pecado não está em querer que Vós nos concedais novas mercês, mas em não empregarmos só no vosso serviço as que recebemos, para Vos obrigar a concedê-las continuamente! Muito elevado é este degrau de amor, porque, andando a alma com um amor tão verdadeiro sempre atrás de Deus com espírito de padecer por Ele, Sua Majestade muito frequentemente lhe concede o gozo de a visitar, saborosa e deliciosamente, em espírito, porque o imenso amor do Verbo-Cristo não pode ver a sua amada sofrer sem lhe acudir. É isto o que Ele nos diz através de Jeremias: *Lembrei-me de ti, compadecendo-me da tua adolescência e ternura, quando me seguias no deserto* (Jr 2, 2).

Espiritualmente falando trata-se do desamparo de todas as criaturas com que a alma interiormente anda aqui, sem parar nem sossegar em nada.

Este quarto degrau inflama e incendeia de tal maneira a alma neste desejo de Deus que a faz passar para o seguinte degrau, o quinto.

**5.** O *quinto* degrau da escada de amor faz a alma apetecer e desejar impacientemente a Deus. Neste degrau, é tanta a veemência da amada em compreender o Amado e se unir a Ele que qualquer demora, por mínima que seja, torna-se-lhe longa, incómoda e penosa, pensando sempre que encontrará o Amado; e quando vê o seu desejo frustrado, o que acontece a cada passo, desfalece na sua ansiedade, conforme diz o Salmista falando deste degrau: *A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor* (Sl 83, 3). Neste degrau, a amante tem de ver aquele que ama, ou morre.

Foi nele que Raquel, pela excessiva ansiedade de ter filhos, disse a Jacob, seu esposo: *Dá-me filhos ou, então, morro* (Gn 30, 1).

*Aqui passam fome como cães e vêm cercar e rondar a cidade de Deus* (Sl 58, 7). É neste faminto degrau que a alma se sacia no amor, porque conforme é a fome assim será a fartura. Assim, já pode passar daqui para o sexto degrau, que produz os efeitos que se seguem.

## CAPÍTULO 20

*[Apresentam-se os outros cinco degraus.]*

**1.** O *sexto* degrau faz a alma correr ligeira para Deus e tocar-Lhe muitas vezes. Com esperança corre sem desanimar, pois o amor que a fortaleceu fá-la voar presto. Também Isaías diz neste degrau: *Aqueles que confiam no Senhor renovam as suas forças. Têm asas como a águia, correm sem se cansar, marcham sem desfalecer* (Is 40, 31), como acontecia no quinto degrau. A este degrau aplica-se também aquela

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

passagem do Salmo: *Como suspira o veado pela corrente das águas, assim minha alma suspira por Vós, Senhor* (Sl 41, 2). Na verdade, o veado sedento corre apressadamente para a água. A causa desta aceleração no amor, que a alma goza neste degrau, está na grande caridade que ela já adquiriu, pois já se encontra aqui quase toda purificada, como também se diz no salmo: *Sine iniquitate cucurri* (Sl 58, 5). E noutro salmo: *Correrei pelo caminho dos vossos mandamentos, porque destes largas ao meu coração* (Sl 118, 32). Assim, deste sexto degrau salta logo para o sétimo, que é o que se segue.

**2.** O sétimo degrau desta escada torna a alma muito arrojada. Aqui o amor já não faz caso do discernimento para esperar, nem do conselho para se retirar, nem da vergonha para se refrear, porque, com a mercê que Deus aqui concede à alma, torna-se fortemente arrojada. Por isso se entende o que diz o Apóstolo: *A caridade tudo crê, tudo espera, tudo suporta* (1 Cor 13, 7).

Também Moisés falou deste degrau quando disse a Deus para *perdoar ao povo ou, então, que lhe riscasse o nome do livro da vida em que o havia escrito* (Ex 32, 31-32). Estes alcançam de Deus tudo o que Lhe pedem. Por isso diz David: *Põe no Senhor as tuas delícias e Ele satisfará os anseios do teu coração* (Sl 36, 4). Neste degrau a Esposa aventurou-se e disse: *Osculetur me osculo o ris sui* (Cant 1, 1).

Não é lícito atrever-se a alma a este degrau sem experimentar primeiro *o favor interior do ceptro do rei estendido para ela* (Est 6, 11), porque poderia acontecer-lhe cair dos degraus já escalados, nos quais com humildade há-de sempre permanecer. Desta ousadia e mão, que Deus dá à alma neste sétimo degrau para se lançar n'Ele com amor veemente, passa-se para o oitavo, onde ela se agarra ao Amado e se une com ele, como a seguir se diz.

**3.** O oitavo degrau de amor leva a alma a agarrar e abraçar sem largar, Como diz a Esposa: *Encontrei aquele que o meu coração ama, abracei-o e não o largarei mais* (Cant 3, 4). Neste degrau de união a alma satisfaz o seu desejo, mas não continuamente, porque alguns põem o pé e depois tiram-no; se durasse, seria já uma espécie de glória nesta vida e, por isso, a alma não pode permanecer nele muito tempo.

Ao profeta Daniel, por ser varão de desejos, foi-lhe dito da parte de Deus que permanecesse neste degrau: *Daniel, mantém-te em cima do degrau, porque és varão de desejos* (Dn 10, 11). Deste degrau passa-se para o seguinte, o nono, o qual já é próprio dos perfeitos, como explicaremos a seguir.

**4.** O nono degrau de amor faz a alma arder suavemente. Este é o degrau, dos perfeitos, dos que ardem suavemente em Deus, porque este suave e delicioso ardor é-lhes dado pelo Espírito Santo em virtude; da união que têm com Deus. Por isso, referindo-se aos Apóstolos, S. Gregório diz que, *quando o Espírito Santo desceu sobre eles de forma visível, arderam interiormente em amor suave*.



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

A respeito dos bens e riquezas de Deus que neste degrau a alma goza é impossível falar; ainda que sobre isso se escrevessem muitos livros, a maior parte deles ficaria por dizer Portal motivo, e porque ainda pretendemos depois dizer mais alguma coisa, não digo agora mais nada; apenas posso dizer que a seguir a este vem o décimo e último degrau desta escada de amor, o qual já não pertence a esta vida.

**5.** O *décimo* e *último* degrau desta escada secreta de amor faz com que a alma se identifique totalmente com Deus. Depois de, nesta vida, ter chegado ao nono degrau, a alma sai do corpo e possui imediatamente uma visão clara de Deus. Na verdade, os poucos que aqui chegam não entram no purgatório porque já se encontram totalmente purificados pelo amor. Por isso diz S.Mateus: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt*, etc. (Mt 5, 8).

E, como dizemos, esta visão é causadora da semelhança perfeita da alma com Deus,- como afirma S. João: *Sabemos que seremos semelhantes a Ele* (1 Jo 1, 3) -, não porque a alma adquira a mesma capacidade de Deus, pois é impossível, mas porque tudo nela se tornará semelhante a Deus. É por isso que se chamará, e será, Deus por participação.

**6.** Esta é a *secreta escada* de que fala aqui a alma, embora nestes últimos degraus já não o seja tanto, porque muito se lhe mostra o amor pelos grandes efeitos que nela faz. Contudo, neste último degrau da visão clara, que é o último da escada onde se apoia, como já dissemos, nada existe de o culto para a alma, devido à total assimilação.

Daí que o nosso Salvador tenha dito: *Nesse dia, já não me perguntareis nada*, etc. (Jo 16, 23). Mas até esse dia, por muito elevada que ande a alma, fica-lhe algo por descobrir, pelo menos o que lhe falta para a igualdade total com a divina essência.

É assim, através desta teologia mística e deste amor secreto, que a alma vai saindo de todas as coisas e de si mesma e subindo até Deus. Na verdade, o amor é como o fogo, isto é, sobe sempre para o alto, com vontade de se engolfar no centro da sua esfera.

## CAPÍTULO 21

*[Explica-se a palavra, disfarçada, e indicam-se as cores do disfarce que a alma leva nesta noite.]*

**1.** Depois de termos explicado as razões pelas quais a alma chamava *secreta escada* a esta contemplação, só nos resta explicar agora a terceira palavra do verso, *disfarçada*, e a razão pela qual a alma diz que saiu por esta *secreta escada, disfarçada*.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

**2.** Para se entender melhor isto, convém saber que disfarçar-se não é outra coisa senão dissimular e esconder-se debaixo de outro traje e figura que ela própria tinha. Assim, com aquela forma e figura, mostrava exteriormente a vontade e o desejo que o coração tinha em conquistar a graça e a vontade de quem se ama; também serve para se esconder dos seus adversários e, assim, poder concretizar melhor a sua proeza.

Então escolhe as roupas e trajes que melhor exprimam e signifiquem a afeição do seu coração, e que melhor a ajudam a ludibriar os adversários.

**3.** Portanto, a alma, tocada pelo amor do Esposo Cristo, querendo agradar-lhe e conquistar-lhe a vontade, sai aqui disfarçada com o traje que mais vivamente exprime os afectos do seu espírito e melhor a protege dos seus adversários e inimigos, que são o demónio, o mundo e a carne.

Assim, o traje que veste tem três cores - o branco, o verde e o vermelho - que indicam as três virtudes teologais, que são a fé, a esperança e a caridade, com as quais conquistará não só a graça e a vontade do seu Amado, mas irá também muito amparada e protegida dos seus três inimigos. A fé é uma túnica interior branquíssima que separa a vista de qualquer entendimento. Portanto, indo a alma vestida de fé, o demónio nem a vê nem atina em estorvá-la, porque, com a fé vai muito mais protegida contra o demónio do que com todas as outras virtudes, uma vez que é o mais forte e o mais astuto dos inimigos.

**4.** Por isso, S. Pedro não encontrou melhor escudo para se livrar dele, quando disse: *Cu i resisti! e fortes in fi de* (1 Pe 5, 9). Para conseguir a graça e união do Amado, a alma não pode vestir melhor túnica e roupa interior, como fundamento e princípio das outras peças de virtude, do que esta brancura de fé. *Sem ela*, como diz o Apóstolo, *é impossível agradar a Deus* (Heb 11, 6); com ela, é impossível não Lhe agradar, como o próprio Deus diz pelo profeta Oseias: *Desposabo te minhi in fide* (Os 2, 20). Que é como se dissesse: Ó alma, se te queres unir e desposar comigo, tens de vir interiormente vestida de fé.

**5.** Na saída desta noite escura, caminhando por entre trevas e angústia interior, como dissemos antes, a alma levava esta brancura da fé. No seu entendimento não havia luz que Lhe desse qualquer alívio, pois o céu parecia-lhe fechado e Deus escondido, e na terra os que a orientavam não a satisfaziam. Sofrendo com constância e perseverança, padeceu todos esses trabalhos sem desfalecer ou faltar ao Amado. É nos trabalhos e tribulações que Ele prova a fé da sua Esposa, até que um dia ela possa dizer verdadeiramente como David: *Seguindo as vossas palavras, evitei os caminhos da violência* (Sl 16, 4).

**6.** Por cima desta túnica branca da fé, sobrepõe logo a alma a segunda cor, que é um gibão verde, que significava a virtude da esperança, como dissemos. Com ela, a alma livra-se e protege-se, em primeiro lugar, do segundo inimigo, que é o mundo. Na

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

verdade, este verde da esperança viva em Deus confere à alma tal vivacidade, coragem e elevação para as coisas da vida eterna que todas as coisas do mundo, em comparação a tudo o que dela espera alcançar, parecem-lhe secas, murchas e mortas, como de facto são, e sem qualquer valor.

É aqui, então, que se despoja e despe de todas as vestes e trajes do mundo, não afeiçoando o seu coração a nada; do que existe ou possa nele existir nada espera, porque apenas vive e se veste com a esperança da vida eterna. Por isso, tendo o coração tão desligado do mundo, não só é impossível tocar-lhe e atá-lo, como nem sequer vê-lo.

**7.** Assim, com este verde traje e disfarce, a alma vai bem protegida deste segundo inimigo, que é o mundo. S. Paulo chama à esperança o *elmo da salvação* (1 Ts 5, 8); trata-se de uma armadura que protege e cobre toda a cabeça de modo a ficar só com uma viseira para se poder ver. Assim faz a esperança: cobre todos os sentidos da cabeça da alma para que não se intrometam em coisa alguma do mundo, nem haja espaço por onde alguma seta do século os possa ferir.

Deixa-lhes só uma viseira a fim de poder levantar os olhos para o alto, e nada mais; aliás, normalmente, é este o ofício da esperança na alma: levantar os olhos só para ver a Deus. David diz que era isto o que lhe acontecia: *Oculi mei sempre ad Dominum* (Sl 24, 15); e, como também afirma noutro salmo, sem esperar qualquer outro bem de lado nenhum: *Como os olhos da serva se fixam nas mãos da sua senhora, assim os nossos olhos se voltam para o Senhor nosso Deus, até que tenha piedade de nós* (Sl 122, 2).

**8.** É por causa deste traje verde que o Amado se agrada tanto da alma, porque tem sempre os olhos fixos em Deus, não reparando em mais nada e valendo-se só d'Ele, podendo-se mesmo dizer que d'Ele alcança tanto quanto ela espera. É por essa razão que, no Cântico dos Cânticos, o Esposo lhe diz: *roubaste-me o coração só com um dos teus olhares* (Cant 4, 9). Sem este traje verde de tudo esperar de Deus, não era aconselhável que a alma saísse à procura do amor; certamente nada teria alcançado, porquanto é a esperança porfiada que a move e triunfa.

**9.** A alma vai disfarçada com este traje verde da esperança por esta escura e secreta noite de que falámos. Vai tão vazia de toda a possessão e apoio, com os olhos e cuidados postos só em Deus, que, *pondo a sua boca na cinza, talvez encontre esperança*, como então alegamos de Jeremias (Lm 3, 29).

**10.** Para completar e aperfeiçoar este traje e disfarce, a alma traz agora, por cima do branco e do verde, a terceira cor: uma magnífica toga vermelha a simbolizar a terceira virtude, que é a caridade. Além de embelezar as outras duas cores, eleva de tal maneira a alma até junto de Deus, deixando-a tão bonita e formosa, que se atreve a exclamar: *Ainda que morena, ó filhas de Jerusalém, sou formosa! Por isso o rei me amou e me levou para o seu leito* (Cant 1, 4).

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

Com este traje da caridade, que é o traje do amor e o que mais amor suscita no Amado, a alma não só se protege e esconde do terceiro inimigo, que é a carne, - porque onde houver verdadeiro amor de Deus, não entrará o amor a si próprio e às suas coisas-, mas valoriza também as outras virtudes. Ela dá-lhes vigor e força para proteger a alma, bem como graça e donaire para atrair com elas o Amado, porque, sem a caridade, nenhuma virtude é graciosa diante de Deus.

Como se diz no Cântico dos Cânticos (Cant 3, 10), ela é a púrpura onde Deus se recosta. É com este traje vermelho que a alma vai vestida quando, na noite escura, *com ânsias em amores inflamada*, como se disse na primeira canção, sai de si e de todas as coisas criadas, por esta *secreta escada* da contemplação, até à perfeita união de amor de Deus, sua amada salvação.

**11.** Este é, portanto, o disfarce que a alma diz que leva na noite da fé por esta secreta escada. Estas são as três cores que a preparam adequadamente para se unir com Deus nas suas três potências: o entendimento, a memória e a vontade.

A fé obscurece e esvazia o entendimento de toda a sua inteligência natural, e com isto prepara-o para se unir à Sabedoria divina;

A esperança esvazia e retira da memória qualquer possessão de criaturas, porque, como diz S. Paulo, *a esperança é do que não se possui* (Rm 8, 24); assim, afasta a memória de tudo o que se pode possuir, deixando-a no que se espera. Daí que só a esperança em Deus dispõe totalmente a memória para a unir com Deus.

De igual modo, a caridade esvazia e aniquila os afectos e apetites da vontade de tudo o que não é Deus, para os pôr somente n'Ele; é assim que esta virtude dispõe esta potência e à une com Deus por amor.

E assim como estas virtudes têm a missão de desunir a alma de tudo o que não é Deus, também têm a de uni-la com Deus.

**12.** Portanto, se deveras não levar o traje destas três virtudes, é impossível chegar por amor à perfeita união com Deus. Daí que à alma, para conseguir o que pretendia, -esta amorosa e doce união com o seu Amado -, foi-lhe muito necessário e conveniente pegar neste traje e disfarce. Grande ventura foi também atinar em vesti-lo e perseverar nele até alcançar a pretensão e o fim tão desejado, como era a união de amor.

É o que este verso nos diz:

*Ó ditosa ventura!*

### CAPÍTULO 22

*[Explica-se o terceiro verso da segunda canção.]*

**1.** Está claro que realizar um empreendimento como o da sua saída, foi para a alma uma *ditosa ventura* que a livrou do demónio, do mundo e da sua própria

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

sensualidade, como se disse anteriormente. Ao alcançar a liberdade de espírito, tão ditosa e desejada por todos, passou do que é inferior ao superior, de terrestre transformou-se em celeste, de humana em divina, vindo a ter *a sua conversação nos céus* (FI 3, 20), como acontece à alma neste estado de perfeição. Disto se falará daqui em diante, embora de forma mais abreviada.

**2.** O mais importante, e sobretudo o que me levou a meter nisto, foi explicar esta noite a muitas almas, porque estavam a passar por ela e desconheciam-na, como se disse no prólogo. Mais ou menos fica explicado e dado a entender, - embora muito menos do que é -, quais os bens que ela traz consigo à alma, e quão *ditosa ventura* é para quem passa por ela.

Assim, quando se assustarem com o horror de tantos trabalhos, hão-de-se animar com a firme esperança de tantos e tão avantajados bens de Deus que por ela se alcançam.

Mas foi também *ditosa ventura* para a alma pela razão que aponta logo no verso seguinte:

*No escuro e ocultada.*

### CAPÍTULO 23

*[Descreve o excelente esconderijo em que a alma é posta nesta noite; e diz como o demónio não entra nele, apesar de ter entrada noutros muito mais elevados.]*

**1.** *Ocultada* quer dizer o mesmo que às escondidas ou encoberta. Portanto, o que a alma aqui diz, ou seja, que saiu *no escuro ocultada*, é para precisar melhor a grande segurança que referiu no primeiro verso desta canção, pela qual caminha no meio desta escura contemplação para a união de amor com Deus. Ao dizer no *escuro ocultada*, a alma está a dizer que, enquanto ia assim às escuras, ia encoberta e escondida do demónio e dos seus enganos e ciladas.

**2.** A razão de a alma, na escuridão desta contemplação, ir livre e escondida das ciladas do demónio, está em que a contemplação infusa, que agora tem, infunde-se passiva e secretamente na alma sem que os sentidos e as potências interiores e exteriores da parte sensitiva tomem parte nela. É por isso que vai escondida e livre não só do impedimento, que a fraqueza natural das potências lhe podem causar, mas também do demónio, o qual, só por meio destas potências da parte sensitiva, pode atingir e conhecer o que há na alma, ou o que nela se passa. Daí que, quanto mais espiritual, interior e distante dos sentidos for a comunicação, tanto menos o demónio a consegue entender.

**3.** Assim, para que a alma se sinta segura, é muito importante que a intimidade com Deus seja de forma a que os sentidos da parte inferior fiquem no escuro e privados dela, sem a atingir. Por um lado, isto permite que a comunicação espiritual seja mais abundante, porque a fraqueza da parte sensitiva não estorva a liberdade do espírito;

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

por outro lado, como dizemos, vai mais segura, porque o demónio não consegue penetrar tão adentro.

Espiritualmente falando, podemos citar a este propósito aquela passagem do nosso Salvador, que diz: *Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita* (Mt 6, 3). Que é como se dissesse: O que se passa na parte direita, que é a parte superior e espiritual da alma, não o saiba a esquerda, isto é, que seja de modo a que a parte inferior da tua alma, que é a parte sensitiva, não o saiba; que fique só no segredo entre o espírito e Deus.

**4.** É verdade que, às vezes, quando a alma recebe estas comunicações espirituais tão íntimas e secretas, o demónio desconhece quais e como são; no entanto, ao ver o grande sossego e silêncio que algumas delas produzem nos sentidos e nas potências da parte sensitiva, acaba por perceber que elas existem e que a alma recebe algum bem. Então, como sabe que não as consegue contrariar no mais íntimo da alma, faz tudo quanto pode para inquietar e perturbar a parte sensitiva, que é onde as alcança, umas vezes com dores, e outras com pavores e medos; deste maneira, pretende inquietar e perturbar a parte superior e espiritual da alma no que se refere àquele bem que está a receber e a gozar.

Muitas vezes, porém, quando a comunicação dessa contemplação investe puramente no espírito e o pressiona, de nada serve ao demónio a sua diligência para a inquietar, porque a alma recebe então novo proveito e uma maior paz e segurança. É extraordinário ver, como ao pressentir a presença perturbadora do inimigo, e sem saber como nem nada fazer da sua parte, a alma penetra no mais profundo do seu íntimo, sabendo muito bem que é um refúgio seguro; é ali que mais afastada e escondida se sente do inimigo, e onde se lhe aumenta a paz e o gozo que o demónio lhe queria tirar.

Ela sente claramente que todos aqueles temores desaparecem e, então, alegra-se por se ver tão segura a gozar a quietude daquela paz e deleite do Esposo escondido, que nem o mundo nem o demónio lhe podem dar ou tirar. Verdadeiramente ela sente ali o que a Esposa diz a este propósito no Cântico dos Cânticos: *Reparai que a liteira de Salomão é escoltada por sessenta soldados, etc. , por causa dos perigos da noite* (Cant 3, 7-8). É esta paz e segurança que ela sente, embora sinta também muitas vezes que a carne e os ossos são atormentados a partir de fora.

**5.** Outras vezes, quando a comunicação espiritual não é tão profunda no espírito, e dela participam os sentidos, o demónio consegue mais facilmente perturbar o espírito e inquietá-lo, por meio dos sentidos, com esses medos, Então, o tormento e as angústias que causa no espírito são grandes, e algumas vezes mais do que se consegue dizer, porque, transmitindo-se puramente de espírito a espírito, é insuportável o medo que o mal faz ao bem, refiro-me ao bem da alma, quando ouve o seu alvoroço.

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

É isto o que a Esposa manifesta no Cântico dos Cânticos, ao contar o que lhe aconteceu quando quis descer ao seu recolhimento interior para gozar destes bens: *Desci ao jardim das nogueiras, para admirar o vigor do vale, para ver se as vides rebentavam, se os cachos já se abriam. Não consegui, porque a minha alma se perturbou com as quadrigas, isto é, com os carros e o barulho de Aminadab, que é o demónio* (Cant 6, 10- 11).

**6.** Outras vezes acontece, sobretudo quando as faz o anjo bom, que o demónio se apercebe de alguma mercê que Deus quer fazer à alma. Geralmente Deus permite que as mercês feitas por meio do anjo bom sejam entendidas pelo inimigo; por um lado, para que lhe seja permitido fazer contra elas o que lhe permite a proporção da justiça; por outro lado, para que o demónio não venha arguir os seus direitos, dizendo que não lhe deram ocasião para conquistar a alma, como fez com Job (Jb 1, 9-11; 2, 4-8).

Era isto, na verdade, o que aconteceria se Deus, em relação à alma, não permitisse que houvesse a mesma igualdade entre os dois guerreiros, ou seja, o anjo bom e o anjo mau. Desta maneira, a vitória de qualquer um deles será mais valorizada, e a alma vitoriosa e fiel na tentação mais recompensada.

**7.** Convém, portanto, acentuar que esta é a razão pela qual Deus, na mesma medida e maneira que vai conduzindo a alma e lidando com ela, permite ao demónio que se relacione da mesma maneira com ela. Porque, se tiver visões verdadeiras através do anjo bom, como normalmente acontece, - embora Cristo também se mostre, quase nunca aparece na sua própria pessoa-, também Deus dá licença ao anjo mau para que, dentro do mesmo género, possa apresentar-lhe as falsas.

Assim, se a alma não for cauta, pode ser facilmente enganada pelas aparências, como tem acontecido a muitas. Temos um exemplo disto no Êxodo (Ex 7, 11-12; 8, 7), onde se diz que todos os verdadeiros prodígios feitos por Moisés eram falsamente repetidos pelos magos do Faraó: se Moisés multiplicava as rãs, eles também; se Moisés transformava a água em sangue, eles também.

**8.** Mas não é só neste género de visões corporais que ele imita; também o faz nas comunicações espirituais. Como dissemos, ele consegue perceber as que são feitas pelo anjo, porque, como diz Job: *Omne sublime videt* (Jb 41, 25), imita e intromete-se; mas estas, que não têm forma e figura, - pois é próprio do espírito não as ter - , não as pode imitar e representar sob alguma forma ou figura como fazia com as outras. Daí que, quando a alma é assim visitada, ele, para a atacar, apresenta-lhe ao mesmo tempo o seu espírito de temor a fim de combater e destruir o espiritual pelo espiritual.

Quando assim acontece, no instante em que o anjo bom vai comunicar à alma a espiritual contemplação, ela não consegue chegar tão depressa ao refúgio oculto da contemplação sem ser notada pelo demónio e atingida por algum medo ou

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

perturbação espiritual, que é, por vezes, muitíssimo penosa para a alma, Também algumas vezes a alma pode fugir rapidamente, sem haver ocasião para o espírito mau intrometer nela esse medo, recolhendo-se dentro de si, ajudada pela eficaz mercê espiritual que o anjo bom lhe está a fazer.

**9.** Outras vezes é o demónio que prevalece e envolve a alma na perturbação e no terror, causando-lhe um tormento maior do que qualquer outro que a vida lhe poderia oferecer. Esta horrenda comunicação, por ser feita de espírito a espírito e claramente despida de tudo o que é corporal, é muito mais penosa do que se fosse nos sentidos. A sua duração no espírito é por pouco tempo, porque senão o espírito humano, com a veemente comunicação do outro espírito, sairia do corpo. Já basta a memória que dela fica para causar grande sofrimento.

**10.** Tudo quanto dissemos acontece passivamente na alma, sem qualquer interferência sua. Convém, no entanto, saber que, quando o anjo bom concede ao demónio esta vantagem de atingir a alma com este terror espiritual, pretende purificá-la e prepará-la, com esta vigília espiritual, para alguma grande festa ou mercê espiritual que lhe quer fazer. Aquele que nunca mortifica senão para dar vida, nem humilha senão para elevar (1 Rs 2, 6-7).

É o que acontece pouco depois; na medida da tremenda e tenebrosa purificação que sofreu, a alma goza de admirável e saborosa contemplação espiritual, tão sublime por vezes, que não há linguagem para a exprimir. Contudo, o medo anterior provocado pelo espírito mau afinou-lhe muito o espírito para poder receber este bem; porque estas visões espirituais são mais próprias da outra vida do que desta; e a visão de uma dispõe para outra.

**11.** O que se acaba de dizer refere-se à visita que Deus faz à alma por meio do anjo bom, durante a qual não caminha totalmente *no escuro e ocultada*, como foi dito, de modo a que o inimigo não a alcance um pouco. Mas, quando é Deus mesmo a visitá-la sozinho, então comprova-se bem o verso, porque recebe as mercês de Deus totalmente *no escuro e ocultada* do inimigo.

E a razão é esta: assim como Sua Majestade habita substancialmente na alma, onde nem o anjo nem o demónio podem chegar a saber o que lá se passa, assim também não podem conhecer as comunicações íntimas e secretas entre os dois.

Todas elas são divinas e soberanas, pois é o mesmo Senhor quem as realiza; todas elas são toques substanciais da divina união entre Deus e a alma. Com um desses toques, por se tratar do mais alto grau de oração que existe, a alma recebe maior bem do que em todo o resto.

**12.** Estes são os toques que ela lhe começou a pedir no Cântico dos Cânticos, dizendo: *Osculetur me osculo oris sui*, etc. (Cant 1, 2).

E, porque é uma coisa que acontece tão intimamente com Deus, e à qual tão ansiosamente a alma quer chegar, um toque desta Divindade é mais estimado e



## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

cobiçado do que todas as outras mercês que Deus lhe faz. É por isso que, depois de ter narrado no Cântico dos Cânticos as muitas mercês que Deus lhe tinha feito, não se encontra ainda satisfeita e pede estes toques divinos: *Quem dera fosses meu irmão, amamentado aos seios de minha mãe! Ao encontrar-te na rua beijar-te-ia, sem censura de ninguém* (Cant 8, 1).

Com isto dá a entender que gostaria que a comunicação de Deus fosse só para si, como vamos dizendo, e que acontecesse fora,- é o que significa *rua*, e sem medo das criaturas; é o que significa *amamentado*, ou seja, depois de ter sugado e enxugado os seios dos apetites e afectos da parte sensitiva. Isto realiza-se quando a alma, já em liberdade de espírito, goza destes bens na íntima paz e deleita, sem que a parte sensitiva a estorve, nem o demónio a contrarie por meio dela. Então, o demónio já não pode importuná-la mais, porque não consegue perceber estes divinos toques dados na substância da alma pela amorosa substância de Deus.

**13.** Ninguém consegue chegar a este bem senão através da desnudez interior, purificação e refúgio espiritual de todas as criaturas, isto é, às escuras, como tantas vezes o dissemos atrás e repetimos agora acerca deste verso. É *ocultada* e escondida que a alma, como acabámos de dizer, se vai confirmando na união com Deus por amor. É precisamente isto o que canta neste verso, dizendo: *No escuro e ocultada*.

**14.** Quando essas mercês são feitas à alma, estando ela *ocultada* só em espírito, como dissemos, nalgumas delas costuma estar sem saber como isso é, pois vê-se com a parte espiritual e superior muito separada e alheada da parte inferior e sensitiva. Ela conhece duas partes muito diferentes entre si, e parece-lhe que uma nada tem a ver com a outra, julgando-se até muito longínqua e afastada de uma delas.

E, de certa maneira, é verdade, porque a parte sensitiva não participa em toda essa operação espiritual. Desta feita, a alma vai ficando toda espiritual; nestes esconderijos de unitiva contemplação, as paixões e os apetites espirituais são mortificados em alto grau. Por isso, falando da parte superior da alma, diz logo este último verso:

*Estando a minha casa sossegada.*

### CAPÍTULO 24

**1.** Isto é tanto como dizer: estando também a parte superior da minha alma igual à inferior, ou seja, sossegada nos seus apetites e potências, saí para a *divina união de amor com Deus*.

**2.** Assim como a alma, por meio daquela guerra da noite escura, como se desse, é combatida e purificada de duas maneiras, isto é, na parte sensitiva e na parte espiritual com os seus sentidos, potências e paixões, assim também a alma chegará

## A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

a gozar de paz e sossego de duas maneiras, ou seja, na parte sensitiva e na parte espiritual.

Por isso, corno também foi dito, repete duas vezes este verso,- nesta canção e na anterior-, por causa destas duas partes da alma, a espiritual e a sensitiva. Para ela poder sair para a divina união de amor, convém que essas partes sejam primeiro aperfeiçoadas, ordenadas e pacificadas quanto ao sensitivo e espiritual, à semelhança do estado de inocência que havia em Adão.

Também este verso é repetido duas vezes, porquanto na primeira canção se refere ao sossego da parte inferior e sensitiva, enquanto que nesta segunda se aplica essencialmente à parte superior e espiritual.

**3.** O sossego e quietude desta casa espiritual chegam à alma, de modo habitual e perfeito, tanto quanto se pode nesta condição de vida, por meio daqueles actos de toques substanciais de união, que acabámos de referir, e que foi recebendo da Divindade quando ocultada e escondida do alvoroço do demónio, dos sentidos e das paixões. Ali, como digo, a alma foi-se purificando, pacificando, fortalecendo e estabilizando para poder receber plenamente essa união, que é o desposório divino entre a alma e o Filho de Deus.

Assim, logo que estas duas casas da alma se pacificam e fortalecem com todos as suas potências e apetites, adormecendo-os e silenciando-os acerca de todas as coisas superiores e inferiores, imediatamente esta divina Sabedoria se une à alma por um novo laço de possessão de amor.

Desta maneira cumpre-se o que ela diz no livro da Sabedoria: *Dum quietum silentium tenerent omnia, et nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus, Domine, a regalibus sedibus* [Quando um silêncio profundo envolvia todas as coisas, e a noite ia a meio do seu curso, a tua palavra onnipotente, Senhor, desceu do trono real] (Sb 18, 14-15). É o que também manifesta a Esposa, no Cântico dos Cânticos, dizendo que *mal se apartou dos que lhe arrancaram o véu que a cobre e a feriram de noite* (Cant 5, 7), *encontrou Aquele que o seu coração ama* (Cant 3, 4).

**4.** Não se pode chegar a esta união sem uma grande pureza; mas esta pureza não se alcança sem um grande desapego de todas as coisas criadas e sem uma viva mortificação. É isto o que significa *arrancar à Esposa o véu que a cobre e o feri-la de noite quando procura e deseja o Esposo*, pois era impossível vestir-lhe o novo manto do desposório que ela pretendia sem que fosse primeiro despida do velho. Portanto, quem recusar sair por esta noite à procura do Amado sem querer despir a sua vontade e ser mortificado, mas antes O procura no seu leito e comodidade, como fazia a Esposa, nunca O encontrará. Esta alma diz que O encontrou, porque saiu *às escuras e com ânsias de amor*.

A Azulejaria Barroca nos Conventos da Ordem do Carmo e da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal

*[Explica-se brevemente a terceira canção.]*

### TERCEIRA CANÇÃO

*Nessa noite ditosa,  
Em segredo, porque ninguém me via  
Nem via eu mais cousa,  
Sem outra luz nem guia  
Senão a que no coração ardia.*

## EXPLICAÇÃO

**1.** Continuando ainda com a metáfora e a semelhança entre a noite temporal e esta sua espiritual, a alma continua a contar e a enaltecer as propriedades que ela contém. Foi nela que as encontrou e transportou para que, depressa e com segurança, conseguisse o seu fim desejado.

Apresenta aqui *três* delas:

**2.** A *primeira*: Nesta noite ditosa da contemplação, Deus leva a alma por um modo de contemplação tão solitário e secreto, tão remoto e alheio aos sentidos, que nem coisa sua, nem toque de qualquer criatura, consegue atingir a alma de modo a impedir-lhe ou estorvar o caminho da união de amor.

**3.** A *segunda* propriedade que refere diz respeito às trevas espirituais desta noite, onde todas as potências da parte superior da alma estão às escuras. Assim, não vendo nem podendo reparar em nada, a alma não se detém em nada fora de Deus para chegar até Ele; caminha livre dos obstáculos de formas e figuras e das apreensões naturais que costumam impedir a alma de se unir para sempre com Deus.

**4.** A *terceira*: A alma já não se apoia em nenhuma luz interior particular do entendimento nem em qualquer guia exterior para receber consolação neste caminho sublime; estas escuras trevas privam-na de tudo isso. O amor que neste momento arde, arrastando o coração para o Amado, é o único que guia e move a alma e, sem ela saber como nem de que maneira, a faz voar até ao seu Deus pelo caminho da solidão.

Segue-se o verso:

*Nessa noite ditosa.*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>CRUZ, São João da, “Noite Escura”, *Obras Completas*, 6.ª edição, Oeiras: Edições Carmelo, pp.415-524.



---

**Contactos:**

Universidade de Évora  
**Instituto de Investigação e Formação Avançada - IIFA**  
Palácio do Vimioso | Largo Marquês de Marialva, Apart. 94  
7002-554 Évora | Portugal  
Tel: (+351) 266 706 581  
Fax: (+351) 266 744 677  
email: [iifa@uevora.pt](mailto:iifa@uevora.pt)